























Digitized by the Internet Archive  
in 2024



9685

# REVISTA TRIMENSAL





REVISTA TRIMENSAL  
DO  
INSTITUTO HISTORICO  
E  
GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O Sr. D. Pedro II

---

TOMO LI

---

**1.º FOLHETO DE 1888**

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos  
Et possint serâ posteritate frui.



**RIO DE JANEIRO**

Typographia, Lithographia e Encadernação a vapor de Laemmert & C.

71, Rua dos Invalidos, 71

**1888**





# RELAÇÃO NOMINAL

Dos socios actuaes do Instituto Historico e Geographico  
Brazileiro

POR ORDEM DE ANTIGUIDADE E COM DECLARAÇÃO DA CLASSE  
A QUE PERTENCEM

---

## Protector immediato

S. M. I. o Sr. D. Pedro II.

## Presidentes honorarios

S. A. o principe de Joinville.  
S. A. o conde d'Aquila.  
S. A. o principe real da Dinamarca.  
S. A. o principe conde d'Eu.  
S. A. o principe duque de Saxe.

## Nacionais

1838

1 Dr. Felizardo Pinheiro de Campos.....	Effectivo.
2 Conselheiro João Manuel Pereira da Silva.....	Honorario.

1839

3 Antonio Alvares Pereira Coruja.....	Effectivo.
4 Dr. Francisco José Ferreira Baptista.....	Correspondente.
5 Conselheiro João Lopes da Silva Couto.....	»

1840

6 Barão de Lavradio.....	Correspondente.
--------------------------	-----------------

7 Conselheiro Filippe Lopes Neto.....	Correspondente.
8 Conselheiro João Lins Vieira Cansansão de Sinimbu.....	»
9 Conselheiro João da Silva Carrão.....	»

## 1841

10 Barão de Nogueira da Gama.....	Correspondente.
11 Barão de Penedo.....	»
12 Joaquim Norberto de Souza Silva.....	Honorario.
13 Visconde de Barbacena.....	Correspondente.

## 1843

14 Dr. José Jansen do Paço.....	Correspondente.
---------------------------------	-----------------

## 1845

15 Senador Alvaro Barbalho Uchôa Cavalcanti....	Correspondente.
16 Barão de Cotegipe.....	»
17 Barão do Desterro (João José de Almeida Couto).	»
18 Barão de Souza Queiroz.....	»
19 Conselheiro João José Ferreira d'Aguiar.....	»
20 Dr. José de Barros Pimentel.....	»
21 Conselheiro José Tavares Bastos.....	»
22 Conselheiro Luiz Antonio Barbosa de Almeida.	»
23 Manuel Soares da Silva Bezerra.....	»
24 Dr. Maximiano Marques de Carvalho.....	Effectivo.
25 Desembargador Quintiliano José da Silva.....	Correspondente.
26 Conselheiro Visconde de Valdetaro.....	»

## 1846

27 Barão de São-Felix.....	Correspondente.
----------------------------	-----------------

## 1847

28 Barão de Macahubas.....	Correspondente.
29 Francisco José Borges.....	Effectivo.
30 Conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan...	Honorario.
31 José Joaquim da Gama Silva.....	Correspondente.
32 Dr. Ricardo Gumbleton Daunt.....	»

## 1848

33 Barão de Opanema.....	Effectivo.
34 Visconde de Souza Fontes.....	»

1851

35 Angelo Thomaz do Amaral..... Correspondente.

1853

36 Conselheiro Joaquim Maria Nascentes de  
Azambuja ..... Correspondente.

1856

37 Conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira  
de Barros..... Effectivo.  
38 Conselheiro Tito Franco de Almeida..... Correspondente.  
39 Visconde de Mauá..... Honorario.

1859

40 Barão Homem de Mello..... Honorario.

1860

41 Dr. Ernesto Ferreira França..... Correspondente.

1861

42 Conselheiro Antonio Joaquim Ribas..... Correspondente.

1862

43 Barão do Ladario..... Correspondente.  
44 Major João Brigido dos Santos..... »  
45 Conego João Pedro Gay..... »  
46 Dr. José Vieira Couto de Magalhães..... Effectivo.  
47 Dr. Manuel Duarte Moreira de Azevedo..... Honorario.

1863

48 Senador Luiz Antonio Vieira da Silva..... Correspondente.



## 1865

49 Dr. Cesar Augusto Marques.....	Effectivo.
50 Dr. José de Saldanha da Gama.....	»

## 1866

51 Dr. Domingos Antonio Raiol (Barão de Guajará).	Correspondente.
52 Conselheiro João Ribeiro de Almeida.....	Effectivo.

## 1867

53 Conselheiro Epifanio Candido de Souza Pi- tanga.....	Correspondente.
54 Dr. José Maria da Silva Paranhos.....	Effectivo.

## 1868

55 Dr. Luiz Francisco da Veiga.....	Effectivo.
-------------------------------------	------------

## 1869

56 Senador Alfredo d'Escragnolle Taunay.....	Effectivo.
--	------------

## 1870

57 Dr. Joaquim Pires Machado Portella.....	Effectivo.
58 Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.....	»

## 1871

59 Monsenhor Dr. Manuel da Costa Honorato....	Effectivo
60 Dr. Ladislau de Sousa Mello Neto.....	»
61 Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.....	»

## 1872

62 Dr. Benjamim Franklin Ramiz Galvão.....	Effectivo.
63 Dr. Eduardo José de Moraes.....	Correspondente.

1874

- 64 Antonio Manuel Gonçalves Tocantins..... Correspondente.  
65 Conselheiro Nicolau Joaquim Moreira..... »

1875

- 66 Conselheiro João Wilkens de Matos..... Effectivo.  
67 José de Vasconcellos.. ..... Correspondente.  
68 Dr. Rozendo Muniz Barreto..... Effectivo.

1876

- 69 Senador Joaquim Floriano de Godoy..... Correspondente.  
70 João Barbosa Rodrigues..... Effectivo.  
71 Luiz da França Almeida Sá..... Correspondente.

1877

- 72 Dr. Americo Braziliense de Almeida Mello..... Correspondente.

1878

- 73 Dr. Thomaz Garcez Paranhos Montenegro.... Correspondente.

1880

- 74 Dr. Alfredo Piragibe..... Effectivo.  
75 Coronel Augusto Fausto de Souza..... »  
76 Bernardo Saturnino da Veiga ..... Correspondente.  
77 Dr. Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo.... »  
78 Dr. João Franklin da Silveira Tavora..... Effectivo.  
79 Dr. João Severiano da Fonseca..... »

1882

- 80 Barão de Teffé..... Effectivo.  
81 1º Tenente Francisco Calheiros da Graça..... »  
82 Dr. José Alexandre Teixeira de Mello..... »  
83 Capitão de Fragata José Candido Guilhobel.... »



**1883**

84 Commendador Antonio José Victorino de Barros	Correspondente.
85 Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake.....	Effectivo.
86 Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe Filho..	Correspondente.
87 Dr. Francisco de Paula Toledo.....	»
88 1º Tenente José Egydio Garcez Palha.....	»
89 Capitão Tenente Manuel Pinto Bravo.....	»
90 2º Tenente Pedro Paulino da Fonseca.....	»

**1885**

91 Dr. Francisco Ignacio Ferreira.....	Effectivo.
92 Dr. Frederico José de Sant'Anna Nery.....	Correspondente.
93 Henrique Raffard.....	»
94 Cons. José Antonio de Azevedo Castro.....	»

**1886**

95 Tenente Coronel Antonio Borges de Sampaio...	Correspondente.
96 Barão de Ourém.....	»
97 Ten.-Cor. Francisco Antonio Pimenta Bueno..	»
98 Francisco Augusto Pereira da Costa.....	»
99 Dr. José Hygino Duarte Pereira.....	»
100 Senador Manoel Francisco Corrêa.....	»

**1887**

101 Dr. Antonio Ribeiro de Macedo.....	Correspondente.
102 Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira).	»
103 João Capistrano de Abreu.....	»
104 General José de Miranda da Silva Reis.....	»
105 José Verissimo de Matos.....	»
106 Dr. Paulino Nogueira Borges da Fonseca.....	»

**Estrangeiros \***

**1889**

1 Principe de Cariati.....	Honorario.
2 Principe de Scilla.....	»
3 Arthur Brooke.....	»
4 Barão Gore Ouseley.....	»
5 Barão de Maltitz.....	»

---

\* A falta de noticia a respeito do falecimento de socios residentes fóra do Brazil dá occasião a serem incluídos talvez n'esta relação alguns socios já finados. Solicitam-se porém informações pelas quaes esta lista seja rectificada para o futuro.

6 D. Carlos Zuchi.....	Correspondente.
7 Jared Sparks.....	Honorario.
8 João Ferdinand Denis.....	»
9 João Water House.....	Correspondente.
10 D. Manuel Salas Corvaland.....	»
11 Sabino Bertholet.....	»
12 William Ouseley.....	Honorario.

1840

13 Guilherme Hunter.....	Correspondente.
14 José Barandier.....	»
15 Julio Victor Armand Hain.....	»
16 D. Manuel de Sarratéa.....	Honorario.
17 Pedro Victor Larée.....	Correspondente.
18 William Smith.....	»

1841

19 D. Ambrosio Campadonico.....	Honorario.
20 Hamilton Hamilton.....	»
21 D. Mariano Eduardo de Rivera.....	Correspondente.
22 Dr. Marion de Procé.....	»
23 Pedro José Mesnard.....	»
24 Roberto Schomburgh.....	»
25 William Burchell.....	»
26 Woodbine Parish.....	»

1842

27 D. Agatino Longo.....	Honorario.
28 D. Filippe Rizzi.....	»
29 Virgilio von Helmersichen.....	»

1843

30 Duque di Serra di Falco.....	Correspondente.
31 D. Felix Santo Angelo.....	»
32 Filippe Victor Touchard.....	»
33 Commendador Ferri.....	»
34 D. Francisco Maria Avelino.....	»
35 D. Francisco Cervelleri.....	»
36 Samuel Dutot.....	»
37 D. Ferdinando de Lucca.....	Honorario.
38 D. Giacomo Castrucci.....	Correspondente.
39 D. Girolamo Perozzi.....	»
40 D. Giuseppe Ceva Grimaldi (marquez).....	Honorario.
41 D. Giovanni Semmola.....	Correspondente.
42 D. Isaac G. Strain.....	»

43 D. Luigi Sementini.....	Correspondente.
44 D. Luigi Rizzi.....	»
45 Nicolau de Santo Angelo.....	Honorario.
46 D. Paolo Anania de Lucca.....	Correspondente.
47 D. Pascuali Pacini.....	»
48 D. Pascuali Stanislaw Mancini.....	»
49 Principe de Committini.....	Honorario.
50 D. Rafael Zarienga.....	Correspondente.
51 D. Vincenzo Stellati.....	»

## 1844

52 José Antonio Pardo.....	Correspondente.
53 Mage.....	»
54 D. Thomaz C. de Mosquera.....	Honorario.
55 D. Vicente Rocafuerte.....	Correspondente.

## 1845

56 Alfredo Demersay.....	Correspondente.
57 Francis Markoe Junior.....	»
58 D. José Vargas.....	Honorario.
59 Marquez de Penafiel.....	Correspondente.

## 1846

60 Alberto Gallatin.....	Honorario.
61 Alexandre W. Bradford.....	Correspondente.
62 B. M. Norman.....	»
63 C. Wiet.....	»
64 João Russell Bartlett.....	»
65 Roberto Greenham.....	»
66 Samuel Jorge Morton.....	»
67 William B. Hodgson.....	»
68 D. Vincenzo Martillaro (marquez de Villarena).....	»

## 1847

69 D. Antonio Ramon de Vargas.....	Correspondente.
70 Cicarelli.....	»
71 D. Ulrico Valia.....	»

## 1848

72 D. Andrés Lamas.....	Correspondente.
-------------------------	-----------------

## 1853

73 D. Domingo Francisco Sarmiento.....	Correspondente.
--	-----------------



1859

74 Ceroni... Correspondente.

1862

75 James C. Fletcher... Correspondente.

1863

76 Frederico Francisco (Visconde de Figanière)... Correspondente.

1864

77 Jorge Bancroft... Honorario.  
78 Jorge Martinho Thomaz... Correspondente.

1866

79 Emmanuel Liais... Correspondente.

1868

80 Henrique Schutel Ambauer... Correspondente.  
81 Vivien de Saint Martin... »

1869

82 D. José Rosendo Gutierrez... Correspondente.

1870

83 Cesar Cantu... Correspondente.  
84 Dr. D. Domingo Santa Maria... »

1871

85 Augusto Carlos Teixeira de Aragão... Correspondente.  
86 D. Bartolomeu Mitre... Honorario.  
87 Diogo Barros Arana... Correspondente.  
88 José Victorino Lastarria... »

1877

89 Conselheiro José Maria Latino Coelho... Correspondente.

## 1880

90 Francisco Gomes de Amorim.....	Correspondente.
91 Visconde de Wildick.....	Effectivo.

## 1881

92 Major Alexandre de Serpa Pinto.....	Honorario.
--	------------

## 1882

93 Alexandre Baguet.....	Correspondente.
94 D. Antonio da Costa.....	»
95 José Silvestre Ribeiro.....	»
96 Paulo Gaffarel.....	»

## 1883

97 Dr. Estanislau S. Zeballos.....	Correspondente.
98 Dr. D. Vicente G. Quesada.....	»

## 1885

99 Cons. Antonio José Viale.....	Correspondente.
100 Cons. Manuel Pinheiro Chagas.....	»
101 Pedro Venceslau de Brito Aranha.....	»

## 1887

102 Dr. Angelo Justiniano Carranza.....	Correspondente.
---	-----------------

---

**MESA ADMINISTRATIVA**

DO

**INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO**

**EM 1888**

**PRESIDENTE**

Commendador Joaquim Norberto de Souza Silva.

**1º VICE-PRESIDENTE**

Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.

**2º VICE-PRESIDENTE**

Conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan.

**3º VICE-PRESIDENTE**

Dr. Joaquim Pires Machado Portella.

**1º SECRETARIO**

Dr. João Franklin da Silveira Tavora.

**2º SECRETARIO**

Coronel Augusto Fausto de Souza.

**SECRETARIOS SUPLENTES**

Dr. João Severiano da Fonseca.  
Dr. José Alexandre Teixeira de Mello.

**ORADOR**

Senador Alfredo de Escragnolle Taunay.

**THEZOUREIRO**

Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

**COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO**

Dr. Maximiano Marques de Carvalho.  
Barão de Nogueira da Gama.  
Dr. Francisco Ignacio Ferreira.



## COMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO DA REVISTA

Dr. João Franklin da Silveira Tavora.  
Coronel Augusto Fausto de Souza.  
Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

## COMISSÃO DE REVISÃO DE MANUSCRIPTOS

Dr. Joaquim Pires Machado Portella.  
Conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros  
Dr. Alfredo Piragibe.

## COMISSÃO DE TRABALHOS HISTORICOS

Dr. Manuel Duarte Moreira de Azevedo.  
Dr. José Alexandre Teixeira de Mello.  
Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake.

## COMISSÃO SUBSIDIARIA DA DE TRABALHOS HISTORICOS

Dr. Cesar Augusto Marques.  
Visconde de Souza Fontes.  
Dr. Felizardo Pinheiro de Campos.

## COMISSÃO DE TRABALHOS GEOGRAPHICOS

Barão de Capanema.  
Capitão Tenente Francisco Calheiros da Graça.  
1º Tenente José Egidio Garcez Palha.

## COMISSÃO SUBSIDIARIA DA DE TRABALHOS GEOGRAPHICOS

Monsenhor Dr. Manuel da Costa Honorato.  
Tenente-General José de Miranda da Silva Reis  
Dr. Cezar Augusto Marques.

## COMISSÃO DE ARCHEOLOGIA ETHNOGRAPHIA E LINGUA DOS INDIGENAS

Dr. Ladislau de Souza Mello Neto.  
Conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan.  
Barão de Capanema.

## COMISSÃO DE ADMISSÃO DE SOCIOS

Senador Alfredo de Eschagnolle Taunay.  
Senador Manuel Francisco Correia.  
Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.

## COMISSÃO DE PESQUISA DE MANUSCRIPTOS E DOCUMENTOS

Henrique Raffard.  
Pedro Paulino da Fonseca.  
Dr. Felizardo Pinheiro de Campos.

---

# A extinção da escravidão no Brazil

---

© JUBILEU DO INSTITUTO HISTORICO

---

Dous acontecimentos têm merecido logar nestas paginas que a demora na publicação do presente fasciculo parece ter-lhes reservado para que figurem como brilhante entrada do benemerito anno de 1888.

O primeiro delles pela sua insigne importancia já se incorporou na historia da humanidade. E' a lei que extinguiu entre nós o captiveiro e que reproduzimos textualmente para honra dos nossos annaes :

« Lei n. 3353 de 13 de Maio de 1888.—Declara extincta a escravidão no Brazil.—A Princeza Imperial Regente, em nome de Sua Magestade o Imperador o Sr. D. Pedro II : Faz saber a todos os subditos do Imperio, que a Assembléa Geral decretou e Ella sanccionou a lei seguinte :

« Art. 1.<sup>o</sup> E' declarada extincta desde a data desta lei a escravidão no Brazil.

« Art. 2.<sup>o</sup> Revogam-se as disposições em contrario.

« Manda portanto a todas as autoridades a quem o conhecimento e a execução da referida lei pertencer,

que a cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nella se contém.

« O Secretario de Estado dos Negocios da Agricultura e interino dos Negocios Estrangeiros, bacharel Rodrigo Augusto da Silva a faça imprimir, publicar e correr.

« Dada no Palacio do Rio de Janeiro, em 13 de Maio de 1888, sexagesimo setimo da Independencia e do Imperio.

« PRINCEZA IMPERIAL REGENTE.

« *Rodrigo Augusto da Silva.*

« Carta de lei pela qual Sua Alteza Imperial manda executar o decreto da Assembléa Geral, que houve por bem sancionar, declarando extincta a escravidão no Brazil como nella se declara, para Vossa Alteza Imperial vêr.

« Chancellaria-mór do Imperio.—*Antonio Ferreira Vianna.* Transitou em 13 de Maio de 1888.—*José Julio de Albuquerque Barros.* »

Com a extinção do estado servil o genio da historia nacional ganhou novo criterio. Elle está agora completo com a parte de liberdade que lhe faltava para ser digno de uma nação que rende culto nas aras da civilisação. O nosso historiador terá d'ora em diante homens para submetter á sua analyse physio-psychologica, terá um povo verdadeiramente livre para estudar e julgar nos seus sentimentos e na sua evolução.



Executava-se ainda o programma das festas promovidas pela imprensa fluminense em homenagem á promulgação da lei de 13 de Maio, quando, reunindo-se em sessão extraordinaria, resolveu o Instituto Historico:

Dirigir a Sua Magestade o Imperador o telegramma seguinte: « Senhor.—Está extincta a escravidão no Brazil. Parabens. »

Congratular-se com Sua Alteza a Princeza Imperial Regente por ter sancionado a bemdita lei, e com Sua Alteza Real o Sr. Conde d'Eu, Presidente Honorario do Instituto, pela satisfação que este facto lhe devêra trazer quando elle, na qualidade de nosso dedicado compatriota, como se tem mostrado nas circumstancias publicas mais difficeis, comparte de todos os sentimentos nacionaes.

Endereçar mensagens de louvor ás duas casas do parlamento e ao ministerio.

Lançar na acta um voto de louvor á imprensa do Imperio, e a todos aquelles que de qualquer modo concorreram no commercio, no fôro, nas assembléas legislativas das provincias, nas camaras municipaes, e até no lar domestico, para o triumpho incruento da causa da abolição.

Collocar na sala das sessões o busto do nosso finado consocio Visconde do Rio-Branco,—voz poderosa e inextinguivel que ainda se escuta na lei n. 2,040 de 28 de Setembro de 1871—, e bem assim o do nosso consocio, tambem finado, Agostinho Marques Perdigão Malheiro que na sua obra—*A Escravidão no Brazil*—procurou lançar os fundamentos da extincção do captiveiro.

Assistir por uma commissão que ficou composta dos Srs. Escragnolle Taunay, Beaurepaire Rohan, Cesar

Marques, Sacramento Blake, Garcez Palha, Pinheiro de Campos e Marques de Carvalho, á missa campal na praça de D. Pedro I.

Tomar parte por outra comissão que se compoz dos Srs. Escragnolle Taunay, Alencar Araripe, Aquino e Castro, Franklin Tavora, Cezar Marques, Severiano da Fonseca e Pinheiro de Campos, na marcha civica da imprensa fluminense.

Dirigindo-se ao paço de S. Christovão o Sr. Escragnolle Taunay, com os outros membros da comissão Srs. Beaurepaire Rohan, Alencar Araripe, Ribeiro de Almeida, Jaguaribe Filho e Severiano da Fonseca, congratulou-se na qualidade de orador com Suas Altezas recitando as seguintes allocuções:

« Senhora.—Perante a augusta Presença de Vossa Alteza Imperial Regente enviou-nos o Instituto Historico e Geographico Brasileiro afim de patentearmos o intensissimo jubilo que o domina pelo evento da nova éra iniciada a 13 de Maio deste anno de 1888 com a promulgação da Lei, que extinguiu no Brazil a escravidão e fez cessar todas as consequencias dessa nefanda organização.

« Pelo seu character, pela indole dos seus trabalhos, pela continua indagação do passado, está o Instituto nas melhores condições para apreciar e exaltar os resultados dessa grandiosa disposição legislativa que Vossa Alteza Sanccionou com adoravel sofreguidão e que corôou as mais legitimas e generosas aspirações nacionaes.

« A Vossa Alteza coube a ineffavel alegria e immorredoura gloria de dar solução definitiva ao temeroso problema, que tanto entenebreceu a magnanima alma de Vosso illustre pai, Sua Magestade o Senhor D. Pedro II,

consternou largos annos o espirito nacional e empeceu o progresso do Brazil, quer na ordem moral, quer na material.

« Vencido hoje está o tremendo empecilho e como que atirada aos fundos abysmos do esquecimento essa immensa rocha, que obstruia o caminho, pelo qual deve a Patria chegar aos mais altos destinos.

« Completa, inexcedivel fôra a nossa exultação, se a não annuiassem os receios, que pungem o vosso coração de filha, Senhora, e ainda ahi, mais do que nenhuma Associação, identifica-se o Instituto Historico com os vossos sobresaltos e a vossa dôr, pois elle vê no egregio Monarcha, presa de penosa e insistente enfermidade, mais do que um protector, um Pae tambem, de cuja solicitude e afeição tudo espera e tudo tem alcançado.

« Amparar-vos-hão os Céos, a vós, Senhora, e ao Brazil inteiro, salvando a preciosa vida do Imperador e consentindo que elle torne a pisar a terra natal, que tanto estremece e a que dedicou todos os momentos da sua longa e admiravel carreira magestatica.

« Ao manifestarmos estes sentimentos, que nos tumultuam na mente, vacillante entre o triumpho e a prostração, cumpre-nos dar execução a outra parte do nosso mandato, dirigindo-nos agora ao valoroso Principe, vosso consorte, o mais intimo participante das grandes agitações de Vossa existencia. »

« Senhor Principe.—Como guerreiro, a escravidão encontrou em Vós um dos mais resolutos e denodados batalhadores, e quando nos campos do Paraguay vossa espada deu os ultimos golpes ao edificio da tyrannia, levantado pela insensatez de um despota e a ignorancia



de um povo fanatisado, o vosso primeiro cuidado foi varrer daquella Republica a ominosa e secular instituição, que tambem a maculava.

Impossivel fôra que tão levantada e nobre iniciativa não tivesse influencia no acontecimento que ora engrandecemos, e é esta a razão que leva o Instituto a encarar na Vossa personalidade um dos valiosos factores do successo que ha de para sempre chamar as vistas da posteridade e angariar os seus applausos.

« Gloria! gloria! pois, a Vós, inclytos Principes, que sabeis e sabereis continuar as tradições do Senhor D. Pedro II e sois do Throno Brasileiro os mais valentes esteios, as mais seguras e firmes garantias. »

Já pela Secretaria do Instituto tinham sido endereçadas á Camara dos Deputados, ao Senado e ao Governo estas mensagens :

« Augustos e Dignissimos Senhores Representantes da Nação.—Declarando extincta a escravidão neste Imperio, a Lei n. 3353 de 13 de Maio de 1888 constituiu, por assim dizer, os brasileiros em nova patria, alterou o curso dos nossos costumes, illustrou a nossa legislação, deu orientação nova á nossa historia ; e a Camara dos Srs. Deputados, collaborando com os demais poderes constitucionaes, e, antes destes, com as aspirações do povo brasileiro naquelle singelo e ao mesmo tempo immortal monumento, tornou-se merecedora das homenagens que lhe estão rendendo em uma successão de festas sem igual em nosso passado.

« O Instituto, pelo patriotismo a que a Lei de 13 de Maio deu novo brilho e pela parte que implicitamente lhe assignalou como instituição que estuda a historia,

congratula-se com esta Augusta Camara que elevou a Nação Brasileira ao logar onde se mostram os povos mais distinctos na comprehensão do progresso e da liberdade humana.—*Joaquim Norberto de Souza Silva*, Presidente.—*João Franklin da Silveira Tavora*, 1º Secretario.—*Dr. João Severiano da Fonseca*, 2º Secretario.—*Alfredo de Escragnolle Taunay*, Orador.—*Tristão de Alencar Araripe*, Thezoureiro.

« Augustos e Dignissimos Senhores Representantes da Nação.—O Instituto Historico e Geographico Brasileiro, dominado do mesmo sentimento a que ora se entrega, entre amplexos e congratulações, em plena paz, a Nação Brasileira inteiramente desopprimida da tristeza da escravidão, dirige ao Senado vivas saudações pela parte que tomou na Lei n. 3353 de 13 de Maio de 1888, cuja grandeza despertou esta immensa alegria nacional.—*Joaquim Norberto de Souza Silva*, Presidente.—*João Franklin da Silveira Tavora*, 1º Secretario.—*Dr. João Severiano da Fonseca*, 2º Secretario.—*Alfredo de Escragnolle Taunay*, Orador.—*Tristão de Alencar Araripe*, Thesoureiro.

« Illm e Exm Sr.—O Instituto Historico e Geographico Brasileiro congratula-se, na pessoa de V. Ex., com o Ministerio de 10 de Março deste anno.

« Desde o momento em que Sua Alteza a Princeza Imperial Regente em nome do Imperador, annunciou no discurso da Corôa, a proxima extincção da escravidão no Brazil, o Ministerio a que V. Ex. tão dignamente preside, tem sido alvo de honras publicas verdadeiramente triumphaes.

« Além do sentimento geral, encontra o Instituto

Historico motivo especial para alegrar-se com a homenagem tributada a vultos tão distinctos pelo amor da patria como pela intrepidez: elle vê nos dous pontos extremos do cyclo de 17 annos, dentro do qual se formou e definitivamente amadureceu o fructo da abolição do captiveiro no Imperio, dous estadistas que com seus nomes illustram os registros do Instituto — o Visconde do Rio-Branco, organisador do Ministerio de 7 de Março de 1871, e V. Ex., organisador do Ministerio actual, que penetra na immortalidade por ter collaborado com os demais poderes constitucionaes para a extincção do estado servil que escurecia o nome brasileiro ainda quando este se mostrava preclaro no patriotismo e na civilização.

«Deus guarde a V. Ex.— Illm. e Exm. Sr. Conselheiro de Estado João Alfredo Corrêa de Oliveira, Presidente do Conselho de Ministros e Ministro dos Negocios da Fazenda.— *Joaquim Norberto de Souza Silva*, presidente.— *João Franklin da Silveira Tavora*, 1º Secretario.— Dr. *João Severiano da Fonseca*, 2º Secretario.— *Alfredo de Escragnolle Taunay*, Orador.— *Tristão de Alencar Araripe*, Thezoureiro.»

O segundo acontecimento, comquanto tenha de ser trazido no gyro do tempo, deve pertencer em breve á historia do Brazil, e mais immediatamente aos annaes do nosso Instituto. E' o nosso Jubileu, para o qual se voltam as vistas de todos os que, reconhecendo os serviços prestados durante meio seculo por esta instituição, hostilizada por alguns, e mal julgada por outros, longe de se unirem a estes na sentença iniqua, esperam o momento da nossa remuneração de gloria para lhe darem vulto com o seu generoso concurso.

O pensamento da commemoração do nosso quinquagesimo anniversario foi manifestado na sessão de 23 de Novembro de 1887, pela seguinte proposta:

« Completando-se em 21 de Outubro proximo vindouro cincoenta annos da fundação deste Instituto, propomos que se nomeie uma commissão incumbida de apresentar em uma das primeiras sessões de 1888 o plano ou programma que lhe parecer mais apropriado á commemoração daquella data, sobre a base de serem representadas na solemnidade todas as provincias do Imperio. — *Franklin Tavora.*— *Augusto Fausto de Souza.*— *Dr. Maximiano Marques de Carvalho.*»

Tendo o Instituto approvado unanimemente a proposta feita na sessão de 7 de Dezembro pelo Sr. Augusto Fausto de Souza, e Drs. Maximiano Marques de Carvalho e Cezar Augusto Marques, para que se participasse a todos os socios honorarios, effectivos, e correspondentes, residentes dentro e fóra do Imperio, a resolução tomada pelo Instituto, de celebrar o 50º anno da sua fundação, e de expôr os presentes que lhe fôsem feitos por essa occasião para a sua bibliotheca, archivo e museu, expediu-se a circular seguinte :

« Instituto Historico e Geographico Brasileiro em 20 de Maio de 1888.—Illm. e Exm. Sr.—Em 21 de Outubro proximo vindouro completa o Instituto Historico e Geographico Brasileiro cincoenta annos da sua fundação.

« Para commemorar tão gloriosa data, resolveu, além da publicação de ineditos, que possui, e de memorias originaes de socios, realizar uma exposição das offertas, que, em honra do seu quinquagesimo anniversario, lhe



fôrem feitas pelos socios residentes dentro ou fóra do Imperio, para a sua bibliotheca, archivo e museu.

«Communicando a V. Ex. a indicada resolução, confia o Instituto que se dignará enviar até o ultimo dia de Agosto o presente com que quizer augmentar os seus repositórios, e que será recebido como prova muito distincta de apreço para com esta Associação, a cujo gremio V. Ex. pertence.

«Deus Guarde a V. Ex. — *J. Franklin S. Tavora*,  
1º Secretario. »

Na mesma sessão propuzeram os Srs. Drs. Cezar Augusto Marques e Augusto V. A. do Sacramento Blake que a mesa do Instituto, eleita para o anno corrente, « empregue todos os seus desvelos, afim de que se conclua o catalogo das obras da nossa bibliotheca e esteja impresso para a solemnidade do 50º anno da fundação do Instituto. »

Taes são os primeiros passos para o jubileu que projectamos, estando outros ainda dependentes do programma de que ficou incumbida a commissão iniciadora.

Façamos votos intimos para que o dia da nossa festa nos chegue com favoraveis auspicios. Façamos votos para que neste anno de tanta alegria e de tanta gloria nacional, nenhum dos nossos companheiros esteja separado de nós pela molestia ou pela morte, quando, reunidos no seio da patria inteiramente livre, houvermos de consagrar o alto valor dos obreiros que, pelo espaço de cincoenta annos, mantiveram o culto em nosso templo, sem moeda metallica, e sómente movidos pela retribuição do renome.

O jubileu offerece ainda, além deste, outros dous aspectos summamente symphaticos.

Crear pelo exemplo novo incentivo aos operarios que chegarem depois d'elle, afim de que possam dar mais vastas proporções e mais bello estylo, de harmonia com o adiantamento e as correcções do tempo, ao edificio fundado em 21 de Outubro de 1838 :

Erigit na columna semisecular da sua consagração a excelsa personalidade do Monarcha cidadão, do Principe sabio, do Patriota insigne, do seu Protector immediato, S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II, a quem devemos a maior honra de nossa convivencia litteraria, e a cuja vida o Instituto se sente intimamente ligado nos laços da gratidão e da admiração.

Rio de Janeiro em 31 de Maio de 1888.

FRANKLIN TAVORA.



DIARIO DA VIAGEM PHILOSOPHICA  
PELA  
CAPITANIA DE SÃO-JOSÉ DO RIO-NEGRO  
COM A  
INFORMAÇÃO DO ESTUDO PRESENTE  
PELO DR. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA  
Naturalista, empregado na expedição philosophica do Estado.  
*(Continuação do volume antecedente pag. 141).*

---

XVI

Gentios que habitam n'elle, pela ordem dos rios indicados  
no tit. XV

Note-se primeiramente, que os Manãos foram os gentios dominantes na parte inferior, assim como os Barés na superior ; donde vem, que estas são as duas linguas, que falam os indios aldeados, sendo cada uma d'ellas a a geral do seu districto. Dos primeiros escreveu o autor do *Roteiro*, que foram poderosos e valentes, ainda que antropophagos no estado da sua infelicidade, assim como ainda hoje o são os Urequenas, e em outro tempo o foram quasi todos, exceptuados tam-sómente os Uaupés.

Que invadiam as aldeias dos outros gentios, situados nas margens do Rio-Negro e capitaneados pelo facinoroso principal Ajuricaba, subiam pelo Rio-Branco a vender os indios, que captivavam aos Hollandezes de



Suriname, com os quaes se communicavam, vencendo com jornada de meio dia o espaço de terra, que ha entre o Tacutú, e a parte superior do Ruponuri, que desagua no Essequibo, e este no mar do norte.

Que emquanto á religião, criam com uma especie de manicheismo, que haviam dous deuses, um chamado Manari, autor de todo o bem, outro por nome Sarauá, autor de todo o mal.

Que estes e todos os mais gentios do Rio-Negro não tinham signaes ou déformidades industriaes, á excepção dos das nações Uerequenas e Uaupé.

Que a todos era commum o uso do arco e frecha, e lanças envenenadas, e páos similhantes aos cuidarús, e tamaranas, que eram as armas da sua primitiva invenção.

Digo da sua invenção, porque o grande numero de armas de fogo, com que alguns d'elles, já pelo tempo adiante, faziam a guerra aos brancos e indios situados nas aldeias d'este distrito, foi sem duvida adquirido dos Europeus, dos quaes as houveram, ou por despojos de algumas sorpresas, ou por via de commercio, particularmente com os Hollandezes.

Ellas já eram tantas e tão vulgares, ao tempo que governava o estado o Sr. Christovão da Costa Freire, que da ordem, que, em forma de regimento, expedio na data de 17 de Julho de 1716 ao coronel José da Cunha d'Eça, encarregando de subir aos sertões dos rios das Amazonas, Negro, Solimões e Madeira, para prender o grande numero de soldados desertores das capitánias do Pará e do Maranhão, que nos referidos sertões se haviam refugiado, e n'elles commettiam impuneamente muitas violencias e desordens, consta o disposto no 3.º paragrapho, pelo theor seguinte :

« E porque os indios da nação Manãos, Xapuenas e Matiuenas, tem grande numero de armas de fogo, com que tem feito algumas mortes, e se deve receiar, façam maiores absurdos, destruindo as aldêas dos indios domesticos, e matando alguns dos religiosos do Carmo, como já tem feito, que são os que tem a seu cargo as aldêas d'aquelle distrito, fará todo o possivel por resgatar algumas d'estas armas, de sorte que não faça damno aos

índios, nem lhes dê occasião a se levantarem, porque n'esta parte terá o maior cuidado e para fazer os taes resgates de armas, lhe mandará dar o capitão-mór Joseph Velho de Azevedo oitenta peças de machados e facões ; o que tudo se entregará ao sargento, que leva em sua companhia, Antonio Barboza, para dar conta d'estas peças de ferramentas, e do mais que se lhe entregar na fórma acima declarada ».

Passo a especificar os gentios. O astérisko \* denota as nações desertadas, ou extinctas nos rios da sua habitação, como foram os gentios Tarumaz.

#### OS RIOS SÃO OS SEGUINTEs

##### *Ditos do norte*

No rio Ananiné :

Os Aroaquiz.

No Jauapiri :

Ditos.

No Queceuene, ou Rio-Branco :

Os Paurauanas, ditos Aroaquiz, Parauás, Aturahiz, Pauxianas, Guayumazás, Tapicariz, Saparaz, Uajurus, Xaperús, Uapixanas, Sucuris, Jaricunas, Carapis, Uacás, Macuxis, Caripunas, Amaribás, Arinas, Quiúaos, Pericôtos, e alguns Macus dispersos.

No Uaranacúa :

Os Uaranacuacenas \* e Parauanas.

No Uaracá :

Os Quinánas \*

No Uereré :

Os Carajahiz, e Uariúnas \*

No Padaurí.

Os Omanãos, Uanaz, e Uariunas.

Nos riachos antes do Marauiá:

Os Manãos \*

Dito Marauiá :

Os Curanãos \* poderosos inimigos dos Manãos, e os Ujanas \*

No Cauaburis :

Os Demacuris, Madauacás, e outros,

No Miuaá :  
 Ditos Demacuris \*  
 Nos riachos da fronteira :  
 Os Ariinis \* e Marapitânas \*, hoje Marabitenas.

*Ditos do sul*

Nos rios Jaú e Anani :  
 Antigamente os Caraias, que foram expulsos e destruídos pelos Muras.

No Cauauri :  
 Os Cauauricenas \* e Caraias \*  
 No Uarirá :

Os Manãos, que occupavam uma e outra margem do Rio-Negro, e dos rios seus collateraes, até a ponta inferior da ilha de Timoni, fronteira á barra do rio Xiuará.

No Mariá :  
 Os Mepuris e Macús.  
 No Curicuriaú :  
 Ditos, e mais os Maiapénas.  
 No Ucaiary, ou Uaupés :

Os Cojânas, Uaupés, Cuenacans, Arapassus, Mueinoz, Paicoénas, Aráras, Yauaras, Banibas, Ucayaris, Uananás, Cuduiaris, Cequénas, Cuereruis, Cueuanas, Burenaris, Mamangas, Panenuás e varios Macus dispersos.

No Içana :

Os Banibas, Tumaiais, Turimaris, Dicânas, Pue-tónas, Urequenas e outros.

No Ixié :

Ditos Banibas, Xapuenas, Urequenas, Mendós e outros.

N. B. — Que nas povoações d'este rio estão encorporados com os indios das sobreditas nações outros muitos, que tem sido descidos de rios e sertões diversos.

O que aos olhos de todo qualquer espectador offerece uma admiravel variedade de objectos, com que entreter a sua curiosidade, emquanto os gentios pela civilisação, que se lhes introduz, se não uniformam ao methodo de pensar e de obrar, que observam nos indios aldeados.

Em uma só aldêa se falam tantas linguas diversas, quantas são as diferentes tribus de gentios, que a povoam. A superstição de todas ellas, seus diferentes costumes, extravagancia no vestir e em se ornarem, as suas festas e bailes, os seus instrumentos marciaes e festivos, as suas armas e utensilios domesticos, tudo isto apresenta um dilatado campo de observações, pelo qual não farei mais do que correr ligeiramente em ordem a deixar algum rasto, que indique a minha marcha.

### SUPERSTIÇÃO

Ainda que ella tem um mando absoluto na maior parte dos pensamentos, e das obras dos gentios, não se pôde comtudo asseverar tão decididamente como tenho ouvido, que elles nem pensam, nem obram coisa alguma, que lhes não seja suggerida pelo demonio. Os missionarios, que tem sido entre nós as pessoas encarregadas de espreitar as suas opiniões e praticas religiosas, desconfiam de tudo quanto os vêm falar e obrar, principalmente si entre os seus usos e costumes lá chegam a descobrir algum, que se lhes representa ser da maior veneração. Si se inclinam a desconfiar, já digo, em tudo quanto obram os gentios, não vêm sinão obras do demonio; si a concilial-os com o christianismo, passam de um a outro extremo: porque desde logo lhes attribuem idéas, que elles, sim, são capazes de adquirir, como os outros homens, porém que ainda não as tem.

E daqui procede estarem alguns dos ditos missionarios descobrindo em muitas acções dos gentios bem profundos vestigios dos mais sublimes misterios, interpretando a seu geito certas expressões e ceremonias, que elles não entendem, e transformando tudo quanto vêm, do que verdadeiramente é, para o que se lhes representa ser. E' certo, que entre os diversos principios da religião, que alguns d'elles professam, um d'elles é o de sustentarem, que ha deuses autores dos males, que affligem a especie humana. A estes representam os gentios debaixo de fórmias as mais horrendas; e todo o culto que lhes dam, o

dirigem ao fim de applicarem a colera d'estas terriveis divindades. Crêm como os antropomorphitas, que os seus deuses tem fôrma humana, porém com uma natureza superior á do homem; e sobre as qualidades e operações d'estes deuses, imaginam fabulas as mais absurdas e incoherentes que se podem imaginar.

Mas estes mesmos nenhuma fôrma tem de culto publico, não erigem templos em honra das suas divindades, não tem ministros especialmente consagrados ao seu serviço; porque os pagés, que são os seus feiticeiros e sacerdotes, também são os medicos, os philosophos, e os estadistas de cada tribu. O enthusiasmo supprime a sciencia do feiticeiro. Os gentios faceis em crertudo quanto lhes parece maravilhoso, pelo temor em que os põe o seu sacerdote, se dispoem a estar pelo que lhes elle diz; esplica-lhes os sonhos, observa os presagios, e intima-lhes a attenção ao canto, e ao vôo das aves, e aos gritos dos outros animaes.

Todos estas circumstancias (lhes adverte) são prognosticos do futuro, e si de alguma d'ellas pronuncia, que lhes é desfavoravel, não se executa o que estava deliberado.

## COSTUMES

Falo dos Moraes; entre os quaes além de ser impia a antropophagia, que ainda hoje praticam os Uerequenas, é igualmente impio o comportamento de quasi todos os gentios pela occasião da guerra.

De outros muitos gentios se conta, como eram os Ingaibas, Tapixaras, e Mamaianás, que na occasião do conflicto, e nos transportes do seu maior furor, mordiam as carnes dos cadaveres dos inimigos, e abocanhavam algumas d'ellas; tocavam á chamada, e festejavam a victoria com gaitas das tibias das pernas dos vencidos; bebiam e davam a beber agua, e os seus vinhos em craneos serrados, e raspados á maneira das suas cuias; esfolavam e rompiam os cadaveres, arrancando-lhes os dentes, para d'elles fazerem as suas gargantilhas; cortavam-lhes as cabeças para as pendurarem como tropheos, pelas paredes



das suas palhoças ; porém todas estas barbaridades, que todos elles commettem, durante o furor da guerra, são as que o Uerequena pratica de sangue frio com os prisioneiros, que applica para o seu sustento, longo tempo depois de concluida a guerra.

Viram em outro tempo os cabos das nossas tropas, que elles tinham curraes de gentios prisioneiros, assim como nós os temos de gado para os açougues. D'elles se conta o mesmo que de outras muitas nações d'America se escreve, que praticam o extraordinario costume, de em algum d'elles chegando ou a envelhecer, ou a padecer alguma d'aquellas enfermidades, que a sua grosseira medicina não sabe remediar, os mesmos pais e filhos tem o cuidado de lhe anticipar a morte, não só para se alliviarem a si do fardo de tratar d'elles, durante a impertinencia da molestia, mas tambem para o alliviarem a elle das dôres e tormentos que passa, emquanto se lhe retarda a morte, que é a porta, que se lhe abre para escaparem das miserias da vida.

Eis aqui um rasgo de piedade entre elles, que entre nós é uma impiedade. Por este se pôde julgar dos outros costumes, com relação ás virtudes da continencia, da sobriedade, da mansidão, da honestidade, etc.

## VESTIDOS E ORNATOS

Parece (diz o Inglez Robertson), que a mesma natureza se descuidou de ensinar aos d'esta parte da America quanto lhes era indecente o apparecerem nús. Porém como elles, debaixo de um céu benigno, nenhuma necessidade sentem de reparar as suas carnes contra as injurias do tempo, antes a sua mesma indolencia os convida a pouparem-se a toda qualquer especie de trabalho, que lhes não é ordenado por uma extrema necessidade; todos ou quasi todos se deixam ficar no estado de uma quasi absoluta nudêz. Contentam-se com umas ligeiras tangas da entrecasca de alguma arvore, si é, que se querem dar á mortificação de trazerem cobertas as partes vergonhosas.

Pelo que n'elles se observa, bem se póde, quanto ao principio e progressos que tem feito entre os homens a arte de vestir e de trajar, subir desde a sua infancia até o seu estado actual, discorrendo que os homens primeiramente andaram todos nus; pouco depois trataram de cobrir sómente as suas partes vergonhosas; donde se originaram as tangas, em que uma experiencia, e gosto mais tardio foi aperfeiçoando a materia e a fórma. Cresceu o desejo, e em alguns paizes os obrigou a necessidade a reparar os seus corpos, passando elles a usar de roupas abertas, que primeiramente as fizeram de folhas, e depois das entrecascas das arvores; e pelo tempo adiante das penas das aves, e das peles dos outros animaes.

Fecharam-se ainda mais tarde as roupas, principiando em fórma de casulos, abertas pelos lados, e sem mangas; donde foram tomando por um longo lapso de tempo os feitiços e as materias, de que hoje as fazem, depois que conheceram a lan, o linho, o algodão, e a seda; e depois que a arte ensinou a conhecer, cultivar, recolher, preparar, fiar, e tecer cada uma d'estas substancias; de lhes embellesar a materia se encarregaram os tintureiros, os bordadores, e outros artistas; com a mera fórma se occuparam os alfaiates, proporcionando-as, cortando-as, e cozendo-as segundo o gosto e a necessidade dos homens.

Os mesmos gentios, ainda que andam nus, nunca dispensam os ornamentos e enfeites, com que ornam os braços, as pernas, e os cabellos; trazendo penduradas n'elles, ou algumas folhetas de metaes, ou fragmentos de conchas, de cristaes, de palhas, que tambem trazem pendentes nos narizes, nos labios e nas orelhas.

Outros desenham na pele uma multidão de listras e de figuras diversas, custando-lhes estas pinturas muitas dôres, muito tempo, e muito trabalho. Outros andam sempre tintos de urucú ou carajurú; assim como dos antigos Bretões se escreve, que se tingiam com o pastel, para assim incutirem maior terror ao inimigo, e tambem apresentarem as suas pessoas em um ar mais bizarro. Na memoria de 20 de Fevereiro de 1787, sobre os gentios

Jurupixunas, fiz menção do costume, que elles tem, de pintarem a face em differença dos outros.

Porém outros ha, que não são os do Rio-Negro, porque d'elles já disse, que, exceptuados os Uerequenas e os Uaupés, nenhum mais praticava diformidades industriaes, não só se esmeram em adquirir, e aperfeiçoar os seus poucos ornamentos, mas também sentem um peso e inclinação natural a alterar as fôrmas naturaes de seus corpos.

Os antigos Cambébas, como eu já escrevi na memoria a que elles deram assumpto, datada em 17 de Setembro do referido anno, impressavam entre duas talas as cabeças das crianças, para se fazerem chatas, outros lhes davam uma figura conica, e outros quadrada. O Uerequena, como deixo escripto na memoria de 29 de Agosto, rasga, e distende as extremidades das orelhas. O Mura, como também escrevi na memoria de 30 do mesmo mez, e outros muitos gentios furam ambos os labios, e trazem introduzidos nos furos, ou os batoques, os quaes parecem marcas de coquilho, ou fragmentos de ossos e de pedras. Os Mauás, como fica explicado em outra memoria, também de 20 de Fevereiro de 1787, andam sempre espartilhados á imitação das damas da Europa.

Para se adquirirem semelhantes fôrmas, arriscam as suas vidas, e as de seus filhos, fazendo-os logo passar desde o berço pelos mais dolorosos transes, não se dirigindo elles a outro fim mais do que ao desordenarem o plano da natureza, debaixo do vão pretexto de aperfeiçoarem as suas obras. Porém o certo é, que o principal fim a que tendem estes differentes caprichos não é tanto para embellezarem os seus corpos, quanto para lhes darem um ar impostor, que com a sua presença e diformidade aterre o inimigo.

## BAILES

Esta é a paixão favorita dos selvagens d'esta parte do globo. Assim escreveu na sua *Historia da America* o citado inglez, e eu o tenho observado, ha tres annos, nos gentios de dentro e de fóra d'este rio. Sendo elles por natureza uns verdadeiros quietistas, que a maior parte do

seu tempo a consomem em um estado de languidez e de indolencia ; sem occupação alguma que os possa animar e entreter, quando cessam as guerras e as caçadas, gostam de um exercicio, que lhes põe em acção as faculdades activas da natureza.

E' verdade, que entre elles a dança se não deve chamar divertimento, antes é uma occupação muito séria e importante, que se envolve em todas as circumstancias da sua vida publica e particular, e de que depende o principio, e o fim de todas as suas deliberações. Si é necessario entenderem-se entre si duas aldeias, dansando é que se apresentam os embaixadores, e entregam o emblema da paz. Si se declara a guerra ao inimigo, por outra dança é que de parte a parte se principia a exprimir o seu resentimento e a vingança que se medita. Então esta dança é uma verdadeira scena, em que se representa a campanha dos gentios.

Parece, que se está vendo a sahida do exercito, a sua marcha pelo paiz do inimigo ; as precauções com que acampa ; a ardileza com que se vão emboscando alguns destacamentos ; o modo de surprender o inimigo ; o tumulto e a ferocidade do combate, e o triumpho da victoria. Os actores, que figuram na scena, correm a occupar os seus postos com tanto calor e enthusiasmo, com tantos gestos e visagens, e com as vozes tão promptas e apropriadas á rapidez e á celeridade das suas evoluções, que aos Europeus, que presenciam o baile, custa bem a crer, que aquella é uma mera scena de ensaio, e não um combate real.

Si se trata de consultar os oraculos, para se lhes revelar o misterio, que indica alguma fome geral, alguma inundação repentina, alguma praga de ratos, ou de formigas, que lhes devoram as roças, algum canto das aves, ou grito dos animaes de seu agouro, o pagé ou o feiticeiro dispõe a dança ; e d'ella e das differentes cousas que pede em nome do oraculo (que sempre são as que elle deseja para si) faz depender a revelação do misterio.

Si adoece algum d'elles, como os seus pagés attribuem a origem das enfermidades á influencias sobrenaturaes,

elles mesmos prescrevem certas ceremonias misteriosas, em que fazem consistir o remedio do enfermo. N'este sentido a danza é um dos mais efficazes medicamentos, que lhe receitam similhantes medicos, e si o doente não pôde supportar a fadiga do exercicio, o seu medico a suporta por elle.

Emfim si elles querem applacar a colera dos deuses (que nunca estam bem com os gentios, quando elles estam mal com os seus pagés, ou quando se descuidam do seu sustento e regalo); si pretendem celebrar algum dos seus beneficios, ou testemunhar a sua alegria pelo nascimento de algum filho, de algum parente, de algum amigo, ou a sua tristeza e enojo, pela morte de algum d'elles; si tratam de festejar algum casamento, ou mesmo a declaração do menstruo em suas filhas, pela primeira vez que são assistidas; si celebram alguma grande caçada, ou pescaria, alguma colheita de fructos da sua estimação, para os seus vinhos e bebidas; elles tem dansas e farças proprias, para significarem os differentes motivos da sua alegria ou tristeza. Si a caçada, por exemplo, foi bem succedida, conforme é a especie do animal, que elles caçaram, assim é a mascara, que fazem para o baile.

O festejo por causa de uma bôa caçada de porcos, se faz com uma mascara, que representa a cabeça de um porco.

O da pescaria de um peixe boi, com outra mascara que o representa. Veja-se a este respeito a memoria de 31 de Agosto de 1787.

Uma danza ha tão barbara, que toda a cerimonia consiste em se flagelarem uns aos outros com azorragues, ou de corda de pita, ou de couro de peixe boi, os quaes tem appenso na extremidade algum solido que fira, como osso ou pedra, flagelando-se com elle, até ficarem esvaidos em sangue, segundo eu já expliquei em outra memoria de 13 de Fevereiro de 1786, onde fiz menção do uso dos instrumentos, e da festa chamada do paricá.



## INSTRUMENTOS MARCIAES E FESTIVOS

São os trocanos, tamborinhos, trombetas, torés, mem-bis, gaitas feitas de canna, de ossos de animaes, e de bicos das aves ; cascadeis nos pulsos, nos joelhos, e nas tabocas que lhes servem de bengalas, com que batem no xão, e determinam o compasso das dansas ; o que tudo produz uma musica horrisona aos ouvidos, sem harmonia qualquer que ella seja, ou instrumental ou vocal. Porém ella não é a que mais os inflamma, e anima para a dansa, porque o espirito d'ella é o dos licores fortes, cujo abuso faz que não haja baile, que não seja uma verdadeira bacanal.

Como ignoram a arte, que tem os Europeus de dar aos licores pela fermentação uma força de embebedar, obtem o mesmo effeito por differentes meios. Lançam de infusão em agua grandes quantidades de uns bolos chatos de mandioca (a que chamam beijús) depois de mastigados pelas velhas. A saliva excita n'elles uma fermentação vigorosa, e dentro em poucos dias fica um licor de um sabor e furtum forte para a sua bebida.

As mulheres por nenhuma fórma são admittidas á dansa ; antes bem se pôde guardar de ser vista a que fôr espreitar, porque corre risco de pedir o pagé que a matem. Com os movimentos e agitações dos corpos, durante o baile, mais se refina a crápula, e para não cahirem de todo, em elles principiando a cambalear, encadeiam-se uns com os outros, abraçando-se pelos pescoscós. Em similhante estado é, que elles commettem as maiores perfidias e impiedades ; e é certo, que rara é a dansa, que acaba sem effusão de sangue. No entanto elles só deixam de beber, em se lhes esgotando a ultima gota dos seus vinhos.

## SUAS ARMAS

Ellas nos fazem reflexionar, que as primeiras armas offensivas foram sem duvida as que ministrou o acaso, e que os primeiros esforços da arte para as aperfeiçoar, foram muito simples e grosseiros.

Isto se vê n'essas pequenas massas de pão pesado, a que se dá o nome de braçangas, as quaes são as suas armas curtas, que contundem, e cortam como os sabres; as lanças de madeira simples, ou tostada ao fogo, para lhes communicar maior dureza; e os piques armados na ponta ou com algum fragmento de ferro, ou de pedra, ou de osso aguçado, aos quaes, segundo a sua differença, se dão os nomes de murucús, e cuidarús. Porém todas estas só servem para combater de perto. Os homens escogitaram depois um meio de offender de longe.

A esta idéa se deve a invenção dos arcos, e das flechas, que ou são simplesmente umas flechas com alguma ponta de madeira aguçada ou de taquára, ou são hervas, e tomam o nome de curahis.

Tambem se devem as palhetas e as zarabatanas, que, depois das flechas, foram as segundas armas de tiro, que então se inventaram, e que ainda hoje são as unicas, que possuem os povos, que vivem na infancia da sociedade.

A funda comtudo não é conhecida entre estes gentios. Com as sobreditas armas fazem a guerra; e ella, segundo a contemplou o citado Robertson, offerece para se contemplarem:

- I Os motivos para ella
- II A ferocidade com que a fazem
- III A perpetuidade em que a conservam
- IV O modo de a fazerem
- V A conducta com os prisioneiros.

Quanto aos motivos, é certo que um d'elles costuma ser o da usurpação dos fructos, das caças, e dos pescados dos rios, e das terras do territorio alheio. Cada aldêa se julga independente da outra, que confina com ella; e sobretudo quanto ha no territorio immediato ao da sua situação, se attribue um direito inteiro e exclusivo, que a autoriza, pelo titulo de possuidora, a repellir com a força a usurpação que se lhe faz. Porém tambem é certo, que a idéa da propriedade não é o mais frequente, nem ainda mesmo o mais forte de todos os motivos, para as suas continuas hostilidades.

O espirito de vingança é o maior de todos, ou seja

que elles se arroguem com preferencia aos outros uma indisputavel elevação, que atiga a inveja e a emulação dos vizinhos, ou que tenham recebido alguma injuria e lesão, a diuturnidade do tempo lhes não risca a lembrança d'ella.

Ainda que a injuria não tenha sido feita a todos, basta, que um só a receba, para que o odio e o resentimento de todos seja tão implacavel como o do individuo offendido.

Odesejo de se vingarem é tão cégo e abrutado como o das feras ; mordem as pedras, que se lhes atira, e as retorquem contra o mesmo que as atirou ; arrancam de seus corpos as frechas, que os atravessam, e com ellas fazem tiro ao inimigo, cortam as cabeças dos mortos, e fazem outras barbaridades, donde se póde inferir a ferocidade das suas guerras. Elles não as fazem para conquistar, mas sim para destruir ; matar e queimar tudo, é a sua maior gloria militar.

Consultados os pagés e os velhos, o principal da nação dirige em chefe o exercito, isto é, quanto ao fim de pelejar ; porque quanto aos meios e á disciplina, cada soldado é senhor de si e das suas acções. Porém como elles tem de encontrar durante a sua marcha innumeraveis obstaculos, que vencer, tendo de atravessar grandes rios e lagos, de penetrar matas horriveis ; de lhes faltarem os viveres para municiar de boca a um grande exercito ; o espirito de providencia os conduz a marchar para a guerra em pequenos corpos ligeiros e desembarçados dos impecilhos das bagagens ; e cada soldado não leva mais que as suas armas, e um pequeno sacco ou de farinha de mandioca, ou de beijú, ou de milho ; porque de caminho vai caçando ou pescando, até se approximar ás fronteiras do inimigo ; sorprendel-o, e destruil-o, é todo o seu ponto : e como as caçadas, que fazem na paz, são os exercicios para a guerra, do mesmo modo que elles rastejam a caça, assim entram a rastejar uns aos outros.

Para melhor se disfarçarem no mato, e se equivocarem com as folhas e com os troncos das arvores, pintam-se e vestem-se differentemente ; não deixando precaução por applicar, em ordem a não serem presentidos. No caso

de terem essa felicidade, estão conseguidos os seus fins ; porque no silencio da noite investem de tropel a aldêa do inimigo ; queimam-lhe as suas palhoças, e conforme a ferocidade e o costume dos vencedores, assim matam tudo, ou reservam alguns prisioneiros.

O Mura enquanto se não domesticou, só a algum rapaz dava quartel e geralmente ás mulheres. O Uerequena a todos reserva para se sevar nas suas carnes. Os que os reservam para serem escravos, são os mais humanos de todos elles. Miseraveis porém d'aquelles que ficam reservados, para beberem a morte pelo mais amargoso calix, que lhes prepara uma implacavel vingança. Ella excogita, e faz dar a seus corpos ambas as especies de tortura ordinaria e extraordinaria, uns os espetam com páos, com ossos, e com pedras ponte-agudas, e em brasa ; outros lhes cortam e dilaceram as carnes.

Alguns lhe descarnam os ossos ; e no meio de todo este terrivel espectaculo duas cousas (reflecte o mesmo Inglez) excitam o pasmo de quem as ouve ou as vê : 1.<sup>a</sup> outro nenhum temor limita a colera do vencedor, si não o de abreviar a duração da sua vingança, si elle der a morte ao vencido, mais breve do que ella pede ; 2.<sup>a</sup> que quanto mais atormentado é o vencido, tanto mais digno se julga elle da alta dignidade do ser do homem ; antes o abreviar elle mesmo a sua vida, para encurtar os seus tormentos, seria uma nota de infamia, com que deixaria manchada a sua familia.

## UTENSILIOS DOMESTICOS

São algumas panellas feitas á mão, das que se chamam igaçabas ; redes para dormir, a que se dá o nome de maqueiras, e são de fio de folhas da palmeira muriti ; cabaços, cuias, balaies, gurupemas, tipitis, abanos, ralos, e todo o mais trem precioso para fabricarem os beijús e as farinhas de mandioca. As pedras mais duras, depois de levigadas, lhes servem de machadinhas ; os dentes das pacas e das cotias são as suas goivas e formões : faltam-lhes as ferramentas, e todos os mais subsidios da arte.

Comtudo não se admirará por certo a simplicidade de semelhantes utensilios, si se reflectir, que os esforços do espirito e da industria dos povos, que em nenhuma outra cousa se exercitam, sinão na guerra e na caça, só a estes dous objectos se limitam. Como todo o seu sustento e vestidos são muito simples, tambem os seus utensilios são poucos, e esses mesmos grosseiros. Accresce, que entre elles nenhuma idéa ha de propriedade; tudo é para todos. Basta, que um dos do rancho tenha feito um ralo, para todos entrarem em direito de se servirem d'elle.

A sua indolencia natural é outro obstaculo, que encontra a multiplicidade dos moveis, e o mechanismo, e a conveniencia da sua construcção.

Principiam friamente a fazer uma maqueira, continuam com pouca actividade, e como si fossem umas crianças, qualquer bagatella basta para os distrahir.

Uma canoa entre as suas mãos chega a apodrecer de velha, antes de a elles concluirem, e n'este descuido de si mesmos, uns se distinguem mais do que os outros. De entre todo o gentio o Mura é o que menos se trata e se alinha: os seus mesmos ornatos são muito grosseiros.

As redes, em que dormem, são meras febras das entrecascas das arvores. A sua vida é de corso; os seus estabelecimentos são volantes e incertos. Os homens sómente usam de umas tangas, ou saiotas de fio das folhas das palmeiras; as mulheres andam todas nuas.

## XVII

### Fortalezas que o guarnecem

#### 1.<sup>o</sup>

Dita da Barra, por ter sido erigida na margem boreal da sua foz; ainda que na distancia de duas leguas, acima da sua ponta inferior, na latitude de 3.<sup>o</sup> e 9.' ao polo do sul e na longitude de 317.<sup>o</sup> e 28'. E' um reduto de pedra e barro, o qual ao dia de hoje se acha tão arruinado, que



até por essa razão se mandou já desguarnecer da artilharia, que tinha. (Participação VI da segunda parte)

## II

Castello da villa capital de Barcellos; situado na margem meridional, em distancia de 71 leguas da foz do rio, na latitude austral de 58' e 11'' e em 314° e 42' de longitude oriental á ilha do Ferro. A differença da longitude, que ha entre a dita villa e a capital do Pará, exprimida em tempo, é de 1 hora; em grãos são 15; em leguas, de 20 em gráo, são 300; de andamento do rio são perto de 400.

Não tem obra alguma de fortificação, pela qual mereça semelhante nome: porque em cima do plano que corre pela frente da villa, no qual estão acastadas para o rio seis peças de ferro do calibre 6, montadas nas suas carretas, sobre plataformas de madeiras, não ha para-peito algum, ou outro qualquer genero de reparo, para defesa da guarnição. (Participação I da segunda parte)

## III

Fortaleza de São-Gabriel das Cachoeiras, que é outro reduto de pedra e barro situado no vertice da colina, que domina pela margem boreal a garganta da cachoeira do Crocobi, na distancia de 106 leguas acima da villa capital, e na latitude de 5' ao sul, com a longitude de 309° e 56'. Tem 10 peças de ferro montadas nas suas carretas, a saber, seis do calibre de 4, e quatro do calibre  $\frac{1}{2}$ . (Participação V da primeira parte)

## IV

Dita de São-José de Marabitenas; que é a frente sómente de um quadrado fortificado, sobre a margem austral; a qual do Uaupés para cima até ao canal do Caciquiari verdadeiramente é a occidental do rio.

Estam erigidos os dous baluartes da frente, e a cortina que os fecha, tudo construido de madeira com uma estacada aguçada, que fecha os lados, e a retaguarda pela qual sae fóra um redente, que tambem é feito de estacas; na distancia de 42 leguas a cima da fortaleza de São-Gabriel, e na latitude boreal de 1° 22' 30''. Tem 8 peças montadas, e 2 canhões dos calibres de 2, 3, 4 e 6. (Participação VI da primeira parte).

N. B.—Que ainda que o corpo inteiro da tropa paga, destinada para a guarnição da capitania, tem sido de 150, 200 e 300 praças, destacadas dos dous regimentos da capitania do Pará, um da guarnição da cidade, com farda azul, bandas e golas amarellas, agaloadas de prata; outro da praça de São-Joseph do Macapá, com bandas e golas encarnadas agaloadas de ouro. E ainda que com as ditas praças se guarnecem os destacamentos de São-Francisco Xavier da Tabatinga no rio dos Solimões, e de Borba na foz do rio da Madeira; e o de São-Joaquim na parte superior do Rio-Branco.

Em os quatro destacamentos de dentro do Rio-Negro não se empregam mais do que 100, que fazem a sua guarnição ordinaria; além de uma companhia de infantaria auxiliar, privativa d'elle, com fardas brancas, bandas e vestias encarnadas, agaloadas de ouro; assim como o dos Solimões tem outra com os mesmos uniformes, ambas de 100 praças cada uma, incluidos os seus respectivos officiaes, segundo o ordenou V. Ex. em carta, que dirigio ao governador defunto, na data de 27 de Fevereiro de 1875.

## XVIII

### Povoações

Contam-se 26 por todas; entre as 3 villas, que ha, 9 lugares e 14 aldêas, a saber: na margem austral da parte inferior do rio, estam as villas de Moura, capital de Barcellos, e dita de Thomar. Tambem estam os lugares de Airão, Carvoeiro, Poiares, Moreira, e Lamalonga. Foram erigidas em villas e lugares pelo Ilm.

e Exm. Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, em observancia das reaes ordens de Sua Magestade, quando, pela lei de 6 de Junho de 1755, mandou reduzir as aldeas dos indios a uma nova fôrma de povoações civis e decorosas ; o que realmente executou no anno de 1758.

Pôde-se já hoje considerar, como um novo lugar da mesma margem, porém do distrito da parte superior o de Nossa Senhora do Loreto de Macarabi, depois que em de 20 de Março de 1786 representou V. Ex. ao Illm. e Exm. Sr. Martinho de Souza Albuquerque, governador e capitão-general do estado, a necessidade que havia de vigario destinado para elle; ao que o dito Exm. Sr. general do estado, de acôrdo com Sua Ex. Revm. Senhor D. Frei Caetano Brandão, bispo do Pará, annuo em resposta de 8 de Maio do mesmo anno. O ultimo lugar fica annexo á fortaleza de São-Joseph de Marabitenas.

Na outra margem do norte ha mais dous lugares annexos um á fortaleza da barra, e outro á de São-Gabriel da parte superior. Principia a dita parte superior desde a povoação de Santa-Izabel para cima, e pela margem do norte, onde ella está situada, continuam as outras aldeas de Santo-Antonio do Castanheiro-Novo, immediatamente superior a foz do rio Abuará das Caldas, na foz do rio dos Cauaburis, São-Pedro, São-Joseph, São-Bernardo do Camanáo, Nossa Senhora de Nazareth, São-Miguel e São-João Baptista do Mabé.

Pela austral do referido distrito contam-se as aldeas de São-João Nepomuceno do Camundé, pouco inferior á foz do rio Mariá, São-Joaquim do Cuanena, foz do rio dos Uaupés, São-Filippe, pouco abaixo, e Nossa Senhora da Guia, pouco acima da foz do rio Içana, e São-Marcellino na foz do rio Ixié. As outras duas aldeas de Santo-Antonio do Castanheiro-Velho e de Sant'Anna estam hoje desertas ; a primeira desde a mudança, que fizeram os seus moradores, para a margem austral, aonde situaram a nova aldêa de Santo-Antonio do Castanheiro-Novo ; e a segunda depois da diligencia, que se fez em reconhecimento do rio dos Uaupés.

## XIX

## Habitantes

São brancos, índios, e pretos, com a differença porém que

## (a) Os brancos

Ou são Europeus, ou Americanos. Os primeiros pela maior parte fôram soldados da diligencia da demarcação passada, aos quaes então, e pelo tempo adiante, se deram as suas baixas, para se casarem com as índias, e por conseguinte e estabelecerem as suas casas, introduzindo e augmentando na nova capitania a população, a agricultura, o commercio, a navegação e as manufacturas.

Entre os que se casaram, e se estabelleceram acharam-se oriundos de todas as seis provincias de Portugal ; porém particularmente das Entre Douro e Minho, Traz os Montes, Alentejo e Algarve. Aos quaes se podem ajuntar alguns ilhéos. Os segundos ou são das outras capitancias do Brazil, e em particular da do Maranhão, ou filhos dos primeiros. A uns e outros por differentes modos significou Sua Magestade quanto era do seu real agrado e vontade, que se casassem com as índias, como se deixa vêr das ordens e declarações seguintes.

Ordenou no § 5 da carta régia, da criação da capitania, datada de 3 de Março de 1755, que os officiaes da camara da villa capital tivessem e gozassem os mesmos privilegios que tinham, e de que gozavam os das camaras da cidade do Grão-Pará, com a declaração que os officios de justiça da dita villa não seriam dados de propriedade nem de serventia a quem não fôsse morador n'ella, preferindo os que fossem casados aos solteiros, para as propriedades e serventias dos ditos officios.

Declarou no alvará de 4 de Abril do mesmo anno, que os vassallos do reino e da America, que se casassem com as índias, não só não contrahiriam infamia, ou baixeza alguma, mas antes se fariam por isso dignos da sua particular attenção, porque seriam preferidos nas terras, aonde

se estabelecessem, para os logares e occupações, que coubessem nas graduacões de suas pessoas e de seus filhos e descendentes, os quaes dava por habilitados para todos os empregos, honras e dignidades.

Ordenou nos §§ 88 e 89 do directorio, confirmado pelo alvará de confirmação de 17 de Agosto de 1758, que, visto que entre os meios mais proporcionados para se entreter a união e sociedade civil, nenhum era mais efficaç do que procural-a por via de casamentos, applicassem os directores toda a efficacia do seu zelo em persuadir a todas as pessoas brancas, que assistissem nas suas povoações, que os indios tanto não eram de inferior qualidade a respeito d'ellas, que pelo contrario, dignando-se o mesmo Senhor de os habilitar para todas as honras competentes ás graduacões dos seus postos, consequentemente ficariam logrando os mesmos privilegios as pessoas, que casassem com as ditas indias.

Para se não malograrem estes virtuosos objectos, que Sua Magestade foi servido ter presentes, muito cooperou o zelo e a fidelidade, com que o servio o Exm. Sr. Francisbo Xavier de Mendonça Furtado.

Porque tendo Sua Ex., em carta de 21 de Junho de 1758, confiado aos officiaes do senado da camara de Barcellos, os quaes S. Ex. havia acabado de nomear, por provisão de 6 de Maio do dito anno, a proposta de tres pessoas das mais distinctas, e capazes do posto de capitão-mór, para uma d'ellas governar as ordenanças da villa, e sendo-lhe por elles propostos o capitão João Nobre da Silva, o sargento-mór Francisco Xavier de Andrade, e Agostinho Cabral de Souza; no dito posto nomeou por carta patente de 10 de Agosto do mesmo anno, ao capitão da ordenança João Nobre da Silva, assim pelo seu honrado procedimento, como por ter casado com a india D. Thereza de Mendonça Mello, filha do principal Manoel Gama.

De ordem do mesmo senhor se estabeleceu pela fazenda real, para os soldados ou outros quasquer brancos, que casassem com indias, o donativo de um machado, uma fouce, um ferro de cova, uma enxada, uma peça de bretanha e sete varas de linhagem, ou estôpa. O



Exm. Sr. Fernando da Costa d'Atahide Teive o recor-dou e confirmou em carta de 6 de Março de 1772, expedida ao governador defunto o senhor Joaquim Tinoco Valente. Este o restringio áquelles tamsómente que se casassem pela primeira vez, como consta da carta de 12 de Maio do dito anno, dirigida ao doutor provedor da fazenda real Antonio Joseph Pestana da Silva. Ultimamente V. Ex. o revogou, e abolio em carta de 16 de Maio de 1775, expedida ao doutor provedor Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio.

A primeira das tres representações, que na real presença de Sua Magestade puzeram os officiaes da camara, que serviram no anno de 1783, foi, que, tendo sido muito recommendados pelo augusto, piissimo, e sempre memoravel monarca, dignissimo pai de Sua Magestade, os casamentos dos seus fieis vassallos brancos com indias, essa recommendação tivera o seu devido effeito, desde a primeiro fundador da capitania, até ao governador Fernando do Costa de Atahide Teive.

E como em execução do novo regulamento se prohibia aos soldados (que eram os unicos brancos que mais frequentavam este paiz) o casarem-se; e os filhos dos moradores, em chegando a idade competente, eram logo puxados para a praça, por cujo motivo se achava esta capitania em total decadencia, podendo aliás ser ella uma das mais florentes colonias, si tivessem com quem casassem as suas filhas, de modo que se não vissem obrigados a retroceder, podendo elles adiantar-se, supplicavam a Sua Magestade, que lhes fizesse a mercê de mandar, que a todo o soldado, que se ajustasse a casar com suas filhas, não só se não embaraçasse, mas tambem se lhe mandasse dar a sua baixa, para assim poderem todos tratar mais livremente dos seus estabelecimentos e lavouras.

Ao que deferio Sua Magestade em aviso de 8 de Maio de 1785, expedido ao Exm. Sr. Martinho de Souza Albuquerque, e por Sua Ex. foi participado ao governo interino, em carta de 3 de Janeiro de 1786, que, sendo muito conveniente promover quanto fôsse possivel os casamentos, não o era isentar os soldados do serviço militar. D'esta fórma já hoje continuam mais friamente os

casamentos dos brancos com as indias. (Supp. letra A.)  
Do ajuntamento d'elles com ellas procedem os mamelucos, e com as pretas, os mulatos.

(b) Os Indios

Ou são descendentes dos gentios apontados no titulo XVI, os quaes foram praticados, descidos, e aldeados pelos brancos, ou são ainda gentios modernamente descidos para as povoações, porém n'ellas não ha indios tam sómente descidos dos sertões d'este rio; porque os das nações Jurupixuna, Passé, e outros, são de outros rios e sertões diversos.

Todos foram declarados e confirmados livres pela lei de 6 de Junho de 1755, que recordou, para terem a sua inteira e fiel observancia, as tres bullas dos summos pontífices Alexandre VI, Paulo III, e Benedicto XIV, e não menos do que as oito leis\* publicadas sobre esta materia, pelos Srs. reis predecessores de Sua Magestade, das quaes fiz expressa menção na participação iv da primeira parte; havendo Sua Magestade por bem de na dita lei de 6 de Junho restituir aos indios do Grão-Pará e Maranhão a liberdade das suas pessoas, bens, e commercio, pela fórma que n'ella se declarou, que, para que nem os moradores brancos, e outros deixassem de achar, quem lhes fizesse as suas obras, e lhes cultivasse as suas terras; nem os mesmos indios deixassem de perceber as conveniencias, que de se applicarem ás referidas obras e serviços lhes poderiam resultar, em interesse reciproco de uns e outros, estabelecesse o governador e capitão general do estado, em junta dos ministros letrados da capital, e de acôrdo com o governador, e ministros da cidade de São-Luiz do Maranhão, e das duas respectivas camaras, os jornaes competentes para se elles alimentarem e vestirem, segundo as suas differentes profissões, conformando-se quanto fôsse possivel com o que a este respeito se praticava no reino de Portugal, e nos outros da Europa.

De forma que os referidos jornaes seriam pagos por ferias nos sabbados de cada semana; cobrando-se assim

---

\* De 1570, de 1587, de 1595, de 1609, de 10 de Setembro de 1611, de 10 de Novembro de 1647, de 9 de Abril de 1655 e de 1º de Abril de 1680.

nas quantias em que houvessem sido taxados, ou em panno, ou em ferramenta, ou em dinheiro, como melhor parecesse aos que o ganhassem. Procedendo-se por elles verbal e executivamente, pelo theor do alvará de 12 de Novembro de 1747, e observando-se as ditas taxas, sem embargo do dito alvará e do cap. 48 do antigo regimento, e dos outros alvarás de 29 de Setembro de 1648, e de 12 de Julho de 1656, e de todas as mais disposições, e taxas até então estabelecidas.

Em outro paragrapho da citada lei de 6 de Junho declarou, que ficavam os indios encorporados com os mais vassallos, sem distincção, ou excepção alguma, para gozarem de todas as honras, privilegios e liberdades que gozam os outros.

Tambem em outro paragrapho confirmou a disposição do § 40 do alvará do 1º de Abril de 1680, no qual se havia ordenado, que, depois de descidos, fôsem senhores das suas fazendas, como o eram no sertão, sem lhes poderem ser tomadas; nem pagariam fôro ou tributo algum das ditas terras, ainda que estivessem dadas em sesmarias a pessoas particulares.

No outro alvará de 7 de Junho de 1755 ordenou, que os indios existentes nas aldêas, que passassem a ser villas, fôsem governados no temporal pelos seus juizes ordinarios, vereadores e mais officiaes de justiça, sem que, para servirem estes cargos, tivessem impedimento algum de baixaza.

No § 10 do accusado directorio declarou, que era injustiça e escandalosa a introducção de lhes chamarem negros, querendo-se talvez com a infamia e vileza d'este nome persuadir-lhes, que a Natureza os tinha destinado para escravos dos brancos; o que julgava indecoroso ás suas reaes leis, pelas quaes tinha sido servido nobilitar-os e declarar-os por isentos de toda qualquer infamia.

Outras muitas leis além d'estas, que são as fundamentaes da nova fórma do estado, se expediram pelo tempo adiante; não menos que outros muitos alvarás, decretos, avisos, provisões e ordens de Sua Magestade, ás quaes se foram juntando as que em todos os tempos.

expediram os governadores e capitães generaes do estado e se acham comprehendidas nos bandos, editaes, portarias, cartas circulares e particulares, que cada um d'elles fez publicar e observar durante o tempo do seu governo.

O bando de 30 de Maio de 1773 acabava de fazer dar inteira execução ao disposto na lei de 6 de Junho, a respeito dos salarios dos indios; porque sendo presente a V. Ex. a desordem, com que em ambas as capitancias d'este estado se estava praticando a satisfação dos referidos salarios; e vendo-se obrigado a estabelecer a preços certos os differentes jornaes que vencessem, segundo os mais, ou menos pesados serviços em que se empregassem; proporcionando os interesses dos moradores brancos, com os dos indios, ordenou, que, emquanto Sua Magestade não ordenasse o contrario, se regulassem os jornaes, desde o 1º de Julho do dito anno de 1773 em diante, na maneira seguinte:

« 1.º Que os indios empregados em serviços pesados, como o de roças, engenhos, cortes de madeira, transportes das mesmas, e de pedras, ou em navegações igualmente pesadas, vencessem 1\$200 por mez.

« 2.º Que pelo mesmo preço se regulassem os pagamentos dos indios empregados no negocio do sertão, sem embargo do diverso costume que até então se praticava.

« 3.º Que os outros indios empregados em serviços domesticos, em pescadores, caçadores e em outros quaesquer exercicios leves, vencessem a 800 rs. por mez.

« 4.º Que as indias, que se empregassem nos mesmos serviços pesados de roças, fazer farinhas, e em amas de leite, vencessem tambem a 800 rs. por mez.

« 5.º Que as outras indias empregadas em serviços domesticos e leves, vencessem a 600 rs. por mez.

« 6.º Que os indios rapazes até a idade de 13 annos, vencessem na mesma fórma a 600 rs. por mez.

« 7.º Que as indias raparigas até á idade de 12 annos vencessem a 400 rs. por mez. E que com os indios e indias, que estivessem dados a soldada pelos juizo dos orphãos, observasse a mesma regulação; bem visto que todos os referidos ordenados se deveriam satisfazer além do ordinario e preciso sustento. Que porém os indios artifices

se reputassem nos pagamentos dos seus jornaes, pelo que se praticasse com outros quaesquer artífices brancos, em conformidade de seus merecimentos. »

### (c) OS PRETOS

Os são exportados da costa d'Africa, e em particular das ilhas de Cabo-Verde e do reino de Angola, ou crioulos seus filhos, nascidos e educados no Pará. Aos quaes se podem juntar os que, depois de extincta a companhia geral do commercio, tem sido exportados da capitania da Bahia, assim como os degradados d'aquella e das outras capitánias do Brazil.

Na citada lei de 6 de Junho, que restituiu aos indios a liberdade, que se lhes devia, declarou Sua Magestade, que d'aquella geral disposição exceptuava tam-sómente os pretos escravos, e oriundos de pretas também escravas, os quaes seriam conservados no dominio dos seus actuaes senhores, enquanto o mesmo senhor não desse outra providencia sobre esta materia.

Porém, para que com o pretexto dos sobreditos descendentes de pretas escravas, se não retivessem ainda no captiveiro os indios, que eram livres, estabeleceu, que o beneficio da liberdade se estendesse a todos os que se achassem reputados por indios, ou que taes parecessem ; para que todos esses fôsem havidos por livres, sem dependencia de mais prova do que a plenissima, que a seu favor resultava da presumpção de direito divino, natural e positivo ; o qual estava pela liberdade enquanto, por outras provas também plenissimas, e taes que fôsem bastantes para illidirem a dita presumpção conforme a direito, se não mostrasse, que effectivamente eram escravos na sobredita fórma.

Do ajuntamento dos pretos com as indias procedem os cafuses, com as mulatas os mestiços e dos cafuses com as pretas os caribocas. Miseravel sem duvida a educação dos brancos Americanos ! porque ao genio, á lingua, e aos costumes dos Europeus, seus páis, hão-de forçosamente juntar o dos Tapuias, seus servos, e os dos pretos escravos, que elles não podem dispensar. Veja-se o titulo XXI.

•



N. B.— Que da situação em que se tem visto estes colonisantes, do seu genio, profissão, e character, e da sua conducta com os indios e entre si, alguma idéa se pôde formar pela historia de suas reciprocas sublevações, as quaes não tem deixado de influir, quanto basta, sobre uma grande parte do presente atrazo. Porque a expedição, que em Setembro de 1755 fez o Exm. Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado para o rio Marié, expedição em que entraram o capitão de infantaria Estevão Joseph da Costa, o alferes Manoel da Silva, o desenhador Antonio Joseph Landi, o cabo de esquadra Henrique João Wilkens, e alguns soldados, os quaes todos acompanharam ao principal Manacaçari, para o ajudarem a descer a sua gente, não sómente foi malograda, por se não efectuar o descimento promettido, mas tambem foi fortuna grande não serem todos assassinados, como foi parte d'ella.

No 1º de Março de 1757 se sublevaram na villa capital os 120 soldados, que insultaram ao sargento-mór seu commandante, Gabriel de Souza Filgueiras, roubaram o armazem real das munições de boca e de guerra; e desertaram para as missões dos dominios de Espanha, na capitania dos Omaguas.

O que, tanto que o souberam os indios das aldêas superiores, bem cêdo os imitaram, e os excederam: porque, sublevando-se pelos mezes de Junho até Setembro, invadiram, assolaram, e queimaram as aldêas de Caboquena, Bararoá e Dari, hoje Moreira, Thomar e Lamalonga.

Em 1766 foi mandado ao rio dos Cauaburis o ajudante de infantaria auxiliar Francisco Rodrigues, a descer o principal Mabiú e a sua gente; porém o exito, que teve aquella diligencia, foi o de acabar o dito official ás mãos d'aquelle gentio, depois de já elle ter aceitado a pratica de descer.

Seguiram-se, no anno de 1767, as mortes que fizeram os indios da aldêa de Santo-Antonio do Castanheiro-Velho, os quaes mataram os quatro soldados, que para ali tinha destacado o commandante da fortaleza de São-Gabriel, para socegarem as desordens, de que era motor o principal Cauiparáo.

No anno de 1759 se levantaram os soldados da guarnição da fortaleza de São-Joseph de Marabitenas, contra o seu commandante Bernabé Pereira Malheiros, sendo-lhe a elle preciso matar a um d'elles, que se arrimava á porta do armazem da pólvora para o arrombar.

Passados oito annos fermentou n'esta villa o exemplo das primeiras sublevações ; porque em 1777 se denunciou a conspiração para o motim, que dentro d'ella pretenderam fazer alguns soldados, si bem que esta não teve effeito, porque se atalhou a tempo.

Ao proprio doutor ouvidor geral Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio se fez dentro d'ella a maior injuria, que se podia fazer a um magistrado ; porque em uma rua da villa, pela qual ia elle passando composto, e com as insignias da sua autoridade, o encontraram de proposito e caso pensado o capitão Filippe da Costa Teixeira, e seu primo o reverendo vigário Jeronimo Ferreira Barreto, e o espancaram e injuriaram tão atrozmente, como constou da devassa d'aquelle delicto.

Ao capitão commandante da tropa Domingos Franco de Carvalho, o qual, por falecimento do terceiro governado, ficou sendo um dos tres membros do governo interino, na conformidade do alvará de 12 de Dezembro de 1760, por sugestões do mal intencionado padre Joseph Corrêa da Silva, que servio de accessor aos camaristas da villa de Barcellos, suspenderam elles do governo politico no anno de 1780 ; em reconvenção de tambem elle haver expulsado da corporação do dito governo ao vereador mais velho Filippe Serrão de Castro, sem documento algum que ligitimassem a violencia d'aquelle procedimento.

Ultimamente a mais moderna de todas as revoluções foi a do levantamento e deserção, que fizeram os indios das aldêas do Rio-Branco, no seguinte anno de 1781, depois de haverem assassinado a um cabo de esquadra, 7 soldados, e um preto escravo do commandante d'aquella fortaleza.

## XX

## Governo

## a) ECCLESIASTICO.

Depois que, pelo alvará com força de lei de 7 de Junho de 1755, foi Sua Magestade servido derogar e cassar o capitulo I do regimento dado para o estado do Grão-Pará em 21 de Dezembro de 1686, ampliando e renovando, para ter a sua inteira e inviolavel observancia, a lei estabelecida sobre esta materia em 12 de Setembro de 1663; pela qual já então se havia mandado abolir a administração economica e politica, que os regulares denominados missionarios exercitaram nas aldêas dos indios; segunda vez defendeu Sua dita Magestade a todo o ecclesiastico secular ou regular, o intrometter-se directa ou indirectamente no governo temporal dos indios, e isto pelos motivos de os terem os ditos missionarios desviado sempre, não só da harmonia civil entre os brancos, mas tambem do commercio, e da agricultura livre e reciproca entre uns e outros.

Cessou desde então pela sua parte a administração temporal, e a espiritual recahiu inteiramente no bispado; por que, espirando logo no padre Joseph da Magdalena o titulo e exercicio que tinha de superior das missões dos religiosos carmelitas no Rio-Negro, passou o Exm. Sr. D. Frei Miguel de Bulhões, então bispo do Pará, a nomeal-o primeiramente em vigario geral da capitania, por provisão de 18 de Fevereiro de 1757, e pouco depois em vigario commendado da nova igreja parochial, provendo-o n'ella, pela outra provisão de 28 do referido mez e anno. Ao reverendo Joseph Monteiro de Noronha, que foi o segundo vigario geral, nomeou Sua Magestade, com o ordenado de 240\$ por anno, o qual se tem ampliado aos seus successores (Supp. letra B). Todos exercitam as faculdades que lhes commettem os bispos para o expediente das dependencias espirituaes, sendo-lhes subordinados os vigarios das villas e dos logares apontados no titulum XVIII, e dos mais que ha em toda a capitania, ou sejam

seculares ou regulares. Aos das villas compete a congrua de 80<sup>rs</sup>, e aos dos logares a de 60<sup>rs</sup> por anno. Exceptuado o vigario do logar de Poiares, todos os mais que existem são encommendados.

(b) MILITAR.

Por carta firmada pela real mão de Sua Magestade em 3 de Março de 1755 foi o mesmo senhor servido crear a nova capitania de São-José do Rio-Negro, nos confins occidentaes d'este estado ; ordenando n'ella ao Exm. Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, então governador e capitão general do Pará e Maranhão, que o territorio da nova capitania se estendesse pelas partes do norte e do occidente, até ás duas raias septentrional e occidental dos dominios de Espanha, e que, pelas outras duas partes do oriente e meio-dia, lhe determinasse S. Ex. os limites, que lhe parecessem mais justos e competentes.

E que isto feito, encarregasse interinamente no governo d'ella, até Sua Magestade nomear, a pessoa que lhe parecesse, que com mais autoridade, desinteresse e zelo do serviço de Deus, e seu, e do bem commum dos povos, poderia exercitar um logar de tantas consequencias, e promover um novo e tão importante estabelecimento.

Por carta patente de Sua Magestade de 14 de Julho de 1757, foi nomeado em primeiro governador o Sr. Joaquim de Mello Povoas, a quem, depois de apresentado na villa de Barcellos, dirigio S. Ex. a carta de 10 de Maio de 1758, para lhe fazer comprehender até onde se estendia a sua jurisdicção, segundo a divisão que fez, e lhe participou pelo theor seguinte :

«Pela parte do oriente devem servir de balizas, pela parte septentrional do rio das Amazonas, o rio Nhamundaz ; ficando a sua margem oriental pertencendo á capitania do Grão Pará, e a occidental á capitania de São-José do Rio-Negro. Pela parte austral do mesmo rio das Amazonas, devem partir as duas capitancias pelo outeiro chamado Maracá-guaçú, pertencendo á dita capitania de São-José do Rio-Negro tudo o que vai d'elle para o occidente, e ao Grão-Pará todo o territorio

que fica para o oriente. Pela banda do sul, fica pertencendo a esta nova capitania todo territorio, que se estende até chegar aos limites do governo das minas de Matogrosso, o qual conforme as ordens de Sua Magestade, se divide pelo rio da Madeira, pela grande cachoeira chamada de São-João, ou de Araguaí».

Eis aqui até onde se estende a alçada militar e politica dos governadores, os quaes são subordinados ao governador e capitão-general do estado. Estabeleceram a sua residencia na villa de Barcellos, para aproveitarem as accomodações que n'ella se fizeram durante a diligencia da demarcação passada; o que se não podia conseguir com a precisa brevidade na aldêa que Sua Magestade, pela sobredita carta régia, mandou logo erigir em villa, para residencia do novo governador, que era a que tinha mandado estabelecer entre a boca oriental do rio Javari, e a aldêa de São-Pedro da administração dos religiosos carmelitas no rio dos Solimões.

Não se ponderam contudo com a madureza precisa as desvantagens da situação, vindo a capital a ficar situada onde não devia ser; e isto por todas as razões economicas, politicas, e militares. Veja-se a participação I da segunda parte.

Contam-se quatro governadores na classe dos proprietarios por nomeação de Sua Magestade, desde o Illm. Sr. Joaquim Mello Povoas até o Illm. Sr. Manoel da Gama Lobo d'Almada, nomeado em governador por decreto de 26 de Agosto de 1786. Interinos por falecimento do segundo proprietario, que foi o Sr. Gabriel de Souza Filgueiras, contam-se dous, que fôram o coronel Nuno da Cunha de Atahide Varona, e o tenente-coronel Valerio Corrêa Botelho de Andrade. Os proprietarios todos tem tido as patentes de coroneis de infantaria com o soldo de cinco mil cruzados por anno.

Por falecimento do terceiro proprietario, que foi o Sr. Joaquim Tinoco Valente, succederam no governo da capitania, desde 24 de Agosto de 1779, os contemplados no alvará perpetuo de successão de 12 de Dezembro de 1760, no qual ordenou Sua Magestade, que succedendo faltar o governador, ou por morte, ou por ausencia



dilatada do distrito, ou por outro qualquer acontecimento, succedessem, e entrassem no governo o bispo da diocese, e na sua falta o deão, o chanceller da relação, e o official de guerra de maior patente, ou que fôsse mais antigo, na igualdade d'ella; e que nas capitánias, onde não houvessem bispo, substituísse o seu lugar o ouvidor da comarca, entrando o vereador mais antigo; e que assim e da mesma sorte se executasse, onde não houvesse chanceller, entrando em seu lugar o ouvidor, e que na falta dos sobreditos nomeados succedesse aquelle, ou aquelles que os substituíssem nos ditos cargos. (Mappa n° 1)

(c) POLITICO.

Preside a elle o mesmo governador, a quem é subordinado o doutor ouvidor geral da capitania, cujo lugar creou o bacharel Lourenço Pereira da Costa, vencendo o ordenado de 600 $\mathbb{R}$  por anno, na conformidade da participação, que a este respeito dirigio Sua Magestade ao segundo governador, em carta firmada pela sua real mão de 30 de Junho de 1760.

Contam-se tres desde o dito bacharel até o ultimo doutor ouvidor geral, que foi o bacharel Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, do dezembargo de Sua Magestade, seu ouvidor geral com alçada no crime e no civil, auditor de gente de guerra, corregedor da comarca, provedor d'ella e dos defuntos e ausentes, capellas e residuos, juiz de India e Mina, e mais cargos annexos, de intendente geral da agricultura, commercio e manufacturas, etc.

Quanto ao expediente ordinario das justiças, depois que de missões, que eram as aldêas, passaram a villas e lugares, tanto os indios, como os moradores brancos adjacentes ás villas, principiaram a ser governados no temporal pelos seus juizes ordinarios, vereadores e mais officiaes de justiça; pertencendo ao doutor ouvidor conhecer dos aggravos e appellações. Os das aldêas independentes são governados pelos seus principaes debaixo da direcção dos directores.

*(d)* ECONOMICO DE CADA POVOAÇÃO.

Estam encarregadosd'elle, pelo que respeita aos interesses dos indios, os directores, que Sua Magestade foi servido approvar, que houvessem para a sua direcção, segundo o espirito, e a letra do citado directorio; pelo qual lhes competem as sextas partes de todos os generos cultivados, e colhidos pelos indios das suas respectivas povoações. O governador os nomeia para as que são do seu territorio, e lhes distribue as ordens necessarias.

O ouvidor, na qualidade de intendente, os informa, visita e corrige, quando é preciso; de sorte que ou seja por esta, ou pelas outras repartições em tudo o que não é do ordinario expediente da justiça, está subordinado ao governador. Assim o declarou o Exm. Sr. Fernando da Costa de Atahide Teive, em resposta que deu, na data de 5 de Março de 1772, á carta de 25 de Março de 1771, em que o Sr. Joaquim Tinoco Valente lhe pedio a solução de algumas duvidas sobre o conflicto de jurisdicção com o ouvidor, resolvendo S. Ex. o seguinte:

1.º Que a jurisdicção do ouvidor, como ouvidor, era inteiramente separada do governo, si bem que se não estendia além dos limites prescriptos aos ministros de igual graduação, das capitanias do Pará, Maranhão e Piahy.

2.º Que, como provedor da fazenda real, só podia duvidar as ordens do governador, mas não deixar de as cumprir, quando elle assim o mandasse, sem embargo da duvida; ficando então obrigado a dar conta ou a Sua Magestade ou ao general do estado. O que assim foi confirmado por S. Ex. em carta de 7 de Março de 1778, pela qual ordenou ao terceiro ouvidor geral, que todas as ordens, que determinassem despezas, se deviam registrar nos livros da provedoria, e não se fazerem as determinadas despezas sem a indispensavel intervenção de quem occupasse o logar de provedor da fazenda, por ser assim conforme ao regimento d'ella, e porque tambem era inquestionavel, que aos provedores competisse duvidar as despezas, sempre que reconhecessem motivo justo para o fazereim.

3.º Que ao ouvidor, como intendente, só competia fazer as visitas das povoações dos índios; devassar dos directores, promover a agricultura e as manufacturas; a bôa ordem, arriajamento e aceio das mesmas povoações no acto de visita, sem se intrometter a dar índios de serviço; promover ou remover directores; e emfim nenhuma cousa innovar sem consentimento do governador. (Suppl. letra C.).

## XXI

### População

Pelo que respeita aos brancos, depois que entraram a falecer alguns dos que por occasião da demarcação passada, se estabeleceram nas povoações d'este rio, e se não introduziram n'elle novas levas de gente, vai diminuindo o numero de moradores d'esta classe; si bem que a actual diligencia da nova demarcação alguns tem substituido, que ainda agora principiam. Porém ainda menos seriam, si a todos quantos tem pertendido e pertendem mudar de estabelecimento, não obstassem as ordens de Sua Magestade, sobre cuja observancia vigiam os governadores da capitania e os generaes do estado.

Em provisão do 1º de Julho de 1776 ordenou Sua Magestade a V. Ex., que informasse com o seu parecer o requerimento, que fez Manoel Rodrigues Calado, o qual, sendo morador d'esta, pertendia mudar-se para a outra capitania do Pará; e tendo V. Ex. informado, em informação de 8 de Novembro do dito anno, que, sendo o supplicante morador na capitania do Rio-Negro, para onde tinha ido voluntariamente servir a Sua Magestade em qualidade de pescador, ao tempo em que se tratavam as demarcações, e onde se havia casado a primeira vez com uma india, lhe não parecia ser interessante ao real serviço, que da dita capitania se retirasse o supplicante, por ser ella uma parte do estado, que ainda estava no seu principio, e por isso necessitava de povoadores brancos, que não só por aquelle continente augmentassem a

agricultura, mas tambem pudessem com mais possibilidade concorrer e ajudar a defesa d'aquelles dominios, que eram fronteiros aos de Espanha, não foi deferido como pretendia.

Pelo mappa n. 2, que é o do anno de 1786, consta o numero dos moradores brancos, que então existiam no Rio-Negro; bem entendido que n'elle vam incluidos os mamelucos seus filhos.

D'elle tambem consta o numero dos indios aldeados; o qual não deixa de ser diminuto, depois que cessaram os descimentos, e se multiplicaram as expedições.

Quanto aos pretos escravos, não é muito, que n'este rio não hajam quantos são precisos, quando igualmente os não ha na capitania do Pará.

De toda a somma de quasi 14.000 negros, que n'ella se introduziram pela junta da administração do commercio desde o anno de 1755, em que ella foi instituida, até o de 1778, em que foi abolida a maior parte, se deve ao zelo e á efficacia de instar, que n'esta materia applicou V. Ex., sendo-lhe ainda assim preciso muito geito e destreza para o conseguir. Em carta de 21 de Junho de 1775, recommendando V. Ex. ao provedor, e deputados da junta uma mais numerosa introdução de escravos, se explicou pelo theor seguinte:

« Torno a lembrar a Vossas Mercês, que a introdução annual de escravatura no porto d'esta cidade não deve por ora ser nunca menos de 1.500 cabeças; para que, determinando-se 500 ou 600 para a capitania do Mato-Grosso, possam n'esta ficar as mais, e abastarem-se assim de operarios estes moradores, afim de que se augmente, e se multiplique a lavoura em beneficio dos mesmos habitantes e da propria companhia; que de outro modo não poderia, nem poderá nunca fazer maiores avanços, faltando no estado os braços necessarios para o fabrico dos generos, que devem constituir as carregações da sua exportação.»

Que V. Ex. pedia muito, não poucas vezes se queixaram alguns d'aquelles deputados; porém elles certamente não tinham lido o que em 1775 escreveu Monsieur

Aublet, naturalista francez, na memoria que intitidou *Observations sur les negres esclaves\**

Porque discorrendo elle, como tinha de obrigação, sobre os pretos escravos, que haviam, não digo em um estado tão vasto como é o do Grão-Pará, mas sim e tam-sómente na parte da ilha de São-Domingos, que pertence á França; e calculando o numero dos que annualmente se deviam introduzir, n'ella escreveu, que os escravos se renovam todos os sete annos nas colonias, que não são sadias, e todos os dez annos ao mais tardar nas que o são; que o numero dos que morrem ao atravessarem o mar, é muito consideravel; que muito poucos ha d'estes infelizes, que cheguem a uma idade avançada, porque os trabalhos, o constrangimento, e a melancolia, lhes abreviam os dias; que assim uma colonia, como a parte da ilha de São-Domingos, que pertence á França, e onde ha perto de 200.000 escravos, necessita de 20.000 negros todos os annos.

## XXII

### Agricultura

E' proporcionada ao pequeno numero de braços, que se empregam n'ella. As margens do rio são muito proprias para a cultura do anil, do café e do tabaco. O anil é indisputavelmente o melhor que até ao presente se exporta do Brazil: contudo ha pouco tempo ainda que principia a prosperar similhante manufactura; porque, supposto que para o seu devido estabelecimento applicou o esforço que pôde o doutor ouvidor geral Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, a quem muito o recommendou

---

\* Les esclaves se renouvellent tous les sept ans dans les colonies mal saines, tous les dix au plus tard, dans les colonies les plus saines. Le nombre de ceux qui perissent dans la traversée est très considerable; enfin il y a très peu de ces malheureux qui parviennent à un âge avancé; les travaux, la contrainte, le chagrin abregent leurs jours. Ainsi une colonie, comme la partie de l'isle de Saint-Domingue, qui appartient à la France, et où il y a environ deux cents mille negres, a besoin de vingt mille nègres tous les années...



V. Ex., em carta de 9 de Setembro de 1773, como nem foram efficazes os auxilios, que lhes prestou o governador defuncto, nem o dito ministro se demorou tanto na capitania, quanto ella necessitava d'elle, quasi se frustrou o effeito d'aquella recommendação.

Assim como se frustaram em todos os estados os effeitos da provisão do conselho ultramarino de 30 de Março de 1680, da carta régia de 24 de Novembro de 1711, do alvará de 9 de Junho de 1764, do officio da secretaria de estado dos negocios ultramarinos de 1º de Outubro de 1722, do outro officio de 13 de Julho de 1773, do outro officio de 6 d'Agosto de 1774, do outro officio de 3 de Junho de 1777, da carta de instrucção de 9 de Setembro de 1773, expedida ao dito doutor ouvidor, da outra carta de 23 de Setembro de 1774, expedida aos governadores, officiaes das camaras, commandantes e directores das povoações, da outra carta de 25 de Fevereiro de 1777, dirigida ao governador da praça do Macapá e da outra carta circular de 17 de Março do mesmo anno, expedida ao doutor desembargador intendente geral; ao presidente e mais officiaes do senado da camara da cidade do Pará; e ao inspector geral da ilha grande de Joanes. Veja-se a participação V da primeira parte.

Não se frustrou porém o effeito da recommendação, que V. Ex., de ordem de Sua Magestade de 13 de Novembro de 1783, fez ao coronel Manoel da Gama Lobo d'Almada, em carta de 5 de Abril de 1784, a qual lhe expedia na qualidade de commandante geral da parte superior do Rio-Negro. E o que da referida ordem de Sua Magestade resultou por via das providencias, que V. Ex. quanto ás fabricas que mandou erigir pelos lavradores do distrito da parte inferior, e pela do sobredito coronel, quanto ás das povoações da parte superior, foi, que no fim do anno de 1785 se remetteram para a secretaria de estado dos negocios ultramarinos 13 arrobas e 9 libras de bom anil.

No seguinte anno de 1786 fôram 80 arrobas, e no de 1787 ha bem fundadas esperanças, que se hajam de remetter acima de 180 arrobas. Por portaria de 3 de Janeiro de 1786, expedida ao capitão provedor da demarcação

Antonio Coutinho d'Almeida, mandou V.Ex. pagal-o pela fazenda real á razão de 17000 a libra ; bem entendido que d'elle até ao presente não pagam os fabricantes nem o dizimo, nem os fretes.

### CAFE'

Todo elle é prestante, e quando o tratam como deve ser, e o tempo lhe corre bem, fiuctifica muito, e em particular pelas margens do rio. Porém tambem é genero, que ha pouco se introduzio na capitania, como recommendado que foi por V. Ex. ao mesmo doutor ouvidor geral, e em a mesma carta de recommendação do anil. Sei, que no anno de 1785 se exportaram para a cidade do Pará 1.200 arrobas, ficando dentro n'este rio as 100, que ordinariamente consomem os empregados na diligencia da demarcação, e tudo quanto bebem os moradores. Calcula-se em 1.500 arrobas a colheita dos annos mais abundantes.

E' de esperar, que avulte cada vez mais, porque todos tratam de o ir dispondo e cultivando. Nos dous ultimos annos de 1786 e 1787 cresceu muito em reputação, porque em casca, e dentro da mesma capitania, se tem pago a arroba aos lavradores pelos preços de 17800, 27000, 27200, 27400, até 27600.

### TABACO

Supposto que a maior parte do que se exporta em folha, não é de dentro do Rio-Negro, mas sim das villas de Serpa e de Silves, ambas situadas na margem septentrional do rio das Amazonas, e da de Borba na foz do rio da Madeira, comtudo algum se cultiva no dito rio, e tanto um como outro excedem na qualidade a todo o mais que se fabrica no estado.

Sei, que das referidas villas se tiraram, no anno de 1785, 1.165 arrobas e com as que se fabricaram em Borba e no Rio-Negro, póde-se reputar em 1.600 arrobas a

•

exportação total d'este genero. Ainda que Sua Magestade no § 25 do directorio, considerando que a sua cultura era tão util aos lavradores como a do algodão, a recomendou muito aos directores ; mandando propor aos indios não só as conveniencias, mas tambem as honras que lhes haviam de resultar d'este trabalho, á proporção das arrobas de tabaco com que cada um d'elles entrasse na casa da inspecção.

Comtudo depois de calculadas as quantidades, que se deveriam fabricar em beneficio tam-sómente do estado e sem desmancho na harmonia do commercio das outras colonias, fez dizer pelo Exm. Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, em officio expedido ao Exm. Sr. Manoel Bernardo de Mello Castro, na data de 16 de Junho de 1761, que, tendo-lhe sido presente a carta da mesa da inspecção da cidade do Pará, datada de 8 de Novembro do anno passado, em que referia e declarava alguns meios uteis a laborarem as manufacturas do assucar e do tabaco, era servido declarar, que, para o commercio e navegação d'este estado, eram improprios os generos do tabaco e assucar, porque tinham contra si os da Bahia e Pernambuco, estabelecidos com muito maior abundancia e reputação depois de muitos annos : pelo que ordenava, que se reduzissem os ditos dous generos a se fabricarem tam-sómente aquelles que fossem necessarios para o consumo e commercio interior dos rios e do estado.

Donde se segue, que, não devendo a capitania fabricar tabaco que sóbre para se navegar para o reino, deve comtudo fabricar o preciso para o consumo do estado em proveito d'ella e embolso das sommas, que custam ao mesmo estado as arrobas, que compra de fóra.

### ALGODÃO

Que se não cultive, e se não teça no Rio-Negro, onde as terras são decididamente proprias para a cultura dos tres generos, os quaes pela sua riqueza devem pagar o algodão, a mão de obra, e os fretes em que importar a exportação do Pará, póde-se bem pensar, que se casa com

algumas vistas mercantis e políticas ; porém que nem no Pará, e mormente nas terras do Macapá, se cultive, e manufacture o algodão preciso para os seus habitantes, e para os d'esta capitania, visto que a politica portugueza ainda até agora não prohibio nas colonias todo qualquer tecido d'este genero, de nenhuma sorte se casa com a propriedade d'aquellas terras.

As mesmas sem duvida que no anno de 1773 renderam 1.500 arrobas; no de 1774, 1.803; no de 1775, 3.251; no de 1776, 2.010 ; no de 1777, 2.350 ; no de 1778, 3.580, e no de 1779, 5.390, fôram as que no corrente anno de 1787, não tendo elle corrido mal para as lavou-  
ras, apenas renderam 914 arrobas de algodão descaroçado; o que prova bem a tibieza, com que se tratam as planta-  
ções d'este genero. Por outra parte o algodão, que se cultiva no estado, não é o de maior rendimento ; e o peor é, que, tendo-se já introduzido n'elle uma das boas sementes, nem por isso que a experiencia mostrou a differença do rendimento, se tratou d'ella com a preferencia que merecia.

Porque tendo Mr. Albanel de la Sablier, pela segunda vez que se dirigio de Caiena á cidade do Pará, aportado na villa de Chaves, na contra-costa da ilha grande de Joanes ; pela amizade que contrahio com José Corrêa de Lacerda, que ali tratava de algumas fazendas de gado, lhe communicou as sementes de algodão, que os Francezes cultivavam em Caiena ; dizendo-lhe que a differença, que aquelle tinha do nosso, consistia em que o seu, de uma arroba d'elle em caroço, rendia 24 libras em rama, quando o nosso não rendia mais do que 8. Cultivou-o o dito José Corrêa, e das sementes que ajuntou fez presente ao capitão de auxiliares João Henriques, o qual tambem o dispoz no seu quintal, e repartio por alguns dos seus amigos. De todos os que plantaram e cultivaram, nenhum deixou de tirar de uma arroba d'elle em caroço 24 libras em rama.

O que não obstante, baniram a sua cultura pela difficuldade (disseram elles), que experimentavam em o descarocar ao methodo ordinario dos descarocadores, que são uns dous cilindros de madeira, entre os quaes se quebrava a semente, por ser muito esponjosa, e maior do que as outras. Nenhum reflectio por tanto no que havia dito

o estrangeiro, que, para o descarogarem em Caiena, se usava de uma certa ordem de cardas, as quaes tinham os dentes mais largos, do que as que se destinavam para supprir o nosso methodo. Extranhando com razão, que em uma cidade policiada se preferisse para bater o algodão um methodo tão ruidoso.

Elle mesmo informou, que em Caiena, a ninguem era permittido fiar algodão para outra alguma manufactura, que não fosse a das meias, e ainda isso com a restricção seguinte, de para um par de meias se não fiar mais de uma quarta de peso: o que tam sómente se consentia para emprego das senhoras, porque nem para tecidos, nem ainda para as torcidas se fiava porção alguma. Bem sabe aquella nação, que na America, que é bem regida, se não devem empregar os braços em outra cousa mais do que em plantar e colher.

Outro abuso desacredita muito entre os estrangeiros a negociação d'esse pouco, que se exporta do Pará, sendo que a força de recommendações do ministerio é, que se tem conseguido essa mesma exportação, tão energicamente recommendada no officio de 3 de Junho de 1777.

Queixavam-se os commerciantes de Lisboa, que os da cidade do Pará, em prejuizo do commercio e descredito seu, deixavam ir entre o algodão ensacado alguns paus, trapos e pedras. Falsificação foi esta, que em outro tempo deu motivo á publicação do bando, que mandou lançar o Sr. Gomes Freire de Andrade, quando governava e residia no Maranhão, ordenando que toda a pessoa que comprasse ou mandasse comprar cousa alguma com novellos falsos de algodão (que era a moeda da terra), em cujos novellos se achassem páos, trapos, etc., ou si alguem os tivesse em casa, fôsse condemnado em tres mezes de cadeia, donde pagaria 20\$000, metade para a fazenda real e metade para o negociante. Cujo bando mandou Sua Magestade, que se guardasse como lei, pelo alvará de 2 de Março de 1688.

Deveriam portanto os lavradores (para me explicar na phrase do § 3 da carta, que ao Illm. e Exm. Sr. Martinho de Souza Albuquerque, quando estava a embarcar para o Pará, dirigiu Bernardo Clamonse em data de 17



de Julho de 1783) deveriam, diz elle, no acto de descarregar o algodão applicar todo o cuidado em separar o branco do ruivo, ou do que tivesse outra qualquer côr: deveriam no acto de o ensacarem evitar toda a fraude de introduzir nas sacas a arêa, os páos, os trapos; antes fazer conhecer que o algodão do interior das sacas não desmente as amostras exteriores; determinando uma marca propria, á eleição de S. Ex, em vista da qual pudessem os negociantes de Lisboa assegurar aos correspondentes do norte a igualdade do genero.

Deveria S. Ex. pela sua parte annunciar aos lavradores a intenção, em que estava, de animar este ramo do commercio, propondo-lhes os interesses, que lhes haviam resultar, e a attenção que promettia aos seus trabalhos; havendo de honral-os e distinguil-os, como mandar pôr nas suas sacas outra marca particular de S. Ex., depois que o lavrador ou quem tivesse ensacado o algodão, jurasse aos Santos Evangelhos, perante uma pessoa autorizada, que as ditas sacas não estavam viciadas; registando-se o nome da pessoa, a marca das sacas, e o navio do embarque, para a todo o tempo poder ser obrigada a responder pela differença que se lhes achasse e provasse. Do que por ora estão livres os lavradores do Rio-Negro, porque é genero este, que apenas cultivam e fiam para alguma rede.

## CACAO

Algun tempo mais se conserva nas terras da margem boreal do que nas da austral; porém em ambas ellas se entra logo a cobrir do lagartão, e a definhar-se de maneira que se vão desenganando d'elle os lavradores.

Tambem elle, ao dia de hoje, bem pouca conta lhe faz, porque, sendo muito o que se colhe dos cacaoes plantados nas terras da capitania do Pará, as quaes se tem visto, que são decididamente tão proprias para o cacáo como as do Rio-Negro para o anil e para o café, nenhuma necessidade tem de estragarem na cultura, e exportação de um genero de valor muito inferior aos seus, o tempo

e as forças precisas, para usufructuarem a propriedade dos seus terrenos.

O mesmo digo do arroz, que alem de requerer n'este rio maior cuidado, vendendo-se elle no Macapá á razão de 320 réis em casca, para compensar o valor de uma arroba de anil, á razão de 17000 a libra, são precisos 100 alqueires. Paguem-se os descasques, fretes, etc., e vêr-se-á a conta, que faz cultivar mais do que tam-sómente o preciso para o consumo da capitania. A maniba requer escolha e trabalho para render; porém o rio dá quanta basta e sobeja, para o sustento dos seus habitantes; o milho e o feijão são generos, que se cultivam á proporção do consummo que têm.

Para a tibiesa que noto nas lavouras, e para a decadencia geral, em que estam em ambas as capitancias, parece-me, que em summa concorrem as seguintes causas:

I. Indolencia dos naturaes.

II. Falta de braços, a qual tambem procede de muitas causas:

(a) de se não introduzir o preciso numero de pretos escravos, nem se distribuirem, como deve ser, os poucos que se introduzem,

(b) de se multiplicarem as expedições dos indios,

(c) de cessarem as diligencias dos descimentos,

(d) de succumbirem ás epidemias das bexigas, do sarampo, da corrupção etc.

III. Elevação dos Europêos, os quaes se despresam de trabalhar.

IV. Ignorancia dos bons methodos.

V. Movimentos militares.

VI. Hostilidade dos gentios.

VII. Abusos do negocio das drogas do sertão.

VIII. Multiplicidade dos generos.

IX. Manufacturas prejudiciaes.

X. Inutilidade dos intendentess letrados.

Tal é o meu methodo de discorrer ; como sei porém, que pelo ordinario se junta mais fé ao que dizem os velhos, que são praticos do paiz, ainda que seja o mesmo, e algumas vezes muito menos do que o que dizem os moços, quando estes observam por principios, renunciei de boa vontade ao direito, que me dá o exercicio da minha profissão, para n'estas materias produzir o meu juizo livre e independente. E querendo tam-sómente que em tudo prevalecesse o serviço de Sua Magestade e o bem publico, escrevi a Antonio Villela do Amaral, que é um dos mais habéis lavradores d'esta villa, a carta de 16 de Setembro de 1786, cuja cópia, N. B., vai junta á da resposta, que me deu em data de 20 de Abril do corrente anno de 1787.

### XXIII

#### Commercio

Não tem até agora prosperado tanto, quanto podia prosperar a agricultura do anil, do café e do tabaco, que são generos ricos e permanentes ; porque os poucos braços, que ha, se tem empregado na colheita das drogas do sertão, por onde andam distrahidos os índios a maior parte do anno, dependendo da riqueza precaria do mato ; sem se coadjuvarem os commerciantes dos calculos da arimethica mercantil e politica, que são a chave do commercio mais bem entendido entre os povos.

Os generos, que extrahem do mato para o seu commercio exterior, são :

(a) O breu da margem fronteira ao lugar de Airão a 640 rs. a arroba, depois de purificado.

(b) A salsa dos rios Padauri, Marauia, Canaburís, Uaupés e Içana a 57600 até 67000.

(c) O cacáo da foz do Rio-Branco, e de algumas serras das cabeceiras de outros rios collateraes. a 800 até 900 réis.

(d) O puxuri dos rios Urubaxi, Ajuaná, Ueneuixi, Xiuará e Içana, antigamente a 6<sup>7</sup>400, hoje em dia 3<sup>7</sup>200, aos quaes se podem ajuntar por via de commercio.

(e) O puxuri-mirim, ou fructo da arvore da casca preciosa, que se pagou já a 1<sup>5</sup>000 a libra e a mesma casca, porque ha as ditas arvores nas ilhas defronte de Maçarabí.

(f) O balsamo de umeri.

(g) A piassaba dos rios Mariá, Curicuriau, Ixié etc., além de algumas cascas de madeiras finas para moveis e peças curiosas, como são :

(h) A de muirá-pinima, das imediações do sobredito lugar de Airão.

(i) Muirá-piranga e pão rôxo, da parte superior do Rio-Negro.

(l) E pão amarello do Rio-Branco.

Tem muita copia do cipó chamado entre os indios uambécima, de cuja casca se tecem cordagens bem fortes para as embarcações. Ha pouco tempo, que se pediram pela secretaria d'estado, para porta-cartuxos, os gomos das tabocas mais grossas, de que ha prodigiosas quantidades. O titulo XXV explica as manufacturas, que prepararam os outros generos para o commercio.

Emquanto se não consideraram os prejuizos e enganos, que a experiencia foi mostrando, que procediam do valor fixo, que tinham os fructos no estado do Grão-Pará e Maranhão, vindo a correr por igual preço o bom e o mau sem dependencia de os beneficiarem para crescerem em reputação, além do grande embaraço e perniciosas consequencias, que produzia no commercio o curso dos fructos e mercancias, em lugar da moeda corrente, reputaram-se por moeda corrente no Pará e Rio-Negro o cacáo, e no Maranhão o algodão.

Pela publicação da lei de 13 de Setembro de 1748, foi Sua Magestade servido mandar cessar n'este estado o valor fixo dos generos, prohibindo que d'ella em diante se reputassem por moeda corrente, para o curso do commercio, dividas que se contrahissem, e todos quaesquer contractos que se celebrassem; introduzindo-se n'elle a moeda do ouro, prata e cobre, do mesmo valor e cunho da moeda

provincial do Brasil : esta é a que corre na capitania e as que ha de ouro, são de 1<sup>o</sup>, 2<sup>o</sup>, 4<sup>o</sup> réis. De prata são de 80, 160, 320, 600, 640 réis. De cobre são de 5, 10, 20 e 40 réis.

Importam-se-lhe pela capitania do Pará, entre os generos do estado, o panno de algodão, a sola, o arroz, o azeite de jandiroba, o sabão e a aguardente da terra. Tudo o mais são fazendas secas e molhadas do reino.

Sobre o risco e o avanço d'ellas, não ha até agora entre os particulares determinada postura, porque os negociantes, conforme a qualidade e a quantidade do genero, conforme a occasião e o consumo, assim as negociam com o lucro de 20, 30, 40, 50, até cento por cento sobre o seu valor e custo principal na cidade do Pará, tal qual é o pé em que se acham a agricultura e o commercio do Rio-Negro, ainda os seus dizimos não pagam as receitas em que importam as folhas ecclesiasticas, militar, civil e literaria de dentro do dito rio (Mappa n. 4).

Bem entendido que por via de disimo nem por todos os generos se paga de dez um, porque supposto que assim o ordenou, quando era bispo do Pará o Ex. e Reverendissimo Senhor D. Frei Miguel de Bulhões, na pastoral de 26 Março de 1754, na qual declarou, que o deviam pagar o cacao, o café, a salsa, o cravo, o assucar, o tabaco, o algodão, a mandioca, o milho, o arroz, os feijões, e todos os mais fructos e legumes, as pacovas, ananazes, laranjas, limões, melancias, e outros fructos cultivados; as couves, alfaces e todas as mais hortaliças; as gallinhas, patos, perús, e todas as mais criações, as tartarugas, toda a qualidade de peixe; o mel, o aseite de jandiroba, a cupahiba, o queijo, o leite e a manteiga.

Sendo-lhe comtudo representado pelos moradores, que, não havendo costume no bispado de pagar disimos do aseite, se persuadiam, que quanto a este genero só eram obrigados a pagar de vinte almudes um, attendido o trabalho que dava não só a colheita da castanha, mas tambem o fabrico d'elle; ou que aliás, a insistir S.Ex. em que satisfizessem de dez um, isto se entendesse a respeito dos alqueires de castanha, de que se fabricava o aseite, e não do aseite fabricado d'ella, resolveo S. Ex. depois de



ouvidos os vogaes da junta da fazenda dos aseites de jandiroba e jutahi, se devia pagar de 14 almudes um; dos de bacaba, patauá, castanha, carrapato e gerzelim, de onze um; e das manteigas de tartarugas e aseites de todas as qualidades de peixe de dez um.

Quanto ás farinhas de mandioca, ainda que tambem pertenderam os moradores das novas povoações conservar o costume das antigas, que pagam de 20 alqueires um, declarou na outra pastoral de 9 de Abril de 1759, que, não sendo da sua intenção alterar o que estava estabelecido nas povoações antigas, o alterava sómente nas que de novo mandára Sua Magestade erigir em villas e lugares; as quaes, segundo a natureza do dizimo, ou a decima parte de todos os bens, deviam pargar de dez alqueires um.

O mesmo prelado em outra pastoral da mesma data que a das farinhas, recordou o dizimo de toda a cal, telha, e tijolo, na fórma da constituição do bispado, cujas pastoraes mandou Sua Magestade recordar ao seu Exm. successor, em aviso da secretaria d'estado de 17 de Junho de 1761.

O modo porque se deve fazer o negocio do sertão em proveito dos indios das povoações, consta do § 51 do directorio e seguintes. N'elle se determina aos directores, que antes de se expedirem as canoas, recorram por petição ao governadar onde o ha ou ao general do estado, explicando o numero dos indios, de que se compoem as equipações; o que assim se executa: por conta das camaras nas povoações, que são villas, e pela dos principaes assistidos dos directores nas que o não são, corre a expedição das canoas, tendo a seu cargo o mandal-as preparar em tempo habil; provel-as dos mantimentos necessarios, e de tudo o mais que é preciso para poderem fazer viagem ao sertão, cujas despezas se lançam nos livros das mesmas camaras, com a condição porém de que ellas não podem tomar resolução alguma n'esta materia, sem primeiro a participarem aos seus respectivos directores.

Elles tambem devem vigiar, que as camaras, e os principaes só nomeiem para cabo das referidas canoas, aquellas pessoas que fôrem de conhecida fidelidade; e que,

feita que seja a sobredita nomeação, sejam logo chamados ás camaras os cabos nomeados, para assignarem termo de aceitação ; obrigando-se por suas pessoas e bens, não só a darem conta de toda a importancia, que receberem pertencente áquella expedição, mas também á satisfação de todo qualquer prejuizo, que por sua culpa, negligencia, ou descuido, houver no dito negocio.

Ora como sem embargo de todas estas cautelas, algumas vezes faltam os cabos áquellas condições, ou por que esquecidos da fidelidade, com que se deve tratar o commercio, compam aos indios particularmente os effeitos, ou porque os vendem aos moradores, antes de chegarem ás suas povoações, têm os directores ordem para logo na chegada das canôas, tirarem uma exacta informação n'esta materia ; e achando os cabos culpados, além de serem obrigados a satisfazer o prejuizo em dobro, para se distribuir entre os mesmos interessados, devem remettel-os presos ao governador do estado, para mandar proceder contra elles.

Si com effeito o commercio sae bem succedido, voltam as canôas em direitura ás povoações a que pertencem. N'ellas se faz logo um manifesto authenticico de toda a importancia da carga ; mandando o director lançar no livro do commercio com toda a distincção e claresa os generos de que ella consta. O que tudo se executa na presença dos officiaes da camara, e de todos os indios interessados.

Passam immediatamente a mandar extrahir duas guias em fôrma, de todas as parcelas, que se lançam no livro do commercio, para uma d'ellas ser entregue pelo cabo da canôa ao governador do estado, logo que chegar ao porto da cidade, com a carga dos effeitos, e a outra ao thesoureiro geral do commercio dos indios. Elle tem o cuidado de conferir primeiro as cargas com as mesmas guias ; de vender os generos que recebe, aos quaes deve dar a melhor reputação, que permittir a qualidade d'elles, o que não póde executar sem dar parte ao governador do estado.

De todo o dinheiro que liquidamente importa a venda dos sobreditos generos, manda o directorio ao dito thesoureiro pagar em primeiro logar os dizimos á fazenda

real ; em segundo as despesas que se fizeram na'quella expedição ; em terceiro a porção arbitrada ao cabo da canôa (que pelo tempo adiante se arbitrou na quinta parte) ; em quarto a sexta parte pertencente aos directores, distribuindo-se finalmente o remanescente em partes iguaes por todos os indios interessados. .

Succedeu porém, que, sendo o primeiro thezoureiro dos indios Antonio Rodrigues Martins, a quem havia nomeado n'este cargo o Illm. Exm. Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado sem lhe haver comtudo determinado estipendio algum, em attenção ao laborioso emprego que tinha, de receber as drogas do sertão, beneficiar as que eram de embarque, vender as que deviam consumir na terra, preparar as canôas que se dirigiam ao sertão, e comprar as fazendas que eram precisas para os indios, com todas estas forças instruiu o requerimento, que pôz na presença de S. Ex., pedindo-lhe que fôsse servido mandar determinar ao supplicante o estipendio de dez por cento, que deveria tirar de todo o recebimento, ficando elle obrigado a fazer por sua conta sómente a despeza de pagar a homens de intelligencia para o ajudarem, e a indios para lidarem com os generos, aos quaes pagaria o supplicante á sua custa, como tambem a despeza que se fizesse em os alugueis das casas precisas, dando-se-lhe estas de aposentadoria, no caso de não morarem n'ellas os proprios donos.

Por despacho de 23 de Outubro de 1757, mandou S. Ex. informar o sobredito requerimento pelo dezembargador provedor da fazenda real João Ignacio de Brito Abreu. E tendo elle informado na data de 24 do referido mez e anno, que, em attenção ao exposto, se não podia dar ao supplicante menos de seis por cento, n'esta conformidade lhe deferio S. Ex. por despacho de 14 de Dezembro do mesmo anno, concedendo-lhe os seis por cento, que informou o dito dezembargador em attenção ao grande trabalho e despesas que tinha, por causa d'aquella commissão.

N. B. I. Que a referida commissão se conta e se tira. depois de se abaterem o dizimo e o quinto dos cabos, e que do dinheiro das olarias e de outras producções, que

se remette das povoações á thezouraria, se contam e se tiram sómente tres por cento de commissão.

II. Que ha mais um escrivão da thezouraria, e um procurador dos indios, os quaes por desconto, que tambem se faz do producto dos negocios communs, vencem cada um por anno 60\$000.

III. Que a fôrma de se contarem os quintos aos cabos, e algumas das sextas partes aos directores, se regulou ultimamente pelo que V. Ex. dispôz na ordem expedida ao intendente geral do commercio do Pará em data de 15 de Novembro de 1779 e na mesma tambem participada ao governo d'esta capitania.

## XXIV

### Navegação

Navegam-se da cidade do Pará, para o Rio-Negro os generos mencionados no tit. xxiii, e d'este para aquella cidade os que constam do titulo xxii, além dos que devem constar do outro titulo xxv. A taboa adjunta n. 5 faz menção dos primeiros e segnuados fretes, que se lhe ordenaram. Os vasos para a sua navegação são canoas ou botes de meia coberta, depois que assim o ordenou V. Ex. no proscripto da carta circular que expediu aos directores da capitania do Grão-Pará, em data de 18 de Setembro de 1773, participada ao governador da capitania em aviso da mesma data para a fazer executar pelos directores d'ella.

O effeito da dita ordem foi evitarem-se as avarias dos generos, pelas alagações a que andavam muito arriscadas as canoas de pôço, em que até então se transportavam. Não foi este sómente o beneficio, que lhe deveram a agricultura, a navegação e o commercio. Deveram-lhe tambem a providencia que deo para a segurança d'ella ;

quando ordenou aos directores por portaria de 1º de Fevereiro de 1776, que tivessem sempre promptos de munições de boca e de guerra os botes de reserva, os quaes deviam existir nos portos das povoações.

Elles, segundo eu já escrevi na memoria que intitulei—Da Marinha interior do Estado, pela razão de estarem promptos para alguma subita emergencia do real serviço, como foi a da actual diligencia da demarcação de limites; ou para algum caso occorrente de invasão, em qualquer das duas capitánias, ou seja por estas ou tambem pela outra razão não menos attendivel, depois de terem sido feitos sem desembolso algum da real fazenda, e o que mais é sem a minima vexação das povoações, dão a V. Ex. um indisputavel direito á gratidão d'estes povos.

O tempo de serem expeditas pelos directores, para a cidade do Pará as canoas dos effeitos colhidos e cultidados pelos indios, foi expressamente determinado pelo Exm. Sr. Fernando da Costa d'Atahide Teive, no § 9 da carta circular de 3 de Outubro de 1769, a qual ordenou, que as canoas do commercio se achassem precisamente no porto da cidade com os effeitos que trouxessem, a tempo de se poderem beneficiar e embarcar; sahindo o cabo com elles, e com a guia competente (de cada uma das povoações) até 25 de Julho, si antes não poder ser.

O que assim foi recordado e confirmado no exordio da outra carta circular de 14 de Outubro de 1775, segundo n'elle se explicou V.Ex., que, tendo observado que a maior parte dos directores de ambas as capitánias se tinham animado á liberdade de expedirem para a cidade as canoas do transporte dos generos demasiadamente tarde, não só expondo-as a manifesto risco, no encontro da maior força dos ventos geraes (que ventam sempre pela proa), mas até faltando a execução da ordem de seu Exm. antecessor, os advertia sobre o cumprimento d'ella, para que das ditas povoações expedissem as canoas até 25 de Julho &.

Com effeito desde os fins de Agosto até aos de Dezembro ventam os geraes, que para a navegação d'agua



abaixo o menor mal que causam é o redardarem as viagens.

Em outra qualquer monção uma canôa grande de carga, sem ser ronceira, gasta desde a villa de Barcellos até á cidade do Pará 30 dias, e o mais tardar 35 até 40. Os botes ordinarios descem em 25 dias.

Porém pela mesma razão que para descerem as canôas obstem os geraes, para voltarem para cima as ajudam muito. Voltam, conforme ellas são, e vêm esquipadas e conforme o estado dos rios das Amazonas e Negro, com relação ás suas correntezas, em 45, 50, 60 dias e ás vezes mais.

## XXV

### Manufacturas

#### MANTEIGAS DAS BANHAS E DOS OVOS DAS TARTARUGAS

Sendo esta a que mais tem avultado entre todas as outras manufacturas, ella com tudo não é propria d'este rio, mas sim do dos Solimões, onde se fazem nas praias do Catalão, do Cuidajá, do Perequitu, do Manacapurú-incuy, do Camaleão, do Camara-purú-purú, as quaes se descobrem com a vasante do rio, pelos dous mezes de Novembro e Dezembro. Veja-se a memoria que intitulei « Das tartarugas do Estado », datada de 3 de Fevereiro de 1786.

Antes da prohibição do bando de 19 de Setembro de 1769, que o Sr. Joaquim Tinoco Valente mandou lançar na villa capital de Barcellos, algumas manteigas se faziam no Rio-Branco. Reflectio porém, que, sendo as tartarugas d'aquelle rio precisas para o sustento dos moradores d'este, elles tam-sómente arrastados de uma céga avareza com a factura das manteigas das banhas, desperdiçavam mais do que aproveitavam, porque todas as tartarugas morriam; porém nem todas davam banhas sufficientes, nem das que as davam, se aproveitava mais do que

as banhas; donde vinha a resultar, que infinitas d'ellas, cujas carnes se podiam aproveitar para o sustento, pelo contrario se lançavam ao rio depois de tiradas as banhas, visto que se não podia salgal-as, e no rio serviam de pasto aos jacarés, aos urubús, ás piranhas e ás pirarásas. E por todos estes motivos prohibio a viração das tartarugas d'aquelle rio, para as referidas manteigas; debaixo da pena de perderem o negocio que fizessem, valor do damno que cauzassem, e 307000 pagos, depois de seis mezes de cadeia pela primeira vez: pela segunda o dobro da pena pecuniaria, e um anno em ferros; incorrendo nas mesmas penas os directores que tal consentissem, e não dessem parte. O que não obstante, alguns potes d'ella se fazem furtivamente n'aquelle rio, e no outro chamado Uaracá.

Em carta de 24 de Outubro de 1772, expedida aos directores da capitania, ordenou, que para a factura das manteigas se expedissem os índios para os rios das Amazonas e dos Solimões pelo mez de Outubro para se recolherem ao mais tardar até 25 de Dezembro, porque de outra fôrma com este, e com o outro negocio das drogas do sertão, andavam sempre distrahidos das suas respectivas povoações, sem lhes restar tempo para o empregar na economia rustica e domestica, como deviam de obrigação ás suas familias.

A propina que desde o tempo da demarcação passada ficaram percebendo os governadores, de toda a manteiga de tartaruga precisa para as luzes domesticas de sua residencia, assim como a de quatro potes da dita por anno para cada sargento, a de seis para cada alferes ou tenente, a de doze para cada capitão, e o mesmo para cada um dos reverendos vigarios, geral e particular da villa, o qual percebia outros tantos para a alampada da matriz, a de outros doze para o doutor ouvidor geral e o mesmo para o almoxarife, para o escrivão da fazenda e para o cirurgião da capitania.

Todas estas propinas ordenou o Illm. e Exm. Sr. Joseph de Napoles Tello de Menezes, em carta de 25 de Setembro de 1781, expedida ao governo interino, que ficassem para o diante absolutamente suspendidas, na conformidade do que a este respeito havia representado á

junta do erario o doutor ouvidor Ribeiro de Sampaio, conservando-se unicamente a da manteiga precisa para a alampada da matriz, e para o aquartelamento da tropa da guarnição.

Ao mesmo doutor ouvidor geral, como provedor da real fazenda, tinha o governador ordenado em carta de 23 de Maio de 1777, que por conta d'ella se pagasse cada pote de manteiga pelo preço de 500 réis. Nem isso mesmo valem alguns, porque a que não está, ou mal depurada da agua, ou de proposito falsificada com ella, tem um cheiro e sabor, que a faz regeitar para o comer. Consiste o methodo de tirar das banhas a manteiga em as frigir simplesmente; si as fregem emquanto frescas, a manteiga é bôa para com ella se temperar a comida e frigir o peixe, não se lhe persente o cheiro, nem sabor máu: não assim quando, antes que as frijam, primeiro as deixam fermentar um pouco em ordem a fundir mais a manteiga, ella sae com o defeito de rançosa, e adquire logo um máu cheiro.

Tendo a actual diligencia da demarcação de limites, com as frequentes expedições dos indios, influido muito na carestia d'ellas, tem-se reputado cada pote na villa de Barcellos, em os dois ultimos annos de 1785 e 1786, a 800 até 1<sup>7</sup>000 réis, e na cidade do Pará a 2<sup>7</sup>, 2<sup>7</sup>600 até 3<sup>7</sup>200.

#### LOUÇA FABRICADA EM OLARIAS

Não ha mais do que quatro em todo o Rio-Negro, que são a do lugar annexo á fortaleza da barra, a qual, para ter em que trabalhar, recebe o barro que se manda buscar á margem opposta; e ainda assim já presentemente não trabalha, depois que se amiudaram as diligencias do real serviço.

A da villa de Moura, ainda que tem a gente para trabalhar, não trabalha mais do que tres mezes em cada anno; porque, estando ella situada em um pantanal, onde tambem está a casa do forno, uma e outra se alagam com a enchente do rio; tambem não tem barro á mão, e o director o manda buscar a Poiares, donde o transportam

os indios nas canôas do serviço ; e Poiares que tem o barro preciso, não tem olaria.

Assim se tem disposto (digo eu na participação IV da segunda parte) o trabalho de semelhantes manufacturas ; de sorte que onde ha os generos, não se applicam as mãos, ou porque não podem, ou porque não sabem, ou porque não querem, e onde ha o cuidado de as applicar, não ha os generos. Das duas olarias que houveram na villa de Barcellos, uma d'el-rei para as suas obras, e a outra da povoação, existe a segunda, que pouco ou nada trabalha, e a primeira apenas conserva a simples casa do forno. Ultimamente a da villa de Thomar fica arruinada de todo, e por isso necessita de a restabelecerem.

Em acordam da vereação da camara de 8 de Julho de 1772, se taxaram os preços, pelos quaes se deveria vender a louça fabricada na olaria de Barcellos, e foram os seguintes :

Quartas maiores bornidas, cada uma com sua aza .....	50 rs.
Ditas não sendo bornidas.....	40 »
Ditas menores bornidas.....	40 »
Ditas por bornir.....	30 »
Bilhas, não sendo bornidas.....	20 »
Alguidares grandes, cada um.....	50 »
Ditos pequenos.....	40 »
Bacias de barba bornidas, cada uma.....	30 »
Ditas por bornir.....	20 »
Bispotes grandes.....	40 »
Ditos pequenos.....	30 »
Ourinões, cada um.....	20 »
Tigellas para farinha.....	5 »
Fogareiros grandes.....	50 »
Ditos pequenos.....	40 »
Ditos mais pequenos de perfume.....	30 »
Luminarias, a duzia.....	40 »
Panellas grandes.....	40 »
Ditas menores.....	30 »
Ditas mais pequenas.....	20 »

Telha grande para canal, o milheiro . . . . .	47200 rs.
Tilo pequeno e comprido, o milheiro . . . . .	37000 »
Candeias . . . . .	20 »
Medidas de canada, cada uma . . . . .	25 »
Ditas de meia canada . . . . .	15 »
Ditas de quartilho . . . . .	10 »
Ditas de meio quartilho . . . . .	5 »

E sendo requerido pelo capitão-director Severino Eusebio de Matos, por parte dos índios interessados na olaria, que se taxassem os preços aos potes de cantareira, e ditos potinhos de manteiga, por se lhes não terem taxado, ao tempo em que se fez a primeira postura, taxaram-se com effeito em vereação de 26 de Abril de 1783.

Cada pote de cantareira com quatro azas e seu pucaro e testo em . . . . .	140 rs.
Dnos potinhos de manteiga, cada um em . . . . .	40 »

#### DITA FABRICADA Á MÃO

E' a de que usam as índias para o serviço de suas casas, como são as panellas chamadas igaçabas, algumas tigelas, alguidares, bilhas, etc., são feitas á mão, e cozidas debaixo de tijupares de lenha ou antes cascas de páos, escolhendo ellas para a dita louça o barro mais limpo de arêa; incorporando-lhe para não estalar, a cinza das cascas da arvore caraipê ou a cal dos cascos das tartarugas, ou o pó das escorias de ferro; e envernizando-a por dentro com a resina de jutaicica, para supprir o vidro.

Vêja-se a memoria d'este título, datada de 5 de Fevereiro de 1786.

#### REDES DE ALGODÃO E MAQUEIRAS

Sendo muito pouco o algodão que se cultivava, e por conseguinte o que se colhe, ainda até agora se não tem introduzido os descaroçadores para o descaroçar, e as rodas para o fiar. Donde se segue, que não ha um só tear de panno de algodão, e muito poucos são os das rêdes.



A maior parte d'ellas é feita de fios das folhas das palmeiras murutí, e dá-se-lhes nome de maqueiras. Fazem-nas os indios do distrito da parte superior, os quaes, quando descem á villa de Barcellos, as vendem a 160 rs. Alguns brancos mais curiosos as tecem a seu geito, pintando-as de varias côres, e ornando-as de pennas de aves, para as venderem a 4 $\frac{1}{2}$ , 6 $\frac{1}{2}$ , até 8 $\frac{1}{2}$ 000.

#### CUIAS E CHAPEOS DE PALHINHA

As indias do lugar do Carvoeiro são as que melhor as pintam, á imitação das que se fazem na villa de Monte-Alegre. Veja-se a memoria d'este titulo datada de 5 de Fevereiro de 1786.

Alguns indios da villa de Thomar, como tambem alguns prètos, escravos dos móradores da villa de Barcellos, tecem chapéos de palhinha pintada, porém inferiores na qualidade aos que tecem as indias das villas de Santarem, e Alter do Chão.

Veja-se a outra memoria da mesma data sobre as salvas, chapéos de palhinha pintada.

#### RALOS

Tambem os fazem os indios do distrito da parte superior, e usão d'elles para ralarem á mão a mandioca. Quebram em miudas lascas o quartzo das cachoeiras, a que chamam pedra de ralo. Embutem as ditas lascas em suas taboas, distribuindo o embutido em fórma de xadrez e o envernizam com o leite de sorva, corado com o tauá. De ambas as capitánias se fazem muitas encomendas d'elles; os indios os vendem por duas facas, ou valor d'ellas, que ali se reputa a 160 réis cada faca. Os directores os passam n'esterio a 640 réis. Na cidade do Pará se pagam a 1 $\frac{1}{2}$ 000 até 1 $\frac{1}{2}$ 600.

#### ANIL

Feculas vegetaes para a tinturaria do anil está dito o que basta no tit. XXII.

## URUCU'

Recomendou V. Ex. ao terceiro doutor ouvidor geral em carta, que lhe dirigio na data de 22 de Dezembro de 1775 pelo theor seguinte :

O urucú dando-se ahi bem, deve merecer a V. Mce. um igual disvelo em promover o seu estabelecimento, porque d'este genero se precisa muito nas fabricas do reino, chegando a reputar-se algum que na frota passada se remetteu até o preço de 1\$400. Porém é preciso, que, podendo-se lavar, os agricultores o fabriquem com perfeição, e sem o engano com que n'este estado ordinariamente se costumam falsificar todos os generos da sua producção. Donde resultou distribuir aquelle ministro pelos lavradores mais intelligentes o manuscripto intitulado — Observações sobre a cultura e fabrica do urucú — extracto da obra «Casa de Campo», para o uso de Caiena, por Monsieur Prefontaine.

Fabricaram-no com effeito alguns dos ditos lavradores, entre os quaes se distinguio o capitão de infantaria auxiliar Joseph Antonio Freire Evora, porém havendo cessado a assiduidade das encomendas d'elle, e tendo por outra parte diminuido em reputação, deixaram-se de o fabricar até hoje, que apenas fabricam as amostras que se lhes encomendam.

## CAÁ-PIRANGA

Foi a que fez o objecto da outra participação, que tambem V. Ex. dirigio ao provedor, e deputados da junta da companhia geral do commercio, em carta de 29 de Abril de 1776, que dizia assim :

Tendo eu aqui observado a bella côr rôxa, de que com as folhas de umas arvores chamadas caá-pirangas se tingem varios tecidos de algodão, e entrando no exame de ver, si se podia extrahir das ditas folhas algum deposito de tapioca, que reduzida á massa facilitasse o uso d'aquella tinta para as fabricas do reino, conseguio fazer apromptar a amostra do dito genero, que com as cópias das cartas dos sujeitos a quem incumbi

o referido exame, remetto a V. Mces., para que, servindo-se de mandarem examinal-a, se possa conhecer si é ou não genero que se deva fabricar, declarando-me V. Mces. em tal caso o preço que de cá poderá merecer.»

A resposta que se deu a V. Ex. em data de 23 de Julho do mesmo anno foi, que, não tendo cabido no tempo o fazerem-se as devidas experiencias, as quaes estimariam, que correspondessem ás suas estimaveis diligencias, de tudo o que em tal assumpto observassem, quando podesse ser, fariam a devida participação; até hoje se espera por ella, e por consequente cada morador fabrica a porção, que lhe basta para a tinturaria que se propõe.

#### CARAJURU'

Ao mesmo provedor e deputado dirigio V. Ex. outra participação, que consta de um dos paragraphos da carta de 14 de Novembro de 1777.

«Remetto a Vs. Mces. em uma caixinha a amostra de certa qualidade de tinta a que chama carajurú, produzida e fabricada na capitania do Rio-Negro; para que fazendo-a Vossas Mercês examinar, me digam, si ahi se lhe reconhece prestimo, e em tal caso a quanto aqui se poderá pagar».

Nada resultou de similhante participação, e por consequente o carajurú ficou sendo o que é; quero dizer, uma das amostras que ha da curiosidade dos indios, e tambem da de alguns lavradores.

#### GUARANÁ

Emquanto se não reconheceo a differença, que tinha o que era fabricado pelos indios do Rio-Negro, do que sempre fabricaram os gentios Magués, e emquanto para as repetidas encomendas, que da cidade do Pará se faziam d'elle, se pagou a libra a 17000, algum fabricavam os moradores. Vio-se afinal, que dentro em um anno apodrecia muito, e se cobria de vermes (o que não succede

ao dos Magués), e por outra parte diminuiu o seu consumo, de maneira que só se fabrica o que se encomenda.

#### MEL DE ENGENHO

Ouve-se falar n'elle tão a miudo que entender-se-á talvez, que esta é uma das grandes manufacturas. Examinando o caso está visto, que as maiores quantidades não passam de algumas frasqueiras d'elle, que os fabricantes vendem á razão de 320 rs. cada frasco para supprir a falta do assucar.

#### AGUARDENTE DE CANNA

Conseguiu finalmente o capitão de infantaria auxiliar Bento Joseph do Rego, morador do lugar de Poiares, a licença de erigir na sua roça um molinete de canna para fabricar algum mel, e tambem a aguardente da terra; aguardente que, tendo desde o seu principio influido na decadencia dos engenhos de assucar da capitania do Pará, e nas desordens originadas das crapulas entre os brancos e os indios das povoações, deu motivo á representação que áquelle respeito puzeram na real presença de Sua Magestade os officiaes da camara d'aquella cidade em data de 20 de Dezembro de 1705.

Donde se seguiu, que, tendo Sua Magestade mandado examinar as razões espendidas, fez baixar pelo seu conselho ultramarino a provisão de 18 de Setembro do seguinte anno de 1706, pela qual ordenou, que todo o senhor de engenho que fôsse comprehendido no crime de converter as cannas em aguardentes, pela primeira vez perdesse a safra, pela segunda além de a perder, seria condemnado em quatro mezes de cadeia, e pela terceira perdesse o engenho.

As mesmas desordens que via que ella causava n'esta villa o Exm. Snr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, quando aqui estabeleceu o seu arraial, para a diligencia da demarcação passada, deram motivo ao bando

de 15 de Agosto de 1755, ordenando n'elle S. Ex. que ninguem a vendesse, ou negociasse com ella, debaixo da pena de ser condemnado em 127000 e 30 dias de prisão.

Querendo Sua Magestade dar uma nova fórma ao estado, achou justo e conveniente reforçar, como reforçou nos §§ 40 e 41 do directorio, a prohibição do dito genero nas povoações, que mandou erigir em villas e lugares.

O que não obstante continuaram os abusos d'elle, de maneira que se vio o Sr. Joaquim Tinoco Valente na obrigação de mandar publicar o bando de 5 de Maio de 1768, ordenando que todo o que continuasse a introduzir o fosse condemnado em 307000 pagos, com seis mezes de prisão em ferros na fortaleza da Barra.

Reparou o doutor ouvidor Ribeiro de Sampaio, que o effeito d'esta tinha sido o mesmo, que o das outras prohibições, e desenganando-se com o governador, que não havia meio de efficazmente cohibir a introducção da aguardente; antes cohibida esta, se não podia cohibir a outra bebida do pajuarú, e a da aguardente dos beijús, em prejuizo das roças da maniba, cujas raizes se arrancavam, não para se fabricarem as farinhas, mas para se distilarem as aguardentes, e em carta de 5 de Junho de 1774 representou a V. Ex., que visto ser impossivel excluir absolutamente a introducção da aguardente, antes ficar servindo a exclusão da de canna, de introducção da outra dos beijús; e visto não ter a camara d'esta villa de que se assegurar um rendimento certo para as despesas publicas.

N'estes termos lhe parecia, que, fazendo V. Ex. da necessidade virtude, concedesse a licença precisa, não para n'esta capitania se levantar molinote algum, mas para se estabelecer em contracto a venda da aguardente, que se lhe introduzisse; que foi o que V. Ex. consentio debaixo das condições declaradas na resposta de 27 de Setembro do dito anno.

Porém nunca deixando de se resentir da introducção de um genero, o qual (segundo V. Ex. se explicou no ultimo paragrapho da conta expedida á Sua Magestade pelo seu conselho ultramarino em data de 25 de Janeiro de 1780) occupando no estado um avultado numero de pessoas, faz



com que estas venham a faltar para a lavoura mais util, e de exportação mais interessante aos povos do reino. Quando assim mesmo a elles lhe seria igualmente util aquella providencia, para que menores porções que das ditas aguardentes, aqui se fabricassem, viesse a ser maior o consumo das do reino, etc.

E' indisputavel, quanto a mim, que para o adiantamento das lavouras uteis á capitania, tanto mais se deve vigorar a prohibição não digo das aguardentes fabricadas no Pará, mas sim dos molinotes aqui erigidos para a fabrica d'ellas, quanto maior é o perigo que corre a mesma capitania de com a manufactura de um genero prejudicial, enfraquecer e agricultura d'aquelles que para si, para o estado, e para todo o seu commercio interior e exterior, são da primeira necessidade e reputação. Porque não havendo o genero, que não digo n'esta, mas que em ambas as capitancias, tenha uma tão facil, tão prompta, e tão repetida sahida, como a referida aguardente, não ha tambem genero, que mais conta faça ao lavrador, o cultival-o e fabrical-o do que aquelle que fabricado que seja, talvez que em sua propria casa, sem despeza alguma de frete, e sem o risco da conducção, lhe compensa o seu trabalho.

Supponha-se agora, o que é verdade (digo eu na nota n. 2 e um dos paragraphos da participação 2<sup>a</sup> da 2<sup>a</sup> parte), que não são muitos os braços a empregar.

Seguir-se-á, que o anil, o café, o algodão, o tabaco e os mais generos ricos e precisos para o seu commercio interior e exterior, diminuir-se-ão á proporção da gente empregada na cultura tam-sómente da canna, e nos lam-biques das aguardentes.

Sem embargo do exposto fica introduzido na capitania o primeiro molinote para ellas. E o juiz ouvidor interino, que então servia, não só se não explicou áquelle respeito como se deveria explicar na qualidade de intendente, mas em tempo de audiencia e correição, que fez aos 18 de Novembro de 1785, deixou o provimento seguinte: Que atterdida a razão de dever o dito fabricante pagar á camara 67000 por anno, e 160 réis por cada frasqueira á fazenda real, venderia cada uma d'ellas a 47320 e a 360 réis cada frasco.

N. B.—Que ainda que no rio dos Solimões se perdeu a manufactura das tapoeiranas (que eram uns tecidos de algodão de diferentes matizes, fabricados pelos Cambebas), algum passo tem V. Ex. principiado a dar para o seu restabelecimento. Porque tendo o commandante de Borba mandado vir á sua presença os cinco indios espanhóis que desertaram, segundo elles disseram, da povoação de Sant'Anna da provincia de Santa Cruz de la Sierra, dominios de Espanha confinantes com a capitania do Mato-Grosso, aos quaes prenderam os cabos das canôas, que andavam ao negocio das manteigas de tartaruga, dentro do rio da Madeira, e tendo V. Ex. reparado no tecido de que eram feitas as suas camisetas, em carta de 25 de Janeiro do corrente anno, recommendou aquelle commandante, que visto que elles sabiam tecer aquelles pannos de que vinham vestidos, bom seria estabelecer-lhes alguns teares, e comprando-lhes o algodão, faze-los trabalhar na qualidade de tecidos, que parecesse, que poderiam ter melhor sahida, em ordem a que assim se podessem vender, depois de descontado no preço o custo do algodão. Com a participação de 22 de Abril remetteo aquelle commandante uma amostra de panno de algodão, e uma liga tecida por elles. Pelo que em resposta de 16 de Maio lhe significou V. Ex. a satisfação, que d'isso tinha.

Parece-me comtudo, que esta é uma d'aquellas manufacturas, que, devendo por muitas razões entreter os braços que ha no reino, não deve distrahir os poucos que ha no estado, e apenas bastam para as suas pequenas plantações e colheitas.

E' verdade, que em outro tempo se pensou de outra sorte, porque pelos avisos expedidos de ordem de Sua Magestade, pelo Exm. secretario de estado Marco Antonio de Azevedo Coutinho, aos vice-reis da India e do Brazil, e ao capitão general do estado do Grão-Pará e Maranhão, na data de 21 de Março de 1750 se determinou: Que da península da India se conseguissem algumas familias de tecelões e pintores, para debaixo das condições, com que se contratassem, se transportarem e estabelecerem n'este estado, afim de n'elle manufacturarem

chitas, e outras drogas de algodão, transportando os teares, rodas e engenhos de o descarregar, e todos os mais instrumentos necessarios para o completo exercicio das suas profissões; como tambem os simplicies de que se preparavão as tintas, principalmente a raiz de ruinaç, etc., etc.

Porém d'esta determinação eu já disse, que não foi a mais bem entendida pelos que a insinuaram á Sua Magestade; visto que o de que importa tratar, é de recolher tam-sómente o maior numero de producções, que rendem as conquistas, reservando para os braços do reino o manufacturar todas aquellas que para elle se podem transportar.

D'este modo pagaram as conquistas tanto a mão da obra, como os fretes das importações; e á custa d'ellas entretiveram, e augmentaram os Europeos a navegação do Brazil; o que não succederá assim, a poderem ellas manufactural-as: porque reforçal-as-ão em dinheiro, e em industria por uma parte as importantes sommas, em que devem importar os generos, e por outra a mão de obra: o que indicaria bem cedo uma notavel differença na balança do commercio, vindo este a ser passivo para aquelles que o deveriam fazer activo.

Tambem é verdade, que, pela carta régia de 30 de Maio de 1756, foi Sua Magestade servido crear o logar de intendente geral da agricultura do commercio e das manufacturas do estado do Grão-Pará: porém quanto ás manufacturas, eu sempre fui de parecer, que se não deviam entender tão ao pé da letra; e que as de que se devia supôr encarregado eram as d'aquelles generos tam-sómente como o anil e o urucú, os quaes em genero se não podem transportar para o reino, para lá se manufacturarem, como se podem transportar o algodão e outros muitos. Ora d'este modo não discorreram certamente os que em outro tempo estabeleceram e procuraram promover as salinas na costa do Pará, sendo genero aquelle, que bastava que houvesse tanto quanto lá no reino para com elles se não distrahirem os braços, que aliás se precisam, para de cá se tirarem os que lá não ha.

Emfim onde não ha gente, que baste para as lavouras

do paiz que hão-de constituir a força das suas exportações, nenhuma se deve distrahir para as manufacturas, que se lhe devem introduzir pela metropole.

## XXVI

### Clima

Pelo character dos naturaes ; pela sua côr e phisionomia ; pelas suas vozes, e outros viziveis effeitos da influencia do clima, pôde-se logo ajuizar das qualidades do céu, e do terreno em que vivem. A côr em quasi todos é macilenta, as vozes debeis e desentoadas, e todos elles ociosos, e negligentes. O que faz concluir, que este nenhuma differença tem para menos do que se experimenta nos climas das outras colonias portuguezas, que, estando situadas entre os tropicos, são cortadas por caudelosissimos rios, cobertos de altissimos arvoredos.

Todo o anno se divide em duas estações, que são o verão e o inverno : este consiste em chuvas abundantissimas, aquelle em calores excessivos : em um só dia se experimentam ambas ellas sem raridade. Geralmente as manhans, e as tardes depois do sol posto são frias como as noites, e os orvalhos abundantissimos : o resto do dia é ardente ; donde se vê, que um similhante paiz deve ser extremamente humido, não só pelas chuvas de seis mezes continuos em cada anno, mas tambem por ser todo elle cortado de infinitos rios, em cujas bocas e margens estão situadas as povoações. Os calores depois das nove horas da manhan, até ás quatro da tarde são insuportaveis, de maneira que se não pôde sahir fóra de casa. Com esta alternativa de calor e de humidade se gera na atmosphera uma tal podridão, que os vestidos e os papeis fechados apodrecem ; os metaes se enferrujam ; os couros se cobrem de bolor, esgretam, e se arruinam ; o vinho, por pouco tempo que o deixem exposto ao ar, se derranca,

e se avinagra; a polvora, o sabão, o sal e todas as mais esponjas da humidade a attraem e se disfazem, e tudo padece alteração.

Ordinariamente o calor mais sensivel do que costuma ser, annuncia as trovoadas: emquanto pendem as nuvens sem se desatarem em agua, fica tão abafada a atmospherá, que mal se pôde supportar no corpo a mesma camisa; então as primeiras pingas d'agua que caem são grossas; a terra entra a evaporar de si, um cheiro terreo, e embebe, ou conserva mais ou menos tempo a agua, segundo a sua qualidade e posição.

De repente refresca a atmospherá, e ás vezes tanto que é preciso cobrir-se a gente mais do que o ordinario; de sorte que nada é tão perigoso como esta subita transição de um para outro estado. Porque com o excessivo calor que precede as trovoadas, estão rarefeitos os corpos e promovida n'elles uma copiosa transpiração: o vento humido que as acompanha, encontrando-os mal cobertos, os constipa e occasiona n'elles as constipações, as defluxões e as hemieraneas, etc. Bem poucos são os novilunios que não são aquosos e por conseguinte defluxionarios, particularmente quando vêm acompanhados de frios irregulares.

Mal se poderia viver pelos mezes de verão, si não fôsses os ventos geraes, que reinam desde os fins de Agosto até os de Dezembro.

Parece, que em circumstancias taes, pedindo algumas razões de estado, que se estabeleçam as povoações sobre as margens dos rios, onde os bosques são espessos, os arvoredos altos, e as terras baixas, dever-se-ia no intuito de evitar um ar soffocado, os bichornos, e muitas doenças mortaes, supprir e emendar com a arte os defeitos da natureza.

A arte é que ensina, que n'estes sitios humidos, aquosos e alagados, seria necessario viver em casas altas antes no segundo e terceiro andar, do que no primeiro. A arte é a que ensina, que se deveria evitar a morada de casas terreas e lageadas de pedra, ou de tijolo, sem serem assobradadas, ou terem fundamento algum, ou de ossos calcinados, ou de pó de carrão, ou de arêa enxuta.



A arte finalmente é a que ensina, que as varandas devem ser espaçosas, as janelas rasgadas e umas e outras voltadas para os ventos mais sadios que discutem o ar, varrem as atmospheras particulares e conservam as vidas das habitantes por tempo mais dilatado.

Sem embargo do que ensina a arte, nem as povoações têm sido até agora fundadas, nem as casas dos moradores edificadas segundo as regras da architectura medica e politica applicavel ao paiz. O commum de todas ellas é serem terreas; as que não são totalmente, são quasi terreas, porque supposto que os pavimentos d'ellas algum tanto se levantam sobre o nivel da terra, poucas são assoalhadas, todas são construidas pela maneira seguinte: levantam-se os esteios, que são de madeiras mais fortes e duraveis, cujas extremidades se fincam na terra, com a cautela, quando muito, de as tostarem, e não aguçarem. Em vez de pregarem os caibros, que lhes atravessam para fazerem o engradamento, atam-os com os cipós ou do uambé, ou do timbó-titica, e sem adubarem o tijuco, nem muitas vezes fazem uso da colhér, mesmo á mão vão emboçando o frontal. Para resguardarem das chuvas o logar immediato aos alicerces que elles não têm, guarnecem-o de uma sapata de pedra e cal, quando a ha, revestida de tijolo.

Serve esta prevenção de impedir, que logo se entrem a cercear os esteios á flôr da terra, como succede aos que não são guarnecidos. Muito poucas são as casas cobertas de telhas, e o commum das que o são, é serem de telha van. Ordinariamente as cobrem de palha de obim, que não dura mais do que quatro annos.

Sendo a terra tão humida como é, vê-se bem quão pequeno é o cuidado, que a estes povos merece a conservação da sua saude; porque em vez de levantarem da terra os pavimentos dos edificios, e tratarem de dissipar d'elles a humidade que os persegue, rasgando nas paredes exteriores da casas um sufficiente numero de portas e de janelas que as arejem, e dando-lhes em justa proporção o pé direito que lhes compete, pelo contrario as fazem baixas e rente com a terra, ajudando a encarcerar mais o ar as chamadas gurupemas de um tecido de palha

demasiadamente miudo, que servem de catavento, não sei si diga que ás vigias e frestas da casa, si ás janelas que se praticam.

Por outra parte não sei o que em simlihanete artigo emendaram, ou innovaram os engenheiros da demarcação passada, porque, tendo elles sido consultados para as fundações das nossas povoações e tendo com effeito dado algumas plantas para casas e edificios, dever-se-ia esperar d'elles, não menos do que a applicação e concordia dos principios da medicina politica com os da architectura civil e militar. Porém para qualquer parte que se lance a vista não se descobre um só indício, que mostre, que simillhentes architectos fizessem caso algum da physica geral na pratica das suas artes.

De algumas observações physicas que se têm feito, concernentes ao titulo em que estou, não deixarei de dar aqui os resultados geraes; tendo ellas sido de differentes classes, como se vê da epigraphe de cada uma d'ellas.

#### MAGNETICAS

São as que dizem respeito ás variações da agulha, segundo os differentes tempos e lugares, em que se ellas têm observado dentro n'este rio. Em viagem que de ordem de V. Ex. fizeram para o quartel da villa da Ega os dous Drs. astrônomos Joseph Simões de Carvalho e Joseph Joaquim Victorio da Costa no anno de 1780, observaram e participaram a V. Ex., que a declinação da agulha magnetica na fortaleza da Barra mostrou ser de

$$6, \frac{05}{6} \text{ NE}$$

Por occasião da primeira viagem, que tambem de ordem de S. Ex. fez o Dr. astrônomo Francisco Joseph de Lacerda Almeida á parte superior do Rio-Negro no seguinte anno de 1781, observou e participou o que consta do seguinte extracto:

## Variações NE

Barcellos.....	7°, 19'
Lamalonga.....	8°, 30'
São-Gabriel.....	13°, 00'

## THERMOMETRICAS

De ordinario ás 6 horas da manhan..	20°	} é o ordi- nario em todo o anno.
» » 9 » » » ...	22°	
» » 12 » » » ...	24°	
Nos dias de maiores trovoadas antes d'ella sobre o mercurio, até....	25°	

Passada ella, torna ao seu estado commum em todo o anno, segundo a hora a que sobrevem. Porém ainda se não vio descer para baixo de 19° até 18  $\frac{1}{2}$ °.

## ELECTRICAS

Ambos os phenomenos tenho visto, quanto aos raios, serem expedidos da terra para as nuvens e d'aquella para estas. Nem tão perto quizera eu ter observado os effeitos de dous d'elles. No quintal das casas de residencia da villa do Monte-Alegre, onde me eu achava pelo mez de Novembro do anno de 1784, tinha visto cahir um raio, que sem fazer outro algum damno mais do que arrastar pelo chão uma criança, que se entretinha com uma ovelha, matou a ovelha e deixou a criança. Porém este me não assustou tanto como os dous que vou a referir.

*Primeiro*

Estavamos todos juntos na casa de fóra do quartel do coronel commandante geral da parte superior do Rio-Negro, na manhan de 17 de Outubro de 1785, em que eu fazia tenção de sahir da fortaleza de São-Gabriel da Cachoeira, e seguir viagem rio acima, quando entrou a toldar-se o céu, e principiaram a cahir suas gôtas de agua. Conservamos-nos emquanto ellas passavam, quando vimos

claramente descer o fogo electrico, e ao entrar na distancia de 10 passos pela pedreira, sobre que estava fundado o quartel no cume da collina, estourar com um tão grande estrondo como faria uma bomba. Levantaram-se pelo ar, e voaram em redomoinho algumas das palhas, que cobriam a casa da cozinha, que nos estava fronteira, e diffundio-se um cheiro de enxofre.

Dos que estavam mais perto do lugar, onde cahio o raio, só eu e o porta-bandeira Leonardo José Ferreira sentiamos pelo dia inteiro o lado direito adormecido: todos os mais experimentaram sómente o susto. Uma arara, que não distava dous passos, nem deu signal algum de o haver sentido; uma perua, que ainda estava mais perto, sim cahio assombrada e convulsa, mas pouco depois se levantou pelo beneficio d'agua que lhe deitaram sobre a cabeça; e os que estavam mas longe d'elle, foram os que mais o sentiram. O preto cozinheiro do coronel, que estava dentro na casa da cozinha, tirando o pão do forno, foi levado de encontro a uma das paredes; a india Perpetua, que estava na varanda posterior, e o creado particular, dentro de uma das casas interiores, cahiram por terra. Um dos esteios fronteiros da porta da casa da cozinha foi rachado de alto a baixo.

Tão perigosas são as habitações, que ficam no cume das collinas muito vizinhas ás nuvens, quando ellas relativamente á terra, se acham por excesso preñhes de fogo electrico!

### *Segundo*

Pelas 7 horas da noite de 24 de Março do corrente anno, tendo eu a honra de estar com V. Ex. no gabinete do palacio da sua residencia n'esta villa, cahio um raio sobre a cruz do frontespicio da igreja parochial, que está unida ao palacio e dista do gabinete, em que estavam, não mais do que o intervallo de quatro janellas. Levou uma lasca da cruz, que era de madeira, quebrou as almofadas das portas das janellas do frontespicio e fundio toda a sua ferragem.

Atravessou a parede, que se andava reparando, e tambem fundio uma macha-femea da porta principal da

igreja, lançou por terra todas as armas, que estavam no cabide do corpo da guarda; porém não offendeu pessoa alguma.

Pelas oito horas da noite de 27 de Junho de 1785, recolhendo-nos para nossas casas, o Dr. astrónomo Joseph Simões de Carvalho e eu observamos no céu para o poente uma porção de luz, que tinha a figura de uma demi-elipse, inclinando-se o seu eixo maior algum tanto para o sul.

(a) O seu eixo menor apparente, que passava no horizonte, era sensivelmente muito menor a respeito do eixo maior.

(b) A extremidade superior do eixo maior, ou o apice da demi-elipse, passava pela constelação de Leão, cobrindo a estrella Regulus, que se achava pela altura de  $45^{\circ}$  sobre o horizonte.

(c) Esta luz se deixou vêr mais dias, e já no anno antecedente a tinha observado o mesmo Dr. astrónomo no rio dos Solimões; e como o seu apice superior se ia occultando no horizonte, á proporção que se baixava da altura, em que se via, pareceu ser a mesma que em outras partes se tem observado e distinguido com o nome de luz zodiacal.

Pelas cinco horas e um quarto da madrugada de 25 de Julho tambem do corrente anno, estando o céu limpo e o ar sereno, se vio bem perto da terra atravessar do nascente para o poente uma exhalção na figura de um globo de fogo azulado, do tamanho que representa a lua cheia, com uma cauda tambem ignea, porém menos azulada, a qual, depois de passados, quando muito, dous minutos que desapareceu, fez sentir um estrondo igual ao de uma peça de artilharia; e passados mais outro minuto repetio segundo, porém menor do que o primeiro; e ambos soaram ao longe de maneira que pareceu, que estourou na distancia de algumas legoas.



## XXVII

## Dietética

Não deixa de reflectir bem quem reflecte, que, não havendo n'este rio de que adquirir indigestões, mormente durante o inverno, não ha que receiar por esta parte as enfermidades, que se originam d'ellas.

Com effeito da pesca é, que em todo o anno se vive, e esta ou é de peixe, ou de tartarugas. Só pela vasante se tira a maior copia de peixe fresco; e este ou o tiram das tapagens, ou o pescam á linha, ou o frecham, porque os moradores não usam de redes. Então com alguma fartura mais se vive; porque para as mesas delicadas se pescam a pescada, o mandubí, o mapará, e o uçará, e para a gente de trabalho os surubins, tucunarés, as raias, as piráraras, pirauibas, piraucucus, peixe-bois, e outros peixes, ou animaes aquaticos selvagens, que se pescam, ou harpoam em quantidade, quando se lhe faz a diligencia.

Porém toda esta fartura não dura mais do que o tempo que consta do titulo ix, onde fica dito, que o rio principia commummente a encher pelo mez de Fevereiro e a vasar pelo de Julho. E' certo, que tambem de inverno se tira algum peixe fresco; porém é tam-sómente o pouco que cae nos cacuris e nas tapagens, porque, retirando-se o peixe para dentro dos lagos, internados pelas margens onde acha o sustento preciso, não sae quanto basta para ser frechado ou pescado; supprime então o salgado, si é que tem havido a providencia de o mandar salgar pelo verão: mas esta salga ordinaria é tão mal feita, já porque se não expreme ao peixe toda a substancia oleosa, e já porque se lhe dá o sal com mão escassa, que do que se salga em particular, para o sustento dos indios e pretos de trabalho, procede a maior parte das desinterias e outras enfermidades de podridão. Com um alqueire de sal moido, não salgam menos de 20 arrobas de peixe.

O piraurucú bem salgado e seco é o bacalhão do estado; assim como o peixe-boi de moura imita o atum do reino. Veja-se a memoria sobre o piraurucú de 30 de Abril de 1787.

A tartaruga e a vaca quotidiana das mesas portuguezas. Come-se a sua carne cozida, assada, frita, e ensopada, e da mesma fórma os seus ovos; segundo consta da memoria d'este titulo datada de 3 de Fevereiro de 1786.

Sendo as tartarugas do Rio-Negro muito melhores que as dos outros rios, são também muito raras: das que se pescam nos pesqueiros dos rios dos Solimões e das Amazonas, sustenta-se a tropa da guarnição da capital; os indios empregados no serviço e os habitantes que os mandam pescar em alguns dos ditos rios; o estado em que ellas se acham, a distancia donde vem o modo de as transportar, e a occasião, tudo isto influe em morrer grande parte d'ellas, antes e depois de entrarem para os curraes, que são uns lagos artificiaes, em que as conservam.

De 2.896 tartarugas, que entraram no anno de 1785 para o curral da capitania, morreram 1.600, que se não aproveitaram. No de 1784, entraram 2.710 e morreram 1217. No de 1783, entraram 2.892 e morreram 833. Em uma palavra, das 53.468 tartarugas, que desde o anno de 1780 até o de 1785 entraram em ambos os curraes da demarcação e da capitania, aproveitaram-se tam-sómente 36.007, e morreram 17.461.

Ora tendo o Sr. Joaquim Tinoco Valente ordenado em carta que dirigio ao terceiro ouvidor geral na data de 23 de Maio de 1777, que para o sustento da tropa se pagasse cada tartaruga grande a 160 rs. e as pequenas a 100 rs., segundo a V. Ex. representou o mesmo ouvidor, quando achou lesivos semelhantes preços, propondo que a 200 rs. se pagassem as grandes e a 160 rs. as pequenas.

E tendo V. Ex. approvado e mandado executar aquelle arbitrio, em carta de 12 de Fevereiro de 1780, fica sendo facil de calcular o preço, em que, supposta a dita mortandade, vieram importar as que se aproveitaram. Porém estes calculos estão feitos em toda a sua extensão;

e o conhecimento que d'elles tem resultado é, que calculadas as despesas em que montam os concertos das canoas da condução, a conservação das casas dos pescadores, os preparos e atavios de anzóis, linhas, harpões, flexas, pólvora, chumbo e ferragens, os jornaes, e o sustento dos índios pescadores, e conductores, cada tartaruga que escapa, não vem a importar em menos do que 400 rs.; contudo quando não ha tartaruga, custa muito a passar, mórmente a quem tem familia: é certo que para simillhantes casos, cada um trata de reservar as suas criações de porcos, gallinhas, patos, perús, etc. Porém esta providencia encontra outra difficuldade e vem a ser a da falta de sustento para ellas.

O que eu creio, que certamente procede de não termos n'esta parte imitado aos Espanhões, nossos vizinhos: elles têm assentado, que da introdução dos gados vacum e cavallar depende a permanencia dos seus estabelecimentos. E sem duvida que um é o modo de conquistar e outro o de conservar: n'esta segunda parte nós outros não somos os modelos, visto que em ambas aquellas operações tocamos os extremos, porque o que conquistamos com excessivo calor, conservamos com excessivo frio.

O que necessariamente assim deve succeder aos corpos monstruosos em grandeza; porque distando muito das extremidades, o coração que é a fonte da vida, quando a ellas chega o sangue, que as deve animar, tanto pela sua menor cópia, como pela sua distancia ao coração, circula muito lentamente; e daqui, ao menor gráo de frio, procedem, segundo os temperamentos, estas friezas politicas, que tanto dispoem para a gangrena as extremidades dos grandes corpos.

Quem deixará de ouvir com assombro, que em todo o Rio-Negro portuguez não ha ao dia de hoje 400 cabeças de gado vacum? Deixemos o Rio-Negro para entrarmos no Rio-Branco, que é um dos seus confluentes, e veremos que nem por falta de informações, nem de ordens que se lhe seguiram, está ainda por se introduzir o gado nas suas vastas e férteis campinas.

O primeiro que informou d'ellas por escripto, supposto que pelo que ouviu aos que as viram, foi o doutor

ouvidor geral Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio na sua « Relação-Geographico-Historica » do Rio-Branco da America Portugueza, escripta no anno de 1777, onde se explicou assim :

« Deve-se notar antes de tudo, que á extensão dos campos, que os faz capazes da propagação de milhares de cabeças de gado, corresponde a bôa qualidade de pasto ; e que os mesmos campos são regados de perenes agoas, e para o necessario refrigerio dos ardores do sol, abrigados das sombras dos pequenos bosques, que por elles espalhou a natureza.

« A facilidade de transportarem os gados áquelles campos, é o que precisamente tambem se deve advertir... Basta para principio de estabelecimento passar os gados, que se acham nas povoações do Rio-Negro, Amazonas e Solimões, onde tem tido pouco augmento por causas, que não pertence aqui tratar. Este transporte por meio da navegação não padece difficuldade alguma. E supposta a possibilidade e facilidade de se estabelecerem as fazendas de gado no Rio-Branco, é necessario mostrar quaes as utilidades, que d'ellas resultaram. •

« I. Consiste na dilatação do commercio interno e externo, de que os gados são materia, carnes salgadas e e secas, couros e sebos ; o que tudo é de consumo certo não sómente no interior das provincias da America, mas objecto de exportação para o reino : para prova não é preciso mais do que trazer á memoria o lucroso commercio, que n'estes artigos fazem as capitánias do Maranhão, do Piahy, de Pernambuco, e as mais do Brazil, com todas

ellas pôde competir o Rio-Branco, que tem muito maiores facilidades para os transportes, que algumas das referidas capitánias. Todos os ditos artigos produzidos dos gados, por meio do porto do Pará, podem passar ao reino. A viagem até o Pará é de um mez com a suavidade de seguir a correnteza dos rios. A mesma cidade do Pará dará total consumo á maior parte dos mencionados artigos. Porque posto que os campos da fertil e grande ilha do Marajó se achem bem povoados de gados, ainda assim consome o Pará um grande numero de arrobas de carne secca, que os negociantes da Bahia e Pernambuco lhe

introduzem por meio da navegação pela costa feita em sumacas...

« II. E' a de soccorrer com subsistencia certa a capitania do Rio-Negro... A subsistencia das povoações situadas nas suas margens é tão precaria e incerta, que faz, que nas mesmas se viva em continua falta, porém esta falta é mais geral e conhecida na villa de Barcellos, a capital da provincia. Acha-se n'ella uma guarnição militar, governador, ministro, e maior numero de habitantes. Toda esta população subsiste de pescarias, mas principalmente de tartarugas. Advirta-se logo, que em certos tempos do anno nem peixes, nem tartarugas se pescam no Rio-Negro; que, ainda nos tempos de maior abundancia, não fertilisam estas pescarias a capital; que por esta razão, para contribuir com certa subsistencia á tropa, ao hospital real, e ás reaes obras, está permanente um pesqueiro no rio dos Solimões; que para a conducção do peixe salgado, e tartarugas do dito pesqueiro á capital, se gastam ao menos 24 dias de viagem; que as tartarugas n'esta dilação morrem em grande numero, e as que escapam chegam incapazes; que a maior parte do anno os operarios das obras reaes passam unicamente com a ração de farinha de mandioca, que se lhes dá dobrada por não haver peixe ou tartaruga; que os habitantes da capital vivem em continuadas faltas, porque é casualidade achar-se de venda alguma tartaruga, e os que têm pescador sempre experimentam as mesmas faltas, por causa da esterilidade de rio, e porque um unico pescador não póde abundar uma familia por pequena que seja; e a diminuição dos indios não permite dar a toda pessoa mais de um.

### *Conclusão*

« Nenhum habitante do Rio-Negro póde sustentar uma duzia de escravos. Donde tambem se segue, que é impossivel adiantar-se a agricultura, o commercio, e a população no dito rio, á augmento de importancia consideravel. Porque como podem florescer estes objectos onde um habitante está impossibilitado a sustentar uma duzia de escravos? »



Pelos exames pessoas, que n'esta materia fez o Dr. astrónomo Antonio Pires da Silva Pontes, quando ali esteve, tambem elle reconheceu a propriedade, que tinham aquellas campinas para a introdução do gado. E do que n'isso observou e reflectio deu conta em participação de 19 de Julho de 1781, respondendo ao que ao mesmo respeito lhe havia V. Ex. ordenado na data de 26 de Dezembro de 1780.

Tambem eu, que vi e andei por aquelles campos, não deixei de insistir no mesmo pela minha parte, segundo o mostra a cópia de um dos paragraphos da minha participação, que d'ali dirige a V. Ex. na data de 27 de Junho de 1786.

« Quanto ao gado, que sem duvida alguma se deveria introduzir n'estas campinas, uma só reflexão faço, que emquanto V. Ex. aqui se acha, lembre-se de fazer este bem á capitania, porque depois de V. Ex. quem sabe o que d'ella será? Nada custa ordenar V. Ex., que a canôa das tartarugas, vindo como vem vasia, traga para a povoação do Carmo, de cada vez, duas vacas até o numero de dez cabeças e um touro, por agora, as quaes podem ser rateadas das povoações d'esse rio, e o commandante as póde mandar conduzir do Carmo para cima. Principie V. Ex., que no principiar consiste a difficuldade.»

Isto e mais que isto sabia V. Ex., porque acabava de governar um estado para onde, a respeito dos gados da ilha grande de Joanes, tinham sido expedidas differentes ordens, tanto pelo real ministerio, como pelo seu Exm. antecessor; assim como das ordens ao mesmo respeito expedidas ao governo geral da capitania de Mato-Grosso, e ao particular da do Piahy, estava V. Ex. informado; sendo todas ellas as que vão indicadas no seguinte indice.

Aviso da secretaria de estado dos negocios ultramarinos, expedido ao Exm. Sr. Manoel Bernardo de Mello Castro, na data de 13 de Junho de 1761.

A carta regia de 19 do referido mez e anno, expedida ao Exm. Sr. D. Antonio Rolim de Moura, quando governador e capitão-generall da capitania de Mato-Grosso.

Outro aviso da mesma data que a sobredita carta regia dirigido a V. Ex., quando governador da capitania do Piauí.

A outra carta regia de 22 de Dezembro 1764, também dirigida a V. Ex. no dito governo.

O aviso de 6 de Novembro de 1767 dirigido ao Exm. antecessor de V. Ex., que foi o que mandou publicar os dous bandos de 26 de Março de 1767, e de 20 de Dezembro de 1768.

Ultimamente as providencias que V. Ex. deu no tempo do seu governo, e são as que constam do despacho proferido na data de 13 de Julho de 1773, sobre a representação dos officiaes da camara da cidade do Pará, a da carta da mesma data dirigida ao inspector geral da ilha grande de Joanes, a quem continuou a dirigir a de 31 do referido mez e anno, a de 15 de Outubro também do mesmo anno, e a de 10 de Junho de 1776. Além do outro despacho, que também proferio na data de 3 de Setembro de 1777, sobre a outra representação dos mesmos officiaes da camara d'aquella cidade.

Porém, para de todas aquellas providencias fazer V. Ex. a applicação devida aos campos do Rio-Branco, obstaram os motivos que na instrucção datada de 30 de Dezembro de 1786 expendeu V. Ex. largamente, recomendando o que d'ella consta ao Illm. Sr. Manoel da Gama Lobo de Almada, quando de ordem regia passou áquelle distrito em diligencia da actual demarcação de limites.

« Com esta mesma occasião disporá e ordenará V. S. quanto a bem do augmento d'aquelle novo estabelecimento considerar util e conveniente, e se aproveitará da mesma opportuna conjunctura para fazer praticar e persuadir todas as nações de indios dali habitadoras, afim de que venham descendo, e se estabeleçam n'aquellas novas povoações, ou em outras accrescidas que melhor lhes pareça; fazendo eu ir alguns generos proprios para assim se animarem, e para melhor se facilitarem os mesmos uteis e interessantes descimentos.

« Ainda pelo ultimo tempo do meu governo d'este estado, pretendi eu introduzir nos extensos e ferteis campos

d'aquelle distrito uma porção de gado vacum, que vindo a fazer a melhor substancia d'esta capitania, principalmente na parte mais faminta d'este rio, podesse tambem fornecer á do Pará com carnes secas e couros de não menor interesse para o maior provimento e commercio da dita capital e capitania, e tendo-me a esse fim destinado, e reservado as vacas, novilhas, e alguns touros, que se achavam na villa de Alemquer, junto á fortaleza de Obidos, assim como determinado de se introduzir juntamente alguma porção de egoas e de cavallos que melhor houvessem de facilitar as vaquejadas; tudo isto tem diffcultado não só os actuaes serviços, e movimentos da demarcação, mas mesmo as desordens que motivou a deserção d'aquellas outra vez restabelecidas povoações.

« Conviria pelo menos, que das mesmas pequenas porções de gado, que sem prosperarem existem por algumas d'estas outras povoações da capitania, se façam para ali passar algumas novilhas e alguns touros, para se ir promovendo o referido util estabelecimento; e que da capitania do Pará, se fizessem vir algumas eguas e alguns cavallos páis, logo que fôr possível, como muito a V. S. recommendo; para que, no caso de que eu o não possa conseguir no restante tempo da minha existencia, V. S. na qualidade de actual governador da mesma capitania o haja assim de promover tanto que alguma opportuna conjunctura lhe permittir de realisar aquella tão interessante providencia. »

Donde resultou, que para principio de estabelecimento ficaram introduzidos n'aquelle rio dezeseite cabeças de gado vacum, e muitas mais ficariam introduzidas, si na occasião presente se não complicassem umas com outras diligencias, dependendo todas ellas de numero de gente e abundancia de mantimentos, segundo a seu tempo constará da participação da viagem ao Rio-Branco, quando me fôr possível concluil-a.

Continuo com a materia d'este titulo, que vem a ser o sustento dos habitantes do Rio-Negro até aqui.

Quanto aos indios, durante as fomes do inverno, da mandioca é, que tiram o pão e o conducto. São tantas as qualidades d'ella, as quaes elles distinguem pela sua côr e

sabor, por esgalharem muito ou pouco, por durarem mais ou menos tempo debaixo da terra, e por darem maior ou menor raiz ; que de nem elles acharem nas margens do Rio-Negro a mesma fecundidade, que têm as do Amazonas e dos Solimões; nem preferirem sempre a melhor qualidade de mandioca com relação ao terreno e não tanto ao gosto procede a irregularidade do seu rendimento. Só em uma roça de um índio se acharam plantadas as seguintes qualidades, que especificadas pelos nomes que tem na lingua manoa, se chamam : uiriky, dauaray, uguigy, acaiuy, adauky, mauaculi, messade, mepadeky, suruky, miacabé, mucauabé, metaky, maquiaca, caricauaky, ruabuky, uaiky, maianabé, mamaruca, portirahi, cauabé, peuiriky, auatyi, aruky, atarubaqui, urumahy, uapahy, cacauabé, uiuaky, ue-rechy, dauaqui, pepuiriqiqui, macubi, liaboky, unory, iparibé, etc.

Accresce, que nem elles têm a lembrança de renovarem de annos a annos as hastes, que hão de dispôr, visto que as das roças velhas devem ter perdido grande parte do seu vigor, nem movem a terra, para ella dar lugar ao crescimento da raiz em todas as suas dimensões, visto que ella gosta de um terreno solto e arenoso. Comtudo da mandioca se preparam:

1°. As tapiocas, 2°. as carimans, 3°. as farinhas, 4°. os beijús, 5°. os vinhos, 6°. as aguardentes.

## I

### TIPIOCA

Assim se chama o amido, ou a substancia da massa da mandioca ralada, que não esteve n'agua a amollecere, como está a de que se faz a farinha d' agua.

Descascada e ralada a dita mandioca, pelo methodo que abaixo se dirá no artigo das farinhas, vai ao tipiti que é um cilindro tecido, ou de casca do talo de guaruman, ou de jassitara, que é a melhor, porque dura mais (onde, pelo peso que se lhe faz, escorre um suco amarello, o

qual antes de ser fervido, é um mortal veneno para todo o animal, que o bebe. Porém fervido que seja este suco, depois de estar a azedar por um dia, e adubado com o sal, com a pimenta, e com o cravo da terra, é a mostarda do paiz, a que se dá o nome de tucupi.

Mas como d'aquelle suco espremido dos tipitis, para os que fabricam tapioca em grande, são insignificantes as porções de amido, que assentam no fundo dos vasos em que as recolhem, lavadas que sejam as maiores porções da massa da mondioca, e passadas por uma peneira, as deixam precipitar o dito amido ; e este depois de lavado repetidas vezes, é mais frequentemente a chamada tapioca.

Os indios têm o cuidado de conservar sempre em agua a que lhes serve para o tacacá. Dentro em uma panela, onde já está a agua a ferver, lançam a tapioca deluida em agua fria e a gelatina que dahi resulta, depois de adubada com o tucupi, é o almoço quotidiano, e não raras vezes o jantar e a ceia dos indios.

Da mesma tapioca se fazem as tres preparações seguintes :

(a) *Farinha de tapioca*.—Quando repetidas as lavagens, para lhe communicarem maior alvura, vai ao forno a granular, a um calor moderado. O uso, que d'elle se faz, consiste ou em a beberem fervida em agua da mesma fórma que o tacacá, ou de infusão em agua fria para fazerem, como dizem os brancos, *agua fresca*.

(b) *Polvilhos*.—Quando depois das mesmas lavagens tambem vai ao forno, onde se conserva um grão de calor moderado ; porém para se não granular, ha o cuidado de com as mãos, em quanto ellas supportam o calor do forno e depois com alguns cascos de cuia, desfazer e desmanchar algum grão, que se pretenda atorroar ; fazem-se para o cabello : porém peneirados que sejam, os applicam para os mesmos usos que a tapioca.

(c) *Goma*.—Fazem consistir a sua differença em não ir ao forno como os polvilhos, mas tam-sómente ao calor do sol. Destina-se para os engommados ; porém os brancos tambem fazem d'ella alguns biscoutos e massas ou simples ou misturadas com a farinha de trigo.



## II

*Cariman.*—Para se fazer da massa da mandioca de agua a preparação assim chamada, descascada que ella seja e ralada, e espremida no tipiti, passa a ser pisada em um pilão e espremida de novo ; cujas operações de a pisar e de a escorrer, quanto mais se repetem, tanto mais alva fazem a cariman, e mais fina. Peneira-se por uma peneira fina ; leva-se ao forno, onde se deve conservar um moderado grão de calor, e por onde a espalham aos poucos e a estendem de maneira que se não granule tanto, como farinha ordinaria : serve para caldos, massas, etc.

## III

*Farinha de agua.*—E' a mais usual em ambas as capitánias. Poem-se de molho a mandioca, a qual está a amollecere pelo espaço de tres dias, si é em agua estagnada, e pelo de quatro, si é em agua corrente. Tiram-a, quando se despega bem a casca, e a massa já está molle, e quer principiar a fermentar. Descascada á mão, e passada por um ralo, vai a escorrer no tipiti, donde passa para uma gurupema rala, e dali para o forno. Elle deve estar quente para a receber : pelo dito forno a estendem com um rôdo, deixando-a torrar mais ou menos, segundo o gosto da pessoa para quem se faz.

N. B. (a) Que de não passarem a massa de mandioca por peneiras mais finas, e de ser muito perfunctoria a mão de obra, que nos fornos se applica ás farinhas em grande, procedem sahir ellas demasiadamente graudas e atorradas, de maneira que facilmente se quebram os dentes dos que as comem, e em particular os das crianças.

(b) Que se ha descuido de deixarem a massa de um para outro dia, a farinha que se faz d'ella sae azeda.

(c) Que quanto mais cozida é a farinha e sêca ao forno, tanto mais se conserva, comtanto que nem a empaneirem quente, como ella acaba de se fabricar, nem humida.

(d) Que de a não resguardarem bem do ar, dentro das tulhas, ou celeiros, para onde a recolhem, procede o

corromper-se, de sorte que passa a causar aos indios, que a comem, as enfermidades que eu tenho observado, e que muito antes de mim observou Guilherme Pison, que ella causava á tropa hollandeza, segundo elle escreve no capitulo 2º de *mandioca* pag. 53 da sua *Brasilia Medica*. *Nam sive levissima uligo eam infecerit corrumpitur, unde non parvam militum stragem in castris exortam vidi.*

## FARINHA SECA

Não vai á agua a amolecer como a primeira ; porém raspada que seja a casca da mandioca, lavada e ralada vai a escorrer ao tipiti ; o qual a obriga a escorrer o sobredito suco amarello, chamado tucupí. Quanto ao mais segue a mesma ordem que a farinha de agua.

N. B. (e) Que no fabrico das farinhas secas para o sustento dos indios e pretos trabalhadores, ordinariamente se pratica o abuso de se lhes extrahir quasi toda a tapioca, vindo a farinha a ficar tão leve, que lançada na agua, nada em cima d'ella : o que faz, com que ella não sustenta aos que a comem.

(f) Que ou seja a farinha da agua, ou a secca, lançada em agua fria é a ticuára, que os indios bebem a miudo.

g) Que pelo que respeita á fabrica das farinhas em geral, tambem se deve advertir, que no outro Brazil, em vez dos ralos de mão, estão introduzidas as rodas, que expedem os trabalhos em grande e as imprensas em vez dos tipitis.

## IV

## BEIJUZ

São uns bolos xatos e redondos, que mais communmente se fazem da massa da mandioca ralada, e levada ao forno. Segundo a sua differente mão de obra, assim se distinguem, e se denominam, quando são feitos da mandioca de agua.

h) Beijú menbeca, ou beijú mole, quando se não deixa torrar ao forno; mas tam-sómente adquire uma ligação e consistencia como a da massa do pão de ló, e assim se come.

i) *Beijú puquequa*, si antes de ir ao forno se lança algum sal sobre a massa, e a estendem em alguma folha de pacova, para lhe servir de fôrma.

l) Beijú curuba, quando fica a massa desigual, e disposta em godilhões e algumas vezes misturada com a massa da castanha do Maranhão.

m) *Beijú guacú*, ou beijú grande, quando o deixam torrar bem ao forno, e fazem de proposito para d'elle prepararem os seus vinhos, e distilarem as aguas-ardentes.

N. B. Que a bebida do beijú desfeito em agua fria, é o que se chama caribé.

Da massa da mandioca seca, isto é, da que não vai á agua a amolecer, se fazem os *beijús sicas*, os quaes são mais pequenos e delicados, porque a sua massa é pisada repetidas vezes, e passada á peneira mais fina. Para os Europeus, que se não costumam á farinha, supprem bem o pão, ou sejam comidos simplesmente com o conducto, ou torrados ao forno, e cobertos de manteiga, para supprirem as fatias que se comem, quando se bebe o chá ou o café.

Da mesma fôrma se fazem beijús de cariman, e de tapioca: porém os segundos, quando são misturados com a massa de farinha de agua, ficam flexiveis e elasticos, e tomam o nome de *beijú teyca*.

A farinha e o beijú de mandioca são o sustento dos indios, ou bebido em agua, ou servindo de pão para o conducto. Quando não ha peixe fresco ou salgado, supprem as tartarugas jurararéte, acangauacú, pitíu, uirá-piqui e matá-matá, a arauaná, o tracajá e jabotí, e ovos de todas ellas, cosidos, assados e fritos, ou amassados com a farinha, e levados ao forno, á imitação das tortas, que elles comem com tanto desfastio, como nós as nossas. Com o mesmo desfastio comem diferentes especies de lagartos, como são o jacaré-tinga, jacarerana, jacaré-curuba, o jacuararú e o iguana, que os brancos imprópriamente chamam camelião. Servem de aperitivos

do appetite o limão azedo, e damasiada pimenta da terra, de que distinguem muitas castas, porém principalmente a malagueta, que reputam a melhor e a mais medicinal, a pimenta de cheiro e a amurupí.

Para usarem d'elles, quando andam em viagens, pisadas que sejam as pimentas, as reduzem a uma massa temperada com sal, a que dão o nome de giquitaia, servindo-lhes de papel, para a conservarem, as folhas de pacova e de outras plantas. O tucupí é a mostarda mais grave. Si ella não é mais do que o suco da massa da mandioca seca, azedado de um dia para o outro, e fervido ao fogo com os adubos do sal, do cravo e da pimenta da terra, chama-se simplesmente tucupí. Recozido que elle seia e engrossado ao fogo, toma uma côr preta, que faz dar-lhe o nome de tucupí-pixuna.

O suco de qualquer das duas massas, ou da mandioca de agua ou seca encorpado com a mesma massa de qualquer d'ellas, e temperado igualmente com o tucupí, toma o nome de uarubé. O mesmo suco da mandioca encorpado com a tapioca faz, depois de fervido, um molho gelatinoso, que tem o nome de tucupiica.

Tinalmente o tucupí de reserva, que é aquelle em que nos dias da abundancia se aproveita o peixe, ou a carne que sobra das comidas, e todos os dias se requeenta, renovando-se-lhe alguma porção de agua para se não dessecar e accrescentando-lhe a pimenta e alguns fructos da terra, é o chamado tucupiquinhapira. Serve de conducto, quando não ha outra cousa.

Maniçoba no Rio-Negro é uma comida, que se faz das folhas da maniba, pisadas e cozidas juntamente com a carne, ou com o peixe, ou com a tartaruga, tambem temperadas com o sal e com a pimenta.

Maniquera é uma bebida doce e substancial, que se faz do suco da especie de maniba chamada mandioca-caua, fervido juntamente com alguns grãos de arroz e de milho até o ponto de se cozerem, e outras vezes se lhe accrescentam alguns fragmentos da raiz de outra especie de maniba chamada macaxeira. Nem da mandioca-caua, nem da macaxeira se fazem farinhas: só se comem cozidas ou assadas.

Pelo que respeita á bebida, ainda que a agua do Rio-Negro não é lodosa como a do Amazonas e dos Solimões, não deixa comtudo de trazer consigo infinitas particulas heterogeneas, que quotidianamente bebidas, mais tarde ou cedo, alteram a saude dos que as bebem sem precaução. A que praticam os brancos consiste em as mandarem tirar do fio da correnteza, coando-as e deixando-as assentar nos potes, de um para outro dia, antes de usarem d'ellas. Os indios porém as bebem como as tiram das margens, impuras enxidas de particulas terreas, salinas, sulphureas, e metallicas, além dos sucos das plantas venenosas, que n'ellas vem diluidos.

O que eu mesmo vi e observei, foi, que, tendo eu mandado despejar a agua de dentro de um barril, onde quatro dias antes a tinha eu mandado lançar para n'ella se conservarem frescas as plantas, enquanto se não examinavam e desenhavam, succedeu, que a maior parte das criações, que beberam da dita agua, como foram tres patos, duas galinhas, e alguns frangos, todos morreram convulsos, batendo as azas tão violentamente, que d'ellas e da cauda largaram as pennas antes de morrerem, e pelos tubos das mesmas pennas escorria visivelmente o sangue.

Bem vejo, que a amplitude de um rio não é a mesma que a de um barril, porém de tal logar do mesmo rio, e em tal occasião se bebe a agua que produz os mesmos e peiores effeitos, com a differença sómento de serem attribuidos a outras causas extravagantes, mormente si entre a causa e o effeito intercede algum tempo ou circumstancia critica. Sem ser a agua, outra bebida ha muito ordinaria entre os indios, que é a do guaraná.

Espremem os fructos do cipó d'este nome, quando estão maduros, e bebem o suco em agua. Os moradores brancos tambem o bebem, porém preparado ao modo dos Magués.

Elles para prepararem o guaraná, que são os fructos da dita planta torrados e reduzidos a uma massa a que dão a consistencia do pão o mais duro, ralão com o osso da lingua do peixe piraurucu, ou limam tanto quanto encha uma colhér, e lançada na agua esta dóse, com assucar, ou sem elle faz uma bebida de um sabor amaricante e



frio muito diuretica sim, porém, para alguns causadora de vigílias.

O chá do ipadú é outra bebida medicinal dos indios para as suas dôres de estomago. Porém o methodo mais ordinario de usarem d'aquella planta, é o de trazerem na boca uma masca do pó, a que reduzem as suas folhas, depois de torradas ao fogo, incorporando-lhe uma pouca de tipioca e cinza das folhas de ambauba. De todo o genero de bebidas, nenhuma agrada tanto aos indios como a dos licores fermentados.

## V

### VINHOS

São de diferentes qualidades os que se fazem de mandioca; e o mais commum entre todos é o chamado pajaurarú. Tirado do forno o beijú guaçu, quando quente, e ensopados uns poucos d'elles em agua, os acamam no chão entre duas camadas de folha de ambaüba, onde os deixam ficar por 4 até 5 dias até abolorecerem. Em elles tendo adquirido um sabôr doce, os côam e recolhem para dentro de grandes talhas, onde os deixam azedar, si o querem forte, ou o bebem logo, si o querem doce.

Para accelerarem a fermentação, costumam alguns indios misturar-lhe algumas porções de beijú mastigado pelas velhas, cuja saliva promove a fermentação aos termos do seu apetite. Outros vinhos ha, que tambem se fazem da mandioca, das batatas, e da macaxeira, aos quaes se dão diferentes nomes, como são mocróró, guariba, caxiri, caissuma etc., porém estes são proprios dos indios da capitania do Pará, e ainda do rio dos Solimões.

*N. B.* Que geralmente chamam vinho a todo qualquer suco expremido dos frutos, sem passar por grão algum de fermentação, e n'este sentido os vinhos mais ordinarios são dos sucos expremidos dos coquilhos das palmeiras do assahi, de ibacaba, e do patauá, e das frutas das arvores do umari, do tapiribá, do bacate, e o da fruta do ananá.

## VI

## AGUAS-ARDENTES

São distiladas das garrapas da canna, dos beijús guaçus, do cacáo, do café, da laranja da terra, do ananá, do ginipapo, do acajú do mato, do tapiribá, etc.

Outra observação se tem feito a respeito da comida dos indios, a qual eu confirmo pelo que tenho visto, e vem a ser a da avidez, com que elles comem, e quanto menos domesticados são, tanto mais preferem á carne e ao peixe as frutas das arvores e dos arbustos domesticos e silvestres. O que deixa entender, que ao menos grande parte d'elles é mais plithipaga do que carnívora.

De elles mudarem de dieta, quando descem do sertão para as nossas povoações, e de se entrarem a cevar nas carnes e no peixe mais selvagem, procedem as desintérias e outras enfermidades, de que facilmente morrem. De entre os muitos vegetaes, que comem, irão aqui apontadas algumas frutas, sementes e raizes mais usuaes.

## FRUTAS EXOTICAS CULTIVADAS

Ha pouco tempo, que pela capitania do Mato-Grosso se introduziram no Rio-Negro o jambo e o tamarindo. O figo, a laranja, a lima, o limão doce, a abobora, a melancia, o melão, o pepino, a beringella, e o tomate foram transplantados da Europa.

A taqueira, ou gerumun de machado, e o calombo foram introduzidos pelos ilhéos. O côco, e a ata vieram da Asia.

## INDIGENAS DOMESTICADAS

São o ananá, a pacova, as sorvas grande e pequena, e a ambaúba da capitania do Rio-Negro, a mangaba tão somente na do Pará, o abio, a papaia, a guaiaba, o araçá, o acajú manço, o maracujá, o beribá, o bacate, o

tapiribá, e o cutitiribá, o araticun, o genipapo-açu, o cubio, as quatro castas de bacurí, reté, parí, membeca, e curuba, o cacáo, o umari, o cupuaçu, e cupuali, de que fazem vinhos, o acuruá, o gerimun, o tucuman grande, a popunha lisa, e de gomos.

#### INDIGENAS E SILVESTRES

O ananá bravo, o açarána, a tataperirica, os murtinhos, o camapun, o cumatí, juacamotim, ambos os jupatis, grande e pequeno, o guajará, e guajaray, o uexy, murexi, purahi, piquiá verdadeiro, pajurá, guarinuárusia, tucuman, pequeno, murumurú, juáaçu, umarirana, uexirana, axiúá, caramuri, carauatá, jaramacarú, jara-catíá, juápororóca, cacaúarana, namuhim, coqui, pepino do mato, uajurú, genipapoy, umeri, massaranduba, e differentes castas de ingás, chamados ingaúacu, dito assára, dito xirica, dito periquito ingá e dito soróca.

#### SILVESTRES DE QUE FAZEM VINHOS

São principalmente os coquilhos das palmeiras uapahi, ibacaba grande, e pequena, patauá, tucuman, mucajá, muriti, caraná, e caranay, anaja e marayá etc.

#### SEMEMTES

Castanha da terra, dita de sapucaia, a do Pará, tucuman pequeno, pacova catanga, dita sororoca, umari, o ituá, a piquiarana etc.

#### RAIZES

São a batata, e o cará, a macaxeira, o guariha, tamuatarana, meri, tajá pequeno e grande etc.

N. B. Que no segundo prospecto vão tam-sómente indicados pelos seus nomes animaes, que fazem o objecto das caçadas e das pescarias dos indios ; donde se vê, que nem aqui se trata de especificar a todos quantos ha, nem de os descrever segundo a arte, porque uma e outra cousa se fará a seu tempo, quando dever apparecer a Zoologia Paraense.

# MAMMALIA

Primates.

Macaca.

DIURNOS

Macacos.

Guariba. { pexuna.  
Guarijuba.

Coatá.

Cochiú.

Itapuá.

De prego.

Caiaçara.

Paranaçu.

Maricãuaçu.

Barrigudo.

Guayapessá.

Xagum. { tinga.  
pexuna.

NOCTURNOS

Hiá.

Jupará.

Bruta.

Juaraná.

Peixe boi.

Ordinario.

Dito de manteiga.

Ay.

Preguiça.

Guaçu.

Merim.

Tatá.

Tamanduá.

Guaçu de bandeira na  
cauda.

Ordinario sem ella.

Tamanduay.

atú.

Guaçu.

Tinga.

Peba.

Bola.

Feræ.

Tatuy.

Jaguarité.

Sussuarana.

Onça.

Coati.

Mondé.

Merim.

Irará.

Papamel.

Mucura.

Guaçu.

Xixica

Glires.

Cuandú.

Ouriço.

Uariru.	Terrestre. Aquatico.	Ratos.
	Cutia. { Piranga Pexuna. Acutuiaya.	
	Paca.	
	Sauia. { Guacu. Merim. Santina.	
Acuti-purú.	Pirangauacu. — Merim. Pexuna.	Rato de Palmeira.
Pecoras.		
Suapu.	Apara. Tinga. Anhangá. Caapora.	Veado.

*N. B.* — Que a cabra (suapumé) a ovelha e o boi (tapira) são mammaes exóticos, assim como o são o porco domestico, o cavallo, o cão, etc.

Belluæ.		
Taiacu.	Uaia.	Porco.
	Caapora. { de queixada branca. Sem ella.	
	Taititu.	
Tapira caauara, ou ta- pireté.	Cariacu só differe em ser menor.	Anta.
Capiuara.	Capiuara.	

## A V E S

Picæ.		Papagaios.
	Arara. { vermelha. toda azul. azule amarello	
	Paraua. { Real. Moleiro. Curica. Granadeiro de campina.	



	Parauay.	curica. rôxo. amarello. verde com o papo ama- rello. túi verde e com a cabe- ça amarella	
	Maracanan.	azul. verde. amarella.	
	Anacan.	todo pardo. azul. {com a verde. {cabeça {roxa. verde com ella parda.	
	Periquito.	amarello. verde. verde e amarello. verde {com a {cabeça {alaran- {jada. {comella {roxa.	
Tocana.			Tocano.
	Araçary.	d e p a p o branco. agemado.	
Japú.			
Anseres.		Preto e amarello. Todo amarello.	
Ipéca.			Pato.
	Domestico.		
	Silvestre.	uaçu. merim.	
	Ipequy		
	Ireré.		
Potiri uaçu.			Marrecão.
	Liso.		
Potirim merim.	Penteado.		Marreca.
	Pay.		
	Petuma.		
	Uananá.		
	Uananay.		
Carará.			
	Guaçu.		
	— y.		

Miuá.		
Grallæ.	Mergulhão.	
Jaburú.		
Tujuju.		
Maguari.		
Uaçará.	Uaçú (real).	Garça.
	Uacary.	
	Fusca.	
Curicáca.		
Caracará.	Uaçú.	
Corocoró.		
Carão.		
Socó.		
	Pinima. {	uaçú.
		merim.
		socoy.
Guará.		
— una.		
Ayaya.		
Antinrantim.		Colhereira.
	Uaçú.	Gaivota.
	Merim.	
	— Y.	
Jereuá.		
Caripirá.		Corta agua.
Arapapa.		
	Branco.	
	Pardo.	
Massarico.		
	Real.	
Maguari.	Merim.	
	Uaçú.	
	Merim.	
Guarirama.		
	Uaçú.	
	Merim.	
	Penina.	
Pepessoca.		
Jacamim.		
	Preto.	
	Cinzento.	
Saracúra.		
	Da matta. {	grande.
		pequena.
	Da campina. {	toda
		pintada.
Jaçanan.		
Gallinæ.		

	Mitú.	Mutum.
	Pexuna.	{ com o ventre branco. com elle cas- tanho.
	Penima.	
	Anhanga.	
	Urú.	
Jacú.	Retê.	
	Péba.	
N. B.— Que os perús e as galinhas (sapucaia) são aves exóticas.		
Aracuan.		
Inambù.	Toron.	
	Macucaua.	
	Peba.	
	Cuiá.	
	Sururina.	
Uru.	Penima.	
	Corcovado.	
Passeres.		
Picaçú.		Pomba.
	Guaçú (trocal)	
	Retê.	
	Iróa.	
	Juruti (rola).	
	Picuy.	
Unambé.	Cuiúcuiú.	
	Azul.	
	Cinzento e branco.	
	Amarello.	
Guiraúna.		Melro do Brazil.
Jaçana.		
Juaná.		Gallo da serra.

N. B.— Que os indios pela occasião da fome tudo comem, até os corvos. Porém aqui só se faz menção da caça ordinaria entre elles.

**AMPHIBIA**

Reptilia. Jurará.	Uaçú. Acangauaçú. Petiú. Uirapequiz. Tracaja. Matámatá.	Tartarugas.
Jabotim.	Tinga. Piranga. Carumbé. Aparema. Juruparige.	Cágados.
Teiú.	Jacaré.    { uaçú. { tinga. { curubarana.	Lagartos.
Serpentes. Boiá.	Iguana. Gacuruarú. Cucuruaú. Arú. Jué.	Cobras.
TERRESTES		
Giboia.		
AQUATICAS.		
Sucurujú.		
Nantes. Jauira.	Guaçu. Tatá. Narinari. Jurapari.	Raias.

**PISCES**

Lacustres. Mussú. Tamuatá. Puraquê. Jandiá.	Merim.
Jacundá.	Piranga. Penima. Curuba.

Taraira.

Geju.

Uaracapurí.

Acará.

Uacarí.

Ituhi.

Sarapó.

Fluviatiles.

Reté.

Araruá.

Puá.

Tuápuá.

Merim.

Penima.

## MAIORES

Piraniba.

Piraurucú.

Dourado.

Jandiauaçu.

Pirará.

Pirapiinana.

Surubim.

Pirainambú.

Piramutaba.

Tucunaré.

Guaçu.

Puitanga.

Paca.

Penima.

Pirapetinga.

Tambaqui.

Uaçu.

Cuiucuiú.

Arauaná.

Pirapucú.

Jatauarana.

Uatucupá.

Pescada

## MENORES

Anujá.

Mandubé.

Mapará.

Pacu.

Tinga.

Pexuna.

Piranga.

Puitanga.

Piranha.

Tinga.

Pexuna.

Piranga.

Merim.

Apapá.

Jeraque.

Uaracú.



Tinga.  
Penima.

Parácatimbau.  
Araripirã.  
Pira-catinga.  
Pirá-tiçoca.  
Pirá-andirá.  
Pirá-antan.  
Matupiri.  
Mandiy.  
Tarauira.  
Acarã.

Tinga.  
Piranga.

Arauri.  
Curimatan  
Carauatay.

## INSECTA

Hymenoptera.

Taxiúã.

Formigas.

Sauba.  
Mandiuara.

Aptera.

Ussã.

Caranguejos.

Uaracairú. }  
Uararú.

## VERMES

Testacei.

Itan.  
Uruã.

## XXVIII

## Enfermidades

Explicada no título xxvii a qualidade de alimentos, de que usam os índios, e ainda a maior parte dos moradores brancos, fica sendo fácil de se deduzir a razão, por que entre elles nada tem de ordinário as pleoras, e outras doenças agudas. Porque sendo a farinha, o peixe e a taruga alimentos de pouca nutrição, e que por conseguinte não criam um sangue balsâmico, si em algumas enfermidades influem, são os vícios do estomago procedidos da corrupção dos mesmos alimentos e esta da influencia da atmospherá. Porém si por outra qualquer causa mortífica succede adoeecerem, subitamente caem em uma tão grande debilidade, que ella vem a ser o maior mal a vencer.

Donde procede, que, si é preciso serem evacuados por meio da sangria quatro até seis que tomem, produzem n'elles os mesmos effeitos de languor, que na Europa produziriam nos homens de trabalho doze até dezoito.

Eu assim o tenho presenciado, e como os índios não tratam de criações para as occasiões das molestias, concorrendo a falta do alimento com a outra falta de medicamentos, pela maior parte morrem á mingua. Ao cirurgião da tropa da capitania João Manoel Rodrigues, que n'este Rio-Negro residio pelo espaço de dezenove annos, ouvi eu dizer, que, segundo elle tinha observado, de cem Índios que faleciam, tres até quatro, quando muito, se deviam reputar falecidos por força da enfermidade; e todos os mais pela absoluta falta de meios para se restabelecerem.

Para o hospital real da villa de Barcellos são tam-sómente admittidos os soldados e os índios empregados no real serviço; muito raras vezes succede, que algum morador branco, pela sua nimia pobreza, impetra do governador esta graça. Todos os mais se curam á sua custa, si

tem com que ; aliás não ha mais remedio que pôrem a garganta no cêpo e esperarem resignadamente pelo golpe da morte. Sendo um unico o cirurgião de toda a capitania, e este residente na villa de Barcellos, são infinitos os empiricos.

Cada povoação tem uns poucos d'elles, e não havendo em alguma d'ellas fóra da capital uma só botica provida ao menos dos remedios os mais domesticos, não ha para onde appellarem os enfermos ; que, ainda que a houvesse, nem sempre sahiria bem succedida uma applicação vaga e arbitraria.

A medicina em ambas as capitancias, já eu disse em outra parte, que tinha mais charlatães ainda do que a politica em Italia : vagam pelas suas mãos algumas receitas, que se tem tirado dos receituarios de Ferreira, Mirandella, e Mouravá, com estas e com as que têm ajuntado e recebidos de alguns dos cirurgiões se caracterisam medicos, e como taes se encarregam de toda e qualquer enfermidade. Ainda a mais vasta e mais escolhida bibliotheca cirurgica, que por aqui se tem espalhado, não comprehende mais do que as obras dos citados Ferreira, Mirandella e Mouravá ; as de Curvo, Santusse, Castellos fortes, Madeira da qualidade celtica, a Ancora medicinal de Pedro de Alvellos, o Dialogo cirurgico do Lima do Porto, Receituario Luzitano, e já hoje com muita raridade algum col. de Villares, Thesouro Appolineo, etc.

Felizmente succede estar empregado no serviço de Sua Magestade, como cirurgião da gente de guerra da diligencia da demarcação de limites, Antonio Joseph de Araujo Braga, alumno benemerito do hospital real de S. Joseph de Lisbôa, o qual, ha oito annos, que não tem deixado de interpôr os seus conhecimentos em beneficio de muitas vidas.

Ainda que de ha muito tempo a esta parte, eu já tive a curiosidade de lêr a *Brasilia Medica* de Guilherme Pison, sobre as enfermidades da capitania de Pernambuco, e as observações de Jacob Boutius, sobre as da ilha de Java ; e pelo decurso de quatro annos tenho reconhecido no Pará a identidade não só das ditas enfermidades, mas tambem dos medicamentos indigenas. Comtudo para não

deixar a menor duvida sobre o zelo, com que n'esta parte pretendo servir a Sua Magestade e ao bem publico, não confiei de mim sómente similhantes reconhecimentos, antes querendo aproveitar as luzes d'aquelle professor, lhe dirigi a carta de 20 de Fevereiro de 1786 ; e tanto d'ella como da sua resposta de 15 de Março de 1787, que ambas vão copiadas n. 6, vêr-se-á desempenhada a materia, que faz o objecto d'este titulo.

Barcellos 28 de Outubro de 1787.

*Alexandre Rodriguez Ferreira.*

---

## SUPPLEMENTO A' PARTICIPAÇÃO GERAL DO RIO NEGRO

## A.

Ultimamente para não deixarem de ser instruidos os filhos dos moradores por falta de mestres, que os ensinassem, pela real mesa censoria foi expedida ao doutor ouvidor geral da comarca do Pará a provisão de 6 de Fevereiro de 1787, na qual houve Sua Magestade por bem de lhe ordenar, que :

« Apresentando-se-lhe Manoel de Figueiredo Ribeiro Martins, presbytero secular, o fizesse logo na sua presença examinar de grammatica latina, nomeando para examinadores duas pessoas que bem lhe parecessem, preferindo os professores regios ; e achando que o examinado era habil para o magisterio, lhe passasse provimento por tempo de um anno, para ser substituto da cadeira de grammatica latina da villa de Barcellos, capital da ouvidoria do Rio-Negro ; vencendo o ordenado annual de 240<sup>rs</sup> pagos a quarteis adiantados pelo cofre de rendimento do subsidio literario, desde o dia da posse da dita substituição, e mostrando que tem aula aberta ; ficando obrigado, dentro do mesmo anno, a tirar seu provimento pela real mesa censoria, a quem elle ouvidor remetteria o auto de exame, com o seu parecer e informação.»

Cuja provisão supposto que não teve effeito, por mudar de parecer o sujeito proposto n'ella, não deixa de fazer vêr e reconhecer o cuidado, que especialmente merece a Sua Magestade o augmento d'esta capitania.



## B.

A elle foi dirigida pelo mesmo Exm. e Rvm. Sr. D. Frei Miguel de Bulhões a carta de 10 de Junho de 1760, na qual entre outras muitas cousas, que julgou necessario declarar-lhe para o bom governo espirital, declarou-lhe tambem quanto á pessoa do governador o que consta do seguinte paragrapho :

« Como da ignorancia dos parocos pôde nascer, que, estando o Senhor governador d'essa capitania nas igrejas d'ella, os mesmos parocos lhe não destinem lugar, que conforme a direito compete á sua dignidade, devo declarar a Vossa Mercê, que em qualquer igreja, em que o dito Senhor assistir, deve ser o seu lugar immediato ao arco da capella-mór, da parte de fóra d'ella, da banda do Evangelho, em cadeira de espaldar sobre um estrado de competente altura, o qual se cobrirá com um panno verde..... o que Vossa Mercê inviolavelmente executará, não só por ser conforme ás disposições de direito canonico, e constituições do bispado, mas com os estatutos por que se governa a nossa cathedral, os quaes foram feitos de conselho e consentimento do serenissimo Senhor D. João V, que Deus haja ; esta determinação se limita, quando o Santissimo estiver exposto; porque n'esse caso terá o Senhor governador cadeira rasa sobre o dito estrado.»

Para evitar toda qualquer dissensão entre elle e o mesmo governador, foi expedido pelo Illm. e Exm. Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado ao Senhor Joaquim Tinoco Valente o seguinte aviso da secretaria de estado dos negocios ultramarinos de 4 de Julho de 1764 :

« Sua Magestade manda recommendar a Vossa Mercê a bôa correspondencia, que deve ter com o vigario geral d'essa capitania, para o que declaro a Vossa Mercê, que no caso de haver algum conflicto de jurisdicção (o que o mesmo Senhor não espera) devem ambos de commun

acôrdo dar conta, não só ao general de estado e ao prelado, mas a Sua Magestade por esta secretaria de estado, para o mesmo Senhor determinar o que lhe parecer mais justo ; ficando por este meio ambos livres de trabalhos, e sabendo a fórma por que se hão de dirigir sem gastarem tempo com questões, que ultimamente hão de dever ser decididas n'esta mesma fórma, empregando o tempo que haviam de gastar n'estas historias, em christianisar e civilisar esses pobres indios, que é o que importa mais ao serviço de Deus, nosso senhor, ao de Sua Magestade, e ao bem commum d'este larguissimo paiz. »

Tendo sido o referido Joseph Monteiro de Noronha nomeado visitador geral da capitania, por provisão de 22 de Abril de 1773, que lhe passou o Exm.e Rvm.Sr.D.Frei João Evangelista Pereira da Silva, assim como o é o actual vigario geral Francisco Marcellino Souto-Maior por provisão de 4 de Fevereiro de 1786, que lhe passou o Exm.e Rvm. Sr. D.Frei Caetano Brandão. E' de advertir, que, pela provisão do conselho ultramarino de 6 de Junho de 1760, houve Sua Magestade por bem ordenar, que :

« Ao bispo da capitania do Pará D. Frei João de S. Joseph se dêsse embarcação todas as vezes que houvesse de ir ás igrejas do seu bispado, ou ao seu vigario geral, ou outras quaesquer pessoas, que o dito bispo nomeasse para aquelle effeito, prestando-se-lhes os mantimentos necessarios para a viagem, assim e da maneira que se davam ao bispo do Brazil. Donde vem, que assim se tem observado com os reverendos vigarios geraes visitadores »

### C.

Não consta, que para qualquer dos intendentes de ambas as capitánias, tenha Sua Magestade até agora mandado formalisar regimento algum, para lhes servir de regra no exercicio das suas jurisdicções. O que não deixaria talvez de ser cohibido, e terminado algumas dissensões, tendo muitas d'ellas procedido de ambas as partes

se reputar não raras vezes materia de graça e permissão o que é de officio e de justiça ; assim com o tem parecido de justiça, o que é simplesmente de graça.

Para as intendencias das fundições da moeda, dos diamantes, do assucar, do tabaco etc., se deram seus respectivos regimentos pelos quaes se governam os ministros encarregados. Porem para a da agricultura, do commercio, e das manufacturas do Pará e Rio-Negro, não ha mais que o que consta da mencionada declaração, a qual se pode ajuntar o que a respeito das visitas do intendente do Rio-Negro, ordenou Sua Magestade ao mesmo Exm. Sr. Fernando da Costa d'Atahide Teive, no seguinte aviso de 22 de Janeiro de 1764 :

« O ouvidor do Rio-Negro fez presente a Sua Magestade, que não podia servir os seus logares de ouvidor, e intendente geral das povoações do seu distrito, sem que tivesse uma embarcação prompta para fazer as correições, e visita das mesmas povoações. E o mesmo senhor foi servido ordenar, que V. S. lhe mandasse fazer prompto um bote de cinco remos por banda, para o dito ministerio o ter na capitania d'aquelle governo, e sahir promptamente e sem demora a todas as occasiões que se offerecerem do serviço de Sua Magestade ; o que V. S. fará executar com a maior promptidão.

---

N. 1. *Mappa dos governadorees que têm governado a capitania de São-Joseph do Rio-Negro, desde 4 de Maio de 1758 até 31 de Outubro de 1786.*

Este mappa acompanha a participação primeira da segunda parte sob o numero 9.

---

N. 2. *Mappa de todos os habitantes que existem nas differentes freguezias e povoações do Rio-Negro.*

# EXTRACTO

DESIGNAÇÕES	TOTAL				
	Das pessoas livres em geral, dos indios e dos escravos.	Das pessoas livres	Dos indios	Dos escravos	Dos fogos
São José de Marabitenas.....	206	.....	206	.....	30
São João Baptista.....	44	.....	44	.....	5
Nossa Senhora da Guia .....	91	.....	91	.....	13
São Felippe.....	17	.....	17	.....	2
Sant'Anna.....	.....	.....	.....	.....	.....
São Marcellino.....	26	2	23	1	3
São Gabriel.....	226	4	219	3	24
São Miguel.....	153	.....	153	.....	21
São Joaquim.....	256	.....	256	.....	29
Nossa Senhora de Nazareth.....	116	7	105	.....	11
São Bernardo.....	98	.....	98	.....	16
São João Nepomuceno.....	131	.....	131	.....	22
Santo Antonio.....	21	.....	21	.....	2
São José.....	89	.....	89	.....	11
São Pedro.....	115	7	108	.....	18
Nossa Senhora do Loreto.....	191	4	187	.....	14
Nossa Senhora do Carmo das Caldas.	116	.....	116	.....	20
Santo Antonio do Castanheiro.....	125	4	121	.....	23
Santa Izabel.....	223	2	221	.....	15
Lamalonga.....	208	9	199	.....	19
Thomar, villa.....	648	79	565	4	62
Moreira.....	318	63	226	29	23
Barcellos, villa, capital da capitania..	1097	227	756	114	89
Poiares.....	459	28	366	65	118
Carvoeiro.....	345	66	279	.....	37
Moura, villa.....	898	67	812	19	88
Airão.....	126	19	105	2	22
Lugar annexo á fortaleza da Barra.	303	47	246	10	40
Somma.....	6642	635	5760	247	777

*N. B.* — Que se não incluem ainda no lugar de Airão as pessoas do gentio Mura, que por effeito da sua voluntaria redução de paz e amisade, se tem alli aggregado e reunido, visto não terem vindo contadas e descriptas no relativo mappa do mencionado lugar.

---

Senhor Antonio Villela do Amaral.—Tendo Vmc. a felicidade de dever ao publico d'esta villa o honrado conceito de morador zeloso do augmento d'ella; experimentado na pratica nas suas lavouras, e versado na historia das suas antiguidades; e tendo eu mesmo, ha 2 annos, presenciado quanto Vmc. exercita com gosto a paixão e curiosidade que tem de promover a cultura das plantas indigenas e exoticas, em que a sua consumada experiencia tem chegado a reconhecer alguns prestimos, passo a dizer a V. S., que tanto d'estes como de outros quaesquer conhecimentos uteis, que Vmc. tiver adquirido, e nos quizer communicar, para eu em seu nome e como seus os inserir no corpo da historia philosophica e politica d'este estado, da qual me acho encarregado; pode Vmc. seguramente confiar-me as memorias que puizer, porque além de n'isso fazer um serviço aceito a Sua Magestade, e ao bem publico, tambem a mim me felicita o gosto de ser eu o instrumento de que Vmc. se sirva para as pôr na presença da mesma Soberana Senhora.

Deus guarde a V. Mce. muitos annos. Barcellos 16 de Setembro de 1786. De Vmc. muito certo venerador.  
*Alexandre Rodrigues Ferreira.*

Senhor Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira.—Toda a demora, que tive em dar a Vmc. a noção, que me pedio em carta de 16 de Setembro do anno proximo passado, me seria justamente extranhada, si uma longa serie de repetidas molestias, e outros tantos incommodos me não desculpasse. Agora porem que em parte me vejo restabelecido, quer a minha obediencia mostrar o desempenho, que póde, para o qual não me faltando a vontade, só me falta a sciencia. Mas na consideração de que as luzes de Vmc. são clarissimas, anteponho o cumprimento do meu dever ao receio, que me inculte a falta de letras, e como falta



d'ellas só me fundo na experiencia natural, que ainda aos mesmos irracionaes concedeu a providencia do Altissimo, repartindo sabiamente o preciso a cada individuo.

Este seguro me anima a dar execução ás ordens de Vmc., não pelo que pertence á historia das antiguidades d'esta capitania, porque d'ellas sei eu, que está Vmc. cabalmente informado pelo Illm. e Exm. Sr. general commissario, que aqui se acha n'esta villa, o qual já terá communicado a Vmc. as noticias da sua fundação, muito mais circumstanciadas do que eu as posso dar, e n'esta consideração o papel, que remetto a Vmc., não é mais do que um pequeno tratado da agricultura particular do Rio-Negro, segundo a minha experiencia tem podido alcançar, desde que sou morador estabelecido n'esta villa. Admitta-me Vmc. a liberdade de lhe remetter a sobre-dita noção, com a qual offereço a Vmc. a vontade, que tenho de o servir em tudo, para que em mim achar algum prestimo.—Deus guarde a Vmc. muitos annos. Villa de Barcellos 20 de Abril de 1787.—De Vmc. muito obsequioso e fiel criado.—*Antonio Villela do Amaral.*

### MANIBA

Sendo a farinha de mandioca o pão usual em quasi todo o Brazil, por ella é que devo principiar, visto que sem ella, em razão de pão, se não pódeprehender, nem esperar outra alguma conveniencia, nem no passadio dos lavradores e das suas familias, e dos indios que elles tem á soldada, nem nas lavouras dos generos, nem na colheita dos do sertão. Os indios porem nas occasiões das fomes, e quando andam desertados, supprem a falta d'ella, com alguns frutos ou manços ou silvestres, comendo uns, do mesmo modo que todos nós comemos os nossos pômos, e bebendo a substancia de outros depois de desfeitos em agua fria ou quente, sem desperdiçarem os caroços porque tambem os comem assados.

Porém devo advertir, que é uma sem razão attribuir a carestia das farinhas, quando ella se experimenta n'este Rio-Negro, á esterelidade das suas terras, pois a constancia que ha poucos annos a esta parte tem havido no

trabalho, tem aberto a porta ao desengano, chegando todos a verem com seus olhos, que a preguiça de uns, e a pouca experiencia de outros eram as que occasionavam as faltas, e não a esterilidade. Pois ha hoje trinta e tres annos, que para se amunioar a tropa, que guarnecia este arraial se ia buscar fóra das terras e povoações d'este rio as farinhas e os legumes precisos, tendo chegado a vir farinhas do Maranhão para esse fim, e ainda assim só se amunioava cada soldado com duas quartas por mez, e o mais se lhe pagava a dinheiro.

E como os governadores d'esta nova capitania, e juntamente com elles os commandantes dos seus respectivos destacamentos, se foram escarmentando das costumadas faltas, tomaram a resolução de mandarem fazer roças de mandioca, e d'ella resultou uma comprida satisfação do seu empenho; de sorte que apostando uns e outros em deixarem augmentadas producções aos seus successores, chegou-se finalmente a termos de uma total abundancia. Nem para Vmc. estar por isto, necessito de lhe allegar outra maior prova, do que a que está dando o capitão Marcellino Joseph Cordeiro, desde que o Exm. Sr. general commissario lhe accrescentou ao encargo da commandancia da fortaleza de São-Gabriel da Cachoeira-grande, o outro encargo da inspecção das farinhas em todo aquelle distrito.

O mesmo se tem experimentado em algumas povoações, que tem directores zelosos do augmento d'ellas; de fôrma que ha seis para sete annos que principiou a diligencia da demarcação actual dos dominios de Sua Magestade, e n'esta não tem succedido virem as farinhas de fóra como vinham na demarcação passada, antes com as farinhas fabricadas nas povoações d'este rio, se tem amunioado as tropas da guarnição d'esta villa capital e dos destacamentos, não só de dentro do mesmo rio, mas tambem das do Rio-Branco, com o accrescentamento que n'esta mesma diligencia se fez de alguns pesqueiros, onde não faltam bocas que comam, e sobretudo os gentios novamente descidos, e os desertores reduzidos das povoações do Rio-Branco, com os quaes pelo motivo dos novos estabelecimentos, para sustento seu e da

guarnição militar, e dos outros indios e cabos empregados nas canoas do transporte, se tem consumido por conta da real fazenda, segundo tenho ouvido dizer, 6,544 alqueires, e 9 rações, desde 9 de Janeiro de 1784 até 15 de Abril de 1787. E isto sem comprehender a outra grande porção de farinhas, que no mesmo presente anno de 1787 se tem applicado para as diligencias de que está encarregado o Sr. coronel governador Manoel da Gama Lobo d'Almada, e a muita que tambem consomem os Muras novamente descidos para as povoações da capitania.

Logo parece não ser esteril o rio, e pelo contrario sempre o teria tido, si os commandantes apertados da necessidade como acima disse, não tivessem tomado expediente que tomaram, e si os soldados, que então se achavam casados n'aquelle tempo, não dessem baixa para cuidar das suas lavouras, ficando-lhes mais tempo para empregar no trabalho, os quaes vendo que estas terras eram menos ferteis, do que as das margens do rio das Amazonas, e que por isso necessitavam de maior applicação ao trabalho, se puzeram a elle talvez lembrados do mesmo a que foi obrigado o primeiro homem, por quebrantar o preceito, que lhe fôra posto pelo mesmo Deus. A bôa colheita de uns animou a diligencia de outros que o foram imitando, não só na agricultura da mandioca, mas tambem do tabaco, do café, e do cacau, além dos outros generos, que o tempo, e as suas diversas conjunturas os obrigam, sendo que antes d'este augmento, em que hoje está o café, só para divertimento se plantava algum grão.

Porém sempre se distinguio no principio o capitão João Nobre da Silva, que foi o primeiro que plantou e cultivou os ditos generos, e entre elles o café havido dos quintaes do religiosos carmelitas, que tinham algum para seu gasto nas missões da sua residencia. Distinguiu-se o dito capitão, porque como não era soldado, e foi o primeiro que casou com india, não se lhe difficultou auxilio algum para elle poder fazer as suas lavouras.

Pelo que me parece, que tenho dado, não uma mas muitas provas, que autorizam o que sempre sustentei,

que não são necessarias as farinhas de fóra, com tanto que se trabahem as terras segundo o costume do Brazil, e que para se trabahar hajam os auxilios da gente precisa.

E ainda seriam mais abundantes as farinhas, si por aqui só se usasse de uma tal qualidade de mandioca, que fosse a melhor, e não de tantas quantas se conhecem, tanto boas como más, observando-se primeiramente a natureza da terra, e procurando-se não menos as estações mais benignas, segundo a sua abservação. Ora tambem Vmc. deve saber, que os lavradores do Rio-Negro só agora tem necessidade de fazer maiores roças, para fabricarem muitas farinhas, pelo gosto que d'ellas faz a real expedição, pois que o da capitania de persi se enche com as que resultam dos dizimos, e vem das povoações das cachoeiras, para o soccorro da tropa da guarnição ordinaria.

Pede a razão, que não se desvaneça a agricultura desta qualidade de pão, o qual tão differente é do nosso na facilidade de o conservar e usar d'elle ; porque o da Europa necessita de ser recolhido aos celleiros no seu devido tempo, e a farinha da mesma terra se vai gastando, e si a maniba e de boa casta dura n'ella dois e tres annos sem se arrumar, permittindo-o tambem a terra em si, ella se dispoem em roçados, depois de secos e queimados, traçando-se as suas hasteas em pequenos pedaços, os quaes se fincam nas covas que se abrem na terra, ou com a enchada, ou com outro qualquer instrumento, ou de ferro, ou de pau, que a faça levantar e soltar d'aquella solidez em que está antes de a moverem. Deve-se conservar limpa de mato, po que aliás se malogra o trabalho, sendo certo que os matos, que nunca foram roçados, ou matas virgens, assim como dão maior trabalho, primeiro que se disponha a plantação, assim tambem dão maior descanso nas limpas, ou mepidas, e pelo contrario as copoeiras, que são matos que já foram roçados ; porque n'ellas nasce em muita abundancia todo o genero de herva, pela exposição em que já esteve ao sol e ao ar, e nunca o seu proveito corresponde ao das matas virgens.

A mandioca tem varias applicações fóra da farinha, porque d'ella se tiram os polvilhos, que por bem conhecidos os não confundeo. A cariman alguma similhança tem

com a farinha triga, pois d'ella se fazem soffríveis massas; entre as qualidades de mandioca ha uma, que se come cozida e assada, e esta mesma varia na qualidade e na côr, porque tambem a ha amarella ; n'este estado se lhe chama macaxeira, e nos outros Brazis aipim. Ha tambem outra qualidade de mandioca chamada mandiocaú, e não serve para mais, do que para se lhe beber a substancia, que pelo seu bom gosto, serve de sorvete aos naturaes, e aos moradores brancos, que aqui se acham estabelecidos.

Sendo tão ordinario o alimento da farinha, vem a tomar-se um refinado veneno todas as vezes, que se bebe o suco da sua raiz, ou esta se come cozida, ou assada; só se lhe pode acodir antes de entrar no chylo o seu veneno, sendo que aos animaes só o suco os destroe, pois os tenho visto comerem a raiz com a casca, e não lhes fazer mal algum. Este suco porem tão pernicioso em fresco e crú, depois de cozido é o melhor condimento de todas as comidas da plebe, porque tudo que n'elle se coze adquire bom sabor e conforto, pelo qual se poupam os gastos, que aliás se fariam com as especiarias.

As aguardentes, que do mesmo genero se fabricam em todo o estado, são dotadas de um tão bom espirito, que chegam a equivocar-se com as do reino.

Em toda esta capitania é muito frequente o consumo d'ellas, por se livrarem os que as bebem, de comprar a de canna ao contratador, e para não desembolçarem por esta parte o dinheiro, que podem arrecadar, e porque tambem nunca é tanta a de canna que corresponda ao consumo, que se lhe dá. Muita parte das lavouras da mandioca se estraga com este uso, e por esta razão exceptuado algum frasco d'ella para algum medicamento receitado por cirurgião, de todas as mais quantidades se devia executar a rigorosa prohibição que ha, assim como se tem castigado por vezes os que tem sido accusados de a fazerem, e tem sahido culpados nas devassas, porque primeiro está o alimento necessario do que o appetite; que bem se deve escusar para se evitarem as desordens que entre os indios causam as bebidas do pajuaru, do caxiri, do mocororó, da guariba, e outras em que estragam as raizes de que



podem fazer farinha para se sustentarem, e não as ditas bebidas para se embriagarem.

Comtudo a aguardente do beijú não deixa de ser medicinal para muitas queixas, usando-se d'ella com a moderação, e na dóse em que se tomam os remedios, e por esta razão os naturaes brancos, e a imitação d'elles os Europeus, a preparam com mais delicadeza para usarem d'ella quando lhe é precisa.

## ARROZ

Era uma das mais raras maravilhas a que a apprehensão encaminhava o desejo pela falta, que d'este genero havia; pois quando do rio dos Solimões se enviavam alguns alqueires d'elle, era sómente a sugeito de quem se dependia, e em tão pouca quantidade que nunca chegou á mão de lavrador nenhum de experiencia, para experimentar a sua plantação.

E' certo, que tambem por aqui o havia de qualidade, que ainda hoje se cultiva em as povoações das cachoeiras, onde se produz o vermelho, supposto que agora me dizem, que já lhe foi enviada a semente do melhor, e que d'ella se tem colhido não poucos alqueires. Os lavradores do rio dos Solimões podiam melhor do que estes outros, ter aproveitado com ella a fertilidade d'aquellas terras. Porém sempre se contentaram com recolher tam sómente quanto lhes era bastante para lisonjear algum appetite que por acaso tivessem, e para segurarem a semente.

O capitão Joseph Antonio Freire Evora foi o que n'este rio desempenhou ao principio as obrigações de bom lavrador, colhendo em successivos annos avultadas porções de alqueires. Ao que tambem satisfez o licenciado João Manoel Rodrigues, seu genro.

Ambos elles podiam ter feito interessantes lavouras, nos differentes projectos de cada um por si, si não complicassem com outras causas mais particulares, em que passaram a considerar, que tinham mais interesse, quando aliás qualquer d'elles tinha para o exercicio de lavrador outras forças e meios que os outros não tem.

O primeiro andando sempre em frequentes e dilatadas viagens, não tendo logar de esperar dos escravos uma grande actividade em sua ausencia, tem quasi dado de mão a este genero.

Quanto ao segundo, com a esperanza que concebeu do seu regresso, pôz-se nas mesmas circumstancias, e com a sua ausencia depois que o conseguiu, maior falta se tem experimentado. A respeito de outros moradores poucos são os que o plantam, e esses em pouca quantidade, pois que não sendo este d'aquelles generos, que retirada daqui a real expedição continue a interessar depois d'ella, encaminham os seus cuidados a outros, em que tenham sempre o seu lucro permanente.

Pelo que corresponde a um alqueire de sementeira, ainda se não fez o seu calculo, si bem que não deixa de estar mais que averiguado, que, em comparação com as terras de Macapá, ficam estas sendo muito inferiores. Porém a meu vêr é preciso, que primeiro se faça toda a casta de experimentos; porque até ao presente sempre tem faltado por uma parte a pratica que tem os lavradores d'aquelle genero, e por outra os meios, e as posses de se applicar cada um como convém. De quatro pratos de sementeira, que lancei á terra, colhi bons seis alqueires: a terra era a de um d'estes covões, que a natureza continúa abrir de per si; a mesma semente tem afillado muito, e me dá esperanza de continuar.

## MILHO

Planta-se n'esta capitania e em quasi todo o Brazil, por entre os roçados da mandioca, por entre as sementeiras do algodão, da melancia, do feijão e só nas Minas vi eu fazer roças separadas para elle, e isto pela brevidade com que soccorre aos mineiros, por serem homens viandantes que de tempos a tempos mudam de arraiaes, para onde ha novas descobertas de ouro. Além d'isto o milho naquellas partes é mais necessario do que em nenhuma das outras, por ser o principal e unico sustento dos porcos, que são a vaca, que quotidianamente se come nas

mesas d'aquelles moradores. A escravatura não come outro pão e as cavalgadas de carga, que entram em grande numero, não tem outra cevada para o seu sustento.

N'este rio porém, ainda que elle não é tão graúdo como o das Minas, é comtudo soffrivelmente bom, e nunca se planta quanto basta para as criações, que ajudam muito a viver, visto ser tão faminto de peixe e de tartarugas durante o inverno, e visto não se ter até agora introduzido o gado nas dilatadas campinas da parte superior do Rio-Branco, como havia tentado o Exm. Sr. general commissario, sobre as informações que a este respeito lhe deu o Dr. ouvidor geral d'esta capitania Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio.

Muito raras vezes se planta fóra das estações de Janeiro e de Junho, o seu preço é igual ao da farinha, quando alqueirado e em mãos que são de 50 espigas se paga á razão de 50 e 60 réis por cada mão.

## FEIJÃO

Nenhuma falta haveria d'este legume, si as povoações d'este rio lhe dessem consumo, de modo que viesse a fazer aos lavradores alguma conveniencia o plantal-o; pois ha perto de 29 annos que o sobredito capitão João Nobre da Silva, depois de ter tido uma colheita de 40 alqueires, lhe não deu sahida durante dous annos, e essa pouca que lhe deu parou nas mãos, ou na bolsa do tambor Luiz Mendes, a quem o mesmo capitão encarregou d'aquella venda aos selamins, até que escarmentado da primeira, sim proseguiu em segunda, e ainda hoje prosegue, porém nunca em maior quantidade do que a que precisa para o seu gasto, e si alguma vez planta mais é, quando algum sujeito se antecipa a recommendar-lhe.

Ora como todos os moradores têm as suas roças, cada um planta na sua quanto basta para o seu gasto; só alguns militares residentes o recommendam. Os indios não o admittem por mais de duas ou tres vezes, si lhe dão guisado, que elles pela sua parte não põem panella ao fogo para o cozerem, e só gostão d'elle assado, ou torrado

com a mesma casca por modo de divertimento. Para fóra da terra não se lhe dá extracção, e esta é que é a causa de o não haver dentro da mesma terra, nas occasiões precisas, e não por deixar de se dar bem de qualquer qualidade que elle seja.

O feijão branco por aqui se dá em muitos quintaes; porém no distrito das cachoeiras o mandou semear o Sr. governador Manoel da Gama Lobo de Almada, e de uma pequena porção colheu o que foi bastante para vir no conhecimento de que n'aquellas terras corresponde bem. Tambem medra bem a farinha do Macapá e outros muitos legumes, porém assente Vmc., que nenhum lavrador planta sinão o que lhe faz conta e lhe dá lucro, com que possa acudir ás necessidades da sua familia e pagar os jornaes dos operarios, sem os quaes não pôde passar.

### CAFÉ

Desde que o Exm. Sr. general commissario governando o estado avisou ao Dr. ouvidor geral da capitania a recommendação d'este genero, para elle cuidar de introduzir a sua abundancia, alguns lavradores se esforçaram por lhe fazer a vontade, e tambem porque viam, que o proveito correspondia ao trabalho, porém até hoje todos os que se tem empregado na sua cultura, ainda estam como no principio, sem saberem discernir qual seja o motivo, porque em uma mesma quadra de terra onde se plantam milhares de pés, se acham 100 e 200 vigorosos e frondosos, e consequentemente frutificados no seu tempo e n'esta mesma quadra se acham dobrados pés desfigurados e languídos e ainda os troncos e as suas ramificações cobertas de uma lanugem branca, a qual lhes comprime e aperta os póros e lhe não dá lugar a que os verifiquem, mas antes tirando o suco proprio áquelle vegetal o deteriora e o reduz ao estado de não se poder jámais restabelecer, pois uma vez encanecido, por mais applicação que se ponha, não dá esperanza alguma.

Com tudo é o unico genero, em que se estribam os lavradores brancos e alguns indios, por ser dos que lhes

dão interesse. E' bem constante, que esta planta como todas as mais, nas vizinhanças das casas, é onde se dão melhor e se carregam de fructo, e isto só por gozarem das varreduras das mesmas casas, o que de algum modo parece, que ensina a trabalhar e mover a terra.

Porém quantos são os lavradores, que tem os braços que necessitam para o fazerem? Quantos são os que os tem para limpar os grandes cafesaes, para vigiar que o bixo os não cerceie e destrua, e para infinitas precauções que se devem ter? Sem o devido trabalho se conservam os cafesaes, quanto pôde ser a beneficio das sombras dos ingazeiros, debaixo dos quaes elles duram mais em proveito dos lavradores.

## CACAU

Ainda que as sementes dos seus frutos entre todas as drogas do commercio do estado, são as que mais facilmente se colhem, e com mais promptidão resarcem em outras partes os gastos feitos na sua plantação com os jornaes dos operarios, quando não ha os escravos, com tudo não succede assim com o cacau plantado nas terras da margem meridional d'este rio, onde todo o trabalho, que com elle se tem, se malogra.

Elle gosta muito de ser disposto por entre os arvoredos sombrios, e logo se entra a resentir, si na terra encontra alguma tabatinga, uma das suas maiores inimigas para o seu crescimento e frutificação.

Nascem pelas extremidades de seus ramos uns grelos nodosos e crespos, nos quaes se lhes juntam varios insectos miudos, como percevejos, a que o vulgo chama lagartão, e d'esta queixa morre a maior parte dos que por aqui se plantam.

Além d'isto tem o desconto de se lhes enxertar uma herva, a que os naturaes dão o nome de uirarissuti, ou esterco de passaro, e nós outros hervas de passarinho, a qual não só é nociva aos cacoeiros, mas tambem a outras muitas arvores, porque se aproveita da sua nutrição, si se lhes não acode a tempo, limpando as arvores. O que



não succede aos ditos cacoeiros, quando estão abrigados á sombra de outras arvores, elles mesmos em si gostam da frescura.

Nas antigas habitações dos gentios ha cacoeiros, que se equivocam com elles, os que os não tem visto muito dantes, sem terem outro motivo para a sua conservação, sinão a bôa frescura de que gozam, sendo certo porém que o demasiado abrigo lhes dissipa o fruto, e que só se lhes deve dar o que basta para os resguardar do maior calor do sol. Nas margens da foz do Rio-Branco o ha nativo, e assim mesmo em algumas serras das cabeceiras dos rios colateraes, que desaguam na parte superior d'este Rio-Negro. O mais que se colhe de dentro d'elle, é dos cacoeiros plantados nas terras de sua margem septentrional, onde se dá melhor por seis até sete annos, quasi do mesmo modo que nas ilhas de Cameté.

### CANNA

Entrou n'esta capitania por curiosidade dos seus lavradores; crescem grandes hasteas, e bem succosas; quasi todas presentemente se utilisam do seu fabrico em mel, e um frasco de canada e meia d'elle se reputa a 320 réis. Serve a todos os moradores brancos, para com elle suprirem a continuada falta de assucar, e com elle adoção o chá, o café e d'elle fazem as suas conservas. Só o capitão Bento Joseph do Rego impetrou até agora a licença, que requeria ao Sr. general do estado, para poder fabricar a aguardente de canna: ella tambem daria bom assucar se coubesse na posse de alguns sujeitos, que, sem fazerem falta ás outras plantações, se pudessem empregar com vigor n'aquella manufactura.

E de muita dura na terra, não sendo de menor reprodução no augmento, que costuma ter qualquer dos pedaços que se plantam, e se conservam sem muito trato. Pôde ser, que, andando o tempo, se chegue a fabricar muito e bom assucar, pois a canna que se reduz a mel, sugundo a quantidade do suco que se apura, e a bondade d'elle, anima esta esperança. Os indios tambem o lançam nas

suas vizinhanças de mandioca, de que fazem aguardente, e alguns para a occasião das suas festas o apuram em mel.

## TABACO

E' planta esta, que pede terra solta, negra e substancial, de sorte que si a terra não tem estas qualidades, não ha mais remedio do que recorrer ao fogo, o que muitos fazem, cobrindo com lenha a terra que se ha de plantar, e plantando-a depois de queimada a lenha; o pouco tabaco que se fabrica dentro d'este rio tem a particularidade de ser bom e de durar muito sem se arruinar depois de fabricado. Antonio Francisco Mendes o tem tido de muita dura e o conserva quatro e cinco annos sempre perfeito. A terra que verdadeiramente é propria para esta plantação, é a da fortaleza da Barra d'este mesmo rio, e dahi por diante costa abaixo até ás duas villas de Serpa e de Silves, cujos moradores fabricam com pouca gente avultadas arrobas; por isso tambem muita parte d'ellas se perde e apodrece, porque, sendo pouca a gente que empregam em o beneficiar, não se cansam tanto em lhe fazer o beneficio para durar, como em multiplicar as quantidades para as venderem. O que é bom e bem fabricado excede, no cheiro e na actividade d'elle, a todo o mais do estado.

Em a villa de Borba, no rio da Madeira, algumas arrobas se fazem, que, attendendo ao estado d'aquella villa, não deixam de ser avultadas; porém não tem tanta dura, porque na maior parte das terras não dá sinão a primeira e a segunda folha. Nos campos da Cachoeira, na capitania da Bahia, se tiram até quatro folhas.

O modo de as acondicionar por aqui para se venderem, é aos molhos; os quaes são bem ligados e fortificados com cordas de cipó, ou de folha de muriti torcida, para ficar na consistencia, e grossura de um cordão. Vende-se a arroba á razão de 4<sup>75</sup> réis: os pretos escravos são muito tentados com a plantação d'este genero, não só para o tomarem em fumo, mas tambem para o venderem.

As suas folhas têm muitas virtudes medicinaes, e

uma d'ellas é a de servirem por modo de cataplasma com sal e ourina, para impedir que vá por diante a gangrena quando dá signal de si. Tambem se põe no umbigo, misturada com fel de vaca, e com azêbre para matar as lombrigas.

## ALGODÃO

E' pouco consideravel o que se recolhe das sementeiras da margem meridional, donde apenas se tira o preciso para alguma rede, para algum par de meias, e para as torcidas, e ainda assim se deve ter o cuidado de o plantar n'aquellas paragens, onde se lança o lixo das casas. Isto é d'esta margem referida, porque na outra margem opposta não só o algodão pega bem, mas tambem o café, o cacão, e tudo quanto pertence á lavoura. E sendo aquella terra de tão bôa qualidade, pouco recurso dá aos lavradores, pela rigorosa penção de atravessarem algumas bahias no espaço de perto de seis leguas de largura total do rio, defronte d'esta villa, e dos logares de Poiares e Moreira, entre os quaes ella está situada.

Sem as ditas travessias se não podem transportar os generos para esta margem, ainda que o perigo d'ellas nem sempre é o mesmo, e como as terras da outra banda ficam muito internadas para dentro d'aquellas margens, na distancia de duas e de tres legoas, porque pelas beiradotas são igapós, ou alagadiços que de inverno se inundam, fica sendo necessario a cada um conduzir de verão os seus moveis e generos por entre os ditos alagadiços, e por caminhos que se não podem trilhar sem enfado.

As paragens mais desoccupadas de charcos e pantanaes estão occupadas por indios situados n'ellas, entre poucos brancos, estes prudentemente se receiam d'aquelle ainda que sejam domesticos, porque, quando desertam das povoações e se internam para os matos, vêm ás roças dos brancos, que estão mais pela terra dentro, e não fazem o maior mal que costumam, si roubam sómente o que acham e desencaminham as indias do serviço dos lavradores, para as levarem consigo.

## ANIL

Não ha em todo este rio outra planta que seja tão bem recebida como esta, e uma vez nascida, fica reproduzindo com tal permanencia, que sem uum total desamparo se não extingue. A natureza a produz nas terras em que a continuação dos trabalhos as tem bem disposto para a sua criação, quando a mesma terra não é da sua natureza infecunda, e quando o mato não chega a crescer de sorte que a cubra e suffoque. Nunca se perde a semente, segundo se tem experimentado em partes, que muitos annos ficaram desertas e por cultivar.

O mais bem aceito anil de todo o estado, é o que aqui se fabrica, e a elle continuar para diante, como tem principiado mais vigorosamente desde os fins do anno de 1785 até agora, será um dos mais ricos mananciaes, donde os lavradores tirem os meios do seu restabelecimento depois de sete annos passados, que dura a diligencia da demarção sem poderem adiantar as suas lavouras com a falta de braços, que a maior parte d'elles têm experimentado.

No tempo em que o Exm. Sr. general-commissario governava o estado, remetteu ao Dr. ouvidor geral Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio um modelo de um tanque de madeira, e mais as receitas para fabricar o anil, as quaes osobredito ouvidor fez copiar, dirigindo as cópias dellas aos lavradores que lhe pareceram mais habeis; porém aquelle ministro, que aliás bem inculcava a todas as repetidas recommendações de S. Ex., não vio o desejado effeito que esperava pelo brevidade da sua remoção, ou regresso para a côrte de Lisboa: o que tudo se preterio com a sua falta, e com a pouca sahida que no Pará se lhe deu, tendo alguns fabricado pequenas quantidades.

Porém S. Ex., que então o recommendava por carta, agora o faz pessoalmente: e protegidos com a sua presença, já n'esta villa e nas outras tem principiado os lavradores as suas fabricas, das quaes estão tres erigidas na villa de Thomar, uma principiada n'esta, e outra tambem concluida na de Moura, a qual, desde Janeiro até ao fim de

Março d'este anno, fabricou seis arrobas, segundo me disse, seu dono Joseph Gonçalves, quando agora as veio entregar.

As outras fabricas, me dizem alguns, que cada uma d'ellas dá por mez meia arroba: sem falar nas da parte superior que têm dado muito, depois da nova invenção das fabricas, e agora me disse o anspeçada Bernardino de Freitas, que desta vez tinha dali trazido 24 arrobas, fabricadas nos tres mezes de Janeiro, Fevereiro e Março. E ao almoxarife ouvi eu dizer, que o anno passado tinha S. Ex. remettido para Lisboa 80 arrobas entre todo o que se fabricou n'este rio. Donde deve Vmc. inferir, que em os lavradores tirando das plantações, que se lhes recommendam, uma correspondente utilidade, todos fazem quanto podem por dar ordem á sua vida. S. Ex. o tem mandado pagar á razão de 17000 a libra.

### URUCU'

Aqui está uma planta, que serve bem de provar o que acabo de dizer; porque tendo-se ella plantado e fabricado n'este rio, quando tambem S. Ex. a recomendou, e o mesmo Dr. ouvidor geral deu a receita, depois de ter subido ao preço de 17200 e 17400 por libra, hoje se não procura.

Quasi todo o gentio se pinta com a bella gala da sua côr, e postos nús, saem a dançar homens e mulheres, o que não deixam de praticar ainda depois de domesticados, o ponto está em se lhes offerecer occasião, em que não sejam vistos dos brancos. Só onde não houver gentio não haverá tambem arvore do urucú, de fórma que achada ella entre o matto, signal é que ou por ali houve, ou ainda ha algum gentio. N'este rio já fabricou urucú o capitão Joseph Antonio Freire Evora. O gentio, que mais se distingue em o fabricar, é o Parauiaua do Rio-Branco, e do Tacutú, com os quaes algumas pessoas aprenderam, e o fabricaram, emquanto elle no estado esteve mais bem reputado.

O mesmo Dr. ouvidor geral da capitania traduzio



de um livro a receita de o fabricar ao modo dos estrangeiros, mas pelo motivo que disse no principio, de ninguem mais procurar semelhante genero, todos largaram mão d'elle. Distingue-se em duas qualidades, que são o encarnado e amarello.

## HORTALICES

Tanto as couves como os repolhos têm produzido bem, e a terra depois de queimada fica bem propria para a sua bôa nutrição. Ella tambem dá pepinos, alfaces, xicoria do reino, que a natural não se cultiva, e nos Brazis lhe chamam coentro da India, porque tambem lá o ha. Toda a hortalice daria, si chegasse a sua semente a nascer; tambem já se cultivou almeirão, e se deu grandioso em uma horta, que teve o capitão Bento Joseph do Rego.

A cebola é muito usual, porém nunca com a cabeça como as do reino, mas suppre a abundancia a falta da grandeza. Os alhos não dão sinão folha, isto é, os do reino, que algum vindo de Castella da boas cabeças, e bem adentadas, e se lhe chamam alhos mazombos; esta semente deu fim pelo descuido que teve quem os guardava só para si. Não falo em muitas outras cousas, por não se fazer d'ellas caso, como sejam bringelas e tomates, que só gosta d'elles a gente do reino.

Quanto ás uvas e figos sabe-se, que dão, porque já as teve no seu quintal o morador Francisco Coelho e as que se chegam a sazonar não são más, e só tem havido uvas brancas mas com tão bom recato, que d'ellas já não ha em parte nenhuma; porém o tenente-coronel Theodosio Constantino de Chermont as mandou vir de Tapajós, e as tem no seu quintal, e das suas podas vai dando a todos, e é notavel a sua applicação ao cultivo, tendo de tudo o que a terra permite com bôa ordem e alinhio, tanto de flôres como do mais.

No tempo dos padres missionarios houveram amoreiras, das quaes já não ha noticia, cuja planta veio com o destino de se crearem bixos de seda. Já ha tamarindos e

jambos frutificados, devendo-se esta raridade ao Exm. Sr. Luiz de Albuquerque, que de Mato-Grosso, donde é general, os enviou ao Exm. Sr. João Pereira Caldas, que o repartiu por alguns moradores; devo suppôr, que assim como estas cousas tão estranhas do paiz dão fruto n'este rio, daria tudo mais a quem o plantasse.

Os cravos do reino não floresceram, e de uma só somente se fazia uma mata, e d'elles não houve mais trato, nem disposição. Dá bem losna, arruda, mangerona, mangericão do grande e pequeno, ortelan, e coentro; emfim dou noticia do que dá e não do que ha, pois os que têm propensão, não têm meios para tantos cuidados; porque como pobres só se satisfazem com um par de bredos, que nascem por si, e dos frutos conservados sem nenhum trabalho.

Pimentas grandes e pequenas, com cheiro e sem elle, das quaes com nomes só ha tres: malagueta, cumari, e murupi. A malagueta é compridinha e delgada, e muito medicinal, a murupi comprida, crespa, e com uma cova na extremidade, cumari silvestre, e a dá o mato, e d'elle se tiram para planta, as quaes os indios presam muito, por serem inclinados a tudo quanto é silvestre.

### Raizes que se comem

#### BATATA

Planta universal das Americas, ellas se distinguem em amarella, roxa, e branca, comem-se cozidas e assadas, e d'ellas se faz bom doce; sendo cozidas não são de proveito aos flatulentos, si as comem em demasia.

#### CARA'

Ha brancos e roxos, grandes e pequenos, comem-se na mesma fôrma das batatas; o seu doce é viscoso, porém de bom gosto; os brancos são os melhores para este fim, assim como para cozer na panella junto com a vaca.

## TAMATARANA OU TAMATURANA

Raiz pequena bem similhante na folha ao gengibre de dourar, e não tem mais circumstancia do que para se comer.

## UAREHA'

Em tudo similhante a tamatarana é só differe em ter umas pequenas raizes que nascem da fruta, e em serem mais compridas.

## TAIOBA

Come-se-lhe a folha e tambem a raiz ; e d'esta mesma ha outra qualidade, quesó se come a raiz cozida ou assada ; e isto se deve entender de todas as mais raizes : umiriri e tajuassú, que todas estas têm a similhança do jarro do reino.

## Frutas mansas e silvestres

## MAMÃO BANANA

## OU PACOVA NA LINGUA GERAL

Colhem-se em abundancia em todas as partes, e n'este rio tem lugares em que se não dão, sinão ao pé das casas mais ou menos desviadas, pela assistencia que se lhes faz com o lixo ; é certo, que a parte opposta á do meio dia, as dá em abundancia, assim como tambem em todos os lugares, em que viveram gentios muitos tempos.

## PUPUNHAS

Similhante ao dendê de Angola ; é palma vistosa, e muito mais quando tem fruto, sendo umas amarellas e outras encarnadas ; a sua arvore é povoada de espinhos e por todos os talos : umas são oleosas, e outras não.

## COCOS

São poucos os que ha, porém carregam bem de caxos : ha poucos annos a esta parte é que se vão plantando, e a

sua semente foi dada de um coqueiro, que havia no quintal do palacio, plantado pelo capitão Francisco Xavier de Andrade.

### ABIO

Fruta estimavel e de bom gosto, no inverno não se aproveitam por criarem muito bixo: é pomo vistoso e de côr amarella com muita parecença com os pêros do reino; n'este rio são muito grandes.

### CAJU' CULTIVADO

Uns são amarellos tirante a brancos, e outros são encarnados; não dão resina em tanta abundancia como os do campo, e essa que dá é pouco limpa, posto que sirva para as encadernações.

### INGA'

Doce, mas de pouca conservação, criam muito bixo e nada nutrem, d'elles ha diversas qualidades, posto que os que se cultivam sejam o de sipó e o pêua, tanto para comer como para as sombras do café; o de sipó tem uma varade comprido, e são flexiveis; os pêuas são xatos; estes têm a côr amarella, e os outros são de verde desmaiado.

### BIRIBA'

De polpa molle e doce, dura pouco em razão da sua molleza, tem muito caroço; parecem-se com as mesmas frutas do conde da Baija.

### ATA

Saborosa e muito semelhante ao biribá, emquanto na vista, posto que este tenha uns bicos pela casca, como os dos peitos dos animaes.

### ARATICUN

E' 'grande molle e agro-doce, não se estima, e entra na mesma classe das duas referidas.

### LARANJA DOCE E AZEDA

Ha, dá bem, e são de bom gosto: as azedas não são aqui presadas sinão dos brancos, mas não de todos.

## LIMÃO DOCE E AZEDO

Sinão ha muita abundancia, é por se não estimar por estas partes, e os que ha são muito bons.

## COBIOS

Uns são lisos e outros agommados, são amarellos, encarnados, e roxos, commem-se cozidos e assados, fazem bom doce, e melhor geléa: a sua folha é mais larga que a da bringela. Alguns são espinhosos nos talos e tronco, e são cobertos de felpa e azedos.

## SORVAS

Há duas qualidades d'ellas, grandes e pequenas, ambas são de excellente sabor; e é pena que para colhe-rem os frutos, deitem abaixo as arvores.

## UMARIS

Ha de muitas variedades na côr, amarellos, roxos, e quasi encarnados: pouco se lhes come, porque não têm mais que uma tona de uma substancia muito oleosa, cheiram muito, e do miolo dos seus caroços se tira ti-pioca, de que, na falta de farinha, se fazem beijús.

Podem-se ajuntar muitas folhas, que se comem ou cozidas como os bredos e os carurús, e as folhas de taio-ba, ou em salada, como os olhos das palmeiras do assahi e ainda melhores são as da outra palmeira do anajá de que também se fazem pasteis e tortas, e outras vezes se comem cozidas. Mas como Vmc. já tudo isto tem visto pela sua muita curiosidade, julgo desnecessario dizer mais do que tenho dito.



Lotações das congruas, soldos e ordenados que aos filhos das folhas respectivas paga a fazenda real, pela thesauraria da villa de Barcellos, capital da capitania do Rio-Negro. 31 de Outubro de 1786.

Este mappa acompanha a participação 1.<sup>a</sup> da 2.<sup>a</sup> parte, sob o numero 11.



*1. umas que o mais próximo e Excellentissimo Senhor general João Pereira Caldas em o tempo que governou o estado do Pará, regulou e ordenou para se pagarem os fretes dos diferentes generos, que da cidade capital para as povoações estabelecidas e situadas em toda a capitania do Rio-Negro, e d'estas para a dita cidade, se transportassem em canoas do commun commercio das mesmas povoações.*

PAUTAS E SUAS DIFFERENÇAS	G E N E R O S  P O R  A R R O B A S																
	CAFE.	CACAU.	SALSA.	Gravo		ALGODÃO.	SUMAUMA.	ESTOPA.	BREU.	TABACO.	SABÃO.	PEIXE.	ASSUCAR.	ARROZ.	FERRO, AÇO E FERRAMENTAS	POTIOLA.	CHUMBO EM MUNIÇÃO.
				FINO.	GROSSO.												
Pautas determinadas em ordem datada de 12 de Junho de 1776.	300	200	350	350	240	240	210	180	180	180	240	160	240	120	240	1280	320
	350		400		280		280		210	210	280		280		280		360
		250		400		280		210		210		200		140		1600	
Diferenças de umas para outras segundas distancias.	400	300	450	450	320	320	320	210	210	240	320	240	320	160	320	1920	400
	50	50	50	50	40	40	40	30	30	30	40	40	40	20	40	320	40
	100		100		80		80	60	60		80		80		80		80
Diferenças de umas para outras segundas distancias.		100		100		80		60		60		80		40		640	
	50	50	50	50	40	40	40	30	30	30	40	40	40	20	40	320	40

Diferenças de umas para outras segundas e para outras distancias.

PAUTAS DETERMINADAS EM ORDEM DATADA DE 12 DE JUNHO DE 1776.

1ª E para as villas de Serpa e Borba até a boca do Rio-Negro.....

2ª E para as povoações estabelecidas na boca do Rio-Negro para dentro e da do rio Solimões até a villa da Ega. ....

3ª E para as povoações estabelecidas da referida villa da Ega para cima.....

Da primeira para a segunda.....

Da mesma primeira para a terceira.....

Da segunda para a terceira.....

# PAUTAS E SUAS DIFFERENÇAS

PAUTAS E SUAS DIFFERENÇAS	DITOS POR ALQUEIRES						DIFFERENTES VOLUMES										PESSOAS	
	ARROZ.	FARINHA E MILHO.	FEIJÃO.	CASTANHAS.	SAL.	CAL.	FARDOUGAIXA DE FAZENDAS.	COURROS EM CABELLO	MEIOS DE SOLA	BARRIS DE SEIS EM PIPA.	FRASQUEIRA.	PEQUENAS.		JABOTIS.	POTES DE MANTEIGAZA ZEITE	ROLO DE PANO DE ALGODÃO	PAISANOS QUANTO A PESSOA SÔMENTE	ESCRAVOS CADA UM
												GRANDES.	Variedades					

80	160	240	160	350	240	500	180	240	1280	640	160	100	50	240	640	1280	640
	180		180		280		200		1600		180		60		800	960	
100		260		400		600		280			800	120		280		1600	
	200		200		320		220		1920		200		70	320	960		1280
120		280		450		700		320			960	140	10		160	1920	
	20		20		40		20		320		160	20	20	40		320	
20		20		50		100		40		640		20	20		320		640
	40		40		80		40					40				640	
40		40		100		200		80			320			80			
	20		20		40		20		320		160	20	10		160	320	
20		20		50		100		40				20	20	40			320

Pautas determinadas em  
ordem datada de 12 de  
Junho de 1776.

Differenças de um a s  
para outras segundo as  
differentes distancias.

### Nota que cerrava cada uma das pautas

Immediatamente seguida ao fim da 3ª classe ; os mais generos á proporção ; e em seguimento á ultima casa ; escravos ; e o fato ou generos que levarem se deve tambem regular para o frete em conformidade da sobre-dita pauta.

### *Observações*

Ha a advertir, que tendo o sobredito Illm. e Exm. Sr. general distribuido as ordens precisas para se porem em execução as referidas pautas em data acima prescripta foi servido alteral-as (em quanto sómente ao arroz em casca) determinando em officio de 10 de Outubro de 1778, que attendendo a ter subido o preço do dito genero, se pagasse de frete por cada um alqueire, o mesmo que estava determinado para cada uma arroba do descascado. Ha igualmente a advertir, que, sem embargo da regulação feita pelas acima indicadas pautas, o mesmo Exm. Sr. general ponderando algumas particulares razões, ordenou em outro officio de 30 de Dezembro do dito anno de 1778, se ficassem pagando os fretes em toda a capitania unicamente pelos preços indicados na primeira pauta regulada para as villas de Serpa e Borba e até á boca do Rio-Negro ; isto emquanto não houvesse contraria ordem. Pórem que se devia ficar na intelligencia de que era unicamente emquanto aos generos transportados nas canôas, que em occasião dos transportes dos negocios dos communs das povoações, infallivelmente devião fazer aquella viagem, e não em as que destinadamente se puzessem promptas, para carregar a fretes, porque essas deveriam perceber os primeiros nas pautas indicadas ; ordem esta que está existindo em actual vigor.

---

Sr. Antonio Joseph de Araujo Braga.

Achando-me encarregado por Sua Magestade da historia philosophica e politica dos estabelecimentos portuguezes n'esta capitania; e sendo aos seus habitantes universalmente constante a literatura e probidade com que Vmc. desempenha o exercicio da ua profissão, e acredita a doutrina e a pratica cirurgica do hospital real de S. Joseph de Lisboa, de que Vmc. tem a honra de ser alumno benemerito, não posso deixar de me felicitar a mim, e de me comprometter desde já o felicissimo successo, que terá a minha commissão, pela parte que se me recommenda a historia das enfermidades endemicas e epidemicas do paiz, tendo eu a felicidade de nelle achar a Vmc. empregado no real serviço.

Persuado-me portanto, que, sendo elle o objecto dos trabalhos e applicações de Vmc. e minhas, pela minha parte faço o que devo ao serviço e á Vmc. em pedir-lhe com toda a sinceridade literaria, queira coadjuvar-me com as suas ás minhas observações medicas, visto que a Vmc., mais privativamente do que a mim, pertence uma escrupulosa averigação de cada uma das enfermidades, suas causas, symptomas e prognosticos, e visto que além d'esta me estam igualmente recommendadas, infinitas outras observações de mui differente repartição. Antecipo o penhor da minha sinceridade, participando a Vmc. que até ao presente se me não tem offerecido occasião de observar ou mais ou menos enfermidades, do que as que andam descriptas na *Brasilia Medica* de Guilherme Pinson.

As febres quotidianas, terçans e quartans, com as mais intermittentes, verdadeiras, escurias, não n'esta villa, mas nos rios confluentes da parte superior d'este em que estamos: e geralmente as cephalalgias, hemicraneas, opthalmias, odontalgias, cardialgias; alguns estupores, os pasmos, os catarrhaes, as obstrucções das visceras, a hydropsia, a palpitação do coração, as lombrigas, os fluxos do ventre, o tenesmo, a cholera, a dysenteria, o fluxo hepatico, as ulceras, e inflammiação do annus, e na classe das contagiosas, as bexigas, o sarampo, a qualidade celtica, as empigens, os herpes miliares

etc., as quaes todas eu tenho observado. Sei, que não bastam as minhas observações, e por isso me resolvo, para melhor serviço de Sua Magestade n'esta parte, a conferir-as com os professores a que ellas pertencem.

Digne-se Vossa Mercê instruir-me não só na qualidade das enfermidades, que ha seis annos a esta parte tem observado na capitania, mas tambem na dos corpos naturaes, ou sejam animaes, ou plantas, ou mineraes; os quaes applicados ao corpo humano primeiramente, e depois d'elle ao dos animaes uteis, ou lhes conservam a saude, si estão sãos, ou os restituem a ella, si estam enfermos. Confio tambem, que não duvidará Vmc. communicar-me a historia dos venenos e seus antidotos. Eu tereia honra e a satisfação de algum dia escrever o seu nome no frontespicio das suas memorias, para que venha o publico no conhecimento do muito que espero, que deva aos seus trabalhos, resultando-me então a gloria de ter sido o primeiro, vide que desde agora me antecipo a ser de Vmc. muito attento venerador.

Barcellos 20 de Fevereiro de 1786.

*Alexandre Rodrigues Ferreira.*

Senhor Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira. O papel incluso, que eu tenho a honra de remetter a Vmc. acabará agora de verificar o que anticipadamente lhe ponderei, que eu não trataria tanto de desempenhar o encargo, que Vmc. se lembrou de me commetter, quanto de obedecer cegamente ao que me ordenou em carta de 20 de Fevereiro do anno proximo passado. N'ella se impôz Vmc. mesmo a obrigação de defender um papel, que, não sendo em sentido algum dictado pela vaidade, é filho da obediencia do seu autor. Porque tendo-me eu occupado em lêr e praticar com os enfermos dos hospitaes a cirurgia, que aprendi no de Cadiz, no de Evora, e no de Lisboa, nenhum tempo dei ás pensões que estam a cargo dos que se destinam a escrever.

Obrigou-me Vmc. a fazê-lo, notificando-me da parte do bem publico, a quem assenta, que podem ser uteis as minhas observações; eu as deposito nas suas



mãos, persuadido de que, quando não assente o publico que em escrevêl-as lhe fui util, virá ao menos no conhecimento de que me não faltou nem falta a vontade de o ser.

Deus guarde a Vmc. a muitos annos.—Barcellos 15 de Março de 1787.—De Vmc. muito attento venerador.

*Antonio Joseph de Araujo Braga.*

E' constante, que a atmosphaera entre os tropicos é quente e humida, e que estes paizes são regados de innumeraveis e caudalosos rios. Elles são cobertos de altissimos arvoredos, e pela maior parte tão espessos, que quasi sempre se não deixam penetrar tanto dos raios do sol, como da quantidade de ar, que é capaz de sacudir e ventilar os miasmas podres, de que a atmosphaera se acha carregada. Quanto mais se remonta á sua origem, tanto menos espaçosos se vão elles fazendo, menos vadeaveis é adherentes a altas e rusticas montanhas, quando por outra parte, á proporção que elles se dilatam, inundam com as suas enchentes vastas campinas, subindo a alturas consideraveis.

Vêm todos os que viajam, que pelas suas margens lhes ficam terras mais baixas, e fossos bem profundos, onde se conserva a agua todo o anno. Esta annualmente recebe durante a enchente innumeraveis cadaveres de quadrupedes, aves, peixes, amphibios, insectos e vermes, os quaes misturados com as raizes, troncos, ramos, e folhas das arvores que caem, ou apodrecem, ali ficam encarcerados até que o calor do sol lhes volatilise as partes mais subteis, e as espalhe pela atmosphaera. Em quanto se não volatilizam, fica o ar demasiadamente denso, privado da sua elasticidade, incapaz de entrar nos pulmões; o que vem a causar diversas enfermidades.

Ha n'estes paizes algumas plantas, e arvores tão venenosas, que instantaneamente morre quem usa d'ellas: taes são o assacú, a herva de rato, e o timbó, com que os indios matam o peixe, além de outras muitas, que ainda hoje são pouco conhecidas pelos domesticos. Dos gentios do mato é certo, porque o estamos vendo, que dos sucos

das plantas venenosas preparam as suas hervaduras para as pontas das frechas, com que matam a caça e os seus inimigos.

Nem as ditas plantas se criam sómente pelo centro do mato, mas também pelas margens dos rios, como é o dito assacú, de que os mesmos índios a mesma sombra receiam.

As enxurradas das aguas, que escorrem das serras das cabeceiras dos rios, arrastam consigo as diversas substancias terreas, salinas, e metalicas, de que abundam as mesmas terras. As aguas dos rios então são turvas; ainda mais turvas se fazem com as innumeraveis terras cahidas, que consigo levam as correntezas; e os que as bebem por costume logo que as tiram dos rios, sem esperar que assentem nos potes, de um para outro dia, depoem no ventriculo, de cada vez que as bebem, um sedimento viscido, o qual obstruindo os orificios dos pequenos vasos, annuncia pela chlorosis a obstrucção que todo o mundo sabe, que é um como seminário de outras queixas em que degenera, como são as palpitações de coração, as cardialgias, a ictericia, a hydropesia, a cachexia, etc.

Si ao que tenho dito se juntar, que os moradores das povoações situadas sobre as margens dos rios, com as immundicies que n'elles despejam, e com as nenhuma cautelas que n'elles praticam, relativamente ás diversas preparações do seu uso, concorrem quanto podem pela sua parte por infeccionar cada vez mais a agua, que bebem, de nenhum modo se extranhará, que tanto perigo corram as suas vidas.

Sirva de exemplo o que aqui estamos vendo a respeito da mandioca; vêmos, que cada morador a põe de molho no porto da sua roça, sem esta preparação depois de a ralarem, a metem em uns cilindros de esteira, que por aqui chamam tipitis, os quaes comprimindo a mandioca ralada, que tem dentro, a obrigam a escorrer um suco amarello a que dão o nome de tucupi: este não é venenoso, porque como padece alteração na agua onde se infunde pelo espaço de quatro dias, quando é corrente, e pelo de tres, quando o não é, vem por esta razão a

curtir-se com mais brevidade. O que succede pelo contrario no suco da mandioca, que não passa por esta fermentação ; como com effeito não passa a de que se fazem as farinhas secas ; porque, enquanto se não azeda o referido suco, é um mortal veneno para todo o animal que o bebe.

Sei, porque vejo, que os rios da America não são pequenos regatos, e de tão placida correnteza, que muito poucos miasmas bastem para infeccionar as suas aguas. Como porém também sei, que são infinitos os animaes, as plantas, os mineraes entranhados nas terras, que fazem as suas margens, não é de admirar, que eu reflecta no que tenho dito, porque antes de mim reflectiram os primeiros, e continuam a reflectir os actuaes moradores das povoações d'este rio.

Aquelles que mais cuidado têm da conservação da sua saude, jamais bebem outra agua, que não seja a que é tirada do meio do rio, onde a correnteza é mais rapida, e onde pelo consequente não param as imundicies, que param nas margens, em consequencia dos despejos domesticos, das lavagens dos corpos, da maceração da mandioca e de outras muitas causas, que a todos são notorias. Não contentes com esta precaução os que são mais escrupulosos, filtram a agua por um panno fino, ou a purificam das impurezas, mediante o alumen com que as precipitam para o fundo.

O ar pela sua parte, com os effeitos do seu calor, causa diversas enfermidades. A porção mais espirituosa do sangue todos os dias se dissipa ; sae pela transpiração, pelo suor, e pela ourina ; o que fica no corpo é um sangue seco, terreo e espesso, donde procedem as melancholias, as lepras, os vomitos pretos, as camaras de sangue, as febres ardentes, etc.

Eis aqui as enfermidades, que se não poderiam evitar por causa do calor e da densidade da atmosphaera quotidianamente quente e humida, a não serem os ventos geraes, os que em uma parte do anno a discutem e agitam, varrendo para fóra das povoações as suas atmosphaeras particulares. O que tanto é verdade, que bem á sua custa o experimentam aquelles que ou seja pela posição das

povoações em que vivem, ou pela diversidade do tempo, chegam a experimentar a falta dos referidos ventos geraes.

Elles comtudo não são os unicos correctores da atmosphera: juutam-se-lhes infinitas particulas aromaticas, que copiosamente exhalam as plantas e as arvores do paiz, como são as do cravo fino e grosso, as do puxiriassú e mirim, e a do umiri, que destilla uma especie de estoraque, além de muitos balsamos naturaes que servem de corrigir e embalsamar o ar; não cessando nem as chuvas, nem as quotidianas trovoadas de discutir a maior parte dos miasmas. Si a chuva comtudo ó diminuta, e o vento cessa, fica o ar muito mais quente, e a terra exhala de si um terrivel cheiro, e da fermentação que padecem os corpos procedem as diarrheas de sangue, e passam ás desynterias, tenesmos violentos, fluxo hepatico, etc.

Quando o verão é grande e se augmentam as secas tanto dos rios como dos lagos, fica sendo incrível quanto tambem se augmenta a podridão por toda a parte, em particular pelas povoações situadas nas costas do mar, ou porto d'ellas. Porque a agua salgada se mistura com a doce, e pela sua mistura se accelera tanto a putrefação, que não ha especie de enfermidade d'este genero, a que não estejam sujeitos os seus habitantes.

Os indios e os pretos são os mais sujeitos aos dous contagios das bexigas e do sarampo. Assim o provam muitas e muitas antigas memorias d'este estado. O muito oleo de que n'elles abunda a membrana adiposa assim como serve de modificar a acrimonia dos liquidos nos paizes quentes, donde são naturaes, vindo a ser mais doce o leite das pretas de toda a costa d'Africa, e por isso mais proprio para a nutrição dos infantes, assim tambem ao maior grão de calor se altera e se rancifica mais do que nas brancas, que o não tem em tanta quantidade.

Mas além d'esta razão ha outras muitas, que n'elles concorrem, e os habilitam para os ditos contagios. Concorre a má vida que levam sempre occupados em violentos trabalhos, os quaes servem de lhes dissipar a porção mais espiritua do sangue: concorrem os peiores alimentos

de que usam os quaes por mais breves que sejam as viagens, nunca passam das carnes e do peixe mais podre, do que salgado, e ás vezes tão podre que nem o cheiro se pôde tolerar dentro das canôas : concorre a exposição do corpo ao ar ambiente, porque sempre andam nús e deste modo sujeitos ás impressões do sol e da chuva, do calor, e da humidade ; e finalmente concorre o uso das bebidas e dos licores espirituosos, os quaes lhes debilitam os solidos e os fluidos, deixando-os sujeitos a todas as classes de enfermidades que procedem daquella causa.

Os adultos e os menores de ambos os sexos sem excepção de qualidade ou condição, ou sejam brancos, índios ou pretos, todos os dias se lavam no rio duas, tres e quatro vezes : suados como estão se mettem n'agua, e dali adquirem as constipações, cephalalgias, ou emicranes, dores de ouvidos, odontalgias e opthalmias humidas e secas, acompanhadas de diversos fluxos de ventre de maior ou menor malignidade.

Aos brancos, quando se constipam, qualquer suador de agua quente basta, a razão é porque não têm a cutis tão solida como os índios e os pretos, os quaes não só carecem dos pellos e da mesma porção escamosa, e das rugas, ou silhões que regram a materia da transpiração, mas também são tão lisos por toda a superficie do corpo, que tocando-lhe com a mão na pelle se sente como avelludada. Os diaphoreticos, de que precisam n'este caso, são muito mais fortes do que os dos brancos ; algumas vezes não bastam os segundos banhos dos vapores da aguardente da terra.

Não de outra sorte acontece nas bexigas ; a natureza pretende exhonerar-se ou por si, ou por ajudada da arte, das materias violentas que a opprimem, expellindo-as para a periphéria do corpo ; porém quando succede encontrar n'ella os embaraços ponderados, então retrocede para dentro de si mesma e por esta causa vem pelo tempo adiante a morrerem empiematicos, os que se não descarregam d'ellas.

Accresce, que dos alimentos dependem as enfermidades dos vermes, entre os quaes mais commummente apparecem as lombrigas. Eu as tenho visto no ventriculo, e nos intestinos em tanta quantidade que, ainda depois



de mortos os que as tinham, as lanção pela boca, e pelo nariz, e algumas d'ellas de tão extraordinaria grandeza que chegavam a ter o comprimento de doze até treze palmos. Das crianças se sabe, que em todos os paizes são as mais sujeitas a ellas.

O que tambem eu tenho observado por aqui succede mui frequentes vezes, é comerem terra, sal, carvão, e outras substancias, que obstruem os vasos, donde procede terem quasi todas o abdomen levantado e as côres macilentas, cujo vicio se estende a alguns adultos de ambos os sexos.

Da maior parte das doenças reconheço por causa o calor e a humidade. O primeiro rarefaz os liquidos, augmenta os seus movimentos, dissipa a substancia mais preciosa, chega a impedir as secreções, e desordena por todos os modos o mechanismo da vida. A segunda coagula os principios vitales nas partes mais distantes do coração, e diminue a transpiração pulmonar e cutanea.

As variações subitas de um para outro estado produzem igualmente outras enfermidades, ou seja augmentando, ou supprimindo a transpiração : no segundo caso quando a supressão é parcial, e fica retida uma parte da transpiração nos vasos inhalantes ou exhalantes da pelle, sobrevém a sarna, que é mais ou menos grossa, segundo a consistencia que adquire a limpha, e os saes de que está impregnada. A dita sarna procede de duas causas interna e externa : a primeira consiste nas partes salinas, e accresce, que se exhalam pelo suor, a segunda tira a sua origem de alguns insectos e vermes, que se introduzem na pelle. Nas que procedem da primeira causa, incluo os herpes miliares e as pustulas sudoraeas ; tambem incluo, por ser queixa endemica do paiz, diversas qualidades de empigens que poucos são os que as não tenham, e algumas d'ellas tão pessimas, que é preciso tratá-las medicamente, e ainda assim não obedecem aos remedios mais proprios, que a arte costuma subministrar.

Pela occasião da enchente ou da vasante dos rios reinam os defluxos ; esta é uma observação constante, que ao menor repiquete das aguas succedem estas mudanças ; ordinariamente principia aqui a encher o rio pelo mez

de Fevereiro e a vazar pelo de Julho. Algumas catarrhaes vêm acompanhadas de tosses convulsivas, a que não podem deixar de succumbir as crianças, por não terem forças para a tolerarem, como aconteceu n'essa villa no anno proximo passado, em que morreram para cima de 25 em muito pouco tempo.

As cardialgias, as dôres do estomago e a cholera-morbus são mui frequentes, e a maior parte d'ellas acompanhada de symptomas mui funestos, as suas causas são muitas e eu me não ponho a circumstanciar todas. As pessoas de vida activa não as padecem tanto, como as de vida sedentaria; estas transpiram menos, digerem pouco os alimentos, os quaes se azedam no estomago, e adquirem um acido exuberante, o qual, tocando ingratamente na tunica interna do ventriculo, excita não só cruelissimas dôres, mas tambem violentas convulsões. Si a ellas se seguem os vomitos, e por elle se expelle o acido que as causava, cessam as dôres, e o enfermo melhora de symptomas. Mas quando a sua acrimonia se encaminha aos intestinos, passa a excitar a colica, tanto no colon, como nos outros por onde passa, e com o seu toque os contrahe de fôrma, que não dá exito ao ar contido n'elles, donde procedem os flatos tão frequentes n'estes sertões.

D'elles tambem procedem as palpitações do coração, assim como dos acidos demorados no ventriculo, da diminuição do fluido pericardino, ou da maior copia do mesmo, das obstrucções que padecem os vasos, e as entranhas de ambas as cavidades do tronco, e finalmente de todo o maior excesso que se pratica no uso da vida moral. Em outros procede da consistencia do sangue, como se observa n'aquelles que, sendo moços e robustos, abusam dos licores espirituosos. As moleculas do sangue se unem tanto que o não deixam circular livremente, e accumulando-se maior porção na base do coração, indica pela desigualdade do pulso maior ou menor acceleração. As indigestações, que por aqui são tão frequentes, causam a mesma enfermidade.

Pelo que pertence á qualidade celtica, direi, que os seus effeitos se não fazem tão sensiveis n'este clima, como no da Europa, porque com o seu calor se promove a

transpiração, e por meio d'ella se dissipa grande parte d'aquelles virus, e é preciso, que elle seja muito para ficarem os enfermos privados das suas acções naturaes, como acontece nos paizes frios.

As febres diarias, supposto que não são raras, pouco perigo annunciam pelo ordinario: a transpiração insensivel e o vicio do estomago influem n'ellas: as intermitentes não são proprias d'esta villa, e as que tenho curado foram adquiridas nos rios do Jupurá e do Uaupés. Todos os seus symptomas eram maus, e a sua natureza se revestia de differentes caracteres, segundo a ordem das suas repartições, porque as tenho visto terçans, quartãs etc.

E ainda que até o presente não tenha observado n'esta villa, nem saiba dos moradores das outras que ha n'este rio, que sejam n'ellas frequentes as febres perniciosas, não deixo de advertir, que ellas são proprias de outros muitos rios, assim como de outras muitas povoações do estado. Sirva de exemplo a villa de São-Joseph do Macapá; porque supposto que ainda não fui a ella, tenho sido informado pelos professores, que ali exercitaram o seu talento e a sua actividade. Elles me informam, que reinam ali todas as qualidades de febres quartans, e terçans perniciosas, e que aos que della escapam, sobrevêm as quotidianas, quando não terminam por obstruções e hydro-pisias, que são as enfermidades endemicas não só dos moradores d'aquella villa, mas tambem dos de villa Vistoza, e Mazagão.

Ora, sendo certo o que dizem aquelles moradores, que na referida villa do Macapá, não haviam as mencionadas febres no principio do seu estabelecimento, lembrome de as attribuir á mesma causa, de que ellas procedem em Veneza, em Guilão, na Persia e no reino de Sião, onde se cultiva o arroz. Quero dizer, que cultivando-se elle nos pantanaes de que constam aquelles campos, onde apodrece a sua palha com o calor do sol no tempo do verão, se elevam da terra exalações tão pestíferas, que causam os ditos contagios. Isto não é increpar a cultura d'aquelle genero; é sim recommendar aos lavradores o cuidado que devem ter em facilitar a escoanta das aguas enxarcadas; de não deixarem nas ruas da villa, e nos quintaes das

casas tanto a palha, como a moinha do arroz, porque *uma* e outra apodrecem, e da podridão a que passam resulta o perigo das suas vidas.

A respeito das feridas e ulceras toda a cautela é necessária para prevenir o espasmo: basta muitas vezes expô-las ao ar, na acção do curativo, basta usar de remédios, que se não tenham passado pelo ar do fogo, e basta finalmente molharem na agua a ferida, cu qualquer parte do corpo para elle sobrevir com funestos symptomas convulsivos. Assim o presenciou Vmc. que succedeu n'esta villa á rapariga Joaquina, filha do morador Antonio Joseph de Siqueira, a qual, depois de se lhe ter tirado um dente, se foi lavar ao rio, donde voltou accommettida de um violento espasmo.

Outro ainda peor lhe aconteceu depois do primeiro, sem outra causa mais, que a de se ter lavado dentro em casa, depois de passados cinco dias, que se havia sangrado por uma queda, não estando ainda então absolutamente cicatrizada a cizura da sangria; porém de ambas as vezes teve a felicidade de escapar debaixo do meu curativo.

Apostemou gravemente a cizura da sangria, que aqui se fez á india Margarida Josepha; examinada a causa se conheceram, que o estado da lanceta a tinha motivado, porque nem tinha sido apontada, havia bastante tempo, nem ao menos limpa de ferrugem, que n'este clima é quasi inevitavel. Por outra parte como não ha officiaes, que apontem as lancetas, contentam-se os sangradores de as desgastar nas pedras d'este uso, donde resulta, que a lanceta fica sendo um instrumento igualmente contundente. Deduzam do referido os cirurgiões do estado, quanta reflexão é preciso fazer, para se resolverem a operar mediante os instrumentos de ferro, quando sem elles puderemprehender e concluir as suas operações, sendo o clima tão disposto e apropriado para excitar os mencionados espasmos.

A paralysis a que chamam berberis, ou bereberium, acontece n'este paiz pela mesma causa, e do mesmo modo que em Java. A variação subita do calor para a humidade, a excita nos corpos dos que dormem expostos ao sereno da noite, ou dentro em casa se descobrem, deixando abertas

as janelas das camaras onde dormem. Outra especie de paralyssia tenho eu tambem observado, á qual se dá o nome de catalepsia, e em portuguez o ar; procede da mesma causa; o corpo fica rigido e immovel, as mandibulas e os dentes se apertam, a convulsão é universal, e doentes morrem, si se lhes não acode a tempo, subministrando-lhes os remedios proprios.

A maior parte das sobreditas enfermidades é commum ao estado inteiro; as providencias que aproveitam em uma, são as que se devem entender á outra capitania: tambem não são poucas as que necessitam de applicar, quem estiver encarregado da intendencia da saude. Da cidade do Pará, onde residi pelo espaço de cinco para seis mezes, direi, que bem pouco cuidado me pareceu, que merecia a conservação da saude dos povos pelas razões seguintes:

1.<sup>a</sup> Porque sendo ella uma cidade situada em um pantanal, cercada em roda de espessos matos, e quotidianamente banhada das aguas do mar misturada com as do rio; sendo uma cidade, em cuja extremidade existe um cortume tão nocivo pelos seus vapores e em cujo centro existe um forno de cal; o que tudo influe sobre a malignidade da sua atmospherá, porticularmente nos mezes em que não reinam os ventos geraes: sem embargo de tantas causas juntas, accresce a outra de ancorarem no seu porto sem quarentena alguma as embarcações dos transportes dos escravos, que vêm dos portos de Cabo-Verde, Bissau, Caxeú, Angola e Benguela. Os lavradores, que os compram, não poucas vezes levam com elles para suas casas um contagio geral para todas as suas familias.

E este foi um dos bem fundados receios, que aqui n'esta villa concebeu o Illm. e Exm. Sr. João Pereira Caldas por occasião de chegar a ella no anno de 1781 uma canôa, em que vinham alguns indios atacados de bexigas. Ordenou-me, que as examinasse, e só depois de informado da benignidade d'ellas, consentio, que ancorasse a canôa no porto da villa.

2.<sup>a</sup> Porque dentro da mesma cidade existe um açougue, onde se sangram as rezes, cujo sangue fica ali mesmo



estagnado, além de se exporem os couros ao sol para enxugarem, e além de ficarem pelo pateo e pela praia adjacente as visceras abdominaes das ditas rezes; donde procede um tão terrível vapor, que mal o podem supportar os que passam por aquella rua.

3<sup>a</sup>. Porque os alumnos, de que usa a maior parte da plebe e dos escravos, não passa de uma pouca de farinha muito mal beneficiada, servindo-lhe de conducto o peixe-boi, a piraliba, o pirarucú, e as tainhas ardidas e podres.

4<sup>a</sup>. Porque se despejam nas ruas as immundicies das casas, e se espalham as sementes do algodão que se descaroça, e as cascas e a moinha do arroz, que se descasca nos engenhos daquelle uso.

5<sup>a</sup>. Porque ha dólo e má fé nos negociantes de fóra, os quaes embarcam os viveres para o consumo do estado, falsificando os generos secos e molhados tanto em fraude dos negociantes do paiz, como em prejuizo da saude dos que os compram; não sendo poucas as barricas de farinha, ou podres, ou falsificadas com gêsso; os vinhos contrafeitos, gessados, ou encorpados com diversas drogas que alteram a saude dos que os bebem.

6<sup>a</sup>. Porque, apesar da razão e da experiencia, prevalece no estado a reputação, e o curativo dos empiricos, os quaes affectando de saber o que ignoram, impunemente se constituem arbitros das vidas, sem outra carta de approvação na arte, do que a que lhes passa a credulidade da plebe.

No que ccmto me não demoro, porque o reservo para outros, que n'este artigo pareçam menos suspeitos do que eu; accrescentando sómente pelo que me toca, que si eu, que frequentei pelo espaço de tres para quatro annos o hospital de Cadiz, donde passei para o da cidade de Evora, que tambem frequentei outros quatro; si eu, que pratiquei perto de onze no hospital real de S. Joseph de Lisboa, onde fui enfermeiro, e passei a cirurgião fiscal do segundo banco, e si eu finalmente, que sempre assisti aos enfermos e pratiquei o curativo das queixas, tanto medicas como chirurgicas, segundo mostram as certidões, que me passaram os tres medicos, com todos estes principios de materia medica, de anatomia e de cirurgia,

e com a experiencia de tantos annos, não entendo da arte para curar no estado, que será então d'aquelles que sem nunca terem frequentado os hospitaes, sem terem aberto um livro, e talvez sem saberem lêr, possuem as virtudes das plantas, caracterisam todas e cada uma das enfermidades, e para alguma d'ellas têm uma herva occulta, e um segredo pratico, que os empiricos do paiz o entendem.

Contudo a necessidade não tem lei, e onde não ha medico, nem cirurgião, melhor é sujeitar-se o enfermo a curativo dos enfermeiros, que tem uma reconhecida pratica, do que abandonar-se ao desamparo em que acabam-os demasiadamente escrupulosos. Assim se vende que os cabos das canôas que navegam para Mato-Grosso, como a experiencia os tem ensinado que as enfermidades que reinão durante aquella viagem, e em todo o districto daquella capitania, são as febres pestilentas, que elles chamam carneiradas; a corrupção ou por outro nome o bicho, toda a qualidade de sezões; as obstruções, e as hydropesias, cuidam muito de proverem dos remedios mais proprios, como são na classe dos emeticos, o tartaro ipecacuanha; na dos tonicos extracto de china e a dita em pó e o sal de losna; na dos estimulantes contra a corrupção o gengibre, a pimenta, malagueta em pó, misturada com sal commum, o enxofre, e a polvora. E na dos purgantes jalapa, o ruibarbo, o quintilho, e na falta d'este o pinhão.

E porque tenho falado do bixo, que todo o mundo sabe, que não é mais do que uma corrupção, que procede de um virus demasiadamente acre, o qual se lança sobre o esphincter do anus, e tocando-o ingratamente o priva da sua elasticidade, relaxando-o de modo que se lhe pôde introduzir a mão, direi contudo o mesmo que já está escripto a respeito d'elle: a saber, que os signaes, que a annunciam, são uma somnolencia profunda, dôres activissimas de cabeça até perderem os sentidos, um grande fastio aos alimentos, o aborrecimento á sociedade, em cujo caso é preciso não perder tempo em se lhe applicarem os remedios, bem entendido que as sangrias n'esta queixa são mortaes; si o enfermo não sente os clysteres, que se lhe administração, os quaes são feitos da pimenta, e de

gingibre, e dos mais simples que acima deixo indicado, então recorrem á massa composta dos mesmos simplices, e reduzida em bolas, que introduzem no anus, repetindo-lhes as fricções que lhe fazem ou com um panno molhado na calda, e enrolado no dedo de quem o cura, ou com um escopeiro que lhe introduzem, quando o dedo não chega até a parte affectada, de modo que se n'este caso não chega a dar o doente demonstração alguma de sentimento, tem contra si o prognostico mais certo da sua morte.

E no curativo d'esta e de outras muitas enfermidades, andam já tão exercitados os referidos cabos, que cada um d'elles é um habil enfermeiro em similhante viagem, do que me não admiro tanto, como me admirei da facilidade com que a si mesmo fazia a operação de paracentesis um curioso de cirurgia, por nome Joseph Soares, que para Mato-Grosso tinha subido na qualidade de cirurgião, e a esta villa chegou pelas oitavas da paschoa de 1782, o qual tinha sido furado tres vezes, e a si mesmo fazia a operação durante a viagem, sem outro instrumento mais do que um prégo de meia caverna, sufficientemente aguçado.

Taes são as enfermidades, que tenho podido observar em uma e outra capitania; sem ter ainda escripto uma só palavra a respeito das que procedem do veneno communicado á massa do sangue pelas mordeduras dos animaes venenosos, entre elles se distinguem as cobras, que os naturaes appellidam por diversos nomes, como são o surucucu, a canrinana, a jararaca, a jacarana-boia, a arara encarnada, a cobra de coral, dita de cascavel, dita de papagaio verde, e outras muitas que ainda hoje se não conhecem. Parece-me, que a natureza, attendendo á conservação de todas as especies, de tal modo confundio entre si os caracteres das côres, e das outras notas essenciaes, para um distincto conhecimento das que são, ou deixão de ser venenosas, que sempre da parte do observador fica um não sei que escrupulo a respeito de todas ellas.

O effeito que no sangue faz o seu veneno, tanto que com elle se comunica, não é em todas ellas o mesmo; do que se comunica ao sangue pela mordedura da jararaca, se diz, que resulta n'elle uma dissolução tal, que é

obrigado a sahir pelos póros mais subteis da pelle, e pelos cabellos, pelos olhos, ouvidos, nariz, e boca dos que são mordidos. Eu ainda o não vi, porque os quatro índios, que no hospital d'esta villa tenho até agora curado de mordidelas de cobras venenosas, o que succedeu foi coagular-se-lhes por tal fôrma o sangue que mal se lhes podia perceber no pulso a sistole e diastole, e com difficuldade sahia o que era preciso pela cesura da sangria, sendo necessario bastante fogo para fazer sahir quanto devia, em consequencia das esquilificações. Ao que eu pude occorrer com facilidade, porque todos quatro escaparam de baixo do meu curativo.

Sem serem as cobras, ha outros muitos animaes, cujas mordeduras e picadas, ainda que não são tão venenosas, não deixam de occasionar algumas inflammções. segundo a parte do corpo que ellas penetram mais e menos, e segundo a figura da ferida que fazem. Taes são as picadas dos peixes mandihy, surubim, e da arraia; as mordeduras de aranha chamada carangueja, dos lacraos, das osgas, das formigas tucanduras, e de alguns outros insectos.

As picadas das vespas, que por aqui chamam cabas, e entre estas as das cabaúnas, são mais dolorosas do que perigosas. A especie de pulga que em todo o Brazil geralmente se introduz pelos pés dos que andam descalços, e se chama bixo, nenhum veneno tem, nem causa inflammção alguma, quando ha cuidado de o tirar, antes de augmentar de massa e de volume; aos pretos porém, quando se descuidam de o tirar, succede ulcerarem-se-lhes os pés, e ser então preciso um tratamento cirurgico. Estes são os venenos, que por ora me lembram, que procedem dos animaes. A herva do rato, o assacu, o timbó, e a cauxingua são outras tantas plantas venenosas, que instam pelo descobrimento dos antidotos. Eu passo a circumstanciar o tratamento particular de cada uma das queixas indicadas, não pelo methodo curativa da Europa, porque d'elle tratam os livros medicos e cirurgicos, mas sim ao uso do paiz, segundo o que Vmc. me recomenda.

Quando as cephalagias ou as hemicraneas procedem de alguma constipação, promove-se a diaphorese pelos

meios dos banhos dos vapores, que resultam do cozimento das folhas de laranja, do limão, do manjeriço bravo, da pajamarioba, cujo cozimento tambem serve de chá, para o mesmo fim de promover a transpiração. Tambem se applicam na testa, e nas temporas os frontiz molhados nos cozimentos das folhas do ginipapo e do pau-tamanca, e no sumo do gengibre, ou da abítua, ou da herva teiú, que toma este nome de uma especie de lagarto assim chamado.

Outros não fazem mais do que aquecer a cabeça ao ar do fogo, ou reparal-a do ar com algum barrete de algodão, ou de lan defumado em alguma planta aromatica, de entre as muitas que ha pelo mato. A algum tenho eu applicado com felicidade as embrocações de agua morna pela cabeça.

Para as ophthalmias, que não procedem de causas complicadas, se preparam alguns colirios do cozimento da raiz do cipó, chamado gapuhi, da agua que destila a palmeira do caraná-assu, do cozimento do pau carapanáyua; do outro cozimento dos olhos da arvore copilba, etc.

Nas odontalgias que são occasionadas pelo decubito das defluxões sobre os dentes, e da corrupção d'elles, servem de remedios na qualidade de sialagogos a raiz do cipó chamado ambouarembó, e a da outra planta mucuracaá; a flôr e a folha do jambú, que na virtude é o mesmo que o pirethreo, o oleo do umeriem que ensopão o algodão, como se pratica com o oleo de cravo, e com elle quente envolvido em algum estilete, tocam a cavidade do dente.

As defluxões com tosse, e sem ella se remedeião, primeiro que tudo, com a dieta em que se poem os enfermos, e em segundo lugar com os pediluvios, depois dos quaes ordinariamente bebem os cozimentos do alcaçuz da terra adoçados com o mel silvestre, e os das flôres das perpetuas vermelhas, ou de mamão maxo, ou do urucú, como tambem o da raiz do malvaisco.

Si as dôres de colica procedem da humidade, que al umas vezes se lança sobre os intestinos, obram um bom effeito os medicamentos domesticos. Taes são o gengibre ralado para o beberem em agua quente, ou em



aguardente da terra, da mesma sorte que o puxuri, e as frutas da arvore da casca preciosa. No caso que isto não baste, se fazem as fomentações com o oleo de umeri. Tambem para os vomitos, ainda que sejam pretos, bebem a semente da cupahiba ralada, ou em aguardente como disse, ou em agua morna; passam ao uso do leite de peito, e si entendem, que precisão de ser evacuados, tomam desde um até quatro grãos de pinhão.

As camaras de sangue eu já reflecti, que pela maior parte procediam da corrupção dos alimentos, donde parece, que, para se adoçar a acrimonia dos liquidos, devem ser evacuados quanto baste, antes de entrarem no uso de clisteres atemperantes dos olhos de matapasto, e de pajamarioba, e das folhas da caamenbeca. Si as camaras porém se fazem rebeldes, e é necessario suspendell-as, applicam-lhes os adstringentes, que subministram as raizes do arará, da guiada, e da marapaúba, e casca da aca-purana e outras muitas.

Para as lombrigas são muitos os vermifugos, que tenho visto applicar. A muitos tem aproveitado o beberem o cozimento das folhas da herva mucuracahá, com as flôres da outra herva chamada crista de galo. Outro remedio sei eu, que se applica com felicidade, o qual consiste em uma cataplasma de tabaco de folha com fel de vaca e asebre para se applicar sobre o umbigo. Porém que mais se usa em todo o estado, é o leite da arvore cuaxingua: ha duas qualidades d'ellas, e vem a ser a de folha larga, e estreita; o leite da primeira é demasiadamente caustico, por isso não usão d'elle; differença-se do segundo, em ser mais viscoso, e de uma côr avermelhada.

Do da folha estreita se costuma dar aos adultos a dôse de duas até tres colhéres, e aos menores de ambos os sexos, a de uma até duas. Tomam-se pela manhan e em jejum, e em cima d'ellas ou se bebe leite, para moderar a sua causticidade, ou lavam a boca com agua morna. E' remedio, que requer prudencia da parte de quem o applica; porém o applicado como deve ser produz bom effeito, e dos enfermos que o tomam, uns lançam as lombrigas pela boca, e outros pelo anus.

Contra o veneno das cobras são tantas as applicações

que se fazem, e quanto a mim tão inútil a maior parte d'ellas, que nem merecem ser indicadas. Os remedios que aproveitam são poucos, e nenhum d'elles envolve em si o segredo, que a respeito dos seus costumam impôr os curadores. Recommendam muito o cozimento, e o lavo-torio das folhas da herva mucura-cabá, o da outra planta chamada pau para tudo, o da casca e da fruta da arvore paranacaxi; porém o seu remedio infallivel consiste na pedra, que se faz da ponta de veado ao fogo até se fazer negra: applicam-a sobre a mordedura ou picada da cobra, e como ella se pega aos labios da ferida entendem, que atrae o veneno, que por ella se communicou ao sangue. Os que isto fazem porém não reflectem, que elles mesmo cuidam muito de esquilificar a parte, ajudando-se do calor da agua quente, para facilitar a erupção do sangue na falta das ventosas, e quando é preciso, cauterizando a mesma parte

Comtudo modernamente se descobrio na capitania do Pará a herva aiapana, que, segundo Vmc. mesmo me informou, quando chegou a esta villa, a levou para a cidade, o cabo Alvaro Sanches á instancia do Dr. ouvidor geral Mathias Joseph Ribeiro, e tanto pelo que Vmc. me disse, que já tinha sido experimentada pelo Dr. Bento Vieira Gomes, como tambem pelo que n'esta villa se me tem dito sobre a virtude d'ella, persoado-me, que não deixa de ser um bom antidoto. Ainda até agora a não tive para a experimentar como deve; os quatro indios, que eu já escrevi, que no hospital d'esta villa os tinha curado das sobreditas picadas venenosas, tiveram a felicidade de obedecer aos remedios da arte.

Como a paralyisia bereberium procede da variação repentina do calor para a humidade, tem seu lugar os estimulantes, que se tomam internamente, além das fricções e fomentações, que se fazem com o oleo de umeri, e lém dos banhos dos vapores da agua quente, em que se cose o mangericão bravo, a casca preciosa e alguns outros aromaticos.

A catalepsia não procede de outra cousa; o methodo mais expedito de a curar ao uso do paiz consiste em afoguearem a cama, onde jaz o enfermo, e em lhe

fazerem por todo o corpo reperidas fricções com pannos molhados em vinagre bem quente, onde se infunde a ar-ruda, e dando-se-lhes a beber, ou em agua morna, ou em aguardente da terra, os pós do priapo do jacaré. E quasi o mesmo se applica nos estopores, além das esfregações que se fazem na parte estoporada com as mãos untadas em azeite.

A qualidade celtica, quando ataca as articulações dos artos, lhe dão o nome de caruáras: o tratamento mais frequente, e tambem o mais expedito que lhe costumam dar os indios é o de promoverem a transpiração pelos diaphoreticos, e o de fazerem nas partes effectadas continuadas fricções com pannos de algodão quentes ao fogo. Para suspenderem as gonorrhéas, bebem o cozimento da casca da raiz do limão azedo, com algumas gotas do mesmo summo de limão, encorporado com outras de cupaúba. O que daqui resulta, si elles não tem o cuidado de se anteciparem os evacuantes, é declararem-se-lhes os bobões, que elles tratam de transmutar. Evacuam-se com o quintilio e com o pinhão, e outros tomam em clisteres os pós do paricá.

Para toda a casta de ulceras venenosas, é remedio geral entre elles o sarro do caximbo, sobre o qual applicam as folhas da herva chamada caábepa. As fibras, que tem as folhas dos olhos da pacoveira de São Thomé são as argalias naturaes, que facilitam a erupção de urina, quando ha carnosidade na uretra.

As hemorrhoidas nem sempre são facéis de curar com os medicamentos sómente, de que usão os naturaes: ellas comtudo são mui frequentes no estado, e a escandescencia que causa o abuso dos licôres espirituosos, a acrimonia dos líquidos, e as vicissitudes do tempo têm muita parte n'ellas. Os banhos e os clisteres de agua morna, ou do cozimento do malvaisco, e da caámenbéca, e a introducção das méxas, que ou se fazem dos talos da herva babosa, ou de fios untados em manteiga de cacau, são os remedios practicos, a que recorrem os enfermos.

As empigens, que eu disse que muito poucos eram os que escapavam de as ter, ou cedo ou tarde, e que não deixam de ser mais ou menos rebeldes de se desvanecerem, segundo ellas acham os corpos evacuados ou não, e

segundo a complicação que tem com algum virus venereo, quando são da classe d'aquellas que procedem da acrimonia do suor, com facilidade se desvanecem mediante os topicos, que lhes applicam das folhas dos olhos do mata-pasto grande e da entrecasca da raiz do mesmo macerada em vinagre, e tambem das sementes pisadas em aguardente da terra, e da fava da arvore chamada comandáassu.

Pelo que pertence á sarna tenho visto aproveitarem muito os linimentos com azeite de jandiroba, que é muito amargo, e com o enxofre pulverisado. Outros batem em agua a raiz do tinbó, e com a espuma d'elle molham a pelle, tendo grande cuidado de preservarem as partes genitales, que aliás se inflammam, quando chega a ellas. Outros enfim não lhe fazem mais do que esfregal-as com limão azedo assado e sal.

Quanto ás obstruções posso seguramente affirmar, que ellas são n'estas parte da America o seminario de muitas enfermidades. De qualquer causa que ellas procedam, a experiencia tem mostrado aos habitantes, que os emeticos e os purgantes são os remedios, pelos quaes se deve principiar o curativo, fazendo-se depois d'elles o devido uso dos tonicos que lhes subministram a agua de Inglaterra e o ferro, e habituando-se os que são de vida sedentaria ao moderado exercicio. Assim se está vendo, que aos obstruidos receitam os enfermeiros como emetico a raiz da planta manacá, e como purgante o pinhão, recommendo-lhes muito a bebida do cozimento da abutua; e do pau-moqueim, e das folhas do ipadú, que é o chá dos gentios, os quaes nunca deixam de ter a boca cheia d'elle. Com estes remedios e com alguns passeios moderados, quasi todos se restabelecem.

No caso de se obstruir o ducto cistico colidóco, nas pessoas de vida sedentaria, que por outra parte não fazem a mais perfeita digestão dos alimentos, a bilis se derrama pelo corpo, como logo annunciam as côres macilentas, e a ictericia se declara pelo concurso dos seus symptomas. Nenhuma até agora me pareceu mais rebelde aos remedios da arte, como a que ultimamente padeceu n'esta villa o Illm. e Exm. Sr. João Pereira Caldas. Tendo Vmc. presenciado a origem e o progresso d'ella, como tambem o

methodo curativo, pelo qual a tratei, bem dispensado estava eu de a circumstanciar n'este papel: como porem elle tem talvez de chegar ás mãos dos professores, para lhe fazerem a justiça que merece, sendo verdadeiramente informados tanto do estado da dita queixa, como dos remedios que se lhe applicaram. espero, que da dita informação resulte ao meu curativo aquelle credito, que elle dentro n'esta villa só a Vmc. mereceu.

Levando as cousas de seu principio deve-se logo prenotar, que a S. Ex. na idade de 10 para 12 annos, tendo-lhe sobrevindo umas bexigas cristallinas, foi applicada uma dóse de tartaro emetico, que o reduziu á grande consternação, e abatimento de forças pela extraordinaria cópia de evacuações superior e inferior, que d'ella resultaram.

Deixo á ponderação dos doutos a reflexão sobre os damnos, que ou seja das demasiadas dóses, ou da má preparação de semelhante emetico, vem pelo tempo adiante a resultar aos que os tomam, chegando as glandulas gastricas a perder muita parte do seu devido elaterio, para preencher as funcções do seu uso.

Com tudo S.Ex. confessa, que desde aquella idade até a de 16 para 17 annos, em que pela primeira vez passou a este estado em serviço de Sua Magestade, e desde aquella até á outra idade de 24 annos, em que se achava governando a capitania de Piahy, não sentio aquella dôr de estomago, acompanhada de muitas ancias, a qual experimentou na referida capitania depois de ter feito, em serviço de Sua Magestade, muitas e muito longas viagens a cavallo, exposto ás impressões do sol e da chuva, e aos perigos, incommodos que sómente sabe e os conhece quem por aqui viaja. As ancias, que lhe sobrevieram, o angustiam tanto, que a menor apreensão ou de gosto, ou de desgosto, bastava para accelerar, até o ponto de o obrigar a passear pelo interior da sua camara, apertando o estomago com as mãos cruzadas sobre elle, para d'aquelle modo sentir algum alivio.

O uso do leite de vaca observou S. Ex., que lhe era nocivo, como devia ser; e de todos os remedios que se lhe applicaram, nenhum chegou a fazer o effeito, que fez o



vinho emético, depois que o tomou por duas vezes. Com elle se desvaneceram a dôr do estomago e as ancias, de fórma que quando passou ao Maranhão, para dahi embarcar para Lisboa, nada mais padecia do que uma ligeira inflamação nos olhos, adquirida na jornada que fez a cavallo, e exposto ao sol, quando desceu das Aldêas-altas.

Tendo chegado a Lisboa, e achando-se já então na idade de 33 annos, foi atacado das bexigas, que d'essa vez foram bastantes, algumas d'ellas pretas, e entremeadas com as cristalinas; porem depois de restabelecido não sentia outra alguma indisposição de saúde até embarcar para este estado.

Havendo S. Ex. desembarcado na cidade do Pará, e tomando posse do governo em Novembro de 1772, continuou a desfrutar pelo tempo de anno e meio a mesma vigorosa saúde, com que havia embarcado em Lisboa, porem sendo obrigado a applicar-se com excesso, e por largas horas das noites em um paiz tão calido, em ordem a vencer o trabalho, que de dia sómente lhe não cabia na possibilidade, tanto em razão do ordinario e cansado expediente do mesmo governo, como pelas muitas regulações que n'elle emprehendeu e felizmente conseguiu, chegou a termos de se escandecer de fórma, que o que primeiro experimentou foram algumas contracções pelo corpo, e depois d'ellas adquerio a convulsão, que padece nos dous canaes do esófago, e as arteria-pera, na occasião da deglutição.

Ella o teve soffocado pela primeira vez, e por muitas outras que o acomettede, quando se achava bebendo agua ao modo ordinario, e em quanto d'aquella experiencia lhe não resultou o conhecimento de que a devia beber como a bebe por intervallos, para evitar o risco a que se expõem de se suffocar. O ter deixado logo de se sangrar, e de tomar outros adequados remedios, por não se poupar ao real serviço, foi uma falta, que desde então influio muito para vir a ficar com esta queixa habitual: o que S.Ex. mesmo não deixa de conhecer, porque, lembrando-se agora de ter sido sangrado, depois de passado algum tempo, que o havia accommettido a referida convulsão, lembra-se tambem de ter então experimentado algum alivio n'ella.

Muito tempo antes de largar o governo do estado lhe aconselhava o Dr. physico mór Agostinho João Printz, que se sangrasse e purgasse; prevenção esta que tanto menos devia S. Ex. dispensar, quanto mais se augmentava o trabalho, que lhe sobrevinha; porque, largando o governo no principio de Março de 1780, passou a experimentar as fadigas e os incommodos, que lhe causou a actual diligencia da demarcação: fadigas que logo na cidade do Pará continuaram a escandecel-o successivamente, não ousando S. Ex. acautelar os seu effeitos mediante a dita prevenção, pelo motivo de não retardar a sua prompta partida do Pará, como as reaes ordens lhe determinavam: do que veio a resultar, que, avizinhado-se com toda a expedição á vila de Santarém, junto á foz do rio dos Tapajos na noite de 18 de Agosto do dito anno, foi atacado de uma cardialgia procedida da indigestão, que lhe causou o ter jantado pelas oito horas da noite, sem ter até então comido outra cousa mais pelo dia inteiro, do que umas fatias de pão com manteiga e chá, segundo o costume do seu almoço; não tendo S. Ex. outro motivo mais para aquelle incommodo, que o do zelo de aproveitar o vento para mais cedo conseguir a sua chegada ao quartel d'esta villa.

Como d'esta enfermidade e do curativo d'ella fez menção no seu diario de viagem o tenente coronel de artilharia Theodosio Constantino de Chermont, o qual então acompanhava a S. Ex. na qualidade de primeiro commissario da quarta partida da diligencia da demarcação de limites, vem muito a proposito para eu me exonerar das suspeitas, que poderá talvez occasionar a minha informação, tendo tido a honra de ser o cirurgião assistente, lançar eu mão do extracto do referido diario, que diz assim:

Pelas 8 1/2 horas da noite de 18 (de Agosto) portá-mos em uma paragem, que chamam Curuá, onde passamos a noite occupados do justo cuidado, que a perigosa molestia de S. Ex. suscitava nos nossos internecidos animos; sendo que de primeiro se não manifestava tão perigosa, por suporem os nossos cirurgiões que seria uma dyspepsia, ou simples indigestão causada da desusada hora, a que S. Ex. tinha jantado em a noite antecedente, visto

não ser costumado a tomar refeição nenhuma á noite, e julgaram por causa primaria o seguinte accidente : mas pouco espaço depois cresceram os symptomas, e se declarou uma colica acompanhada de dôres cardialgicas, com supressão do pulso.

S. Ex. mesmo sem insinuação dos professores, conheceu o estado perigoso a que o reduzio aquelle ataque; de fórma que procurou com preferencia os remedios efficazes para a alma, e depois os proporcionados que a medicina prescreve para a queixa, e não mal indicados n'esta occasião, porque a beneficio d'elles ainda que muito simples, por não soffrer outros a incommodidade da canôa, contudo abrandaram as dôres, restituiu-se o pulso, e permittindo já a S. Ex. algum descanso, principiaram as nossas esperanças duvidosas a avivar-se da melhora de S. Ex. ...

Partimos no dia 19 pelas 5 horas da manhan do Curuá á vela e remo, e pelo meio dia aportamos na ilha Maicá, onde jantamos, e pelas 3 horas da tarde partimos, sendo já informados da melhora de S. Ex.; o que cada vez mais nos enchia de prazer e gosto, fazendo saber a toda a partida, que não portava mais em parte alguma antes de Santarém, onde hia anticipar os remedios, que fossem proprios, por não haver embarcado a mesma commodidade que n'aquella villa. ...

No dia 20 pelas 8 horas da manhan, chegou S. Ex. á villa de Santarém. ... E no dia 21 ainda que S. Ex. esperasse para aliviar o cuidado dos seus sentidissimos subditos, que experimentava alivio, não deixaram os cirurgiões da partida de persuadir a S. Ex., que passados alguns dias de descanso, se fazia preciso sangrar-se S. Ex., e tomar algum cathartico minorativo, para prevenir alguma repetição de ataque. S. Ex., cuja docilidade nos é bem conhecida, se deixou conduzir pelo acerto dos dous assistentes, si bem que pareceu, que o cirurgião Antonio Joseph de Arango Braga teve a maior honra n'esta assistencia, por ser encarregado em particular de assistir a S. Ex., ainda que sem a occurrencia de alguns dias de molestia, que n'este tempo experimentou seu companheiro Francisco de Almeida Gomes.

O dia 22, um dos do indicado descanso para S. Ex.,

se passou sem outra novidade que attentasse a sua preciosa saúde, continuando na dieta e regimen que lhe estava ordenado até chegar o tempo de se fazerem mais poderosos e efficazes remedios.

No dia 23 continuava S. Ex. na dieta e regimen proporcionado ao estado da sua enfermidade, dando esperanças do seu restabelecimento, sem indicar symptoma que duvida causasse, mais que muita debilidade.

O dia 24 se manifestou sem maior novidade que o antecedente, por S. Ex. ir continuando na sua debilitada disposição.

No dia 26 parecendo aos assistentes que havia passado um sufficiente tempo de descanso, e que era necessario para S. Ex. recuperar a sua antiga disposição, sugear-se a um dos mais poderosos remedios, que a medicina tem no seu seio, o qual é a sangria: S. Ex. se sujeitou ao parecer dos seus assistentes, conhecendo bem as nossas razões com que justamente pretextavam a sua necessidade, já para prevenir os ataques futuros, como para remediar os damnos causados do excessivo trabalho de apromptar a expedição na cidade, onde o Dr. physico mór Agostinho João Printz lh'a havia indicado por necessidade e prevenção, que S. Ex. conheceu muito bem; mas a occurrencia dos negocios da demarcação e o zelo de os adiantar, e não perder tempo, lhe fez desprezar este prudente conselho, que quiz a Providencia não tivesse maior consequencia. Disposto S. Ex. para a sangria a executar no pé, segundo o primor da arte, o cirurgião Antonio Joseph de Araujo Braga, do que recebeu de todos os louvores e agradecimentos iguaes ao interesse, que todos temos na importante saúde e preciosa vida de S. Ex., o qual depois tomou um caldo, e se proprôz descansar um pouco, o que obteve com falicidade. De tarde repetio a sangria na mesma bem succedida forma, e passou a noite sem novidade.

No dia 27 continuaram as sangrias, não sentindo S. Ex. outros effeitos de maiores incommodos que a nimia debilidade, que não é de admirar, com remedios tão diluentes; mas julgando-o assim proveitoso os professores, davam felizes esperanças, que se não desmentiram depois.

No dia 28 depois de executada a sangria da manhan, não havendo apparecido outros symptomas que a referida debilidade, pareceu ao cirurgião assistente, que devia obstar a sangria, porque o numero de cinco, que havia felizmente executado, bastavam, e tanto mais continuando S. Ex. na dieta e regimen prescripto.

O dia 29 passou S. Ex. sem novidade, e persuadido do cirurgião assistente que era bõa occasião de tomar um cathartico, se dispõz para no dia seguinte o tomar.

No dia 30 disposto S. Ex. a tomar o purgante de manã, pelas cinco horas da manhan o recebeu, e obteve d'elle o melhor successo.

O dia 31 foi para S. Ex. de descanso, e passou sem novidade na sua preciosa saude, na resolução de no dia seguinte repetir o mesmo leve purgante, que lhe estava indicado pelo cirurgião na esperança de que com elle poderia S. Ex. esperar um breve restabelecimento.

No dia 1º de Setembro foi apresentado pelas cinco horas da manhan a S. Ex. o segundo purgante, que tomou com feliz successo, e tão proporcionado o seu effeito que ficou entendendo o cirurgião Braga, seu principal assistente, que S. Ex. não precisaria mais do que entrar em uma bõa convalescença, para a qual o dispunha com esperanças de adquirir com brevidade uma bõa disposição, a qual com o gosto igual ao cuidado que se tinha passado, diariamente se augmentava o nosso contentamento.

No dia 3 se confirmavam as bõas esperanças da proxima melhora de S. Ex., pois que, com grande consolação de todos os que justamente presam a saude de S. Ex., a viam augmentar pelos certos symptomas de descansar melhor de noite, e abrir-se-lhe o appetite, signaes evidentes de prompto restabelecimento.

No dia 7 continuou o nosso prazer fundado no augmento da melhora, que S. Ex. manifestava no magestoso e alegre semblante, com que falou a todos os seus subditos.

O dia 11 foi aquelle em que S. Ex., desprestando as indicações da molestia que havia padecido, quiz fazer a gostosa ostentação do seu restabelecimento, e como lhe é impossivel viver um instante sem viva applicação, por



mais que se lhe recommendava, que, para melhor convalescer, fizesse abstracção do trabalho, quiz como por modo de honesta occupação empregar-se um pouco no exame da tropa auxiliar, que a molestia no dia do seu desembarque lhe não permittio examinar.

O dia 12 se passou na mais satisfactoria fórma possível, porque, occupadas as pessoas no preparo das cousas que havião de encher os objectos da acção de graças que se havia de executar no outro dia, tudo respirava alegria e satisfação, etc.

E' certo (continuo eu) que depois da sobredita molestia, nunca mais tornou S. Ex. a recuperar o sen antigo vigor; e que sempre em maiores, ou menores intervalos de tempo ficou sendo ameaçado d'aquella queixa sem embargo de não ter experimentado outro similhante ataque. O partir de Santarém, continuando logo a viagem sem uma perfeita convalescença para não retardar a execução das reaes ordens, não deixou de ser uma das causas para se não restabelecer como devia, ficando sempre sujeito a tão mortificantes e arriscadas repetições.

Em Dezembro de 1781 experimentou uma d'ellas, que o reduzio a grande debilidade e abatimento, e que por ser a tempo que se achava muito embaraçado com diversas expedições precisas, na occasião de dispor a entrada das duas partidas portugueza e espanhola, pelo rio do Jupurá, afim de que, perdida a monção propria, se não retardasse por mais um anno, fez receiar, que viesse a cahir em um esalfamento, como bem lhe prognostiquei em consequencia da difficuldade, que tinha em inspirar e respirar, no caso de se não abster do trabalho; o que com tudo não foi possível conseguir, pelo muito que prefere á saude e conservação propria os interesses do real serviço.

Por prevenção de outros continuados ataques, foi obrigado a sangrar-se e purgar-se pelo principio do mez de Agosto de 1782, e o segundo dos ditos remedios repetio no anno de 1783.

No de 1784 fazendo duas viagens ao quartel da villa da Ega no rio dos Solimões, onde se achavam detidas as

duas partidas portugueza e espanhola, da segunda vez que regressava para esta villa pelo principio do mez de Dezembro, se vio atacado gravissimamente, e embarcando assim mesmo na intenção de n'esta villa capital tratar mais commodamente da sua saude, recorrendo a alguns purgantes, que se representavam bem indicados, pôde enfim evital-os, e experimentar o desejado alivio a beneficio da rigorosa dieta em que se pôz, e em que por largo tempo continuou com reconhecido aproveitamento.

Todo o anno de 1785 foi em que menos mal passou n'esta villa, adquirindo n'elle bastante nutrição.

Logo no principio de 1786, principiou a sentir no braço direito umas dôres mortificantes, que algumas vezes se lhe mudavam para o esquerdo, sobrevindo-lhe já então novos ameaços da queixa do estomago, porém com o chá de canella, e com o espirito d'ella em agua quente a foi paliando sem experimentar maior incommodo, mas sempre diminuido de grossura, ora mais ora menos, até á noite de 6 de Agosto em que, recolhendo-se bastantemente tarde de um sitio vizinho a esta capital, foi de novo accommettido da costumada dôr de estomago. Então se fizeram mais frequentes do que nunca as repetições d'aquelle ataque, sendo sempre acompanhadas de continuas indigestões, as quaes com grande fastio o reduziram a um bem deploravel estado de consternação, sem que lhe fôsse já mais possivel o resolver-se a separar-se dos negocios e disposições, que estam a seu cargo, só para que o real serviço não padecesse o menor atraso.

Ora não tendo sido possivel a S. Ex., desde que entrou n'esta villa, o entreter uma dieta regular pela falta de viveres apropriados; nem tão pouco a fazer exercicio algum que lhe facilitasse a digestão dos alimentos difficeis de digerir, como são a tartaruga e as carnes salgadas, necessariamente se lhe devia viciar o estomago, como succedeu. Accresce, que as secreções são muito poucas, porque por modo ordinario, não soa, nem cospe, e como sente incommodo ao beber a agua pela convulsão que padece, não bebe quanta lhe pede a vontade, e persuadir-se-lhe que faça uso de vinho para dar tom ao estomago e promover desgatão é o mesmo que encontrar declaradamente a sua vontade,

violentando-a a usar de um remedio, que de S. Ex. jámais se pôde conseguir. Obstruiu-se-lhe então o ducto cistico colidoco, e manifestou-se a ictericia pela côr macilienta da face, e de toda a pelle do corpo, como tambem pelas dejeções beliosas.

Bem sabia eu, que pelo uso de algum emetico, é que eu devia principiar o curativo d'aquella queixa; mas sendo elle por outra parte contra indicado pelo perigo a que eu expunha a S. Ex. de se suffocar em virtude da referida convulsão, tomei o expediente de repartir em 3 purgantes as dôses de 2 oitavas de ruibarbo, 30 grãos de calomelanos, 12 grãos de diagridio, 1 oitava de canela, 12 grãos de açafrão, 1/2 oitava de tartaro vitriolado, 1/2 de sal de losna, e outra 1/2 de coral rubro, 1/2 de pós de vibora, e 6 escropulos de aço sulphurado, e que tudo reparti em 39 pilulas, para as tomar, como disse, por 3 vezes.

Eis aqui quando a uma voz clamaram os meus censores, que eu não fazia mais do que debilitar a S. Ex., não padecendo S. Ex. sinão uma obstrucção, e que ao ferro é que eu devia recorrer. S. Ex. chegou a duvidar de tomar o terceiro, depois de ter feito com os primeiros as evacuações precisas. Em minha presença se lhe pediu, se lhe aconselhou, e até se lhe requereu da parte dos interessados na sua saude, que mandasse S. Ex. vir medico da capitania do Pará; durante a sua irresolução, a enfermidade ganhou outras forças, e encorporadas então, mais do que nunca, com um fastio mortal, e com uma apprehensão melancholica do perigoso estado, que ainda mais perigosamente lhe avivaram os meus censores, até lhe prognosticarem a morte, no peremptorio termo de 3 mezes; teria sem duvida abreviado os seus dias, si S. Ex. me não fizesse a honra de se confiar do meu curativo.

Evacuei-o quanto me pareceu, subministrando-lhe afinal em maior dôse a preparação do aço, e dos outros simples annexos, com o que conseguio remover de todo a dôr, que padecia no estomago e já então principiara a abrir-se-lhe o appetite, prescrevendo-lhe para bebida ordinaria as tisanas, e fazendo mediar entre os purgantes a outra bebida do sôro do leite com tres colléres de summo de grama.

Faltava sómente recuperar S. Ex. o elaterio, que havia perdido, e n'este ponto de vista lhe persuadi, que tomasse banhos no rio, cujas aguas abundam de particulas ferreas, como bem o mostra o vitriolo marcial, que se acha no tijuco, e tendo com effeito tomado 26 banhos, com os quaes chegou a experimentar reconhecidas melhoras, suspendeu os que faltavam para os 60, que lhe receitei, porque, com a chegada das novas ordens do ministerio, não só se absteve d'elles, mas nem sequer continuou mais no exercicio dos passeios ao ar livre, como tinha principiado a fazer em o sitio vizinho de Nossa Senhora de Nazareth; recaindo outra vez na mesma vida sedentaria de viver recluso em uma camara, sempre occupado com as disposições do serviço, applicando-se como dantes a lêr e a escrever por largas horas do dia, como se lhe faz preciso, em razão do expediente da demarcação. Do que tem resultado virem a contrahir os artos inferiores uma frouxidão tal, que com difficuldade se move, ou passeia encostado a uma bengala, e nos termos em que o vejo, parece-me, que não acaba de restabelecer sem fazer uso dos banhos das caldas.

Das mortificações, do trabalho e do desgosto, que me produziu o tratamento d'esta queixa, não pelo que ella era em si, mas pelo que de augmento e de má figura lhe deram os que me perseguiram, tem Vmc. sido testemunha ocular; para que porém não ignore a satisfação, que tenho de ter merecido a S. Ex. a sua approvação e conceito, ajuntarei finalmente as cópias da representação e despacho lançado sobre ella pela maneira seguinte:

Illm. e Exm. Sr. Representa a V. Ex. Antonio Joseph de Araujo Braga, cirurgião anatomico, como consta da carta junta, e actualmente encarregado do curativo dos empregados na quarta divisão da demarcação de limites, que, não tendo sido Sua Magestade servido nomear para a sobredita demarcação nem medico nem boticario para cada um se empregar no exercicio da sua profissão, tem sido o supplicante obrigado a exercitar dentro d'esta villa e fóra d'ella o curativo de um e outro fóro, além de ser elle o proprio que manipula os remedios.

Em cujo exercicio tendo elle até agora supposto, que

por uma parte algum serviço fazia a Sua Magestade, e aos referidos empregados, em se encarregar a favor d'elles do curativo medico e da manipulação dos remedios, a que não é obrigado em virtude da sua carta, e que por outra alguma faculdade lhe davam para curar de medicina, onde não houvesse medico, tanto a falta d'elle como as certidões juntas que lhe passaram os tres medicos do hospital real de São-Joseph de Lisbôa, onde foi enfermeiro, e passou a cirurgião-fiscal do segundo banco : ambas as ditas supposições conhece, que são falsas no sentido commum da maior parte dos empregados, como deduz do motivo seguinte :

Porque tendo elle curado de medicina, ha sete annos, que serve na referida demarcação, do mesmo modo que sem terem as certidões que o supplicante apresenta, curaram sempre n'esta villa e continuam a curar livremente os cirurgiões da capitania, o supplicante sómente é o que encontra o desgosto de quasi todos os empregados de cada vez que tem assistido e curado, como pôde e como sabe, as repetidas enfermidades de V. Ex., e agora acaba de encontrar mais positivamente no curativo da ultima, para o qual, supposto que elle confiou em si, que bastava sem auxilio de medico, não deu por isso motivo para que contra elle declarassem, increpando-o de se ingerir a curar de medicina ; e isto por nenhum outro motivo mais, que pelo de lhe não parecer, nem requerer na qualidade de assistente, que para V. Ex. se mandasse vir da capitania do Pará o medico, que elles, que não eram os assistentes nem o podiam ser por não serem da profissão, aconselhavam e requeriam.

E como pretende o supplicante desaggravar-se pelo modo, que deve, da injuria, que n'elle se fez aos cirurgiões de um e outro exercito, os quaes sempre curaram de medicina na falta de medico, sem que de assim o fazerem os tenha alguém até agora arrasoadamente increpado, pede a V. Ex., que para a todo o tempo constar, que o supplicante como cirurgião de gente de guerra, e como autorisado com as licenças que constam das certidões juntas, curou na falta de medico e pôde continuar a curar de medicina, sem alguém o poder impedir, ordene



ao provedor da demarcação, que faça registrar esta com as certidões juntas, nos livros da provedoria da dita. E receberá mercê.

*Antonio Joseph de Araujo Braga.*

#### DESPACHO

Registre-se com a carta e certidões inclusas, não só nos livros da provedoria da expedição, como também nos da camara d'esta villa.—Barcellos em 4 de Janeiro de 1787. (Com a rubrica de S. Ex. o Sr. general commissario da demarcação).

*Antonio Joseph de Araujo Braga.*

# HISTORIA

DA

## IMPrensa DO MARANHÃO

M F M P R J A

lida na sessão do Instituto Historico e Geographico do Brazil  
na noite de 19 de Julho de 1878

PELO SOCIO EFFECTIVO

Dr. Cezar Augusto Marques

( continuação )

( vide 4º Trimestre.— Tomo XLI. P. II.— Pag. 219 até 225 )

---

## II

A instituição da imprensa periodica, escreveu o Sr. Francisco Sotero dos Reis no *Publicador Maranhense*, uma das mais fortes alavancas da liberdade moderna, foi introduzida em Maranhão no ultimo periodo do dominio portuguez, quando as idéas liberaes grassaram em Portugal com a revolução de 1820.

O primeiro periodico, que sahio á luz foi o *Conciliador Maranhense*, redigido pelo official-maior da Secretaria do governo da Capitania Antonio Marques da Costa Soares.

O distincto e infeliz Sr. Innocencio Francisco da Silva no seu dictionario *Bio-bibliographico* diz que Rodrigo

Pinto Pizarro de Almeida Carvalhaes, depois Barão da Ribeira de Sabrosa, tomára parte também na sua redacção.

Costa Soares por motivos de dignidade pessoal offendida deixou-se da redacção em 7 de Abril de 1822, e depois reassumio-a, unica e exclusivamente, em 30 de Abril de 1823 quando retirou-se para Portugal o padre Tezinho como deputado eleito pela provincia para tomar assento no Augusto e Soberano Congresso de Lisboa.

Seu primeiro numero appareceu em 15 de Abril de 1821, tendo a seguinte epigrapha ao lado direito « *Sit mihi fas audita loqui* ». Virg. En. Liv. 6°.

Durou até 12 de Junho de 1823, sempre em formato de papel almaço commum.

Foram impressos 209 numeros.

Embora publicasse centenas de exemplares, era a principio manuscripto, e depois teve officina typographica no pavimento terreo da casa, onde funciona hoje o Tribunal da Relação.

Apparecia duas vezes por semana, e sob a protecção do capitão-general Silveira, e á custa de alguns assignantes.

Continuou manuscripto até o n. 34 de 4 de Novembro de 1821, e do n. 35 em diante (em 10 do mesmo mez e anno) principiou a sahir impresso.

Imprimiram-se depois os numeros manuscripts, com se deprehende deste

### Aviso

« Vai começar-se a impressão dos trinta e quatro numeros manuscripts do *Conciliador*: todos os senhores que para elles se dignaram subscrever, poderão verificar as suas assignaturas na mesma botica do largo do Carmo, onde se continúa a subscrição por 6\$400 toda a collecção, que sahira por numeros avulsos ».

(*Conciliador do Maranhão*) n. 53 de 12 de Janeiro de 1822).

Do n. 77, de 6 de Abril de 1822 em diante trouxe por emblema duas mãos apertando-se, como que querendo unir o elemento portuguez ao brasileiro, e tinha por mote *Habet concordia signum*, dentro de um oval em largo.

Não sei precisar até que tempo elle conservou este nome, porém foi por muitos mezes pois ainda o tinha quando sahio o n. 140.

Desmandou-se depois em excessos e personalidades contra o partido dos *Conspicuos*, ou opposicionistas desse tempo, se tal nome se lhes pôde dar visto como os meios empregados eram todos revolucionarios.

Succediam-se as prisões e deportações por movimentos projectados e denunciados, ou simplesmente suppostos e imaginarios.

Assim principiou a provincia a conhecer esta bella instituição só pelo abuso, que della se faz !

Proclamada a nossa emancipação politica em 7 de Setembro de 1822 soffreu a imprensa alguma interrupção em seus trabalhos, occasionados já pelas desordens do tempo da independencia, e já do calamitoso governo do advogado-provisionado Miguel Ignacio dos Santos Freire e Bruce, primeiro presidente da provincia por nomeação imperial.

Em 11 de Março de 1822 brotou á luz a *Folha-medicinal*, redigida pelo doutor em medicina Manoel Rodrigues de Oliveira, mais conhecido pelo appellido do *Tujuco*, alcunha derivada de um importante serviço, qual o que prestou á capital, mandando aterrar com grande dispendio e mortificações o extenso lamaçal, ou pantano d'agua salgada misturada com agua doce, da *Fonte das pedras*, no local onde hoje está o gazometro.

Tinha este frontespicio :

A  
FOLHA MEDICINAL  
do

M A R A N H ã O

Ut varia est natura coloribus in gignendis :  
Sia aliis aliud : sed sua cuique placent

ALCIATO. Emblema CXVII.

D I A   D A   S A H I D A

Durou até Junho de 1822.

Seis dias depois do seu apparecimento, para corrigir a *Folha Medicinal* appareceu em 17 de Março de 1822, a *Palmatoria Semanal*, escripta pelo padre José Antonio Ferreira da Cruz Tezinho, homem habil, porém muito satyrico, raras vezes com pincel delicado, porém quasi sempre com estylete aspero e ferino.

Cruz Tezinho era de genio irrequieto e richoso: trocando a vida sacerdotal pela mercancia teve de propriedade sua e dirigio um botequim, uma casa de bilhar, e finalmente uma botica.

Assim, obedecendo ao impulso de seu genio, a *Palmatoria Semanal* castigou largamente os que incorriam em seu desagrado até Junho desse mesmo anno.

Foram apparecendo os seguintes jornaes :

O *Amigo do Homem* surgiu no dia 17 de Setembro de 1824, em folha de papel almaço commum, tendo esta epigraphe :

« *Rara temporum felicitate,  
ubi sentire, quæ velis et quæ  
sentias dicere licet.* »

TACITO.

Foi redigido pelo advogado provisionado João Chrispim Alves de Lima, liberal por indole, mas sempre de accôrdo com os mais exaltados membros do partido brasileiro ou independente.

Por vezes abandonou a politica, e dedicava-se só á sua profissão.

Pouco depois, eil-o outra vez na luta.

Era homem intelligente e de genio humoristico.

Em fins do anno de 1827 desapareceu este periodico. Parece que seu redactor soffreu muitas accusações, pelo que vio-se forçado a escrever no numero de 26 de Dezembro de 1827 o seguinte, que não deixa de ser curioso :

« João Chrispim nasceu na cidade de Vianna, freguezia de Santa Maria Maior, sendo filho legitimo de João Alves Chaves e de Magdalena Luiza dos Anjos.

« A 24 de Fevereiro de 1788 foram-lhe conferidas ordens menores na cidade de Braga.



« A sua carta de ordens passada pelo arcebispo desta cidade foi reproduzida no periodico.

« Já se completaram 15 annos que vivemos neste paiz; neste não pequeno espaço de tempo não acham nossos detractores cousa que nos imputem, que possa macular nossa conducta, e depravar a bôa opinião com que o publico nos lisongeia e favorece; pois que vão procurar além de mil e quinhentas leguas de distancia factos que nunca existiram.»

Novos acontecimentos politicos vieram perturbar a paz ou a tranquillidade, gozada na provincia.

No dia 5 de Fevereiro de 1825 chegou á capital a charrua *Animo-grande*, trazendo o presidente nomeado Pedro José da Costa Barros.

Nesse tempo presidia a provincia, como presidente interino ou melhor intruso, o secretario Manoel Telles da Silva Lobo, muito dedicado a Lord Cochrane, que havia apresentado a 20 do mez passado á Junta da Real Fazenda a sua requisição para pagamento do que se devia á esquadra sob seu commando.

Lord Cochrane ficou muito contrariado com tal vinda e de combinação com Manoel Telles seguio-se uma serie de violencias e de arbitrariedades, que deu em resultado ser Costa Barros obrigado pelo almirante a embarcar na noite de 12 de Março de 1825 para o Pará no brigue-escuna de guerra Cacique.

No dia anterior foi declarado o Maranhão sob o dominio da lei militar.

Imagine-se o que era essa provincia então, como se achava a ordem perturbada e os animos assustados!

Nesse tempo chegou de Portugal o Sr. Manoel Odo-rico Mendes, e envolveu-se logo em todas as lutas politicas, que então se agitavam.

No dia 7 de Janeiro de 1825 publicou com este frontespicio

## O ARGOS DA LEI

N. 1

Bôas são leis, melhor o uso bom dellas.

A. FERREIRA.

Do n. 38 em diante appareceu com a corôa imperial por cima do titulo, e a numeração ao lado.

Corre como certo, que tivera por collaborador constante o cidadão Clementino José Lisboa, ajudante de ordens do governo provincial.

Era impresso n'uma folha de papel almaço de tamanho regular, com suas quatro paginas divididas em duas columnas, e sahia regularmente ás terças e sextas feiras de cada semana até que em 10 de Julho desse mesmo anno com o seu numero 45 terminou a sua existencia, consagrada á publicação dos actos officiaes, noticias nacionaes e estrangeiras destinando apenas, como escreveo: « uma nesga de papel para artigos de sua lavra, em que tratava de reformas na administração ou na moral publica e de assumptos instructivos, resumidos dos publicistas europeus ».

Redigido, como muito bem disse o senador Vieira da Silva, por um maranhense tão vantajosamente conhecido no paiz e fóra d'elle, o *Argos da lei* foi o fructo do verdor dos annos.

Tendo por fim o moralizar o funcionalismo publico e o governo, e promover a prosperidade da provincia, infelizmente rolou ás vezes pelo plano inclinado da acrimonia, da injustiça, e dos insultos.

Empurrado pelo patriotismo exagerado que então predominava contra os portuguezes, e mui principalmente para agradar ao *partido brasileiro*, que sustentava as candidaturas á deputação geral do presidente-interino da provincia e do *redactor do Argos*, as quaes foram depois garantidas pela influencia militar de Cochrane.

Formei este juizo á vista de alguns artigos, que li no *Argos*, não sem admiração á vista do genio moderado de *Odorico*, e do seu notavel discurso, depois pronunciado na camara dos deputados, « onde implorou perdão e esquecimento para os inimigos, e illudidos, lembrando-nos só de que eram nossos parentes, e casados com as nossas irmãs », opinião esta que tambem emittio nos clubs politicos.

Parece-me que elle, como redactor principal, carregava com a responsabilidade desses e de outros artigos, mais ou menos imprudentes.

Com a publicação do n. 45 terminou sua existencia em 10 de Julho desse mesmo anno.

Pouco depois do *Argos da Lei* surgiu em 1825 na imprensa a *Bandurra*, redigida pelo advogado João Chrispim Alves de Lima.

Sustentou, no systema adoptado pelo seu redactor, a administração do presidente da provincia o marechal Manoel da Costa Pinto.

Vi um só numero deste jornal. Disse o Sr. Francisco Sotero dos Reis, que elle appareceu em 1825.

Dizem outros, que foi em 1828, e segundo uma referencia, que li, em Novembro de 1828 publicou o seu n. 21.

Ora, sahindo elle de 7 em 7 dias parece dever concluir-se que appareceu em Junho de 1828.

Além disso até os fins de 1827 andava João Chrispim atarefado com a redacção do *Amigo do Homem*, e não é provavel que elle se sobrecarregasse com outro trabalho igual, e portanto, sem necessidade urgente, e nem interesse real.

Nessa época sahio á luz, em 24 de Janeiro de 1825, o *Censor*, impresso na *Typ. Melandiana* de D. G. de Mello, dezeseis dias depois do apparecimento do *Argos da Lei*.

De 7 de Março em diante, isto é, do n. 5 em diante sahio da Imprensa Nacional até o n. 24, já em Maio de 1830, com que ultimou a sua vida jornalística.

O seu formato era in-4° de folha de papel almaço, variando de volume, desde 8 até 24 paginas, e apparecendo em dias indeterminados; por exemplo: em 1825 sahiram 8 numeros, em 1826 9, em 1827 um apenas, em 1828 dous, em 1829 3 e em 1830 o ultimo.

Eis aqui o seu frontespicio:

## O CENSOR

N.º

« A' Rome les desordres domestiques ou  
publics étoient reformées par les Censeurs. »

(ROLLIN.)

Seguia-se uma linha contendo a data em que se publicou o jornal. Do n. 8, 29 de Dezembro de 1825 em diante, accrescentou ao título *Censor* o qualificativo—Maranhense.

Era seu redactor João Antonio Garcia Abranches, portuguez de nascimento, residente e estabelecido na capital da provincia, havia 30 annos, lavrador e commerciante, chefe de numerosa e honesta familia.

Escrepto com intelligencia, foi muito temido pelo partido exaltado, ou independente.

Chegando a Maranhão Lord Cochrane, na nau *D. Pedro I*, no dia 9 de Novembro de 1824, achou a provincia muito assustada com o mau governo do presidente Miguel Ignacio dos Santos Freire e Bruce, que aconselhava e mandava executar toda a sorte de violencias e de maldades contra os portuguezes, e por isso resolveu o almirante suspendel-o do seu elevado cargo, incumbindo arbitrariamente do governo da provincia o seu secretario Manoel Telles da Silva Lobo.

Seguiu-se a deportação de Bruce e de seus partidarios, como melhor se verá na importante *Historia da Independencia do Maranhão* pelo illustrado senador Dr. L. A. Vieira de Silva.

Por se achar envolvido em todas essas lutas, mórmente pela propagação de suas idéas, foi Garcia d'Abranches preso e recolhido incommunicavel á fortaleza da Ponta d'Areia, e por ordem do presidente Lobo enviado para Lisbôa, no brigue *Aurora*, que começou a viagem em 3 de Maio de 1825.

Parece-me, porém, que a verdadeira causa foi ter escrepto no seu numero de 8 de Fevereiro de 1825 que:

« O afflicto Maranhão vio-se apenas milagrosamente restaurado da morte á vida; arrancado ás mãos das furias pelo immortal Cochrane; mas um novo vulcão se preparava para novamente devoral-o, qual as medonhas fauces de *um lobo* voraz, contra innocente e manso cordeiro, esperando sómente, mas que loucura! que o vigilante marquez se fizesse á vela. »

Abranches censurou o procedimento do almirante para com o presidente Pedro José da Costa Barros e as

medidas rigorosas que mandou executar no dia 10 de Março de 1825, e depois de publicado o n. 7 de 24 desse mesmo mez, foi decidida a sua prisão, como já disse.

Nunca foi contrario á independencia do Brazil! queria, porém, moderação, e obediencia ás leis.

O ministro Estevão Ribeiro de Rezende em 3 de Setembro de 1825 «desaprovou tal prisão, como injusto arbitrio, que descobre em quem o praticou, ou perfeita ignorancia dos meios legais, applicaveis em taes casos, ou determinação criminosa de atropellar direitos garantidos pela constituição.»

Palavras vans! o despota foi premiado, arrecadou muito dinheiro, com que se enriqueceu, teve novos e rendosos empregos, e a victima nem foi compensada das despesas extraordinarias, que fez, dos prejuizos que soffreu, e dos trabalhos por que passou.

Nas luctas jornalisticas o *Censor* encontrou-se sempre com o *Argos*, onde collaborava o cidadão Frederico Magno d'Abranches, que foi depois Deputado-Geral pelo Maranhão, e morreu nosso consul em Cayenna.

Frederico Abranches era filho do redactor do *Censor*, e militavam em campos oppostos.

Vivendo ambos sob o mesmo tecto, quasi sempre na mesma banca de trabalho, e com a tinta do mesmo tinheiro batiam-se reciprocamente, como me affirmou muitas vezes o outro irmão João Arguelles Abranches.

Não poucas vezes esquentava-se a discussão e por vezes Odorico Mendes perdeu a calma, e recorreu aos insultos, armas estas com que tambem foi ferido.

Nesse tempo eram quasi que diarios os saques nocturnos ás lojas, os tumultos, as assuadas e os *lustros*, assim chamados as *sóvas* ou *rodas de pau*, que a população desinfectada dava de vez em quando, quasi sempre aos sabbados á noite, em ar de sabbatina, nos portuguezes e nos brasileiros, seus amigos.

O *Censor*, cujo redactor era portuguez e amigo da situação cahida, e tambem por indole pacifica e espirito sensato não se cansava em profligar esses actos barbaros.

O *Argos*, com o fim de desculpar seus amigos politicos



e de lisongear as turbas para conseguir popularidade, lembrava a opressão do governo decahido, os trabalhos, os incommodos e as perseguições contra os brasileiros.

Era uma serie continua de retaliações!

O cidadão Francisco Sotero dos Reis, muito joven ainda, apenas provido na cadeira Regia de Grammatica latina, que conquistou em concurso, em Março de 1825 no *Argos* annunciou a publicação de um periodico intitulado «*Miscellanea politica litteraria.*»

Não obtendo nem elle e nem o seu consocio Raimundo da Rocha Araujo, numero de assignantes bastante para cobrir a despeza da impressão, abandonou esse pensamento.

A imprensa, porém, sorria-lhe, elle vestiu pela primeira vez a tunica de *Nessus* publicando nesse mesmo mez o *Maranhense*, periodico hebdomadario, onde revelou intelligencia, moderação, e prudencia superior á sua idade.

Não sei até quando viveu, porém ainda existia no meiado do anno de 1826, quando presidia a Provincia, Pedro José da Costa Barros, segundo uma referencia a elle feita no n. 16 de 4 de Julho do *Censor*.

Nesse mesmo anno foi publicado o *Piparote* sob a redacção do Sr. José Bernardes Belfort Serra, cidadão muito dado ás lettras.

Dizem-me que era mais humoristico do que argumentador.

Seguiu-se longo praso de descanso, porém os mares da politica tornaram tempestuosos com a administração provincial do tenente coronel Pedro José da Costa Barros.

Costa Barros nunca respeitou lei alguma, e parece até que não sabia da existencia de um codigo, por onde se dirigisse.

Commeteu arbitrariamente quantos desatinos lhe vieram á mente, não respeitando a si, e muito menos o importante cargo que lhe foi confiado.

Este estado anormal demonstrou aos habitantes do Maranhão a necessidade urgente, que tinham de se envolverem na direcção dos negocios publicos.

Até então assustados e tímidos contentavam-se com diversas queixas, recriminações e desabafos nas ruas e praças, e pregando pasquins nas esquinas, e até na porta principal do Palacio, e espalhando versos muito offensivos, cuja producção era attribuida ao poeta improvisador ou repentista José Pereira da Silva.

Por estas palavras claramente se vê quam desgraçado e aterrorador era o estado do Maranhão, onde se vivia cercado de todos os desgostos, angustias e receios.

A ordem chronologica, que adoptei, obriga-me agora, e ainda me forçará com o correr do assumpto, a interromper esta narrativa e outras para dizer, que no dia 29 de Dezembro de 1827 sahio dos prelos da Typographia Nacional e Imperial o 1º numero da *Minerva* « folha politica, litteraria e commercial », sob redacção de David da Fonseca Pinto, que passava por poeta, e delle já li algumas odes com feições daquelle tempo.

O seu formato era in 4º de papel almaço commum, contendo oito paginas, até o numero 28, de 31 de Agosto de 1828, trazia, no centro da segunda banda isoladamente esta epigraphe :

Rien n'est beau que le vrai,  
Le vrai seul est aimable ».

BOILEAU.

E do numero 29, de 7 de Setembro do mesmo anno, em diante a epigraphe passou a ser collocada em frente da gazeta, abaixo do qualifcativo della, *Folha politica, litteraria e commercial*.

Desse mesmo numero em diante principiou a trazer estampada a Corôa Imperial, no topo desta a data em que se publicava o jornal, ao lado esquerdo della o numero, e do direito o respectivo semestre.

Escreveu no programma, « que seu fim era instruir o povo, arraigar-lhe no peito o verdadeiro amor da patria, obediencia ás leis, e adhesão ao Monarcha ».

A « *Minerva* », por motivo de longa molestia de seu redactor teve de paralyzar no numero 27 para continuar o seu numero 28 no citado dia 31 de Agosto de 1828 até o numero 51 de 5 de Março de 1829 com que findou sua

carreira, nem sempre moderada e decente « com muito sacrificio e trabalho », como seu redactor mesmo confessou.

Retirando-se da provincia o presidente Costa Barros passou a governar a o vice-presidente Romualdo Antonio Franco de Sá, maranhense, filho da cidade de Alcantara, pertencente á familia numerosa, e dotado de genio mais docil.

Animou-se então a publicar um periodico José Candido de Moraes e Silva, e dos prelos da Typographia Nacional sahiu pela primeira vez um jornal não official.

No dia 27 de Dezembro de 1827 sahio o 1º numero do *Pharol Maranhense*. Dizia-se liberal e publicava-se uma vez por semana.

Eis o frontespicio do jornal : \*

Numero

(Corôa Imperial)

Logar da venda.

1\$200 por trimestre.

### PHAROL MARANHENSE

«Les pays où la domination  
du souverain est plus absolue,  
sont ceux où les souverains  
sont moins puissants.»

(Fénelon—Avent. de *Télémeque*.  
*Liv. VI*).

Tinha no alto e centro da pagina, por cima do titulo, a corôa imperial e ao lado desta a numeração. Era impresso em papel almaço um pouco trigueiro, tendo 29 centimetros de comprimento sobre 20 de largura. Publicava-se ás folhas de 4 paginas e a 2 columnas, e quando affluíam materias sahia com 6 paginas. Era hebdomadario a principio, sahindo commummente ás quartas-feiras, da Typographia Nacional, que depois de 10 de Junho de 1828, accrescentou ao nome o de imparcial.

---

\* Bem sei (e bem desejava fazer), que era util ou curioso o apresentar o frontespicio de todos os jornaes, porém acho-me longé do Maranhão, e não pude, quando lá estive, dar-me ao trabalho de todas essas copias, atarefado com outras obras de historia e geographia patrias, que já publiquei.

Desde o n. 14 (14 de Março de 1828) mudou de frontespicio, tendo a numeração ao lado esquerdo e a data á direita, ambas por cima do titulo, sem a corôa e já com esta outra epigraphe :

«Toujours dans mes écrits courageux et sincère.  
Je crains de vous flatter et non de vous déplaire.»

(*Revue Européene*. Tom. I).

« Sempre affeito e sincero em meus escriptos,  
Só vos temo adular, não desprazer-vos. »

Começou desde então a sahir duas vezes por semana, ás terças e sextas-feiras, elevando seu preço a 2<sup>7</sup> por trimestre.

Do n.40 (17 de Junho do mesmo anno) para o diante, conservando o mesmo formato e frontespicio, mudou de novo a epigraphe por esta :

« De circumloquios nada sei  
O caso conto, como o caso foi :  
Na minha phrase, de constante lei,  
O ladrão é ladrão, o boi é boi.

Ao lado vinha transcripto o § 4º do art. 179 da Constituição do Imperio.

Travou tambem renhida discussão com a *Minerva* e a *Bandurra*, órgãos do partido *corcunda*, sempre com doestos, calumnias e injurias, muito perigosas, mormente tratando-se de nacionalidades.

Infelizmente, a 28 de Fevereiro de 1828, foi imposto do governo provincial o Marechal de campo Manoel da Costa Pinto, sendo Commandante das armas o Conde d'Escaragnolle.

Não concordando com as idéas do órgão liberal procuraram estas duas autoridades despedil-o da *Typographia Nacional*, o que não realisaram á falta de um pretexto mais ou menos decente.

Recorreram ao Promotor Publico, então o Dr. Joaquim José Sabino, para que o perseguisse com processos, e por vezes sentou-se elle perante os tribunaes por abusos de liberdade de imprensa.

Sempre improficuos estes meios, em 12 de Junho publicaram o Presidente um avulso offerecido *Aos honrados*

*maranhenses*, e o Commandante das armas uma proclamação defendendo-se das accusações de José Candido, que lhes respondeu no n. 40, «sem temer o poder», e sim com muita imprudencia, pois asseverou que «continuaría a accusar intrepidamente os delirios, as perseguições e as prevaricações deste ou daquelle empregado, qualquer que fôsse o grão de superioridade do seu emprego.»

As duas primeiras autoridades sentiram o acicate da provocação e muito naturalmente reagiram, e com a publicação do n.56 o Presidente perdeu de todo a paciencia.

Com o espirito bastante agitado, na manhã de 8 de Agosto mandou chamar a palacio José Candido, prendeu-o, e ordenou-lhe assentamento de praça no corpo de artilharia, o que tudo se cumprio com promptidão.

Não soffreu no quartel castigo algum porque reconheceu-se logo cadete, e nem prestou serviço, pois foi recolhido ao Hospital Militar, então sob os intelligentes e humanitarios cuidados do physico-mór o Dr. Soares de Souza (pae do Visconde de Uruguay), que delle muito se condoeu.

Felizmente, em 14 de Janeiro de 1829 tomou conta da presidencia o Desembargador Candido José de Araujo Vianna, depois Marquez de Sapucahy, nosso finado consocio, sempre de saudosa memoria, que mandou immediatamente dar baixa de praça a José Candido.

A 23 de Janeiro de 1831 reapareceu o *Pharol*, apagado no seu n. 56, porém já em character semi-official.

A Revolução de 7 de Abril de 1831 imprimio em todo o imperio grande abalo, do qual foi tambem tocado o Maranhão, de que resultou em 17 de Setembro desse mesmo anno um movimento revolucionario, conhecido na historia pelo nome de *Septembrisada*, do que não quero tratar agora por ser assumpto de *Memoria* especial, que pretendo escrever.

José Candido tomou parte nelle, e sua amisade, motivada por gratidão ao Presidente, o fez suspeito aos olhos dos seus partidarios mais exaltados, e elle, querendo justificar-se, dahi em diante tornou-se um verdadeiro energumeno, pelo que vio-se o seu protector obrigado a



mandar prendel-o, o que não conseguiu por se ter occultado e morrido em 18 de Novembro de 1832 em uma casa na rua dos Remedios, ondese homisiou.

Terminou por emquanto a existencia do *Pharol*, que já não alumiaava a muito tempo.

Era Odorico Mendes muito amigo de José Candido, e ao regressar da Côrte intentou publicar um jornal com o titulo *Despertador Constitucional*.

Publicou elle antes um manifesto *Ao Publico*, dando conta dos motivos, que o levaram a escrever um periodico e declarando-se logo em opposição ao presidente Costa Pinto.

Havia então uma só typographia, e essa era a do governo.

Intentou a Junta da Fazenda fechal-a, dizendo que dava prejuizo, porém, Odorico Mendes « obrigou-se a entrar cada mez com tanto quanto fôsse preciso para não ter perda a fazenda publica, uma vez que livremente se pudessem imprimir os escriptos. »

Foi, porém, impresso o manifesto no Pará e o 1º numero, em 14 de Agosto de 1829, do *Despertador Constitucional* na typ. do Torres, no Rio de Janeiro, o qual foi distribuido profusamente no Maranhão.

Além disto, o presidente não quiz acceitar a responsabilidade de Odorico, como editor, porque, sendo deputado geral, gosava de immunidades, que o punham fóra da acção da lei commum, quando incorresse em criminalidade por abusos de liberdade d'imprensa.

De 1829 a 1830 nos horizontes da imprensa maranhense surgiram outros periodicos.

Em 4 de Junho de 1829 a *Estrella do Norte* redigida pelo poeta repentista, o Bocage maranhense, José Pereira da Silva e por Thiago Carlos de la Rocca, italiano e outros.

Em 1830 o *Semanario Official*, redigido pelo Dr Manoel Monteiro de Barros, secretario da presidencia da provincia desde 1823 a 1833.

Occupava-se quasi que exclusivamente da publicação dos actos e decisões do governo.

Foi depois substituido pelo *Publicador Official*, escripto pela coadjuvação de muitos empregados da

secretaria e dirigido pelo chefe da repartição ou empregados da sua confiança.

Era impresso em folha de papel almaço commum, e tinha por baixo os nomes dos seus directores, por exemplo: Joaquim Antonio Serra Launé, morador á rua da Palma n. 44 e José Candido Vieira.

De 1840 em diante trazia a corôa imperial.

Creio que terminou sua existencia em 1841 ou 1842. No dia 8 de Fevereiro de 1830 sahio dos prêlos da typographia Constitucional, em formato de 4º francez, paginação em numeração natural, o 1º numero do seguinte jornal com este frontespicio:

### O BRAZILEIRO

Os despotas querem a ignorancia : porque só esta pôde segurar-lhes submissos escravos. perpetuando a barbaridade.

No seu programma dizia-se « liberal, respeitador da vida privada dos seus concidadãos, só tendo por desejo ser util ao Maranhão e ao Brazil, se a tanto chegarem suas forças, alistando-se na rectaguarda dos eruditos redactores do Maranhão, sem nunca afastar-se dos principios de moderação e de imparcialidade, não adulando ninguém e nem criticando a torto e a direito. »

Parece-me que o n. 21, publicado em 4 de Setembro do mesmo anno, foi o ultimo.

Nesse tempo publicavam-se na capital da provincia 7 periodicos, sendo seis politicos (A *Estrella do Norte*, o *Analysta*, a *Gazeta do Brazil*, o *Amigo do Povo*, o *Cruzeiro*) e um só puramente commercial o *Almanack Mercantil*.

Esta noticia colhi da leitura do 2º numero do *Brazileiro*, porém, não emitto juizo sobre os outros, porque nunca vi um só numero delles.

Attribuiu-se a sua redacção ao Sr. João Francisco Lisbôa, porém, tenho razões para crêr não ser exacta tal presumpção.

O mesmo disseram, e sem fundamento, a respeito do Sr. F. Sotero dos Reis.

Desconfia-se ter sido seu redactor unico o cidadão

José Antonio de Lemos, homem de talento, muito estudioso e patriota.

Nesse numero ultimamente citado, disse elle « que a *Estrella do Norte* era periodico de insultos, creado de proposito para invectivar os que eram affectos á Constituição do Brazil, companheira nessas idéas do *Analysta da Gazeta do Brazil*, do *Amigo do Povo*, e do *Cruzeiro*: que o *Poraquê* era mal escripto, e fallava descaradamente das delicias do governo absoluto: que a *Cigarra* era liberal, seguindo porém caminho diverso do que lhe cumpria trilhar: que o *Censor* era escripto por um velho de tempera antiga, propagando doutrinas, que lhe ensinaram seus antepassados sobre o *paternal governo absoluto*. »

Conspurcavam então a imprensa maranhense o *Azor-rague*, o *Poraquê*, o *Anti-Christo*, e outros periodicos de igual jaez.

Appareceram tambem o *Escudo da Verdade* e o *Monitor Liberal* e outros de poucos meritos.

O tempo e a reflexão foram acalmando o estado de excitação em que se achava a capital da provincia.

Foram desaparecendo os jornaes imprudentes, e a discussão substituiu ao insulto e á difamação.

No anno de 1829 o cidadão Francisco Sotero dos Reis publicou o *Observador Constitucional*, que redigio só até 1832 quando principiou a ser coadjuvado por Odorico Mendes.

Foi sempre muito bem escripto e moderado e defensor da administração do Dezembargador Araujo Vianna.

Depois de um anno do desaparecimento do *Pharos Maranhense* um amigo de José Candido, João Francisco Lisboa publicou em 23 de Agosto de 1832 o primeiro numero do *Brazileiro*, que apparecia nas quintas-feiras de cada semana, em folha de papel almaço, em 4º francez e com duas columnas. Era este o seu frontespicio:

## O BRAZILEIRO

Journalistes de tous les pays, élevez vous au dessus des préjuges nationaux... dénoncez tous les crimes, nommez tous les coupables.	Jornalistas do mundo inteiro, despi-vos dos preconceitos nacionaes: denunciae os crimes, apontae os criminosos.
JOUY.	

Subscreve-se e distribue-se em casa do redactor n. 67, rua Formosa, preço por trimestre 1\$800, as folhas avulsas a 160 rs. Maranhão. Typographia liberal. Anno 1832, em duas columnas, e sustentava as idéas do *Pharol*.

Depois de 13 numeros desapareceu da arena em 16 de Novembro, e em seu lugar luzio outra vez o *Pharol Maranhense* «afim de trazer sempre viva a lembrança de seu primitivo redactor.»

Resurgio com o n. 352, em continuação, no dia 29 de Outubro de 1833, com este frontespicio :

### O PHAROL MARANHENSE

<p>Le temps ou les esperances les plus légilimes étaient considérées comme les rêves d'un homme de bien, touche à son terme : le regne des illusions est passé et rien ne restera debout, que ce qu'est fondé sur la justice et la raison.</p>	<p>Deu fim o tempo em que as esperanças mais legitimas eram tidas por bellos sonhos : acabou o reinado do engano e já agora só ficará em pé o que se fundar na justiça e na razão.</p>
--	--

JOUR.

Do seu programma, para melhor fazel-o conhecido, transcrevo o seguinte :

«Fallaremos com aquella franqueza, propria a cidadãos livres, sem medo de expormos com coragem nossas opiniões, e de combatermos quanto em nossos forças couber os excessos contra a constituição, a liberdade, a segurança individual, e a propriedade dos cidadãos brasileiros.

«Apontaremos as infracções da lei e da constituição, commettidas pelos empregados, qualquer que seja o lugar, que occupem : e bem assim referiremos tudo quanto nos parecer concernente ao bom andamento dos negocios do nossos paiz. Obras periodicas e regulares, que por força se hão-de escrever, ainda quando se ande mais enjoado da tinta e da penna.»

O que foi essa segunda phase do *Pharol* ninguem o poderá escrever como elle no ultimo numero ao dizer adeus ao publico nestas palavras :

« Venho agora pôr termo a esta minha empreza ha mais de um anno começada, e bem que eu, assim

como todo o outro homem, esteja sujeito ás paixões proprias da nossa especie, todavia deitando os olhos para tudo o que nesse espaço escrevi, não posso deixar de ennobrecer-me, e dar-me por um dos escriptores mais imparciaes do nosso Brazil.

« Fui inimigo de Araujo Vianna, e mais que nenhum outro escriptor o combati no meu *Brazileiro*: contudo nunca procurei esquecer as suas boas partes, e até elogiei o desinteresse e a actividade com que sempre aqui se houve nos negocios publicos.

« Fui inimigo do partido *moderado* ou do governo, porém ainda mesmo quando lhe formava os mais graves capitulos, nunca cessei de mostrar ao povo a sua bondade relativa, o nenhum interesse que tinhamos em derribal-o, e os tramas dos restauradores, que, destruido esse principal estôrvo dos seus planos liberticidas, muito nos empeceriam, se não é que de tudo nos desbaratariam.

« Sempre pertenci ao partido chamado *exaltado*, porém sempre me viram á frente de seus inimigos todos aquelles que, usando desse nome, não se peijavam todavia de dar o braço aos restauradores, contra quem pouco antes haviam requerido medidas de sangue.

« *Exaltado* sim era eu, porém censurei os desatinos e malfeitorias commettidas pela gente de Antonio João, porém desapprovei altamente a parcialidade da *Bussola*, e outros periodicos em opposição ao governo, e nunca dei meu assenso á eleição de Soares e Goyannas ».

Assim o n. 445 interrompeu a sua segunda e ultima serie em 22 de Novembro de 1836.

Tinham voltado os máos tempos para o Maranhão.

Desappareceram os partidos e surgiram os corrilhos.

Foi-se a prudencia, e no campo das recriminações surgiram as injurias e as diffamações.

Veio o desanimo e a descrença. Desappareceram os jornaes, e póde charmar-se esse periodo « *época do silencio* ».

Em 3 de Maio de 1833 appareceu pela primeira vez o *Publicola Brazileiro* em formato de folha de papel almaço commum.



Foi seu principal redactor José Raymundo da Rocha Araujo, conhecido vulgarmente pelo appellido de *poeta da casaca encarnada*.

Dizem que era instruido e versejador, pelo que foi sempre emulo do poeta portuguez Manoel Ferreira Freire que por longos annos residio em Vianna, onde se dedicava ao ensino da mocidade, especialmente da lingua latina, que conhecia muito bem.

Foi athleta do partido *cabano*, depois *sagquarema*, e por ultimo *conservador*, e por vezes travou lucta com João Lisboa.

Desappareceu da arena jornalistica depois do *Echo do Norte*.

Em 3 de Julho de 1834 João Francisco Lisboa publicou o 1º numero do *Echo do Norte*.

Teve dous formatos diversos.

O primeiro volume comprehendendo 100 numeros, finalisou em 29 de Agosto de 1835, estampado em folha de papel commum, sahindo duas vezes na semana.

O segundo e terceiro tambem duas vezes na semana, sahiram do n. 5, do 3º volume em diante, dos prelos da typographia do Sr. Ignacio José Ferreira, em 8º e em forma de livro, terminando a collecção que vi no n. 23 de 8 de Novembro de 1836.

Eis o seu frontespicio:

## ECHO DO NORTE

ANNO DE 1834

NUMERO 1

«Subscreve-se e vende-se na typographia de Abranches & Lisboa, rua dos Afogados, casa n. 13, preço portrimestre 2\$100 rs., folha avulsa 100 rs.

«Aquella proveitosa liberdade  
De mostrar de mil erros a verdade,  
E do mais livre povo já soffrida,  
E do mais poderoso receiada,  
Por que entre nós será mal recebida?

(FERREIRA, carta 5ª).

Maranhão. Typ. de Abranches & Lisboa, anno de 1834.

Foi recebido em ponta de lança pelos jornaes de crenças oppostas.

Era órgão do partido liberal e sustentou a administração do senador Antonio Pedro da Costa Ferreira, depois barão de Pindaré.

Em 1835 o brasileiro adoptivo João Loyres, muito entusiasta pelo partido cabano, dotado de muita actividade, e de genio emprehendedor creou o *Correio semanal*, que tomou muita parte nas lutas dessa éra.

Em 1838 principiou a chamar-se *Correio de annuncios*, creio que do 2º volume em diante, o qual começou no n. 29, segundo pude colligir de um aviso inserido no n. 682 do *Publicador Official* de 6 de Abril de 1839.

Quando *Correio Semanal* era impresso em folha de papel almaço, com duas columnas, e depois que mudou de nome, augmentou de formato, e este dividido em tres columnas.

O *Investigador Maranhense* surgiu dos prelos da Typographia Constitucional em Janeiro de 1836, em formato de folha de papel almaço commum.

Era este o seu frontespicio: Em cima no alto da folha, do lado esquerdo o numero do exemplar: na mesma linha, do lado direito, os dias da semana e do mez em que sahia o jornal.

## O

### INVESTIGADOR MARANHENSE

Pouco abaixo, do lado esquerdo, uma aguia ali estampada *como emblema da liberdade*, adejando no espaço, e do lado direito a seguinte mui significativa epigraphe, entre duas mãosinhas, que nessa época era o typo de elegancia em materia de composição typographica:

Que fé póde guardar quem fés quebranta?  
Que tratados manter quem leis despreza?  
Roma não tinha leis, quando Tarquinio  
De cidadãos romanos fez escravos?!

(GARRET—*Trag. de Catão.*)

A origem deste periodico foi a seguinte: Francisco de Salles Nunes Cascaes, cabano decidido e exaltado, exercia um emprego na secretaria da provincia, e embora o seu estado precario fazia opposição até inconveniente ao presidente o Dr. Antonio Pedro da Costa Ferreira, depois senador do imperio e Barão de Pindaré.

Tendo acabado um dia o expediente arrumou-o na

pasta, que tinha de subir á assignatura, e logo em cima dos papeis escreveu e mandou imprudentemente esta quadra

Costa Barros foi ladrão,  
Costa Pinto foi Pachá,  
Costa Ferreira é tyranno;  
Que mais Costa aqui virá?

A' esta provocação, tão directa, pois Cascaes nem disfarçou a lettra, o presidente accrescentou:

Na duvida deve o poeta  
Sahir daqui desde já.

Demittido, como devia esperar, Cascaes atirou-se á imprensa, fundou o *Investigador* e principiou a fazer opposição, quasi sempre fóra dos limites da prudencia, tendo infelizmente por companheiro José Joaquim de Figueiredo e Vasconcellos, emigrante paraense, e de máo caracter embora com talento especialmente para as discussões jornalisticas.

Dizem tambem que Cascaes, logo depois da fundação do *Investigador*, desavindo-se com Figueiredo e Vasconcellos, retirou-se da redacção, correndo esta por conta deste.

Alguem escreveu que foi o Sr. Francisco Sotero dos Reis, redactor exclusivo desse periodico, que substituiu o *Constitucional* e que foi a seu turno substituido pela *Revista*, sendo Cascaes apenas proprietario ou impressor na sua typographia, muito bem montada no largo de S. José, ao lado esquerdo da igreja, onde esteve por muitos annos a repartição da chefatura de policia.

Sotero dos Reis era moço como Cascaes, pertenciam ao mesmo partido e eram amigos, e por isso Sotero teve muita parte, não exclusiva, na redacção do *Investigador*.

Sei disto com certeza, e assim corrijo aqui este facto, sem manchar este meu escripto com o nome de quem tantos erros commetteu, quando se mettia a escrever sobre *factos historicos do Maranhão*.

Em 21 de Janeiro de 1836, redigido pelo Dr. Joaquim Franco de Sá, depois senador do imperio, appareceu

o *Americano*, do qual sahiram apenas 12 numeros, pois terminou sua carreira em 9 de Abril do mesmo anno.

Foi publicado em papel almaço commum, e em duas columnas, era hebdomadario e trazia esta epigraphe:

« Não se deve confundir a vontade  
d'um povo com os clamores d'uma  
facção.

(ROUSSEAU.) »

Na imprensa occupou o logar de defensor das idéas liberaes e da administração de seu tio, sogro e amigo o Dr. A. P. da Costa Ferreira, depois senador do imperio e Barão de Pindaré.

Em 11 de Março de 1836 sahio dos prélos da Typographia Constitucional, em folha de papel almaço commum, o 1º numero do *Cacambo*, redigido por Luiz Carlos Cardoso Cajueiro, 1º escripturario da Thesouraria da Fazenda, e depois deputado geral, na legislatura desse anno.

Advogava as idéas do partido *cabano*, tambem conhecido por partido *moderado* para combater o *exaltado*, depois chamado *marreco*, e subsequentemente *bemtevi*.

Lutou muito com João Francisco Lisboa, que em 17 de Março de 1836, no n. 25 do *Echo do Norte*, annunciou o seu apparecimento assim, « a quem não podemos deixar de dar o merecido louvor á moderação e dignidade com que está escripta.»

Trazia como epigraphe, em francez, o seguinte pensamento :

« Em todas as epochas da  
sociedade civil, á par do poder  
se divisou uma opposição, que  
tem por principio retel-o, re-  
primil-o e limital-o.»

Ostentou-se opposicionista á administração do Dr. Antonio Pedro da Costa Ferreira, e portanto alliado de Sotero dos Reis.

No dia 8 de Novembro de 1837 appareceu o *Sete de Setembro*, impresso em formato de 4º, francez, contendo 8 paginas, redigido por José Joaquim de Figueiredo Vasconcellos, que, como filho do Pará, occupava-se muito dos

negocios de sua patria, então governada á virga-ferrea pelo General Andréa, e discutia então com gravidade

Foi este o seu frontespicio :

### SETE DE SETEMBRO

N.	DIA, MEZ E ANNO	RS. 120
<p>Subscreve-se para esta folha em a typographia do Sr. I. J. Ferreira, rua da Paz, e na loja dos Srs. Brito e Raso, rua de Nazareth, por 1\$200, cada trimestre, e vende-se a 120 rs. cada um avulso.</p> <p>Dar-se-ha um numero cada semana.</p>		<p>«Depois de espessa e tormentosa noite, Como é lisongeiro olhar-se em torno, E vêr longe de si morrer os dias, Dias de escravidão, dias do In- ferno.» (Um Brasileiro Nato.)</p>

No « *Officio-protesto*, dirigido ao Instituto Historico do Brazil pelo seu antigo 1º secretario F. A. D. D. de V., Barão de Porto-Seguro », publicado em Vienna d'Austria, em 1874, « na pag. 4ª se lê que este periodico desapparecêra em 1º de Dezembro de 1838, e que « seu redactor já o fôra antes na côrte, do *Sete de Abril*. »

João Francisco Lisboa, de ha muito recolhido á vida privada, foi convidado pelo Presidente da provincia o Dr. Antonio Pedro da Costa Ferreira para acceitar o cargo de secretario do governo, que exercen por algum tempo.

O assassinato do cidadão Raymundo Teixeira Mendes, na noite de 25 de Novembro de 1837, na cidade de Caxias, onde era chefe do partido liberal, causou grande sensação em toda a provincia, e arrastado pela indignação e amor ás suas crenças, esquecendo passadas e dolorosas offensas, João Lisboa deixou o cargo, onde ganhava os meios para a sua subsistencia, e lançou-se outra vez no campo da politica, criando a *Chronica Maranhense*.

No dia 2 de Janeiro de 1838, dos prêlos do Major Ignacio José Ferreira sahio á luz o 1º numero deste periodico.

Teve dous formatos differentes: o do primeiro anno— em folha de papel florete, dividido em duas columnas, e



com o frontespicio abaixo estampado, publicando-se duas vezes por semana — e os dos 2º e 3º volumes, anno de 1839 e 1840, de maior tamanho, com tres columnas, conservando, porém, este frontespicio :

Anno

Numero

---

CHRONICA MARANHENSE

---

Assigna-se em casa do redactor, rua do Egypto n. 12, e na fabrica de chapéus, de Vidigal, Irmãos & C., Rua-Grande: preço por trimestre 3\$, por semestre 5\$500, e por anno 10\$, pagos adiantados. As folhas avulsas vendem-se a 160 rs., na sobredita fabrica e os avisos imprimem-se a 60 rs. por linha, mas os dos assignantes gratuitamente, comtanto que não excedam a 30 linhas.

---

Maranhão. — Na typ. de I. J. Ferreira, rua da Paz n. 34

No seu programma prometteu sustentar « em uma linguagem ordinariamente moderada, porém aspera e forte, quando as circumstancias o exigirem; que a moderação, a generosidade, a incorrupta probidade, reciprocamente professada pelos partidos politicos, são as unicas taboas que o podem salvar no mar tempestuoso em que andavam aventureados. »

Abrio luta sem treguas com os jornaes adversarios e sempre defendendo as idéas liberaes.

Por vezes esqueceo-se da moderação promettida, e sem muita razão servia-se de termos fortes, porém sempre honestos.

Quando na provincia appareceu a *guerra dos balaaios*, se não devida pelo menos muito animada pelo partido *bemtevi*, João Lisbôa censurou muito o canibalismo dos rebeldes, e era incansavel na propagação das idéas de ordem, que sempre tambem pregou quando a *revolução dos Cabanos* assollou a provincia do Pará, censurando constantemente os despotismos do General Andréa, então lá presidente..

No meio deste lidar constante approxima-se a época das eleições geraes, e por isso em 1840 foi seu nome lembrado para exercer o cargo de deputado.

A principio bem acolhido, depois seus proprios correligionarios, com manifesta ingratidão, procuravam atraiçal-o em beneficio de outro candidato.

Conheceu elle a tempo a perfidia e por isso no n. 280 de 17 de Dezembro de 1840, volume 3º, fez inserir o seu artigo de despedida, do qual tiro esta declaração serena e grave, a qual mostra ao mesmo tempo a força de seu character, a prudencia com que occultava seus justos resentimentos e poupou retaliações.

« O redactor da *Chronica* João Francisco Lisbôa, julga de seu dever declarar que não só tem desistido da sua candidatura á deputação geral, mas tambem que se retira do campo da politica, onde ha tantos annos combate, correndo a mesma fortuna que os seus amigos.

« As mais ponderosas considerações o obrigam a este procedimento ; outras considerações, porém, de não menos força o obrigam a adiar as explicações que a tal respeito cumpria dar ». O que foi a *Chronica Maranhense* diga por mim Francisco Sotero dos Reis, seu adversario politico, seu contendor de todas as horas, nestas palavras escriptas muitos annos depois com aquella calma e imparcialidade que tanto o caracterisaram.

Eis o seu juizo :

« No *Echo do Norte*, e com especialidade na *Chronica*, não era João Francisco Lisbôa o joven inexperiente e fogoso, que no *Brazileiro* e *Pharol* esposava as idéas dos exaltados, mas o homem amadurecido pela experiencia, formado a todo o genero de litteratura no estudo particular do seu gabinete, o politico profundo, o escriptor abalisado e o adversario mais temivel pela insigne mestria com que manejava a penna, quer em assumptos serios, quer no ridiculo em que ninguem podia competir com elle.

« E' opinião minha, que até hoje ainda se não escreveu na provincia outra folha politica tão eloquente como a *Chronica*. »

Em 1839, durante a administração provincial do commandador Vicente Thomaz Pires de Figueiredo Camargo foi na assembléa da provincia, apresentado um projecto, conhecido depois de approvado e sancionado com o nome da *Lei dos Perfeitos*, semelhante a uma lei de Pernambuco, e que não era outra cousa mais do que o preparo para a Lei de 3 de Dezembro de 1840, tendo por fim o dar mais

força á autoridade, já muito frouxa com o Codigo do Processo.

Tal projecto exacerbou muito os animos dos liberaes a ponto de Estevão Raphael de Carvalho, homem illustrado e honesto, porém excentrico, que já tinha sido deputado geral e provincial e era lente da cadeira do Commercio no Lyceu, publicar um pequeno periodico para combater o Presidente da Provincia e a assembléa provincial. Appareceu no sabbado 30 de Junho de 1839, o 1º numero do *Bemtevi* com este frontespicio:

NUMERO 1,

DIA, MEZ E ANNO

## O BEMTEVI

« Faça o que lhe digo, e não se importe com a lei : que se alguém recalcitrar eu tenho tres recursos : o 1º é o campo de Ourique : o 2º a corveta Regeneração : o 3º o Pará. E disto ninguem está livre, nem solteiro, nem casado ».

Palavras de um Presidente de Provincia a certo juiz de paz que o consultava sobre a execução de uma lei.

Sahe duas vezes por semana : a assignatura será de 32 numeros, preço 17000 : vendem-se avulsos a 40 rs. na rua do Sol nesta typographia ou em casa de Felisberto José Corrêa.

Maranhão. Typographia Constitucional de J. I. Portugal. Anno de 1838.

O seu formato era um quarto de folha de papel al-masso commum, tendo estampado na frente um passaro, que se dizia ser o que deu o nome ao periodico.

Explicam-se os *recursos* da Presidencia, declarados na epigraphie assim : 1.º No Campo de Ourique, quartel da tropa, onde havia a chibata, o recrutamento, e a enchovia; 2.º Na corveta *Regeneração*, onde havia a chibata e o porão de tristes recordações : 3.º O Pará, onde reinava a *Cabanada* e o General Andrea com todo o seu despotismo.

Usou sempre de linguagem incisiva, mordaz, e satyrica, e favoneando sempre todas as paixões populares. Era muito procurado.

Na villa do Paço por esse tempo sahia tambem manuscripto outro periodico com esse titulo, de que foi redactor Antonio Feliciano Peralles Falcão, alferes da guarda nacional, homem activo, intelligente, educado em Pariz, muito habil para tudo e especialmente para obras mecanicas, porém pouco constante em tudo.

No dia 6 de Outubro de 1838 com o n. 29 soltou o seu ultimo canto, e em vespas de uma eleição, dizendo: —«Deponhamos amanhã todas as nossas desavenças, e vencedores e vencidos, demos as mãos para alimentarmos a paz e tranquillidade tão necessarias a todos.»

No dia 8 de Julho de 1838 sahiu dos prelos da *Typographia Constitucional o Caçador do Bemtevi*, periodico de igual formato do *Bemtevi* em quarto de folha de papel almasso commum, tendo na frente impressa, do lado esquerdo, a figura de um homem de joelhos, munido de um enorme arcabuz de pontaria feita a disparar n'um Bemtevi empoleirado, do lado direito, n'uma frondosa arvore.

Abaixo do «Caçador» lia-se a seguinte quadra:

«Bemtevi soffrer não podes  
Os echos do meu canhão!  
Elles vos fazem soffrer,  
Elles nos deitam no chão!»

E abaixo da arvore e do *Bemtevi* esta outra, do mesmo gosto ou valor poetico:

«Caçador» não me persigas,  
Deixa os meus vôos dar...  
Deixa nas aguas turvas  
*Os meus dons empoleirar!»*

Publicava-se todas as semanas, em dias incertos, e o seu apparecimento era previamente annunciado por foguetes.

Crê-se geralmente que fôra redigido por Francisco de Salles Nunes Cascaes, Leonel Joaquim da Serra e outros:

Durou tanto tempo quanto o *Bemtevi*, de que foi constante *Caçador*,

Como o *Bemtevi* foi muito apreciado pelo povo, e em

tempos indeterminados e especialmente em epochas eleitoraes surgia um ou outro numero do *Bemtevi* em linguagem violenta e propria do tempo, como se evidencia deste aviso :

#### 1849—BEMTEVI

«No domingo 21 do corrente se publicará o *Bemtevi*, na typographia de Manoel Pereira Ramos.

«Tres foguetes de uma só bomba annunciarão a hora da sahida dessa interessante gazetinha, encarregada de fulminar os metralhadores da provincia, que ousam apresentar-se na arena politica com *bullas falsas de liberaes, de amigos do Povo*.

«E' escusado dizer-se que o *Bemtevi* sempre terá versinhos de muito bom gosto.»

(*Estandarte* n. 7 de 18 de Maio 1849).

Foram tambem publicados outros jornaesinhos ainda lembrando o *Bemtevi*, como se collige do seguinte :

#### 1842—ANNUNCIO

«Quarta-feira 24 do corrente Agosto, apparecerá o novo campeão intitulado O *Caboclo Maranhense*, destinado unicamente a ajudar o heroico periodico *Bemtevi* na empreza de sovar a obscura e asquerosa trindade *Opinião, Revista e Pica-Pau*.

«Cabanos! Não vos queixéis das frexadas do *Caboclo Maranhense* e dos beliscões do mavioso *Bemtevi*; queixai-vos de vós mesmos que ha tanto tempo nos provocaes. Combatemos em defesa. Lembrae-vos daquella sublime sentença do divino mestre « Não façaes a outrem o que não quereis que vos façam. » (Impresso avulso, sahido da typographia de Ferreira, anno de 1842.)

E' tempo de dizer-se, que os jornaes publicados na epocha da *Balaiada*, de 1839 a 1841 resentiam-se e muito das calamidades da epocha.

O governo geral e provincial receiando a força dos revoltosos, contemporisava com seus chefes.

As victimas, os homens da legalidade irritavam-se com taes benevolencias, não comprehendendo o alcance



das medidas de um governo evidentemente fraco e contemporisador.

A luta na imprensa revelava essa tendencia dos espiritos.

A revolução da maioridade e o novo ministerio liberal de 23 de Julho acabrunhou ainda mais o partido cabano ou conservador na provincia, e em 1841 a 1842 não melhorou com a subida da politica conservadora na Côrte

Havia por essa causa excessos de linguagem nos jornaes redigidos por moços exaltados de amhos os lados politicos.

Francisco Sotero dos Reis em Janeiro de 1840 publicou a *Revista*, que sahio dos prelos da typographia de Francisco de Salles Nunes Cascaes (onde se conservou durante o primeiro anno de sua existencia), em formato de folha de papel de 30 centimetros de comprimento, contendo tres columnas cada pagina.

Eis ahi o seu frontespicio :

N.	Dia	Anno.
	-----	

## A REVISTA

### FOLHA POLITICA E LITTERARIA

Subscreve-se a 2\$500 por trimestre (13 numeros).

Vende-se cada folha avulsa nesta typographia. .

Maranhão, *Typographia Imparcial Maranhense*. Impresso por Manoel Pereira Ramos na rua Formosa n. 2.

Publicava-se uma vez por semana, quasi sempre aos sabbados.

Em linguagem moderada e classica, Sotero dos Reis foi constante defensor do principio da autoridade, da ordem e do progresso moral e material, combatendo sempre sob as bandeiras do partido então chamado *Cabano*.

Lutou muito com a *Chronica Maranhense*, e pôde dizer-se que foi essa a epocha mais notavel do nosso jornalismo.

Entre os bons escriptos da *Revista* merece especial menção o artigo, em que analysou e refutou a *Memoria Historica da Revolução do Maranhão desde 1838* pelo nosso

erudito consocio o Dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães, depois Visconde do Araguaia.

Appareceram na *Revista* uns artigos bem notaveis com a assignatura *Amigo do Homem*, e escriptos pelo Dr. João Bernardino Jorge, de espirito muito culto e de memoria privilegiada.

Nesse periodo tomou conta da presidencia do provincia o commendador Angelo Carlos Muniz, irmão do regente João Braulio Muniz, em 4 de Abril de 1846, homem de bem, lavrador, inoffensivo, porém, de idéas muito curtas e sem cultivo algum de intelligencia.

Foi facil aos mais espertos de seu partido abusarem da bôa fé d'elle, e dahi originaram-se alguns actos de violencia, que deram origem a muitas intrigas, calumnias e desforços, pelo que appareceram muitos jornaesinhos escriptos com o estylite da infamia, mergulhado em muito fel, não respeitando cousa alguma e atirando-se desesperadamente ao seio das familias, infamavam as mãis, as filhas e todo o sexo fraco.

No mais incandescente dessa louca contenda, de maneira horrivel e sempre execravel figuraram então e depois a *Voz do Bacanga*, o *Guajá-jára*, o *Reformatorio*, o *Cometa*, o *Picapau*, o *Patusco*, o *Brado Maranhense*, o *Caboclo*, o *Cacete*, o *Azorrague*, o *Foguete*, a *Malagueta*, a *Palmatoria*, a *Matraca*, o *Arre-irra*, o *Carurú*, o *Brado do Povo*, o *Tigre*, o *Barreteiro*, o *Mexiriqueiro*, o *Correia*, o *Tapy-Ouassú*, o *Defensor do Povo*, a *Chronica dos Chronistas*, a *Figa*, *Berimbau*, *Jararaca*, *Vulcão*, o *Salvador do Povo*, etc. Taes nomes bem indicam o que elles fôram.

Sotero dos Reis, sem temer ás iras e perversidades desses hediondos assassinos da honra alheia, na sua *Revista* de 4 de Julho de 1846 foi-lhes ao encontro, e escreveu estas notaveis palavras :

« A mulher, ente delicado e fraco, que está como fôra da protecção da lei, por isso que a sociedade a pôz debaixo da protecção immediata do homem, que deve responder por ella, não tem outro poder para domar-nos senão com as suas graças, nem outras armas para resistir-nos senão a sua mesma fraqueza. Negar-lhes a protecção devida já é, sobre injustiça, grande falta de generosidade.

Mas ataca-a sem respeito ao sexo, e isto para vingar-nos do homem, com quem se acha ligada pelos laços do parentesco, não sabemos que nome tenha, porque é, além de cobardia, cega brutalidade. Nisto não ha partidos, nem politica, senão phrenesi e demencia.....

« Ter-se-ha calculado bem o alcance desses fataes escriptos? Quantas lagrimas terão elles feito derramar e em quanto sangue se podem converter essas lagrimas?

« Se não pretendeis barbarisar-nos, se tendes algum fim politico em vossas dissensões, limitai aos homens a guerra sem generosidade e quartel, que vos estais fazendo. Mas poupem-se os innocentes e sejam respeitadas, como cumpre, as nossas mãis, as nossas esposas, as nossas filhas e as nossas irmãs. »

Taes palavras, como por encanto, fizeram desaparecer esses pasquins, e pôde dizer-se, que foi este um bom serviço, que entre outros, Sotero dos Reis prestou á moralidade da provincia, e sinto muito prazer recordando-o para attrahir louvores e gratidão á memoria de tão benemerito escriptor.

Em 1851 a *Revista* terminou sua honrada existencia, e seu erudito redactor foi encarregado da redacção do *Correio de Annuncios*, propriedade do capitão Manoel Pereira Ramos e impresso na typographia da *Temperança*.

No fim do mez de Fevereiro de 1840 surgiu á luz o primeiro numero do *Legalista* redigido pelo Dr. Candido Mendes d'Almeida, então professor de Geographia no Lyceu do Maranhão, sustentando as ideias do partido cabano.

«O fim principal do jornal, nelle se dizia, era, dando força e prestigio a auctoridade do delegado do governo imperial, concorrer por todos os meios ao seu alcance, para o triumpho da sancta causa da monarchia, ameaçado pelos dyscolos, facciosos e revolucionarios; os perversos—*Bemtevis*, fauctores da revolução de Raymundo Gomes, cujos chefes na capital, estavam em correspondencia epistolar com elle...»

Fallecendo o pae do redactor principal em Setembro d'esse mesmo anno, retirou-se elle para Caxias, e suspendeu portanto a publicação do seu periodico.

Em 1841 a familia Jansem, então muito prestigiosa

por seus muitos membros de posição elevada, pela fortuna, e por muitas relações e dedicações em toda a provincia, sobresahindo entre todos o prestimoso e bemfazejo Coronel Izidoro Jansem Pereira, sustentou a administração do Dr. João Antonio de Miranda, depois senador do Império, e por isso teve muita influencia na imprensa.

Com o desaparecimento da *Chronica Maranhense*, fundaram os Jansens—o *Unitario*, confiando sua redacção aos Drs. Gregorio de Tavares Osorio Maciel da Costa, Casimiro José de Moraes Sarmiento e Manoel Jansem Pereira.

Segundo minhas recordações esse periodico discutia seriamente, e seus redactores eram todos homens instruidos e tinham reputações a zelar. Durou pouco tempo.

Com o desaparecimento do *Unitario* em 4 de Maio de 1842, appareceu o *Correio Maranhense*, redigido pelo Dr. Manoel Jansem Pereira, Manoel Jansem Ferreira, e outros individuos do partido liberal, porem adeptos á familia Jansem, taes como o Desembargador José Mariani, o Dr. Gregorio de Tavares Osorio Maciel da Costa, etc.

Foi valente lidador.

Sustentou muito a administração do Dr. Venancio José Lisboa.

O outro grupo liberal, contrario ao partido conservador, vendo quam hostile lhe era o novo Presidente publicou o *Dissidente*, redigido pelos Drs. Fernando e Francisco de Mello Coitinho de Vilhena, João Francisco Lisboa, João Pedro Dias Vieira e outros.

Na administração do Dr. Jeronymo Martiniano Figueira de Mello, foi o *Dissidente* o órgão d'um partido creado com esse nome.

Na sexta-feira 9 de Julho desse mesmo anno, dos prelos de Ignacio José Ferreira sahio o 1º numero do *Jornal Maranhense*.

Eis aqui o seu frontespicio:

1841—Sexta-feira 9 de Julho—n. 1

« JORNAL MARANHENSE »

Maranhão, typ. de I. J. F. & C., rua do Sol n. 51

Abaixo quatro compartimentos.

No 1º lia-se esta epigraphe:

« A verdadeira educação de um povo livre faz-se nos jornaes ».

« Timon ».

Em seguida mais isto :

« Esta folha se publica ás terças e sextas-feiras de cada semana, e para ella subscreve-se nesta typographia ».

Foi seu redactor o Dr. Candido Mendes de Almeida, depois senador do Imperio.

Desapparecendo com o n. 100 o *Jornal Maranhense* no dia 1º de Julho de 1842 o seu proprietario Ignacio José Ferreira declarou, que em seu lugar surgiria o *Publisher Maranhense*, o que teve logar em 9 de Julho desse mesmo anno, em folha de papel florete, contendo quatro columnas e este frontespicio:

### PUBLICADOR MARANHENSE

folha official, politica, litteraria e commercial

Foi seu primeiro redactor o Dr. João Francisco Lisboa.

ADVERTENCIAS	PARTIDA DOS CORREIOS	DESIGNAÇÃO DAS AUDIÊNCIAS
<p>O <i>Publisher Maranhense</i>, propriedade de I. J. Ferreira, publica-se ás terças, quintas e sabbados de cada semana, e para elle subscreve-se na sua typographia na rua do Sol n. 26. O preço da assignatura é de 12\$000 por anno, etc., etc.</p>		

Seu fim principal está nestas palavras do prospecto.

« Sendo esta capital uma das principaes praças do Brazil, e sentindo ella a falta de um periodico á maneira dos que se publicação na Côrte, Bahia e Pernambuco, que



dando todos os actos do governo geral e provincial, e das repartições subalternas, contenha também artigos sobre a nossa industria, commercio e artes, noticias nacionaes e estrangeiras, extractos dos melhores classicos, acerca da politica em geral, preços correntes e tudo que possa concorrer para a nossa civilisação, algumas pessoas desejosas de fazerem desaparecer esta grande falta se propoem a redigir um periodico com o titulo de *Publicador Maranhense*, em formato grande, constando cada pagina de tres ou quatro columnas, o qual sahirá duas vezes por semana, e mais se houver cousa notavel, e grande numero de assignantes.

Ainda disse mais: « Não escasseam órgãos á politica, os seus odios se envenenam cada dia, e em falta de logar onde se rasguem novas feridas, os campeões, que andão travados na lucta, revolvem os punhaes nas já abertas.

« *Imital-os*, seria nada fazer para romper a monotonia de taes discussões, a sociedade tem outros interesses, que cumpre advogar e satisfazer ».

Infelizmente arredou-se desse proposito tão vantajoso, e outra vez no campo da politica, foi extrenuo defensor do partido intitulado *Liga Maranhense*, creado pelo então presidente da provincia o Dr. Joaquim Franco de Sá.

Treze annos depois, em 30 de Junho de 1855 deixou a redacção desse jornal, que foi depois também redigido pelo Sr. Francisco Sotero dos Reis, Dr. Frederico José Correia, Felipe Franco de Sá, Ovidio da Gama Lobo, Aristides Coelho, Francisco de Paula Belfort Duarte e outros.

Nelle João Fransisco Lisboa revelou muito geito no genero de escripto, chamado *folhetim*.

Ainda vive este jornal, porém, arrastando vida ingloria.

Appareceu a *Opinião Maranhense* em 20 de Julho de 1842.

Em formato de folha de papel almaço commum, era dividido o jornal em duas columnas.

Eis ahi o seu frontespicio :

Anno de 1842, Maranhão, 20 de Julho n. 1.

A «OPINIÃO MARANHENSE»

Typographia Constitucional de José Mathias de Souza, rua do Sol n. 43.

Foi fundado, e teve por seu redactor principal o Dr. Candido Mendes de Almeida.

Discutia, porém offendia seus adversarios politicos em prosa e verso, pelo que é voz geral haver na redacção outras pennas, já avesadas a esses actos de desespero, tão alheios ao genio moderado e reflectido do Dr. Mendes de Almeida.

Occupava então o cargo de promotor-publico da capital o Dr. Candido Mendes, e foi nessa occasião demittido.

N'essa epocha sahia da mesma typographia, ao estourar de muitos foguetes, o *Picapau*, jornal de pequenas dimensões, e ás vezes com estampas abertas em madeira, e recordando factos e calumnias desagradaveis á familia Jansen, pelo que passou seu redactor por acerbos desgostos e muitas contrariedades, a que sempre oppôz tenaz resistencia.

Em 15 de Janeiro de 1845 sahio á luz o primeiro numero do *Jornal de instrucção e de recreio*, revista litteraria demodestas aspirações, redigida pelos estudantes do Lyceu Luiz Antonio Vieira da Silva, hoje Senador do Imperio, Augusto Frederico Collin, actualmente empregado no Thesouro Nacional, José Tell Ferrão e Augusto Cezar dos Reis Raiol, já fallecidos estes dous ultimos, e outros jovens então.

No anno seguinte desapareceu o *Jornal* e em seu lugar surgiu o *Archivo Maranhense*, tendo mais por colaboradores os Drs. Antonio Carneiro Homem Souto Maior, Frederico José Correia, Fabio Alexandrino de Carvalho Reis, Antonio Rego, e Alexandre Theophilo de Carvalho Leal.

Chegou até o 6º numero.

Ainda em 1846 impresso na Typographia Maranhense por A. J. da Cruz foi publicado o Jornal da *Sociedade Philomatica Maranhense*, creada em 27 de Junho de 1845, tendo por seu Presidente o Desembargador Joaquim Vieira da Silva e Souza, depois Senador do Imperio, e sempre de saudosissima memoria, e por Secretario o Dr. José da Silva Maia; durou muito poucos mezes.

Para sustentar a administração *Franco de Sá*, da Typographia de F. de S. N. Cascaes sahio á luz no dia 2 de Janeiro de 1847 o primeiro numero do *Progresso*.

Era este o seu frontespicio :

2 de Janeiro de

1847. N. 1.

Sabbado.

## O PROGRESSO

Jornal politico, litterario e commercial.

« Le progrès est un avancement vers le mieux ».

(coq).

Fôrão seus redactores os Drs. Fabio Alexandrino de Carvalho Reis, Alexandre Theophilo de Carvalho Leal e Antonio Rego.

Foi o primeiro jornal diario, que appareceu na provincia.

Por motivos, de ordem economica o *Progresso* desapareceu por quatro annos da imprensa, e resurgio em 27 de Março de 1861 no mesmo formato, sahindo porém duas vezes por semana.

Pela primeira vez em 1847, apparecêra folhetins no rodapé dos jornaes.

No *Progresso* o Dr. Antonio Rego publicou as traducções dos romances *Quitança á meia noite*, o *Mendigo negro* de Paulo Feval, os *Mysterios da Inquisição* por Fereal.

Dos prelos da typographia *Temperança* sahio em grande formato o *Estandarte* em 2 de Março de 1847.

Era órgão do partido *Bemteví* e foi creado exclusivamente para combater a administração do Dr. Joaquim Franco de Sá.

Foi seu redactor principal o desembargador José Marianni, pois sem o seu beneplacito nada se imprimia, e os Drs. Eduardo de Freitas, José Jansem de Paço, Antonio Joaquim Tavares, Pedro Wencescop Cantanhede, Raymundo José Faria de Mattos, etc.

A administração de Franco de Sá, comquanto muito honesta e animada de bons desejos a favor da prosperidade da provincia, que era sua patria, teve muitos adversarios, principalmente por ter criado scisões em ambos os partidos, e com elle fundado outro que denominou *Liga Liberal-Maranhense*.

A imprensa foi o campo do combate, onde nada se poupava, e o *Estandarte* foi o jornal dos adversarios da presidencia.

Muito soffreu o *Estandarte* nesse tempo, e na administração do Dr. Eduardo Olympio Machado, porém, lutou sempre com energia.

Desappareceu em 1857.

Redigido pelo Dr. Candido Mendes de Almeida, sahio da typographia da Temperança o *Observador* em folha de papel commum, e dividido em duas columnas, na quarta-feira, 21 de Julho de 1847.

Era órgão do partido conservador, e declarou-se logo em opposição ao Dr. Joaquim Franco de Sá, presidente da provincia.

Combateu muito o partido da liga, e foi adversario temivel e constante, pertinaz e investigador.

Por algum tempo, em ausencia do Dr. Mendes de Almeida, foi tambem redigido pelo Dr. João Bernardino Jorge.

Em 1850 augmentou de formato, sendo então redigido pelo erudito Dr. Frederico José Corrêa.

De 6 de Abril de 1854 em diante foi escripto por Francisco Sotero dos Reis.

Em 1856 passou a sua redacção para o major Dionizio Alves de Carvalho, homem intelligente e dotado de muita prudencia.

Na terça-feira 10 de Março de 1849 appareceu o primeiro numero da *Revista Universal Maranhense* no formato

de 4º francez, em duas columnas, estampadas em 16 laudas, com o seguinte frontespicio:

1ª Serie.

Tomo 1º

# REVISTA UNIVERSAL MARANHENSE

Sciencia, Agricultura, Industria,  
Litteratura, Bellas-Artes, Noticias e Comercio.

. . . . .

1º Anno. Terça-feira, 1 de Maio de 1849 N.º 1.

. . . . .

Foi periodico scientifico, litterario e industrial.

Foram seus redactores entre outros, os Drs. Antonio Rego, J. R. Jauffret, Alexandre Theophilo, Augusto Collin, João Antonio de Carvalho e Oliveira, João Nunes de Campos, Frederico José Corrêa, Gonçalves Dias, F. de M. Coutinho de Vilhena, Gregorio de Tavares Osorio Maciel da Costa.

Terminou sua bonita carreira em 15 de Abril de 1850 com o n. 12.

De todos estes escriptores só vive hoje o Sr. Augusto Frederico Collin.

Todos os mais dormem nos braços da morte o somno, que não é interrompido por sonhos.

Em Junho de 1849 appareceu o *Porto-Franco*, redigido pelos Drs. João Bernardino Jorge Junior e Henrique Roberto Rodrigues, cidadão-portuguez.

Embora no seu programma se apresentasse essencialmente órgão dos interesses commerciaes, atirou-se depois na arena politica de maneira desabrida, adquirindo assim muitos odios, que lhe cavaram a sua ruina.

Era muito bem impresso, e em seu principio mostrou-se digno de occupar um logar na imprensa séria.

No anno de 1850 discutio a imprensa de quasi todo o Imperio a necessidade de formar-se uma nova assembléa constituinte.

Na Bahia com tal idéa surgio o *Argos Bahiano*, redigido pelo desembargador, pharmaceutico e doutor em



medicina Candido Lasdilau Japy-Assu de Figueiredo e Mello.

N'outras provincias fizeram-se iguaes publicações, e no dia 2 de Janeiro de 1851 appareceu o *Argos Maranhense*, redigido pelo engenheiro Dr. João Nunes de Campos, José Vicente Jorge, depois conselheiro e chefe de secção da Secretaria do Imperio, e Raymundo João dos Reis, empregado hoje da Fazenda Nacional.

Com o n. 25 desapareceu este periodico sempre muito bem escripto, e occupando-se de assumptos elevados.

Nessa mesma éra publicou-se o *Correio de Annuncios*, de propriedade do capitão Manoel Pereira Ramos, e redigido pelo Sr. Sotero dos Reis.

Poucos mezes depois, em Outubro desse mesmo anno mudou de nome e chamou-se *Constitucional*.

Em Janeiro de 1852 sahio á luz o primeiro numero do *Globo*, redigido pelo cidadão portuguez José da Cunha Torres, puramente imparcial, em linguagem decente e muito bem impresso.

Por incommodos de saude retirou-se Cunha Torres em 1854 para Lisbôa, deixando na redacção o seu amigo, o Sr. Dr. Antonio Rego.

Da *Typographia da Temperança*, no anno de 1852, sahio á luz o *Despertador*, jornal politico e litterario, que tinha por epigraphie « *Monarchia e Ordem.* »

Pouco influio na arena politica e menos ainda na litteraria.

No dia 14 de Outubro de 1852 dos prelos do *Observador* appareceu a *Marmotinha*, em folha de papel fiorete commum, dividido em duas columnas, e distribuido hebdomadariamente.

Dizia-se litterario e recreativo, e foi fundado por Julio dos Santos Pereira e Ricardo Antonio Corrêa de Faria, e collaborado por muitos mancebos intelligentes do Maranhão e do Pará.

Eis aqui o frontespicio deste interessante jornal:

ANNO I Quinta-feira, 14 de Outubro de 1852. N. 1

*A Marmotinha*

Jornal Joco-serio, Litterario e Recreativo.

Durou pouco tempo, e teve pequena circulação.

Na segunda-feira 12 de Junho de 1854 da *Typographia Maranhense* de A. J. da Cruz surgiu o *Botão de Ouro*, jornal joco-serio e recreativo, com esta epigraphe :

O lindo botão de ouro  
As beldades dedicado,  
Vai merecer seu agrado,  
Vai dellas ser o thesouro.

E vós tambem, ó leitores,  
Recebei-o com bondade,  
Que a flôr da mocidade  
Vai offertar seus primores.

Era de seu programma distrahir e recrear a juventude.

Faziam parte da redacção muitos estudantes do Lyceu, e entre os mais distinctos e talentosos o hoje conselheiro Dr. Augusto Olympio Gomes de Castro.

Em Setembro de 1855 por motivos, que ignoro, foi o *Globo* substituido pelo *Diario do Maranhão* ainda redigido e unicamente pelo dito Dr. A. Rego até 1857, e quando foi seu redactor o Dr. Antonio Marques Rodrigues em 2 de Julho de 1858 o fez de novo substituir pelo *Globo*, que desta vez durou até Dezembro de 1860.

Em 11 de Outubro de 1855 sahio o primeiro numero da *Saudade*, com estas disposições :

ANNO I

A SAUDADE

SERIE I

SEMANARIO RECREATIVO

« A leitura é de todas as artes  
a que menos custa, e a que mais  
rende ».

(A. F. DE CASTILHO).

Sahiu em formato de 4º francez, contendo 4 paginas, divididas em 2 columnas.

Cada serie se compunha de dez numeros.

Teve, como todos os outros, duração ephemera.

Durante a presidencia do Commendador Antonio Candido da Cruz Machado, hoje senador do imperio, os Drs. Francisco de Mello Coutinho de Vilhena, Antonio Rego, e Antonio Marques Rodrigues crearam a *Conciliação*, cujo primeiro numero appareceu em 20 de Setembro de 1856.

No numero 2 por motivos puramente particulares o Dr. Antonio Marques despediu-se da redacção.

Para combatel-a surgiu a 9 de Julho de 1856 a *Nova Epocha*, redigida pelos Drs. Manoel Moreira Guerra, Luiz Antonio Vieira da Silva, hoje senador do Imperio, e o Cirurgião José Silvestre dos Reis Gomes.

Muito luctaram esses dous jornaes, aquelle contra e este em defesa do Presidente, aquelle liberal e este conservador.

Em 4 de Junho de 1857 appareceu a *Imprensa*, redigida pelos Drs. Carlos Fernando Ribeiro e José Joaquim Ferreira Valle, hoje Visconde do Desterro, órgão das ideias dos dous grupos opposicionistas, liberal-progressista e bemtevi-estrellado.

Substituiu o *Progreso* e o *Estandarte*.

Retirando-se o Dr. Ferreira Valle para o Rio de Janeiro, e o Dr. Fernando Ribeiro, hoje Barão de Grajahu, para o Amazonas, passou a ser redigido por outros individuos.

Com a demissão do Presidente Cruz Machado, foi a *Nova Epocha* enfraquecendo-se e em 1858 desapareceu da scena jornalística.

Em seu lugar appareceu o *Seculo* a principio redigido pelo Dr. Luiz Antonio Vieira da Silva e José Silvestre dos Reis Gomes, e a final por este só.

N'esse tempo o Dr. José Joaquim Ferreira Valle creou o jornal *Moderação* no governo provincial do Conselheiro Benevenuto Augusto de Magalhães Taques.

Passados poucos mezes este periodico passou ás mãos de quem o quiz manchar, constituindo-se como muitos outros negra nodoa para a nossa imprensa, e verdadeira estatua de *Paschino*.

Em 1860 começou a publicar-se a *Verdadeira Marmota*, promettendo tractar de sciencias, artes, commercio, etc. e tudo fez com poucos creditos.

Teve tambem o nome de *Marmota Maranhense*, e por vezes suspendeu sua publicação.

Pretendeu imitar a *Marmota* fundada na Bahia pelo bem conhecido Prospero Diniz, e impressa na Typographia d'Epiphanio Pedrosa.

Prospero Diniz veio para o Rio de Janeiro a bordo da Fragata Constituição, em companhia do então desembargador Manoel Vieira Tosta, hoje senador do Imperio, e Visconde de Muritiba.

Aqui no Rio fundou outra *Marmota*, impressa por Paulo Brito.

Sem duvida de qualquer d'estas publicações foi tirado o titulo.

Foi publicado o primeiro numero do *Commercio* no dia 5 de Janeiro de 1861, em substituição do *Jornal do Commercio*, ambos de propriedade e redacção do Sr. Themistocles da Silva Maciel Aranha.

O nome unicamente indica o seu programma.

Em Março de 1861 o Dr. Carlos Fernando Ribeiro, reassumiu a redacção da *Imprensa*, e reapareceu o *Progresso* em defesa das ideias liberaes.

N'essa mesma era appareceu, e teve ephemera duração a *Ordem e Progresso*, redigido pelos Drs. Gentil Homem d'Almeida Braga, José Joaquim Tavares Belfort, e Joaquim Serra.

Por embaraços economicos, e pela necessidade de coherencia nas ideias desapareceram a *Imprensa*, o *Progresso*, e a *Ordem e Progresso*, e em seu lugar surgiu a *Coalição*, redigida pelos ultimos senhores citados.

Os interesses judiciarios tiveram pela primeira vez na imprensa o seu órgão especial, que com o nome de *Forum* veio á luz da publicidade em 10 de Janeiro de 1862, em grande formato, contendo quatro columnas e distribuindo-se hebdomadariamente. Foi da exclusiva redacção do major João da Matta Moraes Rego, e tinha o seguinte frontespicio:

Anno I Maranhão, 10 de Janeiro de 1862. N. 1

## O FORUM

*Jornal hebdomadario, especialmente dedicado aos  
interesses judiciarios*

De todas as instituições humanas aquella, que mais interessa o homem na sociedade, é a administração da justiça ; porque é aquella, que mais immediatamente obra sobre os interesses individuaes.

*(Americus—Cartas Politicas)*

A publicidade dos processos, tendo por fiscal a imprensa livre e reflectida, é o mais forte garante da administração da justiça, trazendo o acerto e a imparcialidade nas decisões judicarias.

*(O Idem)*

Sua existencia foi de poucos numeros.

Na quarta-feira 21 de Janeiro de 1863 appareceu o *Constitucional*, em grande formato, contendo quatro columnas e o seguinte frontespicio :

Anno I

Num. 1

Maranhão -Quarta-feira, 21 de Janeiro de 1863.

## O CONSTITUCIONAL

Director—Jesuino J. C. Marreiros de Sá.

Orgão do partido conservador, e sob a redacção do Sr. Ricardo Alves de Carvalho, que em epochas anteriores fundou e redigiu diversos jornaes, nos quaes sempre defendeu com muita dedicação e sacrificio as idéas conservadoras, que professou desde mui verdes annos.

O *Paiz* sahi á luz da publicidade, dos prelos da typographia de Belarmino de Mattos em grande formato, em 28 de Abril do anno de 1863, contendo tres columnas ; distribuia-se duas vezes por semana, na terça e na sexta-feira, sendo este o seu frontespicio :



## O PAIZ

*Jornal catholico, litterario, commercial e noticioso*

E' hoje uma das mais interessantes folhas do norte do imperio.

Sahia tres vezes por semana, e em 1878 passou a ser diario.

Foi este frontespicio mudado algumas vezes, trazendo até um delles e por muito tempo a vista da cidade de São Luiz, observada do porto de mardessa capital.

Foi fundado e redigido pelo Sr. Themistocles da Silva Maciel Aranha.

Merece especial menção porque redigido sempre com intelligencia e moderação, advogou os interesses mo-  
raes e materiaes da Provincia, teve correspondentes em  
em todas as localidades, e pôde conquistar muitas sym-  
pathias, para o que foi seu redactor muito coadjuvado por  
todos os maranhenses mais intelligentes de seu tempo.  
Nelle muito escrevi sobre *Historia do Maranhão*.

A classe militar julgou acertado ter tambem o seu  
representante na grande assembléa do jornalismo, e por  
isso em 15 de Janeiro de 1864 sahio impressa em mais  
de uma folha de papel florete, e tinha este frontis-  
picio :

## PALESTRA MILITAR

Jornal para recreio e instrucção militar

«A guerra é uma sciencia para os sabios,  
uma arte para os mediocres e um officio para os  
ignorantes »

*Frederico II.*

Publica-se duas vezes por mez.

A assignatura é de 3,000 por trimestre, pagos adiantados.

1º Anno 1864

Foram seus redactores Francisco Mariano de Se-  
queira, Ricardo Alexandrino Corrêa de Faria, José Pedro  
Domingos do Couto.

Seu programma era discorrer sobre assumptos militares, e ao mesmo tempo apresentar o que de melhor e mais applicavel ao nosso paiz se encontrasse nos escriptores militares estrangeiros.

Embora recebida pelo publico de maneira muito satisfactoria, não teve vida longa, o que foi para sentir.

Em 1º de Setembro de 1867 surgiu novo jornal litterario com este frontespicio:

### SEMANARIO MARANHENSE

Anno      São Luiz (dia da sahida)      Num.

Publica-se aos domingos etc. etc. (condições da assignatura)

Foi fundado por Francisco Gaudencio Sabbas da Costa, Joaquim Serra, Gentil Braga, e collaborado por Souza Andrade, Dr. José Ricardino Joffret, A. Collin, Sotero dos Reis, Nuno Alvaro, Ricardo de Carvalho, Daniel Rodrigues de Souza, A. da Cunha Rabello etc.

Nelle publiquei muitos artigos, sempre relativos á *Historia da minha patria*, que tanto amo.

O *Liberal* surgiu á luz da publicidade dos prelos da Typographia liberal, impressor Raimundo Casimiro da Silveira Guimarães, na terça-feira 1º de Setembro do anno de 1868, em grande formato, constando de quatro columnas, e com o seguinte frontespicio:

Anno I—N.º 1

Maranhão 1868—Terça-feira 1º de Setembro

O *Liberal*

Jornal politico, litterario e noticioso.

Redactores principaes—Drs. *Miguel Vieira Ferreira*  
e *Antonio Jansen de Mattos Pereira*.

A *Nação*, em grande formato, contendo quatro columnas, appareceu á circulação publica dos prelos da typographia—*Perseverança*—rua do Giz, impressa por Jesuino José Carlos Marreiros de Sá na quinta-feira, 12 de Maio de 1869, com o seguinte frontespicio:

Maranhão 1869.

Quarta-feira, 12 de Maio.

## A NAÇÃO

Jornal hebdomadario.

Tem por programma defender os interesses do paiz.

Editor— Jesuino Sá

ANNO I

NUMERO 1

Subscreve-se nesta typographia.

Foi seu principal redactor o Conego Raymundo da Purificação dos Santos Lemos, e outros sacerdotes.

No seu programma lia-se o seguinte :

« Amantes sinceros e extremosos admiradores do progresso material, como do moral, indispensaveis á vitalidade das nações, bateremos palmas e daremos acorçoamento ás aspirações que tenderem para o augmento material ou moral do paiz. Nossa voz, embora debil, será ao lado dos homens sensatos e bem intencionados que almejem a prosperidade publica.

« Nas doutrinas sociaes acompanharemos as escolas mais esclarecidas, defendendo as theses mais inconcussas.

« A historia patria, terreno mal roteado entre nós, nos merecerá especial solicitude.

« Filhos obedientes da Egreja, fundada pelo Christo, propagada pelos Apostolos, regida pelos bispos e representada na pessoa do Romano Pontifice, seremos adstrictos ao seu infallivel ensino, e doceis ás suas admoestações.

« Eis o nosso programma ».

*A Juvenilia* em 23 de Maio de 1869, periodico de litteratura amena redigido por José Eduardo Teixeira de Souza, e outros estudantes de preparatorios, intelligentes e estudiosos.

O *Monitor* em 1º de Março de 1870 em formato de folha de papel florete commum, contendo tres columnas, e com este frontespicio.

## MONITOR

*Revista dos Interesses Publicos*

Anno I

Maranhão, 1º de Março de 1870

N. 1

Não teve redacção conhecida, e a par de alguns artigos bons de vez em quando aproveitava-se de seu estado anonymo para ferir com grande injustiça algumas pessoas só por terem merito ou serem estudiosas.

Em 15 de Agosto de 1871 desapareceu felizmente, mais esse poste de infamias.

A *Situação* reapareceu em 2 de Abril de 1870 « depois de alguns mezes de silencio ».

Foi então redigida pelo Dr. Fernando Vieira de Souza só e unicamente para defender o Dr. José da Silva Maia, então no governo como 1º vice-presidente, por occasião da morte tão sentida do Dr. Braz Florentino Henrique de Souza.

O *Telegrapho* em grande formato em quatro columnas, e com o seguinte frontespicio :

Anno I Maranhão— Janeiro de 1871 N. 1

## O TELEGRAPHO

PERIODICO NOTICIOSO

Publica-se ás Segundas e Sextas-feiras de manhã

Assigna-se nesta typographia a 12\$000 por anno, pagos em trimestres.

Foram seus redactores os Drs Raymundo Abilio Ferreira Franco, e Joaquim Rodrigues de Souza e o negociante Joaquim Coelho Fragoso.

Em Junho de 1872 passou a ser propriedade do Sr. Ricardo Alves de Carvalho.

O *Liberal* de 1873 passou a ser redigido pelos Drs. Felippe Franco de Sá, hoje Senador do Imperio, Gentil Homem de Almeida Braga, Francisco de Paula Duarte e outros.

O *Democrata* em Novembro de 1877 sahio pregando idéas republicanas.

Em grande formato, contendo quatro columnas, eis o seu frontespicio :

## O DEMOCRATA

ASSIGNATURAS	PUBLICAÇÃO
Tomam-se na typographia da	Uma vez por semana em dia in-
rua da Paz n. 16.	determinado.

ANNO 1.

N.º 18

S. Luiz do Maranhão, 24 de Março de 1878

Durou pouco tempo.

O *Jornal para todos* surgiu dos prelos da typographia do *Paiz*, editor Manoel Francisco Vianna Pires, em 8 de Dezembro de 1876 em grande formato, contendo tres columnas, e com este frontespicio:

## JORNAL PARA TODOS

Publica-se nos dias 8, 18 e 28 de cada mez.

Numero avulso 200 réis.

A' venda na rua da Palma n. 2 A.

Tiragem 400 exemplares com direito a um premio.

Anno I

Numero 1

Ao lado esquerdo do titulo do jornal lê-se—Sciencia, Litteratura—e ao direito—Arte, Industria.

O partido conservador teve na imprensa o seu órgão, e muito importante, chamado o *Tempo*, que em grande formato contendo quatro columnas, surgiu dos prelos da typographia do *Paiz* impresso por M. de J. da Cunha, na segunda-feira 11 de Fevereiro de 1878.

Eis aqui o seu frontespicio:

Anno I

Numero I

## O TEMPO

*Jornal Politico*

Maranhão 1878

Periculum dicendi  
nonrecuso.  
(Cicero in Anton.)

Segunda-feira 11 de Fevereiro

*Publica-se ás segundas-feiras*



Foram seus redactores os Drs. Augusto Olympio Gomes de Castro, Raymundo Abilio Ferreira Franco, Manoel José Ribeiro da Cunha e o Major João da Matta de Moraes Rego.

---

Aqui pára a narração succinta, por muitos motivos, dos jornaes publicados na Capital da Provincia.

Foi tarefa penosa de muitas investigações, e de pacientes recordações, porque longe do Maranhão não posso com brevidade recorrer a fontes de luz para espantar obscuridades.

Comtudo resta-me o consolo de repetir o *Feci quæ potui non ut volui, sed ut me angustia temporis coegerunt*, e dizer ainda uma vez—*Faciant meliora potentes*.

---

### III

#### NÃO INTERIOR DA PROVINCIA

Na cidade de Caxias, a primeira cidade do interior, que teve typographia, em diversas epochas publicaram-se os seguintes periodicos:

O *Jornal de Caxias*, propriedade de Pedro Alves de Souza Côtó.

O *Jornal Caxiense*, publicou-se desde 7 de Março até 14 de Dezembro de 1846.

Foi empreza particular do portuguez João da Silva Leite.

Em 41 numeros unicos apparecidos, não teve côr politica, e sempre se dedicou aos interesses commerciaes.

O *Commercio de Caxias*, de que foi dono Paulo da Conceição e Silva.

O *Brado de Caxias*, desde 20 de Agosto de 1845 até 14 de Fevereiro de 1846, publicou 28 numeros unicos.

Foram seus redactores os Drs: Candido Mendes de Almeida, Frederico José Correia, Antonio Gonçalves Dias, Fernando de Mello Coitinho de Villhena e Odorico Antonio de Mesquita, e d'ahi em diante foi somente o Dr. Mendes d'Almeida.

Foi este jornal o primeiro, que na Provincia publicou poesias de Gonçalves Dias.

O *Pharol* tambem conservador como o *Brado*.

A *Imprensa Caxiense* e o *Telegrapho*, liberaes.

O *Liberal Piaulhyense*. Em Maio de 1846 redigido pelo Coronel Livio Lopes Castello Branco.

A *Luz*, a *Situação* e o *Beija-flor*, pertencentes ao cidadão Antonio Lopes.

O *Tigre*, o *Povo*, o *Maribondo*, o *Espelho*, e o *Lidador*, de ephemera duração.

A *Cruz*, jornal religioso, por occasião da questão religiosa, pelo Revm. vigario da Freguezia de S. Benedicto o Padre Luiz Raimundo da Silva Brito.

*Vianna*. Residindo na Capital da Provincia o Cidadão Bernardo Antonio Martins intentou elle prestar um bom serviço á Cidade de Vianna, onde contava alguns amigos, levando-lhes a luz da imprensa.

Ao projecto seguiu-se a execução: comprou uma pequena typographia, contractou o typographo Mariano Neves e seguindo o seu destino no dia 30 de Setembro de 1876, sahio á luz o 1.º numero da *Alavanca*, jornal noticioso.

Não habituados com taes publicações, apenas apparecia qualquer accusação, observação ou critica contra este ou aquelle, despediam-se logo da assignatura.

Todos queriam exercer esse direito contra os outros, porém sendo sempre poupados.

D'este errado modo de pensar sobrevieram desgostos ao Sr. Martins, embora o seu periodico, que sahia uma só vez por semana, sempre fôsse muito moderado e em linguagem honesta.

Desgostoso vendeu a typographia ao typographo, que o acompanhou.

Desappareceu a *Alavanca* para dar lugar ao nascimento do *Vianense*, jornal litterario, instructivo e noticioso, em 1.º de Janeiro de 1877.

Em Outubro de 1876 Martins tambem publicou a *Violaleta*, jornal de recreio, dedicado ás senhoras Viannences.

Não sei se estes jornaes ainda existem, ou se teriam a sorte da *Rosa de Malherbe*.

## IV

## JORNAES RELIGIOSOS

A verdadeira Religião tem tido tambem seus arautos na imprensa.

Em varios annos sahiram á luz estes jornaes religiosos na cidade de S. Luiz.

A *Fé*, de propriedade e inspiração do Rmo. Bispo D. Frei Luiz da Conceição Saraiva.

A *Nação*, redigida pelo Conego Raymundo dos Santos Lemos e Beneficiado Raymundo Alves da Fonseca.

O *Christianismo*, redigido pelo Conego Magistral, hoje Arcipreste da Cathedral, o Dr. Manoel Tavares da Silva.

O *Ecclesiastico*, que appareceu nos primeiros dias do mez de Outubro de 1852, com este frontespicio:

Anno	O ECCLESIASTICO	Nº
Periodico dedicado aos interesses da Religião sob os auspicios		
do		
Excellentissimo e Reverendissimo Senhor		
D. Manoel Joaquim da Silveira		
Bispo do Maranhão		

Dia da sahida

Religionis proprium est non cogere sed persuadere.

(S. ATHANAS. *Hist. Arian.*  
Art. 67).

O seu formato era de oito paginas, de duas columnas cada uma.

Foi sempre redigido pelo illustrado Conego Raymundo Alves dos Santos, de saudosa memoria, e desapareceu ha pouco tempo.

Reconhecendo o actual Sr. Bispo do Maranhão, que a imprensa catholica é uma das mais urgentes e indispensaveis necessidades actualmente, creou e tem sempre animado outro jornal, que appareceu em 1880 com este frontespicio:

### CIVILISAÇÃO

Oremus pro pontifice nostro Leone: dominus conservet eum et vivificet eum. Et beatum faciat eum in terra et non tratat eum in animam inimicorum ejus.

Cognoscetis veritatem et veritas liberabit vos. S. *João VIII*, 32. Cœlum et terram transibunt verba autem mea non prateribunt. *Mart XXIV*, 35. Verba vitæ æternæ habes. *Joan*, VI, 69.

#### DIA DA SAHIDA

#### PERIODICO HEBDOMADARIO, ORGÃO DOS INTERESSES CATHOLICOS

Anno	Maranhão. Dia de sahida	Numeração
ASSIGNATURAS		PUBLICAÇÕES
Por anno.....	12\$000	Publicam-se gratis os artigos de interesse publico. Os mais conforme o ajuste. A officina não trabalha nos dias santificados. A <i>Civilisação</i> publica-se aos sabbados.
Por semestre.....	6\$000	
Por trimestre.....	3\$000	
Por mez.....	1\$000	
Numero avulso.....	320	Redacção e typographia, Se nario de Santo Antonio.

E' redigido pelas mais habéis pennas do clero maranhense, e comquanto ás vezes, sem duvida, preste flanco á critica esclarecida, é de incontestavel merito, e tem prestado relevantes serviços á Igreja Catholica Apostolica Romana, em cujo seio tive a fortuna de nascer.

Ainda hoje, felizmente, brilha e com muito bons creditos, principalmente depois que deixou de sustentar lutas inglorias contra aggressões injustas, caprichosas e calculadas friamente.

Aqui finalisamos esta *Memoria*, que nos custou muitas investigações, trabalhos e fadigas.

Notar-se-ha nella falta de ligações, porque não me propuz historiar factos e concatenar acontecimentos, visto que iria muito longe e fóra do meu programma.

Garanto porém a veracidade do que escrevi, sustentando assim, mercê de Deus, o cunho que até hoje tenho imprimido em todos os meus escriptos.

Acceitarei a discussão honesta, e prompto estou a reformar meu juizo e com docilidade, porque sempre reputei summamente ridiculo o julgar-se alguem infallivel, e ainda mais o mostrar-se despeitado por criticas, censuras ou observações, feitas (note-se bem), com o cavalheirismo e delicadeza proprios de quem nasceu e sempre conviveu em bôa sociedade.

FIM



## O DR. FRANCISCO BONIFACIO DE ABREU

Trabalho lido na sessão do Instituto de 3 de Agosto de 1887 pelo  
Dr. A. V. A. Sacramento Blake.

---

### I

Parece-me, Srs., estar ainda ouvindo os canticos do levita do altar, encommendando um morto.

Parece-me que echoam em meus ouvidos os sons lugubres e compassados do campanario, pedindo aos fieis — como outr'ora era de uzo — uma prece pelo descanso eterno do finado....

O anjo da morte acaba de cortar o fio de uma existencia preciosissima !

O tumulto acaba de engulir uma das bellas glorias da primogenita de Cabral ; um dos brilhantes esmaltes da medicina brasileira e da Faculdade do Rio de Janeiro ; um dos mimosos cantores das gentis palmeiras, de que as campinas do Brazil se adornam ; um dos mais distinctos ornamentos do parlamento nacional ; um dos mais nobres caracteres do imperio do Cruzeiro.

O vulto notavel a que me refiro, Francisco Bonifacio de Abreu, desapareceu dentre os vivos desde o dia 30 de Julho passado. Desde o dia 30 de Julho passado a imprensa fluminense com phrases repassadas de verdadeiro sentimento pranteia tão infausto passamento e todos os órgãos d'essa imprensa são uniformes, pondo em relevo os altos meritos do finado, aos quaes só e sómente devera elle a culminação gloriosa, a que subira.

« O paiz, a sciencia, as lettras e o partido conservador — escreve um de seus admiradores — soffreram uma

grande perda com a morte do prestante cidadão, do medico illustre, do litterato e poeta de fino gosto, e do parlamentar e administrador que nunca recusou ao seu partido e á sua patria os serviços de sua alta e privilegiada intelligencia.»

« O nome do barão da Villa da Barra—escreve outro que mais razão tinha para admirar-o, porque foi-lhe sempre amigo desinteressado e leal—significa muito em a nossa vida publica : elle quer dizer a sciencia medica, comprovada na clinica e na cathedra magistral com o maior vigor e distincção ; tambem quer dizer litteratura amena, brilhante em muitas manifestações de poesias originaes e traduzidas ; tambem significa o patriotismo desinteressado e que tão grandes provas apresentou durante toda a campanha do Paraguay sem nunca esmorecer nem entibiar ; quer finalmente dizer a lealdade politica, que jámais transigio, que foi sempre fiel á sua bandeira, que em tempo algum recuou do posto, onde melhor podia combater por suas idéas.

O que porém não sabem muitos que conheciam o homem publico e não privavam com o individuo, é que o barão da Villa da Barra era igualmente um coração generoso, capaz de todos os sacrificios ; que elle fazia da amizade uma religião, e não sabia pôr limites á sua dedicação.»

## II

Não era socio do Instituto Historico ; mas que importa ? Será isso motivo sufficiente para que não rendamos o merecido tributo ao homem, cujo nome pertence á nossa historia ; cujo nome abrilhanta uma pagina de nossa historia ? Não.

O Instituto deve fazer sentir ao mundo civilizado, que o Brazil possui glorias iguaes a suas maiores glorias ; que no céu da intelligencia brasileira ha tambem estrellas que brilham tanto, como as suas que mais tem brillado. E entre nós mesmos, desde que seja bem conhecida a historia de homens taes, ella vai servir de

modêlo aos nossos concidadãos, e o que apresental-a, presta sem duvida alguma um serviço importante, não só as lettras, como á patria.

Quando somos feridos, diz Friedel, pelo desaparecimento de um homem, que por sua intelligencia, por seu character exercera acção poderosa e fecunda sobre seus contemporaneos e sobre a mocidade que com enthusiasmo o rodeava, é um dever e, ao mesmo tempo, doloroso privilegio daquelles, que o acompanharam ou que o apreciaram, fazer reviver sua imagem e renome.

Não pôde ser completa a tarefa que á mim tomei; porque ella foi tomada de momento.

Ella é penosa, pungente; mais parece que em seu desempenho minora-se a dôr que é motivada pela perda do amigo. Ella é um balsamo á saudade.

### III

Francisco Bonifacio de Abreu, barão da Villa da Barra, grande do Imperio, doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, professor jubilado da mesma Faculdade, do Conselho de S. M. o Imperador, medico da imperial camara, coronel cirurgião-mór honorario do exercito, deputado pelo 14º districto da provincia da Bahia, grande dignatario da imperial ordem da Rosa, commendador da ordem de Christo, condecorado com a medalha da campanha contra o governo do Paraguay, e membro de varias associações de lettras e sciencias, nacionaes e estrangeiras, teve o seu berço na villa, hoje cidade, cujo nome servio-lhe para seu titulo, nessa provincia, e na qual vio a primeira luz a 29 de Novembro de 1819.

Era filho legitimo de Francisco Bonifacio de Abreu e de D. Joanna Francisca da Motta; era filho de pais honrados e virtuosos que souberam desde sua mais tenra infancia incutir-lhe n'alma os sãos principios de moral severa de envolta com o espirito do catholicismo, que elle sempre acatou e de que deu bem salutar exemplo durante toda sua existencia.

Sua mãe foi de uma das famílias mais nobres de todo rio de São-Francisco, e parece (seja-o dito de passagem) que as mulheres d'essa família, pelos fructos que produziram, foram dotados de ventre privilegiado!

De tres d'ellas posso dar-vos noticia: de uma nasceram o conselheiro José Mariani, já fallecido e o conselheiro Francisco Mariani, dous bellos ornamentos da magistratura brasileira; de outra o actual presidente do conselho de ministros, barão de Cotegipe, nosso consocio, cujo elogio não é preciso que faça; da terceira o barão da Villa da Barra.

Desde os estudos da instrucção primaria Bonifacio de Abreu demonstrou a intelligencia rara de que era dotado. Seu mestre muitas vezes abraçou-o na aula, êbrio de enthusiasmo, e tinha verdadeiro orgulho, apresentando-o como seu discipulo.

Nos estudos de humanidades, nos estudos superiores do curso medico sua intelligencia ia progressivamente se ostentando brilhante, de modo que seus condiscipulos o reverenciavam ao compasso, que seus lentes, por sua vez, o respeitavam.

Nunca se lhe notou uma falha de racciocinio, nem durante sua vida escolastica, um acto menos digno. Excessivamente delicado com seus collegas, nunca teve entre elles um unico desafecto.

Sempre distinguido com as approvações de melhor nota, elle nunca soube o que eram empenhos; e os mesmos collegas frequentemente o procuravam por occasião de exames do fim do anno lectivo para explicador dos pontos designados pela sorte para taes exames.

Concluido seu quarto anno medico na faculdade da Bahia, quando tinha de cursar as aulas de medicina operatoria e anatomia topographica, reconhecendo que na do Rio de Janeiro aproveitaria mais por achar-se esta faculdade annexa a um hospital muito maior, e por tanto dispôr de um mais provido amphiteatro para seu estudo, veio para a côrte e aqui concluiu seu tirocinio medico em 1845.

Em sua these inaugural, afastando-se da norma em geral seguida pelos doutorandos, que então escreviam uma

dissertação sobre qualquer ponto de sua escolha, ou mesmo algumas proposições apenas, dissertou elle sobre quatro pontos diversos, qualquer delles de bastante interesse para a sciencia, a saber: I Os homens julgam acertadamente de seu semelhante? Si não, o porque? E como, si não acertar, se quer chegar da certeza de seu juizo? II A organização tem sido prejudicada com a reforma que o capricho dos homens entenderam devia dar ao seu funcionamento? III O numero e a virtude dos medicamentos tem procurado á sociedade os bens que se d'elles promettia? Qualquer será apto á administrá-los? Muitos, que o são, fazem-n'o com sisudez? A falta de seu effeito é motivo de dezar ao medico? IV Os bailes motivam alguma quebra na saude publica?

Não quiz limitar-se a copiar compendios e observações clinicas, que é o que succede ao neophito da sciencia, propondo-se a escrever sobre uma molestia, por exemplo; escolheu por isso assumptos, que, além de grande interesse scientifico, permittiam a imaginação expandir-se, adejar livre pelo espaço immenso do raciocinio.

#### IV

Filho extremoso, depois de receber o annel do doutorado, foi visitar sua familia, foi contemplar o torrão onde vira a primeira luz, e ali fez-se admirar pelos importantes casos de clinica, quer medica, quer cirurgica, de que encarregou-se.

De um d'esses casos, coroados de feliz resultado, deu elle conta no periodico *Athenô*, sob o titulo « Extirpação de uma lupia (lobinho) que pesou mais de uma arroba! » operação a que varios medicos se haviam recusado, porque o tumor, assentado no flanco direito na parte anterior do tronco conchegando-se ás raías do umbigo, e na parte posterior do mesmo tronco approximando-se á columna vertebral, era tão volumoso, que se debruçava, partindo d'esses pontos de inserção sobre a raiz da côxa direita.

E a operação foi feita sem um ajudante habilitado, e a doente era uma misera escrava.



De volta á capital apresentou-se ao concurso para preenchimento da cadeira de lente de geographia e historia no lyceu, sendo o primeiro classificado entre varios candidatos, todos com merecimento, e foi nomeado lente d'essa cadeira. Foi isso em 1850.

Por essa occasião escreveu Bonifacio de Abreu sua these sobre geographia e historia ; antes d'isto havia dado a lume, tambem em sua provincia natal, dous mimosos romances em verso : *Tercina*, romance brasileiro e *Palmira* ou a ceguinha brasileira — o primeiro em 1848, o segundo em 1849.

Ha na *Palmira* um lindo episodio do assassinato de uma delicada donzella, Julia Fetal, covardemente ferida na Bahia em 1845 por um homem, que, traçando unil-a a si por laços matrimoniaes, foi por ella sempre repellido. E' magestoso, é verdadeiramente poetico o quadro da desventurosa moça, chegando ao céu, perante o throno da soberania eterna e, pallida e turbada da fadigosa jornada, ajoelhando-se a seus pés.

Eis como Bonifacio de Abreu pinta este quadro :

Trajada de neve pura,  
Belleza, lyrio em candura,  
Calou o Olimpo em procura  
De fallar co'a Divindade.  
Anjos—Archanjos topou ;  
Anjos—Archanjos saudou ;  
E tudo em stasi deixou  
Pasmado da novidade.

Chegou á um throno que a terra  
Do melhor dá-lhe que encerra,  
Mas, quando discreve-o, erra,  
Dizendo-o de ouro e brilhante ;  
Que ouro e brilhante são nada,  
Não dão idéa ajustada  
Da materia sublimada  
Do alcaçar radiante.

Chegou emfim á esse throno,  
Donde um sempiterno dono  
Com nobre e singelo entono  
Dava leis aos reis do mundo.  
Cahida zumbaia fez,  
Ajoelhou-se a seus pés,  
Beijou-os a prima vez—  
Tudo em silencio profundo.

Envolto o eburneo seio  
N'um véo co'uma rosa ao meio,  
Vermelha como o receio,  
O pudor de uma donzella,  
Pallido o rosto, affrontada,  
Da fadigosa jornada,  
Meio confuza, turbada,  
Seduzia, era tão bella...

Que si o Todo Poderoso  
Fosse um joven fabuloso,  
Pintado libidinoso  
Pelo grão cantor do Gama,  
Elle, que a sós lá se achara,  
Os rudimentos lançára  
De novo amor que apagára  
Do velho a cançada chamma...

E como este, tanto na *Palmira*, como na *Tercina*, ha quadros que arrebatam pela sublimidade da inspiração, pelo movimento, pela originalidade, pela graça da poesia.

Já vantajosamente conhecido em sua provincia natal, rodeiado de sympathias, Bonifacio de Abreu poderia ahi mesmo elevar-se muito; mas suas aspirações eram largas, e para realizal-as era muito limitado o horizonte, que se desdobrava a seus olhos.

## V

Annunciava-se o concurso para um logar de substituto da secção cirurgica da faculdade de medicina da

côrte; elle o soube, embarcou logo para o Rio de Janeiro; inscreveu-se a 5 de Agosto de 1851 e n'esse certamen—em que teve por competidor Francisco Ferreira de Abreu, depois Barão de Theresopolis, talento robusto, muito conhecido do toda congregação—porque n'essa faculdade tinha feito o curso completo, confirmou Bonifacio de Abreu os creditos, de que já gozava.

Para esse concurso escreveu elle sua « Dissertação, na qual se justifica o abôrto provocado e depois se demonstra: 1º, que o abôrto provocado por ligítima indicação é menos arriscado e funesto, que o parto instrumental correspondente; 2º, que o abôrto espontaneo é menos perigoso do que o parto natural respectivo; 3º, que o abôrto complicado, mas ainda espontaneo, é menos perigoso, do que o parto complicado, mas ainda effectuado sómente pelas forças da natureza ».

As duas ultimas proposições são corollarios da primeira, e esse trabalho é um verdadeiro trabalho de mestre da sciencia.

Não obteve a palma da victoria, porque não foi o escolhido pelo governo; mas tambem não foi vencido, porque os combatentes dispunham de armas iguaes, de igual valor. Nem desanimou.

Dando-se outra vaga na mesma secção, quatro mezes depois, contados dia a dia, inscreveu-se ao novo concurso. Seu novo competidor, o Dr. Francisco Praxedes de Andrade Pertence, achava-se nas mesmas circumstancias do outro; já era, além d'isso, conhecido como anatomista distincto e ainda mais distincto operador, e entretanto foi Bonifacio de Abreu apresentado em primeiro logar e nomeado para o logar em concurso por decreto de 15 de Março de 1852.

O Dr. Pertence gozava tambem dos creditos de grande latinista e dera d'isso prova, escrevendo em latim sua these inaugural « De gästro-hysterotomia dissertatio ». Bonifacio de Abreu, que entretanto nunca cultivara a lingua latina desde que deixou os bancos da respectiva aula, quiz demonstrar, que até n'esse ponto podia fazer frente a seu illustrado competidor, e nos poucos dias que a lei concede ao candidato para exhibição de uma these,

escreveu e apresentou impressa sua these com o titulo « De chirurgo et de oculorum effusione, theses, quæ apud fluminensem medicinæ facultatem doctori Francisco Bonifacio Abreu, candidato ad unam cathedram sectionis chirurgiæ professore vicario carentem tuendæ sunt ».

Pôde-se dizer, que esse concurso não limitou-se ás salas e amphitheatros da faculdade de medicina; o biographo da *Gazeta de Noticias* de 1 de Agosto acaba de affirmar-o, quando diz: « Tambem na prova de clinica cirurgica Bonifacio de Abreu discordou de seu illustre antagonista. Era um caso de cirurgia difficil; Pertence teve uma opinião e Bonifacio de Abreu sustentou outra. Diversos medicos illustres acceitaram o diagnostico do Dr. Pertence; mas pela imprensa, posteriormente, declarou o Dr. Bonifacio de Abreu, que a autopsia confirmara seu diagnostico ».

Quando em 1854 fez-se a reforma das faculdades medicas do Imperio foi elle nomeado professor da cadeira creada de clinica organica. Achava-se na Europa em consequencia de soffrimentos physicos, que o obrigavam a procurar alivio em clima do velho mundo, quando deu-se a nomeação, e, tomando posse do logar por procuração, seu primeiro empenho foi preparar-se convenientemente n'essa materia, com autorização do governo.

Procurou o mais celebre chimico do seculo actual, Carlos Adolpho Wurtz, esse vulto gigante que foi o orgulho da sciencia chimica franceza—Wurtz, cuja morte, occorrida a 12 de Maio de 1884, cubrio de luto seus numerosos discipulos, não só os da França, como tambem os do estrangeiro, que de todos os paizes do mundo o procuravam attrahidos pela fama de seu saber, e deixou n'essa sciencia um vacuo que ainda não foi preenchido, nem sel-o-ha tão cedo.

Um amigo e compatriota seu apresentou-o ao sabio, mas sem dizer-lhe que o medico brasileiro, nomeado para leccionar chimica organica nunca havia cursado essa materia, nem que tal materia só d'essa em diante fazia parte do ensino medico nas faculdades do imperio.

Bonifacio de Abreu porém, que nada occultava, apresentou-se como um discipulo que queria aprender—o que

fez o grande mestre, em um encontro com o amigo que lh'o apresentara, estranhasse que no Brazil se nomeassem para lentes pessoas não habilitadas para isso, e só então viesse a saber do que occorrêra.

Poucos mezes entretanto se haviam passados e Wurtz dizia ao conterraneo de Bonifacio de Abreu : «Seu patricio é um talento maravilhoso; está habilitado para ensinar chimica organica em qualquer faculdade».

E effectivamente elle podia hobrear com essa immensa pleiade de estudiosos, que, deixando patria e familia para seguirem as sabias lições de Wurtz, com ellas tornaram-se notabilidades na sciencia, como por exemplo Ramon de Luna, F. Beilstein, A. A. Lieben, A. Boutlerow, A. Rauer. E. Lippemann, N. Franchimont, A. Perrot, H. Schiff, B. Tollens, W. Louquinine, Alexeyeff, H. Norton e outros muitos, cuja designação me levaria longe.

E foi assim, que Bonifacio de Abreu tornou-se um abalisado mestre de materia que nunca havia estudado, e honrou a cadeira que lhe foi confiada, sem pedil-a, pelo governo imperial.

Jubilou-se n'essa cadeira por decreto de 20 de Agosto de 1873 com 21 annos 4 mezes e 17 dias de magisterio, escrevendo no exercicio d'ella alguns trabalhos, como a «Memoria historica da faculdade de medicina do Rio de Janeiro no anno de 1863».

## VI

Sua Magestade o Imperador, que soube sempre distinguir e galardoar o verdadeiro merito onde quer que elle esteja, deu á Bonifacio de Abreu a maior prova de apreço, que, como soberano, poderia dar-lhe : nomeou-o em 1859 medico de sua imperial camara.

N'este mesmo anno, apenas entrou no gozo de tão distincto cargo, coube-lhe a honra de ser o medico designado para acompanhar o mesmo soberano e a Sua Magestade a Imperatriz nas viagens ao norte do Imperio. Por taes serviços elle, que já era cavalleiro da ordem de Christo, foi agraciado com o officialato da ordem da Roza.

Em uma de suas excursões, na visita á cachoeira de



Paulo Affonso, o Augusto viajante, sentado em um rochedo com o espirito estasiado, contemplava mudo, silencioso, o assombroso espectaculo, que á seus seus olhos se apresentava. Havia alguma cousa de solemne na contemplação silenciosa do Imperador— como observou o autor das *Memorias* d'essa viagem ; a fadiga da viagem desapparecia de sua physionomia arriada pela luz da alegria intima da alma feliz diante do poema homerico que a mão inspirada da natureza escreveu na fronte de pedra do gigante condemnado á aquella eterna solidão !

De igual extasi achavam-se possuidos todos os da comitiva ; e então um d'elles, o Dr. P. E. da Silva Deiró, dirige á Bonifacio de Abreu um desafio nos seguintes, inspirados versos :

Poeta, ergue essa fronte  
Ao sôpro da inspiração ;  
Escuta n'essa harmonia  
Um hymno da criação !

Vê como aqui inspirada  
A natureza é sublime !  
No rugido d'essas aguas  
De Deus o poder exprime !

Das eras que já não são  
Vem decifrar os segredos  
De tantas raças extinctas,  
Escriptos n'esses rochedos.

Na harmonia selvagem d'esses hymnos  
Oh ! vem de novo embevecer tua alma...  
Vem ao menos dizer aos nossos évos  
Que as margens jubilozas d'este rio  
A fronte contemplaram soberana,  
Cingindo a dupla c'roa gloriosa  
Do genio e magestade...

E Bonifacio de Abreu, duplamente tocado de enthusiasmo pela maravilha que tinha ante si e pelo desafio,

provando que não era incompativel a grata convivencia das musas com as investigações, ás vezes enfadonhas, das sciencias chimicas, e com o manejo do forceps, respondeu-lhe em continente :

Ceus—que immensa maravilha !  
Tanta grandeza me esmaga...  
Todo o meu preito não paga  
A commoção que me abala !  
Nem sequer é o reino organico  
Que me arrouba a phantasia.  
Pedras... aguas... quem diria ?  
Pedras... aguas... não importa,  
Si a mão de Deus abre a porta  
A's scenas da natureza.

Cataracta de Niagára,  
Rainha lá de outra America,  
Si eu tivesse lyra homérica,  
Era tua fama nublada.  
Olha : aquelle é Paulo Affonso...  
O gigante lá desperta...  
Do monarcha a mão aperta  
Com seus ares de enfiado...  
Disculpa ; está deslumbrado  
Co'a vista do soberano.

Tem por halito do peito  
Essa nuvem vaporosa  
Que ora breve, ora espaçosa  
Lhe traduz a expiração ;  
De chefe traz por insignia  
O iris que ás vezes cinge ; (1)  
E faz-lhe officio de esphinge  
D'esta Thebaida ou Palmira  
Cada penha que se mira  
Nas aguas do San-Francisco.

---

(1) O vapor d'agua, cortado pelo raio do sol, converte-se em uma facha luminosa da côr variegada do arco-iris.

O manto aquoso de perola,  
Que desbanca a do Oriente,  
Lhe ondeia como serpente  
Sobre as espadas robustas ;  
Em borbotões que trovejam  
*Vão d'agua monstros caixões*  
*Entre negros paredões*  
*A todo brida voando ! (1)*  
E' o gigante chamando  
A naiade de seus amores.

Para mais nos confundir  
Qual vivente, que, ora langue,  
Ora turgido de sangue,  
Fórma relevos diversos,  
Assim do gigante a ossada  
Um tempo as aguas encobrem,  
E outro em parte a descobrem,  
Imitando as duas phases  
De que julgavam capazes  
Sómente o reino animado.

Gigante d'estas devêsas,  
Por mais que busques modesto  
Occultar do mundo ao resto  
Da tua grandeza o solio,  
E's violeta, cujo aroma  
Argúe a escura morada ;  
E's palmeira debruçada  
No areal do deserto ;  
E's alma que vê de perto  
A que se adora na ausencia.

E' tal de teu nome a fama,  
Que das plagas do Janeiro  
O monarcha brasileiro  
Quiz . . . bastou — Veio saudar-te.  
Entretanto só Deus sabe  
Quanto custou-lhe a partida.

---

(1) Estes tres versos são do romance Palmira, já citado.

Lá stam vida de sua vida  
Dous lindos astros do sul,  
Seja o céo negro ou azul,  
A pedir que volte, volte.

Eu mesmo que não avulto  
Das creaturas na escalla,  
Sinto que dentro me falla  
Queixosa voz da saudade,  
Sim — que estas aguas banharam  
O torrão que deu-me o ser,  
Mas não me podem dizer  
Si de meu nome a lembrança  
E' uma louca esperança  
Que só vegeta em meu peito.

Entretanto acceita o preito  
Que humilde a teus pés deponho.  
Deixaste de ser um sonho  
Na harpa do trovador.  
Si as naiades do San-Francisco  
Pedirem-te um dia a historia,  
Do teu passado de gloria,  
Narra este facto—só este :  
Que em teus paços recebeste  
O Imperador do Brazil.

E effectivamente Bonifacio de Abreu cultivou a poesia sempre. Varias de suas composições fôram postas em musica, como essa que tem por titulo *Lembranças do nosso amor*; publicou algumas já nos ultimos annos de sua vida, como por exemplo, um soneto ao tricentenario de Camões e outro por occasião da morte do Duque de Caxias. Ambos estão publicados no *Jornal do Commercio* da côrte, e sabe-se, que deixou inedita uma grande cópia de poesias, assim como uma traducção de Dante (1).

---

(1) Acaba de sahir á luz no Rio de Janeiro esta obra, isto é : « *A divina comedia*, de Dante Alighieri, fielmente vertida do texto. » Contém o livro 505 paginas in-8° e mais 31 do prefacio do editor e da introdução, feita pelo Dr. Araripe Junior. E' o primeiro dos escriptos ineditos do Barão de Villa da Barra, os quaes, segundo consta, vão ser publicados por seu sobrinho, o Dr. J. C. Mariani

Um de seus bellos trabalhos poeticos é a opera lyrica em tres actos *Moemia eParaguassú*, episodio da descoberta do Brazil, a qual foi traduzida em italiano pelo Dr. Ernesto Ferreira França, hoje professor jubilado da faculdade de direito de S. Paulo, com as honras de desembargador, e impressa no Rio de Janeiro em 1860.

## VII

Gozando da estima e consideração de seus collegas da congregação da faculdade de que era lente, assim como do respeito e sympathia de seus discipulos; considerado como um dos primeiros clinicos do Rio de Janeiro; cercado de distincções; em uma posição emfim lisongeira, por occasião da guerra contra o governo do Paraguay, Bonifacio de Abreu, que soffocava os impulsos de seu coração, desde que vio sua patria ultrajada pelo despota mais abominoso e nefando das gerações modernas, seguiu tambem para o Rio da Prata a fazer parte do exercito em operações e foi quem ali substituiu o nunca assás chorado conselheiro Manoel Feliciano Pereira de Carvalho, o Dupuytren brasileiro, na direcção do corpo de saude.

Quando parecia, que os briosos officiaes d'este corpo se chocassem por vir commandal-os um medico *paizano*, o contrario d'isso succedeu, porque o novo chefe não só sabia fazer justiça, mas tambem, com o trato ameno e delicado que lhe era natural, sabia fazer-se amar de todos.

São notorios os serviços por elle prestados n'essa memoravel campanha. O governo imperial e Sua Magestade o Imperador os reconheceram devidamente, elevando-o a commendador da ordem de Christo, dignatario da ordem da Rosa, coronel cirurgião-mór honorario do corpo de saude do exercito e titular com grandeza.

A heroica provincia da Bahia, a seu turno, rendeu-lhe um tributo de gratidão, elegendo-o deputado á 14.<sup>a</sup> legislatura geral, quando elle achava-se ainda no Paraguay.

Foi n'essa legislatura que se votou a primeira lei da abolição da escravidão, a lei da liberdade do ventre, a



única consentanea com os intresses individuaes e que já-mais poderia ferir a propriedade legalmente adquirida, e comquanto elle não votasse pelo projecto do governo; o que foi adoptado pela maioria do parlamento, nem por isso se opunha á grandiosa idéa da emancipação do escravo, porque apresentou á camara um projecto seu.

Duas vezes subio á tribuna, tratando d'esse assumpto: na sessão de 11 de Julho e na de 18 de Agosto de 1871.

Depois continuou a representar sua provincia natal na camara temporaria. Só não representou-a na legislatura que seguiu-se á assenção da politica, que lhe era adversa, com o gabinete de 7 de Janeiro de 1878. Na immediata, a primeira feita pela eleição directa, vimol-o apezar da opposição mais calculada, occupando uma cadeira no parlamento e agora seria, sem duvida, o mais votado para o preenchimento da vaga aberta no senado com o fallecimento do conselheiro J. J. de Oliveira Junqueira, si a morte não cortasse o fio de sua tão preciosa existencia.

Sem duvida, digo, porque Bonifacio de Abreu era influencia legitima em sua provincia, principalmente no centro. Era tão legitima, que, competindo com outras influencias locaes, residentes no termo, presentes ao pleito, elle — sem arredar-se da côrte, sem grande esforço, e durante o dominio de adversarios rancorosos pôde sempre vencer.

Bem que dotado de todos os dotes oratorios, muito poucas vezes orava. Sua palavra era sempre facil, fluente e elegante.

## VIII

Nunca recusou ao partido, sob cuja bandeira se alistára, os serviços que o partido d'elle exigisse. Foi assim que acceitou a espinhosa nomeação de presidir duas provincias do Imperio, a do Pará e a de Minas Geraes. Presidio-as revelando verdadeiro tino administrativo, sem praticar jámais um acto contrario a sua consciencia, e que não fôsse muito premeditado, de accôrdo com as leis da honra e da justiça.

Occupando, como delegado do governo imperial, a mais elevada posição na provincia a elle confiada, muitas vezes deixou a cadeira da administração para acudir ao gemido da dôr, á semilhança do exímio e conspícuo clinico fluminense Dr. Joaquim Marcos de Almeida Rego, também arrebatado dentre os vivos com geral consternação a 24 de Julho de 1880, o qual, presidindo uma provincia por ocasião da epidemia do colera-morbus, reservava uma oportunidade para ir aos hospitaes levar, elle proprio, o remedio aos que cahiam prostrados pela cruel enfermidade.

E' sabido o cavalheiroso e nobre procedimento de Bonifacio de Abreu em relação á veneranda matrona, mãe de um adversario politico que não despresava meios de agredil-o, e que se achava gravemente enferma e desenganada pela sciencia, á qual elle foi livre e espontaneamente offerecer seus serviços profissionaes, procurou ministrar o balsamo da vida... procurou enfim restituir a nobre senhora á familia, que a estremecia.

Eis, senhores, o vulto sympathico e venerando que acaba de desaparecer dentre nós ; tracei d'elle um ligeiro esboço, á morte-côr — apenas.

Não lhe perturbemos o somno.

Rio de Janeiro, 3 de Agosto de 1887.

---



# CARTAS

SOBRE A

# REVOLUÇÃO DO BRAZIL\*

PELO

Conselheiro Silvestre Pinheiro Ferreira

---

## CARTA 1<sup>a</sup>.

Meu amigo e senhor.

Tem V. S. razão ; nem eu me felicitára pela minha nomeação para os Estados-Unidos, porque desconhecesse a difficuldade de uma tal missão no momento em que acaba de rebentar entre nós uma revolução. Si escrevi a V. S., que este despacho me era particularmente agradavel nas actuaes circumstancias, é porque elle me proporciona os meios de sahir decorosamente d'este paiz e d'esta côrte antes daqui se verificar a explosão que ha muito se receia, e que agora, depois de feita a revolução em Portugal, é impossivel se não realise dentro em muito pouco tempo. E é tanto maior este receio, quanto são desvairados e até diametralmente oppostos os muitos pareceres, que depois das noticias chegadas da Europa têm feito subir á presença de Sua Magestade pessoas de todas as classes e todas as gradações, que o mesmo Senhor se tem servido de querer ouvir sobre este tão importante assumpto.

---

\*Estas memorias comprehendem tres cadernos de cartas autographas de Silvestre Pinheiro Ferreira a um seu amigo. Dois cadernos com cópias conferidas e numeradas, e os pareceres autographos dos ministros Conde de Palmela, Ignacio da Costa Quintela e conselheiro Thomaz Antonio de Villanova Portugal, e outros documentos muito importantes.

Uns figuram a revolução acontecida em Portugal como um acto de tão tresloucada temeridade, que não hesitam afiançar a el-rei, que antes de poucos mezes, e por ventura em poucos dias, o povo acordando do assombro, em que naturalmente ficou no primeiro repente de uma tão inesperada commoção, obrigará os autores d'ella a virem implorar perdão e misericórdia aos pés do throno; mas pouco certos d'esta sua asseveração accrescentam, que em todo o caso se deve invocar a cooperação das demais potencias para suffocarem o incendio, que não só tem já lavrado por toda a península da Espanha, mas que quasi ao mesmo tempo vai levantando labaredas na da Italia e no Archipelago, ameaçando devorar toda a Europa.

N'esta conformidade se tem com effeito expedido ordens e instrucções aos nossos ministros junto ás diferentes côrtes; e parece se preparam, quanto o apuro dos recursos d'este estado o permite, a empregar todos os meios da força para destruir em sua origem o que o ministerio antolha como empreza de uma mera facção atrevida, mas pouco numerosa.

Outros pelo contrario, dando inteiramente por perdida a causa da monarchia em Portugal, aconselham a Sua Magestade como desd'annos a esta parte não cessam de intimar, que, abandonando aquelle tão desgraçado, segundo elles se exprimem, como insignificante pedaço de terra, applique todos os seus reaes cuidados a organizar n'este vastissimo continente um imperio, que pela sua extensão, pela variedade de seus climas e pela incommensuravel riqueza das suas producções não póde deixar de vir a ser dentro em poucos annos o mais florente de quantos se conhecem na historia.

Um pequeno numero de homens, em cuja opinião os successos da revolução franceza offerecem o mais adequado prototypo de quantas depois d'ella tem rebentado nos differentes estados da Europa, ouvia com tanta admiração o menospreso com que uma parte do ministerio encara a revolução de Portugal, quanto foi o horror, que lhes causou vêr que em peitos portuguezes possa caber a revoltante idéa de despedaçarem com o ferro estrangeiro o seio d'aquella mesma patria, que lhes deu o ser.



Mas mesmo entre estes mesmos homens moderados é grande a discrepancia dos votos, porque uns aconselham Sua Magestade, que, deixando o Brazil confiado a uma regencia, como a que em 1807 ficou encarregada do governo de Portugal, regresse quanto antes a aquelle reino, afim de ali dirigir os progressivos successos da revolução e manter os direitos da sua real corôa : outros são de parecer, que, commettendo este cuidado a Sua Alteza Real o principe herdeiro, Sua Magestade (dizem uns) se applique a impedir, que no Brazil se não faça innovação, emquanto nas côrtes de Portugal se não ultima o edificio da nossa constituição de toda a monarchia. Entretanto que outros concordando em que Sua Alteza Real é, que deve ir presidir aos trabalhos do *Congresso Nacional*, são de parecer, que pela sua parte um congresso particular do Brazil, debaixo da immediata direcção de Sua Magestade, formalise uma constituição, que lhe seja appropriada, bem que conforme aos principios que servirem de base ás instrucções que Sua Alteza Real houver de levar para de accordo dirigir os trabalhos das côrtes geraes da monarchia em Lisboa.

Porém o maior numero dos que, nutrindo sentimentos de patriotismo para com Portugal, se horrorizam da idéa de chamarem sobre elle o ferro e fogo dos huzares e Cosacos ; os mesmos, que se indignam de ouvir aconselhar ao soberano, que abandone a sua propria patria aos horrores de uma revolução toda democratica, ou o que vale o mesmo toda anarchica e desoladora, são de voto, que Sua Magestade, confiando ao principe real a regencia do Brazil com o principal encargo de obstar a que n'elle rebentem os germens da revolução, que é impossível dissimular, que n'elle existem e fermentam em mais de um sentido, se transporte com toda a sua côrte a antiga séde da monarchia, na certeza de que á sua chegada ou se achará já consummada a obra da reformação politica do estado, ou sem consideravel demora se ultimarâ, conforme aos direitos da sua real corôa, como inseparaveis que são dos verdadeiros interesses da nação.

Parece-me ouvir-lhe perguntar — E qual foi n'essa diversidade de pareceres a sua opinião ?

Até agora (não obstante ter tido quasi todos os dias a honra de beijar a mão de Sua Magestade) ainda me não deu signal de querer saber o que eu penso sobre taes assumptos. Massi me é licito conjecturar o motivo d'este seu silencio, persuado-me, que provém de Sua Magestade saber, vai já em seis annos, tudo quanto hoje (porque se acham realisados os acontecimentos, que então lhe predisse) eu poderia dizer sobre a materia.

Então julgou Sua Magestade ou que taes predicções se não viriam a cumprir, ou que os meios por mim apontados para se prevenirem os males, que eu receava, eram insufficientes ou impraticaveis. Qualquer que tenha sido d'estes differentes conceitos o que Sua Magestade formou do trabalho, que de sua ordem então apprehendi, e tive a honra de levar ao seu real conhecimento, o que se pôde concluir é elle lhe parecer inadoptavel, provavelmente ainda hoje o capitula da mesma fôrma e por tanto reputa inutil o interrogar-me novamente sobre o mesmo assumpto.

Eu espero por todo o mez do proximo Fevereiro uma fragata americana, que do Pacifico deve por aqui passar para os Estados-Unidos, e segundo o que com Mr. Appleton tenho conversado, n'ella me proponho fazer viagem para o meu destino. Entretanto não deixarei de participar a V. S. o que fôr descortinando por este horizonte politico. Mas por todo elle vejo engrossarem-se os ares; e muito receio, que a cerração venha a ser geral.

Tenho a honra de ser etc.

Rio de Janeiro.

## CARTA 2.<sup>a</sup>

Meu amigo e senhor.

Enganei-me. Sua Magestade, quando hontem a noite tive a honra de lhe beijar a mão, dignou-se de ordenar-me, que esperasse para lhe falar, acabada a audiência; mas como finda ella entrassem os ministros

para o despacho, mandou-me, que voltasse esta manhã pelas dez horas.

Não sei exprimir a magoa, que experimentei, quando lhe ouvi expor o estado em que pelas ultimas noticias se lhe figuraram os publicos negocios, que Sua Magestade, pela sua natural perspicacia, e pelo grande tacto adquirido no manejo do governo, considera como perdidos sem remedio.

Era do meu dever o não fortificar esta melancolica prespectiva, mas não o era menos o não a impugnar. E por tanto limitei-me a dizer, que a Sua Magestade devia ser ainda presente o parecer, que de sua ordem eu puz em sua real presença em Abril de 1814 tendente a evitar este fatal desfecho, que eu ali predicara ajuntando os meios de o prevenir. Mas que, tendo-se elle enfim realisado, não se tratava já de perder tempo nem em discutir quaes tenham sido as causas que a elle conduziram, nem tão pouco em discussões juridicas sobre o gráo de criminalidade, que o facto da revolução em si mesmo envolvia.

Dignou-se Sua Magestade de accrescentar a esta minha observação, que isso era uma verdade; mas que quantos pareceres até então tinha recebido das pessoas, que houvera por bem ouvir n'esta occasião, peccavam por um ou por outro d'estes dous defeitos; e que, si algum havia que se chegasse ao verdadeiro ponto da questão, isto é, a expor succintamente as providencias praticas, que n'estas circumstancias cumpria darem-se, o fazia em termos tão geraes e em maneira tão desligada e imperfeita, que pouco ou nada se podia esperar da sua adopção. O que me advertio para que, no que eu tivesse a dizer, procurasse combinar em tal systema e arranjo as providencias, que mais apropriadas ás actuaes circumstancias me parecessem, que, satisfazendo a todas as partes d'este complicadissimo problema, se não attendesse menos aos interesses do Brazil que aos de Portugal, onde parece, que todos tem fixado exclusivamente a sua attenção; entretanto que a Sua Magestade parecia evidente não se poder abstrahir de nenhum dos dous paizes, sempre que se tratasse de regular negocios em

que se acham cumulativamente compromettidos os interesses de toda a monarchia.

Cito a V. S. estas observações de Sua Magestade, para que por ellas V. S. possa avaliar a verdade do que por vezes lhe tenho escripto sobre a fineza de tacto, que o mesmo Senhor possui na justa determinação do ponto cardeal sobre que versa qualquer questão.

Depois de certificar á Sua Magestade, que tal era precisamente o meu modo de encarar a honrosa commissão, de que me achava encarregado, voltei á cidade, e tirando uma nova cópia do parecer acima mencionado que em Abril de 1814 tive a honra de apresentar a Sua Magestade, o appensei a uma breve memoria, na qual dizia, que, não tendo a propôr actualmente providencias diversas d'aquellas que na referida época expendi no meu dito parecer, só tinha a accrescentar algumas reflexões quanto ao modo de agora se proceder á execução das medidas ali expostas, visto que differentemente se devia conduzir a esse effeito o governo de Sua Magestade, depois que os povos se achavam em commoção no reino de Portugal, do que na época em que eu as propuzera, quando tudo se achava em perfeito socego e a Sua Magestade era livre adoptar o plano de execução, que menos abalo fizesse no andamento ordinario dos negocios, afim de que a passagem da antiga para a nova fôrma de governo, sendo por uma parte rapida e continua, não excitasse as convulsões, que caracterisam as reformas populares e por isso trazem consigo mesmas os germens da sua propria destruição.

Remetto sómente á memoria, porque o parecer dado em Abril de 1814 já eu communiquei a V. S. em outra occasião.\* N'esta repito o mesmo, que então lhe observei. Eu ao dar este meu voto a Sua Magestade sei, que elle nem hade nem pôde ser pelo mesmo Senhor adoptado ; e por isso ao entregar-lhe tornei a repetir-lhe o mesmo que lhe disse em 1814:—Obedecendo ás ordens de Vossa Magestade, exponho n'esse papel o systema de providencias, cujo complexo me parece satisfazer aos differentes pontos do

---

\* Vide Revista Trimensal de 1884, tom. 47, part. 1ª, pag. 1.

problema politico, que se trata de resolver. Mas como ignoro, si elle merecerá a sua real approvação, absteve-me de fatigar a benigna attenção de Vossa Magestade com a exposição dos detalhes, que exigiria a sua execução.

Sim, meu amigo, eu estou certo, que o desenvolvimento dos artigos d'esse meu plano seria hoje ainda mais inutil, si é possível, do que em 1814. Então não seriam lidos: hoje até seriam calumniados. Para d'isto se convencer basta, que lhe diga, que n'este momento exulta certo partido (por ventura o mais forte no ministerio) com a barbara esperança de que o marechal Beresford, approximando-se á costa de Portugal, e sabendo da revolta que acabava de succeder, se terá posto á testa da tropa, que, em parte ao menos, dizem estes amantes da sua patria, não pôde deixar de o reconhecer ainda por seu chefe, e a fogo e sangue restabelecerá n'aquelle reino as autoridades, que a revolução tenha expulsado de seus portos.

Com taes esperanças e com as que fundam no concurso das potencias unidas pelos vinculos da Santa Alliança, já V. S. pôde conjecturar o caso, que faziam d'esse meu voto. Mas já disse, que o não dei por esperar, que fosse adoptado; porém sim e tam-sómente porque era meu dever o dal-o em cumprimento ás ordens de Sua Magestade.

Adeus, meu bom amigo etc.

### CARTA 3.<sup>a</sup>

Meu amigo e senhor.

A chegada do conde de Palmella a esta côrte produziu com effeito o choque electrico, que todos esperavamos. Não que pessoa alguma, do meu conhecimento ao menos, previsse, nem ainda hoje tenha assignado a direcção, que este ministro vai dar aos negocios publicos da nossa monarchia. O que eu por ora posso entrever é, que o partido brasileiro cobrou com a sua presença e com a revelação dos seus projectos ao conselho de Sua Magestade uma



energia, que até agora se não tinha observado, nem mesmo presumido que elle fôsse capaz de desenvolver.

Quanto o novo ministro se empenha em que Sua Alteza Real parta sem demora para Portugal, tanto aquelle partido se esforça em retel-o no Brazil: e já se não trata de nada menos que de obrigar a todo o custo Sua Magestade a largar esse paiz, ou ceder o throno a seu filho.

Está decidido por el-rei, e é notorio de um modo official, que Sua Alteza Real partirá em breve prazo para Portugal; devendo aqui deixar a princeza sua esposa, que se achava muito proxima ao seu bom successo. E mesmo se accelera a sua partida para que esta circumstancia sirva de obstaculo a ella o acompanhar.

Mas si me é licito adiantar a minha particular conjectura, Sua Alteza Real não parte. Elle não o quer. O partido brasileiro, que tem muito forte apoio no ministerio está disposto a fazer os ultimos esforços para que tal partida se não realize; e (seja-me licito mais esta conjectura) o mesmo conde de Palmella se verá em grande embaraco, quando Sua Alteza Real exigir de seu Augusto Pai, que se lhe dê instrucções bastantes, claras e explicitas, que lhe hajam de servir de governo no objecto para para que Sua Magestade o manda a Portugal.

E' verdade, que pessoas de particular confidencia do conde me affirmam ter elle apresentado dois projectos de constituição, um para se pôr em pratica n'este reino do Brazil, e outro que Sua Alteza Real deve ir encarregado de fazer adoptar pelas côrtes de Portugal. E' verdade, que as mesmas pessoas me affirmam serem estes dois projectos de uma tão perfeita e bem acabada harmonia entre si, que longe de se chocarem, por seu meio se vai a estabelecer mais solido e estreito nexo entre estas duas importantes partes da monarchia.

Eu estou mui longe de querer contestar nenhuma d'estas asserções. Mas independentemente da sua exactidão, ou antes dando por certo que ellas sejam da mais exacta verdade, ainda me falta saber: si Sua Alteza Real vai, ou para melhor dizer, si póde ir munido de instrucções

bastantes e de sufficientes meios para fazer adoptar pelas côrtes de Lisbôa o projecto do conde de Palmella.

Que lhe parece a V. S. ?

Adeus, meu respeitavel amigo, etc.

#### CARTA 4.<sup>a</sup>

Mêu amigo e senhor.

Decidio-se emfim a sorte do Brazil: quebrou-se o nexo, que unia suas provincias a um centro commum: e com a dissolução do Brazil se consuma a dissolução da monarchia, que no preambulo do meu parecer de Abril de 1814 vaticinei a Sua Magestade achar-se imminente.

A Bahia acaba de desligar-se da obediencia de Sua Magestade com o pretexto de adherir ao systema das côrtes de Lisbôa. Provavelmente a estas horas tem feito outro tanto Pará, Maranhão e Pernambuco: as demais provincias seguil-as-ão de perto. Mas o facto é, que, desligadas d'este centro, e de um systema existente para se ligar a uma autoridade, e governar-se por uma legislação que ainda não existe e talvez não existirá jámais, é dissolver todo o nexo social; é substituir a um governo defeituoso sim, mas emfim governo que tinha e podia seguir ainda um andamento protector dos direitos civis de cada habitante, a mais completa anarchia.

Que feliz concurso de circumstancias poderá tornar inda doceis os habitantes de cada qual d'aquellas provincias á voz de uma autoridade? E si isto é difficil de conceber em cada uma, quanto difficil não é, que jámais voltem todas a obedecer a uma autoridade commum a todas ellas !

Eu ignoro quaes fôram as causas proximas da explosão, que acaba de rebentar na Bahia; mas si são exactas as noticias, que dali acabam de chegar, e que parecem estar de accôrdo com o que pouco habeis em manejos diplomaticos deixar perceber algumas das principaes victimas d'aquella revolução; o partido europeu informado do projecto da constituição brasileira, de que

falei a V. S. na minha precedente carta, e não concebendo que seja possível existirem duas constituições diferentes dentro de um só estado, assentaram prevenir este acontecimento, proclamando a adhesão ás côrtes e ao systema, que por ellas se houver de decretar em Portugal.

E que partido toma na presença de tão formal defeecção da principal provincia do Brazil o governo de Sua Magestade?

Eu ignoro-o. Mas como não é cousa, que se possa passar em segredo, brevemente nos acharemos em estado de assentar o nosso juizo.

Seja V. S. tão feliz como lhe deseja, etc.

### CARTA 5.<sup>a</sup>

Meu amigo e senhor.

Bem dizia eu, que brevemente se viria no conhecimento do partido, que o governo se decidisse a tomar na presença do importantissimo acontecimento da defeecção da provincia, ou (como aqui se prefere dizer) da cidade da Bahia.

O conde de Palmella, que na sua viagem para esta côrte havia passado por ali, e que afiançava não haver, que receiar sublevação d'aquella parte (e devo dizer, que em igual engano laborava o proprio governador o conde de Palma, e varias outras pessoas qualificadas, que o governo de Sua Magestade ouviu sobre o espirito de que aquella provincia se achava animada), o conde de Palmella pois explicou esta explosão diametralmente opposta ás suas asserções como effeito da desesperação, por se vêr que o governo não cuidava em dar ao Brazil uma constituição, que o puzesse em circumstancias iguaes ao reino de Portugal, e daqui concluiu, que o unico meio de alliciar ainda os Bahianos, e de impedir que as demais provincias seguissem o seu exemplo era de accelerar, quanto fôsse possível, a publicação da carta constitucional para este reino, tanto mais que a sua adopção

facilitaria a de que Sua Alteza Real deve ser encarregado de propor ás côrtes de Portugal.

O susto, que a defecção da Bahia produziu em todos os animos, não podia deixar de enfraquecer a opposição, que esta idéa do conde havia constantemente experimentado da parte dos outros dous ministros de estado, e por isso agora sem a combaterem cara á cara assentaram de a frustrar, ganhando ao mesmo passo o mais tempo que pudessem, para os fins que cada um tem em vista, e que eu me abstenho de expender por esta vez. Assim concordaram em que se formasse uma junta destinada a deliberar sobre os meios de occorrer ás actuaes precisões politicas do estado segundo os principios, e ajuda das luzes dos ministros, que consta do decreto, que incluso remetto a V. S.

Não me demorarei em ponderar o que o governo teve em vista, e muito menos o que elle devia esperar das deliberações de uma junta composta, como V. S. observará, de homens na verdade doutos e animados de patrióticos sentimentos, mas os mais oppositos em principios que imaginar se pode. O que aconteceu foi, que na primeira sessão, que tiveram hoje desde as 11 horas da manhã até ás 6 da tarde em casa e debaixo da presidencia do conde de Palmella, foram taes e tão disparatados os discursos e pareceres emittidos pelos differentes conselheiros, que todos sahiram plenamente convencidos da inutilidade de semelhantes conferencias, triumphando os partidistas da temporisação pelo feliz exito do expediente que haviam suggerido, e os verdadeiros amigos da causa publica desesperados de assim verem malbaratar-se o tempo, de que nem um só momento se pôde perder para applicar ás enfermidades, que tão gravemente ameaçam a vida do estado, os mais promptos e energicos remedios, si remedios pôde ainda haver para tão grande mal.

## CARTA 6.<sup>a</sup>

Meu amigo e senhor.

E bem sem remedio era o mal da monarchia, como eu na minha ultima presagiava, dando conta a V. S. da

primeira sessão da mal fadada junta consultiva sobre a carta constitucional, que se intentava dar a este reino. Ella só servio de determinar e talvez de accelerar a explosão.

Aqui, do mesmo modo que na Bahia, segundo referi a V. S. na minha carta de... os Europeus aterrados com a idéa de vêr tomar o Brazil uma attitude constitucional differente do que pelas cortes da metropole lhe fôsse decretada, assentaram, que não havia um só momento a perder para proclamarem a adhesão á causa de Portugal, qualquer que ella fôsse, ou qualquer que ser possa a constituição, que as cortes ora congregadas n'aquelle reino houverem de decretar para toda a monarchia.

Aqui, do mesmo modo que na Bahia, o partido brasileiro (quero dizer os que têm em vista dar uma constituição ao Brazil sem curar da sorte de Portugal) retirados atraz da cortina tem visto com satisfação, que os Europeus rompam a scena: atacam cautelosamente a incipiente revolução, certos de que em ultimo resultado hão de ser os indígenas, e não os advenas que ham de ficar senhores do campo da batalha. Quão funestas serão para elles mesmos as consequências d'esta cruenta lide!

Hoje pelas sete horas da manhan, quando, apenas levantado, eu me assentava a trabalhar, no fórma do meu costume, sinto parar defronte da minha porta um cavalleiro, que a toda desfilada vinha gritando — Viva el-rei constitucional!... Vivam as côrtes de Portugal!... E logo subindo-me á escada me chamou pelo meu nome: faço-o entrar, e reconheço ser um tenente de caçadores n. 3, que me diz: — Da parte de Sua Alteza Real venho chamar a V. Ex. para se apresentar sem demora na praça do Rocio, onde o mesmo Senhor se acha com o senado da camara, a fim de prestar juramento de adherir á constituição, que fizerem as côrtes de Lisboa; tendo-o Sua Magestade assim decretado, e nomeado a V. Ex. ministro e secretario de estado dos negocio estrangeiros e da guerra, assim como para os negocios do reino ao Sr. Quintella, e na mesma conformidade aos demais ministros, por ter dado a demissão aos que antes eram.



Respondi: que eu passava a apresentar-me, e que iria receber as ordens de Sua Alteza Real.

Com isto partio aquellê official. Porém, como eu julgasse que semelhante intimação não tivesse a precisa regularidade para eu me transportar ao logar em que se praticava (a ser verdade o que eu acabava de ouvir) uma verdadeira revolução sinão na essencia (a ser certo que Sua Magestade era n'isso de accordo) ao menos na maneira porque se manifestava a vontade do mesmo Senhor, resolvi não sair da minha casa, enquanto por modo mais regular me não constasse das reaes determinações a meu respeito.

Não tardou porém muito, que não voltasse outro official do mesmo batalhão, reiterando-me a mesma ordem da parte de Sua Alteza Real, e insistindo em que eu o acompanhasse. Excusei-me com o pretexto de não estar ainda prompto, e com a promessa de que eu não tardaria em segui-lo, se retirou.

Estando eu firme no meu proposito de esperar por uma ordem concebida em fórma menos revolucionaria, quando ouço chamarem-me da rua a grandes vozes: e acudindo á janella vejo em frente d'ella o mesmo official, que primeiramente me chamára, o qual, apenas appareci, voltando-se para a visinhança que a aquelles brados se achava pelas portas e janellas, exclamou:—Tomo por testemunhas a todos os presentes de como pela 3.<sup>a</sup> vez é chamado Fulano da parte de Sua Alteza Real para ir incumbir-se do emprego para que o mesmo Senhor o ha nomeado, e prestar o juramento á constituição das côrtes de Portugal. O que dito, partio, tomando o caminho do Rocio.

Em taes termos julguei não dever demorar por mais tempo e sahi a verificar por mim mesmo o que Sua Magestade havia com effeito determinado ao meu respeito, e fui em direitura á casa do meu annunciado collega o vice-almirante Quintella, afim de concertar com elle sobre o que deveriamos fazer. Ali soube como elle se achava já no Rocio, e fui por varias pessoas informado de como com effeito já tambem lá se achavam juntamente com Sua Alteza Real o senado da camara, e o bispo capellão-mór.

Em consequencia dirigi-me para ali, e apresentando-me a Sua Alteza Real, recebi de sua mão o real decreto, que me nomeava para o emprego, que fica referido.

Quiz eu e os meus novos collegas partir para a quinta da Bôa-Vista, onde Sua Magestade se achava, para recebermos as suas reaes ordens, mas não nos foi concedido sahirmos dali emquanto se não prestasse o juramento de adhesão ao auto, que Sua Alteza Real acabava de dictar ao escrivão da camara, e pelo qual o mesmo Senhor no seu nome e no de seu augusto pai, com todas as autoridades que presentes se obrigaram a acceitar, guardar e fazer guardar a constituição, que fizessem as côrtes de Portugal, na conformidade do decreto que com a data de 24 do corrente se fizesse publico n'aquelle mesmo acto.

Cumpre, que eu diga a V. S., que com effeito no dito dia 24 esteve vencido no conselho de ministros, que Sua Magestade emittisse um decreto, pelo qual declarasse adherir e adoptar para o reino do Brazil a constituição, que as côrtes de Portugal fizessem, salvas as modificações que as circumstancias locaes tornassem necessarias. E com effeito chegou Sua Magestade a assignar este decreto. Mas prevalecendo depois a opinião de primeiro se tratar o assumpto na junta, de que acima falei, mandou Sua Magestade sustar a publicação d'elle : e achava-se na mão de Thomaz Antonio de Villa nova Portugal.

E' este decreto, que Sua Magestade ordenou a Sua Alteza Real, que fôsse buscar á casa d'aquelle ministro, quando o principe voltou do Rocio a São-Christovão, participando-lhe a vontade da tropa e do povo congregados n'aquella praça.

De volta pois ao Rocio com este decreto, Sua Alteza Real começou a lê-lo ao povo do alto da varanda do theatro, mas antes de acabar foi interrompido pelas aclamações—de que nada de modificação : a constituição das côrtes tal e qual ellas a fizessem.

Tornou portanto Sua Alteza Real a São-Christovão a representar isto mesmo a Sua Magestade, que, fazendo lavrar novo decreto, excluiu d'elle a clausula das modificações, que no primeiro se indicavam. E juntamente

assignou as nomeações dos novos ministros de estado e mais empregados, que Sua Alteza Real fez logo publicar na sua chegada de volta ao Rocio.

Lavrado assim o termo, que acima mencionei, pelo escrivão da camara, dictando Sua Alteza Real, e prestado pelo mesmo senhor e por todos os empregados que presentes estavamos o exigido juramento, partimos todos para São-Christovão afim de recebermos as ordens de el-rei.

Ao chegarmos ali achamos, que Sua Magestade se dispunha a partir para os seus paços da cidade, como com effeito logo se poz em marcha e apoz elle quantas pessoas de differentes ordens ali haviam concorrido, e entrados no paço, assomou-se Sua Magestade e toda a real familia ás principaes janellas d'elle, e em voz alta disse ao immenso povo e tropa, que se achava n'aquella praça, que ratificava quanto o principe em seu augusto nome havia promettido.

Terminada esta cerimonia, entrou Sua Magestade no seu gabinete e mandando-lhe eu pedir licença para lhe falar, lhe pedi como graça especial a mercê de me dispensar do ministerio, permittindo-me que seguisse o meu antecedente destino para os Estados Unidos. Sua Magestade não só servio-se n'essa occasião das expressões as mais lisongeiiras para o meu character pessoal, dignando-se de accrescentar que me devia ser conhecido como por mais de uma vez estivera já antes a ponto de nomear-me para o elevado emprego em que eu agora me achava, mas que quando assim não tivesse sido por nenhum caso mudaria as pessoas, que lhe foram propostas, sendo todas por fortuna (são as suas proprias expressões) muito da sua real approvação e estima.

A' vista d'esta tão positiva decisão insisti eu, que ao menos me dispensasse Sua Magestade da pasta da guerra, porque, não tendo conhecimentos nenhuns dos assumptos d'aquella repartição, era contrario aos meus principios o encarregar-me de um emprego, que sabia não poder desempenhar.

El-rei, vendo a firme determinação em que eu estava de não ficar em nenhuma maneira com a pasta da guerra, exigio, que eu a conservasse sómente por oito dias :

observando-me que, no estado de effervescencia em que os animos se achavam, seria por extremo arriscado o fazer-se alguma innovação ; entretanto que no decurso de alguns dias se poderia, de accordo com Sua Alteza Real, escolher para aquella repartição pessoa, cuja nomeação não fôsse excitar novas commoções entre a tropa, onde eu sabia os partidos, que já existiam contra qualquer dos officiaes generaes, que Sua Magestade se lembrasse de nomear n'esse momento.

Annui não sem grande difficuldade a esta demora ; mas debaixo da renovação da promessa de que ella não excederia a oito dias, e que durante elles eu não seria obrigado a emittir parecer algum sobre os negocios d'aquella repartição, limitando-me a propôr-os a Sua Magestade ou para serem por elle immediatamente resolvidos ; ou para o serem na presença de informação dos governadores das armas ou de consulta do conselho supremo militar, segundo a gravidade do assumpto, mas sem que eu jámais interponha parecer ; fazendo meramente de relator para com Sua Magestade e de simples secretario das suas reaes resoluções para com as autoridades e as partes.

Sua Magestade conveyio sem difficuldade n'este meio termo, renovando-me a promessa de que dentro em oito dias, ao mais, me desonerava d'este para mim embaixadissimo encargo.

Tal é minha actual situação. Veja, meu bom amigo, si eu tinha ou não razão de me felicitar, quando, nomeado para os Estados-Unidos, me lisongeava de poder partir com brevidade para aquelle meu destino. Foi uma fatalidade, que o ministro me não apromptasse logo as minhas instrucções, e que, quando podia partir, me detivesse na consideração dos perigos, que offerece a navegação nas costas da America septentrional nos mezes de inverno, em que lá viria a chegar, a menos que não fôsse na fragata, que se esperava n'este porto cada dia, como então annunciiei a V. S.

Já agora não tem remedio. Adeus, meu respeitavel amigo, etc.

CARTA 7.<sup>a</sup>

Meu amigo e senhor.

O espirito de vertigem, que deu o impulso para o rompimento da revolução, continúa a laborar; porque nem é possível se contente com qualquer ordem de coisas, que se estabeleça; nem na actual se acham investidas de poder as pessoas, que detraz da cortina dirigiram os passos dos que no dia 26 do mez passado figuraram para com o publico.

Hontem alguns d'estes, apresentando-se em São-Christovam, requereram a honra de falar a Sua Magestade em *nome do povo*. E el-rei, levado do espirito de conciliação que constitue principalmente o seu character, prestou-se a dar-lhes ouvidos, bem que em maneira que mostrava o nenhum caso que fazia da sua supposta missão, e recebeu d'elles a relação, que V. S. achará aqui appensa, das pessoas que, diziam elles, o povo exigia, que compuzessem um conselho, sem o qual o governo de Sua Magestade ficasse inhibido de tomar resolução alguma importante sobre os publicos negocios.

Como V. S. conhece quasi todos os individuos da inclusa relação, bastará, que eu lhe observe, que os dois honrados fidalgos, cujos nomes V. S. se admirará, como eu, de ahi encontrar, nem tal sabiam, nem tal querem, nem seriam apontados, si não houvesse certeza de que não acceitam ou que se annullam de facto, deixando o manejo dos negocios aos que de força os obrigarem a este violento passo, sem outro motivo mais que o de parecer que outros são como elles igualmente obrigados.

Esse magistrado, que V. S. conhece pela publica reputação, pois talvez nunca o visse, como succede á maior parte da gente d'esta côrte, figura ahi para credito do conselho, e na certeza de que ou fica sendo voto singular, ou de horror e susto emmudeça.

As demais pessoas, que V. S. (como eu) nem por nome talvez conheça, são os principaes agentes, que os coriopheos da revolução e do proposto conselho empregaram



e empregam para disporem os animos da tropa e do povo.

Si este seu arrojado passo vai avante, não ha desgraça, que não sejam de recear n'este continente; porque essa mesma apparencia de autoridade, que el-rei ainda conserva, e que serve de vinculo ás relações sociaes do povo portuguez, desaparecerá de uma vez, e com ella ficarão sem remedio rotos os fracos diques, que ainda (mas por mui pouco tempo) embaraçam, que se comece a desenvolver o espirito de reacção e de vingança entre as oito castas mortaes inimigos uns dos outros, de que se compõe a população d'este tão ditoso clima, como malfadado paiz.

Entretanto pede a prudencia, que se não ataque em frente a proposta. A deliberação (ainda até agora indecisa) sobre si el-rei ou Sua Alteza Real deve ir para Portugal, serve por ora de plausivel pretexto para se espaçar a decisão sobre a escolha das pessoas, que devem compor o proposto conselho e entretanto se dispõe as cousas, para que sem formal repulsa, nem receio de commoção, possa o governo de Sua Magestade tomar as medidas, que,segundo se resolver a respeito de quem fica ao timão dos negocios n'esta capital, parecerem mais adequadas para a manutenção da publica tranquillidade, e dos vinculos das provincias d'este vasto paiz umas com as outras e com a Europa.

Tem-se debaixo d'este ponto de vista expedido para as differentes provincias participações e ordens quaes o caso está dictando; mas no meu particular entender (pois sou n'este ponto, como em muitos outros, de voto singular) a Bahia e provavelmente as demais provincias ao norte d'esta tem-se prevenido com a proclamação de adhesão á revolução de Portugal e cortes de Lisboa, para sacudirem o jugo do Rio de Janeiro, e sem que por isso se deva entender, que é só questão de ser este ou aquelle de ora em diante o centro da monarchia. Esta acha-se hoje plenamente dissolvida. *Talvez*, debaixo de certa hypothese, fôsse possivel *tornal-a a unir* com novos vinculos. Mas para mim é demonstrado, que a primeira impossibilidade é a de se verificar essa hypothese.

Quando expuzer a V. S. a deliberação sobre a mudança da corte, explicarei melhor este meu vaticínio.

Deus guarde etc.

### CARTA 8.<sup>a</sup>

Meu amigo e senhor.

Prometti a V. S. na minha ultima carta o desenvolvimento das reflexões, com que ella terminava, de que o respeito á autoridade publica estava irremediavelmente perdido pelo facto dos successivos levantamentos desde 24 de Agosto em diante nas differentes partes da monarchia; pois que só dada uma hypothese (que só indiquei e não expendi) me parecia impossivel unir com novos vinculos o systema social, que hoje se acha completamente roto e dissolvido: e essa hypothese era justamente a que a mim me parecia impossivel se viesse a realisar.

Esta, que então era vaticínio, é já hoje facto historico e para me servir das expressões com que hontem á noite rematei o meu voto no conselho dos ministros presidido por Sua Magestade—dissolveu-se a monarchia portugueza.

Depois de se ter por muitas vezes abordado a questão, e de proposito a ter Sua Magestade deixado indecisa, em razão da sua grande importancia, hontem á noite houve de pol-a em discussão afinal. E para que cada um dos seus ministros dicesse com toda a liberdade a sua opinião, determinou, que este assumpto se tratasse antes do príncipe real ser chamado para o conselho, como desde que nós entramos no ministerio lhe havíamos proposto, que convinha, que Sua Alteza Real assistisse tanto aos conselhos de ministros em geral (e aos de estado, si os houvesse) como ao despacho de cada um dos mesmos ministros em particular. Seja dito de passagem (e para dar a V. S. mais uma prova da natural penetração de el-rei), que, quando nós lhe fizemos aquella proposta, Sua Magestade não só não mostrou repugnancia alguma em adherir a ella, mas, para nos mostrar quanto se acha convencido da sua utilidade, accrescentou estas significantissimas

palavras : Como o principe toma parte nos negocios publicos, é de necessidade, que a tome nas deliberações do governo. Tempo ha, que eu tenho pensado em chamar-o a ellas : e si o não tenho feito é porque, si bem o seu voto não coarcte a minha soberana autoridade, não pode deixar de prender mais ou menos, segundo o gráo de empenho que elle mostrar, a liberdade de opinar dos conselheiros. Mas esta, que foi razão até agora, cessa de o ser depois da época de 26 de Fevereiro ; e portanto approvo e folgo, que elle seja presente, como me haveis proposto.

Voltando pois á deliberação de hontem, foram todos os meus collegas de voto, que Sua Magestade devia partir quanto antes para Portugal com toda a real familia, á excepção do principe real e princeza, sua esposa. As razões, em summa, reduziam-se a que pelo facto das côrtes se acharem congregadas em Lisbôa, e não poderem os seus trabalhos adquirir a necessaria sancção sinão pela adhesão de Sua Magestade a cada um dos artigos assim da futura constituição como da legislação subsidiaria, que na conformidade d'ella se lhe houvesse de seguir, ou preciso fôsse ir fazendo caminhar de frente ; a distancia da côrte, tornando este concurso demorado, e até muitas vezes impossivel, ou frustrava a obra da regeneração, ou dava origem a uma sisma, que não poderia deixar de trazer comsigo a total dissolução da monarchia. Ao que accrescentavam, que em geral não podendo a sede do governo residir sinão em Portugal, pois que até pela defecção que constava da Bahia, e era de receiar das demas provincias, se mostrava como aquella metropole mantinha, nem podia perder a preponderancia necessaria para ser a séde do governo, Sua Magestade devia fazer em tempo o que talvez depois fôsse tarde e por ventura arriscado emprender.

Sendo eu o ultimo a falar, comecei refutando esta ultima razão ; e procurei demonstrar, que bem pelo contrario do momento em que Sua Magestade deixasse o Brazil se devia considerar este paiz como separado de Portugal, e com elle todos os mais estados ultramarinos : e por tanto irremediavelmente dissolvida a monarchia

portugueza ; por tanto Sua Magestade, sahindo do Brazil, não deixava n'elle outros elementos de governo sinão autoridades desprezadas e desgraçadamente pela maior parte desprezíveis ; tropas detestadas e infelizmente pela má conducta de muitos de seus membros merecedores da geral execração ; e finalmente povos que tendo uma vez deposto as autoridades de todas as classes, e creado em logar d'ellas, ao capricho do acaso, as que actualmente existiam, bem depressa e muito mais facilmente fariam succeder a estas outras e outras, sem que á razão humana fôsse dado prever as fatalissimas consequencias de tão horrorosa anarchia.

Que a constituição provavelmente já agora projectada, ou que se estiver projectando nas côrtes de Lisboa, e que não pôde deixar de ter os essenciaes defeitos que logo apontarei, sendo feita sem a presença de Sua Magestade, tem para se melhorar todo o tempo que me deia desde este actual momento até ao em que Sua Magestade houver de dar sobre ella a sua final resolução: entretanto que em Lisboa, mesmo gozando do veto absoluto (o que não é de nenhum modo provavel) Sua Magestade será obrigado a acceitar a constituição tal qual ella sahir.

Disse, que tal constituição não pôde deixar de ter essencialissimos defeitos, porque basta assentarem as instrucções dadas aos deputados das côrtes no principio de que se deve tomar a constituição de Espanha por prototypo de liberalismo, e que sobre ella se deve modelar a nossa, ainda mais liberal do que ella, e portanto no mesmo sentido do que ella, a isso ser possivel. E sem duvida que consistindo o liberalismo da constituição espanhola na mais absurda confusão de principios politicos, que até agora se tem visto, nada obsta a que a nossa, seguindo o mesmo trilhão, seja ainda mais absurda e monstruosa, porque, sendo a verdade uma só, os erros e os absurdos podem variar e sobre exceder-se ao infinito.

Si pois Sua Magestade, continuei eu, em vez de se ir colocar na forçosa necessidade de sancionar uma tal constituição passando a Portugal, se applicar desde

logo e daqui em ordenar aquelle corpo de leis e providencias, que a experiencia tem mostrado ser necessario darem-se em todos os ramos de publica administração, não sómente se achará habilitado para fazer proficuo o trabalho, que entretanto estes mesmos assumptos houverem feito as côrtes de Lisboa; mas até mesmo a necessidade da reunião das côrtes de el-rei para a ultimação das constituições do reino unido conduzirá á convocação das mesmas ou de outras côrtes n'esta parte da monarchia, onde depois todos aquelles preliminares trabalhos e mais longe da influencia dos partidos nacionaes e das potencias estrangeiras se poderá mais facilmente organizar um systema constitucional conforme ás precisões de todas as differentes e tão differentes partes d'esta vasta monarchia. Porquanto, e com isto finalisei o meu voto, todas ellas se podiam governar, residindo no Brazil o governo (ainda que talvez em algum outro ponto que não seja o Rio de Janeiro); mas no estado em que hoje se acham as relações internas e externas do Brazil, eu me obrigava a sustentar a impossibilidade do governo manter n'elle e bem assim em todo o ultramar a sua autoridade, existindo em Portugal.

Então dirigindo-me especialmente a el-rei, accrescentei, que pelo que dizia respeito á conducta, que no meu entender o governo ficando Sua Magestade no Brazil, devia adoptar, affin de chamar junto a si as côrtes da nação; em que sentido eu entendia esta expressão, e como se podia aproveitar esse intervallo para se formalisar o novo corpo de ordenações do reino para ser apresentado nas ditas côrtes, eu me referia ao que em Abril de 1814, e em Novembro proximo passado havia posto na augusta presenca de Sua Magestade, e que aqui não repetia; já porque a extensão da materia o não consentia, já porque eu via, que os meus collegas eram de opiniões inteiramente oppostas ás que faziam a base do voto; que acabava de expender.

Houve algum dos nossos collegas, que julgou dever-me redarguir, dizendo que si no Brazil existiam, como eu apontava e elle concordava, os elementos de dissolução pela falta de força moral nas autoridades e de subjeição nos povos, como esperava eu, que Sua Magestade pudesse



conseguir restabelecer a ordem no Brazil, si o impulso não viesse de fóra d'elle? E como poderia vir de fóra d'elle, a não ser por mão e por autoridade mesmo de Sua Magestade restituído ao centro e origem de toda a força na actual, effectiva e unica capital da monarchia?

Repliquei com o seguinte vaticinio. Do momento em que Sua Magestade sahir do Brazil essa, que V. Ex. contemplam como capital da monarchia, cessa de o ser por esse simples facto, porque desde esse momento ficarão cessando todas as relações politicas, que constituem os vinculos sociaes da monarchia.

Mas o Brazil, instou aquelle mesmo collega, fica sendo governado por Sua Alteza Real em nome de Sua Magestade e por tanto sempre unido a Portugal.

O Brazil, respondi eu, nem ha de obedecer a Sua Alteza Real no Rio de Janeiro, nem a Sua Magestade em Lisboa.

O Brazil pelo levantamento da Bahia em 10 do mez passado, Rio de Janeiro em 26 e as outras provincias nas épocas que nós por ora ignoramos, constituíram-se em um estado de anarchia, que a divisão das duas cortes, uma aqui e outra em Lisboa, não póde deixar de augmentar, bem longe de a extinguir.

Terminada assim a discussão, resolveu Sua Magestade, que, visto ficar vencida, pela pluralidade dos votos a sua partida, se dessem por cada uma das secretarias de estado as participações e ordens necessarias n'essa conformidade; encarregando desde logo ao ministro dos negocios do reino a redacção da carta régia, pela qual se devia conferir a Sua Alteza Real, na maneira a mais explicita, os poderes de que fica revestido no exercicio de logar-tenente de Sua Magestade n'este reino do Brazil.

Assim que, meu digno amigo, está enfim decretada a morte da monarchia! Oxalá que fôsem vãos os meus presentimentos!

Deus guarde etc.

CARTA 9.<sup>a</sup>

Meu amigo e senhor.

O expediente, que produz, de se adiar a resolução de Sua Magestade sobre a nomeação da junta consultiva teve o seu completo effeito agora que, lisongeando-se os ceripheos do partido de ficarem á testa dos negocios durante a regencia de Sua Alteza Real, nem precisam, nem querem ficar dependentes de tal junta. Por tanto cahio por si mesmo este aborto revolucionario, que por momento esteve a ponto de excitar n'esta côrte novo alvoroço.

Mas nem por isso deixa de manifestar-se debaixo de outros malignos symptomas o espirito de anarchia transcendente a todas as classes do estado.

Ante-hontem perto de meia noite, veio participar-me o governador das armas, que, tendo recebido ordem de Sua Magestade para fazer prender e conduzir para a fortaleza de Santa-Cruz os desembargadores do paço Luiz José de Carvalho e Mello e João Severiano Maciel da Costa, o almirante Rodrigo Pinto Guedes e o visconde de São-Lourenço, elle havia dado a esse fim as competentes providencias, e que n'essa mesma noite ficariam executadas aquellas diligencias.

Respondi ao governador, que muito me admirava de vêr, que S. Ex. recebesse immediatamente ordens de Sua Magestade, e quizesse tomar sobre si a responsabilidade do seu cumprimento, sobre tudo em assumptos de similhante natureza, e depois de proclamado um sistema de governo opposto a tão arbitrarios e odiosos procedimentos, como os que me acabava de referir. Que, não tendo sido ouvido para a expedição das ordens, ao mesmo tempo que, sendo a diligencia feita pela tropa da guarnição, todo o mundo devia entender, que por mim, como ministro da guerra, é que aquellas ordens foram expedidas, sem perda de tempo recorreria a Sua Magestade, afim de afastar de mim aquella não merecida inculpação.

Com effeito hontem dirigi a Sua Magestade a representação inclusa, em que, trazendo-lhe á memoria a

promessa que se dignou fazer-me de me alliviar da pasta da guerra ao cabo de oito dias, e reflectindo serem estes expirados sem que apparecesse a nomeação do meu successor, eu havia remettido para a secretaria de estado todos os papeis relativos áquella repartição, e consequentemente supplicava a Sua Magestade me considerasse como já demittido de ministro da guerra.

Pela ordenança que levou esta representação (pois que aconteceu estar eu, como estou ha dias, mais incomodado das hemicraneas a que sou sujeito), dignou-se Sua Magestade de me responder de seu proprio punho, que lhe fôsse falar n'essa noite pelas 9 horas.

Apenas entrei no seu quarto, distingui no semblante de Sua Magestade um desusado assomo de profunda magoa, que sim procurava, mas não estava em sua mão encobrir. Repetio quanto da primeira vez me tinha dito para me obrigar a ficar com a pasta da guerra, observando que bem longe de se achar diminuida n'este intervallo, como então se lhe figurava, a agitação dos animos, que lhe não permittia aventurar uma nova escolha e para repartição onde aquella agitação era principalmente mais violenta e perigosa, hoje via com mais clareza a impossibilidade de achar pessoa, que não excitasse contra si vehementes partidos na tropa. Apontei-lhe e insisti no actual governador das armas, cujo honrado character, conhecida habilidade, e geral estima do exercito o faziam proprio para o ministerio da guerra.

Respondeu-me, que sim havia resolvido deixal-o n'esta qualidade junto a Sua Alteza Real por fazer d'elle todo o bom conceito; mas que, tendo-lhe sido proposto pelo principe real no dia 26 do mez passado para governador das armas, lhe era conhecido, que a sua remoção d'aquelle posto encontraria a absoluta opposição de Sua Alteza Real. E concluiu—que as ordens estavam dadas para a partida da côrte para Portugal dentro do mais breve prazo. Que, tendo hontem mesmo mandado saber do estado dos preparativos, se lhe respondêra, que dentro em 15 dias ou 3 semanas, ao mais tardar, se acharia tudo prompto; e portanto Sua Magestade não innovava nada no ministerio por tão curto tempo: e que á vista do methodo

que eu adoptava, e em que Sua Magestade convinha de não interpôr opinião em negocio algum, nem havia compromettimento da minha parte, nem contra mim se podiam formar queixas, que só podiam recahir nas autoridades militares, por cujos informes todos os negocios da repartição iam decididos.

Como Sua Magestade assim me franqueava a occasião de eu falar do meu compromettimento, não hesitei em lhe observar, que justamente por eu me achar n'este momento gravemente compromettido como ministro da guerra, é que me havia apressado a instar pelo cumprimento da promessa, que Sua Magestade me havia feito de me dar a minha demissão d'aquelle posto. Porquanto ninguém haveria, que se persuadissem, que as prisões de estado feitas na antecedente noite não derivassem das ordens por mim expedidas ao governador das armas, entretanto que elle de Sua Magestade é, que as tinha recebido immediatamente, e sem que eu de tal assumpto tivesse antes o menor conhecimento; porque, si o tivesse, houvêra poupado a Sua Magestade o grande dissabor de um passo tão desairoso á sua real dignidade, como diametralmente opposto aos principios que á face do universo se acabavam de proclamar: e que justamente para sahir de tal compromettimento nenhum meio me restava sinão o sahir do ministerio n'esta propria conjunctura.

A isto acudio Sua Magestade, que bem conhecia eu as suas reaes intenções, quando assim affirmava, que lhe devia ter sido de grande dissabor a medida, que mencionava, d'aquellas prisões, que eu suppunha serem por motivo de estado, mas que não tinham sido sinão pelo da tranquillidade publica, pois que na mesma noite de hontem e á hora que já não era possível fazer-me chamar a São-Christovão, se lhe representára a urgencia de se fazerem aquellas prisões, por isso que na mesma noite haveria tumultos populares contra as pessoas dos indicados presos, si elles se não pozessem antes em custodia. Que n'esta mente, e só com o fim de os pôr ao abrigo de taes insultos, e de prevenir a perturbação do publico socego, é que Sua Magestade annuira a tão violenta medida, e sem demora dera as competentes ordens ao governador das armas, que ou

por acaso, ou por aviso que tivera para ali se achár a aquella hora, sem se lhe dizer o motivo, aconteceu annunciar-se estar na sala para receber as ordens de Sua Magestade, que em vez de ser pela minha demissão que eu tinha a afastar de mim o compromettimento, que julgava resultar-me d'estes acontecimentos, seria muito mais conforme aos desejos de Sua Magestade, que eu o fizesse, dando todas as providencias, que julgasse opportunas para remediar o mal, que sem meu conselho se havia feito; e que Sua Magestade veria com grande satisfação reparado por qualquer modo compativel com a manutenção do publico socego, e sem mingua da suprema autoridade. Que para tudo o que a este fim eu julgasse conducente, já dali me autorizava; mas que de demissão mais lhe não falasse, pois que estava firmemente resolvido a não m'a conceder.

Pesada por mim a força d'estas expressões, e considerando o quanto importava ao decoro do real nome, á consideração do publico socego, e á observancia dos sagrados principios de justiça, que eu aproveitasse estas tão piedosas intenções de Sua Magestade para cassar, sem offensa da autoridade real, os violentos procedimentos da precedente noite, resignei-me na determinação, que Sua Magestade me manifestava de me não conceder a promettida demissão; mas exigi a promessa de Sua Magestade consentir em que eu começasse por alliviar a sorte dos mencionados presos, permittindo-lhes communicarem-se com as suas familias, e passados alguns dias insinuar-lhes que poderiam escolher o logar para onde se houvessem de retirar, depois de lhes ter certificado não ter havido outro motivo para a sua prisão do que os que Sua Magestade mesmo se havia dignado referir-me; e que finalmente logo que, passado mais algum tempo, Sua Magestade se tivesse convencido de que aquelles receios nada mais haviam sido, como eu estava persuadido, do que cavilosos pretextos dos anarchistas para satisfazerem na prisão d'aquelles individuos vistas particulares de torpe ambição, ou de sanguinaria vingança, caberia desforçar o real nome do dever que lhe reflectia de tão arbitrario procedimento, fazendo publicos tanto os motivos da prisão, como a innocencia dos presos no decreto, pelo



qual Sua Magestade se dignaria de os mandar pôr em liberdade.

Conveio Sua Magestade em todo este plano, e na conformidade d'elle já hoje se acham os ditos presos em communicação com as suas familias : e graduada, na fórma que fica expendida, a marcha retrograda do governo, espero, que dentro em poucos dias se acharão no pleno gozo de sua liberdade ; e pelo nenhum abalo que no publico fará esta restitução, conhecerá el-rei a atrocidade das tramas, com que os coripheos da revolução, que vai minando a ruina do estado, não cessam de surprender a sua bôa fé.

Tenha saude, meu respeitavel amigo, e mais tranquillos momentos do que o seu, etc.

### CARTA 10.<sup>a</sup>

Meu amigo e senhor.

O plano que propuz a Sua Magestade produzio todo o seu effeito. Assim como jámais houve idéa de atacar as casas dos presos, de que tratei na minha precedente carta, tambem ninguem houve, que se escandalizasse dos procedimentos, que em favor d'elles o governo foi praticando até os pôr, como V. S. verá dos decretos juntos, em sua liberdade.

No que diz respeito ao visconde de São-Lourenço notará V.S. a differença de o deixar ainda debaixo de prisão, concedendo-lhe a cidade por menagem até elle dar as contas, que da sua gestão de thesoureiro se lhe passam a tomar pelo presidente do real erario. A razão d'esta differença é, que a respeito do dito visconde existe com effeito no publico uma muito grave e muito séria indisposição : constando que só pelo facto do governo haver contra elle procedido a um rigoroso exame das suas contas com prisão e sequestro, como se já se achasse alcançado o mesmo visconde, corre com effeito grande perigo de soffrer algum insulto dos muitos inimigos, que grangeou no tempo d'aquelle seu emprego. Mas nem o governo

podia annuir aos caprixos de quem assim pretendia se procedesse contra o ex-thesoureiro-mór, como si elle já se achasse convencido de alcance, nem a prudencia permittia, que de todo se houvesse para com elle, como si nenhuma presumpção existisse em seu desabono.

Eis aqui o porque o governo entendeu, que, deixando-o em estado de prisão durante a prestação das suas contas, satisfaria a impaciencia de um numerozo publico ; e dando-lhe a cidade por menagem, manifestava o quanto estava longe de querer prejudgar o que sobre sua justificação haja de decidir a competente autoridade judicial ; e muito menos de estorvar os meios de defeza, que uma mais rigorosa custodia lhe poderia talvez difficultar.

Depois de assim ter conseguido, que Sua Magestade reparasse para com estes seus servidores o damno, que os malevolos haviam intentado causar-lhes á custa dos principios de justiça, que sobre tudo devem fazer o realce do throno ; julguei dever-me applicar a Sua Magestade e a e ao governo da necessidade de dar aos tres ex-ministros de estado e ex-intendente geral da policia testemunhos não equivocos de que nem o publico, afastando-os do manejo dos negocios, os pretendia accusar de crimes, que nem se lhes apontava, nem pessoa alguma se lembrava de lhes fazer processo.

Portanto encarregando-se o ministro da fazenda de propôr em conselho as pensões, que, segundo as forças do estado, convirá assignar ao conde dos Arcos, a Thomaz Antonio de Villanova Portugal e a Paulo Fernandes Vianna, enquanto assim estivessem sem emprego, propuz a Sua Magestade quanto ao conde de Palmella, que, não permittindo as actuaes circumstancias o conservar-se em Pariz um ministro com o character de embaixador, e sendo natural que o marquez de Marialva, regressando Sua Magestade a Portugal, passe a exercer o seu emprego de estribeiro-mór, seria muito conforme aos expostos principios de justiça, que Sua Magestade nomeasse para lhe succeder com o character de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario ao conde de Palmella.

Confesso, que poucas cousas me têm causado tanta satisfação, como foi a impressão, que notei fazer esta

minha proposta no animo de Sua Magestade e são por extremo notaveis as seguintes palavras, com que se dignou de me responder:—Essa sua proposta, que em todo o caso seria de muita honra tanto para o que a fizesse como para a pessoa a que ella se referisse, me causa grande prazer vindo da sua parte e referindo-se ao conde de Palmella; e com muito gosto dou o meu real consentimento.

Quanto porém ao conde d'Arcos, foi menos feliz a minha proposta, que consistia em que Sua Magestade, aproveitando esta occasião de fazer effectiva a mercê que algum tempo antes me constava intencionára fazer-lhe do titulo de marquez de Cascaes, o incumbisse de trabalhar com o ministro dos negocios do reino na redacção da carta régia, que devia servir de instrucções para a regencia, que Sua Alteza Real ficava exercendo no Brazil, visto que Sua Magestade já havia declarado concordar com o parecer dos seus ministros, que todos eramos de accôrdo ser o mesmo conde, que devia ficar com Sua Alteza Real na qualidade de ministro e secretario de estado dos negocios do reino do Brazil, designação que no meu entender convinha muito fazer-se desde já ao dar-lhe a mencionada incumbencia.

Observando eu certa indecisão em Sua Magestade, que se deixava bem vêr, que procedia de anticipadas idéas contra o conde, julguei do meu dever previnir quaesquer que, ouvindo-me assim falar a respeito d'este fidalgo, se lhe pudessem suscitar de connivencia com elle para este ou para alguns outros fins: e portanto, sem dar a conhecer o reparo, que fazia, continuei naturalmente—Que os motivos por mim allegados para ser o conde, quem ficasse como primeiro ministro junto a Sua Alteza Real, eram os mesmos que agora me determinavam a addicionar assim aquelle meu primeiro voto; porque não havia meio termo: ou Sua Magestade entendia, que a influencia do conde no animo de Sua Alteza Real e nos agentes visiveis e invesiveis de certos partidos, cuja existencia se manifestava por factos de grande monta, era tendente á perda do estado, e então nem elle, nem Sua Alteza Real podiam ficar no Brazil: ou Sua Magestade entendia, que pelo contrario era conforme ao bem do estado

que o principe real aqui ficasse (e certamente esta era a sua real convicção e a de todos os meus collegas. pois que havia decidido, contra a minha proposta e constante opinião, regressar Sua Magestade, quanto antes para Portugal) era preciso revistil-o de todos os exteriores da sua real confiança ; era preciso, que legalisada aquella influencia se lhe dêsse a força moral indispensavel para suffocar todos os demais partidos, emquanto estavam ainda como a nascença ; porque em revoluções os dias são de muito maior importancia do que annos em tempos ordinarios : que eu, costumado a não tratar intimidade sinão com homens da minha esphera, fugira sempre de querer hobrear com os de superior jerarchia, limitando-me ás relações de respeitosa civilidade que as leis da sociedade me prescreviam em razão do logar, que cada um d'elles occupava no estado, salvo alguma particular distincção que este ou aquelle me permette tributar-lhe pelas suas qualidades pessoases, ou particular benevolencia com que me obsequiassem ; e que portanto, sendo esta ultima e cathegoria em que eu me achava com o conde d'Arcos, nas poucas vezes que tivera occasião de lhe falar, me parecia divisar n'elle uma nobre ambição illustrada por principios não vulgares da arte de governar homens, mas que jámais estivera em circumstancias de formar juizo sobre o seu systema ou mesmo si algum systema tinha concebido a respeito da reforma da administração, sobre cujos defeitos n'essas poucas conversações apenas lhe ouvira fazer observações mais ou menos importantes, porém muito em geral e sem que parecesse ligar-se a nenhum determinado plano.

El-rei aproveitando-se (visivelmente) d'estas minhas ultimas expressões para pôr termo ao assumpto, interrompeu-me, dizendo que procurasse eu pois o conde, e tratasse com elle sobre o assumpto das mencionadas instrucções e carta régia, porque o ministro dos negocios do reino, por muito occupado com a immensidade da sua repartição e pelo máo estado da sua saude, mal poderia dar satisfação do trabalho, que pedia por sua natureza e pela urgencia do tempo a mais activa assiduidade.

Repliquei com a franqueza, que me é propria: se dignasse Sua Magestade de observar, que por isso que aquella

commissão era da mais relevante importancia, o estado do coração humano me mostrava, que o natural e mui louvavel brio d'aquelle ministro se offenderia tanto mais d'esta revogação do honroso encargo, que lhe fôra dado por Sua Magestade, quanto o negocio era proprio da sua repartição, e elle, como a Sua Magestade não era desconhecido, mui capaz de o desempenhar pelo seu notorio talento e illibados principios de patriotismo e lealdade; accrescendo a tudo isto o ter elle com o conde d'Arcos relações muito mais intimas do que eu, quando não fôsse sinão pelo diario trato, que ha annos tem estado no serviço da repartição da marinha.

El-rei, dando-me a mão a beijar, me respondeu: — Para realisar esse melindre, bem como sobre o mais que temos falado, trarei á manhan ao despacho esse assumpto á deliberação em presença de Quintella, e por tanto fale com o conde.

V. S. conhece-me assáz para ficar na certeza de que eu hei de procurar o conde; mas não hei de ser eu o que forme as instrucções. Assáz me pesou o ter-me prestado a fazer para o governo de Portugal as participações dos acontecimentos d'este paiz, sendo cousa que pertencia ao dito meu collega. A indifferença com que elle ouviu commetter-me el-rei essa incumbencia foi causa de eu sem maior reflexão me encarregar d'ella, e só depois é que vim a conhecer, que elle não fôra a isto insensivel. Fica-me porém o sentimento e a lição.

Adeus, meu caro amigo etc.

## CARTA II.<sup>3</sup>

Meu amigo e senhor.

Sua Magestade não se esqueceu de me dirigir a palavra no acto do despacho de hontem, para o fim de me incumbir da redacção das instrucções, como na minha precedente carta annunciei a V. S.; mas como eu estava prevenido, apenas entendi o alvo a que seu discurso se encaaminhava, pedi-lhe licença para combinar com o ministro



do reino sobre o estado d'este trabalho : e entrando elle em explicações a esse respeito, foi facil acabar-se a sessão sem que a expressão do desejo de Sua Magestade se convertesse em ordem positiva, que definitiva e claramente me dêsse aquella incumbencia, desencarregando d'ella ao referido ministro o que muito me pesaria.

Entretanto não me julguei dispensado de ir procurar hoje mesmo o conde d'Arcos, não para alcançar por surpresa o segredo da parte que alguns querem, que elle tenha nos actuaes acontecimentos; nem tão pouco para explorar quaes sejam suas intenções sobre o futuro, mas para o prevenir, que Sua Magestade, tendo-o destinado para ficar como primeiro ministro junto a Sua Alteza Real, desejava, que eu e o ministro dos negocios do reino, encarregados de combinarmos sobre as instrucções que deviam fazer o contesto da carta régia, nos entendessemos com S. Ex. sobre tão importante assumpto.

A esta franca e sincera comunicação correspondeu o conde tomando o tom, seja-me licita a expressão, da... mas antes que elle acabasse a sua primeira phrase, dei a conferencia por finda, certificando-o de que em todos os tempos a aristocracia (ainda tomada no sentido mais honroso, de apoio da monarchia) pelo seu systema de puritanismo e de isolacão tem sido batida em detalhe pelo massivo da democracia.

Sem duvida que depois de Sua Magestade partir d'esta cõrte não hão de ser as instrucções por elle deixadas a seu filho, que hão de conter a este dentro dos limites, que prescreve o interesse geral da monarchia. Mas não é menos certo, que Sua Magestade deve deixar a seu filho instrucções, em que se tracem os limites além dos quaes lhe não será licito passar sem que desde logo e por esse simples facto comprometta a segurança do estado e com ella a existencia da monarchia, que mesmo sem esse abuso de poder tão ameaçada se acha já de uma proxima e fatal dissolução.

Desgraçadamente (disse eu a Sua Magestade ao dar-lhe conta da minha commissão) o conde d'Arcos e Sua Alteza Real estão na lisongeira e por tanto indestructivel illusão de que apenas o Brazil se entregue ao seu

governo, obedecerá com docilidade aos seus acenos, que de baixo do unico nome de Brasileiros e de um só imperio os povos desde o Rio da Prata até ao Amazonas formariam gostosos e tranquillos uma só familia; e que Portugal caduco de annos, e acabrunhado dos trabalhos da revolução que vai acabar-lhe as forças, ou se perde, e n'elle pouco perde o grande imperio do Brazil, ou para se salvar necessita a protecção d'este seu poderoso co-estado e pela segunda vez salva o Brazil a Portugal da sua total aniquilação.

Como fôram os Portuguezes da Europa os que n'esta côrte, bem como na Bahia, levantaram o estandarte da revolução, persuade-se o conde, que eliminados estes (e nada a seu vêr mais facil de que o dispersal-os) si alguns Brasileiros ficarem inoculados do mesmo espirito vertiginoso, esses são na sua opinião tão poucos e tão fracos, que debalde tentariam oppôr-se ao restabelecimento da *Idade de ouro*, que a sua arte de governar os homens e sobretudo a arte por elle só conhecida de governar os Brasileiros tem preparado para este ditoso paiz.

Tal é, senhor, o quadro romanesco, que em sua imaginação e com a melhor fé do mundo o conde tem formado do que o Brazil vai a ser entre as suas mãos. Estas são as idéas, que trazem como encantado a Sua Alteza Real do brilhante papel, que vai a representar, apenas tome posse do governo; e portanto é absolutamente indifferente quaes instrucções lhe hão de ficar, pois que todas e quaesquer serão consideradas como desnecessarias e impertinentes.

Porém, accrescentei eu, sendo certo que tudo isto é mera illusão tanto em Sua Alteza Real como no seu preconizado ministro, que outra cousa se não pôde esperar para este desgraçado paiz, apenas Vossa Magestade o deixar entregue a este seu governo, sinão desastres sobre desastres, partidos, guerras civis, guerras implacaveis entre as differentes castas, e emfim a total exterminação da raça branca pelas outras, incomparavelmente mais numerosas de pretos e de pardos, e o abandono das

ciudades e engenhos, voltando este formosissimo paiz á barbara condição das costas da Africa.

Eis aqui porque fui e serei sempre de voto, que só pela persistencia de Sua Magestade no Brazil é, que se pôde esperar preserval-o a elle, e com elle toda a monarchia da sua aliás infallivel e total destruição. (1)

Sua Magestade dignou-se de responder-me: — Isso já agora não tem remedio. A Providencia, que tão maravilhosamente tem protegido a monarchia portugueza, é quem só a pôde hoje salvar.

Este discurso tem nos principios da religião, como nos da razão um sentido tão incontestavel, que nada me restava a accrescentar.

Adeus, meu bom amigo etc.

---

(1) Nota. Mas dirá alguem : si ficando el-rei no Brazil vós concebistes a possibilidade da sua conservação para a monarchia, e mesmo asseveraveis, que esta se tornaria mais unida e consistente do que antes, pareceria, que deixando Sua Magestade a seu filho instrucções para proceder na conformidade das vossas idéas, deveria esperar o mesmo resultado.

Respondo—primeiramente era impossivel, que Sua Alteza Regente e o seu ministerio se prestasse a executar qualquer projecto, que não fôsse o que antecipadamente tinham imaginado : e quando de algum modo quizerem compadecer as suas com as minhas idéas, como se tratava de um plano tão vasto como da reorganisação do governo de toda a monarchia, e em todo o seu detalhe era impossivel ordenarem-se instrucções tão circumstanciadas que na execução se não frustasse todo o projecto, sobre tudo por quem n'elle entrava com antecipadas idéas, e por tanto devendo muitas vezes obrar contra a sua propria convicção. E quem havia obrigar a isso o governo de Sua Alteza Real ?

Em segundo logar o que era factivel a el-rei, que ficando no Brazil continuava a ser considerado pela massa da nação como centro do governo, não podia ser Sua Alteza Real, sem que desde logo se estabelecesse a sisma entre a corte e Portugal. Que este sisma se havia de estabelecer, apenas Sua Magestade abandonasse o Brazil, é o que eu sempre não só asseverei, mas provei com evidentes razões ; sobretudo ficando ali uma pessoa que desde logo offerecia um ponto de reunião, que facilitava a conciliação, pelo menos apparente, de todos os partidos ; pois ainda o dos republicanos (que é o da maior e maxima parte) havia de começar por lhe prestarem obediencia, porque feita assim mais facilmente a separação de Portugal, tambem mais facil lhes ficava derribarem a nascente monarchia.

CARTA 12.<sup>a</sup>

Meu amigo e senhor.

E' verdade : o officio de que lhe remetti cópia, e pelo qual por ordem de Sua Magestade dei parte ao governo de Portugal dos acontecimentos do dia 26, não exprime claramente quaes sejam as intenções de Sua Magestade quanto ao seu regresso. Mas isso era justamente o que convinha, porque, tendo-se já deliberado por vezes sobre esse assumpto na sua presença, ainda el-rei não tomou uma final resolução a esse respeito.

Porém não era só aquelle o objecto, que no referido officio devia ir expressado com estudada e prudente ambiguidade. O que muito importava signalar de maneira que sem offender a sensibilidade do congresso, quando este já se acha reunido, assegurasse a integridade dos direitos da corôa, era o principio de que o seu concurso se torna indispensavel para que as reformas, que se houverem de propôr, tenham a validade de actos de côrtes monarchicas, cujo essencial caracter distinctivo, que os extrema das assembléas democraticas, consiste em que n'estas basta, que uma proposição se vença a pluralidade de votos dos seus respectivos deputados para logo ser lei do estado, quando pelo contrario nas côrtes monarchicas é preciso o consentimento do rei, representante permanente da nação, para que a proposição acordada no corpo dos representantes electivos e amoviveis da mesma nação adquiram a categoria de leis.

Indicando pois Sua Magestade a cooperação, que na qualidade de rei lhe competia e passava a exercer na reforma a que o congresso vai a proceder, não só se firmava aquelle principio essencial da realza, mas tirava ao juramento, que havia prestado no dia 26, o ar de absurdo, que doutos e indoutos lhe costumam exprobrar ; pois que parece em verdade absurdo, que um monarca se obrigue a guardar e fazer guardar as leis que fizerem as côrtes, ainda antes de conhecer, si são justas ou injustas, e o que mais é, ainda antes d'ellas existirem.

Porém logo que o monarca se explica e declara, que

elle por côrtes legislativas entende o concurso d'elle monarcha com os deputados a esse fim eleitos pelos povos, desaparece toda a sombra de absurdo no prestado juramento; pois fica por essa explicação reduzida a uma solemne promessa, que o monarcha faz de manter a observancia d'aquellas leis, que elle, debaixo da presuppuesta hypothese do concurso d'aquelles deputados, houver de fazer, consentir e decretar.

Tal é, meu digno amigo, o espirito em que foi escripto aquelle officio, e n'elle fiz entrar algumas expressões, que, parecendo á primeira vista indifferentes, são destinadas a servir em seu tempo, como de protesto contra a evidente invasão dos principios democraticos, que respiram em todos, e em cada um dos passos d'esta nossa fatal revolução.

Tenha feliz saude etc.

### CARTA 13.<sup>a</sup>

Meu amigo e senhor.

O negocio, em que V. S. me fala, já se acha decidido por Sua Magestade na maneira possivel para conciliar as precedentes disposições com os principios de justiça, que tão proprios são do seu pessoal character e régia dignidade. Como pela sua carta observo, que V. S. não foi informado do que durante o ministerio do conde de Palmella se determinou a aquelle respeito, direi em summa o que se tem passado, afim de que isso lhe sirva de governo, como interessado que é nas estipuladas indemnisações.

Tendo eu presente que pelo teor da convenção, e pelas positivas declarações de Sua Magestade em reiterados avisos do marquez de Aguiar, de João Paulo Bezerra dirigidos á junta do commercio, el-rei intencionára desde o principio, que as estipuladas 300,000 libras se repartissem entre os que justificassem perante a junta haverem soffrido lesão pelas capturas, ou detenções, que faziam objecto d'aquella convenção, fui sempre de parecer



na junta do commercio, em quanto ali tive de votar, como deputado que era, que as ditas 300.000 libras e seus accumulados juroz eram propriedade das partes, que, ou por justificação perante a junta, ou por consentimento de todas as mais, se apresentassem como lesadas pelas mencionadas capturas, e que a cada um se devia passar letras pela quantia porque de commum accordo se figurasse abonado no mappa do rateio, que pelos interessados tinha sido apresentado ao tribunal. Fui porém vencido em votos: e a junta fez um rateio segundo entendeu ser conforme ao merecimento dos autos de justificação, a que cada um dos ditos interessados teve de proceder, e segundo cujas sentenças se fez das 300.000 libras e juroz accumulados um primeiro dividendo a todos os que até a aquella época se mostraram qualificados para serem n'elle comprehendidos.

Logo depois e partindo da base por onde o primeiro rateio (digamos dos principaes) se havia feito, procedeu a junta a dividir os que reputou sufficientes juroz d'aquelles principaes jacentes desde o principio das capturas até ao momento d'esta decisão: e eis aqui um segundo dividendo.

Como porém devessem, depois d'elle satisfeito, restar ainda algumas sobras, observou-se, que uma parte d'ellas deveria ficar por algum tempo em deposito para satisfação de algum interessado, que por legitimo impedimento não tivesse comparecido dentro do prazo que a junta intendesse, que era justo conceder. Mas apartado este deposito, entrou em questão o que se havia de fazer do que restava, e sendo varias as opiniões, entendendo uns que d'esse restante se deveria fazer um terceiro dividendo, e outros que estando, a seu vêr, sobejamente indemnizados os particulares, aquellas ultimas sobras pertenciam á fazenda real, como indemnisação das perdas e damnos que tambem experimentára pelas ditas capturas, consultou o tribunal a Sua Magestade e ficou esperando a sua decisão.

O conde de Palmella, apenas entrou no ministerio, mostrou logo ser decididamente d'esta ultima opinião, e na conformidade d'ella deu ordem para Londres, que dos

fundos ainda ali existentes se satisfizessem os atrasados ao corpo diplomatico, que, pela falta de pagamento dos seus ordenados e despezas das respectivas missões, se achava reduzido ao mais indecoroso vexame, sem se descobrir outro nenhum recurso de se vir promptamente em seu soccorro.

E' n'este estado de cousas, que, feita a revolução de 26 de Fevereiro, reclamaram os interessados junto a Sua Magestade pelo direito que entendiam competir-lhes de se lhes distribuir em um terceiro dividendo quaesquer sobras, que, depois de expirado o prazo assignado pela junta para o comparecimento a final de quaesquer interessados, se achasse existir das 300.000 libras e seus accumulados juros.

Sendo esta reclamação apresentada em despacho, fiz eu de informante, e conclui na fôrma do que sempre votara como deputado na junta do commercio, que tanto pela natureza do negocio como pelas positivas declarações de Sua Magestade aquelles fundos pertenciam inteira e exclusivamente aos particulares, que se haviam legitimado como lesados pelas capturas, que motivaram a estipulação com a Gran-Bretanha, e que por tanto nenhuma duvida havia, que todas e quaesquer sobras, depois dos dous primeiros dividendos, deviam constituir um terceiro entre os mesmos interessados. Donde se seguia, que, sendo Sua Magestade servido de annuir a esses principios, cumpria mandal-o assim declarar á junta do commercio, para o fim de ali se fazer este ultimo rateio, pela maneira com que se havia feito os dous primeiros. Que tendo-se porem expedido, havia mezes, para Londres as ordens acima mencionadas de se pagarem por aquelles fundos varias despezas do estado, e principalmente os atrasados devidos ao corpo diplomatico; ordens que deviam estar cumpridas, quando a declaração, de que eu tratava, chegasse a Inglaterra, teriam absorvido os ditos fundos; não restava outro meio sinão o de Sua Magestade fazer ao mesmo tempo certo aos interessados, que, no caso de não serem pagas as letras, que pela junta se lhes tivessem passado, ou se lhes passassem em virtude de qualquer dos tres dividendos sobre os agente encarregados do manejo das ditas 300 mil

libras, por elles terem já disposto dos fundos restantes em despesas do estado, na fórma das mencionadas reaes ordens, restaria sobre o real erario a obrigação d'aquelles saques, visto terem passado para a fazenda real os fundos, que a elles deviam ter servido de alimento.

Tendo os meus collegas concordado com este meu parecer, foi Sua Magestade servido de confirmar, assegurando-nos que o faria com tanta maior satisfação, quanto fôra violentado que accedera á precedente determinação dese considerarem como pertencentes á real fazenda as mencionadas sobras. Em consequencia acabo de expedir n'esta conformidade as ordens necessarias para o ministro de Sua Magestade em Londres e passo a fazer a correspondente participação a real junta do commercio ; aonde V. S. e os seus amigos se pôdem consequentemente dirigir para se lhes passarem seus titulos pelas quantias que proporcionalmente aos capitaes justificados lhes houverem de caber n'este terceiro e ultimo rateio. Digo seus titulos, porque tendo o governo de Sua Magestade disposto já dos fundos, que existiam em Londres, não é já sobre elles, mas sobre o erario, que a real junta tem de assignar o pagamento as pessoas a quem de ora em diante se houverem de fazer taes pagamentos, quer seja em virtude das letras já emittidas e que já não acharam aquelles fundos em Londres, quer seja pelos que daqui em diante se houvessem de passar.

Tenho a honra de ser etc.

#### CARTA 14.<sup>a</sup>

Meu amigo e senhor.

Não tem sido de proposito, como dizem os pasquins de que V. S. ali vio cópias, segundo me participa na sua carta, que se não tem procedido ás eleições. Eu me explico. Logo que pela accessão de Sua Magestade aos factos de Portugal se resolveu, que se mandasse proceder ás eleições dos deputados do Brazil e mais estados ultramarinos, eu, que fui por Sua Magestade encarregado de

ordenar as instrucções para as ditas eleições, conformando-me quanto fôsse possível com as que se seguiram em Portugal, dei sem perda tempo cumprimento a aquella ordem, e mandando entregar nas secretarias de estado do reino e da marinha o numero de exemplares, que pareceu sufficiente, fiquei na certeza, que d'aquellas repartições se tinham expedido as competentes ordens acompanhadas das ditas instrucções, e tanto porque nem duvida ao menos me podia recrescer a este respeito, como por que seria muito incompetente o andar sindicando d'isso, estive, até que me advertio esse pasquim posto na minha porta, e de que remetto copia (porque é significativo e V. S. poderá bem conjecturar como eu me inclino a crer, que é obra do nosso commum amigo o coronel...) na persuasão de que tudo ia segundo seu curso natural. Mas com este aviso na mão fiz a pergunta e achei, que com effeito para umas partes havia poucos dias, que se tinham expedido as ordens e para outras ainda se acham por expedir; sendo uma d'estas a comarca do Rio de Janeiro. Mas pelas razões que na presença de Sua Magestade se allegaram, posso certificar a V.S., que me persuado ter havido mais apathia do que proposito deliberado. E quanto a esta comarca nasceu a demora de se persuadir o ministro do reino, que era forçoso esperar pelo ouvidor da comarca, que anda em correição. Reconhecendo porém quanto a natural effervescencia dos animos pôde envenenar os motivos d'esta demora, tem dado as providencias para que se proceda quanto antes ás eleições, quer o ouvidor (a quem se expediu um expresso) chegue da correição em que anda, quer se haja de supprir na sua falta.

Do mesmo modo se vai reparar quanto pela secretaria da marinha a demora, que tem havido na expedição da participação e ordens para os estados, que devem ser avisados por aquella repartição.

Persuada-se V. S. e assegure aos nossos amigos, que nem eu sou capaz de duplicidade, nem jámais consentirei, que ella se pratique, onde quer que me compita o direito de a impedir.

Sou etc.

CARTA 15.<sup>a</sup>

Meu amigo e senhor.

Somos chegados a um dos passos mais importantes da nossa despedida do Brasil, quero dizer, a fixar o estado das finanças, em que deve ficar este erario e seu fiador o banco; sendo tão difficil decidir qual dos dous se acha mais desacreditado, como acertar com os meios de restabelecer o credito de qualquer d'estes dous viciosos estabelecimentos.

Na certeza de entre muitas distinctas qualidades que adornam o animo do principe real sobresaem a firmeza, com que se pôde contar, que elle manterá qualquer plano de reforma, que se adoptar nas despezas do estado, começando pelas de sua propria casa, e a decidida aversão, que mostra contra os delapidadores da publica fazenda; nenhum expediente vejo tão proficuo, nem tão simples como converter o banco em banqueiro do estado, que já é o seu principal devedor: em consequencia tendo de lhe consignar uma parte das suas rendas para embolso da divida já contrahida, consignar-lhe a totalidade d'ellas tanto para esse fim, como para se embolsar dos saques, que de ora em diante o erario fôr fazendo sobre elle, á medida que os objectos de despeza se fôrem offerecendo, e para todos os objectos de despeza.

O caracter de probidade que distingue todos os individuos do ministerio, que fica junto a Sua Alteza Real, o do actual thesoureiro mór, e seu honradissimo escrivão, e a excellente escolha das pessoas encarregadas da direcção do banco respondem pelo bom exito d'este meu projecto. Mas para elle ter uma prompta e regular execução tenho exigido, que se preencham os tres seguintes requisitos, que, apezar de merecerem a geral approvação, tem até agora encontrado repugnancia de certas personagens, que não sei ainda, si terei a felicidade de convencer, e vem a ser: 1º, que o banco saque sobre o erario letras de differentes valores (no pé em que se acham actualmente os bilhetes do mesmo banco) até ao computo, porque o mesmo erario é devedor a aquelle estabelecimento;



estes saques, aceitos pelo erario, serão lançados na circulação em troca de bilhetes do banco, que se mandarão recolher dentro de um determinado prazo : 2.º, e para que esta operação de eliminação dos actuaes bilhetes do banco seja completa, o erario sacará sobre o banco as letras, que para aquelle fim precisas fôrem, e que depois de aceitas pelo mesmo banco substituirão os actuaes bilhetes ; ficando ao arbitrio dos pretendentes assim d'estas letras do erario sobre o banco, como d'aquellas do banco sobre o erario de as apresentarem a um ou a outro para o seu pagamento em especies : 3.º, do mesmo modo que o estado consigna para pagamento da sua divida ao banco todas as suas rendas, se procederá a fixar com cada um dos seus outros devedores meios seguros de successivo e mais prompto possível pagamento das quantias a que estiverem obrigados, quer seja por consignação de rendimentos, sempre que estes fôrem seguros e avultados, quer seja pela renda de seus bens e propriedades debaixo de um plano geral, que obste ao inconveniente que do simultaneo concurso de tantos objectos no mercado poderia resultar para a consecução do intentado fim de satisfazer ao banco a sua divida, sem arruinar os particulares de quem elle é credor : 4.º, como pela dilapidação e desgoverno assim do banco como do erario é preciso prover a uma prompta entrada de fundos no mesmo banco, que o habilitem a pagar todas aquellas das sobreditas letras, que lhe fôrem apresentadas, Sua Magestade procederá a abrir um emprestimo nas praças de Lisbôa, Londres, Paris e Amsterdam, segundo o achar as condições mais favoraveis pelo computo de vinte milhões de cruzados, que perfaz pouco mais ou menos a totalidade da divida. em que o erario se acha para com o banco, sendo o producto d'aquelle emprestimo recebido nos cofres d'este e hypothecando-se especialmente para pagamento do capital e juros a quarta parte dos rendimentos das alfandegas do Rio, Bahia, Pernambuco e Maranhão.

Uma das principaes razões, porque eu exigia a eliminação dos actuaes bilhetes do banco, e para isso proponho o trocal-os pelas letras entre o erario e o banco, é como o unico meio seguro de se saber a quanto monta a

totalidade dos que andam na circulação, porque nenhuma confiança se pôde fazer no que a este respeito consta pelos livros do mesmo banco. Tal tem sido a desordem, com que, por negligencia ou por malicia, se tem havido as pessoas successivamente encarregadas da sua administração!

De todas estas propostas a unica que vejo com alguma disposição de ser approvada, é a do emprestimo; porque a da conversão do actual papel em outro novo, quer seja debaixo de alguma outra fórmula parece a estes senhores uma operação de alguma vantagem sim, mas que não vale a pena a despeza e incommodo, que com isso teria o erario e o banco.

A medida de fazer por meios forçosos ou voluntarios effectiva a entrada das dividas dos particulares ao banco, indo entender com muitas das pessoas mais poderosas da terra, exige um grão de energia para que o ministerio, a quem ficaria encarregada a execução, se não sente com bastantes forças. E na verdade é melhor não adoptar esta medida, si se ha de executar como está acontecendo com o visconde de São-Lourenço, que, pedindo-se-lhe contas da sua administração como thesoureiro-mór, respondeu com as quitações dos balanços, que faz annualmente o presidente do erario. E V. S. verá (pois ainda cá fica depois de nós partirmos), que o governo se ha de dar por satisfeito, e o visconde ha de sair muito airoso; e talvez muito elogiado.

Deus guarde a V. S. etc.

## CARTA 16.<sup>a</sup>

Meu amigo e senhor.

Nada do que eu esperava (pois esperava bem pouco!) se realison.

Sua Alteza Real, depois de uma longa conferencia que hontem teve com o futuro ministro dos negocios do reino, declarou hoje em despacho, que se oppunha formalmente a que se contrahisse um emprestimo. Exigio, que

Sua Magestade empenhasse ao banco as joias da corôa, offerecendo-se elle a empenhar as suas e as da princeza, sua esposa, e pretestou, que com tal condição se não encarregava do governo d'este reino.

Eu oppuz-me, sem hesitar, ao expediente do empenho das joias da corôa, já porque isso não augmentava os fundos circulantes do banco, já porque, sendo tão facil ao governo o tiral-os, como o empenhal-os, por esse modo se não augmentava o credito do banco. E já emfim porque não era demonstrado, que Sua Magestade pudesse coarctar ao seu successor (que visto serem os principes mortaes, podia não ser Sua Alteza Real) a disposição d'aquellas joias, que não são, nem nunca se poderão considerar como hypotheca das dividas do estado.

A estas minhas razões accrescentaram alguns dos meus collegas a da indecencia, que seria regressar Sua Magestade a Portugal despojado das joias da corôa pelas ter deixado empenhadas no banco do Brazil pelas dividas contrahidas menos em caso seu ou proprio da carôa do que nas do publico serviço.

Apezar de todas estas razões prevaleceu a exigencia de Sua Alteza Real e mandaram depositar no banco todas as joias da corôa e as de toda a real familia. Mas os directores do banco, coagidos a acceitar tal penhor da mão do seu augusto monarca, dirigiram a Sua Magestade uma respeitosa representação, em que lhe supplicavam os dispensasse de uma acção tão opposta aos sentimentos, que sem duvida lhes eram communs com todos os accionistas do banco do Brazil, sendo-lhes mais que sobrejo penhor a real palavra, do que todos os recursos disponiveis do estado iam a ser applicados, como Sua Magestade se dignava declarar no seu decreto de 23 do corrente, para a extinctão da divida contrahida com o banco do Brazil.

Sua Alteza Real, cedendo á vista d'esta representação, do empenho que mostrava em que se fizesse aquelle deposito, cedeu tambem quanto ao emprestimo na maneira que pela repartição do erario veio modificado, a saber, que em vez de um só emprestimo de vinte milhões se fizessem tres de menores quantias cada um, entre si independentes,

tanto nas condições, como nas épocas; reservando-se ao governo verificá-los todos ou sómente alguns d'elles, segundo entender que lhe convém.

Posto que eu conhecesse ser inútil toda ulterior insistencia, não pude deixar de observar, que um empréstimo pequeno ao mesmo tempo que produz descredito, se faz sempre com condições mais onerosas do que um mais avultado. Porém a theoria dos empréstimos é tão pouco conhecida entre nós como a de todos os mais ramos de finanças em geral.

Adeus, meu respeitavel amigo etc.

## CARTA 17.<sup>a</sup>

Meu amigo e senhor.

Partio emfim o conselheiro João Rodrigues Pereira de Almeida encarregado por parte do governo, e como particularmente interessado na prosperidade do banco, para ir negociar na Europa o empréstimo de que ultimamente falei a V. S. Muito folgarei de poder salvar por este meio aquelle meu amigo das mãos da morte; pois estavam já perdidas todas as esperanças de que pudesse vencer n'este clima, no meio de uma contenção de espirito a mais violenta para os seus delicados sentimentos, a molestia, que de um anno a esta parte fazia todos os dias os mais rapidos progressos.

Vai munido de um officio para o governo de Portugal, afim de o coadjuvarem no desempenho da importante commissão, de que vai encarregado.

Pelo teor d'este officio (de que junto copia) verá V. S., que eu ponho sempre debaixo da hypothese, que o dito governo bem como as côrtes, que consta acharem-se já congregadas, contemplam a Sua Magestade no gozo da autoridade real em toda a sua plenitude; nem eu, na qualidade de ministro d'el-rei, posso dar a entender outra cousa. Mas a verdade do facto é, que eu receio, que bem pelo contrario o espirito de democracia seja, que prevaleça a esta hora em Portugal, bem como é esse o que vêmos.

ir-se desenvolvendo de uma maneira espantosa em todo o Brazil. E tão forte é este meu receio, que me animei a patenteal-o a Sua Magestade, ponderando-lhe o quanto seria arriscado o aventurar o decoro da corôa, entrando Sua Magestade em Lisbôa sem ter antes a certeza, que, do momento em que ali aportasse, começaria a exercer em toda a sua extensão as attribuições inseparaveis da realleza. Não que eu tivesse dados nenhuns de facto, que me conduzissem a suspeitar o contrario; antes nas procurações dadas aos deputados das côrtes observa-se, que uma das clausulas era a conservação do governo monarchico, e na augusta pessoa de Sua Magestade, para ser continuada a dynastia na real casa de Bragança: o que visivelmente significava, que a vontade geral da nação era, que quaesquer que houvessem de ser as reformas e alterações a que se procedesse, a autoridade real não deveria ser de nenhuma maneira atacada nas suas attribuições essenciaes.

Mas como a historia das revoluções em todas as precedentes épocas e particularmente as dos nossos tempos me mostrava, que as assembléas, uma vez reunidas debaixo de auspicios taes como estas nossas côrtes, têm constantemente tomado um character democratico, e observo, que já de prevenção os coripheus do levantamento de 24 de Agosto fizeram entrar n'aquellas mesmas procurações a clausula de que a futura constituição deve ser ainda mais liberal que a de Espanha, ao mesmo tempo que a todos é notorio, que o que faz denominar a constituição espanhola mais liberal que a franceza de 1791, que lhe servia de modelo, é o ser ella muito mais democratica; já se vê, que o sentido d'aquella clausula é, que deve a constituição de Portugal ser ainda mais democratica do que a de Espanha, posto que como ella e ella como a de França comece por dizer, que a fórmula do governo continua a ser de uma monarchia.

Em consequencia ponderei a Sua Magestade, que, apesar de não ser possivel deferir a sua partida para Portugal, cumpria fazer todas as diligencias para se certificar antes de ali chegar, qual ha de ser a maneira como Sua Magestade ali tem de ser recebido: si pelo



que as côrtes já houverem legislado, ou se propoem determinar á sua chegada. Sua Magestade vai exercer as funcções de rei em toda a extensão d'esta alta categoria, ou si (como eu muito receio) lhe está reservada a sorte de ser apenas um presidente perpetuo de um estado, que tem já cessado de ser monarchia e ainda não é republica : que estando-se agora mesmo constituindo, se ha de inteiramente governar por leis que provisoriamente se vão agora mesmo fazendo segundo as occurrencias, leis que têm todas de emanar d'esse congresso ; leis que a Sua Magestade só lhe competirá o direito de as fazer executar sem as poder nem impedir nem modificar.

Si este ultimo é, accrescente (como muito receio, torno a dizer) o caso, em que Vossa Magestade se vai achar ao entrar na antiga séde da monarchia. é preciso, que Vossa Magestade saiba de antemão ; porque certificado d'isso, estou persuadido, que Vossa Magestade tomará na sua alta sabedoria conselho mui diverso de ir subscrever á desistencia da regia dignidade, que herdou dos seus angustos maiores ; e que a lealdade portugueza está tão firme em manter e conservar, que os coriphêos da revolução se verão obrigados a inseril-a como expressa clausula nas procurações, que elles mesmos forjaram e submetteram á approvação dos eleitores immediatamente constituintes das côrtes de Lisboa.

Afim pois de havermos com a possivel, já que não póde ser com a necessaria, antecipação os precisos esclarecimentos a este respeito, lembro-me de encarregar ao conselheiro João Rodrigues Pereira de Almeida de uma carta minha para frei Francisco de S. Luiz, que, sendo a unica pessoa que conheço dentre os actuaes governadores do reino, me merece o maior conceito tanto no que respeita ás suas luzes e prudencia como ao seu character : pelo que espero, que, fazendo-lhe sentir os justos receios em que laboro em tão delicado assumpto, exigirei da sua honra, que com fidelidade e candura me exponha a recepção, que no actual estado das coizas Sua Magestade terá de encontrar em Portugal.

Tanto ao dito frei Francisco de S. Luiz como ao conselheiro João Rodrigues recommendarei, que sem perda

de tempo mandem por duas vias a resposta á ilha Terceira e ao Faial, afim de que em nossa passagem por aquella altura a façamos procurar e por ella poder Sua Magestade resolver o que fôr mais do seu real serviço.

Mereceu esta minha proposta plena approvação de Sua Magestade, e em consequencia escrevi a frei Francisco de S. Luiz, na mencionada conformidade, dando ao conselheiro João Rodrigues as precisas instrucções para com elle se entender franca e livremente sobre este tão importante assumpto, recommendo-lhe com a maior efficacia que os esclarecimentos a dar-nos sobre o objecto hajam de ser os mais explicitos; e que nol-os dirijam com a maior promptidão possivel aos governos das duas referidas ilhas, afim de que sem falencia Sua Magestade possa dali deliberar sobre a materia, cuja resolução deve decidir da sorte de toda a monarchia.

Pelas gazetas ha de já ser conhecido a V. S., que alguns dos nossos ministros nas côrtes estrangeiras não só não quizeram reconhecer a nova ordem de coizas em Portugal, mas que exigiram dos governos junto aos quaes se achavam acreditados, que cortassem toda a communicação los seus estados com aquelle reino. E alguns houve, que passaram a requerer, que as potencias entradas na santa alliança calhissem com mão armada a atalhar em sua origem e quanto antes a revolução de Portugal, bem como a Austria o vai praticar com a de Napoles.

Não reconhecerem aquelles ministros as mudanças acontecidas em Portugal, era um dever do seu cargo; pois que representam nas côrtes, onde residem, o governo contra quem se fez o levantamento. Este governo ainda existe na angusta pessoa d'el-rei; el-rei ainda é de facto, assim como o é de direito, o unico governo da monarchia: entretanto que o novo governo, que se erigiu em Lisbôa, apenas se pôde dizer de facto governo de Portugal: e de direito ninguem dirá, que elle o seja, ainda quando queira derivar este da vontade geral do povo d'aquelle reino, pois que não é na effervescencia de uma revolução sempre assustadora que se pôde manifestar a vontade geral de uma nação.

O passo porém de exigirem alguns d'elles, que os

governos junto a que residem tomassem uma attitude hostil contra Portugal, mostra, que aquelles ministros vivem na illusão que o directorio executivo da Europa (como uma alta personagem chama mui significativamente ás cinco potencias da grande allança) tem procurado derramar em todos os espiritos, a saber: que a todas e a cada uma d'ellas compete o direito de intervir nas dissensões internas de todos e de cada um dos estados da Europa, e por uma necessaria consequencia tambem na dos seus co-estados aquem dos mares.

Porém quando aquelles ministros d'isto estejam, como pelo conhecimento que tenho da sua honradez, me persuado que o estão, convencidos d'aquelle direito das potencias, deveriam ter reflectido, que como ellas o derivam do principio da propria conservação, dizendo que o perigo em que as revoluções dos outros estados poem os seus d'elles é que os constitue não só no direito, mas na obrigação de procurar suffocal-as, empenhando para isso todas as suas forças, deveriam aquelles nossos ministros ter reflectido, que não sendo possivel a nenhuma das ditas potencias praticar (por ora) com Portugal o mesmo que a Austria vai a praticar com o reino de Napoles, era a sua requisição tão imprudente quanto impolitica e prematura.

Não digo o mesmo das solicitações, que cada um d'elles tiver feito depois de haver recebido para isso ordem d'esta côrte: tal como as que Antonio de Saldanha, a quem V. S. sabe, que eu consagro a mais respeitosa amizade, terá dirigido ao congresso, que se deve ter reunido em Laybach.

Comtudo havendo Sua Magestade feito já retractar aquellas ordens, apenas o conde de Palmella entrou no ministerio, e sobretudo tendo todas as ditas potencias declarado que o caso de Portugal se não devia confundir com o de Napoles, nem com o de Espanha, pois que não constava ainda em que maneira Sua Magestade Fidelissima considerava os acontecimentos sobrevindos n'aquella parte do seus estados, e que portanto se deveria esperar pela manifestação, que o mesmo Senhor não deixará de fazer quanto antes a esse respeito, era consequente, que Sua Magestade, depois de ter mandado participar aos seus

ministros junto ás differentes côrtes, a resolução que havia tomado de adherir á refôrma politica a que iam proceder as côrtes de Portugal, restituindo-se áquelle reino para com ellas se applicar ao acabamento de uma obra em que Sua Magestade não era menos interessado do que os povos, cujo governo lhe estava confiado pela Providencia, lhes incumbisse de certificarem a todas e a cada uma d'aquellas potencias, que, constando a Sua Magestade haver quem no seu augusto nome asseverasse ás grandes potencias da Europa e determinadamente aos soberanos reunidos nos congressos de Troppau e de Laybach como Sua Magestade em nenhum modo annua aos acontecimentos succedidos em Portugal, lhes ordenava, que desmentindo taes asserções, certificando pelo contrario que Sua Magestade prestará da maneira a mais livre e espontanea o juramento de cumprir e fazer cumprir a constituição, que fizerem as côrtes de Portugal, não havendo nada que possa alterar esta sua mui firme e muito maduramente tomada resolução, e que Sua Magestade consideraria como um acto da mais horrenda aggressão contra a independencia da sua real corôa todo e qualquer procedimento, convenção ou ajuste, pelo qual os monarchas estrangeiros possam lembrar-se de assumir a autoridade de intervir de algum modo qualquer nos negocios internos d'esta monarchia, tanto na Europa como nos estados ultramarinos.

E' certo, que, não sendo, como aquelles soberanos pretextam, o assenso ou o discurso de Sua Magestade quem ha de dirigir a sua conducta a respeito de Portugal, mas sim a conveniencia ou desconveniencia, que elles acharem em lhe fazerem, bem como á Espanha, a applicação que vão já fazer do *direito de intervenção* no reino de Napoles; Portugal d'esta tão positiva declaração de Sua Magestade deve preparar-se para ser mais cedo ou mais tarde visitado pelas armas da santa alliança. Si governos taes como o de Espanha e provavelmente o de Portugal, não fôsem condemnados pelo democratismo das suas constituições, a serem o ludibrio de partidos incapazes de razão e de systema, mui facil seria á Peninsula, não digo já resistir, mas até fazer passar a santa alliança

toda a vontade de se intrometter nos seus negocios internos. Mas como é meu rifão, que a historia do passado é a historia do futuro, não é difficil prever qual será a nossa sorte. Mas é do dever de quem está no timão de nossos negocios publicos fazer na parte, que lhe toca, o que pede a coherencia do systema, em que acha montada a monarchia do estado, pois que não é pelos passos que se derem em coherencia com o systema, é sim pelos que d'elle aberrarem, que estamos destinados a engrossar (oxalá que eu me engane) o catalogo dos povos invadidos e aviltados.

Tenha, meu digno amigo, as felicidades, que lhe de-seja quem se preza de ser etc.

### CARTA 18.<sup>a</sup>

Meu amigo e senhor.

Parecerá impossivel a V. S., que, achando-me eu á testa da repartição dos negocios estrangeiros vai já em dois mezes, só hoje pude conseguir, que se deliberasse sobre um dos mais importantes assumptos da minha repartição, quero dizer o estado das nossas relações com os nossos vizinhos do Rio da Prata.

Por muitas vezes quiz chamar a attenção do governo de Sua Magestade sobre este objecto, que reclama as mais promptas e decisivas providencias; em todas essas occasiões testemunhou Sua Magestade o muito que desejava se lhe propuzesse algum expediente, que conciliasse os interesses dos povos com a dignidade da sua real corôa. Mas só hoje me foi possivel conseguir o ser ouvido sobre a materia. Felizmente pude obter, que a minha proposta fosse immediata e unanimemente approvada por todos os meus collegas, assim como por Sua Magestade e Sua Alteza Regente.

Eu comecei a minha exposição por observar, que a estada das nossas tropas na Banda Oriental, depois do armisticio concluido com Buenos-Aires, não sómente nos tinha acarretado todos os males, que ao commercio portuguez fizeram os piratas arvorados em corsarios com



differentes bandeiras,mas occasionava ao thesouro publico uma despeza annual,que nem o estado podia já continuar por mais tempo ; nem era de esperar, que se lhe encontrasse compensação, fôsem quaes fôsem as medidas que se adoptassem para se aproveitarem os recursos, que da occupação d'aquelle paiz, por mais tranquillo e pacifico que elle fôsse, se podiam esperar.

Por outra parte a inquietação e descontentamento de toda a divisão tinha chegado a tal ponto ; a devassidão e máo exemplo de alguns dos seus chefes era tão escandalosa ; os excessos que contra os povos se exerciam tinham já chegado á tal ponto que,a não se lhe acudir com prompto remedio,era bem de receiar,que não sómente perdessemos aquella aliás excellente divisão, mas abrissemos a porta a novos desastres, compromettendo-nos cada vez mais com os paizes circumvizinhos, ao mesmo tempo que chegando Sua Magestade á Europa sem ter tomado um partido decisivo sobre aquelle paiz, teria de entrar com a Espanha em negociações tanto mais desagradaveis, quanto pelo impetuoso character do partido democratico, que hoje predomina n'aquelle paiz,se tem de vêr o governo de Sua Magestade em maiores apertos do que os que experimentava nos anteriores tempos, sempre que havia pendencias entre as duas tão vizinhas côrtes de Madrid e de Lisbôa.

Portanto era preciso, que o governo de Sua Magestade decidisse qual devia ser a cathegaria, em que cumpriria deixar a Banda Oriental. Como paiz occupado por uma força permanente na maneira que o tem sido até agora, isso era impossivel pelas razões, que eu acabava de expender e outras que por brevidade omittia. Decretar Sua Magestade a sua união ao reino do Brazil, e dar-lhe a fórma de provincia d'elle, organisando a sua administração, magistratnra, clero e força militar de uma maneira analoga ás demais provincias, nem era obra cujo plano se pudesse redigir, não digo já nos poucos dias que Sua Magestade tem de se demorar por estas partes, mas nem em mezes, não é empreza que possa ter lugar, quando se está tratando de reformar todo esse edificio para a monarchia em geral.

Mas o que sobretudo importa reflectir, depois que se houvesse feito na maneira a mais completa e acabada, seria absolutamente inexequível, por que a força armada para suster, como em tal hypothese é preciso, o character de conquistador, deve-se compôr principalmente de tropa do paiz ; e esta jamais será tropa portugueza ; menos será portuguez o corpo ecclesiastico, os magistrados, os administradores e ainda mais que elles, os povos jámais se poderão amoldar ás nossas leis civis, criminaes e de fazenda, que têm de aprender, em que muito têm de reprovar, e cujos defeitos (ainda que menores sejam do que os da legislação debaixo de que têm vivido) lhe são tanto mais sensiveis e intoleraveis, quanto lhe são além de novos e estranhos inculcados pelo temor e pela força.

E si o governo já encontra tanta difficuldade em manter na união as provincias do Brazil, como da Bahia se está experimentando e brevemente constará de todas as demais, umas após outras, que pôde esperar-se de uma provincia, que fôsse agora annexada a este reino por força de um decreto? Mas não falta quem diga, que aquelles povos têm manifestado já por vezes e mui proximadamente o desejo de se unirem ao Brazil. As desgraças, que hoje pesam sobre a maior parte das nações, têm por origem esta tão funesta quanto equivocca expressão de — os povos *querem*. Os povos resignam-se, conformam-se ou folgam com as leis e regimen, que entre elles o encadeamento de successos sempre locaes, sempre emanados de um ou poucos individuos pôz em execução. Assim os *povos querem* a continuação do que por longa experiencia sabem, que contribue para a sua felicidade... *não querem* o que por experiencia sabem, que faz a sua desgraça.

Mas os povos espalhados pela extensão de qualquer paiz o mais limitado não falam entre si, não tratam, não deliberam: a maior e maxima parte dos individuos de que elles se compoem, quando fôsse possivel concorrerem, não têm os conhecimentos nem a força de razão precisa para deliberar, escolher ou querer o que de futuro melhor puder convir ao seu bem commum. E portanto sempre que se disser, que—os povos *querem* certas e determinadas innovações no seu modo de governo em

existencia—assevera-se uma cousa falsa e absurda. Sempre que se disser, que elles desejam mudar de estado em geral, emtanto é verdade emquanto se quer dizer com isso, que desejam em geral a reforma dos males e abusos que são inherentes a todo e qualquer governo. Mas esta verdade é tão trivial e insignificante, que jámais pôde ser n'este sentido, que se diz—os povos querem.

Não se diga—os povos da banda do oriente querem, que o seu clero, os seus magistrados, os seus bens, o seu commercio, a sua industria e a sua segurança e policia sejam de ora em diante dirigidos não já pelas suas antigas leis, mas pelas leis vigentes no Brazil.

Mas explica-se, que elles não querem esta especie de união, a que se poderia chamar civil: querem sim a união politica, que consiste em se collocarem para com as potencias estrangeiras nas mesmas relações que as provincias do Brazil, contribuindo como qualquer d'estas para as despesas geraes do estado; mas governando-se como até agora quanto aos seus negocios internos em cada um dos ramos da sua particular administração municipal, ecclesiastica, de justiça, de fazenda e serviço militar.

Onde deliberaram aquelles povos sobre tão positivos pontos? Como deliberaram? Não deliberaram nem podiam deliberar. Mas certos individuos, erigindo-se em interpretes da vontade que nunca existio nem podia existir nos povos, são os que assim affirmam. Afiançam sob sua palavra, e só porque elles assim entendem, que conviria—que os povos uma vez feita a indicada incorporação se haverão por mui contentes e felizes.

Mas nem elles têm autoridade para assim o affirmar nem o governo deve proceder pela sua simples asserção.

O unico meio que existe entre os homens de o verificar, meio na verdade bem insufficiente, mas unico que existe, é de fazer, que os homens menos expertos de cada povoação ou distrito se louvem em outros mais instruidos nos interesses dos povos; que estes louvados organisem as instrucções, porque um pequeno numero de homens por elles escolhidos, reunindo-se fóra do alcance de toda a estranha influencia, confirmem entre si o que lhes houver

sido dado como expressão do que entre aquelles louvados pavaleça como conveniente aos publicos interesses e por conseguinte como proprio a grangear o assenso ou a vontade dos povos, mas nma vontade ulterior ao estabelecimento e á experiencia, mas de nenhum modo anterior a elle.

Na conformidade d'estes principios é meu parecer, que ao general barão da Laguna se expeçam ordens para que, fazendo reunir nos povos d'aquella provincia assembléas eleitoraes pelo mesmo teor que as que n'este reino e em Portugal se tem formado (salvas as alterações accidentaes que por motivos de localidade fôrem indispensaveis), convoque no lugar que mais adequado lhe parecer uma assembléa da provincia, cujos deputados franca e livremente, sem constrangimento algum e sem a menor sombra de influencia da nossa parte, deliberem e decidam sobre a futura sorte da provincia : si querem, que ella fique formando um estado independente, ou si se querem incorporar a algum dos estados circumvizinhos, como elles antes colonias de Espanha, ou si em fim se querem incorporar a este reino do Brazil.

No primeiro caso deverá o general fazer com que procedam immediatamente á formação assim do governo, a quem deve ficar entregue o manejo dos negocios publicos, como á organização da força armada, a quem se deve confiar a manutenção da policia e tranquillidade da provincia.

No segundo caso o governo do estado, a que a Banda Oriental se quizer unir, deverá prover sem perda de tempo a esta segunda providencia ; porque, dada ella, as forças portuguezas, pela maneira que ao general parecer a mais acertada, se retirarão para as nossas fronteiras, conservando-se ali todas ou sómente parte d'ellas segundo elle julgar que é preciso até receber ultteriores ordens de Sua Alteza Real, a cujo governo deve succesivamente informar, bem como para Vossa Magestade em Lisboa do que fôr acontecendo.

No caso porém da assembléa votar pela união ao Brazil, o general, informando das condições e maneira desta união, tomará as medidas necessarias para que a

marcha dos negocios até chegar a decisão de Vossa Magestade se conserve em um pé, que, respeitando os interesses da provincia, não tragam ao thesouro publico o enorme encargo das despezas, que sobre elle tem pesado até agora, e que no actual estado da monarchia é absolutamente impossivel continuar a supportar.

Isto pelo que pertence á Banda Oriental, mas como a sua occupação teve por motivo mais a inquietação das provincias circumvizinhas do que o mal que d'ella mesmo tivéssemos a recear, seria frustrado quanto a respeito d'ella se determinasse, não se providenciando ao mesmo tempo a assegurar a bôa intelligencia entre os governos das ditas provincias e a corôa de Portugal. A este fim disse, que me parecia conveniente se mandasse regressar para Buenos-Aires João Manoel de Figueredo, que já ali estivera por parte d'esta côrte, mas sem character ostensivo, indo agora com o de consul, não já pelo meio ordinario de uma patente, mas com uma credencial minha para o governador de Buenos-Aires, na qual se manifestem as intenções amigaveis de Sua Magestade para com todos os povos circumvizinhos e a resolução, que tem tomado, de entrar com todos elles em relação para o fim de animar e proteger o commercio entre aquelles povos e os vassallos d'esta corôa ; por isso que, não competindo a nenhuma potencia o direito de julgar da legitimidade ou illegitimidade dos governos dos outros paizes, Sua Magestade sem reconhecer o direito com que os ditos governos se acham com effeito installados, pois é unicamente do facto da sua existencia, e tendo de promover os interesses do commercio portuguez n'aquellas partes, se dirigia a quem n'ellas exercita a publica autoridade para exigir, que a bandeira nacional ali seja respeitada, na certeza de que tambem o serão aquellas em que os respectivos vasos entrarem os portos d'este reino unido, ficando assim assegurado por meio d'esta mutua explicação aos cidadãos de uma e outra parte o goso de todos aquelles direitos que pelos principios geraes do direito das gentes se concedem aos individuos de todas as nações, com quem se está em bôa paz e harmonia.

Por esta occasião se lhes participará as medidas de



liberal conducta, que na maneira acima exposta Sua Magestade tem adoptado a respeito da Banda Oriental como uma prova do espirito de justiça e desinteresse, de que o governo portuguez se acha animado.

João Manoel de Figueiredo se acha autorizado para entrar de Buenos-Aires em correspondencia com os governos do Chile, Entre-Rios etc., debaixo d'estes mesmos principios ; e ao general barão de Laguna se dará ordem para que coopere com elle para restabelecer a bôa intelligencia entre aquelles diferentes estados e os povos do Brazil.

Tanto Sua Magestade e Alteza como os meus collegas concordaram commigo em todos estes pontos, e sendo autorizado a expedir n'essa conformidade os officios que deixo referidos, fiz ali mesmo leitura dos que levava preparados, visto a escassez do tempo achando-nos tão proximos a nossa partida para a Europa ; e pelas cópias que juntas remetto, será constante a V. S. o cuidado com que preveni as exprobrações, que temos a receiar da parte de Espanha por esta especie de reconhecimento, sem contudo dar lugar aos povos americanos de receiarem, que nós possamos jamais voltar a fazer causa commum com a sua antiga metropole para os reduzir á cathegoria de colonias.

Nas intrucções para o barão de Laguna encontrará V. S. menção da nova linha divisoria, que deve fazer de ora em diante a fronteira da provincia do Rio-Grande.

E' ella o resultado dos trabalhos dos dous habeis engenheiros Brito e Salvador, que Sua Magestade havia mandado para determinarem de uma maneira precisa aquella linha, não já debaixo das vistas ambiciosas e tendentes a supplantar os nossos vizinhos, mas unicamente com o fim de assegurar por meio de uma fronteira militar a tranquillidade dos povos, pondo a província ao abrigo de uma repentina invasão, que a ficar a antiga demarcação conduzia logo desde as primeiras incursões o inimigo no coração da provincia. Pela actual divisão, sem piorarmos a situação dos nossos vizinhos quanto á sua defesa, melhoramos a nossa para no caso de sermos atacados.

D. Manuel Jozé Garcia, que tem aqui residido, ha alguns annos, na qualidade (não ostensiva) de agente de Buenos-Aires, vai partir ainda antes de Figueiredo para aquella cidade e levará ja esta noticia, que não póde deixar de melhorar muito a situação das nossas relações commerciaes com todos aquelles povos.

O governo portuguez terá a gloria de haver sido o primeiro, que proclama e põe em pratica para com as demais nações principios de direito das gentes conformes aos de direito publico, que acaba de adoptar, e que fazem a baze do regime de todos os governos representativos.

Não tardará, que o nosso exemplo seja seguido pelos Estados Unidos da America septentrional, e mesmo pelo governo da Gran-Bretanha. Mas nós teremos a gloria de os haveremos prevenido, sem que por grande antecipação se nos possa exprobrar, que nos tenhamos accelerado.

Adeus, meu digno e respeitavel amigo etc.

## CARTA 19.<sup>a</sup>

Meu amigo e senhor.

Posto que seja grande a confiança, que me inspiram as qualidades pessoaes do conselheiro João Rodrigues Pereira d'Almeida, reflectindo eu na complicação que lhe resulta da commissão de emprestimo, de que vai encarregado, das poucas relações que tem em Portugal, donde sahio nos principios da mocidade; e emfim que a sua profissão lhe não dá todo o accesso, que é preciso, junto ás pessoas hoje influentes nos negocios publicos, lembrei-me de propôr a el-rei para ir especialmente incumbido de importante negocio de se informar e nos informar das disposições das côrtes relativamente á categoria em que se propoem receber a Sua Magestade, ao desembargador do paço João Severiano Maciel da Costa, não somente em razão da sua grande capacidade para quaesquer negocios da mais relevante importancia, mas porque está em

relações de amizade com os principaes deputados das côrtes, e tem entre todos elles e no publico em geral a mais bem merecida reputação de liberalismo, mas de um liberalismo fundado em principios de moderação e de solida doutrina.

Sua Magestade, que faz d'aquelle magistrado um elevado conceito, e se achava ainda magoado do desgosto, que nos primeiros momentos d'esta revolução se lhe havia causado, ficou extremamente satisfeito com esta minha lembrança, sobre tudo accrescentando eu que no caso de ella merecer a approvação de Sua Magestade João Severiano partiria com o apparente objecto de ir, como na verdade, nomeado enviado extraordinario e ministro plenipotenciario junto á Santa Sé, por ser isso tanto uma satisfação a que este tinha todo o direito pelo, ha pouco, mencionado desgosto, como porque em Roma se precisava de um ministro do pulso de João Severiano; sendo Pedro de Mello Breyner muito proprio para ir concluir em Napoles o comecado negocio do casamento do senhor infante D. Miguel com a princeza filha de Sua Alteza Real o duque de Calabria.

Obtida assim a approvação de Sua Magestade, ordenei as instrucções, em que expuz a João Severiano, como precedentemente disse, o fizera a João Rodrigues e a frei Francisco de S. Luiz a necessidade em que Sua Magestade se achava de saber antes de entrar em Portugal, que sem a menor hesitação nem intervallo continuaria a exercer n'aquelle reino e consequentemente em toda a monarchia as mais favoraveis attribuições da realleza, como até agora, salva a modificação que tem adoptado, e se conhece ser o voto geral da nação, de que para a confecção das leis, e particularmente para a imposição e percepção dos tributos para emprego dos dinheiros publicos Sua Magestade seja assistida e admitta como parte integrante do poder legislativo o congresso nacional de deputados nomeados pelos povos e compondo o congresso nacional na fórmula e maneira que pela constituição, a que se está procedendo, houver de ser definitivamente, mas não sem o concurso de Sua Magestade, estabelecido e decretado ; pois que nada ha por

onde Sua Magestade se ache esbulhado do poder legislativo, que distingue o rei chefe de uma monarchia do presidente, do stathouder, ou como aliás se lhe queira chamar, chefe de uma republica antes os povos, cuja vontade as côrtes contemplam expressa nas procurações dos seus deputados muito explicitamente lhes impõe a obrigação de manter a Sua Magestade o Senhor D. João Sexto na dignidade, em que a revolução o achou, de rei d'estes reinos para o fim de se manter illesa a categoria de um governo monarchico com a só differença de agora lhe accrescer a qualidade de representativo pelo concurso, mas não pelo exclusivo do congresso no exercicio do poder legislativo.

No caso de acontecer, como eu muito receio, que nas bases da futura constituição a que, pelas noticias que por ora temos, se estava procedendo, como um necessario preliminar ao trabalho da mesma constituição as côrtes mostrarem, como eu muito receio, opiniões oppostas a estes incontestaveis principios, incumbo eu ao conselheiro João Severiano de empregar todos os recursos do seu zêlo e da sua muita habilidade e doutrina de convencer aquelles deputados, que no seu e meu conceito são capazes de admittir conselho de razão dos incalculaveis males, que da adopção de tão funestos erros até provados pela recente experiencia da França, da Hollanda, das republicas da Italia, e de presente pela da Espanha e de Napoles, se devem seguir.

Porém que a não ser possivel conseguir, que se assente em principios compativeis com os direitos de que nem a Sua Magestade é licito desistir, nem jámais existio na nação portugueza a intenção de alterar, deverá elle conselheiro partir, podendo ser, immediatamente ao nosso encontro para as ilhas dos Açores, mandando antes e ao mesmo tempo por differentes vias competentes informações do que houver passado, assim á do Faial como á Terceira, afim de que, chegando ali, Sua Magestade receba desde logo as noticias, que no tempo couber expedir, e que lhe possam servir de ulterior governo.

Ainda que segundo os calculos precedentemente

feitos, parece, que entre a nossa partida e a do conselheiro João Severiano não haverá bastante intervallo para tudo quanto elle vai incumbido de fazer, o negocio é tão importante, que ainda quando Sua Magestade devesse fazer uma arribada, afim de dar tempo a chegarem as informações que por elle ou pelo conselheiro João Rodrigues devemos receber, eu sou de parecer, que cumprirá fazel-a antes que aventurar-se a entrar em Lisboa em irremediavel menos cabo da sua dignidade.

Mas eu lisongeio-me de que se poderá ainda espaçar a partida: e por ventura darão os acontecimentos lugar a mudar-se inteiramente o plano, convencendo-se Sua Magestade bem como Sua Alteza Real de que a felicidade da monarchia exige, que a séde d'ella continue a residir áquem dos mares na fôrma e pelas razões, que nas minhas precedentes memorias tenho expellido.

Do que o tempo fôr descobrindo darei noticia a V. S., porque cumpre, para segurança do meu bom nome e para illustração da historia, que eu vá fazendo no seio da amizade o deposito da facil narração dos successos, em que a sorte quiz, que eu seja parte; e de que é justo, que a posteridade seja por mim mesmo, sem prevenção de amor ou odio, escriptulosamente informada.

Adeus, meu respeitavel amigo etc.

## CARTA 20.<sup>a</sup>

Meu amigo e senhor.

Cahio de todo o véo, que de algum modo cobria os designios dos promotores publicos e occultos da revolução de 26 de Fevereiro.

A resolução, que Sua Magestade tomou de regressar com a sua côrte para Portugal, desarmou a cabala, que mediante novos tumultos e pela creação do conselho d'estado que exigiam se compuzesse das pessoas, cuja relação communiquei a V. S. na minha carta de..., procurava



obrigar Sua Magestade a dar aquelle ou aliás outro algum ainda mais funesto passo.

Como porém as delongas no preparativo que a decretada viagem, postoque nascidas unicamente da falta de meios, e de não haver no ministerio quem efficazmente se applicasse a removel-as, impacientemente aos chefes d'aquelle turbulento partido fazendo-lhes até mesmo suspeitar, que da parte do governo de Sua Magestade havia em tudo isto proposito deliberado afim de se ganhar tempo, e com elle se penetrarem os seus projectos, e se frustrarem suas maquinações por meio da remoção dos seus principaes coriphêos, inflammaram a natural actividade de Sua Alteza Real, que encontrou nos cofres do visconde do Rio-Seco todos os subsidios, que precisos fôsem para se ultimar a obra da sahida de Sua Magestade d'este reino, como passo essencialmente preciso para a revolução do Brazil receber todo o desenvolvimento, que os seus autores começavam a receiar-se lhe estorvasse.

E tão forte é o receio, que sobre isso manifestam, que não contentes com o rapido progresso que os preparativos da esquadra vão fazendo depois de assim soccorridos com todos os meios pecuniarios, que precisos forem, não falta quem espalhe pelo publico, como para sondar as verdadeiras intenções do governo, que este só espera pela definitiva promptificação da esquadra para declarar, que o bem da monarchia exige, que Sua Magestade continue ainda a residir n'esta parte dos seus estados, tomando a deliberação de delegar em seu filho o principe real a importante commissão de o ir representar como seu logar-tenente nas côrtes de Lisboa.

Estes boatos, industriosamente espalhados pelo publico, não são tanto destinados a inquietar os animos das differentes classes do povo, que bem pelo contrario anhela por vêr adoptada similhante medida: o seu objecto, além de ser o já mencionado de descobrirem as verdadeiras intenções do governo, é de excitarem na divisação portugueza um fatal descontentamento; pois lhe fazem acreditar, que, ficando aqui el-rei, se lhes prolonga indefinidamente a sua estada no Brazil, e já V. S. sabe, que este foi o principal movel, com que se abalou o animo

à tropa para entrar na revolução de 26 de Fevereiro, por se lhe persuadir que o ministerio de então, deferindo adherir á revolução de Portugal, nada menos intentava do que cortar todas as relações com aquelle reino e portanto ás tropas da divisão todas as esperanças de a elle tão cedo e por ventura jámais poderem regressar.

Na verdade não se pôde fazer idéa do effeito, que estes boatos e as suggestões manejadas em segredo têm produzido não só nos animos rudes dos soldados, mas tambem e com maior vehemencia ainda nos da officialidade, que já pela natural impaciencia de reverem suas familias, já pelas esperanças, que as noticias da revolução de Portugal lhes tem feito, de verem melhorada no seu regresso áquelle reino a sua sorte em consequencia da despedida de grande numero de officiaes estrangeiros, que occupavam os postos mais importantes do exercito, já não conhecem barreiras ao seu soffrimento, e estam dispostos a tentar tudo quanto se lhes aconselhe para sahirem d'este para elles tão violento quanto prolongado presidio.

E' certo, que nem Sua Magestade nem nenhum dos seus ministros retarda actualmente a realisação da decretada partida. Mas nem por isso afianço, que os chefes do partido revolucionario desistam de promover uma nova commoção, afim de melhor assegurar e mesmo precipitarem a partida de Sua Magestade.

E ha de V. S. acreditar, que toda a nobreza, tudo quanto é gente do paço arde de impaciencia de voltar a Portugal? Sabem todos, que n'aquelle reino rebentou uma revolução mais violenta de quantas lhe têm precedido na Europa contra as classes privilegiadas do clero e nobreza: e n'esta com especialidade se faz tiro aos que, na phrase já trilhada em quantos discursos nos tem chegado das côrtes, se denominam aulicos. E são estes aulicos os que até estigmatizam como traidores ao rei e a nação as pessoas que elles suppõem opporem-se ao regresso de Sua Magestade para Portugal.—Infelizes ! Quem não conhece a sorte que os lá espera !

Adeus, meu digno amigo etc.

CARTA 21.<sup>a</sup>

Meu amigo e senhor.

Eu não sei, si foi por effeito do sincero desejo, que tem todo este povo (geralmente falando, pois em tudo ha excepção) de que Sua Magestade não verifique, ao menos por ora, a trasladação da sua côrte para a Europa, ou si foi por manobra do partido, que mais deseja, que Sua Magestade parta quanto antes e parece receiar, que o ministerio se dispõe a ceder ao desejo do povo, o certo é, que tanto a camara d'esta cidade como o corpo do commercio acabam de levar á presença de Sua Magestade as mais instantes e energicas representações, supplicando-lhe haja por bem differir, e si possivel fôsse, retractar a tomada resolução do seu regresso para Portugal.

Si foi espontaneo movimento dos povos, será este um eterno monumento de bom espirito e sensatez, de que elles se acham animados. E si foi obra do partido revolucionario para obter por uma parte a declaração do governo de Sua Magestade e mesmo para o forçar a dal-a qual elles a desejam, esporeando por este modo a impaciencia dos cortezaos e da tropa, podem desde já felicitar-se de haverem conseguido o seu intento.

A resposta de Sua Magestade áquellas expressões de amor dos seus vassallos foi tal qual V. S. póde imaginar. Sem se fixar a época da partida, mostrou-se a necessidade, em que Sua Magestade estava para bem geral dos seus estados em um e outro mundo de fazer este novo sacrificio das suas paternaes affeições, separando-se de vassallos que tão caros lhe deviam ser até pelo recente testemunho, que acabava de receber do seu filial affecto.

Pareceria, que com esta tão positiva declaração deveriam acalmar os furores da ambição. Mas nas 24 horas que têm decorrido, e durante as quaes sou informado com frequencia do que se passa nos quarteis, nos cafés e nas lojas dos mercadores da rua Direita e Quitanda (os quaes logares são hoje o theatro da mais

desenfreada liberdade de falar) observo, que bem longe de os espiritos se aquietarem vão entrando em uma effervescencia tanto mais difficil de reprimir quanto são desvairados os motivos, que cada um tem para viver em penoso desassocego incerto da fortuna, que o espera na nova ordem de cousas, que pela retirada de Sua Magestade se vai estabelecer n'este tão bello quanto malfadado paiz.

Todos antevêm, em grosso, que nada do que hoje existe se pôde conservar. Mas quaes serão as mudanças, que se preparam? Quaes serão as victimas das reformas? E serão estas para bem ou para maior desventura do estado?

Eis aqui as perguntas, que cada um se faz a si mesmo, e que fazem todos uns aos outros.

Deus guarde etc.

## CARTA 22.ª

Mea amigo e senhor.

Frustrada a primeira tentativa, que o partido da independencia havia feito para se apoderar do manejo dos negocios, mediante o conselho governativo que logo depois do dia 26 do mez passado exigiam, que Sua Magestade creasse, approvando outrosim as nomeações que na mesma proposta se continham das pessoas escolhidas pelo mesmo partido, e cujos coripheus talvez occupavam n'ella os mais distinctos logares; não tem cessado os rebates de novas commoções, com que de dias a dias se ameaça o governo, sem se declarar qual seja o verdadeiro intuito dos homens turbulentos, que ou como instigadores, ou como instrumentos, parecem dispostos a lançar mão de todos os meios, para conseguirem os seus ambiciosos fins.

De balde se tem dado á policia ordens e instrucções para surprender em suas tramas os autores d'aquelles tenebrosos planos. Os principaes agentes da policia são

entrados na geral conspiração, e Sua Magestade decidido a retirar-se, julga conveniente não fazer alteração no pessoal dos publicos empregados.

Avisado o governo de que dentro em tres dias re-bentaria um novo tumulto, para o qual os conhecidos agentes do partido andavam publicamente solicitando a tropa portugueza, tem sido este um dos mais urgentes assumptos das deliberações dos ministros de Sua Magestade desde domingo, que com toda certeza constou não só d'aquellas diligencias, mas dos rapidos progressos que o espirito de desordem ia já fazendo assim na tropa de linha como nas milicias da cidade quasi toda composta, como V. S. sabe, de caixeiros de commercio, pela maior parte europeós.

Obrigado a dar o meu parecer, nenhum outro me occorreu mais prompto nem mais efficaç, do que entregar aos proprios autores da desordem a manutenção da publica tranquillidade. Propuz pois, que Sua Alteza o principe real fizesse convocar toda a officialidade de primeira e segunda linha, e que referindo-lhes os rumores, que haviam chegado ao conhecimento de Sua Magestade lhes ponderasse quanto elles eram injuriosos á conhecida lealdade do exercito ; terminando por exigir de todos e de cada um a sua palavra de honra de como não fariam movimento algum, que não fôsse conforme aos principios de lealdade, que todos professavam, e unicamente em virtude de ordens que lhes fôsem transmittidas pela via regular da secretaria de estado.

Sua Alteza Real, não obstante ter tratado de falsos aquelles boatos, não se roubou a dar este passo, em que todos concordaram, mais por condescenderem com uma proposta contra a qual nada se offerecia, do que por se convencerem do effeito, que eu della esperava. Elles não viam n'este expediente mais do que uma scena theatral. Eu pretendia ligar por este modo as mãos aos agentes de differentes ordens, para que nenhum pudesse depois desculpar-se com o ordinario—não cuidei.

O certo é, que se passaram os dias criticos, e cessaram (por ora) os assustadores boatos de perturbação da publica tranquillidade. E ninguem duvida ter tido para



isso grande parte o protesto de fidelidade, que remetto incluso, o qual os officiaes, convocados por Sua Alteza Real, puzeram nas suas mãos, para subir a presença de Sua Magestade, pedindo-lhe licença para o fazerem publico por meio da imprensa.

Mas qual era o intuito dos maquinadores d'esta nova desordem? me perguntará V. S. Accelerar a sahida de Sua Magestade, alvo principal dos desejos de um punhado de ambiciosos e não menos cegos Europeôs, excitados por astutos, mas enfim não menos cegos Brasileiros, que deslumbrados com a lisongeira vista da sua futura independencia, consideram a sahida do governo de Sua Magestade como primeiro indispensavel passo para chegarem áquelle seu desejado fim: bem certo (e n'isso certamente menos errados que os nossos malfadados compatriotas) de que o dominio europêo pouco tempo ha de sobreviver no Brazil á sahida do fundador da sua elevação a cathegoria de reino, passo este que o vulgo considerou como uma insignificante formalidade, mas que os politicos encararam desde logo como um acto de emancipação tanto mais formal, quanto era certo que por esta declaração se fazia constar oficialmente um facto aliás incontestavel, a saber, que o Brazil se achava governado, havia sete annos, pelas suas proprias leis e por um throno n'elle residente, e que nada carecia, para continuar a ser respeitado pelas potencias do mundo, da sua união com Portugal. Tal era o discurso dos Brasileiros em 1816: e o decreto da elevação do Brazil á cathegoria de reino, não sendo mais nada do que uma solemne proclamação d'aquellas verdades, de tal modo confirmou os animos na crença d'ellas, que lhes tornou impossivel o reflectirem, que o que era verdade em 1816 e continuaria a sel-o, si o governo, que n'aquella epocha existia em todo o seu vigor, tivesse aproveitado ao menos esses preciosos momentos, que desde então decorreram, para pôr este paiz ao abrigo da influencia, que era de esperar exercesse n'elle a catastrophe, que todos os homens de razão e experiencia estavam predizendo, que se achava imminente em Portugal.

Deus guarde etc.

CARTA 23.<sup>a</sup>

Meu amigo e senhor.

Estam chegando a todos os momentos e a todas as pessoas do governo denuncias vagas quanto ao tempo e modo, porém muito positivas quanto ao facto de que se prepara a arrebendar dentro em poucos dias um novo tumulto com o motivo ou pretexto de que, achando-se concluidos os preparos para a partida da côrte, nada consta das providencias, que Sua Magestade deixa, que assegurem a tranquillidade d'este continente e nem mesmo a d'esta cidade, que visivelmente se conhece estar como aterrada e receiosa das maiores calamidades, vendo-se a ponto de ficar entregue ao governo de um joven principe revestido, sim, de grandes e mesmo extraordinarias qualidades, mas destituido d'aquella experiencia que unicamente o pôde preservar da surpresa dos malevolos. Esta falta pôde ser supprida pela escolha de bons ministros, e pelo acerto das instrucções, a que todos até agora se tem lisongeado, que el-rei antes da sua sahida, e mesmo com muito anticipada publicação, houvesse de proceder. Constando porém que as instrucções já consignadas no diploma, que confere ao principe real a regencia d'este reino, lhe conferem uma quasi illimitada autoridade, ao mesmo tempo que se sabe não se ter ainda cogitado da nomeação de ministros; e pelo teor mesmo das instrucções se deprehende, que do arbitrio de Sua Alteza Real fica dependente despedir esses que lhe fôrem dados por seu pai, nomeando em vez d'elles talvez alguns dos muitos depravados, que o rodeiam, e que mais de uma vez têm surprehendido a sua inexperta boa fé; não pôde o governo deixar de acreditar como provavel o boato, que as denuncias mesmo assim de um modo vago fazem chegar ao seu conhecimento.

A policia em vez de dar ao ministerio noções mais positivas, que confirmem ou desmintam esses boatos, e que, descobrindo o fio da conspiração, indiquem o modo de a

atalhar, não só se limita a dar parte de como recebe diariamente milhares de avisos tão vagos como os que chegam directamente ao governo, mas interrogada sobre as pessoas por que elles lhe tem vindo, refere-se a pasquins e cartas anonimas, não mostrando d'estas sinão pouquissimas em numero, e além de extremamente vagas, singularmente couformes em estilo e construcção.

Esta ultima observação junta ao conluio nimiamente conhecido entre a alta policia e o poderoso partido, que anheia pela sahida da côrte, não me deixa a menor duvida de que se quer e se ha de produzir nova assuada para obrigar el-rei a accelerar a sua partida, de que até se chega a desconfiar; pois que não sô os preparativos se têm feito com extrema morosidade e visivel intimo desejo de que possam servir tanto para el-rei e a sua côrte, como para Sua Alteza Real e as pessoas de quem o governo se quizer desfazer, segundo ao ministerio parecer mais conveniente seguir um ou outro d'estes dous partidos.

N'estes termos julguei ser de minha obrigação o exigir, que Sua Magestade, convocando os seus ministros, fizesse deliberar na sua presença e na do principe real sobre o assumpto, que a meu vêr é hoje o da mais alta importancia. El-rei, depois de ouvir as minhas reflexões, deu-me ordem para que amanha em despacho, em que todos temos de concorrer, eu exponha a crise, em que se acha esta côrte, e aponte o expediente, que me parecer o mais proprio para se atalharem as consequencias de um tumulto, que póde ser tanto mais funesto quanto são detestados os ambiciosos factores da revolução, que desde 26 de Fevereiro têm desorganizado todo o systema da subordinação militar, absolutamente aniquilado o respeito das classes inferiores da sociedade, sem exeptuar os mesmos escravos para com os seus superiores, até e muito particularmente para com a magestade do throno.

Darei parte do que se passar, porque ainda preciso de fazer hoje certas averiguações para poder fixar as minhas ideas sobre o expediente, que convem tomar em tão emmaranhada confusão de opiniões e de interesses.

CARTA 24.<sup>a</sup>

Meu amigo e senhor.

Todas as minhas diligencias para o fim de penetrar até a origem do assustador boato do novo tumulto, que se diz ameaçar-nos, me conduziram á plena convicção de que elle deriva de pessoas, sem cujo concurso tal tumulto se não poderá verificar. Era portanto necessario manietal-os, para que não levem avante o seu damnado projecto; e como este tem por alvo o constranger el-rei a effectuar a sua partida, que elles até começam a receiar se não realise, era preciso paralisar o jogo da intriga até que Sua Magestade ponha em execução a sua partida, ou algum outro expediente que lhe permitta a continuar aqui a sua residencia, sem estar diariamente exposto a similhantes sobresaltos.

Para conseguir este fim propuz em conselho, que Sua Magestade mandasse convocaros eleitoraes de comarca, que já se acham n'esta côrte, esperando pelos que faltam para procederem á eleição dos deputados para as côrtes geraes do reinounido, e juntos elles debaixo da presidencia do ministro e secretario de estado dos negocios do reino fazer-lhes este a exposição textual e do espirito das instrucções e poderes com que Sua Magestade ha sido proposto pela seu ministerio deixar munido ao príncipe real, como regente d'este reino do Brazil, indicando ao mesmo tempo as pessoas que tem de ficar a seu lado como secretarios do governo; accrescentando por fim que Sua Magestade, desejoso de em tudo proceder na maneira a mais conveniente á geral utilidade dos seus povos, ha por bem ouvir o parecer dos mesmos eleitores antes de sancionar aquellas instrucções.

Este passo, além de satisfazer a impaciencia do publico, dando por m.sio dos eleitores ao facto das instrucções e da effectiva nomeação do ministerio da regencia, aquella publicidade que é compativel com a dignidade real, córta aos malevolos o pretexto de que já começam a servir-se,

dizendo que em materia de interesse de todos, e longe da fonte das providencias soberanas, as instrucções devem ser feitas com conhecimento dos povos, uma vez que pelo simples facto da convocação das côrtes do reino, e por todas as proclamações dos regeneradores se acha proclamada a soberania do povo. El-rei, sem autorisar nem conceder este principio, faz de proprio moto o que sempre se fez, e que sem se poder allegar com o assenso áquella maxima, satisfaz a quanto no presente caso os mal intencionados podem pretender; pois que eis-ahi ouvidos os povos pelo unico modo por que o podem ser, que é pela voz de homens que os mesmos povos já indicaram como os mais dignos de sua confiança. Accresce, que acontece serem os eleitores, que aqui se acham, das pessoas mais capazes que se poderiam desejar.

Esta minha proposta não encontrou plena approvação do ministro dos negocios do reino, que desde logo se recusou a comparecer em pessoa na junta dos eleitores, mas afinal conveio em expedir as ordens para elles se ajuntarem debaixo da presidencia do ouvidor da comarca, a quem elle transmittiria cópia das instrucções destinadas á Sua Alteza Real para as fazer presentes em junta. Eu protestei immediatamente contra esta alteração do meu plano em ponto, que no meu entender era dos mais essenciaes, pois que a presença d'elle ministro era absolutamente indispensavel, tanto para aclarar as duvidas que na discussão era natural que occorressem, como para dirigir a mesma discussão a um fim conveniente e proprio a compadecer a tranquillisação dos animos com a dignidade da corôa.

Não posso escurecer, que estou com grande receio de que no resto da execução se venha a malogar o que bem executado nos parecia conduzir a resultados ainda mais vantajosos do que os que ficam apontados. Entretanto já será grande vantagem o fixar a opinião publica sobre as verdadeiras intenções de Sua Magestade, e o fehar-se a porta á intervenção do povo em tumulto, admittindo-se a conselho estas pessoas de sua confiança, e que por felicidade se fazem credores da do governo.



CARTA 25.<sup>a</sup>

Meu amigo e senhor.

Si hontem lhe escrevi, que receiava vêr malogrado o meu plano pelo modo da sua execução, hoje sou obrigado a augurar o seu inteiro transtorno pelos preparativos, que a perversidade de uns e a ineptia dos outros estão fazendo para a sua execução. Fui esta manhã informado de como debaixo da direcção do ouvidor da comarca se faziam subscrições para se construir na praça do commercio um trabalho e bancadas afim de se celebrar a junta dos eleitores em publico, bem que com uma sufficiente separação do povo, que a esta sessão quizer assistir, confesso a V. S., que estremeci, quando ouvi esta noticia, e até duvidei de acreditar-a emquanto me não constasse de modo muito authenticico.

Mandei portanto pedir ao ouvidor da comarca, que me viesse falar: e vindo (bastantemente tarde) soube d'elle ser verdadeira aquella ominosa noticia. Observei-lhe, que semelhante plano era diametralmente opposto ás intenções de Sua Magestade, cuja mente era de ouvir o parecer dos eleitores, não como eleitores, mas como pessoas que tinham a presumpção de gozarem da publica confiança; e que bem longe d'el-rei querer provocar um ajuntamento popular, era precisamente para tirar todo o pretexto de o haver, que Sua Magestade adoptára aquelle expediente. Que para desempenho d'estas vistas não era em publico, não era em um local tão exposto como a praça do commercio, que a junta se devia convocar; mas uma sala decente e retirada, como por exemplo a do consistorio de S. Francisco de Paula, onde era facil mandar pôr, como é pratica em muitos outros casos, uma guarda ou de honra ou de policia, que sem estrepito estorvasse não sómente a entrada (que em tal caso até a ninguem lembraria tentar), mas até os ajuntamentos do povo nas circumvizinhanças.

O ouvidor, affectando dar pouco valor aos meus receios, protestou-me, que estavam dadas todas as providencias para que tudo se haja de passar na melhor ordem; mas que de resto tudo o que se tinha feito era de acordo e por ordem da secretaria d'estado dos negocios do reino.

N'estes termos nada mais me restava do que passar a palacio a informar a el-rei de todo o succedido. Sua Magestade, a quem não tinham escapado os perigos de similhante convocação e deliberação em publico, concluiu com tudo, que era de sua ordem, que assim se executára por lhe terem certificado, que não resultaria dahi o menor inconveniente.

Eu protestei na real presença, que não respondia pelas consequências, tendo sido o meu projecto de convocar e ouvir os eleitores, como um meio de impedir tumultos populares, entretanto que por este modo o que se faz é provocal-os.— Mas quem não vê n'este passo a mesma mão, que fez rebentar a mina em 26 de Fevereiro e que receiosa de perder o fructo d'aquella explosão, se dispunha a emprender agora uma nova tentativa?

## CARTA 26.<sup>a</sup>

Meu amigo e senhor.

Os lamentaveis acontecimentos, que á noite passada tiveram lugar n'esta côrte, vão demonstrar a V. S. quanto eram bem fundados os receios, que na minha precedente carta referi a V. S. ter patenteado a el-rei em consequencia da absurda execução, que eu soubera do ouvidor da comarca, que se ia dar ao plano do conselho dos eleitores sobre as instrucções, que Sua Magestade se propunha de deixar a seu filho para lhe servirem de governo na regencia d'este reino.

Com effeito não se tendo dado nenhum peso ás minhas observações, não sómente se proseguio todo o dia de hontem em fazer na praça do commercio arranjos para o povo poder assistir á conferencia dos eleitores,

mas até se assegurou aos chefes do partido o direito de ali irem dictar a lei, annuindo o dito ouvidor (não sei, si de moto proprio, ou com superior consentimento) a que se abrisse uma subscrição para as despesas d'aquellas accommodações.

Achando-se estas promptas, pelo fim da tarde de hontem fui avisado como no meio de um immenso concurso de todas as classes inferiores da sociedade, se haviam reunido os eleitores, e que se estava começando a leitura das regias instrucções, depois de se ter lido um aviso do ministro e secretario de estado dos negocios do reino concebido pouco mais ou menos nos termos que no conselho dos ministros presidido por Sua Magestade se havia decidido.

Não era passada meia hora, quando outra pessoa das varias, que eu, para estar ao facto do que fôsse succedendo, para ali tinha destacado, me trouxe a fatal noticia de que sem consentirem que se proseguisse na leitura das reaes instrucções, uma meia duzia de homens, quasi todos da ultima ralé, e todos elles conhecidos pela dissolução de costumes, a que deviam o serem tidos entre os seus ignaes como coripheos dos differentes partidos a que cada um d'elles pertencia, interromperam em altas vozerias o secretario, que fazia a leitura das ditas instrucções, de modo que já áquelle tempo não havia quem se entendesse na sala, chegando a ousadia de descompostura a ponto de saltarem por cima das barreiras, que separavam o povo dos eleitores, procurando cada qual um logar o mais elevado possivel, para fazer sobresahir as suas desatinadas voserias sobre as de todos os demais.

Bem que eu tivesse dado as ordens necessarias ao governador das armas para se multiplicarem as patrulhas, conservando-se a tropa nos seus quarteis promptas a acudir onde conviesse, afim de se assegurar a tranquillidade publica, comtudo, como era já noite e eu receiava, que aquelles demagogos tivessem disposto os animos não só dos seus adherentes do povo, mas até mesmo da tropa e sobretudo de entre a officialidade, dos quaes alguns me eram mui bem conhecidos, mandei chamar o governador das armas da côrte e depois de saber d'elle

como estavam dadas todas as providencias de maneira que nada havia a receiar do ajuntamento do povo fóra da praça do commercio, quer nas suas immedições, quer em distancia, e que quanto aos officiaes suspeitos elle os tinha paralisado, chamando ao seu quartel, onde se achavam, debaixo de varios pretextos de serviço os que se podiam considerar como molas reaes e indispensaveis de qualquer empreza, mandei propor aos meus collegas o reunirmo-nos no paço para deliberarmos segundo o que fôsse occorrendo, e esperarmos ali a volta de Sua Magestade, que na fôrma do seu costume tinha ido pela tarde á real quinta da Bellavista em São-Christovão.

Ao mesmo tempo que os soldados de ordens voltavam com a resposta de que o ministro dos negocios do reino já tinha partido para São-Christovão, e que o de marinha se dispunha ao mesmo por lhe haver chegado aviso de Sua Magestade de como ali nos esperava, recebi eu igual aviso, e juntamente a noticia de como da praça do commercio se dirigia ao paço uma deputação mandada pelos eleitores para supplicarem a Sua Magestade se dignasse fazer varias alterações nas instrucções destinadas para Sua Alteza Real; mas nenhuma das pessoas que me trouxeram esta noticia tinha podido colligir quaes fôsem as alterações pedidas. Tal era a desordem e confusão, em que ellas haviam sido propostas, discutidas, e umas regeitadas, outras adoptadas pelos eleitores!

Entretanto era evidente, que o secretario no meio d'esta tumultuosa discussão tinha redigido, ou pelo menos copiado a proposta, que a deputação ia propor a Sua Magestade e portanto encarreguei de ir saber d'elle com exactidão pessoa que para isso se me offereceu. E com effeito em breve tempo voltou trazendo-me em resposta, que dous eram os objectos, que a deputação ia encarregada de pedir a Sua Magestade. 1º. Que emquanto as côrtes de Portugal não concluíssem o trabalho da constituição da monarchia, o Brazil se governasse pela constituição actual da Espanha. 2º. Que além do ministerio, que Sua Magestade houvesse por bem nomear, Sua Alteza Real fôsse assistido de um conselho nomeado pelos eleitores, que reunidos estavam, e que ficariam a esse

fim em sessão permanente, esperando a confirmação de Sua Magestade.

Com esta informação parto immediatamente para São-Christovão, para onde outro sim se me deu entretanto aviso, que a deputação se poria a caminho, pois que, tendo se dirigido aos paços da cidade, houvera ali noticia de que Sua Magestade resolvêra ficar essa noite na sua real quinta da Bella-Vista.

Apressei-me portanto em prevenir a sua chegada, tanto para evitar a el-rei a surpresa, que naturalmente lhe havia de causar similhante proposta, mas para se poder deliberar sobre a resposta, que Sua Magestade deveria dar á deputação.

Quando cheguei a São-Christovão, ja la encontrei os dous ministros do reino e da marinha e ja aquelle tinha informado a el-rei, tanto do que se tinha passado na praça do commercio, como da proposta que em conclusão os cleitores mandavam pela sua deputação submeter a alta consideração de Sua Magestade. El-rei ouvindo isto, mandou chamar a Sua Alteza Real para assistir na forma do costume á deliberação, a que queria se procedesse na sua real presença afim de se assentar na resposta que decisivamente se deveria dar á deputação para de um golpe cortar o fio da desordem, que ja se conhecia, posto que tarde, achar-se organizada polo facto da inconsiderada sessão publica dos eleitores, que em vez de uma simples reunião de homens leaes, que Sua Magestade houvera por bem ouvir, se achava convertida em uma assemblea de representantes não já do povo d'esta côrte e comarca, mas de todo o Brazil.

Concordou-se em que era precisa tanta maior consideração no partido, que Sua Magestade tinha de tomar, quanto eram concordes as pessoas, que eu, o ministro dos negocios do reino e mesmo el-rei tinhamos mandado assistir á sessão para nos virem successivamente informar do que ali se passasse, eram todos conforme em que tres distinctos partidos se tinham feito vêr pelo órgão dos seus furibundos oradores, durante a sessão, e tanto pelo conhecimento que o governo tinha das relações d'aquelles individuos, como do que os emissarios referiam dos seus



discursos, era manifesto, que todos tres tinham grandes ramificações no povo e na tropa.

A' vista de todas estas considerações, e depois de cada um dos presentes dizer a sua opinião, conclui eu recopilando o que por uma e outra parte se havia dito, que si bem eu concordava com o parecer, em que todos estavam conformes, de Sua Magestade annuir á proposta dos electores, era o meu voto, que se accrescentasse ás clausulas de que Sua Alteza Real ficaria governando este reino na qualidade de regente e na conformidade da actual constituição politica da Espaha, n'aquella parte em que ella pôde ter aqui applicação, durante o intervallo que as côrtes de Lisbôa precisarem até á promulgação da constituição da monarchia portugueza; e que emquanto ao conselho, que deveria ficar assistindo a Sua Alteza Real. Sua Magestade se reservava manifestar a sua real decisão, quando lhe fôsse presente a escolha, que os electores fizessem das pessoas, que o deviam compôr.

D'estas clausulas só foi approvada a segunda. Quanto á primeira, sim concordaram todos, que era fundada em razão; mas lembrados da opposição que similhante clausula experimentára no dia 26 de Fevereiro, e já referi a V. S., quando lhe escrevi sobre os acontecimentos d'aquelle dia, assentou-se em que a accessão de Sua Magestade a esta parte da proposta da deputação fôsse pura e simples.

Eu disse acima, que durante a tumultuaria vozeria dos demagogos, que na praça do commercio se haviam convertido de espectadores em oradores, se tinham manifestado tres bem distinctos partidos: convém, que eu aqui os signale para intelligencia não sómente do presente e do passado, mas porque estou certo, que da luta entre elles se devem ainda seguir temerosas commoções para o futuro.

A generalidade tanto de Europeus como de Brasileiros, costumados ao governo patriarchal de Sua Magestade, encaram com o maior susto o que se vai a seguir de um principe, revestido sim de grandes qualidades, mas sem experiencia, e que todos receiam vêr cercado de homens violentos, e o que sobretudo horrorisa aos Brasileiros e Europeus, conhecidos pela depravação de seus costumes e pela sua aversão á causa do Brazil.

Estes são os que na impossibilidade de excogitarem outro freio ao despotismo europeu, que receiam, se lembraram da adopção da actual constituição política da Espanha, e da nomeação immediata do conselho que deve ficar junto ao príncipe real.

Em opposição a estes, um certo numero de pessoas, que têm tratado de perto o conde dos Arcos, e na massa do povo, um não pequeno numero que se não póde deshabituar de o chamar pelo seu nome de dom Marcos, por uma saudosa reminiscencia do seu governo, fazem causa commum com os que, conhecendo no príncipe real as grandes qualidades da parcimonia sem avareza, severidade sem fereza, e firmeza de character fundada em docilidade sem subjeição, esperam, que bons ministros, bons conselheiros e a pratica dos negocios farão renascer no Brazil, debaixo do seu governo, a idade de ouro, como se explica o conde, que todos sabem ser a pessoa, com cuja conversação, depois de seu mestre frei Antonio da Arrabida, Sua Alteza tem adquirido mais conhecimentos.

Este partido cifra as suas pretensões em que Sua Magestade, retirando-se para Portugal, deixe a Sua Alteza Real e ao seu ministro plena autoridade para fazerem, segundo as circumstancias, tudo o que entenderem ser a bem dos interesses d'este reino com respeito aos interesses geraes da monarquia.

O terceiro partido, tão inimigo do conde dos Arcos como de todo o nome brasileiro, foi, ao que referiam os emissarios, o que causou maior confusão na assembléa dos eleitores. Não se tendo ajustado em proposta alguma para evitarem a influencia, que receiam tanto do conde, como dos naturaes do paiz, logo que daqui sahiam os esteios do partido europeu, cada um dos fogosos oradores da que elles denominam causa publica, começou a desvairar em descompostas diatribes, e em projectos uns mais absurdos do que os outros.

Afinal a expressão emblematica de *constituição politica da Espanha* e a nomeação dos ministros do futuro conselho, em que cada um dos tres partidos se lisongeava de conseguir a superioridade, reuniram todos os votos e todos por aclamação concordaram no que propriamente (si

me não engano) já vinha ajustado entre os oradores do primeiro partido e uma boa parte dos mesmos eleitores.

Emquanto a deputação não chegava, Sua Alteza Real justamente receoso de que apoz ella se não abalancasse a vir como em cortejo, mas que seria na realidade uma assuada, aquella parte do povo, que em semelhantes casos se costuma pôr em movimento e que ás mais das vezes passa a excessos, que a não terem sido prevenidos, é depois impossivel atalhar, tinha mandado ordem ao batalhão de caçadores n. 3 e a um dos parques d'artilharia para se virem postar em torno do palacio da Boa-Vista, destacando outro corpo avançado para a entrada da cidade junto ao campo de Sant'Anna.

Felizmente esta prudente cautela não foi precisa, porque a deputação se apresentou pela volta das 10 horas nos paços da real quinta, com toda a decencia, e sem apparencia alguma de que isso tivesse excitado o menor alvoroço na cidade: para o que certamente não podem deixar de ter contribuido as acertadas medidas, que tomou o governador das armas, cujo incansavel zelo durante toda aquella noite o fez quasi simultaneamente presente já n'um já n'outro ponto da cidade; mas sobre tudo nas vizinhanças da praça do commercio, nos quarteis dos batalhões de primeira e segunda linha (que tambem esta para maior segurança se mandou estar reunida á primeira voz) e emfim no seu proprio quartel, onde com mui prevista cautela retinha como em refens ora uns ora outros dos principaes motores da força armada.

El-rei com aquelle tacto de dignidade, que V. S. lhe conhece, sem dar á audiencia, que pela deputação lhe era pedida, maior consideração que a competente a simples particulares, sahio a uma das salas da sua habitação, (que como V. S. sabe são distantes da do throno) acompanhado do principe real e dos camaristas que ali se achavam na antecamara. Nós outros secretarios de estado ficamos no gabinete, esperando que Sua Magestade regressando nos ordenasse o que á vista da effectiva proposta entendesse ser mais do serviço do estado.

Com effeito a proposta era concebida pouco mais ou menos no estilo, que se nos tinha informado; e a substancia

das falas dos deputados, que tomaram a palavra, exprimia o que ha pouco expuz a V. S. dos receios do primeiro dos tres partidos, que dividem este povo.

Mandando Sua Magestade que novamente dicesse cada um de nós o que afinal entendia sobre a materia, eu, que no intervallo tinha mandado buscar um exemplar da actual constituição politica da Espanha, ponderei, que constando ella de um grande numero de titulos, que não podiam ter applicação nenhuma á regencia, que Sua Alteza Real ficava exercendo no Brazil, seria até mesmo irrisorio, que no decreto pelo qual Sua Magestade havia por bem annuir ao pedido da assembléa dos eleitores se mencionasse em toda a sua generalidade a constituição espanhola : entretanto que pelo contrario nada havia de mais decente e nem de mais conforme á pratica de todas as nações do que mandar o governo pôr em pratica como legislação subsidiaria algumas leis de outros paizes, quando motivos justificados, como seria no presente caso a urgencia do tempo, não permitem proceder-se a uma legislação expressa.

Foi novamente repellida esta minha instancia ; e dizendo eu que ao menos conviria, que immediatamente depois d'este decreto geral sahisse outro, em que se especificassem os titulos ou artigos da constituição espanhola que era da real intenção de Sua Magestade ficassem servindo como parte integrante das instrucções, por que Sua Alteza Real se devia governar no exercicio da regencia, que lhe era commettida, resolveu el-rei, que isso fôsse assumpto de ulterior deliberação, devendo-nos por ora limitar á adopção pura e simples da constituição espanhola.

N'esta conformidade pois de pleno assenso de Sua Alteza Real se lavrou o decreto, de que remetto um exemplar impresso ; pois que para se satisfazer á impaciencia dos chefes de partido entenderam as autoridades, a quem isso competia, que deviam fazel-o imprimir hontem á noite mesmo, posto que poucas horas faltassem para nascer o sol.

Entretanto como a deliberação no gabinete de Sua Magestade e o tempo preciso para a deputação chegar de

volta á praça do commercio, fizesse nascer nos animos inquietos dos demagogos receios de que o governo, em vez de annuir áquellas propostas, procedesse a medidas de facto para castigar a ousadia dos seus procedimentos, commetteram o excesso de exigir dos eleitores, que deputassem e estes cahiram na fraqueza de deputarem com effeito dous officiaes generaes, que fôsem intimar aos governadores das fortalezas da barra ordem para não deixarem sahir embarcação alguma, enquanto pelo novo governo, que se instalar, lhes não fosse mandado o contrario.

A noticia d'este desaccordado acto da mais formal rebellião, foi acompanhado da de outros menos individuaes de semelhantes actos governativos propostos pelos furiosos demagogos, que, si bem não tivessem até aquelle momento recebido a sancção dos eleitores. era de receiar a obtivessem.

Era por conseguinte forçoso, que o governo tomasse algum expediente para pôr termo áquella desordem. cujas progressos se podiam tanto menos calcular, quanto com a manha do seguinte dia toda a população d'esta cidade necessariamente passará a tomar parte nos acontecimentos, que em razão das trevas da noite se achavam limitados a um moderado numero de agentes.

O primeiro voto foi de fazer marchar sobre a praça do commercio todas as forças disponiveis, salvo as que cumpria colocar em certos pontos da cidade e fazer circular em patrullhas pelas ruas d'ella, afim de se acautelar qualquer disturbio enquanto se faziam sahir da praça do commercio e recolherem-se ás suas casas tanto os eleitores, como o numeroso concurso que n'ella se achava.

Bem que este plano parecesse o unico conforme á dignidade do governo, demonstrei no desenvolvimento da opposição, que me arrojé a fazer (não sem grande risco pessoal) aquella opinião unanime do conselho, que nem este era o unico expediente, nem a experiencia das commoções populares consentia, que se fizesse marchar tropa contra homens congregados, ao entender da massa geral do povo, em favor de seus direitos ; porque nem é possivel em taes casos conter o furor da tropa, sempre indisposta



contra o povo em massa, e todos os desastres, que em taes casos acontecem, são considerados como outros tantos actos de barbaro despotismo do governo contra a nação.

A's quaes razões geraes accrescia n'este caso terem sido os eleitores congregados por ordem do governo para dizerem franca e livremente sobre o assumpto, que lhes era proposto. Que si cedeu no facto de expedir ordem ás fortalezas da barra aos furores dos demagogos, devia-se attribuir ao terror, que estes lhes inspiravam, terror que, sendo má desculpa para um individuo, deve merecer toda a contemplação, quando se trata de uma assembléa, onde ninguem pôde responder da debilidade dos outros, e logo que um grande numero se acha possuido de terror, é da natureza humana o communicar-se ainda áquelles mesmos que abandonados a si sós ostentariam uma coragem superior a qualquer perigo. Conclui pois, que eu me obrigava a fazer sahir da praça os eleitores, sem resistencia da sua parte, nem disturbio da multidão, fazendo unicamente cercar, mas em consideravel distancia, as avenidas da praça do commercio para inspirar terror aos perturbadores, assegurar aos eleitores a sua retirada e apprehender aquelles dos demagogos, que por mais conhecidos era quasi impossivel que escapassem.

Tive grande desgosto de vêr regeitado este meu plano: e então beijando a mão a el-rei, lhe declarei mui positivamente, que n'esta occasião, mais ainda do que em todas as precedentes em que solicitei da sua real benevolencia a minha demissão, a haveria por uma essencial mercê, pois que eu jámais daria ordem á tropa para marchar sobre a praça do commercio. Sua Magestade já extremamente commovido com a serie de extraordinarios acontecimentos, que sem interrupção se tinham succedido no decurso d'aquella longa e desastrosa noite, respondeu-me, que fizesse eu o que entendesse, mas que elle não me dava a demissão.

Com esta resposta parti a toda a brida para a cidade, e fazendo chamar o governador das armas, lhe ordenei, que da parte de Sua Magestade passasse á praça do commercio e intimasse aos eleitores, que dessem immediatamente por finda a sessão, sob pena de se exporem a si e ao povo, que

enquanto elles se achassem congregados naturalmente ali se havia de conservar, aos effeitos das medidas rigorosas que o governo já não podia por mais tempo deixar de empregar contra um ajuntamento, que havia degenerado em assuada. Ao mesmo tempo lhe communiquei o plano, que acima deixo exposto, para facilitar aos eleitores a sua retirada : impedir que se augmentasse o concurso de gente na praça do commercio e suas immedições, e apprehender os demagogos que successivamente se fôsses apresentando á boca de qualquer das tres ruas que dão sahida á dita praça ; fazendo remover da banda do mar todos os barcos que lhes poderiam offerecer os meios de escaparem, e pondo em alguma distancia dous ou tres escaleres de vigia.

Aquelle general, depois de dar execução áquellas d'entre estas disposições que exigiam maior promptidão, passou com effeito á assembléa dos eleitores e tendo exposto o que lhe fôra ordenado, obteve em resposta do ouvidor presidente, que a assembléa tendo procedido logo que recebêra o real consentimento ás propostas que elle levára á sua real presença a nomeação dos membros do conselho que devia ficar assistindo ao principe regente, logo que terminasse este trabalho, o que seria obra de meia hora, dirigiria uma nova deputação á Sua Magestade para submetter á sua approvação a lista dos conselheiros nomeados: o que concluido, se dissolveria sem ulterior demora.

Quando o governador das armas se encaminhava para minha casa a dar-me parte d'este resultado, já encontrou varios corpos, que marchavam de seus quarteis a reunirem-se na praça do Rocio.

Não podendo eu á vista d'isto duvidar, que depois da minha sahida de São-Christovão se tinham expedido ordens para que, reunidas as tropas no Rocio, marchassem, como no conselho se havia resolvido, sobre a praça do commercio, ordenei ao governador das armas, que passando primeiro que tudo ao Rocio examinasse com que ordem e debaixo de cujo commando se achavam as tropas da guarnição em movimento ; que qualquer que fôsse a autoridade, donde aquellas ordens emanassem, ou a

patente que as commandasse, lhes dêsse a voz d'el-rei para que d'aquelle ponto se não movessem enquanto elle governador não voltasse de São-Christovão, para onde immediatamente partiria a participar a Sua Magestade o que observára na praça do commercio, afim de Sua Magestade me determinar o que com pleno conhecimento de causa entendesse ser mais do seu real serviço.

Dada esta providencia e achando-se aquelle general em caminho para São-Christovão, constou-me pelos emissarios, que eu tinha na praça do commercio, que as eleições dos poucos membros do conselho d'estado, que faltavam, se estavam fazendo com bastante socego, e maior celeridade em consequencia da mensagem de Sua Magestade. Mas os que eu mandára observar os movimentos das tropas vieram-me avisar, que ellas pareciam dispostas a pôem-se em marcha para a praça do commercio sem esperarem pela volta do governador das armas. Assustado com esta noticia, fui-me immediatamente postar na boca de uma das ruas do Rocio, por ende naturalmente deveriam desfilar alguns dos corpos, para o fim de me oppôr por todos os modos que estivessem ao meu alcance, a que elles se puzessem em marcha, antes de me chegarem as ultimas ordens de Sua Magestade.

Não tardou muito tempo, que não chegasse de volta o governador das armas, dando-me a triste noticia que não só trazia ordem para a tropa avançar, mas que um dos corpos que independentemente d'elle devia seguir a direcção da rua da Alfandega ou da do Alecrim, já ia marchando sobre a praça do commercio; e accrescentou, que elle, em cumprimento das ordens que recebêra, marchava igualmente com a columna do seu commando na intenção de prevenir quanto estivesse em seu poder os desastres, que eram de receiar, combinando quanto lhe fôsse possível as ordens que trazia de São-Christovão com o plano, que eu precedentemente lhe tinha communicado.

A' vista de uma tal desorganisação, em que officiaes generaes tomavam sobre si a responsabilidade de semelhante passo sem para isso terem recebido ordens pelo competente canal da secretaria de estado, dei-me eu por demittido, e n'essa mente me retirei sem fazer ulterior

reflexão ao governador das armas, para minha casa, na verdade bem precisado de descanso, mas na impossibilidade de o conseguir emquanto me não constasse do resultado d'aquelle tão fatal procedimento. Chegando á casa, soube pelos meus emissarios, que a maior parte dos eleitores, terminadas as eleições do conselho d'estado, se tinham já retirado, quando na praça soou a voz de que as tropas marchavam para aquelle ponto, e que os poucos que ainda ali tinham ficado, procuravam retirar-se; mas que encontravam já grande difficuldade por se acharem obstruidas pela multidão as poucas saídas, que ha da praça para a rua Direita.

Quando se me davam estas noticias em parte tristes, mas em parte consoladoras, sobresaltou-me uma forte descarga, que immediatamente foi seguida de outra e outra, vindo o som de todas ellas do mesmo ponto que pela distancia julguei ser da praça do commercio.

Cum effeito poucos momentos depois chegou um dos meus soldados de ordens, que encerrado na praça pela multidão que a ella se refugiára, conseguiu abrir-se caminho ao momento da primeira descarga, que segundo os indícios que elle me pôde dar, reconheci ser da vanguarda da columna commandada pelo governador das armas, que marchára pela direita, e que para aterrar de aquella descarga para o ar, e por ventura com polvora seca, porque, apesar de se achar n'aquelle ponto apinhada grande multidão e ser dada a descarga á queima roupa, não houve ninguém ferido.

Não aconteceu assim com a columna do centro, que achando fechada a porta da praça e recusando-se a abri-la ás pessoas que dentro d'ella se tinham refugiado, a arrombaram, e immediatamente fizeram duas descargas, com que varreram quanto dentro se achava, ficando morto um dos eleitores, que pela sua muita idade não tinha podido romper pela multidão para se retirar ao mesmo tempo que os outros seus collegas. Tanto estes que em mui pequeno numero ainda ali se achavam, ou a conversar espalhados pela sala, ou concluindo alguns misteres dos empregos que durante a sessão haviam exercido, como foi o que servira de secretario, estava junto da mesa

ajuntando os papeis que eram a seu cargo ; estas e outras pessoas felizmente pouco numerosas, umas tinham-se lançado pelas janellas que deitam para o mar ; outras pelas lateraes, esperando escapar á irrupção da columna, que procurava forçar a porta ; mas os que, arrombada esta, ainda se achavam na sala, foram quasi todos mal feridos.

Com esta fatal noticia, parto para São-Christovão na firme tenção de dar a minha demissão apenas se lavrasse o decreto explicativo do que na noite precedente havia estabelecido com nimia generalidade toda a constituição espanhola como regra do governo de Sua Alteza Real no Brazil. Inclusa remetto a V. S. uma cópia d'aquelle decreto explicativo, que eu levava prompto para sub-metter á approvação de Sua Magestade.

Quando cheguei a São-Christovão, seriam oito horas, ainda el-rei se achava recolhido ; mas pelo que ouvi ao numeroso concurso de pessoas, que já ali se achava, conclui, que estava decidida a victoria do segundo dos tres partidos de que acima fiz menção, e que el-rei não só não receberia a deputação, que os eleitores, concluida a eleição dos conselheiros de estado, havia expedido com a listas d'elles a Sua Magestade, mas até já circulava pelas salas do paço um rascunho do decreto revogando o da vespera.

Com effeito logo que Sua Magestade sahio do seu quarto, conheci estar resolvido a adoptar esta linha de conducta, e tão decididamente, que nem os ministros fômos admittidos a conselho, nem Sua Magestade, pedindo-lhe eu a mercê de me ouvir por alguns momentos, julgou conveniente o annuir, respondendo-me que á noite, á hora do costume, me esperava antes do despacho.

A minha tenção não era, como V. S. pôde bem suppor, o apoiar a escolha dos conselheiros feita pelos eleitores, e que V. S. conhecerá da cópia, que tambem remetto inclusa, da lista que me mostrou o orador da deputação, quando esta manhan cheguei a São-Christovão e ali os encontrei.

Mas nunca eu poderia convir em que Sua Magestade retractasse como extorquido por força um acto, que lhe fôra



requerido mui respeitosamente por uma assembléa convocada de sua ordem, para que, ouvidas as instrucções destinadas para Sua Alteza Real, representasse o que sobre ellas julgasse, que convinha ao bem commum d'este reino e de acôrdo com os interesses geraes da monarchia: um acto tanto mais livremente concedido, quanto era certo, que toda a força armada se achava á disposição do governo de Sua Magestade, e que nenhuma commoção se podia receiar do povo no caso d'el-rei se recusar a adoptar aquella proposta; pois que todo o povo da cidade se achava em socego, e apenas havia um punhado de individuos tão covardes quanto desatinados, que em voserias evaporavam o louco enthusiasmo, que á força de bebidas espirituosas procuravam alimentar.

Com o emprego de menos força e com menos apparato do que aquelle, com que se carregou sobre a praça ás cinco horas da manhan, teria o governo dispersado ás onze da noite quanto na praça se achava, si consultando outras razões de prudencia, o mesmo governo não tivesse entendido, que convinha annuir áquella proposta. Mas nem a decencia nem a verdade consentem, que se casse pela manhan, como extorquido por força ou por engano, ou que em contemplação a razões d'estado, o governo, senhor da força armada e sabendo então o que agora sabe, julgou na vespera conveniente conceder, e concedeu com effeito a quem nenhuma força tinha disponível para o extorquir, quando se lhe recusasse, nem allegando razões que então parecessem verdadeiras e hoje sómente se conhece serem falsas.

A minha opinião pois seria manter o governo a sua dignidade, explicando, como ficára ajustado, o verdadeiro sentido do decreto de hontem; nomeando Sua Magestade um conselho de estado composto de pessoas dignas da sua real confiança e apoiada pela abonação da opinião publica; e mandar proceder a uma devassa regular sobre os excessos commettidos hontem dentro e fóra da praça do commercio relativamente ao objecto sobre que a assembléa se achava praticando.

Como porém se quiz de proposito estorvar todo o accesso do ministerio a Sua Magestade, para que ficasse

ao partido vencedor o campo livre, reservo para esta noite o desonerar-me de um emprego, onde vejo, que nenhuma proporção existe entre o pouco bem, que posso fazer, e os infinitos males, que não está ao meu alcance o impedir.

Deus guarde a V. S. etc.

### CARTA 27.<sup>a</sup>

Meu amigo e senhor.

E' esta a segunda vez, depois do malfadado dia 26 de Fevereiro, que, demittindo-me do emprego a que el-rei me elevou n'aquella occasião, me vejo obrigado por considerações de publico interesse a ceder á repugnancia, que teve Sua Magestade em convir n'aquella minha mui seria e positiva resolução.

Na fórma do que hontem participei a V. S. fui a São-Christovão pelas oito horas da noite, afim de ter com el-rei uma entrevista, que não fôsse interrompida, e na qual me propuz patentear-lhe primeiro que tudo as ideias que tambem na minha carta de hontem expendi a V. S. sobre o partido, que se tomou de annullar o decreto de ante-hontem sobre a responsabilidade, que em mim recahia aos olhos do publico pela morte e ferimentos, que resultaram das descargas da tropa na praça do commercio ; pois que se deve suppor, que a tropa não obraria sinão em virtude de ordens regularmente emanadas de Sua Magestade e transmittidas aos commandantes da força armada pelo ministerio dos negocios da guerra. Donde eu concluia, que, não me tendo sido possivel desforçar-me nem de uma nem de outra imputação, me não restava nenhum outro expediente sinão o de me demittir desde logo d'aquelle ministerio.

El-rei, depois de me ouvir com a mais benigna attenção, dignou-se de entrar em uma exposição admiravelmente bem deduzida das causas, que lhe tornavam impossivel no

meio do desenfreamento dos partidos e da insubordinação da tropa o exercicio livre das suas soberanas attribuições, que rematou com as seguintes palavras — « Portanto é necessario, que chegando nós á Europa constem á nação os meus constantes desejos de contribuir, quanto em mim cabe, para a prosperidade dos meus vassallos, e os extraordinarios esforços, que tenho feito, sobretudo n'estes ultimos tempos, para manter unidos debaixo de uma só lei todos os dominios da minha real corôa, que não sem grande magua vejo caminharem precipitadamente a uma total dissolução. E' preciso acautelar esta desgraça, e é preciso, que se faça saber á nação portugueza e ao mundo inteiro, que, si tal acontecer, foi pelo inevitavel encadeamento dos successos, e não por falta de eu dar aquellas providencias, que estavam ao meu alcance. Ora para isto preciso do vosso sorviço : e por consequente de nenhum modo convenho na vossa demissão. »

Bem longe de combater os principios, que Sua Magestade acabava de expôr da maneira a mais luminosa, procurei deduzir d'elles a necessidade de não acompanhar a Sua Magestade na qualidade de seu ministro de estado, bem que já dali lhe pedia a mercê de me permittir, que eu regressasse na esquadra para Portugal.

Eu não posso conceber, respondi eu, como o governo de Sua Magestade, chegando á Lisboa, ha de satisfazer á natural impaciencia do congresso e da nação, quando perguntem pelo estado em que fica o Brazil; quaes sejam as providencias, que Vossa Magestade deixou apoz de si para manter este tão importante quanto vasto paiz na união com a séde da monarchia, que Vossa Magestade, sahindo d'elle, torna a assentar na sua antiga séde. Pela minha parte protesto, que me cubro de pejo, quando considero, que serei obrigado a responder, que o governo de Vossa Magestade abandonou este paiz sem saber cousa alguma do estado, em que elle fica relativamente á crise em que se acha toda a monarchia; e que, devendo inferir pelo que consta da Bahia e Pernambuco, que o resto das provincias ou se acham já em anarchia, ou sacudiram debaixo de varios pretextos a obediencia assim ao governo de Vossa Magestade em Lisboa, como ao de seu filho no Rio de Janeiro, Vossa

Magestade e os seus ministros, abandonando-as á sua sorte, só curaram dos meios de fazer tranquillo e feliz regresso para Portugal.

A esta minha vehemente observação acudio Sua Magestade — E por ventura demittindo-vos do ministerio, evitais essa responsabilidade? Não recae ella sobre o tempo passado, pois que em tres ou quatro dias está decidido, que nos faremos á vela?

Sem duvida, repliquei eu, mas Vossa Magestade sabe, e com Vossa Magestade posso attestar ao mundo inteiro, que nem eu fui de voto, que Vossa Magestade regressasse para a Europa, nem depois que fui vencido pela unanimidade de todos os mais ministros se cuidou em outra cousa sinão em realisar quanto antes a partida; e tendo eu mais de uma vez começado a tocar as idéas, que n'este momento acabava de expender, fui sempre atalhado com a reflexão de que era assumpto sobre que Vossa Magestade já tinha decidido, e que portanto só se devia cuidar em se apromptar a esquadra dentro do mais curto prazo. Por onde, si jámais se me tinha consentido dizer a minha opinião, ficava resalvada pela minha parte toda a responsabilidade.

Mas não sendo possivel depois de decidido o meu regresso para Portugal, disse el-rei, deixar elle de se verificar, que expediente podieis vós propôr para evitar, que o governo incorresse na censura, que ha pouco apontaveis de haver abandonado o Brazil?

Eu teria proposto, que a esquadra, em vez de seguir para Lisbôa, arribasse á Bahia; que Vossa Magestade dali não sómente procurasse as informações, que só d'aquelle ponto pôde conseguir do estado das provincias do norte, mas dêsse tanto para aquellas como para as do sul e para as centraes as providencias, que Vossa Magestade mesmo reconhece ser-lhe impossivel o dar no meio da desordem a que todos os ramos da administração publica se acham reduzidos n'esta côrte.

« Pois bem, tornou Sua Magestade, nada obsta a que, depois de feitos á vela, eu dê ordem ao commandante, em chefe da esquadra para que arribemos á Bahia. Desde já approvo a vossa idéa, e vos ordeno, que, guardando sobre

esta minha resolução o mais completo segredo, até o momento da sua execução, cogiteis sobre o desenvolvimento das providencias, que julgardes dever-me propôr chegando á Bahia ».

Assim eis-me aqui manietado pelo meu proprio facto; porque si bem duvido muito, que tal arribada se verifique, e mais ainda que, verificada ella, não encontre eu na divergencia das opiniões, que tão conhecidas me são de ha tanto tempo, uma opposição, que torne absolutamente inutil este expediente, como posso eu insistir em minha demissão, quando el-rei concorda em um projecto, que suppõe a minha continuação no ministerio?

Além d'isso quando mesmo a arribada se não verifique, ou quando verificando-se se não siga o meu voto quanto ás providencias, que dali entendo Sua Magestade deve dar, tarta maior força terão as instancias, com que decididamente me desonerarei de um emprego, onde nenhum serviço posso fazer ao estado, e terei ao menos preenchido completamente os deveres, que me impõe a responsabilidade do meu cargo.

Deus guarde a V. S. etc.

## CARTA 28.<sup>a</sup>

Meu amigo e senhor.

Como o motivo de eu dirigir a V. S. esta e precedentes cartas é de confiar como deposito no seio da amizade a narração pura e singela dos factos, que unicamente pudesse justificar aos olhos do publico o bom nome, que eu sobretudo ambiciono me haja de sobreviver, não espero para o calamitoso desfecho d'esta nossa viagem fatal para referir á V. S. o resultado (que eu bem receiava) do projecto de arribada á Bahia, que na minha ultima carta escripta do Rio de Janeiro participei a V. S. ter merecido a real approvação.



Na manhã do terceiro dia de viagem mandou-me el-rei chamar á sua camara, e perguntou-me, si me não parecia ser já tempo d'elle ordenar ao commandante da esquadra, que arribassemos á Bahia. Respondi, que não só era já tempo, mas que até eu entendia, que nos tínhamos amarrado de mais, tendo de se verificar aquella arribada, e que assim não havia um momento a perder.

Sua Magestade, reflectindo que a regularidade pedia, que antes de dar aquella ordem ao conde de Vianna, tratasse com o ministro da marinha, que, como V. S. sabe, também vai n'esta não, mandou-me, que o chamasse para communicar o em que se tinha assentado.

Chegado aquelle ministro, ordenou-me el-rei, que fizesse eu a exposição de quanto no Rio de Janeiro tinha tido a honra de ponderar a Sua Magestade : o que fiz com toda aquella clareza e individuação, de que sou capaz. Depois do que lhe perguntou Sua Magestade o que pensava áquelle respeito. Elle, com a inteireza propria de seu character, não hesitou em declarar, que elle era de diferente parecer ; porque Sua Magestade corria perigo de não ser recebido ou de ser mal recebido pelos Bahianos.

Respondi não ser isso provavel, attentas as pessoas de que o governo se compunha : a conhecida doçura de character d'aquelle povo, os muitos Europeus, que ali se achavam, e emfim que não indo Sua Magestade sinão a despedir-se dos seus vassallos brazileiros, que primeiro o haviam hospedado n'esta porte dos seus estados, isto não podia deixar de os encher de summa satisfação.

A isto replicou aquelle ministro, que a ser assim, recrescia o perigo de que não deixassem sahir Sua Magestade ou pelo menos obrigar-o a consideravel demora, com o que se consumiriam os viveres a bordo da esquadra, e se tornaria impossivel seguir derrota por falta de meios para comprar outros.

Ao perigo da opposição respondi, que já se tinha visto no Rio quanto era infundado tal receio, e que na Bahia militavam as mesmas e ainda mais fortes razões para o desvanecerem ; que emquanto aos viveres nem elles faltavam na Bahia, nem quem os fiasse ainda a comprador menos seguro do que o brio da nação portugueza.

Não se convencendo d'esta razões, cifrou-se o dito ministro em dizer, que não era de minha opinião. N'estes termos Sua Magestade, não querendo por si resolver a questão, ordenou-me, que fizesse exposição das razões por uma e outra parte aos marquezes de Palmella e de Penalva, que vinham juntos em uma das fragatas da esquadra e ao ministro Ignacio da Costa Quintella, bem como ao ex-ministro Thomaz Antonio de Villanova Portugal, que vinham em outra, afim de que elles dessem o seu parecer.

Assim o cumpri, e juntas achará V. S. as respostas que elles deram, conformando-se commigo unicamente o marquez de Palmella quanto aos fundamentos do meu parecer; mas differindo quanto ao logar da arribada...(\*)

.....\.....

---

(\*) Faltava o resto d'esta carta.

# DOCUMENTOS

## ANNEXOS A ESTAS CARTAS

---

### DOCUMENTO N. 1

NOTICIA DA REVOLUÇÃO DO RIO DE JANEIRO

#### AVISO AO MINISTERIO

Segundo as noticias, que achei em casa, e dadas por diversas pessoas, a revolução, que se prepara, parece ser uma repetição da scena da de 26 de Fevereiro, feita inteiramente pela tropa auxiliadora de mistura com os paisanos da rua da Quitanda ; produzida mui principalmente pelo descontentamento em que estam aquelles militares, vendo demorada a publicação da promoção feita pelo supremo governo provisorio de Portugal, na qual eram contemplados muitos dos officiaes, que servem na mencionada divisão auxiliadora.

Tambem se sabe, que os despachos do Valente e do Avelino foram extremamente desagradaveis á tropa de Portugal, que os regeitou de seu seio. Sabe-se igualmente o fim da premeditada revolução, que é fazer nomear uma junta provisoria de administração junto á pessoa d'el-rei, e que deverá ficar junto ao principe. Esta idéa, que já lembrou, quem sabe, si será excitada agora pelas noticias de Montevidéu ?

A' vista d'isto fica duvidoso, pelas noticias que levei e achei, qual seja a causa e os agentes da revolução, que se teme, e porque sejam diversos os remedios, que se hajam de applicar, de tal modo que os que convêm a uma não podem sarar a outra.

Sou de parecer: 1.º Que sem perda de tempo se possa verificar por meio de espias intelligentes e escolhidos aquella certeza que puder haver da disposição da revolta. 2.º Que seja discreta e finamente observada a qualidade dos seus agentes, isto é, si são Europeus ou do Brazil. 3.º Que o principe, depois de saber isto, confira com V. S. e com o padre-mestre do modo por que o ha de referir e fazer saber a seu pai. 4.º Que, depois de ter tudo disposto, o participe a Sua Magestade, sendo conveniente que os dois ministros Quintella e Silvestre Pinheiro sejam chamados a conselho.

N'elle convem, que o principe relate o que souber, e se offereça, si o caso assim o pedir, para ir em pessoa, na mesma sexta-feira da paixão, aos quarteis falar não só com os chefes e officiaes, mas até com os soldados, e dizer lhes, com aquella franqueza que tantas vezes desarma conspiradores, ou se poem da parte que convem; que sabendo que alguns perversos tornam a perturbar a tranquillidade, debaixo de differentes pretextos, mais ou menos plausiveis, para apoiarem com a força armada projectos malignos, que só podem destruir o corpo moral da nação, que está passando por uma violenta crise, elle vai em pessoa lembrar-lhes o juramento, que deram, de não dar ouvidos ás machinações de homens mal intencionados e de fazer causa commum com elles em beneficio do socego publico e do decoro de seu pai. E que constando-lhe que se pretendia insinuar-lhes, que haviam embaraços para se publicar a promoção, em que muitos d'elles estão comprehendidos, elle de boamente prescindia do particular obsequio, que lhe havia feito seu pai de querer, que elle em seu proprio nome a publicasse, para desde já a fazer constar em presença e no real nome de Sua Magestade, designando o dia que se souber ser o destinado para o motim para n'elle, e á frente da tropa a lêr, e distribuindo pela sua propria mão as medalhas (ou dando os

diplomas, caso de as não haver), que pela junta do supremo governo do reino de Portugal foram concedidas aos militares, que servem na divisão auxiliadora.

Tendo-se o principe bemquistado com esta acção e com o mais em que se assentar, sou de voto, que tire á sorte seis ou oito dos officiaes d'aquella divisão para os nomear seus ajudantes de ordens, e que no sabbado appareçam as nomeações dos ministros, que houverem de ficar e dos conselheiros e outras pessoas empregadas. Si o Palmeirim se pudesse contentar com outra cousa, que não fôsse o governo das armas, talvez conviesse mais preencher-se as indicações; porque pessoa com quem acabo de falar me diz, que elle foi abocanhado de venal; e então poderia ir para o governo das armas José de Oliveira Barbosa, que tem grande popularidade.

Conservando assim o principe, ou reivindicando a influencia que tinha e ia perdendo da tropa de Portugal, que é o primeiro ponto e o mais essencial, no caso da revolução ser da mesma natureza da outra, e bemquistando-se com os Brasileiros por uma escolha de homens dignos para o seu conselho, em que tambem deve entrar alguém da tropa de Portugal, seria conveniente impôr com firmeza e resolução aos da rua da Quitanda, que pelo seu genio turbulento, pelo seu pequeno numero, pelos seus poucos cabedlaes e até pela posição de mercadores, rudes e ignorantes nas materias de administração, não devem ter voz, nem são homens com quem se entenda ou trate negocio politico.

Eu seria até de opinião, que se fizesse uma proclamação aos d'esse arruamento, lembrando-lhes os males que as fermentações de um igual bairro, o Faubourg Saint Antoine em Pariz, tinha causado a toda aquella grande capital, e que o governo forte com as suas boas intenções e apoiado com os braços de homens, que tantas vezes tinham exposto suas vidas para vantagem da tranquillidade da patria, observava com toda attenção os mais pequenos symptomas do espirito vertiginoso, que desinquieta muitos dos seus moradores para fazer n'elles um exemplo, que atalhasse por uma vez as desordens, que tanto prejudicam ao bem publico da nação, que é o objecto mais importante do monarca.



## DOCUMENTO N. 2

OFFICIO DE 5 DE MARÇO DE 1821, DE SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA AO GENERAL DAS ARMAS CARLOS FREDERICO BERNARDO DE CANTO.

Tendo el-rei, nosso senhor, dado immediatamente a V.S. as suas reaes ordens para fazer conduzir debaixo de prisão ao logar, em que se acham os dous desembargadores do paço Luiz José de Carvalho e Mello e João Severiano Maciel da Costa; ordena-me encarregue hoje a V.S., em proseguimento d'aquella primeira incumbencia, faça constante aos mesmos presos, que, tendo sido aquella medida unicamente tendente á segurança de suas pessoas, que na policia constou acharem-se ameaçadas, e poderem ser accommettidas antes que a força publica podesse acudir em seu soccorro; Sua Magestade lhes não recusára a necessaria permissão para se retirarem d'esta côrte para qualquer parte da Europa pelo tempo que entenderem, afim de que, desvanecidas as apprehensões existentes, possam voltar, quando a sua presença não haja de comprometter a publica tranquillidade.

E como para fazerem as disposições para a sua partida lhes cumprirá falar com suas esposas, V. S. dará ordem para que isso lhes seja permittido; e mesmo em veneração dos sentimentos paternaes levarem ellas em sua companhia os seus filhos: tudo isto porém com aquella discrição e moderação que são de esperar da pessoa, que V. S. escolher para a execução d'estas ordens.

Deus guarde a V. S.

Paço 5 de Março de 1821.

*Silvestre Pinheiro Ferreira.*

Sr. general das armas Carlos Frederico Bernardo do Canto.

DOCUMENTO N. 3

OFFICIO DE 7 DE MARÇO DE 1821, DE LUIZ JOSÉ DE CARVALHO E MELLO A SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA.

Illm. e Exm. Sr.

Quando ainda não tinba socegado do alvoroço, que me causaram as expressões da polida e generosa carta de V. Ex., que recebi esta manhã, já tenho de agradecer novas graças e favores dimanados da augusta e generosa beneficencia de Sua Magestade por intervenção de V. Ex., e torno a pedir-lhe o favor e obsequio de beijar a mão ao mesmo Senhor por tão assignaladas mercês, e pelo ditoso e feliz successo da Serenissima princeza real, tão fausto á monarchia portugueza.

Devendo participar a V. Ex. os meus vencimentos, segundo me determina, tenho a dizer, que venço 1:600\$ de ordenado do desembargo do paço, além dos emolumentos que se repartem e que chegam a 400\$000 ; 400\$ de ordenado de juiz relator do conselho supremo; e pela junta do commercio, o que é a V. Ex. contante. Pela alfandega só 40\$ de ordenado, chegando os emolumentos a 4:800\$, pagos pelas partes, porque é officio, que tenho de propriedade. Referi tudo por satisfazer ao que V. Ex. me determina, mas contento-me com o que Sua Magestade e V. Ex. houverem por bem. Tenho assentado ir para Inglaterra com a minha familia, e trata-se de procurar embarcação. Lembro a V. Ex., que o officio d'alfandega deve ter serventuario, a cujo cargo pôde ficar e dar-me porção do que receber.

Deus guarde a V. Ex.

Rio 7 de Março de 1821.

Illm. e Exm. Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira.

*Luiz José de Carvalho e Mello.*

Fortaleza de Santa-Cruz.

## DOCUMENTO N. 4

OFFICIO DE 7 DE MARÇO DE 1821, DE JOÃO SEVERIANO MACIEL DA COSTA A SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA.

Illm. e Exm. Sr.

Recebo n'este instante a participação, que V. Ex. me fez a honra de dirigir, de que el rei, nosso senhor, houve por bem annuir graciosamente ás minhas supplicas, accrescentando a tanta mercê a para mim inapreciavel da licença para esta minha ausencia, a qual salva aos olhos da nação e da Europa a minha honra, unico thesouro que possuo, e para cuja acquisição tenho tanto e tão constantemente trabalhado.

As lagrimas me impedem, Exm. Sr., de escrever encarecimentos da minha humilde e muito respeitosa gratidão por tão assignalada bondade de Sua Magestade; e não me angustia pouco o não achar expressões com que signifique tão cabalmente como sinto, e consola-me, que V. Ex. suprirá o que eu não posso. Segue-se render tambem a V. Ex. graças pela sua officiosa e generosissima mediação, com a qual contei sempre firmissimamente, fazendo justiça a sua moral e character.

Não quero, que me escape o dar a V. Ex. a satisfação de fazer lhe saber, que a sua carta de hontem derramou no meu coração angustiado o balsamo consolador, de que elle precisava para não succumbir, porque sem duvida achar-me no fim da vida peor que no principio d'ella, e com infelizes a quem passasse minha desgraça, e com filhas donzellas, e pobre e desterrado, era preciso um esforço extraordinario para não perder a cabeça. Em fim, estou salvo. Oh! Deus!

Não posso já dizer o que me bastará para o meu transporte; minha mulher virá aqui amanha ou depois, e immediatamente darei conta de mim a V. Ex., depois de ajustar com ella.

Quanto aos meus vencimentos, tenho 1:600\$ do embargo do paço e mesa da consciencia, com 400\$ pouco

mais ou menos de emolumentos, e 300\$ de deputado e fiscal da junta da fazenda do arsenal do exerceito, e nada mais, e por isso tenho cousumido em dous annos e meio n'esta côrte os tristes e suadissimos residuos de dez annos de Caiena, esperando de dia em dia que Sua Magestade me desse a recompensa extraordinaria de meu serviço, que tão grandemente me prometteu em Santa-Cruz á minha chegada d'aquella conquista. Eis aqui o que venço e Sua Magestade mandará o que fôr servido.

Deus guarde a V. Ex. muitos annos.

Santa-Cruz 7 de Março de 1821.

Tenho a honra de ser, Illm. e Exm. Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira, de V. Ex. o mais reverente fiel e obrigado criado.

*João Severiano Maciel da Costa.*

## DOCUMENTO N. 5.

OFICIO DE 8 DE MARÇO DE 1821 DE JOÃO SEVERIANO  
MACIEL DA COSTA A SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA.

Illm. e Exm. Sr.

Recebi uma nova prova de bondade e efficacia de V. Ex. na promptidão, com que foram desfeitas as difficuldades de communicação com as nossas famílias e dou a V. Ex. os devidos agradecimentos. Espero de ainda ter muitos, que dar a V. Ex. na calamidade, em que me envolveu a mais atroz e sanguinosa vingança, que até achou uma policia de molde para levantar castellos e affectar alarmas.

Exm. Sr., será possivel, que Sua Magestade com tanta perspicacia e habito dos homens, não conheça a mão donde partem todas as calumnias contra mim? Eu mesmo tive a honra de a indicar, e o mesmo Augusto Senhor tem prodigiosa memoria.

V. Ex. deve ao seu coração e ao seu emprego decifrar o enredo, e salvar assim um pai de familia honrado, que a

ninguém cede em fidelidade a Sua Magestade ; e que contraste, Exm. Sr., proclamar-se como cousa nova entre nós—a segurança individual—e ser um cidadão honesto e tranquillo, um magistrado de primeira ordem, respeitado por sua constante probidade, arrancado dos braços de sua familia por uma escolta de cavallaria, no meio da noite preso e deportado sem crimes ? Não me opprime só o meu mal, mas o espanto que vai causar na Europa uma tal proscricção, e principalmente em França, onde sou conhecido.

Exm. Sr., V. Ex. pôde salvar-me. Si eu não tenho crimes, e Sua Magestade se dignou cohonestar minha ausencia com uma licença, pôde o mesmo Augusto Senhor acabar sua graça, empregando-me em algumas das côrtes como enviado, com tanto que não sejam Suecia, Dinamarca nem Russia, cujos terriveis climas acabariam meu debil corpo. V. Ex. tem na sua secretaria o meu inutil trabalho com o conde C. .... St. Cyr em Caiena em virtude das notas passadas entre o conselheiro Brito e o duque de Rechellieu, e verâ, que não sou totalmente desazado.

Eu me contento mesmo com a secretaria de Pariz ou Londres. Estar na graça e serviço de Sua Magestade é o ponto principal. Sei de certo, que a proposição de V. Ex. será acolhida por Sua Magestade, a quem tinha escripto para remetter a V. Ex. a carta, e depois mudei de opinião, e quero dever tudo a humanidade de V. Ex.; e não vejo nenhum outro meio de me salvar sinão este.

Eu estou em ir direito á Inglaterra, e deixar minha familia com seus parentes em Portugal, parecendo-me prudente não expor-me ao fanatismo de algum energumeno, e por consequencia é para Londres, que se devem dirigir as ordens para meu pagamento de ordenados. Sobre a ajuda de custo, que V. Ex., quer, que eu diga o que me será preciso para transportar-me, confesso o meu embarço. As ajudas de custo ordinarias medem-se pelos ordenados, o meu caso é extraordinario, e a tarifa pelo modo ordinario não chega para nada. Limito-me a dizer



a V. Ex., que, segundo me informam, cada individuo daqui para Inglaterra não é admittido por menos de duzentos a trezentos mil réis, e sou eu, minha mulher, minha filha, meu filho, um criado e uma creada; e á vista d'isto Sua Magestade resolverá como fôr de seu real agrado. Custa-me infinitamente a falar n'isto, mas a minha situação é penivel.

Deus guarde a V. Ex. muitos annos. Fortaleza de Santa-Cruz 8 de Março de 1821.

Sou de V. Ex., Illm. e Exm. Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira, o mais reverente fiel obrigado e criado.

*João Severiano Maciel da Costa.*

## DOCUMENTO N. 6

PROVIDENCIAS A BEM DO RESTABELECIMENTO DA TRAN-  
QUILLIDADE PUBLICA POR OCCASIÃO DA REVOLTA NO  
RIO DE JANEIRO EM 26 DE FEVEREIRO DE 1821.

Chegando ao meu real conhecimento, que homens preversos e amotinadores do publico socego, abusando do enthusiasmo, que em todas as classes de habitantes d'esta capital havia excitado o memoravel dia de 26 de Fevereiro proximo passado, e ainda vão suscitando por via de obscuras machinações odios populares contra varias pessoas, assignalando-se já como primeiras e immediatas victorias de seu desenfreado furor aos desembargadores do paço Luiz José de Carvalho e Mello, João Severiano Maciel da Costa, e ao almirante Rodrigo Pinto Guedes. Mas não sendo possivel averiguar na estreitesa de tempo, em que se denunciava dever-se executar tão horroroso attentado, quaes fossem os meios premeditados para por em execução, não sendo por isso possivel tomarem-se repentinamente as necessarias cautelas para com certeza prevenir um acontecimento, que por si só não podia deixar

de comprometter a publica tranquillidade, ainda quando se não achasse ligado a um mais vasto plano de assassinos: Houve por bem ordenar instantaneamente por meu real decreto de 3 do corrente mez, dirigido immediatamente ao general governador das armas da côrte e provincia, que fizesse pôr em custodia as tres acima mencionadas pessoas, afim de que, subtrahidas por esse modo a qualquer sinistro inopinado projecto de seus inimigos perturbadores do socego d'esta capital, se pudesse averiguar e acautelar pelas adequadas providencias, a que immediatamente fui servido mandar proceder, tanto as machinações contra a vida d'aquelles meus fieis vassallos, como contra a publica tranquillidade. Tendo-se porém conseguido descobrir e malograr as occultas tramas, com que ameaçavam as vidas dos cidadãos e a segurança do estado e não existindo mais o justo receio de que os tres mencionados detidos sejam inopinadamente atacados, antes que a força publica possa accudir em seu soccorro e prevenir as incalculaveis consequencias de um motim :

Sou servido de ordenar, que os referidos desembarcadores Luiz José de Carvalho e Mello e João Severiano Maciel da Costa bem como o almirante Rodrigo Pinto Guedes possam voltar para o seio das suas familias e entrar no exercicio de seus empregos, não tendo sido elles removidos por crime, erro, suspeita ou accusação alguma, porém sim e tam sómente por effeito d'aquella paternal e providente protecção, com que me cumpre acautelar pelos meios mais promptos e efficazes quanto de algum modo pode comprometter o publico socego e a segurança de cada um dos habitantes do meu reino.

Silvestre Pinheiro Ferreira, do meu conselho e meu ministro e secretario de estado dos negocios estrangeiros e da guerra, o tenha assim entendido e expeça as ordens necessarias.

Palacio da Bôa-vista aos 16 de Março de 1821.

## DOCUMENTO N. 7

OFFICIO DE 17 DE MARÇO DE 1821, DO VISCONDE DE SÃO-  
LOURENÇO A SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA

Illm. e Exm. Sr.

D'este sitio de dôr e affeição levanto a voz a implorar novamente o seu auxilio. V. Ex. era meu amigo, V. Ex. tem bom coração, V. Ex. creio firmemente, que conhece a minha innocencia, mande-me pois V. Ex. para minha casa, preso ou solto, para tratar da minha defeza, responder ás invectivas dos meus contrarios, e morrer nos braços da minha consorte e de uma familia que me ama.

Ponho para isto nas mãos de V. Ex. o requerimento incluso, pela regra de que, sendo a minha prisão por via do general, a mudança d'ella deve ser pelo secretario da guerra, que me ha de determinar a soltura, ou a continuação da custodia em outra parte.

Perdõe-me V. Ex. as queixas, que formo na minha angustia, sem me lembrar de que V. Ex. é abrigo dos desgraçados.

Deus guarde e prospere a vida e pessoa de V. Ex., como merece, para bem da humanidade e triumpho da innocencia.

Fortaleza de Santa-Cruz em 17 de Março de 1821.

Illm. e Exm. Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira.

De V. Ex. subdito muito venerador e criado fiel —  
*Visconde de São-Lourenço.*

## DOCUMENTO N. 8

OFFICIO DE 20 DE MARÇO DE 1821, DO VISCONDE DE SÃO-  
LORENÇO A SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA

Illm. e Exm. Sr.

Vou agradecer a V. Ex. com todas as expressões, que a gratidão pôde prestar á minha lingua a graça de me vêr fóra de uma prisão horrorosa, e no centro de

minha família, ainda que debaixo da mesma prisão, e privado do uso dos meus bens pelo sequestro, a que n'elles se procedeu.

De V. Ex., que vê as cousas de mais alto, e com o devido critério e reflexão, espero com toda a brevidade a conclusão d'este meu tormento, e o fim lisongeiro de uma desgraça, em que não tem parte a minha maldade, ou o meu coração, mas unicamente as idéas e opiniões dos homens, que se julgam juizes infalíveis das consciências dos outros homens.

Deus guarde a V. Ex. para amparo e remedio dos desgraçados.

Rio de Janeiro em 20 de Março de 1821.

Illm. e Exm. Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira.

De V. Ex. subdito muito venerador e obrigado criado

*Visconde de São-Lourenço.*

## DOCUMENTO N. 9

INSTRUÇÕES PARA O SR. CONSELHEIRO JOÃO SEVERIANO  
MACIEL DA COSTA NA COMMISSÃO DE QUE VAI  
ENCARREGADO.

Convindo muito que Sua Magestade, antes de entrar no porto de Lisboa, esteja inteirado dos accordãos da regencia de Portugal, tanto sobre o modo da sua recepção como sobre a marcha do governo d'aquelle reino, d'esse momento em diante passará V. S. a Lisboa e procurará entender-se com aquelles d'entre os membros da regencia e das côrtes, que conhecer e fôrem havidos pelos mais cordatos e influentes, não sómente para se instruir das verdadeiras intenções do governo, mas também para com elles concertar as providencias, que á vista do plano por elles adoptado lhe parecerem os mais proprios para se combinar em beneficio do estado a marcha regular, em que houverem entrado os negocios, conforme a nova ordem

de cousas, com a dignidade real, que se figura periclitár, si aquelle governo não tomar certas e muito estudadas medidas para solver as indubitaveis difficuldades, que na presença de Sua Magestade se offerecem ao andamento, assim do expediente governativo, como do poder constitutivo, que as côrtes extraordinarias se acham exercendo.

Como V. S. deve estabelecer por base da sua negociação a bôa fé, franqueza e lealdade, que animam a Sua Magestade e ao seu ministerio nas relações, que intentam firmar com a regencia e côrtes do reino, os seus passos de nenhum disfarce precisam, e só tem de apparecer como uma transacção particular, porque nem se dirigiram ao governo collectivamente considerado, nem V. S. poderá dizer-se autorizado a elles por Sua Magestade.

Tratando-se de um negocio em que todos e cada um dos cidadãos é interessado, ninguém precisa de especial commissão para o tratar com cada um dos individuos de que o governo se compõe: sobre todos aos ministros de Sua Magestade incumbe particularmente providenciar a que o decoro do seu alto character não padeça dezar nem menoscabo no que a nação não é menos interessada que o throno.

Concluidos e ajustados os pontos, que a V. S. de acôrdo com o governo parecer necessario providenciar-se para assegurar o desejado resultado, solicitará, que se expeça á ilha do Faial uma embarcação appropriada, pela qual V. S. me participe o que se tiver assentado, remettendo duplicata por via do governador e capitão-general das ilhas dos Açores, antevendo o caso de Sua Magestade aportar antes á Terceira, quer seja por obstaculo de tocar a do Faial, quer seja porque, não tendo ainda chegado as cartas de V. S., Sua Magestade se resolva a esperal-as debaixo de algum decente pretexto na Terceira.

Rio de Janeiro aos 14 de Abril de 1821.



## DOCUMENTO N. 10

PARECER DE IGNACIO DA COSTA QUINTELLA SOBRE A  
ARRIBADA DE SUA Magestade á Bahia

Illm. e Exm. Sr.

A proposição, que Sua Magestade deseja resolvida, é da maior importancia, e pedio longa e madura deliberação, para a qual não tenho tempo; e portanto olhando em grosso a materia, parecem-me muito grandes os inconvenientes da ida de Sua Magestade á Bahia por quatro principaes razões: 1.<sup>a</sup> as nossas forças navaes são poucas, e em caso de resistencia, que é provavel, tornam duvidosa a victoria; 2.<sup>a</sup> será necessario depôr todo o governo actual, que Sua Magestade já reconheceu, e nomear outro, que talvez seguirá o mesmo sistema; 3.<sup>a</sup> havendo união no povo e na tropa, podem reter a Sua Magestade, ou ao menos fazer impossivel a sua viagem a Portugal, para o que bastará negar-lhe os meios necessarios para se reformar a uxaria; 4.<sup>a</sup> a união da Bahia a Portugal em nada facilita a desunião das outras provincias, antes a embaraça, por ser aquella uma capitania central, a mais importante, e a que tem maiores relações commerciaes com Portugal. Tudo isto, e talvez outros motivos que me occorreriam tendo eu mais saude, creio, que justificarão Sua Magestade aos olhos de todos os homens bem intencionados; porque para os outros nunca ha medida bôa.

Sua Alteza Real a princeza fica de saude, exceptuando os incommodos da viagem, e comprimenta a Suas Magestades e Altezas; e eu da minha parte rogo a V. Ex. queira beijar-lhes por mim as mãos, já que não tenho assaz forças para subir e descer os portalós dos navios.

Deus guarde a V. Ex.

A bordo da fragata Carolina em 29 d'Abril de 1821.  
De V. Ex. collega venerador e amigo muito obrigado

*Ignacio da Costa Quintella.*

## DOCUMENTO N. II

PARECER DO CONDE DE PALMELLA SOBRE A ARRIBADA  
DE SUA Magestade Á BAHIA, ILHAS OU LISBOA

Illm. e Exm. Sr.

Queira V. Ex. beijar em meu nome humildemente a mão a Sua Magestade pela honra, que se digna fazer-me, servindo-se mandar-me dar o meu parecer sobre questão de tão alta importancia como a que presentemente se ventila na sua real presença.

Confesso a V. Ex. porém, que si em quaesquer circumstancias me causaria grande peso o dar um voto improvisado sobre assumpto de tal gravidade, ainda mais hezito sobre o que deva dizer na occasião presente, porque sem embargo da mui clara e luminosa exposição que se contém na carta de V. Ex., faltam-me com tudo os dudos e antecedentes necessarios para poder julgar das intenções da junta, que governa a Bahia, e da disposição da guarnição. Ora a resolução, que Sua Magestade adoptar n'este caso, deve depender inteiramente, segundo me parece, do juízo que se forme sobre os dous pontos, que acabo de indicar. Uma arribada na Bahia será, ou mui vantajosa ou summamente nociva aos interesses da monarchia, conforme a recepção que el-rei, nosso senhor, ahi experimentar. Do resultado d'este passo ficará dependendo ou a consolidação do governo, que Sua Magestade deixou no Brazil, ou o apressar-se talvez de algum tempo a declaração da independencia d'aquella provincia.

Por estas considerações que são obvias, me parece, que a resolução de Sua Magestade a tal respeito deveria haver sido adoptado antes da sua sahida do Rio de Janeiro para se poderem combinar com o governo, que Sua Magestade ahi deixou, os meios necessarios, a fim de haver mais alguma probabilidade de obter o resultado, que se deseja; pois por modo nenhum convém, que Sua Alteza Real o Senhor principè regente do Brazil ou o seu conselho

possam dizer ou pensar, que esta resolução adoptada intempestivamente e sem os haver prevenido, obrigando a junta da Bahia a anticipar a sua declaração de independência, estorvou o desenvolvimento no systema, que elles intentam seguir para tranquilisar o reino do Brasil e torna mais difficilissima a posição, em que elles se acham.

O inconveniente da falta de dinheiro, que V. Ex. pondera, é tambem extremamente serio, pois não convém que el-rei, nosso senhor, em uma arribada de poucos dias se veja obrigado a exigir sacrificios pecuniarios de uma cidade, que só deveria experimentar prazer e beneficios com a sua real presença. Finalmente acresce tambem o receio de que esta arribada possa prolongar-se mais do que Sua Magestade mesmo por agora intenta e transtornar portanto o objecto ainda mais importante do proseguimento da sua viagem para Portugal.

V. Ex. bem vê, que, quando pondero todas estas duvidas, não faço mais do que ir lançando rapidamente por escripto as diversas considerações, que me occorrem e me agitam na falta absoluta dos conhecimentos dos dados officiaes, que me seriam necessarios para fixar a minha opinião. Devo por tanto limitar-me a dizer, que no caso de que haja alguma esperanza (fundada sobre dados que eu ignoro) ou mesmo qualquer apparencia razoavel de que el-rei, nosso senhor, não soffrerá na Bahia um desacato como o de estorvar o seu desembarque, e que a sua real presença bastará para sanar a scissão, que presentemente existe entre aquella provincia e o governo central do Rio de Janeiro, não hezitarei então em declarar, que considero como muito mais conforme aos interesses da côroa e da nação o fazer-se esta ultima diligencia para deixar o Brazil unido e pacificado, antes do que proseguir-se a viagem quasi como profugos no estado de duvida em que tudo fica n'este continente. Será porém necessario então, que Sua Magestade vá firmemente determinado a não se demorar na Bahia sinão *mui poucos dias* e a refazer os navios da sua esquadra só de guarda e de alguns comestives de maior necessidade, pagando-os, si possivel fosse, por meio de letras ou de algum modo similhante, sem ser á custa dos habitantes da Bahia.

Porém si como eu antes supponho, não houver motivos suficientes para agoirar favoravelmente das disposições da junta da Bahia, occorre-me outro arbitrio, que suggiro á medo e sem estar eu mesmo bem convencido da sua efficacia, para que Sua Magestade possa com superiores luzes e com o auxilio do conselho de V. Ex. julgar, si é ou não praticavel, e si promete alguma vantagem.

Lembra-me, que em vez de tocar a esquadra na Bahia, poderia dirigir-se a Pernambuco, expedindo-se entretanto daqui mesmo o bergantim á Bahia com uma carta dirigida por Sua Magestade á junta, acompanhada de um manifesto conforme aos principios da nova ordem constitucional, que Sua Magestade adoptou e jurou manter; parece-me, que n'esse caso conviria talvez confirmar-se novamente o governo, que ahi se acha estabelecido de facto, nomeando-lhe Sua Magestade um presidente que merecesse a sua inteira confiança, como J.C. Peynhawen, e deixando em exercicio, até á chegada d'este, o actual presidente da junta. Dever-se-ia exigir uma resposta prompta e cathgorica, que comprehendesse, si possivel fôr, o reconhecimento da supremacia do governo central do Rio de Janeiro e encarregar-se d'esta missão uma pessoa capaz de a desempenhar bem e promptamente, que tenha, si possivel fôr, algum conhecimento ou influencia sobre os individuos que actualmente influem na Bahia e que tenha residido no Brazil. Entre os que acompanham a Sua Magestade, occorre-me (não tratando dos seus ministros) ou o conde da Figueira ou Antonio Telles.

O bergantim deveria reunir-se com a esquadra em Pernambuco, com a maior brevidade possivel, e uma tal arribada, não se prolongando demasiado, causaria, segundo creio, pouco ou nenhum transtorno na navegação da esquadra para Portugal.

Si me não engano, uma tal resolução teria menos inconvenientes do que a da arribada á Bahia, porque a recepção de Sua Magestade em Pernambuco não padeceria nenhuma duvida, e porque a sua régia dignidade não ficaria compromettida como no outro caso pelo conflicto de autoridade com a junta da Bahia.

Queira V. Ex. desculpar erros e repetições, que além da difficuldade do assumpto devem tambem attribuir-se a rapidez, com que me vejo obrigado a responder.

Deus guarde a V. Ex. muitos annos.

A bordo da fragata *Princeza Real* 6 de Maio de 1821.

Illm. e Exm. Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira.

*Conde de Palmella.*

## DOCUMENTO N. 12

PARECER DE SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA SOBRE ÀS  
PROVIDENCIAS QUE SUA Magestade DEVE TOMAR  
AO CHEGAR A LISBÔA

Senhor.

Malograda a commissão de João Severiano, quanto á anticipação das noticias, que sobre o resultado d'ella ficou justo de mandar ás ilhas dos Açores, resta-me propôr como ultimo expediente: que da altura d'aquellas ilhas, ou donde as pessoas intelligentes julgarem melhor, Vossa Magestade me mande passar para o brigue *Reino Unido*, juntamente com o conde de Cea, afim de chegarmos a Lisbôa, pelo menos dois dias antes de Vossa Magestade, e apresentarmo-nos á regencia com o fim ostensivo, eu de annunciar a immediata chegada de Vossa Magestade e ajustar o modo da sua gloriosa e feliz entrada na capital dos seus reinos, e o conde de Cea de tratar com os officiaes da real casa de Vossa Magestade sobre os necessarios arranjos para o alojamento de Vossa Magestade e de toda a real familia.

Por este modo me inteiraria eu dos passos, que tiver dado João Severiano; e não sómente com elle, mas com as pessoas empregadas me informaria das verdadeiras disposições do governo, ao mesmo tempo que o conde de Cea,, pelas suas muitas relações, grangearia noticias que



nos fizessem conhecer o espirito da tropa, nobreza e povo. Assim orientado, poderia eu aplinar quaesquer difficuldades que ainda subsistissem acerca do modo com que se poderá compadecer a autoridade real com as actuaes e seguintes innovações, até ao final estabelecimento da futura constituição.

Mas quando acontecesse ver eu ser impossivel ficar Vossa Magestade em Portugal, emquanto se não ultimar a constituição, que deve garantir os direitos da corôa, parece, que me cumpriria ir eu autorizado para então declarar, que Vossa Magestade vai deliberado a demorar-se unicamente o tempo necessario para dar ao seu paternal coração e ao filial amor d'aquelle povo a satisfação de sua real presença, emquanto se faz o indispensavel preparativo para Vossa Magestade continuar a sua viagem até ao porto de Liorne, afim de ter com o seu alto e poderoso alliado o imperador de Austria uma entrevista tendente a firmar a prosperidade da nação e a independencia de sua real corôa.

E quando acontecimentos politicos succedidos na Italia em consequencia do congresso de Laybach, mostrem não ser prudente o falar-se d'aquella entrevista, será preciso lançar mão de viagem a Londres, Paris, ou Madrid, segundo as circumstancias deixarem ver, que seria bem acceitos das côrtes e da nação o sacrificar-se Vossa Magestade a ir pessoalmente negociar com algum dos respectivos soberanos os meios de assegurar a publica felicidade.

Em qualquer dos casos Sua Magestade a rainha e seus augustos filhos acompanhariam a Vossa Magestade até Cadiz, onde o Sr. Fernando VII se não recusaria a vir ter uma entrevista com Vossa Magestade e ficariam em Espanha até ao regresso de Vossa Magestade.

Confesso, que tudo isto é por extremo desagradavel, além de despendioso; mas regeitado o meu primeiro projecto da ida a Bahia, é quanto me occorre para se salvar o decoro da real corôa de Vossa Magestade, a cuja conservação todas e quaesquer outras considerações se devem sacrificar; pois que a dignidade do throno é inseparavel da tranquillidade do estado, e sem ellas se não póde conceber felicidade da nação.

Estes são e fôram sempre os meus princípios: e hoje fazem nove annos, que em Buenos-Aires se assignou a convenção concluída por João Rademacher, e que poucos mezes depois me pôz na alternativa de passar pelos mais graves desastres ou de ir ser na negociação de um novo tratado instrumento de desdouro para o nome augusto de Sua Magestade. Não hesitei um momento, apesar das honras e dos lucros d'aquella dedicada commissão; e preferi a desgraça de vêr a minha casa desbaratada, a minha mulher affectada nas suas faculdades intellectuaes, cuja desordem foi desde então em augmento até ao desgraçado ponto de inteira alienação, a que hoje se acha reduzida: preferi, senhor, todos estes incalculaveis transtornos á desgraça ainda maior de ser ministro e instrumento, ainda que passivo e involuntario, de dezares para a corôa de Vossa Magestade.

Gemi e gemo ainda hoje debaixo do peso de tantos desastres, sem remedio, e no meio dos quaes só a mão da Providencia tem podido sustentar-me o animo; mas não mudei ainda um só apice d'aquelles meus primeiros sentimentos; e si nas apertadas circumstancias em que tenho a honra, a que jámais me lembraria de aspirar, de occupar o ministerio, a que Vossa Magestade se dignou de elevar-me, eu o não poder exercer, conservando illibada a dignidade do throno, estou prompto a arrostar as mesmas e maiores desventuras; porém nunca o desdouro de ter sido activa ou passivamente instrumento de menoscabo para a monarchia.

Vossa Magestade entrando em Lisbôa, ou seja para ali ficar, ou para tornar a sahir para qualquer das apontadas viagens, parece-me, que depois de receber as deputações da regencia, e das côrtes, e ter-lhes dado em curtas phrases convenientes respostas ás falas, que elles naturalmente dirigiram a Vossa Magestade, lhes fará saber dia e hora em que se propõe de honrar as côrtes com sua real presença; e n'essa occasião tem de fazer um discurso apropriado ás circumstancias. Como porém, no caso de Vossa Magestade approvar o plano, que acabo de propôr, pôde acontecer, que aquellas deputações vão a bordo da não fundeada, antes de eu poder dar conta

a Vossa Magestade do resultado da minha commissão, cumpre-me prevenir a Vossa Magestade se digne de cifrar as suas respostas em termos tão geraes, que deixem logar a qualquer decisão, que Vossa Magestade, depois de informado, haja por bem tomar.

Tal é o meu parecer. Vossa Magestade ordenará o que fôr mais do seu real agrado.

A bordo da não *Dom João VI* aos 26 de Maio de 1821.

*Silvestre Pinheiro Ferreira.*

## DOCUMENTO N. 13

PARECER DE THOMAZ ANTONIO DE VILLANOVA PORTUGAL  
SOBRE A ARIBADA DE SUA MAGESTADE

Illm. e Exm. Sr.

S. Ex. o Sr. Ignacio da Costa Quintella me fez a honra de communicar o officio de V. Ex. de 14 do corrente mez de Junho, insinuando-me que escrevesse o meu parecer.

Consiste elle em que o mais conveniente no estado actual, é chegar Sua Magestade quanto mais depressa possivel fôr a Lisbôa; por dous motivos: 1.º Porque, tendo tomado a resolução de ir para Lisbôa, qualquer variação ou demora procurada d'esta medida, lhe faz perder o merecimento e vantagens que d'ella se propõe; e o que pôde resultar d'essa variedade é sómente mal, sem nenhum bem: pelo que supponho muito acertada a resolução de não aportar na Bahia, e pelo mesmo, que nem tambem o pôde ser nas ilhas nem em outro lugar que não seja defronte de Belém. 2.º Porque quanto maior fôr a demora, mais tempo terão os mal intencionados para desvairar o povo da amizade e respeito para com Sua Magestade, e sendo o maior perigo o poderem conseguil-o, como conseguiram o

fazer popular haver constituição ; quanto menos tempo se lhe der, tanto maior vantagem ha de ter o partido de el-rei.

Por isso entendo, que negociação nenhuma se pôde entabolar sem estar fundeado : pedir qualquer cousa do caminho, e fóra de Lisboa, é pedir em supplicante, e que não tem recurso sinão o favor das pessoas a quem se dirigir. Porém depois de estar em Belém pôde tratar-se do dia da entrada publica, e por uma consequencia de entrar a exercer o poder executivo; tratar-se mais que os outros poderes e governo sejam até a nova constituição o mesmo que está estabelecido pelas antigas leis, e que sejam ainda existentes.

E n'esta parte é que pôde entrar, no mais ou menos, o serviço dos deputados das côrtes, e das pessoas mais bem intencionadas, e ainda dos outros, os quaes o hão de fazer segundo virem que o enthusiasmo do povo é maior ou menor. E como se pôde esperar grande á primeira noticia, não se pôde deixar affrouxar com demoras.

Segue-se a pergunta, si convem ir o brigue ás ilhas saber noticias, e trazel-as á esquadra. Si n'isso não houver demora de viagem, parece-me muito bem.

E segue-se o outro quesito, si pelo brigue deverá annunciar-se a chegada de Sua Magestade. E n'esta parte parece-me, seguindo o mesmo principio, que depois de se avistar o cabo da Roca, não ha inconveniente em ir com despachos, annunciando a chegada de Sua Magestade como uma cousa do costume o annunciar-se primeiro, pois não ha tempo de fazer acalmar a alegria do povo, e mostra-se mesmo maior segurança no effeito d'esta medida, que se tomou, pois os receios d'elle precisam ficar em segredo entre os que vão, sem os dar a conhecer aos que la se acham.

Este é o meu parecer, porque estou persuadido, que não ha recurso algum, sinão a presença de Sua Magestade ; não ha para onde ir, sinão acabar a jornada, nem ha alternativa que seguir no caso que houvesse recusação, e por tanto não se pôde consultar, nem dar tempo a ella.

Por esta occasião renovo a V. Ex. os protestos do meu maior respeito e alta consideração, com que sou, Illmo. Exm. Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira, de V. Ex. muito venerador e criado.

*Thomaz Antonio de Villanova Portugal.*

A bordo da fragata *Carolina* 16 de Junho de 1821.

## DOCUMENTO N. 14

OFFICIO DE 16 DE JUNHO DE 1821, DE IGNACIO DA COSTA QUINTELLA, REMETTENDO A RESPOSTA D'ELLE E DE THOMAZ ANTONIO DE VILLANOVA PORTUGAL, SOBRE A CONSULTA DE ARRIBADA DE SUA Magestade.

ILLM. E EXM. SR.

Ahi vai a resposta ao papel de V. Ex., tal qual a pude fazer ; e vai tambem a de S. Ex. o Sr. Thomaz Antonio de Villanova Portugal, a quem o communiquei. Desculpe V. Ex. o embaraço da letra, porque a minha vista marcha ao par da molestia, e como esta não tem diminuido, aquella continua pessima.

Rogo a V. Ex. o favor de beijar por mim as reaes mãos de Suas Magestades e Altezas, e depôr na presença de S. M. quanto me interesse pelas suas prosperidades. Sua Alteza agradece a V. Ex. o seu obsequio.

Tenho a honra de ser de V. Ex. o mais attencioso criado e collega

*Ignacio da Costa Quintella.*

Em 16 de Junho de 1821.



## DOCUMENTO N. 15

PARECER DE IGNACIO DA COSTA QUINTELLA SOBRE A  
ARRIBADA DE SUA Magestade

ILLM. E EXM. SR.

Recebi hoje pelas cinco horas da manhã a carta de V. Ex., de 14 do corrente, e ainda que não ha ninguem menos instruido, do que eu, dos negocios publicos de Portugal, porque nunca vi os despachos d'aquelle reino, nem os que para ali se mandaram, direi comtudo o que agora me occorrer sobre os varios artigos de que trata a carta de V. Ex., considerando na sua totalidade.

Olhando para a data das noticias, que temos de Portugal, é impossivel prever qual será o estado das cousas á chegada de Sua Magestade, e creio, que só com esse conhecimento se poderá discorrer com acerto em questões da natureza das que V. Ex. move na sua carta; mas tenho como principio fundamental, que em todo o caso se deve evitar tudo quanto possa prejudicar a popularidade, de que tanto necessitam os monarcas constitucionaes, e tudo quanto possa tender a irritar os animos, por não produzir uma guerra civil, que seria a ruina inevitavel da monarchia e da nação. Sua Magestade não tem hoje recurso algum (que eu saiba), sinão no amor e lealdade dos seus vassallos; e como estes reputam validas as côrtes actuaes, qualquer disputa sobre a legalidade d'estas lhe fará perder aquella ultima taboa de salvação. Em uma palavra creio, que Sua Magestade deve occupar o seu throno do melhor modo, que fór possivel, e esperar o resto do beneficio do tempo, tendo unicamente em vista o bem publico.

Não sou de parecer, que se mande o brigue a Lisboa a negociar, pelas razões expostas na carta de V. Exc., que me parecem decisivas. Creio porém, que seria prudente destacar o brigue á ilha Terceira para saber do general as noticias de Portugal, que sempre hão de ser

mais modernas que as recebidas no Rio de Janeiro, e darão por consequencia alguma luz para desenvolver este cahos.

Deus guarde a V. Ex.

A bordo da fragata real *Carolina* á vela, 16 de Junho de 1821.

Illm. Exm. Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira.

De V. Ex. o mais attento servo e collega

*Ignacio da Costa Quintella.*

## DOCUMENTO N. 16

PARECER DO CONDE DE PALMELLA SOBRE A EXPOSIÇÃO DE SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA A RESPEITO DAS PROVIDENCIAS QUE SUA Magestade deve tomar ao chegar a LISBOA.

Illm. e Exm. Sr.

A exposição, que V. Ex. acaba de communicar-me e á vista da qual é Sua Magestade servido, que eu enuncie o meu parecer, versa sobre questões de uma mui alta cathegoria e nimiamente complicadas, para que eu me possa lisongear, não digo já de as resolver com acerto, dando sobre ellas por escripto extemporaneamente o meu voto, mas mesmo de corresponder como eu desejára á gravidade do assumpto e de desenvolver com clareza as idéas que me occorrem.

Obedecendo porém ás regias ordens, procucarei dizer qual seja o conceito, que actualmente fórmo do espirito publico, que prevalece em Portugal, da impressão que a chegada de el-rei nosso senhor produzirá n'aquelle reino, e do sistema que na minha opinião deve ser adoptado e firmemente seguido pelo mesmo senhor.

A agitação, que presentemente se manifesta na nação portugueza, não deve por certo considerar-se como um facto isolado na historia, nem como resultado só da

ausencia prolongada de Sua Magestade ou de outras circumstancias casuaes, ainda que estas contribuíram provavelmente para acelerar o momento da crise. A nossa revolução é, como todas as demais, que temos ultimamente presenciado, uma consequencia inevitavel da tendencia progressiva de opiniões, que, a tres seculos a esta parte, se vão desenvolvendo na Europa, e que certamente não ha de cessar emquanto todos os estados, de que se compõe a federação europea, não tiverem adoptado um mesmo sistema de governo.

A disposição geral dos povos da Espanha, de Portugal, de Italia, de Allemanha procede evidentemente de uma mesma origem e tende a um mesmo fim, e a já mais annos que em todos estes paizes se teriam manifestado os sentimentos, que agora prevalecem, si o quadro horroroso, que apresentou a revolução franceza, não tivesse momentaneamente assustado as demais nações e ligado intimamente os povos com os soberanos para a defesa da sua independencia contra o espirito de conquista militar, que a todos ameaçava. E' por isso, que com a catastrophe de Napoleão resuscitou o espirito de liberdade, que já se desenvolveu no sul da Europa e vai, segundo é provavel, a manifestar-se proxivamente tambem no norte.

Desde o momento em que se effectuou a revolução da Espanha, pôde-se antever com certeza, que Portugal seguiria immediatamente o mesmo exemplo e então se podiam talvez ainda applicar os meios convenientes, não para evitar uma crise inevitavel, mas sim para dirigir a revolução e para conter nos devidos limites do systema monarchico constitucional, que os povos desejam e que os legisladores actuaes proclamam, mas do qual não podemos desgraçadamente duvidar, que elles se afastam, seguindo uma tendencia mais democratica e deixando-se levar por doutrinas abstractas e pela vaidosa esperanza de produzirem de um jacto só codigos constitucionaes perfeitos.

E' assim, que os reformadores modernos, differentes dos que em outro tempo dirigiram as revoluções de Hollanda e de Inglaterra, procuram antes estabelecer theorias do que conseguir a liberdade de facto, e sacrificam a esse fanatismo mal entendido as vantagens, que pratica e

successivamente paderiam conseguir-se, si se contentassem de aperfeiçoar o edificio, que acham existente em vez de o quererem fundar de novo desde os alicerces.

Foi este já o erro, que causou as desgraças da nação franceza, a qual, depois de correr o circulo todo da arêna revolucionaria, tomou por fim, graças á prudencia de seu rei e a outras circumstancias inesperadas, a entrar na posse de uma constituição monarchica moderada, constituição que de certo é sufficiente para assegurar a sua prosperidade, bem que lhe falte uma circumstancia que os publicistas revolucionarios d'este tempo julgam essencial, isto é, a de ser imposta pela nação ao rei.

Entre os dous extremos da carta constitucional franceza concedida por el-rei sem consultar os votos da nação e da constituição espanhola ditada pelo congresso na ausencia d'el-rei e sem elle ser ouvido nem contemplado, parece, que haveria um meio termo mais justo e mais conveniente, formando-se o contracto social de acordo entre o monarca e a nação por meio dos seus procuradores. Uma constituição assim formada e garantida ao depois pela sancção d'el-rei e pela aceitação dos povos seria sem duvida um exemplo admiravel dado ao mundo inteiro; e oxalá que o congresso actualmente reunido em Lisbôa aspirasse a uma semelhante gloria!

Hei de receiar porém, que assim não aconteça, pois que nem as nações nem os individuos aprendem já mais á custa da experiencia alheia, e as primeiras noticias, que tivemos das sessões do congresso de Lisbôa, dão indício, como V. Ex. muito bem observa, de que os coripheus d'aquella assembléa, seguindo as pisadas dos legisladores da Espanha, assim como esses imitaram aos da primeira assembléa da França, nos apresentaram uma constituição democratica monarchica, sem attenderem ás clausulas que se contém nas suas procurações e ao juramento, que em consequencia prestaram, nem ao voto indisputavel da grande maioria da nação.

Repetirei portanto em conclusão agora o que já por muitas vezes e em outra situação me atrevi a representar a Sua Magestade, isto é, que a reforma da constituição portugueza debaixo de um sistema representativo era

indispensavelmente necessaria ; mas do que de uma monarchia moderada e mixta a uma democracia mais ou menos disfarçada vai ainda uma immensa distancia, e que é essa a linha de separação, que el-rei, nosso senhor, coherentemente com a sua honra e com a sua consciencia deve a todo o custo conservar, pondo-se, si possivel fór, elle mesmo, por assim dizer, á testa da revolução.

Estou plenamente convencido de que o desejo, sinão universal ao menos quasi geral da nação portugueza, é de que se conservem illezas as attribuições inherentes á monarchia, e eu mesmo presenciei, que as vozes, com que se electrizaram os povos de Portugal, foram as da reforma geral dos abusos por meio da monarchia constitucional e da conservação da corôa na augusta casa de Bragança.

Estas fôram as bases sobre as quaes unanimemente se jurou, que devia fundar-se a regeneração do edificio social e o novo pacto entre o soberano e os povos. E' sem duvida portanto, que os deputados eleitos para o congresso constitucional se acham virtualmente inhibidos de violar as prerogativas sem as quaes não pôde existir o sistema monarchico, e de offerecerem a el-rei a alternativa ignominiosa da abdicação ou do assentimento a uma constituição democratica e incompativel com a dignidade e a segurança do throno. Si os deputados do congresso commetterem similhante attentado, será essa uma evidente violação dos poderes, que lhes foram concedidos pelos seus constituintes, assim como do juramento que elles em commum com todos os Portuguezes prestaram, e sobre o qual unicamente pôde fundir-se e ser valido o que ultimamente Sua Magestade prestou no Rio de Janeiro.

Desde o momento em que tive a honra de chegar aos pés de el-rei, nosso senhor, abertamente lhe expuz o meu modo de pensar sobre a crise, em que se achava a monarchia e esforcei-me por convencer o seu real animo da urgencia de se adoptarem medidas publicas e energeticas, que patenteassem aos povos, que o mesmo Senhor abraçava com sinceridade os principios mais essenciaes do systema constitucional, que toda a nação desejava.

Os ultimos acontecimentos do Rio de Janeiro privaram, é verdade, a el-rei, nosso senhor, de uma grande



porção da força moral, que actualmente teria a sua adhesão aos principios constitucionaes, si houvesse sido a tempo e espontaneamente declarada; porém parece-me ainda comtudo, que a sensação, que produzira em Portugal a chegada de Sua Magestade, bastará só por si para excitar a seu favor grande enthusiasmo nos povos, e revestindo a Sua Magestade de uma influencia sufficiente para contrapezar o partido democratico, poderá dar lugar a uma especie de acordo entre el-rei e o congresso, negociada por meio de mutuas concessões. Uma tal reacção será sem duvida auxiliada pelo partido maior ou menor dos descontentes, que já de certo existe contra o novo governo e por todos os homens sisudos e honrados, que só desejam a reforma perenne dos abusos e a conservação do throno.

Si Sua Magestade se determinar porém a adoptar o sistema de uma resistencia energica ás aggressões do partido democratico, é de absoluta necessidade, que manifeste tambem desde logo a disposição mais franca e mais liberal á favor do sistema constitucional, que seja coherente com esses principios, que os proclama altamente, e que recuse só a admissão dos artigos, que forem incompativeis com a existencia do throno, conciliando assim a observancia do juramento que prestou com a dignidade e a segurança da corôa.

Não pôde facilmente prever-se de antemão quaes sejam todos os artigos contra os quaes conviria na minha apinião, que Sua Magestade oppuzesse uma resistencia invencivel. Confesso, que a divisão do corpo legislativo em duas camaras, uma hereditaria e outra eleita pela nação, me parece quasi indispensavel para conservar a balança de uma constituição mixta, si eu me engano n'esta persuasão, engano-me de boa-fé e fundado nas melhores autoridades; nem creio, que o exemplo da Espanha (unico que até agora pôde citar-se em contrario) esteja ainda sufficientemente consolidado para destruir aquella theoria.

Não entrarei porém mais a fundo na discussão de uma questão, na qual é possivel, que eu seja suspeito de parcialidade; antes confessarei francamente, que já agora é de receiar, que seja este um dos pontos sobre os quaes

Sua Magestade deverá transigir; mas não julgo, que possa igualmente submeter-se á admissão do veto puramente suspensivo para a promulgação das leis, nem ás excessivas restricções, que se impoem na constituição espanhola para a distribuição dos empregos publicos, nomeação dos membros do senado, negociações com as nações estrangeiras, etc., etc.

Em geral parece-me, que a influencia, que as côrtes exercem sobre o poder executivo, deve emanar só, porquanto seja possivel, da concessão ou denegação dos impostos, subsidios, etc. de que o governo carece.

Depois de haver assim enunciado a serie das idéas, que me suscitou a leitura da exposição de V. Ex., parece-me, que posso deduzir d'ellas como corollarios os principios seguintes :

1.º Que a adhesão franca, leal e coherente de Sua Magestade ao sistema de uma monarchia constitucional é indispensavel para assegurar a tranquillidade de Portugal e a conservação da sua corôa.

2.º Que a grande maioria da nação portugueza quer com effeito a consolidação de uma monarchia moderada, e sem duvida se conserva fiel a augusta dinastia de Bragança.

3.º Que a presente revolução de Portugal não póde considerar-se como uma d'aquellas, em que a nação reassume radicalmente o exercicio da soberania, mas só como uma renovação do pacto social, que existia mutuamente entre a nação e o monarca, que ella não cessou um só instante de reconhecer como tal.

4.º Que a tendencia natural de um congresso nacional reunido em uma só camara ha de necessariamente induzir o de Lisbôa a formar uma constituição, na qual abundem os elementos democraticos.

5.º Que, não sendo essa tendencia conforme ao voto geral da nação, nem por consequencia ao juramento, que el-rei e ella prestaram, é justo, que Sua Magestade antes de aceitar a constituição, que lhe fôr apresentada faça as objecções, que julgar convenientes aos artigos, que forem incompativeis com a conservação da monarchia,

que entre sobre esses artigos em discussão ou em negociação com o congresso, e que no ultimo caso proteste contra os que absolutamente lhe parecerem inadmissiveis, restando-lhe por fim o extremo recurso de appellar para o voto geral da nação expressado individualmente.

6.º Que o contentamento, que com a chegada d'el-rei, nosso senhor, se ha de manifestar em Portugal, deverá certamente servir-lhe de apoio para operar uma reacção *anti-democratica*; com tanto que se mantenha firme na determinação de aceitar e de conservar uma constituição liberal e moderada, devendo ter tambem a certeza de que similhante sistema lhe grangeará aberta e declaradamente a opinião favoravel de toda a Europa.

Julgo ter d'esta maneira explicado sufficientemente o meu modo de pensar sobre o assumpto do papel, que V. Ex. sedignou dirigir-me. Cingir-me-ei porém agora, para maior clareza, a responder separada e positivamente aos principaes quesitos, que n'elle se contém.

Em primeiro lugar parece-me mais que provavel, que a constituição ou pelo menos as suas bases essenciaes já estarão concluidas, quando Sua Magestade chegar a Lisbôa, e por tanto julgo inutil o discorrer na hypothese contraria.

No caso de que os artigos todos da constituição sejam aceitos por Sua Magestade, deverá cessar o exercicio do poder executivo, que actualmente se acha installado em Portugal e ficará este devolvido a Sua Magestade nos termos prescriptos pela constituição.

Quando porém Sua Magestade não julgue dever adoptar algumas das sobreditas bases, parece, que o deverá assim declarar desde o momento em que lhe forem apresentadas, e como em tal caso qualquer passo, que Sua Magestade se resolvesse a dar, seria não só da maior importancia pelas consequencias, que poderia ter, mas até de uma natureza a mais melindrosa e arriscada, parece-me, que conviria para esse fim convocar a seu bordo uma especie de conselho, no qual Sua Magestade ouviria discutir verbalmente os argumentos pró e contra a questão, de que se tratasse, o que não se pôde nunca conseguir por meio de votos por escripto.

Por agora sou de opinião, que no caso de haver alguma discussão sobre os artigos da constituição entre Sua Magestade e o congresso, conviria, que essa discussão se terminasse antes do desembarque de Sua Magestade; porém será necessario então tomar conselho das circumstancias, as quaes não podem todos de longe prever.

Reputo como summamente acertada a resolução, que Sua Magestade adoptou, de entabolar por meio de V. Ex. communicações semi-officiaes com frei Francisco de S. Luiz, pois tenho motivos pessoaes para formar a melhor opinião dos seus talentos e das suas intenções. Muito seria de desejar (e não me parece impossivel), que a resposta á primeira carta de V. Ex. se encontrasse já na ilha do Faial, quando a esquadra de Sua Magestade chegar áquella altura; porém no caso de assim não acontecer, sou de voto, que convém repetir pelo brigue *Reino Unido* a mesma instancia, ainda que fôsse só para receber uma resposta a... da barra de Lisboa, e saber por essa occasião noticia dos acontecimentos, que desde o mez de Fevereiro terá havido em Portugal.

Conformo-me pois em todo o caso com o parecer de se expedir o brigue quanto antes a Lisboa com a carta para frei Francisco de S. Luiz e as demais communicações á regencia e aos officiaes da casa real, como V. Ex. indica; nem julgo, que d'essa resolução se deva de inferir, que existem desconfianças no animo de Sua Magestade ácerca das intenções do congresso e da regencia; o que só aconteceria, si Sua Magestade, por exemplo, se demonstrasse nas ilhas e differisse a sua entrada em Lisboa para receber respostas aos officios, que V. Ex. vai expedir. Antes pelo contrario me parece, que com o annuncio da época certa da chegada, indica Sua Magestade ter a mais ampla confiança na lealdade portugueza e dá logar a que se disponha sem precipitação o modo do seu recebimento.

Queira V. Ex., quando apresentar á Sua Magestade este papel, rogar ao mesmo Augusto Senhor, que se digne desculpar erros nascidos, uns da minha insufficiencia e outros da rapidez com que me foi preciso lançar por

escripto estas idéas, e beijar humildemente em meu nome a real mão.

Deus guarde a V. Ex.

Illm. e Exm. Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira.

A bordo da fragata *Princeza Real*... Junho de 1821.

*Conde de Palmella.*

## DOCUMENTO N. 17

OFFICIO DE 21 DE JUNHO DE 1821, DE FREI FRANCISCO DE S. LUIZ A SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA.

Illm. e Exm. Sr.

Tenho tido a honra de receber duas cartas de V.Ex. : a primeira datada de 3 de Março, a que respondi, sem embargo da bem fundada presumpção de que a minha resposta já não acharia a V. Ex. no Rio de Janeiro ; e a segunda escripta em 2 de Abril, e entregue em minha mão pelo Sr. conselheiro João Rodrigues Pereira de Almeida, á qual respondo agora.

A resolução, que Sua Magestade ha tomado, de passar quanto antes a Portugal, deixando encarregado do governo do Brazil ao principe real, emquanto ali se não achar estabelecida a constituição geral da monarchia, é uma resolução tão digna da sabedoria de Sua Magestade, e do amor que Sua Magestade tem aos Portuguezes, quanto d'estes merecida pela constante fidelidade, que professam a el-rei ; é agradavel a toda a nação, pelo muito que todos a desejavam, e por que só assim ficará bem consolidada a união de todas as vontades e a harmonia de todos os poderes, tão necessaria para a prosperidade publica.

Era bem de prevenir, que Sua Magestade não pudesse commodamente realizar os seus e os nossos desejos com a



brevidade, que ao principio aqui se annunciou. O decóro de el-rei e das mais pessoas reaes, que se transportam á Europa; as indispensaveis commodidades, que é necessario preparar para tão longa viagem; os aprestos de uma comitiva numerosa, e de tantas familias de que ella se compõe, etc., etc., tudo isto demantava tempo proporcionado, e havia de forçosamente demorar o embarque, o qual todavia confio, que a esta hora se haja effectuado, como todos os Portuguezes anciosamente desejam.

As difficuldades, que poderiam occorrer á alta consideração de Sua Magestade, na verificação da sua entrada n'este reino, e que V. Ex. mui prudentemente pondera, e me faz a honra de indicar-me, parece-me, que ficarão de todo removidas ou desvanecidas, quando V. Ex. houver lido os impressos, que agora lhe remetto.

Nunca em nenhum caso podia ser da mente dos Portuguezes, nem da intenção das côrtes (segundo creio), que el-rei, entrando em Portugal, deixasse de assumir immediatamente, tanto o poder executivo em toda a sua plenitude, como a parte do legislativo, que lhe compete, segundo os principios communs (como V. Ex. se explica) a toda e qualquer constituição de uma monarchia representativa.

Logo pois que Sua Magestade chegue a este reino, e se digne ratificar o sagrado juramento, que com tanta gloria sua e com tanta vantagem dos seus povos, e para felicidade d'elles, prestou no Rio de Janeiro, cessam immediatamente as funcções, que a regencia até agora tem exercido em seu augusto e real nome, e Sua Magestade entra sem questão, nem controversia alguma, no plenissimo exercicio do poder real, que lhe é proprio.

Os estorvos, que por acaso poderiam encontrar-se, ou suppôr-se, no exercicio d'este poder immediato, pela sua real pessoa, por não estar de todo concluida a nova constituição, desapparecem, a meu vêr, á vista das bases da constituição, que já fôram promulgadas, juradas e remetidas a Sua Magestade, mas que provavelmente ainda não haverão chegado á sua real presença, e que por isso vão agora com esta minha carta.

Emquanto ás formalidades da recepção de Sua Magestade, V. Ex. achará no outro impresso, que tambem remetto, as instrucções, que deseja e eu posso dar-lhe para seu governo. El-rei deve, e ha de ser aqui recebido, não só com todo o apparato devido á sua real pessoa e familia e á dignidade e respeito da sua corôa, mas tambem com toda a cordialidade e regosijo, que Sua Magestade tem direito a esperar da lealdade e amor dos Portuguezes.

O governo actual, que deseja não faltar nas cousas essenciaes, e comprazer a el-rei nas indifferentes, duvidou, si Sua Magestade queria, e a que templo queria dirigir-se no momento do seu desembarque, para agradecer ao céu a prosperidade de sua viagem. E não podendo a este respeito adivinhar qual será por ventura a particular devoção de el-rei; mas suppondo que Sua Magestade quererá cumprir este dever religioso tão naturalmente indicado pela sua real piedade, tem mandado preparar a cathedral de Lisboa, como igreja principal e matriz; mas isto não priva de maneira alguma a Sua Magestade, (como é claro) da perfeita liberdade da escolha, que seu real coração n'este ponto lhe possa inspirar.

Eis aqui tudo o que por agora me parece necessario dizer a V. Ex. em resposta á sua carta, reservando para quando tiver a fortuna de ver e falar a V. Ex., o escutar as suas reflexões, e submetter ao juízo de V. Ex. as minhas sobre o estado do Brazil, que tantos cuidados deve merecer a todos os que amam o bem da patria e a felicidade geral da nação.

Accrescentarei sómente aqui uma observação, que me inspiram os meus particulares sentimentos, e que tambem submetto ao illuminado discernimento de V. Ex.

Diz-se em Lisboa, que el-rei virá acompanhado por navios de guerra inglezes, e não sei o gráo de credibilidade, que merece esta noticia, que todavia me parec pouco fundamentada.

Reconheço, que esta circumstancia (caso se verifique) pôde ser um effeito da civilidade e polidez ingleza; e um testemunho, que o governo britannico queira dar da sua consideração para com el-rei e real familia portugueza,

bem como já fez, quando Suas Magestades e Altezas se retiraram daqui para o Brazil.

Reconheço tambem, que depois das publicas demonstrações que Sua Magestade tem espontaneamente dado do seu real animo e intenções sobre a nova ordem de cousas estabelecida em Portugal, e depois da solemne e exuberantissima declaração, que mandou fazer ás altas potencias alliadas do congresso de Troppau e Laybach, nenhum justo e bem fundado receio pôde rasoavelmente haver sobre a sinceridade dos sentimentos de el-rei, aliás sobejamente afaçados na invariavel firmeza da *palavra de Bragança*; nem por consequencia sobre os motivos que poderiam induzir a Sua Magestade a acompanhar-se de uma esquadra ingleza.

Com tudo V. Ex. não ignora, que o modo de pensar dos homens de recto e são juízo não é sempre o da multidão; que esta é muitas vezes dirigida ou por apparencias mal concebidas, e peor combinadas, ou por insinuações sinistras dos inimigos da paz publica; e finalmente (seja-me permittido dizer tudo) que ha nos Portuguezes, e tem havido sempre, á annos a esta parte, uma não sei que desconfiança da austuciosa politica do ministerio britannico, cujas operaçõesse explicam frequentemente de uma maneira avessa aos interesses das outras nações.

Isto me faz crer, que o acompanhamento da esquadra ingleza (caso o facto seja verdadeiro) não será agradavel em Portugal, mórmente nas circumstancias actuaes, em que Sua Magestade. voltando ao meio de um povo que o adora, parece, que deve desviar toda a idéa de desconfiança ou de receios. Julguei por tanto não dever occultar a V. Ex. o meu pensamento e a minha particular opinião a este respeito, sem com tudo ser meu animo intrometter-me no que de nenhum modo me pertence dirigir. Espero, que V. Ex. me não censure n'esta parte a franqueza, com que falo, e que é filha dos puros sentimentos, com que sempre amei, e amo a minha patria, e não menos o decôro, e a gloria de el-rei, que tenho por essencialmente ligada com a felicidade publica dos Portuguezes.

Concluo pedindo a V. Ex. desculpa de o enfadar com tão longa carta. O Sr. conselheiro, que se quiz encarregar da direcção d'ella, dirá a V. Ex. o mais que eu omitto por evitar repetições. No meu particular não posso deixar de agradecer a V. Ex. o proporcionar-me a oportunidade de conhecer, e tratar um sujeito tão digno da sua amisade, e que promptamente grangeou a minha pelo seu modo, character e honradissimos sentimentos.

Deus guarde a V. Ex. como desejo.

Lisboa 21 de Junho de 1821.

De V. Ex., Illm. e Exm. Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira, o mais fiel venerador e amigo

*Fr. Francisco de S. Luiz.*

## DOCUMENTO N. 18

INFORMAÇÃO VERBAL DO MINISTRO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS NO ACTO DA CONFERENCIA DE 15 DE MARÇO DE 1822 DA COMMISSÃO DE CORTES SOBRE OS NEGOCIOS DO BRAZIL.

Devendo expôr as minhas idéas sobre o espirito dos povos do Brazil em geral, e particularmente do Rio de Janeiro relativamente á sua união ao reino de Portugal, e projectado regresso de Sua Alteza Real para este reino, cumpre-me distinguir os interesses communs a todos, e a cada uma das provincias do Brazil, d'aquelles que são particulares a esta ou aquella; bem como dos que sómente dizem respeito a certas classes ou mesmo a certos individuos.

O que na conversação e trato com um sem numero de pessoas de todas as classes durante doze annos de estada do Brazil, na lição de memorias escriptas por alguns de seus habitantes, e pelas noticias que successivamente tenho havido, depois da minha retirada, posso affirmar ser commum a todos os Brasileiros o desejo de terem

no Brazil um governo central, que entenda dos interesses communs a todas as provincias, de que aquelle vasto continente se compõe.

O povo (e seja-me licito fazer aqui uma observação, que é, que no Brazil esta classe é proporcionalmente muito menor do que na Europa, porque tirando a classe de escravos e libertos, quasi todo o resto se compõe de homens, que receberam aquelle grão de educação, que nos outros paizes elevam certa classe acima do que se chama povo), o povo pois, como ia dizendo, no Brazil não passa d'esta generalissima idéa de um governo geral no Brazil mesmo por uma especie de instincto. Mas a classe pensante adianta-se a nomear o modo do estabelecimento d'aquelle governo; persuadindo-se uns, que basta que elle seja revestido unicamente das attribuições do poder executivo; que seja um só e unico para todo o Brazil, quer sejam dois entre si independentes, quer para cada uma das divisões septentrional e meridional, mas ambos como delegados do supremo poder executivo da monarchia.

Outras pessoas porém, julgando impracticaveis estas divisões do poder executivo no Brazil, só a concebem possível no caso de elle ser o proprio supremo poder executivo da monarchia, que estabelecesse juntamente com o poder legislativo a capital do reino-unido na parte, que melhor parecesse convir, do reino do Brazil; o que, na opinião d'aquellas mesmas pessoas, só d'este modo se póde governar; e só d'este modo póde ficar unido a Portugal, que sendo muito mais pequeno e povoado, entendem elles poder governar-se pela presença de uma simples delegação do poder executivo.

Eis aqui a unica vista de interesse, que é commun a todas as provincias do Brazil. Agora o que é particular a cada uma d'ellas, é o desejo de que todos os negocios, que só dizem respeito a qualquer d'ellas comecem e acabem dentro d'ellas; sejam tratados, julgados e decididos por homens n'ella residentes, e por ella escolhidos; quer seja dos seus proprios habitantes, ou das pessoas que ella entenda dever chamar ou admittir de alguma outra parte.

Por consequencia o que segundo minha observação



tenho deprehendido da vontade de mais geral dos Brasileiros é, que nos interesses de cada uma das provincias, nenhuma das outras provincias, nem o governo geral, em qualquer parte que elle esteja estabelecido, se haja de intrometter.

Mas seria fazer-lhes uma injustiça o concluir daqui, que elles por isso aspirem á total independencia do governo central da monarchia. O que todas e cada uma das provincias pretendem, torno a repetir, é que este governo entenda unicamente dos interesses, que são communs a todas ou a algumas das mesmas provincias, abstenendo-se de intervir nos que só são particulares a esta ou áquella.

Estes são, segundo minha observação, os sentimentos mais geraes, que eu pude descobrir nos Brasileiros, tanto no tocante aos interesses geraes do Brazil, como aos particulares a cada uma das provincias.

Ha porém outros interesses, que eu disse ao principio serem limitados a algumas classes, ou mesmo a individuos sómente; porém que mereciam ser aqui tomados em muito especial consideração pelo inteiro nexo, que têm com o actual estado do Rio de Janeiro, cujas recentes noticias excitam a solicitude do soberano congresso.

O Brazil desdeo seu descobrimento tinha sempre sido governado colonialmente; quero dizer, por medidas e providencias, que os governadores, em cada capitania, julgavam ser dictadas pelas circumstancias. Esta é a unica forma de governo praticavel em uma sociedade nascente.

Mas Sua Magestade, depois de ter estado alguns annos no Brazil, convenceu-se de que as principaes povoações d'elle estavam já chegadas a aquelle gráo de civilisação, em que as sociedades deixam de ser governadas por dictadores para serem por magistrados sujeitos a uma marcha regular, e conforme a um sistema de leis uniformes em toda a extensão da monarchia. Foi n'esta mente pois, que Sua Magestade declarou o Brazil elevado a categoria de reino.

E' verdade, que nada mais se fez do que esta simples declaração, e em vez de se regular a publica administração do Brazil n'esta conformidade, tudo continuou como dantes, e as provincias continuaram a ser governadas pelo arbitrio de governadores tão arbitrarios e absolutos como dantes. Mas como aquella declaração não era filha do livre arbitrio do governo, como ella era a simples expressão de um facto, que estava ao alcance de todo o mundo, a saber: que o Brazil era chegado a altura de civilisação precisa para se governar, reunido a Portugal, como este reino, por leis e magistrado, e não já por providencias e dictadores, entenderam logo seus habitantes, que este reino não podia deixar de ter uma capital dentro em si mesmo. Esta capital era até a partida de Sua Magestade o Rio de Janeiro.

Logo que pelo novissimo decreto das côrtes cessa de haver uma capital no Brazil, todo elle se considera desde logo, e por esse simples facto, esbulhado da dignidade de reino, que lhe fôra reconhecida e sancionada.

O Rio de Janeiro, vendo que pela sahida de Sua Alteza Real cessa de ser a capital do Brazil, considera-se igualmente esbulhado de uma graduação tanto mais importante, quanto ella se acha ligada á sorte de um infinito numero de pessoas, que por este simples facto ficam reduzidas a horrorosa miseria.

Os Brasileiros não receiam voltar á categoria absoluta de colonias, quanto ao exercicio do seu commercio e industria. Isso sabem elles e sabe todo o mundo, que é absolutamente impossivel, pois que o franco trafico, tanto de um como de outra, não depende já do arbitrio do governo; foi uma necessaria consequencia da natureza das cousas, e a sua continuacão é do mesmo modo independente do caprixo.

A magoa, que hoje excita o descontentamento de todo o Brazil, é de verem, que pela abolição de uma capital se põe em contradicção a fórma do seu governo com a sua inauferivel categoria de reino.

O descontentamento do Rio de Janeiro consiste nos clamores do sem numero de empregados do governo, que de repente se acham esbulhados não só da influencia e

dignidade de que se achavam de posse, mas até de todo o meio de proverem a sua indispensavel subsistencia.

A esta classe de descontentes vem unir-se a d'aquelles Europeos, que estando estabelecidos no paiz, e conhecendo todos os desastres que são de receiar, si uma vez se chega a desenvolver o espirito de vingança que respiram, umas contra outras, as differentes classes de habitantes d'aquella capital e provincia, olham a presença de Sua Alteza Real, e da força europea ali existente, como o unico paladio da sua segurança.

Branços europeus, brancos brasileiros, pretos e pardos, uns livres, outros escravos, constituem outras tantas classes, que se têm jurado odio eterno, em razão de antigas e não interrompidas queixas de uns contra outros.

Os Brasileiros são de seu natural, por clima, e por costumes, brandos, doces, condescendentes, e sobre maneira hospitaleiros : sempre que o Europeu chega ás suas pousadas, não só nos campos, mas nas villas e cidades, é recebido com uma hospitalidade tão cordial e generosa, como eu nunca encontrei nos povos mais hospitaleiros da Europa.

O Europeu sensato, homem de bons sentimentos e educação, não vê n'esta conducta dos Brasileiros, sinão rasgos de uma franqueza, que excita a sua amizade e gratidão.

Mas a maior parte dos Europeus, que pisaram o solo do Brazil, nem eram homens de bons sentimentos, nem de educação ; e por isso na officiosidade, na condescendencia, na hospitalidade dos Brasileiros não descobriram sinão servil respeito e baixeza, que só servio a inflamar o orgulho da sua imaginada superioridade.

Mas os Brasileiros, que por serem doces e meigos não deixam de ser homens, não podiam tão pouco deixar de ser sensiveis a tão feia ingratitude ; não podiam deixar de pagar com odio tão injusto desprezo ; mas tambem como eram homens, não guardaram n'este odio uma regulada medida ; e passando a excessos, envolvem muitas vezes o innocente com o culpado e por isso todo o Europeu receia com razão, que, si desatar a furia das vinganças.

será infallivelmente victima da sanha dos naturaes de toda e qualquer côr.

São pois estes Europeus domicialiados, unindo-se a elles os muitos descontentes pela perda de seus empregos, que formam n'aquella cidade uma forte opposição á partida de Sua Alteza Real para a Europa.

Vejo pela representação, que se acaba de lêr, da junta provisoria de São-Paulo, que ella se reúne ao Rio de Janeiro n'este ponto; e brevemente devemos ter noticia da junta provisoria, ou camara d'esta ultima cidade, ter igual representação para exigir de Sua Alteza Real o suspender-se á sua retirada.

Consta terem-se enviado tanto a Minas-Geraes como a Bahia pessoas, que solicitassem a adherir a esta mesma requisição.

Tal é o estado dos animos, tal é a situação dos negocios, que quanto a mim me consta pelas noticias que tenho podido alcançar. E é com estes dados, que vou satisfazer a primeira das tres perguntas, que V. Ex. se digna dirigir-me, a saber, será possível que Sua Alteza Real na presença d'estes factos tenha partido do Rio de Janeiro?

Si Sua Alteza Real tivesse unicamente de attender a estas considerações, é provavel, que retardasse o cumprimento dos decretos 124 e 125, uma vez que assim lhe requeressessem unanimemente, como se presume, as tres ou mais capitancias até que sobre suas representações lhes cheguem as definitivas ordens do soberano congresso.

Mas no Rio de Janeiro existe uma divisão de tropa européa composta dos dous batalhões dos ns. 11 e 15 de infantaria, do n. 3 de caçadores e de um corpo de artilharia. E esta divisão sempre que tem, não digo já observado, mas simplesmente receiado, que o povo, ou a tropa do paiz faça algum movimento opposto ao que desde 24 de Agosto de 1820 se tem praticado em Portugal, tem corrido ás armas e tem obrigado o governo, o restante da tropa, e o povo a obrar no sentido das determinações, que de algum modo lhes constava, ainda mesmo sem a authenticidade aliás exigida, haverem-se promulgado n'este reino. E' d'esta maneira, que teve logar no dia 26 de Fevereiro de 1821 o juramento geral de obediencia á

constituição, que as côrtes fizessem; no dia 5 de Julho seguinte o juramento ás bases da constituição; e mesmo foi por este motivo de fazer effectiva a partida da côrte, que se julgava indispensavel para o acôrdo do Brazil com Portugal, e que começava a tornar-se duvidoso, que tiveram logar os horrorosos acontecimentos da sempre execravel noite de 21 e 22 de Abril.

O que posto, ou Sua Real Alteza na presença das representações das provincias suspendeu os preparativos para a formação da junta governativa do Rio de Janeiro, e para o seu proprio embarque; ou deixou proseguir tudo, como havia ordenado. Sobre o que se deve observar, que até a partida do correio, não constava de outra ordem, e havia quasi um mez, que as ordens estavam dadas; e portanto suppondo que em consequencia d'ellas se juntavam os eleitores, e os transportes estavam promptos; então, ou Sua Alteza Real deixava eleger a junta, e a installava e partia; ou sustava esta ultima conclusão. Si a sustava, é a meu vêr quasi certo, que divisão européa lançava mão das armas, para fazer effectivo o cumprimento dos decretos do soberano congresso. O mesmo digo, si constasse, que Sua Alteza Real havia dado contra ordem para se não proseguir mais na nomeação dos eleitores, nem nos preparativos da partida.

Uma vez posta em armas a divisão, posso afiançar pelo conhecimento, que tenho do Rio de Janeiro, que nem o resto da tropa de linha, nem as milicias, que comprehendem o resto dos habitantes em estado de resistir, fariam a menor opposição.

Em nenhum de quantos movimentos têm havido desde o memoravel dia 26 de Fevereiro até agora, teve parte alguma activa a gente do paiz, comprehendendo mesmo os Europeus ali estabelecidos, si não era com discursos, clubs, e pasquins, como o de que agora nos vêm noticias, mais volumosas em razão da liberdade da imprensa.

E' portanto para mim eminentemente provavel, que a divisão portugueza, ou ameaçando pegar das armas, ou pegando com effeito d'ellas, terá posto Sua Alteza Real na necessidade de dar pleno cumprimento aos referidos decretos, e isto com tanta mais vehemencia, quanto é maior



a acrimonia, que respira na representação da parte de São-Paulo, que acabámos de ouvir.

O unico modo como me lembra que Sua Alteza Real poderá evitar, que os batalhões venham ás armas, é o de lhes ponderar, que como o seu principal movel é o desejo de regressar para este reino, e isso só pôde ter lugar depois da chegada da esquadra, nada se perde demorando-se até então o cumprimento dos decretos. E depois da chegada da esquadra, como pela presença das tropas, que os vão render, nada obsta a sua partida, deixal-os com effeito regressar; e Sua Alteza Real ficar ainda esperando as ultimas decisões do congresso.

Noto estes como os dois unicos expedientes, que me parecem possiveis, mas não direi provaveis, segundo o conhecimento que tenho do espirito da divisão; e sobre tudo vendo assim vilipendiada a autoridade do congresso.

Tenho cumprido com a exposição das informações de facto, que me parece fazerem ao presente caso; e dito o que me parece provavel, que a esta hora tenha acontecido; porém como é sempre possível, que pelos expostos, ou por outros meios Sua Alteza Real tenha realisado o expediente, a que de algum modo se mostra inclinado, de deferir a sua partida até novas e difinitivas ordens do soberano congresso, devo accrescentar em resposta a honra que V. Ex. me fazem de quererem ouvir o meu parecer sobre as duas medidas provisórias, em que se tem concordado, que me parece muito acertada a primeira, de que Sua Alteza Real se demore no Rio de Janeiro, sustando ali a execução dos decretos em questão, até chegarem as ultimas resoluções do soberano congresso; e bem assim a segunda de ficarem, tanto os governadores das armas, como as juntas de fazenda sujeitas entretanto ás juntas governativas, sendo os governadores membros natos d'ella, e um dos outros membros presidente da junta de fazenda.

Sómente observarei, que por isso me parece seria coherente, que os governadores das armas, ou como se tem proposto chamar com mais conveniencia, os commandantes da força armada, sejam nomeados pela mesma

junta governativa, porque d'este modo me parece conseguir-se melhor o que a commissão pretende, de concentrar, e para assim dizer, dar ao governo de cada provincia a unidade, que pelas antecedentes disposições lhes faltava com effeito. E não obsta o dizer-se talvez, que d'esse modo, tirando-se ao poder executivo a nomeação dos ditos governadores, se lhe tira a responsabilidade, de que elle jámais deve ser dispensado; e que se abre campo á intriga, autorisando-se as juntas a fazerem por ventura injustas pretensões.

A isto responderei eu, que uma vez declarados os commandantes da força armada sujeitos ás juntas, ficam estas autorisadas para os suspender; e logo tambem para nomearem quem os substitua; em cuja nomeação se vem a verificar tudo quanto se poderia oppôr contra a primeira.

Mas nem o ministerio fica menos responsavel pela nomeação das juntas, pois que ou ellas nomeam, ou não, e sempre ficam de permeio entre o poder executivo e os chefes da força armada; nem a nomeação fica sendo arbitraria, pois que as juntas ficam obrigadas a conformar-se com a lei, preferindo as maiores patentes ás menores; a menos que não haja em contrario fortes razões de serviço, porque ficam responsaveis.

---



# INDICE

DOS

ARTIGOS CONTIDOS NOS 50 TOMOS

DA

## REVISTA TRIMENSAL DO INSTITUTO HISTORICO

em relação a cada uma das provincias do imperio \*

### Amazonas

	TOMOS
Capitania de São-José do Rio Negro (Francisco X. R. Cordeiro).....	1
Thesouro descoberto no maximo rio Amazonas (Padre João Daniel).....	2, 3 e 41
Memoria sobre o limite com a Guiana Inglesa.....	3
Distancias da entrada do Amazonas até Villa-Bella.....	4
Provisão para a construcção de uma fortaleza no Rio-Branco	4
Observações sobre a obra <i>Thesouro descoberto no maximo rio Amazonas</i> .....	5
Informação sobre limites do norte (Ricardo Franco de Almeida Serra).....	
Limites com a republica de Venezuela (A. L. Monteiro Baena) 1845.....	7
Viagem á colonia hollandeza de Surinam.....	8

---

(\*) Offerecido ao Instituto Historico e Geographico do Brazil pelo socio effectivo coronel Augusto Fausto de Souza, para ser incluído no catalogo geral da Revista Trimensal.—Abril de 1888.

	TOMOS
Viagem do bispo do Grão-Pará em 1762.....	9
Noticias sobre a capitania do Rio Negro.....	10
Memoria sobre os rios Baurés, Branco, Conceição, São-Joaquim, etc.....	12
Relação geographica do Rio-Branco da America portugueza.....	13
Vocabulario da lingua usada no Alto-Amazonas.....	17
As Amazonas (Memoria do Dr. A. Gonçalves Dias). ....	18
Viagem pelo Rio-Negro (Hilario Maximiano Antunes Gujão)	18
Extractos do relatorio do presidente Dias Vieira.....	20
Descripção do Rio-Branco e seu territorio.....	24
Novo descobrimento do grande rio das Amazonas (Christovam d'Acuña).....	25
Descripção corographica do Grão-Pará.....	36
Noticia sobre a feroz nação do gentio Mura.....	36
Viagem philosophica pela capitania de São-José do Rio Negro.....	48, 49 e 50
Extracto do diario de viagem ao rio Marié.....	48
As populações indigenas da Amazonia (José Verissimo)....	50

OBSERVAÇÃO.—O territorio d'esta provincia esteve sujeito ao da do Pará até o anno de 1850; por isso encontrar-se-ão muitas outras noticias do Amazonas nos artigos relativos á provincia do Pará.

### Pará

Compendio das éras da provincia do Pará.....	2
Navegação do Pará para Mato-Grosso.....	2
Thesouro descoberto no maximo do rio Amazonas. 2, 3, 28 e	41
Propriedade e posse do cabo do Norte.....	3
Primeira viagem a vapor pelo Amazonas (1843).....	6
Questão das terras do cabo do Norte (1699).....	8
Roteiro do Pará á Bah'ia (1819).....	8
Navegação do Tapajoz para o Pará.....	9
Viagem do bispo D. Fr. João em 1762.....	9



	TOMOS
Commissão mercantil entre Pará e Goyaz.....	10
Diario do ajudante da praça de Macapá, em 1791.....	11
Viagens pelos rios Tocantins e Araguaia, 1792.....	11
Roteiro de Araguay a Oyapock, 1794.....	12
Viagem do governador Martinho de Souza em 1784.....	12
Noticia sobre a ilha de Joannes, 1800.....	12
O Oyapock e o Brazil (Dr. Joaquim Caetano da Silva).....	13
Navegação do rio Arinos até á villa de Santarém no Pará...	19
Carta régia sobre os indios da capitania do Pará, 1798.....	20
Revolução de 1822—23 (Felippe José Pereira Leal).....	22
Roteiro da cidade de Belém a Villa-Bella.....	23
Transito do Igarapé-mirim e necessidade de um canal, 1820 (A. L. Monteiro Baena).....	23
Navegação do Pará para Mato-Grosso.....	28
Informação sobre sesmarias, 1795 (D. Francisco de Souza Coutinho).....	29
Communicação commercial entre Cuiabá e Pará (1812—13)...	31
Descripção corographica do estado do Grão-Pará.....	36
Reliquias de uma grande tribu extincta, no Marajò.....	39
Estudos sobre a tribu Mundurucú (Dr. Antonio Manoel Gon- çalves Tocantins).....	40
Instrucções para a descoberta do rio Tocantins.....	46

## Maranhão

Memoria sobre as nações gentias do Maranhão.....	3
Obelisco da estrada de Nazareth (A. L. Monteiro Baena)...	3
Roteiro a seguir do Maranhão para o Rio de Janeiro.....	3
Roteiro entre as capitancias do Pará e Maranhão á Bahia...	8
Roteiro das fronteiras do Maranhão a Goyaz (1815).....	10
Memoria sobre a revolução de 1839—40 (Dr. Domingos J. Gonçalves Magalhães).....	10
Descripção do territorio de Pastos-Bons.....	12
Documentos relativos ao Maranhão (Dr. A. Gonçalves Dias).....	16

Memoria sobre a capitania do Maranhão (Francisco Xavier Machado) 1810.....	17
Memoria sobre a latitude e longitude do sertão da capitania do Maranhão.....	20
Itinerario da provincia do Maranhão (Brigadeiro Pereira do Lago).....	35
Notas diarias sobre a revolta do Maranhão (1838—40).....	35
Catalogo dos governos da provincia do Maranhão.....	36
Documento sobre Teixeira de Mello, restaurador do Maranhão .....	39
Relação historica dos tumultos no Maranhão. ....	40
Administração do presidente Dr. Franklim Doria (Dr. Cesar A. Marques) .....	41
Historia da imprensa no Maranhão (Dr. Cesar A. Marques)..	41
Vida de Gomes Freire (Motim de Beckman).....	44
Papel politico sobre o estado do Maranhão. ....	46
O dia 28 de Julho (Uma pagina da historia).....	47 e 49
Expedição do Ceará em auxilio do Maranhão.....	48
Guaxenduba (Dr. Cesar Augusto Marques).....	48
Independencia do Maranhão (Tristão de Alencar Araripe)...	48
Estabelecimento da igreja catholica no Maranhão (Dr. Cesar A. Marques).....	49
O <i>Bemtevi</i> e seu redactor (Dr. Cesar A. Marques).....	49

### Piauhhy

Roteiro entre o Pará e a Bahia pelo Piauhhy.....	8
Memoria sobre a capitania do Piauhhy, 1820 (F. Xavier Machado) .....	17
Memoria chronologica do Piauhhy (J. M. Pereira de Alencastre).....	20
Notas diarias sobre a revolta no Piauhhy, 1838—41.....	35
Documentos sobre a prisão do major Fidié.....	36
Expedição do Ceará em auxilio do Piauhhy.....	48

OBSERVAÇÃO.—Acerca d'esta provincia se podem encontrar informações nos artigos relativos á do Maranhão, de cuja capitania fez parte até 1811.

### Ceará

	TOMOS
Creação da villa de Aracaty.....	20
Actas da camara do Crato em Maio de 1817.....	25
Assentos do senado do Icó (1738—1835).....	25
Villa de Lavras.....	25
Revolução do Ceará em 1821.....	29
Memoria sobre a capitania do Ceará.....	34
Erecção da villa de Monte-mór.....	35
Excursões pelo Ceará (Dr. Homem de Mello).....	35
Notas diarias sobre a revolta no Ceará (1838—41).....	35
Documentos para a revolução de 1817.....	37
Rectificação á historia do Brazil (1831—40) de Pereira da Silva.....	42
Expedição do Ceará em auxilio do Piahy e Maranhão.....	48
Execução de Pinto Madeira (Dr. Paulino Nogueira).....	50

OBSERVAÇÃO.—O territorio do Ceará fez parte das do Maranhão e de Pernambuco, da qual se tornou independente em 1799. Nos artigos, que tratam d'estas duas capitancias, portanto podem existir esclarecimentos sobre o Ceará.

### Rio-Grande do Norte

Capitães-móres e governadores da capitania.....	17
Memoria sobre a fome do sertão do Apody.....	20
Defesa da capitania do Rio-Grande do Norte, 1808.....	27

OBSERVAÇÃO.—Outras informações sobre esta provincia, poderão ser encontradas nos artigos referentes á capitania de Pernambuco, da qual fez parte até 1817.

### Parahiba

Relação das matas da capitania da Parahiba.....	6
Instruções do governador F. Delgado Freire de Castilho...	6
Informações sobre matas e portos onde se podem carregar madeiras.....	6

	TOMOS
Governadores e presidentes da Parahiba, 8 e.....	23
Chronica do mosteiro de Montserrat.....	27
Summario das guerras para a conquista da Parahiba.....	36
Documentos sobre a revolução de 1824.....	37
Historia da guerra de Pernambuco e Parahiba, 39, 40, 41 e	42

OBSERVAÇÃO. — Os destinos d'esta provincia estiveram ligados á de Pernambuco até o fim do seculo passado (1799) ; nos artigos pois da historia de Pernambuco encontrar-se-ão informações sobre a da Parahiba.

### Pernambuco

Carta de Henrique Dias.....	3
Descripção da costa até São-Roque.....	6
Roteiro entre as capitunias do Pará á Bahia.....	8
Sedições de Pernambuco, exemplo aos vindouros.....	16
Vitoria en los Gararapes, 1649.....	22
O Brazil hollandez (conego Fernandes Pinheiro).....	23
Sermão da restauração em 1731.....	23
Testamento e casa de João Fernandes Vieira.....	23
Tremor de terra em 1811.....	23
Luiz do Rego e a posteridade (conego Fernandes Pinheiro)..	24
Duvidas sobre pontos do historia patria (Dr. Joaquim Manoel de Macedo).....	25
O forte do mar em Pernambuco.....	25
Revolução pernambucana de 1817, 29, 30 e.....	31
A confederação do Equador (Dr. Antonio Pereira Pinto)...	29
As batalhas dos Guararapes (conego Fernandes Pinheiro)..	29
Longitude do arse. al de marinha (José da Costa Azevedo)..	32
Documentos sobre a revolução de 1824.....	37
Historia da guerra de Pernambuco, 39, 40, 41, 42 e.....	43
Narração historica de Matheus van Breck.....	40
Observações meteorologicas de 1808 — 1810 .....	46
Informações sobre os indios dos sertões.....	46

	TOMOS
Direcção com que se devem regular os indios.....	46
Relatorio do Dr. José Hygino Pereira da Nobrega (guerra dos Hollandezes).....	49

### Alagôas

Relação das matas das Alagôas.....	7
Extractos sobre a provincia das Alagôas.....	13
Viagem ás cachoeiras de Paulo-Affonso.....	22
A guerra dos Palmares, 1675—78.....	22
As matas das Alagôas.....	22
Memoria dos feitos na guerra dos Palmares.....	39
Historia da guerra de Pernambuco, 39, 40, 41, 42 e.....	43
Lista dos governadores, presidentes, etc. (1819—41).....	45
Condições para a conquista dos negros dos Palmares.....	47

OBSERVAÇÃO.—Tendo sido sujeita aos governos de Pernambuco até 1817, nos artigos relativos a esta provincia poderão haver informações sobre a das Alagôas.

### Sergipe

Minas de ferro e um rio subterraneo no Sergipe.....	23
---	----

OBSERVAÇÃO.—Esta provincia esteve sempre subordinada á da Bahia, da qual foi separada em 1821; por isso os esclarecimentos, que se desejarem sobre ella, deverão ser procurados (até aquella data) nos artigos da antiga capitania da Bahia.

### Bahia

Informação sobre uma antiquissima cidade abandonada, 1, 3, 6, 7 e.....	10
Noticia sobre os indios Tupinambás.....	1
Carta do padre Joseph em 1565.....	3
Fragmento de uma memoria sobre as sesmarias.....	3



Carta régia sobre minas de cobre e de ferro em Cachoeira e Itupicuru (1793).....	4
Relatorio sobre as minas do Rio de Contas em 1721.....	5
Noticia sobre a primeira planta do café em Caravellas.....	5
Instrucções que trouxe o governador Roque da Costa Barreto em 1677.....	5
Roteiro para o estabelecimento de uma fabrica de salitre em Montes-Altos.....	5
Projecto de uma estrada da Bahia no Rio de Janeiro.....	5
Relação verdadeira da restauração da Bahia em 1625.....	5
Cartas dos padres Antonio Pires e Manoel da Nobrega.....	6
Hostilidades dos indios....., 1694.....	7
Itinerario da Bahia ao Rio de Janeiro, 1808 (Desembargador Luiz Thomaz Navarro).....	7
Plano do estabelecimento do correio entre a côrte e a Bahia (idem).....	7
Viagem a Caravellas, Viçosa, etc.....	8
Privilegios concedidos aos cidadãos da Bahia.....	8
Roteiro entre as capitanias do Pará e da Bahia.....	8
Terrenos diamantinos da Bahia (Relatorio do Dr. Benedito M. da Silva Acauan 1847).....	9
O Caramuru perante a historia (Francisco A. Varnhagen)..	10
Comunicação entre a capital e o Joazeiro.....	10
Tribus aborigenes quando o Brazil foi conquistado.....	12
Minas de ouro do Assuruá, 1841.....	18
Foral da capitania da Bahia.....	19
Plano para a civilisação dos indios da Bahia.....	12
Recuperação da cidade do Salvador por D. Manoel de Menezes.....	22
Memoria sobre a villa da Cachoeira.....	25
A rebelião de Outubro de 1824.....	30
Fundação da casa da moeda em 1799.....	33
Nota sobre o sitio em que desembarcou Cabral (Francisco A. Varnhagen).....	40
O primitivo e actual Porto Seguro (general Henrique B. Rohan).....	43

A Sabinada em 1837 (Dr. Joaquim Pires Machado Portella).	TOMOS 45
A sociedade bahiense dos homens de letras.....	47
Tremor de terra na Bahia em 1724.....	47
A sabinada da Bahia em 1837 (Dr. M. D. Moreira de Azevedo).....	47
A revolução da Bahia e o Dr. Sabino (Dr. Augusto V. A. Sacramento Blake).....	48

### Espirito-Santo

Navegação do Rio-Doce (Mancel Vieira Albuquerque de Tovar) 1810.....	
Extractos de uma viagem á provincia do Espirito-Santo (Manoel José Pires da Silva Pontes).....	1
Informação sobre a capitania do Espirito-Santo 1811 (Francisco Manoel da Cunha).....	4
Descripção do convento da Penha (José Joaquim Machado de Oliveira).....	5
Annua da missão da capitania do Espirito-Santo (1624—25).	5
Carta de D. Affonso Braz mandada do Espirito-Santo em 1551).....	6
Medição e direcção da estrada do rio Santa-Maria (Victoria) a Villa-R'ca.....	6
Regulamento interino para o aldeamento dos indios do Rio-Doce. 1824.....	6
Navegação pelo Rio-Doce (Luiz d'Alincourt)—1832.....	7
Exploração do rio Mucury em 1837.....	8
Abertura da picada para o Cuieté. 1848.....	10
Officio de Francisco Manoel da Cunha sobre a capitania do Espirito-Santo .....	12
O indio Guido Pokrane.....	18
Memorias da provincia do Espirito-Santo (Braz da Costa Robim) 19 e.....	24
Noticia chronologica dos factos mais notaveis da historia (Braz da Costa Robim).....	19
Noticia sobre os selvagens do Mucury (Theophilo B. Otton )	21

Memoria sobre os limites da provincia do Espirito-Santo (Braz da Costa Robim).....	23
Diccionario topographico da provincia do Espirito-Santo (Braz da Costa Robim).....	25
Memoria sobre o reconhecimento da foz e porto do Rio-Doce (Luiz d'Alincourt).....	29

## Rio de Janeiro

Descobrimto e fundação da cidade do Rio de Janeiro (A. Duarte Nunes).....	1
Catalogo dos capitães-mores, governadores e vice-reis. 1 e..	2
Fundação da igreja de S. Sebastião e catalogo de seus pre- lados.....	2
Memoria sobre o Rio de Janeiro (governo de Salvador Bene- vides).....	3
Viagem á Serra dos Orgãos (traducção).....	3
Memoria sobre a escola de pintura fluminense (Manoel d'Araujo Porto Alegre).....	3
Parecer sobre a « <i>Voyage pittoresque au Bresil</i> » de Debret.	3
Extracto da obra « <i>Annaes do Rio de Janeiro</i> » de Balthasar da Silva Lisboa 4 e.....	5
Relatorio entregue pelo Marquez de Lavradio a Luiz de Vasconcellos .....	4
Relatorio entregue por Luiz de Vasconcellos a seu succes- sor .....	4
Memoria sobre a fazenda de Santa-Cruz. 1804.....	5
Relação das festas da aclamação de D. João VI.....	5
Recordação das pessoas illustres que serviram no Rio de Ja- neiro.....	5
Extracto do obra <i>Memorias do Rio de Janeiro</i> de monsenhor Pizarro.....	5
Plano do estabelecimento do correio entre o Rio de Janeiro e a Bahia.....	7
Parecer sobre ossos fosseis encontrados em Cantagallo.....	7

	TOMOS
Noticia sobre a colonia de Nova-Friburgo. (Thomé Maria da Fonseca Silva).....	12
Noticia sobre as minas de. Cantagallo (1805).....	12
Memoria sobre os aldeamentos de indios no Rio de Janeiro. (Joaquim Norberto).....	17
Officio de Constantino de Menelau em 1625.....	18
Origem do collegio de Pedro II (Dr. F. M. Rapozo de Al- meida).....	19
Fundação do bispado do Rio de Janeiro (Dr. Carlos Hono- rio de Figueiredo).....	19
Almanack do Rio de Janeiro em 1799 (A. Duarte Nunes)...	21
A França antartica (conego J. C. Fernandes Pinheiro).....	22
Victoria contra os Francezes em 1710.....	23
Função do hospital dos Lazaros.....	23
A fortaleza da Conceição.....	25
A Carioca (conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro)...	25
Defeza militar da capital do Brazil. 1822 (José Victorino dos Santos Souza) 26 e.....	47
Descobrimento e fundação da cidade do Rio de Janeiro....	27
Acontecimentos de Abril de 1821 (por uma testemunha).....	27
A imprensa no Rio de Janeiro (Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo).....	28
Os ultimos vice-reis (conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro).....	28
Os tumulos de um claustro (Dr. M. D. Moreira de Azevedo)	29
A faculdade de medicina do Rio de Janeiro (Dr. M. D. Moreira de Azevedo).....	30
O dia 9 de Janeiro de 1822 (Dr. Moreira de Azevedo).....	31
População da côrte e provincia em 1821.....	33
Reparos e annotações sobre a defeza da barra do Rio de Janeiro (1768). 33 e.....	47
A sedição da ilha das Cobras em 1831 (Dr. Moreira de Azevedo).....	34
Aviso sobre o subterraneo dos jesuitas no Castello.....	35
Apontamentos historicos sobre a ordem dos Benedictinos (Dr. Ramiz Galvão).....	35

Os tiros no theatro em 1831 (Dr. M. D. Moreira de Azevedo).....	36
A sedição militar de Julho de 1831 (Dr. Moreira de Azevedo).....	37
Motins politicos e militares do Rio de Janeiro (conego Fernandes Pinheiro e Dr. Moreira de Azevedo), 37, 38, 39 e	41
Historia da imperial fazenda de Santa-Cruz (Dr. José Saldanha da Gama).....	38
Memoria historica sobre a matriz da Candelaria (conego Manoel da Costa Honorato).....	39
Paulo Fernandes e a policia do seu tempo (conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro).....	39
Viagem de Antonio Knivet, da Inglaterra ao Rio de Janeiro .....	41
Declaração da maioridade em 1840 (Dr. Moreira de Azevedo) 42 e.....	44
A bahia do Rio de Janeiro (Augusto Fausto de Souza).....	44
Noticia sobre a maioridade (Tristão de Alencar Araripe)...	44
Discurso sobre a fundação da sociedade literaria.....	45
Latitudes e longitudes de differentes logares.....	45
Chegada da familia real em 1808 (Dr. Joaquim Pires Machado Portella).....	45
Ordens monasticas na capitania do Rio de Janeiro (conde de Rezenle) 1797.....	46
Mappa da moeda circulante, productos exportados, etc. (idem) .....	46
Memoria historica da cidade de Cabo-Frio e sua jurisdicção.	46
Prerogativas e titulo da cidade do Rio de Janeiro. 1647....	46
Memorias economicas da cidade do Rio de Janeiro (Luiz de Vasconcellos).....	47
Ataque e tomada da cidade do Rio de Janeiro por Duguay Trouin (traducção).....	47
João Cointha, senhor de Bolés (Dr. B. F. Ramiz Galvão)...	47
Representação sobre a povoação dos Campos dos Goitacazes.	47
Meios de defesa da cidade do Rio de Janeiro (sem data).....	47



	TOMOS
Carta régia sobre os bens das religiões. 1718.....	47
Os campos dos Goitacazes (Dr. José Alexandro Teixeira de Mello) .....	49

### São-Paulo

Viagem de Porto Feliz ao Paraná (José Ferreira de O.Bueno	1
Navegação entre as capitanias de Goyaz e de S. Paulo. 1817	2
Memorias da capitania de S. Vicente (Fr. Gaspar da Madre de Deus). 4 e.....	24
Memoria sobre as aldeias de indios. 1798. ....	4
Instrucção militar para o governador de São-Paulo. 1775...	4
Noticias praticas das minas da capitania de São-Paulo.....	4
Noticias da capitania de São-Paulo em 1792.....	5
Fundação da aldeia de S. João de Queluz.....	5
Liberdade dos indios. 1694.....	7
Viagem do conde de Azambuja de São-Paulo a Cuiabá. 1751.	7
Aldeias de indios em São-Paulo (José Joaquim Machado de Oliveira).....	8
Historia da capitania de São-Vicente (Paes Leme).....	9
Diario de uma viagem mineralogica (Martim Francisco)....	9
Expulsão dos jesuitas do collegio de São-Paulo.....	12
Título de Taques Pompeu.....	18
Epitome da erecção do bispado de São-Paulo.....	18
Descripção da fabrica de S. João de Ipanema. 1852.....	18
Navegação do Paraná, Parahiba e Mogiguassu.....	25
Itinerario de Santos a Cuiabá (Miranda Reis e Joaquim de Eça e Costa). ....	26
Memoria sobre o melhoramento da provincia de São-Paulo..	31
Nobiliarchia Paulistana (Paes Leme). 32, 33, 34 e.....	35
Os padres do Patrocinio e o porto do Itú.....	33
Excursões pela provincia de São-Paulo (Dr. F. I. M. Homem de Mello).....	35
Memoria sobre a capitania de São-Paulo. 1814.....	36
Viagem do governador Sá e Faria ao Igatemy.....	39

	TOMOS
Notas para a historia de João Ramalho.....	40
O conselheiro Amaral Gurgel—sucessos de 1824.....	41
Viagem de Martim Francisco de São-Paulo a Sorocaba. 1803.	45
Acontecimentos na villa de Cananéa. 1787.....	45
O padrão de marmore de Cananéa (Dr. Moreira de Azevedo).....	49
Amador Bueno (Dr. Moreira de Azevedo).....	50

### Paraná

Descobrimento e colonia de Guarapuava.....	4
Itinerario de uma viagem do Barão de Antonina.....	9
Itinerario do sertanejo Joaquim F. Lopes, de Antonina ao Paraguay .....	10
Descoberta do campo das Palmas.....	14
Descoberta dos campos de Guarapuava.....	18
Itinerario de Antonina a Jatahy.....	26
Diario de uma viagem de Jatahy a Miranda.....	27
Viagens pelo sertões de Guarapuava (Camillo de Lellis)....	28
Mato-Grosso por Curitiba e Tibagy.....	28
Viagem aos sertões de Guarapuava (J. F. Thomaz do Nas- cimento).....	49
O salto Visconde do Rio-Branco no Paraná.....	49
Viagem ao rio Iguassú (Alfredo Eschagnolle Taunay).....	50

OBSERVAÇÃO. —Esta provincia, esteve ligada á de São-Paulo até 1853; por isso grande numero de informações serão encontradas nos artigos relativos a esta ultima provincia.

### Santa-Catharina

Geologia da provincia (Van Lede).....	7
Projecto de uma estrada do Desterro ás Missões, 1824.....	7
A colonia alleman de São-Pedro de Alcantara.....	10
Defesa de Antonio Carlos Furtado de Mendonça.....	27
As caldas da Imperatriz (Dr. Alfredo Eschagnolle Taunay).	42

OBSERVAÇÃO.—Até o anno de 1807 esta provincia este subordinada á do Rio de Janeiro e d'esse anno até 1822 á do Rio-Grande do Sul. Nos artigos concernentes a estas, poder-se-ão encontrar esclarecimentos sobre a de Santa-Catharina.

# Rio-Grande do Sul

	Tomos
Memoria sobre a provincia de Missões (Thomaz C. Rabello da Silva) 1812.....	2
Diario do reconhecimento da serra geral (cabeceiras do Rio-Pardo).....	3
Quaes os artistas que fizeram os templos dos jesuitas? (Rodrigo de Souza da Silva Pontes).....	4
Memoria sobre a republica dos jesuitas, 1757.....	4
Celebração da paixão entre os guaranis (José Joaquim Machado de Oliveira).....	4
Memoria da tomada dos setepovos de Missões (Gabriel Ribeiro de Almeida).....	5
Campanha de 1816 (Diogo Arouche de Moraes Lara).....	7
Inventario dos papeis do governador Sebastião Xavier da Veiga Cabral.....	11
Vocabulario e phrases do Rio-Grande do Sul (A.A. Pereira Coruja).....	15
Diario da expdição de Gomes Freire a Missões.....	16
Guerra dos setepovos de Missões, 1801.....	16
Separação do bispado do Rio-Grande do Sul do do Rio de Janeiro.....	16
Limites entre o Brazil e Montevidéo (Machado de Oliveira, Ponte Ribeiro, Gonçalves Dias).....	86
Noticia particular do continente do Rio-Grande do Sul, 178..	21
Breve noticia dos setepovos de Missões, 1812 (Francisco João Roscio).....	21
Annotações á obra de Pizarro, na parte relativa ao Rio-Grande do Sul (A. A. Pereira Coruja)....	21

Itinerario do Passo-Fundo ao de São-Borja, 1858 (João Pedro Gay).....	21
Itinerario dos confins da capitania do Rio-Grande á cidade de São-Paulo, 1797.....	21
Campos das vacas brancas no Rio-Grande do Sul.....	21
Algumas communicações offic'aes sobre o forte de Santa-The-reza, 1762 - 63.....	21
Governo da provincia do Rio-Grande do Sul (José dos Santos Viegas).....	23
Recordações historicas sobre a campanha de 1827 (J. J. Machado de Oliveira).....	23
Republica jesuitica de Missões (vigario João Pedro Gay)... ..	26
Almanak de Porto-Alegre, 1808.....	30
Despojos dos povos de Missões em 1817.....	30
Documentos sobre a colonia do Sacramento e Rio-Grande 31 e 32	32
Biographia do general José de Abreu (Dr. José Maria da Silva Paranhos Junior).....	31
Documentos sobre a perda do Rio-Grande em 1763.....	32
Excursões pela provincia do Rio-Grande do Sul (F. I. M. Homem de Mello).....	35
Demarcação de limites no sul (correspondencia de Luiz de Vasconcellos) ....	36
Reminiscencias da campanha de 1827 (ten.-coronel Seweloch. 37	37
Memorias do visconde de São-Leopoldo, 37 e.....	38
Assedio e rendição da colonia do Sacramento em 1777 (P. T. Xavier de Brito).....	39
Documentos relativos á capitania de S. Pedro do Sul, 40, 41 e 42	42
Indice chronologico dos factos da historia do Rio-Grande do Sul (Dr. F. I. M. Homem de Mello).....	42
Guerra civil do Rio-Grande do Sul (Tristão de Alencar Ara-ripe) 43, 45 e.....	47
Successos da tomada da terra da margem do sul, 1776.....	45
Biographia do marechal Francisco das Chagas Santos (Au-gusto Fausto de Souza). ....	46
Sambaquis na Conceição do Arroio (Carlos Koseritz) ..	47

	TOMOS
Biographia do tenente-general Jcsé Fernandes dos Santos Pereira (Augusto Fausto de Souza). . . . .	48
Historia da campanha de 1827 (Visconde de Barbacena). . . .	49
A redempção da Uruguayana (Augusto Fausto de Souza)...	50

### Minas-Geraes

Levantamento de Minas em 1708 a 1720. . . . .	3
Cartas do Dr. Lund, escriptas da Lagôa-Santa. . . . . 4 e	6
Rendimento do quinto (1752—62). . . . .	4
Instrucções para o visconde de Barbacena, 1788. . . . .	6
Requerimento do bispo de Marianna, 1752. . . . .	6
Instrucção para o governador D. Antonio de Noronha, 1775.	6
Memorias das camaras das villas de Sabará e Pitanguy. . . .	6
Memorias sobre o quinto desde 1700 a 1713. . . . .	6
Extrato da memoria do Dr. João José Teixeira sobre o quinto e outras cobranças, 1844. . . . .	6
Carta régia sobre uma estrada pelo Rio-Doce. . . . .	6
Navegação do rio São-Francisco, 1843 (Extracto da Memoria de José Ignacio do C. Moreno). . . . .	6
Épocas da provincia de Minas-Geraes, 1694 a 1780. . . . .	8
A conspiração de 1788 (Southey e José de Rezende Costa)..	8
Exploração do rio Mucury em 1837 (Pedro Victor Reynault)	8
Memoria sobre a capitania de Minas-Geraes, 1799. . . . .	11
Instrucção para o governo da capitania de Minas-Geraes, 1780. . . . .	15
Instrucção do conde de Bobadella a seu irmão. . . . .	16
Povoadores da capitania de Minas-Geraes. . . . .	25
Descripção dos sertões de Minas. . . . .	25
Bando do capitão-general Gomes Freire expellindo os ourives do Brazil. . . . .	25
Um episodio da historia patria — villa do Carmo, 1720 (Dr. José Vieira Couto Magalhães). . . . .	25
Prisão de Alvarenga e Marianno José Pereira da Fonseca...	23



Descobrimiento de Minas-Geraes (Memoria sem data nem nome de autor).....	29
A conspiração do Tiradentes.....	30
A conjuração mineira (Correspondencia do vice-rei, etc.) 32 e	40
Descrição do Itatiaia (José Franklin da Silva).....	39
Exploração dos rios das Velhas e de São-Francisco (F. M. Alvares Araujo) .....	39
O Tiradentes perante os historiadores (Joaquim Norberto Sousa Silva).....	44
Panorama do sul de Minas.....	45
Movimento politico em 1842 (Dr. M. D. Moreira de Azevedo).....	47
Investigações sobre a geologia mineira (Dr. José Franklin S. Massena).....	47

OBSERVAÇÃO.—Esta provincia esteve ligada á de São-Paulo até 1720; é possível pois encontrar informações sobre ella nos artigos relativos á esta.

### Mato-Grosso

Os indios Cavalleiros (Guaycurús), Francisco Rodrigues Prado.....	1
Memoria sobre Mato-Grosso (Ricardo F. de Almeida Serra).	2
Navegação do Pará para Mato-Grosso. ....	2
Carta-régia ao capitão-general D. Francisco de Souza Coutinho). ....	4
Descrição da gruta do inferno, 1775 (Alexandre Rodrigues Ferreira).....	4
Noticia sobre as minas de Cuiabá, 1727.....	4
Descrição geographica de Mato-Grosso (Ricardo F. de Almeida Serra) .....	6
Memoria sobre os indios Apiucás e minas de Matto-Grosso..	6
Aldeamentos de Guaycurús e Guanás (Ricardo F. de A. Serra).....	7 e 13
Navegação do Tajajoz para o Pará.....	8

	TOMOS
Vingem de Cuiabá ao Rio de Janeiro (Henrique de B. Rohan).....	9
Creação da directoria de indios de Mato-Grosso.....	9
Viagem á gruta das Onças (Alexandre Rodrigues Ferreira)..	12
Reflexões sobre a capitania de Mato-Grosso (Ricardo F. de A. Serra).....	12
Compendio historico-chronologico de Cuiabá (1778—1817) ..	13
Memorias chronologicas de 1718—1779.....	13
Itinerario de Joaquim F. Lopes entre São-Paulo e Mato-Grosso.....	13
Descobrimento do rio Igurey, 1783 (Candido Xavier de Almeida e Souza).....	18
Navegação do rio Arinos a Santarém no Pará.....	19
A emigração dos Cayuás e seu vocabulario.....	19
Descripção geographica da capitania de Mato-Grosso, 1797 (sem nome do autor).....	20
Distancias entre pontos de Mato-Grosso a outros do Pará e São-Paulo.....	20
Noticia chronologica das pessoas que governaram Mato-Grosso de 1751 a 1816.....	20
Roteiros, tabellas, explorações, etc.....	20
Roteiro da navegação do Paraguay (Augusto Leverger)....	25
Reconhecimento do rio Paraguay (Ricardo F. de A. Serra)..	25
Carta geographica de Mato-Grosso (Augusto Leverger)....	25
Noticia do gentio barbaro nas minas de Cuiabá.....	25
Navegação do rio Cuiabá (Augusto Leverger).....	25
Itinerario da cidade de Santos a Cuiabá (Miranda Reis e d'Eça e Costa).....	26
Itinerario da cõrte a villa de Miranda (Luiz Soares Viegas).	26
Diario do porto de Jatahy a Miranda (Dr. Epiphanio C. S. Pitanga).....	27
Exploração da provincia de Mato-Grosso. Fundação de uma fabrica de polvora. (Rodolpho Vachneld).....	27
Mato-Grosso por Curitiba e Tibagy, 1856. (Manoel Joaquim Pinto Paca).....	23

	TOMOS
Navegação do Pará para Mato-Grosso, 1797 (D. Francisco de Souza Coutinho).....	28
Exploração do rio Paraguay, 1776 (Marcelino Rodrigues Camponez).....	28
Expugnação de Nova Coimbra pelos Espanhóis, 1802 (Documentos officiaes).....	28
Fundação de varias povoações, população e corographia da provincia.....	28
Minas de Mato-Grosso e Cuiabá.....	29
Comunicação commercial entre Cuiabá e Pará.....	31
Viagem de Mato-Grosso á Côrte (Dr. A. Escagnolle Taunay)	32
Apontamentos de viagem da Côrte á Cuiabá (João Vito Vieira da Silva).....	35
Limites do Brazil com o Paraguay (D. Ponte Ribeiro).....	35
Relatório dos engenheiros militares, 1865—66.....	37
Vocabulario da lingua guaná ou chané.....	38
Esboço da viagem de Langsdorff em Mato-Grosso 38 e....	39
Latitudes e longitudes de differentes lugares 45 e.....	47
A gruta do inferno (Dr. João Severiano da Fonseca).....	45
Apontamentos para o dictionario corographico da provincia.	47

OBSERVAÇÃO.—Esta provincia teve o seu territorio sujeito ao da de São-Paulo até 1748, em que se tornou capitania independente.

### Goyaz

Navegação entre as capitancias de Goyaz e de São-Paulo....	2
Carta de D. Francisco de Mascarenhas sobre o governo da capitania.....	5
Relatorio do conde de Castelnau, 1844.....	7
Viagem do conde de Azambuja, de S. Paulo a Goyaz, 1751...	7
Descoberta de duas nações de indios, 1775.....	8
Roteiro da fronteira do Maranhão a Goyaz, 1815.....	10
Comunicação mercantil entre Pará e Goyaz.....	10
Viagem de Goyaz ao Pará (Dr. Segurado.....	10
Melhoramentos da industria de Goyaz.....	11

	TOMOS
Viagem pelos rios Araguay, Tocantins e Vermelho.....	11
Memoria sobre a capitania de Goyaz (Padre Luiz Antonio da S. Souza).....	12
Itinerario pelo rio do Somno, 1850.....	14
Mappa dos indios Cherentes e Chavantes.....	19
Itinerario da cidade de Palma e Belém.....	25
Annaes da provincia de Goyaz (Dr. J. M. Pereira Alencastre) 27 e.....	28
Chorographia historica de Goyaz (R. José Cunha Matos) 37 e	38
Latitudes e longitudes de differentes lugares.....	45

OBSERVAÇÃO.—Sendo dependente da de São-Paulo, d'ella se separou em 1736; por isso nos artigos relativos a esta provincia (até esta data) podem ser encontradas algumas informações sobre a provincia de Goyaz.

### Brazil em geral

Africanos no Brazil (Januario da Cunha Barbosa e José Silvestre Rebello).....	1
Sobre a palavra « Brazil » (José Silvestre Rebello) 1, 2,...	47
Questão de limites do Brazil (Alexandre de Gusmão).....	1
Colonisação dos indios (couego Januario da Cunha Barbosa).	2
Memoria sobre o descobrimento da America (C. C. Rafn)..	2
Cartas dos jesuitas Nobrega e Anchieta etc. 2, 5, 6, 43 e...	49
Descripções do rio Paraná 1026 (Manoel de Campos Silva)..	2
Introducção do tratado de Pero de Magalhães Gandavo.....	2
Noticia da descoberta do Brazil (Fr. Gaspar da Madre de Deus).....	2
Obras de Alexandre Rodrigues Ferreira.....	2
Cartas do padre Souza Caldas.....	3
Correspondencia de Thomaz Jefferson. 3 e.....	47
Roteiro para o melhor caminho do Maranhão ao Rio de Janeiro	3
Relatorio de Luiz de Vasconcellos ao seu successor. 4 e.....	23
Carta do padre Antonio Vieira sobre as missões do Brazil. 4 e	5
Condição das mulheres entre os indigenas (José Joaquim Machado de Oliveira).....i.....	4

	TOMOS
Relação de manuscriptos sobre o Brazil.....	4
Documentos officiaes sobre varias provincias (Pará, Mato-Grosso, Goyaz, Piauihy e Ceará).....	
Investigações sobre as primeiras povoações da America.....	5
Instrucções que trouxe Roque da Costa Barreto. 1677.....	5
Carta do Mestre João a el-rei em 1500,.....	6
Appendice á chronica de 1842. ....	5
Carta de Pero de Goes a el-rei. ....	5
Religião dos indios (José Joaquim Machado de Oliveira)....	6
Habitantes do Brazil condemnados pelo Santo Officio. 6 e	7
Como se deve escrever a historia do Brazil. (Carlos de Martins, etc.). 6, 26 e.....	45
Informação do Brazil e suas capitancias. 1584. ....	6
Plano de uma colonia militar no Brazil (J. J. Machado de Oliveira).....	7
Consultado « conselho ultramarino » em 1738 sobre as riquezas do Brazil.....	7
Os indios, seus costumes, industria, etc. (artigos do <i>Panorama</i> )	7
Etymologias brasileiras (Fr. Francisco dos Prazeres Maranhão).....	8
Instrucções dadas a Pedro Alvares Cabral. ....	
Casamentos dos indios do Brazil (José d'Anchieta).....	8
Progresso do jornalismo no Brazil (Dr. Francisco de Souza Martins).....	8
Os Orizes conquistados (José Freire Montarroio Mascarenhas)	8
Noticia sobre os Botocudos. 1826 (Mr. Jomard, do Instituto de França).....	
Documentos sobre a extincção das fabricas no Brazil... ..	10
Memoria sobre a descoberta dos balões aerostatos (Francisco Freire de Carvalho).....	12
Carta sobre ethnographia indigena (Francisco A. Varnhagem) 12 e.....	21
Tratado descriptivo do Brazil (Gabriel Soares).....	14
Cartas de Diogo Garcia e Luiz Ramires. 1526.....	15
Cultura e commercio do anil (Visconde de Abrantes). ....	15



	TOMOS
Vocabulario da lingua bugre.....	15
Descobrimto do Brazil (Joaquim Norberto de Souza Silva).	15
Limites entre o Brazil e Montevidéo (Machado de Oliveira, Ponte Ribeiro, Gonçalves Dias, etc.).....	16
Ensaio sobre os jesuitas (conego Joaquim Caetano Ferreira Pinheiro).....	18
Regimento dado ao provedor Antonio Cardoso de Bar- ros. 1534 .....	18
Memorias sobre o descobrimto do Brazil (Machado de Oliveira e Gonçalves Dias).....	18
Naturalidade do padre Antonio Vieira (D. Romualdo A. de Seixas).....	19
Iconographia brasileira (Manoel de Araujo Porto-Alegre)..	19
Reflexões sobre o systema de cathechese dos jesuitas (conego J. C. Fernandes Pinheiro).....	19
Reflexões sobre as primeiras épocas da historia do Brazil...	19
Extractos do « Ensaio Politico » de Fr. Manoel Joaquim da Mãe dos Homens.....	19
Quaes os animaes introduzidos na America pelos conquista- dores (Dr. Souza Fontes).....	19
Quaes as principaes plantas aclimatadas no Brazil (Dr. Fran- cisco Freire Allemão).....	19
Memoria da viagem aos Estados-Unidos (Hyppolito José da Costa Pereira).....	21
Historia da provincia de Santa-Cruz (Pero de Magalhães Gondavo) .....	21
Memoria sobre penitenciarias (Dr. Antonio Pereira Pinto)...	21
Memoria sobre Gabriel Soares (Francisco A. Varnhagen)...	21
Memoria sobre terremotos no Brazil (Dr. Guilherme S. Capa- nema).....	22
Sucessos de Portugal e Brazil (1822-1823).....	22
Capitulação entre o rei de Espauha e Vicente Pinson.....	22
Fundação das faculdades de direito no Brazil.....	22
Marcos e José Mauricio—catalogo de suas composições....	22
Os indigenas do Brazil perante a historia (Dr. Domingos José Gonçalves Magalhães).....	23

O Brazil hollandez (conego Joaquim C. Fernandes Pinheiro).	32
Vida politica de Canning (Independencia do Brazil).....	23
Campanha em 1827 (José Joaquim Machado de Oliveira)....	23
Diario de Pero Lopes de Souza.....	24
Memoria sobre limites do Brazil (sem data, nem nome de autor).....	24
Informação do estado do Brazil (idem).....	25
Representação dos povos de Portugal contra a companhia do Brazil (idem).....	25
Instrucções de Martinho de Castro a Luiz de Vasconcellos 1779.....	25
Questões americanas (Dr. Joaquim Caetano da Silva) 26 e..	29
Navegação dos rios (Traducção da <i>Gazeta de Buenos-Aires</i> )..	27
Cartas do marquez de Lavradio (1772-73).....	27
Divisão ecclesiastica do Brazil 1819. (Dezembargador A. R. Velloso d'Oliveira).....	27
Os ultimos vice-reis (conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro).....	28
A igreja do Brazil. 1819. (Dezembargador A. R. Velloso d'Oliveira).....	29
Mappa dos senadores do Brazil até 1866.....	29
Memoria sobre a população do Brazil. 1836 (Henrique Jorge Rabello).....	30
Brazil e Oceania (Dr. Antonio Gonçalves Dias).....	30
Limites do Brazil (1493-1851) (Dr. Antonio Pereira Pinto)..	31
A Academia brazilica dos Esquecidos (Conego Joaquim C. Fernandes Pinheiro).....	32
A Academia brazilica dos Renascidos (Conego Joaquim C. Fernandes Pinheiro) 32 e.....	45
A constituição do Brazil (Dr. Manoel D. Moreira de Azevedo)	32
Discussão chronologica sobre a descoberta do Brazil.....	32
Memoria sobre a venda de madeiras do Brazil. 1811.....	33
Correspondencia do governo portuguez com os vice-reis 33, 36 e.....	37
Combate da ilha do Cabrita (Dr. M. D. Moreira de Azevedo)	33

# INDICE DOS ARTIGOS CONTIDOS NOS 50 VOLUMES 403

	TOMOS
A arte lithographica e a cartographia no Brazil (P. T. Xavier de Brito).....	33
Documentos trazidos do Paraguay (Dr. João Ribeiro de Almeida).....	33
Apontamentos sobre os limites do Brazil (Dr. Ernesto Ferreira França).....	33
Noticia de um povo que já habitou o Brazil antes do diluvio (Dr. Carlos Rath).....	34
Apontamentos para a historia dos jesuitas (Dr. A. Henrique Leal) 34 e.....	36
Systema de colonisação seguido pelos Portuguezes (Conego Joaquim C. Fernandes Pinheiro).....	34
Instrucções ao conde da Cunha sobre guarnições do sul 1767	35
J. Schoner e P. Apianus. Influencia de ambos sobre o nome « America » (Francisco A. Varnhagen).....	35
Limites do Brazil com o Paraguay. (Conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro).....	35
Memoria sobre a agricultura no Brazil. (Desembargador Antonio Rodrigues Velloso de Oliveira).....	36
Viagem ao Paraguay. 1869 (Dr. F. I. M. Homem de Mello	36
Primeiras explorações da costa brasileira 1501-1506. (Francisco A. Varnhagen).....	36
Ensaio de anthropologia (Dr. José Vieira Couto de Magalhães)	36
Independencia do Brazil. Factos da marinha. (sem nome do auctor).....	37
Memorias do visconde de São-Leopoldo (coordenadas pelo Dr. F. I. M. Homem de Mello) 37 e.....	38
Os predecessores de Colombo (Conego J. C. Fernandes Pinheiro).....	37
Notas sobre a historia patria (Dr. Candido Mendes de Almeida 39, 40, 41, 42 e.....	46
O nome de America será americano ? (Dr. Candido Mendes de Almeida).....	39
Zoophonia (Tradução do Dr. A. Escragnolle Taunay).....	39
Hymnos patrioticos de Evaristo F. da Veiga (Dr. Luiz Francisco da Veiga).....	40

Cartas de Amerigo Vespucci (Traduzidas e annotadas por Francisco A. Varnhagen).....	41
Narração da viagem de Antonio Knivet 1591-1603. Tradução pôr José Hygino Duarte Pereira).....	41
Retificação á historia do Brazil de 1831-1840 de Pereira da Silva (João Brígido dos Santos).....	42
Vocabulário da lingua tupi.....	43
Estudo sobre a divisão territorial do Brazil (Augusto Fausto de Souza).....	43
Longitudes, latitudes e altitudes de grande parte do Brazil..	45
Observação chronologica sobre o dia em que foi descoberto o Brazil (Dr. A. M. Perdigão Malheiro).....	45
Povoação do Brazil (José Silvestre Rebello).....	45
Memoria sobre os limites do Brazil com a Bolivia (J. Pereira Pinto).....	45
Indice das materias contidas nos tomos da R. T. 1. <sup>a</sup> a 44..	45
Vocabulos da lingua geral brasileira (Dr. F. Freire Alemão).....	45
Vocabulos indigenas e outros introduzidos no uso vulgar (Braz da Costa Rubim).....	45
Nota das marinhas em que se faz sal na costa do Brazil.....	46
Distincção entre vassallos europeus e americanos. 1799. ....	46
Systema preventivo da metropole contra o Brazil.....	46
Memorias politicas sobre abusos, suas reformas etc. de 1814-1815.....	47
Ideias de independencia no fim do seculo passado.....	47
Proibição do uso da imprensa no Brazil. 1747.....	47
O dia 3 de Maio e abertura do parlamento nacional. 1823..	48
As fortificações no Brazil. (Augusto Fausto de Souza).....	48
Sociedades fundadas no Brazil (Dr. M. Duarte M. de Azevedo)	48
Documentos historicos extrahidos da Torre do Tombo.....	49
Primeiro navio francez no Brazil (Conselheiro Tristão de Alencar Araripe).....	49
Cidades petrificadas e inscripções lapidarias no Brazil (Conselheiro Tristão de Alencar Araripe).....	50

# INDICE

## Da 1.<sup>a</sup> Parte do tomo LI

---

Relação nominal dos socios do Instituto historico e geographico brasileiro.....	v
Meza administrativa do Instituto historico e geographico brasileiro em 1888.....	xv
A extincção da escravidão no Brazil—O Jubileu do Instituto Historico.....	xvii
Diario da viagem philosophica pela capitania de S. Jozé do Rio-Negro com a informação do estado presente pelo Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira.....	5
Historia da imprensa do Maranhão, memoria lida no Instituto Historico e Geographico Brasileiro pelo socio effectivo Dr. Cezar Augusto Marques.....	167
O Doutor Francisco Bonifacio de Abreu, memoria lida por Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake.....	221
Cartas sobre a revolução do Brazil pelo conselheiro Silvestre Pinheiro Ferreira.....	239
Indice dos artigos contidos nos 50 tomos da Revista do Instituto Historico em relação a cada uma das provincias do Imperio.....	379







# CREAÇÃO

DE

## UMA UNIVERSIDADE NO IMPERIO DO BRASIL

Indagações feitas à mandado de S. Ex. o Sr.  
Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio  
Barão Homem de Mello

POR

Joaquim Norberto de Souza Silva

Chefe de secção extinta da Secretaria do Imperio e lidas na  
sessão do Instituto Historico de 5 de Dezembro de  
1884 de ordem de S. M. o Imperador

---

Illm. Exm. Sr.

Quando alguns patriotas da capitania de Minas-Geraes se lembraram em suas palestras de tratar da independencia do Brazil e da possibilidade de arrancar-o á prepotencia do governo colonial, outorgando-lhe leis dignas de um povo livre, segundo o exemplo dos Estados Unidos—aidéa da criação de uma universidade tornou-se intuitiva áquellas imaginações, que sonhavam com o Eldorado da liberdade. Pareceu-lhes, que era essa criação uma das primeiras necessidades de que se deveria cuidar immediatamente.

O deputado á assembléa constituinte Luiz José de Carvalho e Mello, posteriormente visconde da Cachoeira, mostrou-se depois de acôrdo com esses infelizes conspiradores, dizendo então :

« Quando nós emprehendemos o grande e magnifico estabelecimento e consolidação d'este imperio, que fará

época assignalada na historia dos grandes acontecimentos politicos, não nos devemos esquecer de lançar logo os alicerces da sua prosperidade futura, instituindo este monumento indelevel de sabedoria, do qual sahirão homens abalisados nas sciencias para encher os logares e empregos do estado.»

Mas ah ! a grande e magestosa idéa dos conspiradores mineiros se desvaneceu para logo, não só com as prisões dos mesmos, como ante o cadafalso — ou lá se foi com muitos de seus autores extinguir-se de todo nas longinquas terras do desterro e a mocidade brasileira teve por muitos annos ainda de atravessar o oceano Atlantico para ir a duas mil e tantas leguas distante da patria adquirir a instrucção superior, que tão complicadamente se lhe dava na universidade de Coimbra, já lutando com as despesas e os riscos da viagem, já expondo-se na primeira idade a males e sacrificios eminentes, longe da terra natal, longe dos parentes e entregues, como bem ponderou o illustrado Antonio Luiz Pereira da Cunha, depois marquez de Inhambupe, a um correspondente, que — ou não sabia — ou não tinha sufficiente força para inspirar sentimentos de religião e bôa educação, de que tanto se necessitava nos primeiros annos.

Nem com a mudança da séde da monarchia portugueza para as nossas plagas se cuidou de fundar ao menos, si não melhor, igual instituição na nova côrte do grande imperio, quando para aqui se transplantavam tribunaes eivados dos defeitos de uma monarchia absoluta, que tão mal comprehendeu a sua missão nas terras virgens da opulenta America.

O corpo do commercio da Bahia, que pedio ao principe regente, quando por ali passou, que estabellecesse n'aquella cidade a séde do governo da metropole offerecendo-se a construir um palacio para a residencia real, tambem offereceu a quantia de oitenta contos de réis para a fundação de uma universidade. O principe regente não só não aceitou a offerta do palacio como nenhuma resolução tomou relativamente ao offerecimento da avultada quantia para a fundação da universidade. «O antigo systema, acrescentou um illustre brasileiro, Pereira da Cunha, se

oppunha a taes pretensões como o fizera nos tres seculos passados, afim de conservar o Brazil em total dependencia, como convinha aos interesses da sua metropole. » Com a criação de uma universidade n'aquella capital teria o principe regente levantado um monumento duradouro, que perpetuasse a sua estada n'aquella capital, a primeira terra americana que elle pisou.

O governo do principe regente, depois rei com triplice corôa, era composto de homens de vistas acanhadas, que mal se compadeciam com a fundação de um novo e grande imperio.

Nem a elevação do Brazil á cathegoria de reino inspiro aos ministros do rei a necessidade da criação da universidade. Mas similhante idéa não passou despercebida aos negociantes da praça do Rio de Janeiro, e quando o illustrissimo senado da camara da capital do novo reino acendia luminarias e atacava fogos de artificio para commemorar este acto tardio, que deveria datar da chegada da familia real ás nossas plagas, elles — os homens do commercio, formaram um capital, cujo rendimento fôsse perpetuamente applicado a um estabelecimento, que promovesse a instrucção nacional, fundando-se um instituto de artes e sciencias; o que foi aceito por aviso de 5 de Março de 1816, sem que nunca mais se falasse em similhante estabelecimento a não ser depois na assembléa constituinte, quando o tenente-coronel José Arouche de Toledo Rendon propôz, que esse capital fôsse applicado á criação da universidade da cidade de São-Paulo.

No dia 11 de Maio de 1818 prestou o rei no paço real a cerimonia do juramento de protector da universidade de Coimbra nas mãos do bispo capellão-mór ante os deputados da mesma universidade e a sua côrte, mostrando a firme resolução em que estava de honral-a, distinguil-a e conservar sua gloria durante os annos de vida, que a Providencia lhe concedesse.

E nem se quer ainda por essa occasião occorreu a elle, rei, e aos seus ministros a necessidade de dotar o Brazil com tal instituição.

Veio depois a proclamação da constituição portugueza

e com ella as côrtes, ás quaes fôram enviados os representantes do Brazil, como um dos reinos do imperio portuguez. Então um deputado de Pernambuco, o padre Francisco Moniz Tavares, apresentou ás cortes o plano de uma academia, que correspondia a uma universidade e mostrou, que bastava para as despesas do custeio o subsídio literário da provincia de que era representante.

Para que o Brazil pensasse por si mesmo na creação de universidade foi necessario, que o brado do Ipiranga trouxesse o completo rompimento com a mãe patria e acabasse com as antigas tradições. Brilhava então uma nova época para o Brazil, e antes que a assembléa constituinte nos dêsse uma constituição, nos deu duas universidades !

O deputado José Feliciano Fernandes Pinheiro, depois visconde de São-Leopoldo, um dos Brasileiros mais notaveis do primeiro imperio, não só pelas suas luzes e bom senso, como pelo seu immenso patriotismo, apresentou-se na sessão de 14 de Julho de 1823 commissionado pelos estudantes brasileiros matriculados na universidade de Coimbra, e expôz o que ali se passava depois da proclamação da independencia do Brazil. Lavrava então a guerra civil, e Portugal se tornára, além de reino estrangeiro, um reino inimigo do Brazil. Não nos podiam vêr com bons olhos os nossos irmãos de além-mar, e os estudantes cisatlanticos eram victimas das invectivas dos Portuguezes.

Uma porção escolhida da grande familia brasileira, disse o illustre deputado, a mocidade a quem um nobre estímulo levou á universidade de Coimbra, geme ali debaixo dos mais duros tratamentos e oppressão, não se decidindo apesar de tudo a interromper e abandonar a sua carreira, já incertos de como será similhante conducta avaliada por seus pais, já desanimados por não haver ainda no Brazil institutos, onde prosigam e rematem seus encetados estudos. N'essa amarga conjectura, voltados sempre para a patria por quem suspiram, lembraram-se de me constituir com a carta, que aqui apresento ; correspondo pois, quanto em mim cabe, a tão lisongeira confiança.



Coube pois a José Feliciano Fernandes Pinheiro a gloria de ser o iniciador d'essa grande idéa com a sua proposta para a creação da universidade, cujo assento deveria ser na cidade de São-Paulo, pelas suas vantagens naturaes e razões de conveniencia geral, salubridade e amenidade de seu clima, sua feliz posição, abundancia e barateza de todas as provisões e commodos da vida.» «O Tieté, exclamou o orador, vale bem o Mondego do outro hemispherio. »

No mesmo dia teve a indicação segunda leitura e foi remettida á commissão de instrucção publica, para que apresentasse o respectivo projecto de lei.

Na sessão de 5 de Julho lembrou o deputado Souza França a conveniencia de que a sobredita commissão apresentasse quanto antes o resultado de seus trabalhos. Declarou o deputado Antonio Gonçalves Gomide, eximio medico, que a commissão não se só aguardava o plano de educação publica, que lhe promettêra o conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva, como que esperava, que o governo lhe remettersse uma relação circumstanciada dos estabelecimentos literarios d'esta côrte e provincias do imperio.

Sómente dous mezes depois da apresentação da proposta appareceu o projecto, que foi lido pelo deputado Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado, que era o relator, e que estava assignado pelos membros desembargador Antonio Velloso Rodrigues de Oliveira, padre Belchior Pinto de Oliveira, doutor Antonio Gonçalves Gomide e Manoel Jacintho Nogueira da Gama, depois marquez de Baependy.

Vê-se, que o longo tempo que mediou para a apresentação de um projecto, que apenas continha cinco pequenos artigos, nos quaes as disciplinas, a redacção dos estatutos, a escolha dos lentes e a fixação dos ordenados e fundos necessarios á installação e manutenção ficaram delegados ao imperador, foi devido sem duvida á maior das difficuldades a designação do local do assento da universidade, pois para contentar a todas as ambições na escolha da localidade, divididas entre os deputados do norte e sul do imperio, teve-se de recorrer ao expediente da

creação de duas universidades, uma na cidade de Olinda e outra na cidade de São-Paulo, devendo-se estabelecer desde logo n'esta ultima cidade um curso juridico regido provisoriamente pelos estatutos da universidade de Coimbra com as alterações e mudanças adequadas ás circumstancias e luzes do seculo.

Vencida a urgencia e feita a segunda leitura foi o projecto a imprimir para entrar na ordem dos trabalhos.

No dia 27 de Agosto de 1823 entrou o projecto em primeira discussão e continuou no dia 28. Teve segunda discussão e continuou nos dias 5 e 6 de Setembro e 6 de Outubro e terceira nos dias 18 e 27 do mesmo mez, sendo approved definitivamente no dia 4 de Novembro. Já era tempo. Os estudantes brasileiros, como notou o deputado França, estavam anciosos de voltar á patria e não o faziam por não ter no imperio, aonde concluíssem os seus estudos juridicos para entrar na carreira da magistratura.

Foi longo e caloroso o debate. Tomaram parte os mais conspicuos oradores da nascente tribuna nacional. Elevou-se a discussão á altura de seu assumpto, mas baixou na arena da acrimonia, quando para encarecer as localidades de que cada um era natural procurava amesquinhar as localidades, que não lhe mereciam as sympathias, com argumentos as mais vezes futeis e destituídos de applicação.

Assim dizia um deputado mineiro, que era geralmente reconhecido, que na provincia de Minas-Geraes era mais apurado o dialecto do que na de São-Paulo, onde era menos correcto e que ninguem ousaria negar, que esta circumstancia era attendivel para a escolha do local, onde se devia estabelecer academias.

Outro deputado, bahiano, trouxe em reforço de sua argumentação a fertilidade de sua provincia, onde havia terrenos proprios á cultura da canna, pois dava duas socas e resocas por anno sem geral replantação. Elogiou um terceiro a formozura da cidade de Olinda, o jardim do Eden. Veio á discussão a riqueza da flora da provincia do Rio de Janeiro, e as suas pedreiras de granito, as quaes haviam concorrido para se duplicar a cidade em poucos annos. A producção do páo-brazil e do algodão, de que

se ufanava Pernambuco, provava a aridez de seu terreno. A Bahia era um fóco de vícios.

O deputado Antonio Gonçalves Gomide divergiu de seus collegas da commissão, quanto ás localidades. « Fui de voto na commissão, disse elle, que, procedendo-se por ora com economia e progredindo a par dos meios, propuzemos só uma universidade e que esta devia ser no centro, pois, diffundindo-se a luz scientifica como a physica em uma esphera luminosa para todos os lados, não haveria melhor posição central para um só candelabro em uma camara espaçosa. Instei com a maior população e riqueza ; com a salubridade e riqueza de Minas-Geraes, mais fui convencido a subscrever o projecto das duas universidades indicadas n'elle. Portanto agora addindo ao referido projecto indico, que se crê e mais uma universidade na provincia de Minas-Geraes, a mais populosa d'este imperio, e marco a aprazivel villa de Caeté como local adequado; o que comtudo não proponho tão afincadamente, que não ceda por qualquer outro, comtanto que seja em uma das cinco comarcas da provincia.

Propôz depois o mesmo deputado, que fôsem tres as universidades : uma central para as provincias de Minas-Geraes e Goiaz ; outra no sul para as provincias de São-Pedro do Rio-Grande, Cisplatina e Mato-Grosso e terceira no norte para as provincias da Bahia, Pernambuco, Maranhão, etc.

Estabeleceu tambem premios honrosos aos doadores de quantias avultadas ás universidades ; o que foi geralmente impugnado.

Adheriram ao pensamento da commissão os deputados Luiz José de Carvalho e Mello, Francisco Moniz Tavares, José Arouche de Toledo Rendon, Pedro de Araujo Lima, Venancio Henrique de Rezende, Miguel Calmon e Nicoláo Vergueiro.

Luiz José de Carvalho e Mello achou muito feliz e sábia a deliberação da commissão, porque partindo quasi pelo meio o imperio ficava cada uma parte com a sua unicamente, escolhendo-se para o seu assento as cidades mais aptas pela sua fertilidade, situação vizinha ao mar e clima sadio. Modificou porém o seu parecer quanto

à escolha da cidade de Olinda por ser pouco abastecida de viveres e por tanto caros.

O deputado Pedro de Araujo Lima lembrou, que, á vista da demora inherente a taes creações, se estabelecesse quanto antes na côrte um curso jurídico provisório debaixo da inspecção do governo, o qual deveria constar de um curso jurídico e outro philosophico. Adheriu a esta proposta Luiz José de Carvalho e Mello.

Foram de voto, que só hevesse uma universidade e esta na cidade de São-Paulo os deputados Candido José de Araujo Vianna, depois marquez de Sapucahy, José Feliciano Fernandes Pinheiro e Caetano Maria Lopes Gama, depois visconde de Maranguape, sendo este ultimo de parecer que nas provincias maiores se estabelecessem academias.

Deram preferencia á côrte como assento de uma unica universidade para todo o imperio os deputados José da Silva Lisboa, depois visconde de Cayrú, Manoel Jacintho Nogueira da Gama, depois marquez de Baependy, Manoel José de Souza França, José Martiniano de Alencar, Manoel Ferreira da Camara Bitencourt e Sá, e Manoel Caetano de Almeida e Albuquerque.

O deputado José da Silva Lisboa declarou, que sendo Bahiano votava pela côrte e que pretendia, que fôsse a Roma americana.

« Eu tambem, disse elle, respondendo ao deputado Montesuma, sendo pendor á patria e ainda que o porto da Bahia seja de varias leguas de abertura, como allegou um escriptor inglez, e pudesse conter a marinha de todo o mundo sem confusão, todavia considerava preferivel a côrte. »

« A minha opinião, accrescentou o illustre deputado, é que por ora ella deve ser unica e n'esta côrte. Quando o imperio tiver maior população e opulencia deverão haver mais universidades nas outras provincias, onde se acharem melhores proporções.

O deputado Nogueira da Gama votava pela côrte por ser por onde se devia principiar, visto possuir todos os elementos necessarios para sua composição. « Alem das aulas de primeiras letras, discorria elle, temos as de



grammatica latina, de rhetorica, de philosophia racional e moral, de grego, de francez, de inglez e de desenho; temos uma academia militar e outra de marinha, em que se ensinam todos os ramos das mathematicas puras e das suas applicações á arte da guerra e da marinha; temos aulas de zoologia, mineralogia, botanica, physica, e chimica; temos uma academia medico-cirurgica e hospitaes para os exercicios praticos; temos uma muito importante livraria publica, além das dos particulares e dos regulares; temos um rico museu, em que se encontram os productos dos tres reinos da natureza e uma importantissima colleção de modelos de machinas; temos instrumentos astronomicos e por consequencia a possibilidade de se fazerem, como ja se fazem, observações astronomicas; temos um bom gabinete de machinas physicas e uma colleção de mineraes arrançados pelo systema de Werner; temos aulas de moral, de theologia e de direito canonico nos collegios dos regulares e nós episcopaes; o que nos falta portanto?

«Falta-nos sómente um curso juridico, em que se ensine a indispensavel sciencia de legislação em geral e em particular, addicionando-se-lhe as tão necessarias cadeiras de economia politica, de estatistica, de diplomacia e de agricultura.»

O deputado Souza França opinava, que na côrte estaria a universidade debaixo das vistas da assembléa, da qual deveria receber o maior impulso. Alencar ajuntava, que, attentas as pequenas forças pecuniarias da nação para tão grandes despesas, convinha escolher o lugar, onde se encontrassem mais materiaes reunidos para com mais facilidade e presteza se levantar a obra. O deputado Camara Bitencourt viu no Rio de Janeiro menos difficuldade para o assento da universidade, mas pediu a fundação de uma academia montanistica, docimastica e mais doutrinas da metallurgia para a provincia de Minas-Geraes. Lembrou, que se fundasse em São-Paulo, Pernambuco e Maranhão collegios de direito, que pelo correr do tempo se convertessem em universidades.

O deputado Almeida e Albuquerque preferia a côrte provisoriamente, porque a concurrencia de maior numero



de jurisconsultos habilitava a abertura do curso desde logo.

Os deputados Francisco Ge Acayaba de Montesuma, depois visconde de Jaquitinhonha, e Pedro José da Costa Barros motivaram os seus votos sómente por uma universidade, mas modificaram depois as suas opiniões.

A Bahia parecia ao deputado Montesuma um centro commum do imperio, tanto para o norte como para o sul, além de offerecer pela qualidade de seu commercio muitas facilidades de transportes de qualquer parte para ali.

A se querer em logar mais central lhe parecia, que melhor seria Minas-Geraes por ser abastecida de todos os misteres para a vida, pela grandeza de sua população e territorio e pela facilidade de accesso ás provincias da Bahia e Pernambuco.

Decidiu-se depois por duas universidades, uma na Bahia e outra em Minas-Geraes. «A haver só uma, acrescentou elle, deve ser em Minas-Geraes : primeiro por ser a provincia mais populosa do imperio ; segundo por ser a mais polida do interior ; terceiro por estar collocada mais no meio de todas as outras e poder por isso com mais facilidade corresponder-se com Mato-Grosso, Goiaz, Piahy, etc.

« Não admittia a fundação da universidade na côrte, porque seria de sobejo a influencia, que teria o governo para dirigir tudo pela sua vontade e arbitrio.»

Pareceu ao deputado Costa Barros, que era sufficiente uma universidade e esta na Bahia, como ponto mais central do Brazil, e algumas razões mais particulares. Decidiu-se depois por duas, uma em São Paulo e outra no Maranhão, pois a não possuirem os habitantes d'esta ultima provincia a sua universidade, preferiam antes ir á Europa estudar do que se dirigirem a outras provincias do imperio. Adoptou a idéa de um curso juridico n'esta côrte.

Tambem ao deputado Antonio Luiz Pereira da Cunha pareceu conveniente a fundação de uma universidade no Maranhão, no lugar que mais conviesse e outra na villa da Cachoeira, na provincia da Bahia, bem como collegios de sciencias naturaes em São-Paulo e Marianna e uma faculdade de leis em Olinda.

Os deputados Lucio Soares Teixeira de Gouvêa e José Teixeira da Fonseca Vasconcellos, depois visconde de Caeté, foram de opinião, que, a estabelecer-se uma só universidade, fôsse ella estabelecida na cidade de Marianna.

O deputado Joaquim Manoel Carneiro da Cunha propoz, que para o norte se preferisse a cidade da Paraíba por offerecer muitas vantagens, como clima moderado, abundancia de viveres e commodidades necessarias para a subsistencia sem nem uma distração ou divertimentos e apontou os grandes edificios de que se poderia lançar mão para sua installação como o convento de S. Francisco, S. Pedro e do Carmo. O deputado Antonio Carlos, respondendo-o, qualficou a cidade de quasi deserta !

O deputado José Bonifacio de Andrada e Silva, tão eminente pela sua vasta illustração, nem uma parte tomou nos debates. Todavia na sessão de 15 de Outubro propoz á commissão de instrucção publica, que se mandasse imprimir o esboço, que elle offereceu acerca da organização e regimen das universidades do Brazil. Não consta porém, que semelhante documento fôsse impresso, e nem siquer apparece o original. O digno e illustrado Dr. Benjamim Franklim Ramis Galvão, director da biblioteca publica d'esta côrte, procedeu ás maiores pesquisas, e é de parecer, que se não imprimiu.

Cumprê notar, que a idéa da creação das universidades geralmente foi bem aceita, principalmente na provincia de Minas-Geraes, a qual pareceu acordar depois de trinta e quatro annos de pesado somno e como que cheia das reminiscencias do sonho dourado dos inconfindentes.

As camaras municipaes das villas de Queluz, São-João d'El-rei, Barbacena, São-José, Caeté, Tamanduá Baependy, Pitangui, Sabará, Campanha da Princeza e Principe vieram ante a assembléa constituinte manifestar seus votos de contentamento por tão almejada creação e lembrar a conveniencia do assento da universidade em alguns de seus municipios.

Todo esse enthusiasmo por taes instituições arrefeceu o golpe de estado, que tão fatalmente pesou nos acontecimentos politicos do paiz. Sete dias depois de approvedo

o projecto da criação das duas universidades era a assembléa constituinte dissolvida.

Veio depois a constituição do imperio doada por D. Pedro I, e só alguns mezes depois pensou-se de novo na criação das universidades.

Em 9 de Janeiro de 1825 appareceu o decreto do poder executivo, creando n'esta côrte um curso juridico e fundando-se nas seguintes razões.

« Querendo que os habitantes d'este vasto e rico imperio gosem quanto antes de todos os beneficios promettidos na constituição, arts. 179 § 33, e considerando ser um d'estes a educação e publica instrucção o conhecimento de direito natural, publico e da gentes e das leis do imperio, afim de se poderem conseguir para o futuro magistrados habéis e intelligentes, sendo aliás da maior urgencia acautelar a notoria falta de bachareis formados para os lugares da magistratura e pelo estado da independencia politica a que se elevou este imperio, que torna incompativel ir demandar, como d'antes, estes conhecimentos á universidade de Coimbra ou ainda a qualquer outros paizes estrangeiros, sem grandes dispendios e incommodos, e não se podendo desde já obter os frutos d'essa e indispensavel instrucção, si ella se fizer dependente de grandes e dispendiosos estabelecimentos de universidades, que só com o andar do tempo poderão completamente realisar-se, hei por bem, ouvido o meu conselho de estado, crear provisoriamente um curso juridico n'esta côrte e cidade do Rio de Janeiro, com as convenientes cadeiras, lentes e com o methodo, formalidade, regulamentos e instrucções, que baixam assignadas por Estevão Ribeiro de Rezende »

Foram formulados os estatutos pelo conselheiro de estado visconde da Cachoeira (Luiz José de Carvalho e Mello) que achou, que os estatutos da universidade de Coimbra eram deficientes ao progresso do seculo. E' pois digno de transcrever-se o que disse a esse respeito no preambulo, que lhes deu. São estas as suas palavras :

« Tendo-se decretado que houvesse n'esta côrte um curso juridico para n'elle se ensinarem as doutrinas de jurisprudencia em geral, afim de se cultivar este ramo de

instrucção publica e se formarem homens habéis para serem um dia sabios magistrados e peritos advogados, de que tanto se carece ; e outros que possam vir a ser dignos deputados e senadores e aptos para occuparem os lugares diplomaticos e mais empregos do estado, por se deverem comprehender nos estudos do referido curso juridico os principios elementares de direito natural, publico, das gentes, commercial, politico e diplomatico, é de forçosa e evidente necessidade e utilidade formar o plano dos mencionados estudos ; regular a sua marcha, e methodo ; declarar os annos do mesmo curso ; especificar as doutrinas que se devem ensinar em cada um d'elles ; dar as competentes instrucções por que se devam reger os professores e finalmente formalisar estatutos proprios e adequados para bom regimen do mesmo curso e solido aproveitamento dos que se destinarem a esta carreira.

« Sem estes estudos, em que se exponham e se acautelem todas estas circumstancias, não se poderá conseguir o fim util de tal estabelecimento. De que serviriam bachareis formados, dizendo-se homens jurisconsultos na extensão da palavra, si o fossem só no nome? Não tendo conseguido boa e pura cópia de doutrinas da san jurisprudencia em geral por maneira que utilmente para si e para o estado pudessem vir a desempenhar os empregos, para que são necessarios os conhecimentos d'esta sciencia, que sob os principios da moral publica e particular e da justiça universal regula e prescreve regras praticas para todas as acções da vida social, haveria em grande abundancia homens habilitados com a carta sómente, sem o serem pelo merecimento, que pretenderiam os empregos para os servirem mal e com prejuizo publico e particular tornando-se uma classe improdutiva com damno de outros misteres a que se poderiam applicar com mais proveito da sociedade e verificar-se-ia d'este modo o que receiava um sabio da França (Peuchet) da nimia facilidade e gratuito estabelecimento de muitos lyceus d'aquelle paiz.

« A falta de bons estatutos e relaxada pratica dos que havia, produziu em Portugal pessimas consequencias. Houve demasiados bachareis, que nada sabiam e iam depois nos diversos empregos aprender rotinas



cegas e uma jurisprudência casuística de arestos, sem jamais possuírem os princípios e luzes d'esta sciência. Foi então necessario reformar de todo a antiga universidade de Coimbra; prescrever-lhe estatutos novos e luminosos, em que se regularam com muito saber e erudição os estudos de jurisprudência e se estabelecer um plano dos estudos proprios d'esta sciência e as fórmulas necessarias para o seu ensino, progresso e melhoramento.

« Parecia portanto, que á vista de taes estatutos e das mais providencias que depois se estabeleceram ácerca das faculdades jurídicas e tambem do proveito que d'estas instituições tem resultado, sabindo da universidade grandes mestres, dignos e sabios magistrados e habilissimos homens de estado, que aos nossos olhos têm illustrado e bem servido a patria, não era necessario outro novo regulamento e bastava — ou para melhor dizer, sobrava, que se ordenasse, que o novo curso juridico mandado estabelecer n'esta côrte se dirigisse e governasse pelos novos estatutos da universidade de Coimbra com as alterações posteriores.

« Assim se persuadiram os autores do projecto de lei sobre as universidades, que se apresentou e discutiu na extincta assembléa constituinte e legislativa, accrescentando que o curso juridico, que no referido projecto se mandára crear logo, e ainda antes de estabelecidas as universidades, se governasse por aquellas instituições e novos estatutos, até que pelo andar do tempo e experiencia restringissem ou applicassem os professores o que julgassem conveniente. Esta persuasão fundava-se na facilidade e presteza, com que começava logo a pôr-se em pratica a proveitosa instituição dos estudos juridicos.

« Dado porém que se não possa negar nem a sabedoria dos autores dos referidos estatutos, nem a demasiada cópia de doutrinas, que elles contêm, por maneira que é de admirar, que houvesse em Portugal, n'aquelle tempo de desgraça e decadencia dos estudos em geral e particularmente da jurisprudência, homens de genio tão transcendente que soubessem com tão apurada critica e erudição prescrever o mau gasto dos estudos, substituir-lhes doutrina



methodica e luminosa, e crear uma universidade que igualou e a muitos respeitoz excedeu as mais celebres da Europa, todavia o seu nimio saber em jurisprudencia e demasiada erudição, de que sobrecarregaram os mesmos estatutos, e muita profusão de direito romano, de que fizeram a principal sciencia juridica, a exemplo das universidades de Allemanha; o muito pouco que mandaram ensinar jurisprudencia da patria, amontoando só em um anno em uma só academia tudo o que havia de theorico e pratico d'ella; a pobreza do ensino de direito natural, publico e das gentes (sem lhes unir a parte diplomatica) e que devia ser ensinada em um só anno; a falta de direito maritimo, commercial e criminal e de economia politica, que não foram comprehendidas nos estatutos, que se deviam ensinar dentro do quinquenio, fazem vêr, que os referidos estatutos, taes como se acham escriptos, não podem quadrar ao fim proposto de se formarem por elles verdadeiros e habeis jurisconsultos.

« Os mesmos autores dos referidos estatutos conheceram tanto que os estudos de direito diplomatico e de economia politica deviam entrar na faculdade de jurisprudencia, que declararam, que os professores déssem noticia d'elles aos seus discipulos, quando conviesse; mas nem isso era estabelecer estudo regular, nem preceitos vagos podiam aproveitar.

« A falta de estudos mais profundos de direito patrio foi supprida depois pelo alvará de 16 de Janeiro de 1805, que deu nova fórma aos sobreditos estudos, e ao ensino da pratica do fôro estabelecida pelos autores dos estatutos da universidade de Coimbra para o quinto anno juridico, ficando para o terceiro e quarto anno o ensino do direito patrio, com o que mais aproveitados saem os estudantes n'estes tempos modernos, quando anteriormente vinham totalmente hospedes nos usos praticos e sabendo muito pouco de direito patrio e sua applicação, quando estes eram os estudos em que deveriam ser mui versados, pois que se destinavam a ser jurisconsultos nacionaes.

« Si este deve ser considerado o fim primordial dos estudos juridicos, salta aos olhos quam capital defeito

era o pouco tempo que se empregava no estudo de direito patrio e sua applicação ao fóro. Posto que o estudo do direito romano seja uma parte importante da jurisprudencia civil, não só porque tem sido este o direito de quasi todas as nações modernas, mas principalmente porque n'elle se acha um grande fundo do direito da razão, pelo muito que os jurisconsultos romanos discorreram ajudados da philosophia moral; tanto assim que d'este copioso manancial tiraram Thomasio, Grocio e Puffendorffio o que depois chamaram direito natural, e os celebres compiladores do código de Napoleão confessaram ingenuamente, que ali acharam em grande deposito a maior parte das regras, que introduziram no mesmo código; todavia é o direito romano subsidiario ou doutrinal, como em muitas partes dos mesmos estatutos confessaram os seus illustres autores, e não podia jámais ser ensinado com tanta profusão e extensão á custa do direito patrio, por quanto ainda que em grande parte as nossas leis sejam extrahidas dos Romanos, principalmente nos contratos, testamentos, servidões, etc., ainda que seus compiladores eram muito versados no estudo do direito romano, contudo é o direito patrio um corpo formado de instituições proprias deduzidas do genio e costumes nacionaes e de muitas leis romanas já transvertidas ao nosso modo, e bastava por tanto, que depois do estudo das institutas se explicasse o direito patrio, e que nos lugares de duvidas do direito romano trouxessem os professores á lembrança o que se tivesse ensinado nas ditas institutas, expondo tudo o mais que occorresse d'aquelle direito e indicando as leis romanas, onde existe a sua principal doutrina.

« Além do que fica dito cumpre observar, que a nimia erudição dos autores dos estatutos de Coimbra; a profusão com que derramaram na sua obra; o muito e demasiado cuidado com que introduziram o estudo de antiguidades, e as amindadas cautelas que ensinaram para as intelligencia dos textos e que só deveriam servir para aclarar e alcançar o sentido dos difficeis, fizeram que os estudantes sahisses da universidade mal aproveitados na sciencia do direito patrio e sobrecarregado

de subtilezas e antiguidades, que mui pouco uso prestaram na pratica dos empregos, a que se destinaram. Os mesmos mestres e doutores, para se acreditarem de sabios perante seus companheiros e discipulos, faziam longos e profundos estudos de direito romano e antiguidades, e seguindo n'elles a escola cujaciana, philosophavam muito theoricamente sobre os principios de direito e por fugirem o rumo dos de Bartholo, Alciato e mais glosadores e cazuistas, ensinavam jurisprudencia mais polemica do que apropriada á pratica da sciencia de advogar e de julgar.

« Não foi só o nimio estudo de direito romano a causa principal de se não formarem verdadeiros juriconsultos ; foi tambem, como já dissemos, a falta de outras partes necessarias da jurisprudencia, e que, fundadas na razão, preparam os animos dos que aprendem para conseguirem ao menos os principios geraes de tudo o que constitue a sciencia da jurisprudencia em geral, e cujo conhecimento fórma os homens para os diversos empregos da vida civil.

« Si este é o fim a que nos destinamos na instituição d'este curso juridico, si a experiencia já nos tem ensinado e convencido dos inconvenientes da pratica seguida ; si conhecemos, que a jurisprudencia é filha toda da sua moral ; si sabemos, que desde os primeiros elementos da ethica e da moral nos vamos elevando como por degraus ao cimo deste edificio, e si finalmente é da mais simples intuição, que as sciencias todas se enlaçam, mórmente as moraes, que de mistura com as instituições civis são as bases da jurisprudencia: porque não aproveitaremos estas lições do saber e da experiencia para abraçarmos um novo methodo mais regular, simples e farto dos conhecimentos necessarios e uteis e que, despidos de erudição sobeja, abranja o que é mais philosophico e justo ? Deve-se portanto, sem perder de vista o que ha de grande e sabio em tão famigerados estatutos, cortar o que fôr desnecessario, instituir novas cadeiras para as materias de que n'ellas se não faz menção, as quaes são enlaçadas pelos mais fortes vinculos com a jurisprudencia em geral e de nimia utilidade para o perfeito conhecimento d'ella, e de dirigirmo-nos ao fim de

crear jurisconsultos brasileiroes, enriquecidos de doutrinas luminosas e ao mesmo tempo uteis, e que pelo menos obtenham n'este curso bastantes e solidos principios, que lhes sirvam de guias nos estudos maiores e mais profundos que depois fizerem; o que é o mais que se pôde esperar, que obtenham estudantes de um curso academico.

« Os autores dos mesmos estatutos, no curso juridico que regularam, comprehendem o direito canonico e as faculdades juridicas que os primeiros dous annos são inteiramente communs aos estudantes d'ella, ajuntando-se depois nos annos e aulas em que se ensinava o direito patrio e pratica do fôro. Considerada a necessidade de haver um curso de direito canonico, muito bem se houveram, prescrevendo aos alumnos que se destinavam á faculdade de canones o conhecimento das institutas do direito civil e das instituições de direito publico, ecclesiastico, e de direito canonico aos alumnos de direito civil, attenta a relação e afinidade que ha em geral entre estes estudos. Comtudo não entrará o ensino da faculdade de canones no curso, juridico que se vai instituir. Esta sciencia toda composta das leis ecclesiasticas, bem como a theologia, deve-se reservar para os claustros e seminarios episcopaes, como já se declarou pelo alvará de 10 de Maio de 1805, § 6, e onde é mais proprio ensinarem-se doutrinas similhantes, que pertencem aos ecclesiasticos, que se destinam aos diversos empregos da igreja e não a cidadãos seculares dispostos para os empregos civis.

« Como porém convenha a todo o jurisconsulto brasileiro saber os principios elementares de direito publico e ecclesiastico, universal e proprio de sua nação, porque em muitas cousas, que dizem respeito aos direitos do chefe do governo sobre as cousas sagradas e ecclesiasticas, cumpre saber os principios e razões em que elles se estribam, convirá, que se ensinem os principios elementares de direito publico, ecclesiastico, universal e brasileiro em uma cadeira cujo professor, com luminosa e apurada critica e discernimento, assignale as extremas dos poderes civil e ecclesiastico.

« Por estes ponderosos motivos e dest'arte se organisam os estatutos, que hão de reger o curso juridico, que

vae a ensinar-se n'esta côrte, o qual abrangerá portanto os conhecimentos, que formam o todo da faculdade da jurisprudencia civil.»

Ainda assim não foi avante o curso juridico, que deveria ter assento na capital do imperio.

Só mais tarde veio o decreto legislativo de 11 de Agosto de 1827 remediar essa falta com a criação dos cursos juridicos de São-Paulo e Olinda, sancionando em parte o que deliberara a assembléa constituinte em seus ultimos dias de existencia.

Tiveram os cursos juridicos por estatutos os mesmos que para o curso juridico da capital do imperio formulára o visconde da Cachoeira, segundo o disposto no artigo decimo da sobrecitada lei. Ficou a congregação dos lentes autorizada a formar outros mais completos que seriam submettidos á approvação da assembléa geral.

Em o 1º de Março de 1828 inaugurou-se o curso juridico de São-Paulo, e no dia 15 de Maio o de Olinda.

Estes cursos, que foram depois reformados sob a denominação de *faculdade de direito*, têm até o presente prestado assignalados serviços, cooperando para a instrução da mocidade brasileira, que se dedica á magistatura e mais encargos da sociedade.

Todavia a necessidade da criação de um centro, do qual dimanem como de um forte e radiante foco todas as luzes da instrução superior tem por diversas vezes sido reconhecida pelos nossos homens de estado, mas a falta de recursos tem obstado a sua realisação.

Vinte annos depois das primeiras tentativas appareceu de novo na camara dos senadores traduzido em projecto de lei o pensamento da aspiração geral.

Na sessão de 1843 apresentou o senador Castro Silva um projecto creando uma universidade n'esta côrte sob a denominação de Pedro Segundo.

A requerimento do senador Paula Souza foi o mesmo submettido ao exame de uma commissão especial, que se compoz dos senadores visconde de Olinda, depois marquez do mesmo nome, José Carlos Pereira de Almeida Torres, posteriormente visconde de Macahé e Candido José de Araujo Vianna, que morreu como marquez de Sapucahy.



Devia a commissão especial informar ao senado, si era o projecto na actualidade de então conveniente, e sendo-o indicar as alterações e additamentos que devia ter.

Quanto á primeira parte, disse a commissão, que, longe de enxergar inconvenientes na adopção da idéa fundamental do projecto, entendia ao contrario, que era de summa utilidade e conveniencia a medida proposta, não só pela economia, que, si não desde já, ao menos no futuro, havia de resultar da fusão de taes estabelecimentos; mas tambem, e principalmente, pelas vantagens que deviam apparecer para o progresso da instrucção publica, a qual sem duvida lucraria com o melhor desempenho das obrigações dos lentes e alumnos debaixo das vistas immediatas do governo geral, que faria cessar as desordens, dando vigor á disciplina e com o aproveitamento de talentos que iriam adquirir maior desenvolvimento na frequencia simultanea de escolas de sciencias diversas, na communicação e troca de idéas e no poderoso movel da emulação.

Pelo que respeitava á segunda parte julgou a commissão, que se podia dar ao projecto algum desenvolvimento, mas não tal que além de desnecessario impedisse a prompta adopção da medida e n'este intuito, restringindo-se ás disposições indispensaveis e deixando ao governo o que por elle podia ser melhor acautelado, offereceu como emenda um projecto substitutivo.

Convém aqui notar, que n'esse mesmo anno occupou-se não só a secção do conselho de estado dos negocios do imperio como o conselho de estado pleno occupou-se com um projecto identico, dando á universidade a mesma denominação de Pedro II.

Todos esses trabalhos porém ficaram sepultados no silencio das pastas e os annos vieram dormir com elles, até que na sessão de 5 de Julho de 1847 demonstrou o visconde de Goiana a necessidade da reforma da instrucção publica, apresentando o projecto de um plano geral para toda a instrucção nacional, o qual foi lido na sessão de 7 do mesmo mez, e sendo julgado objecto de deliberação foi a imprimir.

Ao projecto de lei da creação da grande universidade juntou o visconde de Goiana o respectivo regulamento.

Nem uma deliberação tomou a camara dos deputados relativamente ao projecto do visconde de Goiana, pois parece, que nenhuma importancia mereceu ao governo imperial—e coincidência notavel!—o espaço de tempo que decorreu desde as tentativas da assembléa constituinte até a apresentação do projecto do visconde de Goiana, foi quasi o mesmo, que ouve com differença de um anno entre a apresentação do projecto do visconde de Goiana e a idéa da creação da universidade trazida de novo ante o corpo legislativo pelo ministro do imperio o conselheiro Paulino José Soares de Souza.

No seu relatorio apresentado na sessão de 1870 exprimiu-se assim o illustre ministro :

« Não deixarei tambem de chamar vossa illustrada attenção para o plano, já tantas vezes aventado, da fundação de uma universidade n'esta côrte. Parece-me, que esta, a mais importante, rica e illustrada cidade da America do Sul está no caso de possuir um estabelecimento de tal ordem, cujas vantagens não podem ser contestadas, sendo innegavel que da reunião, em uma corporação bem organizada, de homens notaveis em diversas sciencias, ha de resultar maior incitamento e interesse pelos trabalhos da intelligencia e grande impulso ao ensino publico. Este fóco de vida intellectual não deixaria de derramar novos raios de luz com manifesto aproveitamento das profissões literarias.

« Existe n'esta capital uma faculdade de medicina e um estabelecimento (a escola central) destinado ao ensino das sciencias physicas e mathematicas. E' de necessidade a instituição de uma faculdade theologica, que prepare sacerdotes dignos da missão a que se dedicam e nas quaes encontre o governo a quem confiar as elevadas funções do episcopado. Ninguem questionará sobre a conveniencia de facilitar-se o mais possivel o estudo das sciencias sociaes e juridicas, cuja vulgarisação tanto importa ás relações dos cidadãos em tudo que se refere á vida civil.

« Reunidas as quatro faculdades, auxiliar-se-hiam

mutamente, pois que muitos estudos são communs: taes como a medicina legal, que interessa igualmente aos estudantes de direito e aos de medicina; o direito administrativo e a economia politica ensinados actualmente nas faculdades de direito e na escola central; a physica, chimica, zoologia, botanica e mineralogia, que entram no plano das faculdades de medicina e da escola central; o direito publico e ecclesiastico, que se ensina tambem nas faculdades de direito e não pôde deixar de ser contemplado no curso da faculdade theologica, etc. A parte geral d'essas materias poderia ser ensinada em commum aos alumnos das diversas faculdades, a que interessassem, dando-se em cada curso maior latitude aos estudos de applicação na parte que lhe é peculiar. »

Na sessão de 6 de Agosto d'esse anno procurou o nobre ministro do imperio, coherente com a demonstração que fez no seu relatorio da necessidade de uma universidade n'esta côrte, fundamentar a apresentação de um projecto relativo a tão transcendente objecto.

« Julgo, disse elle depois das mais brilhantes considerações, julgo de grande alcance para o futuro da instrução superior do imperio a creação de uma universidade n'essa côrte. Proponho-a, incorporando n'ella a faculdade de medicina aqui existente e a escola central, verdadeira faculdade de sciencias, ás quaes addiciono uma nova faculdade de direito e de theologia, da qual poderá partir impulso ao progresso intellectual do nosso clero. »

O conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira sujeitou o projecto de seu antecessor ás conferencias da secção dos negocios do imperio, o qual mereceu a approvação dos conselheiros visconde de Sapucahy e Bernardo de Souza Franco, depois visconde de seu appellido, discordando comtudo em alguns pontos; não teve porém o projecto melhor sorte do que as identicas tentativas feitas por mais de meio seculo.

Agita-se de novo a idéa do estabelecimento da universidade com assento na capital do imperio, que se ufanando com ser a primeira cidade da America do Sul, não possui ainda um estabelecimento em que se concentrem todas as luzes da instrução publica, que todas as nações do nosso

seculo aspiram elevar ao ultimo gráo da perfeição, pois sem a instrucção nem um povo póde ser grande.

Reuni aqui todos os trabalhos relativos a esta importante questão, cumprindo assim as ordens que me foram dadas por V. Ex.

Deus guarde a V. Ex.

Rio de Janeiro, 1881.

---





# A PROVINCIA DO RIO-GRANDE DO SUL

---

## DESCRIÇÃO E VIAGENS

POR

Henrique Schutel Ambauer

---

### § 1.

Entre o 29° e 33° austral e 49° e 53° occidental corre uma costa baixa, arida, monotona e triste, a qual o cauteloso navegante evita, si não se dirige ao unico porto accessivel. E' a costa da provincia do Rio-Grande do Sul.

As correntezas, os ventos, os descuidos e as esper-tezas tem feito dar a essa costa e ao seu porto uma repu-tação pouco lisongeira.

Corre-lhe paralelo um banco, que com o andar do tempo surgirá do seio das ondas e augmentará com outra zona de lagos a que existe; e assim a pouco e pouco cede o mar o que rouba em outros logares. Facil é vêr-se, que primitivamente formára o continente entre o 28°30' e o 33°10' um golfo, o qual devia banhar a fralda da serra geral, os montes do ramo que fixa o Guahiba e a serra de Castilhos. Os terrenos que entulharam este golfo fôram levados pelas correntezas e ventos e pelos sedimentos dos

innumerous rios, que n'elle desaguam. Hoje a acção parece-nos mais lenta ; ella é no entanto continua.

Presente-se a baixa costa do Rio-Grande a uma grande distancia, já pela côr das aguas, como pelo descontrado das vagas ; o que occasiona naturalmente grande receio, que ainda mais se augmenta nas occasiões em que ameaça temporal, por não haver um franco abrigo, em caso de arribada, como os portos de Santa-Catharina ou Montevidéo, a sete grãos de distancia.

Todas estas circumstancias têm demorado o desenvolvimento da navegação de alto bordo para a provincia do Rio-Grande do Sul e impedido assim o ella tomar rapidamente o grão de adiantamento a que poderia attingir.

Acompanho a crença de varios autores na supposição de que a provincia do Rio-Grande do Sul não foi conhecida dos primeiros navegantes. Não sómente Vicente Pinson, Dias Solis, Americo Vespucio, Sebastião Caboto, Fernando de Magalhães e outros, não suppozeram a existencia da barra, si chegaram a ver a costa, como mesmo os navegantes portuguezes posteriores a estes. Dado mesmo o caso que desconfiassem da existencia, não se teriam animado a abordal-a.

Segundo uma certa versão, uma expedição mandada com cinco embarcações em exploração costeira sob o commando de Martim Affonso de Souza, partio no 1º de Agosto de 1531, a qual, depois de reconhecer diversos pontos, naufragou em uma costa arenosa, que suppõe-se ser a costa do Chuy (33°50'), actual divisa meridional do imperio do Brazil com a republica de Montevidéo.

Martim Affonso encarregou Pedro Lopes de reconhecer a costa, sendo este o primeiro que explorou o arroio Chuy, verificando ser mui pouco navegavel.

Não estão de acôrdo com esta versão, nem Nicoláo Dreys, nem o visconde de São-Leopoldo.

Segundo elles, o brigadeiro José da Silva Paes em 1737, querendo prevenir a occupação do territorio, antes que os Espanhões levantassem fortificações, fez um desembarque na costa, com risco de ser victima de sua temeridade, não tendo achado a barra ou receioso de não conseguir entrar por ella. Outros autores dizem, que a

expedição de José da Silva Paes entrou a barra, occupando-a militarmente, levantando para isso fortificações.

E' fóra de duvida que a configuração da costa, a sua direcção NE—SO e a franca profundidade das aguas não deviam convidar os primeiros navegantes a tentarem o abordal-a.

Da costa communicam com o mar de norte a sul: o Mampituba ( $29^{\circ}30'$ ) divisa com a provincia de Santa-Catharina; o Tramandahi ( $30^{\circ}$ ); o Rio-Grande ( $32^{\circ}5'$ ) e o Chuy; uma ou outra lagôa que igualmente desagua no mar.

O Mampituba e o Tramandahi podem dar curso a pequenas embarcações, sendo porém esse ultimo mais perigoso de approximar-se e de mais difficil sahida.

O Rio-Grande é o unico, que permite entrada a navios, que não demandem mais de 18 palmos e isso nem sempre, sendo mais regular de 14 a 15.

Difficulta a entrada da barra dous bancos, que lhe obstruem a entrada, formando-se entre elles um canal mutavel segundo a direcção mais longa dos ventos e correntezas. A massa das aguas que escoam pela barra do Rio-Grande seria mais que sufficiente para ter um canal de franca navegação, si ella não tivesse perdido o declive nos dous lagos internos e na bacia que os recebe. O nivelamento, que fórma esse espraiamento das aguas fluviaes, paralisa algum tanto o seu curso e apenas o escoamento com diminuta força permite a conservação d'esse pequeno canal da barra. Com os ventos do S. S. S. E. o repouso das aguas augmenta o nivel das bacias centraes, entrando mesmo as aguas do mar até mais da metade das lagoas, as quaes só com o NE. podem baixar.

E' de desejar, que para o futuro se encontre meio de augmentar a profundidade do canal, assim que a provincia do Rio-Grande possa conseguir a affluencia de uma navegação mais desenvolvida, enriquecendo-se na grande permuta internacional.

Acha-se entretanto estacionado na parte septentrional da barra um serviço de praticagem, que honra sumamente a pericia e boa ordem com que é organizado

e executado. Não só o estabelecimento possui um farol de ferro de 110 pés de altura, com luz giratoria, uma atalaia de 64 pés para signaes a Mariath, como diversas embarcações, salva-vidas e serviço de praticos e dos guardas do banco, estacionando igualmente diversos vapores do governo e de particulares para os reboques.

Póde-se hoje quasi garantir, que o navio que fôr avistado pelo guarda da atalaia só poderá naufragar, si de proposito investir a barra, ou tenha illudido o numero de pés de seu callado.

Recentemente dous navios francezes investiram na praia, sendo o segundo salvo sem avarias, devido aos esforços e pericia dos encarregados da barra.

Transposto o banco, situado a duas milhas da foz do Rio-Grande, sobre o qual acha-se constantemente uma catraia balisando para a direcção dos navios, que demandam a entrada, o canal, que fórma o desagramento do rio, é limitado pelos dous lados por bancos mais baixos. O banco do sul fórma em sua costa meridional, acompanhando o litoral, um saco, o qual dizem ser bom abrigo para os navios, que vêm corridos á praia.

Existe mesmo uma petição requerendo concessão para construir n'esse ponto um porto de abrigo.

Creio, que si fôr realizavel, será de mais vantagens que um porto artificial nas Fozes, onde as arribadas nem sempre poderão ser felizes.

O banco do lado do norte espraia-se em grande distancia, ficando a seco nas baixas marés. Este banco eleva-se sensivelmente, tendo sido ha bem poucos annos o lugar por onde passava o canal.

Limita este banco uma ponta ou promontorio arenoso e baixo, remontando em fórma de bacia até o lugar, onde acham-se situadas as repartições da barra. Ao lado opposto da bacia é o ancoradouro dos navios, que entram ou saem a barra sem que necessitem esperar bom vento ou profundidade das aguas. Um extenso trapiche conduz á terra. Logo na entrada está á direita a repartição maritima, em cuja frente tem os mastros de signaes, convençionados com a atalaia. A' esquerda encontra-se a casa dos guardas da alfandega, onde igualmente funcçiona

uma escola publica para meninos; o que é bastante lisongeiro tanto para o governo como para a população que habita o logar.

Agrupam-se do lado direito algumas casas, tanto de negocio como de morada das familias dos empregados e e outros particulares. Encontra-se d'este lado, um pouco retirada, a estação telegrafica ligada por um cabo submarino, na passagem do canal, com a cidade do Rio-Grande. Outras casas mais adiante foram edificadas para alugar-se, na estação dos banhos, ás familias que para isso vão á barra.

Um caminho costeadado por uma linha de cedros maritimos conduz a algumas quadras de distancia sobre uma pequena praça, onde encontra-se uma capellinha; em um dos lados fronteira uma grande casa unica que possui em seu quintal vegetação mais frondosa. Por detrás d'essa casa seguem-se algumas casas de pobre aspecto, situadas sobre a estrada, que conduz margeando o rio, até a villa do Norte.

Pouco adiante da capellinha levanta-se a atalaia, torre quadrada feita de tijolos e o farol de ferro com base de granito.

O horizonte, que se divisa de cima da atalaia bem que alcance, segundo dizem, para mais de 20 milhas, é dos mais tristes embora imponente. Pelo norte vê-se, por entre uma cinta de comoras de areia, surgir os telhados da cidade do Rio-Grande e a bacia que lhe serve de porto. Pelo sul um cordão movel de espumantes ondas, incessantemente a mugir, fórma uma linha prateada, que separa o vasto oceano da arida costa, que se desenrola monotona e tristonha a perder de vista. Apenas de tempos a tempos, nos dias claros, apparece ao longe uma vela, que a pouco e pouco vem como fantasticamente delineando as graciosas fórmas de um navio. Aos pés uma qual irrisoria vegetação de gramineas asperas e dessecadas, parece querer burlar-se do misero insecto, que lhe busca a sombra. Tudo enfim torna a habitação d'esse logar triste e melancoria.

O Rio-Grande, como diz Garibaldi, é a foz da lagoa dos Patos. Pequeno mediterraneo com suas ilhas e



archipelagos, suas enseadas e portos, seus golfos, cabos e promontorios; caudalosos rios que n'elle desagua; grandes lagos com os quaes communica a uma infinidade de rios pequenos, que lhe são tributarios. Si não fosse o declive, que mal chega-se a notar, poderia ser mais propriamente chamado mar do que ser classificado rio.

Remontando ao norte, o canal, que poderá ter menos de duas milhas de largura, é costeado á direita pelas terras baixas formadas pelo isthmo, que separa o Atlantico. N'esta costa margeam algumas xacaras, onde nota-se uma vegetação regular. Pela margem esquerda uma continuidade de comoros de areia limita a vista, sem encontrar-se a mais insignificante vegetação.

Este canal deve ter duas leguas de comprimento, variando a largura á medida que sobe.

As dunas, que acompanham o lado esquerdo, inclinam-se ao oeste, formando um saco, em cuja entrada tem a ilha baixa e arenosa do Ladino. Este saco, hoje entulhado pelos areias e sedimentos, foi theatro de um ataque naval entre as esquadras espanholas e portuguezas, nos tempos das guerras de possessão entre essas duas nações.

A parte septentrional d'esse saco fórma uma península, em cuja costa opposta acha-se situada a cidade do Rio-Grande.

A léste, fronteiro á península do Rio-Grande, vê-se a villa de São-José do Norte na margem oriental do canal.

D'este ponto abre-se o canal formando o que geographicamente chamam de bacia do Rio-Grande.

Essa bacia, a qual nada mais é sinão o prolongamento meridional da lagoa dos Patos, que em lugar de perder este nome junto ao banco da Feitoria, chamado impropriamente estreito, deveria conserval-o até a altura da península do Rio-Grande: essa bacia, digo, abre-se para oeste e fórma um saco ou golfo de 3 leguas de largura, contado da xarqueada do Escorrega até a villa do Norte.

Do estreito do Rio-Grande, ou para dizer com os termos que usualmente se servem, da *boia* até o estreito da lagoa ha a distancia de 14 leguas, variando entre 9, 10, 8 e 7 milhas de largura.

Ao norte da península do Rio-Grande encontra-se um archipelago de ilhas baixas e arenosas. A formação d'essas ilhas é de alluviação moderna, tendo sido em sua origem bancos de areia cujo nível o remanso das aguas, os sedimentos e os ventos vieram a pouco e pouco elevando.

A maior e mais importante do grupo é a ilha dos Marinheiros a 2 milhas de distancia da cidade do Rio-Grande, seguindo-se o pequeno canal aberto entre os baixios, que a circulam. Essa ilha tem 2 leguas de largura e 5 de circumferencia, segundo me disserão. A parte meridional é bordada de matos de uma vegetação bem desenvolvida. Grande numero de xacaras regularmente plantadas abastecem abundantemente o mercado do Rio-Grande de verdura e frutas de boa qualidade, tentando-se já ha alguns annos de fabricar vinhos, os quaes vendem-se facilmente. Algumas outras xacaras circulam a ilha em circumferencia; a difficuldade de transporte as tornam menos importantes.

Ao sul da ilha dos Marinheiros vem-se as ilhas dos Cavallos e das Pombas.

A primeira ainda hoje pôde-se chamar banco, ficando a seco com as vasantes e onde apenas cresce uma graminea de folhas asperas, que lhe chamam mangal, utilizada para estivar navios e para cobrir galpões.

Ao oéste da dos Marinheiros encontra-se a ilha do Leonidio, saparada por um pequeno braço de mar da costa firme. Esta ilha, de propriedade do individuo que lhe dá o nome, é um pouco mais alta que estas ultimas, e, segundo dizem, é uma agradável vivenda, devido ao cuidado do proprietario.

Segue-se ao norte a ilha da Turutama e alguns bancos á flor d'agua.

A bacia n'este ponto estreita-se, devido adiantar-se as terras da costa oriental, onde fronteia o canal de São-Gongalo. A ilha da Sarangonha encontra-se na mesma altura, deixando entre ella e a terra firme um braço de mar outr'ora navegavel e hoje obstruido pelas areias, passando o canal de escoamento mais a oéste.

O canal entre o isthmo e a Sarangonha pôde encurtar duas a tres horas de caminho aos vapores, que

transitam a lagôa dos Patos, e é por isso, que a provincia tem empenho de o tornar navegavel, tendo sido infructiferos os trabalhos, que já se fizeram.

Torna a bacia a alargar-se para o norte ; sendo porém obstruida por numerosos bancos e baixios, os quaes apenas deixam um estreito canal á navegação fluvial.

Considerado debaixo do ponto de vista em que nos achamos, esta bacia constitue o mais importante reservatorio hydrographico do centro da provincia, por isso que n'ella convergem os ramos fluviaes e as lagôas centraes, escoando no mar como unica via de communição.

## § 2.

Commercialmente a cidade do Rio-Grande deve ser, como é considerada, o interposto geral, sendo o ponto no qual convergem tanto o commercio exterior como o interior.

Muitos melhoramentos espera a provincia, entre elles a abertura do canal ou barra do São-Gonçalo e do canal da Sarangonha ; creio porém, que estes trabalhos requerem maiores esforços que os que têm sido tentados, tanto em capitaes como em estudos technicos. Mesmo assim o Rio-Grande não perderá a sua importancia.

A cidade do Rio-Grande acha-se situada a 32° de latitude meridional sobre a margem septentrional da peninsula formada pelo sacco da Mangueira e o canal da ilha dos Marinheiros.

O terreno da cidade é plano ; uma ou outra rua tem o nivel mais alto, por terem edificado as casas sobre os comoros sem procurarem o nivelamento.

A parte mais importante da cidade é o seu litoral, em linha quasi recta, de léste a oeste. Duas linhas de embarcações correm na mesma direcção, deixando entre si um canal de poucas braças de largura, por onde transitam as embarcações, que demandam o ancoradouro. As casas que margeiam o litoral, como são quasi todas de sobrado de um e dous andares, algumas elegantes com

graciosos mirantes, dão agradável aspecto ao panorama visto do mar.

Seguem-se porém algumas ruas paralelas e outras transversaes, que não valem a primeira. Ha apenas algumas praças e casas particulares de apparencia regular.

Possue a cidade uma alfandega e um excellente câes para o serviço da mesma. Tem mais uma praça do commercio, onde funciona igualmente o correio, casa da camara, mercado,—e o que chama mais a attenção,—um enorme edificio, hospital de caridade que poderia ser menor e ter mais accomodações; verdade é, que só acha-se terminada e occupada a ala direita.

Duas praças, das muitas que a cidade possui, acham-se ajardinadas, sendo a que é fronteira á camara municipal e o edificio da associação commercial a praça, onde reune-se a população, formando um passeio publico. E' notavel a concurrencia d'este passeio, não encontrando-se nas mais cidades da provincia igual passatempo, não por não haver praças, mas por não serem concorridas.

Uma trincheira de tijolos e cal termina ao oeste da cidade, tendo além d'ella os cemiterios e o matadouro publico.

Algumas xacaras acompanham o litoral do saco da Mangueira; as dunas porém não lhe permitem fazer um plantio aturado, por as invadirem com qualquer vento que faça. Estas areias occupam todo o centro da península, assim como o centro da ilha dos Marinheiros, elevando-se algumas d'ellas até mais de 40 a 50 pés de altura. Verdade é, que formam por sua filtração um precioso reservatorio das aguas pluviaes, visto serem os bancos, onde acham-se assentes as povoações, desprovidas de fontes naturaes.

Trabalho importante está em via de construcção para canalisar e conduzir as aguas recolhidas entre essas dunas para abastecer a cidade e as embarcações.

E' fóra de duvida, que a cidade do Rio-Grande virá a ser uma das mais importantes das do sul da America, quando um caminho de ferro a ligar com a fronteira da provincia, explorando ao mesmo tempo a riquissima mina

de carvão de pedra do Candiota, e desenvolvendo os melhoramentos que espera.

Descentralise-se o imperio, e a provincia do Rio-Grande do Sul será uma das perolas mais bellas do seu diadema.

A leste do Rio-Grande, como já disse, acha-se a villa hoje decadente de São-José do Norte, outr'ora limite das possessões portuguezas; a villa devia possuir além dos fortes que a guarneciam alguns edificios regulares; as arêas porém têm invadido a povoação, e, a muito custo, têm escapado do aterro geral algumas casas mais ou menos habitaveis.

Tres ou quatro ruas, que desembocam no mar, são tiradas a cordel, outras transversaes são estreitas e tortuosas.

A não ser a igreja matriz retocada novamente nada se encontra de recommendavel. O litoral, que margeia um profundo canal, era o ancoradouro mais apropriado para a alta navegação.

A grande correnteza, que nas vasantes se experimenta, junto ao desabrigo e pouca segurança do fundo, quando o pampeiro e vento do sul caem com força, tornam este porto bastante perigoso; o que fez transferir para o Rio-Grande o ancoradouro, que primitivamente achava-se no norte.

O isthmo ou lingua de terra, onde acha-se situada a villa de São-José do Norte, abrange quasi 2 grãos de latitude, separando do mar as aguas da bacia do Rio-Grande e da lagoa dos Patos. Este isthmo ainda hoje demonstra ter sido um banco igual ao que acompanha o litoral, deixando entre si alguns sangradouros, que formaram os lagos, que se encontram em toda a extensão. Como já disse, não tardará a formar-se outra zona igual e subsequente até que as correntezas do norte ou do sul tenham nivelado a linha recta, que corta o meridiano do cabo Santa-Maria até o de Santa-Maria.

O terreno do isthmo é todo baixo e alagadiço, costeado, pelo lado do mar até certa altura, pelos comoros de areia. O lado occidental é menos arido, devido ao declive



da filtração das aguas e por isso tem uma vegetação, em alguns logares bem regular.

Percorrendo a costa occidental encontra-se a 18 leguas da villa do Norte a freguezia do Estreito, fronteiro á ilha da Sarangonha, em um saco ou enseada que forma a bacia do Rio-Grande. O lugar é decadente pela aridez dos arredores, bem que os agricultores d'essa vizinhança façam com proveito o cultivo da cebolla e de diversas frutas, primando as melancias e melões, que são lindissimos. No commercio das cebollas e d'estas frutas, assim como dos camarões dessecados, encontra a villa do Norte os meios de permuta.

O governo da provincia tenciona mudar a povoação do Estreito para Bujurú, 6 leguas mais ao norte sobre a mesma costa, em uma enseada da lagoa dos Patos.

D'esse lugar, menos arido, a navegação fluvial poderá conduzir os generos ao Rio-Grande, sendo os do Estreito transportados por terra á villa do Norte.

O isthmo principia a alargar-se mais, entrando já na região dos lagos, que, junto aos banhados e pequenos canaes, occupam quasi todo o territorio, que se estende para o norte.

Algumas enseadas mais formam pela costa da lagôa portos, que para o futuro poderão servir á navegação interna.

Continuando ao norte encontra-se a freguezia de Mostardas, povoação mais importante que as duas primeiras.

Esse ponto tornou-se conhecido por diversas pequenas industrias, que os primeiros casaes de ilhéos vindos á provincia souberam utilizar. Entre estas industrias a que tinha mais nome era a dos tecidos grossos de lan e de algodão, cobertores, chergas e outros artigos de consumo geral. Mostardas dizem achar-se a 40 leguas do Norte bem metade da lagôa dos Patos.

Seis milhas mais ao norte, sobre a mesma costa occidental do isthmo, encontra-se a enseada e ponta de São-Simão, lugar onde nasceu Menotti Garibaldi.

O isthmo continúa a alargar-se até o golfo ou saco do Capivari, bacia que recebe o tributo dos rios Palmares

e Capivari, desaguadouros das lagôas centraes e unicos afluentes importantes da costa oriental da lagôa dos Patos.

### § 3.

Pertencendo a descripção d'essa região aos importantes trabalhos hydrographicos do intelligente Francez Pompeu Demoly, mais adiante hei de transcrever os seus apontamentos, unicos e minuciosamente exactos embora publicados com o nome de outros.

Em 30° de latitude, sobre a costa oriental, encontra-se a fôz do Tramandahi, rio que nasce na serra geral e que recebe a superabundancia das aguas das lagôas vizinhas. A bacia d'esse rio, assim como o lago que está junto á fôz, foram saudados por Garibaldi por occasião de o passar com os lanchões da republica rio-grandense, encontrando-lhe então 4 a 5 palmos de fundo, na baixa-mar; o que difficulta o ingresso.

Seguindo-se ao norte, sobre a mesma costa encontra-se a 29° 30' de latitude o rio Mampituba com igual origem que o Tramandahi. E' porém esse rio de mais importancia que este ultimo, por ser mais navegavel e ser a via de communicação do commercio dos industriosos municipios de Santo-Antonio e Conceição com os portos da Laguna e Santa-Catharina.

Junto ao Mampituba encontra-se as Torres, lugar assim chamado por ter tres monticulos que tornam-se os unicos pontos salientes de toda a costa da provincia. Existe o projecto de formar n'esse ponto um porto artificial para abrigo da navegação costeira; mas adiante transcreverei as razões contrarias a essa construcção.

O Mampituba é a divisa judiciaria da provincia do Rio-Grande com a de Santa-Catharina. Esta divisão seguindo a mesma latitude sobe a serra, onde encontra-se com as cabeceiras do rio Uruguay, que lhe servem de divisa continua até a fôz do Quarahim.

O territorio ao oeste do Rio-Grande, bém que de igual formação que o do isthmo, demonstra ter sido formado em epochas mais remotas.

O promontorio do Rio-Grande liga-se a uma bahia, que, entre o saco da Mangueira e a enseada das ilhas septentrionaes, remonta ao norte até terminar no canal de São-Gonçalo. Esta enseada parece ter sido primitivamente mais profunda, abrangendo toda a zona occupada ainda hoje pela lagôa Mirim, separada do mar pelo Albardão, que se prolonga ao sul até a fralda da pequena cadeia de São-Miguel no Estado Oriental.

Esse golfo, que, a pouco e pouco, estreitou-se com o levantamento das terras meridionaes, foi fechando em um lago as aguas, que as correntezas maritimas e as fluviaes antes occupavam.

A lagôa Mirim contam ter 84 milhas de comprimento, e 24 de largura maxima, tendo diversos pontos nos quaes estreita-se além dos bancos que possue. Esses tendem a elevar-se com os depositos sedimentares, que os affluentes da lagôa trazem continuamente além da evaporação e absorpção das aguas, talvez a metade do volume, que as vertentes lhe trazem.

A região ao sul da lagôa é baixa e alagadiça na parte septentrional, e eleva-se um pouco no centro, onde encontram-se outras pequenas lagôas, abaixando novamente na costa do mar, acompanhado por dunas, que se prolongam pelo Albardão, que forma para o S.O.

Entre as lagôas do Albardão contam-se a do Caiubá e das Flôres, as quaes communicam e desaguam pelo arroio Baeta na lagôa Mirim; as da Embira e Silveira igualmente ligadas e desaguando do mesmo lado pelo arroio d'El-rei; a grande lagoa da Mangueira que derrama a superabundancia de suas aguas nos banhados adjacentes, as quaes alimentam os arroios Baeta, d'El-rei e Chuy.

Como disse, o arroio Chuy é a divisa politica do immenso imperio do Brazil com a republica de Montevideo, pela costa do Atlantico.

Essa linha divisoria remonta ao norte e segue quasi junto á foz do São-Miguel, costeia a margem occidental da lagoa Mirim, percorre a margem esquerda do Jaguarão; subindo a Coxilha-grande em grande extensão, desce pelas vertentes do Quarahim, o qual segue até sua fóz

no Uruguay, servindo este ultimo de limite com as provincias argentinas de Entre-Rios e Corrientes.

Parece irrisorio, que tão vasto imperio tenha por divisa com as republicas platinas uma delimitação tão precaria e indefesa.

Não é porém a que lhe tinham conquistado os primeiros descobridores portuguezes.

#### § 4.

Apoz o descobrimento de Cabral o governo de Portugal mandou tomar posse da terra de Vera-Cruz, explorando em seguida suas costas. A primeira exploração teve logar um anno depois do feliz descobrimento em 17 de Agosto de 1501, expedição que conduzia o celebre Americo Vespucio. Embora o visconde de Santarem e autores espanhões e americanos contestem o ter essa expedição baixado até o rio da Prata chamado n'essa época Paranaguassú, são sufficientes testemunhos o roteiro da mesma expedição e a carta de Americo Vespucio, publicada em latim e que se acha em Florença.

Succederam a essa exploração uma segunda em 1503 dirigida por Christovão Jacques; outras em 1506 por Vasco Gallego Carvalho e João Lisbôa, o primeiro subindo o Rio da Prata e o segundo costeando as terras ao sul do cabo Santa-Maria, chegando até a embocadura do Uruguay.

Negam porém os Espanhões a prioridade das descobrimentos dos Portuguezes, attribuindo a João Dias Solis.

Além da citada carta de Americo Vespucio diversas relações foram publicadas na Europa antes da viagem de Dias Solis, n'essa época encarregado da exploração ou descobrimentos do Iucatan. Foi em 8 de Outubro de 1515, que este ultimo tocou na bahia do Rio de Janeiro, dirigindo-se apoz esse reconhecimento ao sul das terras já reconhecidas do dominio portuguez. Tão infeliz foi porém, que afoutamente confiando-se nas amistosas atenções dos indigenas foi por elles morto com diversos companheiros.

« Constando a el-rei D. Manoel esta viagem aos seus dominios, pedio satisfação á corôa de Espanha por haverem entrado embarcações castelhanas na bahia de Niterohy e no Rio da Prata. Respondeu-se-lhe: que João Dias Solis fôra morto n'aquelle rio e que para o futuro se evitariam semelhantes attentados. »

Mão grado os protestos seguiram-se outras explorações pelos Espanhóes; a de Fernando de Magalhães em 11 de Janeiro de 1519 e a de Diogo Garcia e Sebastião Caboto em 1527, subindo este ultimo o Paraná até o ponto em que se acha a cidade de Assumpção.

Os Espanhóes allegaram para isto os direitos, que lhes conferiam as bullas pontificias, e o tratado de Tordesilhas, naturalmente propensas a proteger ao mais maleavel e generoso dos contendores.

Seguiu-se o acôrdo de Saragoça em 22 de Abril de 1529, no qual foram combinados os limites das possessões americanas entre as corôas de Espanha e Portugal.

Para este effeito Martim Affonso de Souza, esse mesmo que alguns autores dão como naufragado na costa do Chuy, teve ordem de levantar marcos divisorios pela costa meridional, collocando o ultimo na ilha dos Lobos na entrada da bacia do Prata (1531); regressando em seguida, fundou a primeira villa que houve no Brazil, denominando-a de São-Vicente.

Segundo o tratado de Saragoça comprehendia-se como limite o territorio oriental da bahia do Prata, subindo pelo curso do Uruguay.

A Espanha podia apossar-se do territorio meridional—subir o Paraná até suas cabeceiras.

Com estas instrucções armou D. Pedro de Mendonça uma expedição em 1534 e fundou em 2 de Fevereiro de 1555 a primitiva povoação de Santa Maria de Buenos-Aires.

Os governadores, que lhe succederam, respeitaram igualmente o territorio opposto como possessão portugueza. Um ou outro reconhecimento foi tentado por vezes, mas isso era mais para explorarem que por desejo de conquista.

Menos escrupulosos foram porém os missionarios, que acompanharam os primeiros governadores.



Com o pretexto de catechisarem á fé catholica os infelizes indios, esses hypocritas foram internando-se no sertão.

Planeando desde logo o formarem um vasto reino, cujo dominio lhes pertencesse, foram em busca de um ponto, onde lhes fosse possivel realizal-o. Para isso escolheram o alto Paraná, que suppunham ser bastante distante das terras occupadas pelos Espanhões e bem povoado de tribus pacificas. Fazendo mostra de manter a independencia dos indios e o direito e propriedade territorial do qual eram originarios, souberão chamar a si esses miseros incautos, tão soffredores nas privações como credulos pela superstição. Subsidiaram-nos igualmente os Espanhões, julgando-os empenhados no engrandecimento do paiz e trabalhando em proveito d'elles.

Pertencendo porém essa região á corôa portugueza pela possessão, que d'ella tinham tomado os Paulistas, estes não quizeram consentir na usurpação, e moveram guerra continua á ambiciosa occupação dos padres. Acossados por estes valorosos sertanejos, os jesuitas resolveram abandonar Guayra e descer o Paraná, vindo estabelecer-se nas margens do Uruguay.

Era-lhes necessario uma communicação mais facil que a de terra com as povoações espanholas das margens do Paraná, e para isso mandaram explorar o rio, sobre o qual tencionavam dominar. Numerosas tribus indigenas encontraram-se na margem d'elle, preciosos braços que elles necessitavam chamar a si, não só para os fazer trabalhar, como também para se fazerem defender, quando fossem atacados.

Por insinuação d'elles apresentaram-se alguns caciques das tribus do baixo Uruguay ao governador de Buenos-Aires D. Francisco Céspedes, pedindo-lhe que lhes enviasse alguns padres para ensinar-lhes a verdadeira fé. Annuio esse governador ao pedido, fazendo seguir tres religiosos ao territorio oriental, donde deviam remontar o curso do Uruguay.

O exemplo estava dado, podiam outros imital-o ; o que aconteceu.

Não tardaram a passar a *Banda Oriental*, como já se chamava, grande numero de especuladores ; uns para carnearem os gados, que já se encontravam em quantidade n'estes riquissimos campos, e outros, remontando o Uruguay, iam permutar os seus generos com os productos, que as cathecheses forneciam.

Conhecida a fraude, bem que um pouco tarde, o governo de Portugal mandou levantar na extrema meridional de suas possessões uma colonia militar, a qual fizesse respeitar a propriedade de sua corôa.

Para esse effeito o governador do Rio de Janeiro fez levantar um forte na enseada fronteira á ilha de São-Gabriel, edificando algumas moradas para as familias que tinha trazido a guarnição.

Não podia convir a D. José del Gosso, governador de Buenos-Aires, o estabelecimento da Colonia do Sacramento por cortar-lhe o lucrativo commercio dos couros e carne seca, que se fazia na *Banda Oriental*, e por isso de motu proprio atacou a praça em Agosto do mesmo anno (1680) e conseguiu apossar-se d'ella. Sabedor o governo de Portugal, reclamou por seus direitos, e Carlos II mandou promptamente fazer-lhe entrega da dita praça. Atacada novamente em 1704, manteve-se resolutamente durante quasi um anno de apertado sitio.

Os seguintes topicos do conde de Oeiras ao marquez do Lavradio em umas instrucções, que lhe enviara em 14 de Abril de 1769, resumem bem os factos, que se deram.

« E' certo, que ao tempo da acclamação do senhor rei D. João IV se achavam os vassallos d'esta corôa na posse de todas as costas e sertões, que jazem ao sul do Rio de Janeiro, desde as capitánias do mesmo Rio e São-Paulo até á margem septentrional do Rio da Prata, onde no governo do Sr. D. Pedro II se erigio a nova colonia debaixo da invocação do Santissimo Sacramento, da qual fomos desalojados pelos Castelhanos na éra de 1705, e mandados restituir n'esta de 1715 pelos arts. 5 e 6 do tratado de Utrecht.

« E' certo, que os Castelhanos, com a má fé que sempre praticaram connosco, inspirados pelos jesuitas, que os

tinham debaixo da sua sujeição, em lugar de nos restituírem com a dita praça da colonia todo o seu territorio, que antes possuíamos, nos ficaram usurpando o mesmo territorio, nos ficaram reduzindo ao descripto de um tiro de canhão da referida praça, e nos ficaram fazendo os outros avanços, com que depois edificaram no nosso dominio da dita margem septentrional do Rio da Prata as duas praças de Montevidéo e Maldonado, nas quaes se estão sustentando nulla e violentamente, apezar das garantias do dito tratado de Utrecht.

« E' certo, que ao mesmo tempo fôram os referidos Castelhanos (ou os jesuitas, que eram os que então obravam o effeito na realidade) avançando colonias de indios e estancias por todo interior do sertão da capitania de São-Paulo, com o claro projecto de se avançarem até as nossas Minas-Geraes, e de nos acharmos com elles de portas a dentro, quando menos talvez o esperassemos. \*

. . . . E' certo, que os mesmos Castelhanos e jesuitas, seus socios (ou sobre elles dominantes), fingindo ignorar que a dita paz (1763) se achava concluida, foram invadir o Rio-Grande de São-Pedro e seu territorio, que perfidamente occuparam e estão occupando até o dia de hoje.

Recommenda em seguida o maior esforço pelo — interesse que esta corôa tem na resistencia aos Castelhanos, e na expugnação d'elles (quanto possivel fôr) dos portos e sertões meridionaes, ou do sul do estado do Brazil.

Apezar da seguinte recommendação:—«que Sua Magestade estima muito mais a perda de uma só legua de terreno na parte meridional da America portugueza, que 50 leguas de sertão descobertas no interior d'ella;» o mesmo governo praticou o gravissimo erro de mandar as seguintes instrucções em data de 9 de Maio de 1775, assignadas pelo mesmo conde de Oeiras, então já celebre marquez de Pombal:

« A referida idéa de manutenção e conservação se não póde, nem deve estender á praça de Colonia. Antes

---

\* Seguem-se as citações dos diversos tratados que por vezes devolveram a colonia atacada por muitas vezes. Tratado de 1750, de 1761 e o da paz de 1763 (pag. 302).

pelo contrario conhecendo Sua Magestade, que é chimerica e impossivel a idéa de conservarmos forças navaes no Rio da Prata, e mantermos a dita praça de Colonia n'aquella distancia, quando n'elle e no territorio d'ella têm hoje osditos Castelhanos o centro de união de todas as suas forças; e quando pelo contrario se acha ali a maior debilidade das nossas forças do Brazil; quer o dito Senhor, que V. Ex. com estas justas causas faça logo executar o que lhe vou agora referir.

« Por uma parte mandará V. Ex. retirar immediatamente quaesquer náos ou fragatas, que se achem no sobredito rio, antes de serem n'elle sorprendidas e apreçadas pela *fáustosa* expedição castelhana que ou tem partido ou está para partir de Cadiz: e pela outra parte faça V. Ex. transportar a essa cidade o regimento de guarnição d'aquella praça; tomando para isso o pretexto de que se vai disciplinar, e recrutar no Rio de Janeiro, donde se espera ali a toda a hora outro regimento mais completo e bem disciplinado; e fazendo transpirar e crêr ao mesmo tempo, que com o motivo do mesmo transporte é que saem do Rio da Prata as embarcações de guerra portuguezas, que n'elle estiverem. »

Essas instrucções eram o resultado de um plano adoptado com o fim de fortificar não só a margem esquerda do Rio-Grande e do Rio-Pardo até onde tinham invadido os Castelhanos, como a ilha de Santa-Catharina, que elles cubiçaram, e para cuja conquista estavam apparelhando uma apparatusa expedição.

Apezar d'esses reforços a ilha de Santa-Catharina foi tomada pelos Espanhóes em Fevereiro de 1777, atacada a Colonia do Sacramento, foi vencida e arrasada a 4 de Junho do mesmo anno, e teriam dominado todo esse territorio, si o tratado de Santo-Ildefonso, assignado em o 1º de Outubro d'esse mesmo anno, não tivesse estipulado a evacuação da ilha de Santa-Catharina e a delimitação nos pontos, onde se achassem as forças na provincia do Rio-Grande do Sul.

Mais felizes foram as armas portuguezas n'essa ultima provincia, na qual foram derrotados os Espanhóes, recuando para Santa-Tecla as suas forças.

Pelo tratado de 1777 os marcos divisórios deveriam ser collocados pelos Espanhóes sobre a margem direita do Chuy e pelos Portuguezes em Tahim, deixando o espaço que entre elles medeia, comprehendido como terreno neutral.

Novas guerras e novos tratados se succederam, entre elles o de Arnisaut em 23 de Março de 1802. (\*)

Ainda assim quem se queixa são os Orientaes, dando-se como victimas da usurpação territorial; e como diz um de seus historiadores: « Ainda que só fôsse esse o unico motivo da animosidade dos Orientaes, seria por si só sufficiente para alimentar os odios nacionaes. »

### § 5.

Entre os affluentes da lagôa Mirim conta-se o arroio de São-Miguel, que fórma a divisa opposta do Chuy, correndo para o N. Segue-se-lhe o rio São-Luiz, o Sebolati e o Taquari com os mais importantes do lado do Estado-Oriental, sendo o segundo mais volume e navegavel que os outros.

Alguns outros arroios desaguam igualmente n'essa costa a superabundancia das aguas das lagôas e banhados, que a margeam. Pelo lado do Brazil o Jaguarão, o Arroio-Grande e o Piratinim são os mais importantes; seguem-se-lhes alguns arroios, que poderão permittir alguma navegação, quando desobstruidos.

As aguas da lagôa e dos affluentes têm seu escoamento na bacia do Rio-Grande pelo canal de São-Gonçalo, situado a 20 milhas da cidade do Rio-Grande, percorrendo 39 milhas de curso desde sua barra até o sangradouro ou entrada da lagôa Mirim. Infelizmente a barra do canal acha-se obstruida por um banco de areia, o qual a pouca velocidade das aguas que se escoam não póderemover, devido tambem á correnteza das aguas que descem da lagôa dos

---

(\*) Passando o Estado-Oriental á republica independente do governo espanhol, por duas vezes incorporam-se ao Brazil, separando-se por fim da Confederação Argentina e demarcando definitivamente os actuaes limites com o imperio.



Patos e o encontro das que reprezam do mar, formando-se por isso um xoque das tres correntezas, as quaes forçosamente depositam n'esse ponto os sedimentos, que trazem em suspensão. Acontece igualmente no sangradouro ou parte opposta do canal a formação de depositos sedimentares pelas aguas, que não podem escoar-se pelo estreito canal.

Entretanto a navegação fluvial utiliza esta via de comunicação, deficiente mesmo como se acha, maxime na estação da seca. Da barra de São-Gonçalo até o sangradouro o canal é bastante profundo embora estreito, podendo facilitar uma navegação de maior callado logo que se possa obter a desobstrucção da barra, cujo trabalho até hoje tem sido infructifero, talvez por julgarem sufficiente o simples trabalho de escoação facilmente entulhado ao menor vento ou correnteza.

Da barra ao arroio Pelotas ha 5 milhas de navegação. Este arroio tem algum fundo; suas margens acham-se edificadas algumas xarqueadas, que utilizam o curso do arroio. Entre o Pelotas e o arroio Santa-Barbara acha-se edificada sobre uma collina elevada a cidade de Pelotas, centro dos estabelecimentos e do commercio das carnes e couros das xarqueadas e entreposto do commercio da campanha.

Pelotas é a cidade mais regular da provincia. Com ruas bem alinhadas, empenhada a população em calçal-a e edificar bonitos predios, com um tramway, que une o porto á cidade distante algumas quadras brevemente possuirá o encanamento do gaz e d'agua.

Seus arrabaldes são agradaveis, maxime para quem vai do Rio-Grande. O espirito da população de character puramente nacional é dedicado ao progresso do lugar, sendo d'elle cioso em extremo.

Certa rivalidade existe entre os habitantes da cidade do Rio Grande e os de Pelotas, a qual não tem razão de ser, ligadas como estão ambas pelos interesses mutuos, que, unindo o capital do commercio do Rio Grande ao producto da industria especial de Pelotas, facilita os meios de riqueza e o bem estar dos habitantes das duas cidades.

Remontando o canal encontra-se a confluencia do Piratinin a 15 milhas de Pelotas. Esse rio tem um curso bastante estenso, porém é apenas navegavel umas 18 milhas para embarcações de pouco callado.

Quinze milhas ao oeste da foz do Piratinin encontra-se Santa-Izabel, pequena povoação assentada sobre a costa septentrional do canal de São-Gonçalo. D'essa povoação ao sangradouro da lagôa Mirim ainda ha 3 milhas.

A 30 milhas a oeste do sangradouro encontra-se a confluencia do rio Jaguarão, navegavel umas 15 milhas até o passo do Ricardo, encontrando-se a cidade de Jaguarão a poucas milhas de sua foz fronteira á villa de Artigas, povoação do Estado Oriental.

O canal de São-Gonçalo facilita ao todo 190 a 200 milhas de navegação contada da cidade do Rio-Grande, não contando os arrois septentrionaes e os rios occidentaes. Estes affluents da lagôa Mirim tem suas nascentes, as do Estado Oriental nas vertentes da Coxilha-Grande e os septentrionaes na vertente meridional da Serra dos Tapes.

A Coxilha-Grande é uma cadeia de collinas elevadas, que corta os parallelos do  $54^{\circ}$  e  $55^{\circ}$ , contando as curvas de norte a sul. Por alguns este sisthema é tido como prolongação meridional da serra geral, a qual depois de correr ao oeste até o parallelo do  $54^{\circ}$  corta bruscamente para o sul para entrar na republica vizinha e percorrer o litoral d'ella até sua terminação.

Creio essa hypothese errada pelos seguintes motivos: A Coxilha-Grande corta na direcção de norte a sul a propria serra geral, mantendo sempre a mesma formação e altitude mesmo sobre a chapada que a serra supporta, enquanto que esta, já mais baixa que a parte que acompanha a costa do Brazil, segue para oeste, baixando sempre e terminando em uns penhascos uns  $56^{\circ} 11'$  de longitude no municipio de São-Francisco de Assis.

A supposição apenas pôde basear-se em que tanto a serra como o planalto parecem abaixar mais sensivelmente depois de serem cortados pela Coxilha-Grande; isso porém dá-se igualmente com os terrenos, que ficam a leste e

oeste da mesma coxilha, os quaes em ondulações decrescentes vão terminar em planicies alagadiças tanto as margens do Uruguay como das da lagôa dos Patos e Mirim.

Apenas entre o 30° 30' e 31° 20' de latitude meridional partem duas ramificações da Coxilha-Grande, seguindo a direcção de leste e suêste, terminando a segunda entre a confluencia do rio Jacuhi e a bacia do Guahiba.

Estes dous ramos denominados serra dos Tapes e serra do Herval são os supportes dos terrenos elevados, que formam essa região inclinando-se em depressão até terminar nas margens da lagôa dos Patos.

Todo esse sisthema parece ser de formação mais moderna que a da serra geral, tanto por sua direcção como por sua textura geologica, parecendo ser mesmo elevado ao nivel actual por um levantamento progressivo, mais lento que o que deu origem ao sisthema geral do Brazil; ou então é uma ramificação meridional de outra cadeia central, que veio terminar em um ramo depremido e de formação sedimentaria com base de rocha terciaria.

Corre entre os terrenos elevados dos dous ramos orientaes da Coxilha-Grande o rio Camaquan, o mais importante affluente da lagôa dos Patos, depois de receber grande numero de pequenas arterias, as quaes fertilisam toda a zona, que percorrem.

N'ella se encontram algumas cidades e villas de alguma importancia, taes como Sant'Anna, Bagé, Piratinin, Cangussú e outras povoações que são o centro do commercio, que abastece os habitantes d'essa região, permutando os productos pastoris e agricolas que produzem.

A cidade de Bagé, e villa de Sant'Anna do Livramento limitrofes com o Estado Oriental têm com elle uma communicação continua tornando-se com isto mais importantes. Ainda está reservado á cidade de Bagé um futuro mais florido por achar-se a pouca distancia das minas carboniferas do Candiota, affluente do Jaguarão, as quaes não tardarão a ser exploradas.

Do que é defficiente essa região, como quasi toda a provincia do Rio-Grande, é de estradas em boas condições, não se podendo considerar as que existem nem soffríveis, maxime na estação invernos.

Realize o governo do Brazil quanto antes a construcção da rede de caminhos de ferro, que decretou, e verá, que não só o progresso e o bem estar da provincia do Rio-Grande do Sul se desenvolverão, como garantirá a segurança politica da mais generosa das provincias do imperio.

Da barra do São-Gonçalo ao ponto denominado estreito, na entrada da lagôa dos Patos, dizem haver 22 milhas. O canal de escoamento, que desce da lagôa, corre de sul a oeste, formando uma grande volta por onde navegam as embarcações de todos os callados. Esta volta costeia a parte meridional do banco da Feitoria, o qual liga-se á ilha e canal do Cangussú.

E' bastante progressivo o augmento dos baixios n'essa parte da bacia. Sendo quasi nullo o declive em direcção da barra do Rio-Grande, as aguas do mar entram a banhar toda essa zona, e qualquer repreza as eleva até a altura do meio tanto da lagôa dos Patos, como da lagôa Mirim.

Essa repreza occasiona o alargamento da superficie aquosa, a qual interceptando ou oppondo-se ao rapido escoamento, este deposita os sedimentos trazidos pela correnteza dos innumeros rios, que desaguam nas lagôas, formando d'essa maneira numerosos baixios, que não tardam a tornar-se extensos bancos para mais tarde formarem terras baixas e alagadiças.

Como é sabido, existia um canal navegavel na costa oriental da bacia do Rio-Grande, seguindo entre o canal da Sarangonha até seu escoamento no mar. Essa direcção porém hoje acha-se obstruida, e pôde-se quasi garantir não estar muito longe a epoca, na qual a bacia tornar-se-á como o canal de São-Gonçalo, fechando a parte meridional da lagôa dos Patos.

O canal de Cangassú, primitivamente muito mais fundo, hoje apenas tem de 4 1/2 a 8 pés. O canal do Estreito não tem mais de 12 pés, segundo os ventos, elevando-se a mais quando ha repreza. A entrada opposta da lagôa ou de Itapuan chega a ter 20 e mais pés. A parte oriental da lagôa dos Patos, que conta 108 milhas de comprimento, fórma diversos seios, que augmentam a largura, contando-se 42 milhas entre a barra do

Camaquan e o Saco de Christovão Pereira. Em compensação, a parte occidental é obstruída por grandes bancos, os quaes deixam entre si alguns sacos mais ou menos profundos. Estes bancos são: o da Feitoria, que já citei, em 31°50' fronteiro ao Estreito, o banco do Quilombo antes de chegar ao Camaquan, o do Victoriano em frente ao saco do Bojurú, o de Santa-Maria fronteando Christovão Pereira, mais acima o dos Desertores e o de Barba-Negra na entrada de Itapuan. Na costa oriental ha tambem o banco de São-Simão, e o de Capivari na entrada do saco, onde desagua o rio do mesmo nome.

Esses bancos são assás conhecidos dos que navegam na lagôa, havendo numerosos faroes que indicam de noite a sua approximação.

Os affluentes da lagôa, na costa occidental, são: o arroio da Contagem, desaguando no canal de Cangussú, o arroio Correntes, Arroio-Grande e o São-Lourenço, o Canôas e outros insignificantes. Segue-se o rio Camaquan com 150 milhas de curso, porém pouco navegavel. Mais ao norte o Jacaré, o Guaraxaim, o Velhaco e o Passo-Grande; este ultimo desagua em um seio formado por um pequeno banco e a ilha dos Tapes, a qual podia ser utilisada como excellente porto proprio para uma colonia.

Todos estes affluentes são de pouco volume d'agua na estação da seca; tornam-se porém torrenciales quando cheios por descerem dos altos terrenos dessa região.

De todas estas arterias é o São-Lourenço e o Camaquan os que têm alguma navegação. O primeiro percorre os terrenos, onde acha-se a colonia alleman de São-Lourenço, de propriedade particular.

O segundo põe em communicação diversas povoações, por onde passa e conduz os productos, que elles enviam a Porto-Alegre ou Rio-Grande.

O autor do Diccionario da provincia do Rio-Grande do Sul diz, que o Camaquan fórma um delta de 3 braços: a Barra-Falsa ao sul, a Barra-Funda ao centro e a Barra-Grande ao norte, dividindo oito ilhas de maior a menor diametro.

Junto á margem esquerda da Barra-Grande encontra-se a estancia do Brejo, onde Garibaldi praticou o acto



de heroismo por elle referido em suas Memorias. Em appendice ao presente capitulo transcreverei os documentos\*, que encontrei sobre o estado do illustre general na provincia do Rio-Grande do Sul.

Como affluentes orientaes da lagôa são apenas dignos de menção o Palmares e o Capivari, desaguardo no sacco do mesmo nome.

## § 6.

Consigno aqui, como prometti, os estudos do falecido C. Pompêo Demoly, sentindo não possuir outros trabalhos, que esse infatigavel obreiro conseguio realisar. E' sensível, que tanta dedicação não fôsse premiada, maxime sabendo-se que por esses trabalhos abandonou Pompeo Demoly seus interesses, vindo occasionar a penuria na qual ficou sua familia.

A' illustre Sociedade de Geographia de Pariz toca adquirir os preciosos estudos de seu benemerito compatriota, gratificando sua familia com um justo premio.

A região especialmente estudada por Pompeo Demoly é a que comprehende-se entre a lagôa da Porteira até a foz do Mampituba, bem que por elle fôram igualmente exploradas as que se estendem até além da Laguna. As que pertencem á provincia do Rio-Grande do Sul acham-se situadas nos dous municipios de Santo-Antonio e Conceição do Arroio.

A grande idéa de Pompeo Demoly era a demonstração da facilidade, que haveria em pôr em directa communição o Mampituba e o Tramandahi com a lagôa dos Patos. Essa communição seria tanto mais facil por isso que as lagoas communicam entre si pelos canaes naturaes, que as ligam, os quaes tornar-se-iam navegaveis com pouco trabalho.

---

\* Não vieram taes documentos.

Rios, arroios, lagôas, sangradouros e banhados explorados de 1856 a 1858 no município da Conceição do Arroio na provincia do Rio-Grande do Sul.

## Rios

Capivari .....	16.594	braças de extensão,
1.160 navegaveis ac-		
tualmente.		
Palmar.....	6.787	» de »
2.000 navegaveis ac-		
tualmente.		
Tramandahi .....	15.752	» navegaveis.
Maquiné.....	4.900	» exploradas e
navegaveis.		
Tres-Forquilhas.....	3.854	» » e
navegaveis.		
Mampituba.....	10.560	» extensão na-
vegavel e total tendo		
apenas dous lagedos		
que a interrompem.		
Monteiro, sangradouro da		
lagôa do Forno.....	5.380	» » total
navegavel.		
Verde.....	4.300	» explorado,
pouco navegavel.		

## Arroios

Das Areias, affluente do Tres-Forquilhas.....	1.526	»	»	nave-
gavel				
Das Lorangeiras.....	1.073	»	»	nave-
gavel.				
Cardoso .....	2.640	»	»	nave-
gavel.				
Chimarrão .....	569	»	»	nave-
gavel.				

## Arroios

Das Pacas.....	2.450	braças explorado no interior e obstruído na extensão de 300 braças entre o desagudouro da lagôa do Forno.
Da Cachoeira dos negros.	2.500	» » e obstruído igualmente.
Do Forno.....	2.100	» » tendo apenas 1,500 navegáveis.
Do Pinheiro, affluente das Pacas .....	2.500	» exploração incompleta, não navegável.

## Sangradouros

Firmiano.....	1.665	» extensão total navegável.
Dos Quadros.....	3.300	» navegável em toda a extensão.
Da lagôa de Itapéva .....	6.790	» » » toda a extensão.

Total 95.240 braças de curso fluvial susceptíveis de serem melhoradas e utilizadas na navegação interna, comprehendidas unicamente no município da Conceição do Arroio, e ligando por uma bem dirigida canalisação á lagôa dos Patos com o rio Mampituba.

## Lagôas

	Braças de perimetro
Do Sangão.....	420
Da Saragem.....	1.370
Da Porteira .....	8.170
Do Rincão das Egoas .....	6.400
Do Meio.....	3.790
Da Cerquinha .....	8.682
Da Cidreira.....	10.265
Da Fortaleza .....	10.025

	Entre ambas
De Mauricio e Chagas.....	3.350
	de perimetro
De Manoel Nunes.....	4.940
De Dona Antonia.....	6.560
	Entre ellas
Da Prainha.....	2.950
	de perimetro
Do Fermiano.....	7.600

Essas 15 lagôas escoando todas ellas durante o inverno no oceano pela barra do Tramandahi. occupam, com os banhados limitrofes um espaço ou superficie do terreno acima talvez, de 40 milhões.

Lagôas	Braças de perimetro
Armazem.....	4.600
Tramandahi.....	9.200

Estas duas em communicação constante com o oceano, sujeitas á influencias das marés de fóra, occupam juntas uma superficie de tres milhões de braças quadradas pelo menos e não podem em caso algum diminuir de extensão.

Lagôas	Braças de perimetro
Ilha.....	1.300
Potreiro-grande.....	2.070
João Gomes.....	5.560
Pombas.....	2.850
Passo.....	5.350
Malvas.....	5.880
Palmitos.....	5.480
Pinguella.....	12.440
Negra.....	480
Quadros.....	19.440
Estiva.....	2.100
Bôa-Vista.....	1.000

Lagôas	Braças de perimetro
Itapéva.....	38.000
Forno.....	4.500
Jacaré.....	4.300

Estas outras quinze lagôas das quaes a somma total da superficie deve bem elevar-se a 64 milhões de braças quadradas, podem, ainda que diminuindo em superficie, concorrer para a alimentação do caval, que do Mampituba ao Palmar pas-sasse pelo Tramandahi e o banhado Peixoto.

Lagôas	Braças de perimetro
Cadeia.....	4.450
Rincão.....	1.500
Sul.....	1.300
Oliveira.....	1.850
Passo-fundo.....	2.000
Ignacio Xavier.....	1.500
Barros.....	18.100
João Pedro.....	3.000
Banhado.....	790
Pesqueiro.....	2.650
Indios.....	4.500
Marcellino.....	1.150
Peixoto.....	3.950
Caconde.....	4.000
Trahira.....	2.200
Lessen.....	500
Seta.....	5.500
Caieira.....	3.000

Emfim estas 18 ultimas, as quaes conjuntamente occupam uma superficie de 28 milhões de braças quadradas, devem, em razão de sua situação mais elevada, ser escoadas, sinão em totalidade, ao menos em grande parte no canal que formar-se para a navegação, servindo-lhe de reservatorio natural.



Em seguida tem os principaes banhados do mesmo municipio da Conceição do Arroio ; taes são :

Banhado	Braça quadrada
Machado, occupando uma superficie approximativa de.....	8.000.000
Bernardo Pinto, occupando uma superficie approximativa de.....	2.000.000
Peixoto, occupando uma superficie approximativa de.....	8.200.000
Fructuoso, cuja superficie approximativa deve ser de.....	1.600.000
Tramandahi, cuja superficie approximativa deve ser de.....	7.500.000
Marques, cuja superficie approximativa deve ser de.....	4.200.000
Quadros, cuja superficie approximativa deve ser de.....	5.600.000
Pacas e da lagôa do Forno, cuja superficie approximativa deve ser, ambos, de....	9.000.000

Total 46.100.000 braças quadradas constantemente em estado inutil e de exhalação nociva, que esta mesma canalisação converteria em terras productivas.

Assim, não precisamente em toda a comarca de Santo-Antonio da Patrulha, mas sim no proprio municipio da Conceição do Arroio cortados por 95.000 braças de curso fluvial, mais ou menos, susceptivel de melhoramento navegavel, actualmente dispendioso, lento e difficil; existindo uma totalidade superficial de terreno, elevando-se a mais de 80 milhões de braças quadradas, occupado por aguas nocivas e embaraçantes, que uma canalisação reconhecidamente facil pôde restringir mais de um terço, destruindo por este modo as causas que tornam insalubre uma parte do paiz, promovendo-se pelo meio da canalisação o mais desenvolvido progresso agricola.

Esta parte dos beneficios pertence, é verdade, exclusivamente á provincia do Rio-Grande do Sul ; mas pôde igualmente estender-se sobre o litoral que liga-se com o da provincia de Santa-Catharina, canalisando-se como na do

Rio-Grande as innumeradas lagoas que se estendem entre o Mampituba e a Laguna, constituindo-se assim essa grande navegação interna, idéa do general Jeronimo, cujas consequências são certamente mais favoraveis aos interesses geraes das duas provincias, ligadas entre si, que o commettimento incalculavelmente dispendioso de um porto artificial sobre a costa inhabitavel das Torres.

Sem duvida que sobre muitos pontos de uma e outra d'essas duas materias, a minha competencia, não é sem appellação; mas si de um lado sou o unico, que possa conscienciosamente conhecer um territorio, que nenhum outro tem até hoje minuciosamente estudado, posso igualmente responder áquelles que parecem apressar a limpeza do porto das Torres, que menos do que eu ponderavam os obstaculos, que ella presenta.

Tornei-me grande partidario da canalisação, que permitisse a navegação interna entre a Laguna e a lagoa dos Patos, por isso que as facilidades economicas de sua execução, assim como suas uteis consequências foram-me igualmente demonstradas; no entanto sou contrario tanto ao projecto do porto das Torres, como tambem ás pretenciosas facilidades de uma estrada de ferro, atravessando grande parte, assás consideravel, do territorio cortado por numerosos tremedaes, rios, banhados, lagoas e areias movediças.

Existem no maximo 12 ou 14 legoas de terreno, que seria necessario perfurar, entre a lagoa dos Patos e a Laguna, e n'essa pequena extensão ha apenas uma legoa que apresenta uma elevação approximada de 60 palmos sobre o nivel do mar, exigindo o resto um pequeno trabalho de escavação em uma profundidade igual de 10 a 15 palmos. Parece-me não haver nada de mais favoravel; que mais deseja-se?

Depois de ter recebido minha demissão em Março de 1860, o Sr. conselheiro Joaquim Antão, julgou dever ignorar a conclusão da exploração das lagoas do municipio da Conceição do Arroio, ordenando a sua continuação e commissionando para esse fim um Sr. 1º tenente da marinha imperial; este, munido de meus relatorios, cingio-se a reproduzir alguns escriptos, em um dos quaes

(o qual li) póde-se reparar, que, si soube copiar as cifras de distancia que não percorreu, exaggerou certamente as de profundidade, que igualmente dispensou-se de sondar pessoalmente.

Essa commissão, que parece destinada a galardoar os pretensos serviços d'esse official, serviços que, sinão em totalidade ao menos em grande parte, fôram feitos só pcr mim, seria uma injustiça, que jámais teria recebido dos illustres predecessores do Sr. Conselheiro Joaquim Antão. Si ao menos tivessem exactamente copiado as minhas notas, teriam evitado os erros, em que podem induzir o governo imperial na execução de trabalhos que são da mais imperiosa necessidade para o municipio da Conceição do Arroio.

Freguezia das Torres 1 de Outubro de 1861.

*C. Pompeo Demoly.*

Essas importantes indicações estão no entanto esquecidas, e o governo tanto geral como provincial em lugar de seguil-as tem dado preferencia ao projecto da estrada de ferro, a qual já foi concedida com a respectiva garantia de juros; não sei porém o motivo, porque ainda não se deu principio aos trabalhos.

De vez em quando resuscita a questão do porto nas Torres; felizmente não tem passado de discussões e autorização para os estudos precisos.

Segundo um folheto do meu particular amigo o Dr. José Eubank da Camara, em refutação aos artigos favoraveis á construcção do citado porto, elle torna-se não só dispendiosissimo, como insufficiente para obter-se as vantagens exigidas.

Com estas considerações estão de acôrdo todos os navegantes a quem consultei.

Os dous municipios de Santo-Antonio e Conceição, são dos mais importantes no que respeita a suas industrias, cujos productos agricolas são de um commercio vantajoso com a capital e com a cidade da Laguna na provincia de Santa-Catharina. E' sensível, que suas vias de comunicação não estejam bastante francas; seria um melho-

ramento, que a provincia teria restricta obrigação de realisar, si se tomasse em consideração o esforço de seus habitantes.

### § 7.

A região dos lagos é limitada ao norte pela serra geral e pelo oeste por uma cadeia de collinas pouco elevadas, a qual fecha a bacia do Guahiba. A serra geral faz parte do systema orografico do Brazil, como ramo oriental. Com diversas denominações vem este ramo costeando o territorio das provincias banhadas pelo Atlantico; chegando entre 29° de latitude meridional, inclina ao oeste e segue esta direcção, com mais ou menos curvas para o sul, até sua terminação em 57° 11' de longitude occidental de Pariz.

Esta serra é o suporte oriental do grande planalto, que, segundo Balbi, corôa o systema montanhoso do Brazil, interrompendo sua continuidade em diversos pontos para deixar passar alguns ramos perdidos das cordilheiras centraes.

No numero d'esses ramos contam-se na provincia do Rio-Grande do Sul, a serra de Botucarahi e a Coxilha, Grande, donde o declive da serra geral, torna-se mais sensivel; terminando, como já disse, em planicie alagadiça no municipio de Itaquí.

Limita a lagôa dos Patos ao norte o ramo de collinas, que ha pouco citei, e ao oeste o ramo oriental da serra do Herval, fechando entre ambos o canal por onde escôa a bacia do Guahiba.

Essa bacia foi por algum tempo denominada Viamão, por terem n'ella a fôz quatro importantes rios e um arroio, dando-lhe a fôrma de cinco dedos e a palma de uma mão.

Na entrada do Guahiba encontra-se um escolho chamado Itapuan, o qual separa o estreito canal do banco, que liga-se a oeste com os terrenos occidentaes; lança-se em seguida em um vasto seio o qual vai estreitando-se em direcção ao norte terminando na fôz do rio dos Sinos, tendo approximativamente trinta milhas de extensão.

Entre os principaes affluentes dessa bacia contam-se o Gravatahi, o rio dos Sinos, do Cahy e o famoso Jacuhi.

Esses affluentes desaguam no extremo septentrional do Guahiba, ao norte e oeste do promontorio onde achase edificada a pitoresca cidade de Porto-Alegre, formando um gracioso delta por entre um archipelago de pequenas ilhas.

Os outros affluentes occidentaes do Guahiba são : o arroio do Conde, de Passo-Fundo, do Mathias, do Petim, da Capivara, do Ribeirão e do Araçá, com poucas milhas de curso, descendo da prolongação N.E. da pequena serra do Herval.

Dos affluentes orientaes o unico, que merece menção, é o arroio do Sabão, de cujas aguas servem-se os habitantes da capital.

O Gravatahi tem um curso de 45 milhas, tendo sua nascente nos banhados limitrofes da lagôa dos Barros, com a qual existe um projecto de communicação. Pelo Gravatahi descem os productos do industrioso municipio de Santo-Antonio da Patrulha. O curso navegavel no estio é de 15 milhas e no inverno de 30 para pequenas embarcações.

O curso do rio dos Sinos é bastante extenso; percorrendo, porém, o platô e a vertente da serra geral, é por isso sómente navegavel até a fralda dessa cordilheira, quarenta e duas milhas ao norte de Porto-Alegre, outras quarenta e duas milhas percorrem com difficuldades os colonos allemães da colonia do Novo-Mundo situada sobre a serra.

Uma estrada de ferro acha-se em via de construcção para ligar a capital com os centros coloniaes que habitam as ribas do rio dos Sinos, o que dará grande incremento ao commercio de tão productivo quão importante municipio.

Entre as colonias, a mais adiantada é a de São-Leopoldo ou Hamburgberg recommendada como modelo.

O rio Cahy tem noventa milhas de curso e apenas quarenta e cinco de navegacão. Como o dos Sinos nasce no platô e percorre a vertente da serra, tendo igualmente algumas colonias em suas margens, de menos importancia que as do rio dos Sinos, sendo tambem mais modernas.



O rio Jacuhi é o mais importante dos afluentes do Guahiba, percorrendo em seu curso o bellissimo valle ao qual dá seu nome. Como os primeiros, nasce sobre o platô na latitude de  $28^{\circ}20'$  meridional, corre a lêste algumas milhas, desce a serra geral no paralelo de  $56^{\circ}$  occidental, une-se ao Vacacahi em  $30^{\circ}$  de latitude e dirige-se então para lêste com mais ou menos curvas.

Rico de afluentes, alguns, como o Taquari, tão extensos e volumosos quanto elle, permite cumulativamente com seus tributarios uma navegação de 426 milhas, podendo-se conseguir muito mais com uma intelligente desobstrucção.

Merecendo esta região uma descripção mais circumstanciada, tratarei d'ella em outro capitulo.

A região occidental da Coxilha-Grande é ainda mais rica de grandes arterias fluviaes, sendo porém pouco habitada, é ainda deficientemente conhecida. Essas arterias, correndo a oeste, desaguam no caudaloso Uruguay, rio de segunda ordem, ao qual dão um curso superior a 800 milhas, desde suas cabeceiras na divisa da provincia de Santa-Catharina, onde denomina-se Pelotas, até sua foz na bacia do Prata.

Entre seus afluentes, remontando-se a corrente, conta-se como mais importantes, pertencentes ao Rio-Grande, o Quarahim com curso superior a 400 milhas, tendo numerosos tributarios; o Ibiculi não menor que o Quarahim, o Icamaquan, o Piratinin e o Ijuhi. Além d'estes uma infinidade de rios e arroios menores fertilisam o importante declive do grande planalto.

Os campos do citado planalto formam uma região excepcional pela progressão gradual de sua attitude, cujo clima é dos mais apraziveis.

Riquissimos em vegetação, permitindo mesmo o cultivo das arvores da Europa meridional, esta região ostenta a maior floresta do mundo, a qual abrange todo o restante das serranias, que formam o sistema brasileiro e grande parte do planalto.

Para descrever tão fenomenal vegetação seja necessario o trabalho colectivo de muitas commissões scien-

tíficas especialmente encarregadas d'isso. Ante tanta magnitude só a admiração é possível.

O Brasileiro deve sentir-se orgulhoso de tão generosos dons da Providencia; a elle toca porém ser também generoso; com a pratica d'essa sublime virtude ainda mais enriquecerá.

### § 8.

Como disse no principio d'este capitulo, o descuido ia fazendo perder o rico territorio do Rio-Grande do Sul. Estabelecidos os jesuitas ao norte de Corrientes, não tardaram a passar o Uruguay e fundar as celebres missões orientaes do Uruguay.

As numerosas tribus dos Xarrúas e Minuanos iam successivamente submettendo-se ao rigido jugo theocratico, e d'esse modo os padres consolidavam e estendiam seus dominios na provincia do Rio-Grande sem achar obstaculos.

Os Portuguezes apenas tinham avançado até a Laguna; a campanha ao sul até a colonia do Sacramento era-lhes desconhecida. Receiando que ella já estivesse occupada pelos Espanhóes, o governador do Rio de Janeiro Francisco de Tavora ordenou a Francisco de Brito Peixoto, capitão-mór e fundador da villa da Laguna, que fizesse explorar esse territorio, pesquisando si elle se achava occupado por estrangeiros.

Esta exploração, realisada em 1716 por cinco homens brancos e alguns escravos, chegou até São-Domingos de Soriano, e quando ia regressando foram presos pelos indigenas, conseguindo fugir algum tempo depois. Segunda expedição se lhe seguiu composta de 40 homens brancos e alguns escravos; atravessam a campanha e quando vão voltar, trazendo grande quantidade de gados arrebanhados nas proximidades de Maldonado, encontraram, proximo ás margens do Rio-Grade, um grupo de de 40 indigenas de *catecheses espanholas*, os quaes conduzidos á Laguna declararam terem sido mandados pelos missionarios em busca de localidades apropriadas

para fundarem novas aldeias. O capitão-mór tratou-os muito bem e os presenteou; quando os despedio, deu-lhes uma carta para os missionarios jesuitas, em a qual intimara-lhes, que todo aquelle territorio pertencia ao dominio portuguez, e portanto deviam abster-se não só de erigir novas aldeias, mas mesmo de o fazer devasar pelos seus emissarios.

Para impedir taes introducções furtivas mandou tambem seu genro João de Magalhães com 30 homens e instrucções de os deixar estabelecerem-se n'aquellas desertas regiões, insinuando alianças de amizade com os indigenas Minuanos.

D'esta fórma conseguiu-se frequentes communicações dos indigenas com a Laguna, datando d'esse tempo as primeiras estancias de gados, que os nossos tiveram aqui. (*Annaes da Provincia do Rio-Grande*, pelo Visconde de São-Leopoldo).

Outra exploração foi feita pelos valorosos Paulistas em 1735 commandada pelo intrepido mestre de campo Manoel Dias da Silva, o qual teve ordem de levar reforço á colonia do Sacramento, fazendo diversão por terra. Percorrendo o grande planalto peneirou na immensa floresta e depois de tres mezes de insano trabalho e numerosas privações conseguiu sahir d'ella, encontrando-se nos bellos campos por elle chamados da Vacaria, por achal-os povoados de grande quantidade de gados. Em signal de possessão mandou gravar sobre um padrão de madeira a inscripção: — « Viva o muito alto e poderoso rei de Portugal D. João V, senhor dos dominios d'este sertão da Vacaria... »

O sitio da colonia continuava e a seus heroicos defensores faltavam mantimentos: para os fornecer foi enviado o brigadeiro José da Silva Paes, o qual conseguiu introduzil-os na praça. De regresso da colonia aportou a Maldonado, achando porém o local pouco adaptado para fundar uma colonia. costeou ao norte com o intento de penetrar pela barra do Rio-Grande, mas temendo os perigosos baixios que a circumdavam, com muita difficuldade e grande risco desembarcou na costa do sul no dia 19 de Fevereiro de 1737, com uma companhia de dragões

de Minas-Geraes e alguma infantaria não superior a 200 homens sem contar os colonos.

Para dar valor ao passo que deva, fez construir um forte com a invocação de Jesus Maria José e para garantir-o de algum ataque pelo lado da campanha erigiu á meia legua no interior, sobre um estreito istmo já defendido por natureza, uma fortificação e uma capella dedicada á Sant' Anna.

José da Silva Paes foi o primeiro governador da capitania do Rio-Grande de São-Pedro, como então se lhe chamou, datando d'essa epoca a formal occupação da provincia.

Si tem sido lento, comparativamente com outras provincias do imperio, o desenvolvimento da população da provincia, é bem compensado, por isso que é ella de uma origem, quazi em sua totalidade de raças, character e costumes, de sensível supremacia sobre as outras.

Seu tardio desenvolvimento foi-lhe favoravel ao menos emquanto á população.

Os embaraços com os quaes lutára o governo de Portugal para forçar suas colonias occidentaes fez-lhe lançar mão da expatriação judiciaria um pouco cruel talvez, porém em todo caso utilitaria. Este meio só lhe podia dar fructos nocivos; o que não tardou a conhecer. Querendo reparar o erro, tratou de contratar nas illas e outros pontos do reino o lavrador morigerado, ao qual facilitára os meios de transporte doára-lhe uma data de terras, impondo-lhe a unica obrigação de a occupar. Assim foi que desde os primeiros povoadores a provincia do Rio-Grande devia já tudo esperar.

Esses colonos, mais humanos e menos exigentes que os jesuitas e os Espanhóes, souberam captar melhor a confiança dos indigenas, que ainda vagavam pelo territorio a quem do Prata e dos que desertaram ao rigoroso trabalho a que eram sujeitos, os quaes vinham a pouco a pouco amparar-se da protecção do colono e offerecer-se a ajudal-o e servir-o.

Não deixou a provincia de importar escravos africanos; foi porém mais tarde e em menor quantidade que as demais provincias, avantejando-se na população indigena

e européa, esta pelas continuas occupações militares dos Portuguezes e Espanhóes, cuja deserção era em grande escala.

A emigração que mais modernamente tem affluido, quer a contratada, na sua maior parte alleman, quer a espontanea, da qual em primeiro lugar a portugueza e em seguida as demais nacionalidades do sul da Europa, esta immigração digo, não póde deixar de continuar a produzir uma raça intelligente e vigorosa.

Resumo nos seguintes dados estatísticos em tres datas diversas o desenvolvimento, que tem tido a população da provincia; sinto não ter o relatorio do actual presidente para dar um resumo mais completo.

No importante trabalho de Antonio José Gonçalves Chaves, Memorias Economo-politicas, encontra-se o seguinte mappa.

Mappa da população da capitania de São-Pedro, conforme as listas que os parocos das freguezias apresentaram na secretaria do governo, relativamente ao anno de 1814.

Porto-Alegre.....	6.111
Rio-Grande.....	3.590
Rio-Pardo.....	10.445
Santo-Antonio da Patrulha.....	3.103
Viamão.....	2.816
N. S. dos Anjos.....	2.653
N. S. da Conceição do Arroio.....	1.648
N. S. da Oliveira da Vacaria.....	1.101
Bom Jesus do Triunfo.....	3.462
Taquari.....	1.714
Santo-Amaro.....	1.884
N. S. da Conceição da Cachoeira.....	7.651
Mostardas.....	1.150
N. S. da Conceição do Estreito.....	1.708
Cangussú.....	3.818
São-Francisco de Paula de Pelotas.....	2.479
Piratinin.....	3.683
Espirito-Santo do Serito.....	3.659
Provincia de Missões.....	7.941
Total.....	70.656



## OBSERVAÇÕES

N'este mappa não se comprehendem os corpos de linha da guarnição d'esta capitania.

O total acima era assim dividido :

Branços .....	32.300
Livres.....	5.399
Indios.....	8.655
Nascidos no bairro.....	3.691
Captivos.....	20.611
Total.....	70.656

Estatistica da provincia do Rio-Grande do Sul em 1862 extrahida do relatorio do Dr. Esperidião Eloy de Barros Pimentel.

População livre.....	315.306
» escrava.....	77.416
Total.....	392.725

Comarcas	Livres	Escravos	Total
Porto-Alegre.....	77.872	17.924	95.796
Santo-Antonio.....	25.875	5.333	31.208
Rio-Pardo .....	30.385	9.467	39.852
Caçapava.....	15.231	3.285	18.516
Bagé.....	16.316	5.837	22.153
Alegrete.....	20.304	4.560	24.868
São-Borja.....	17.272	2.396	19.668
Piratinin .....	24.846	11.266	36.112
Rio-Grande .....	41.969	11.371	53.340
Cruz-alta.....	39.114	5.976	45.090
	315.306	77.419	392.725

População fluctuante incerta :

Colonos entrados (contratados).....	950
Força do exercito.....	4.000
Indios aldeados.....	949
Força policial.....	188
Doentes no hospital e asilos.....	234

Fazendo a comparação entre a população de 1814 e a que ia dando o recenseamento de 1872 o Jornal e Reforma de Porto-Alegre nota o seguinte:

Porto-Alegre.....	27.759 habitantes.	
Rio-Grande.....	16.883	»
Rio-Pardo.....	11.571	»
Santo-Antonio da Patrulha.....	8.908	»
Viamão.....	8.295	»
Conceição do Arroio.....	6.049	»
Vacaria.....	5.755	»
Triunfo.....	4.186	»
Taquari.....	8.840	»
Santo-Amaro.....	6.925	»
Cachoeira.....	11.899	»
Mostardas.....	2.591	»
Estreito.....	1.155	»
Cangussú.....	7.605	»
Pelotas.....	21.756	»
Piratinin.....	6.893	»
Serrito.....	3.276	»

A extinta provincia de Missões é representada na estatística de 1872 por muito poucas freguezias, porque ainda não figuram nos ultimos mappas as freguezias do Itaquí, Uruguaiana, São-Borja, São-Martinho, São-Francisco de Paula e Palmeira, havendo apenas dados sobre:

Cruz alta.....	8.400 habitantes.	
Passo-fundo.....	8.368	»
Soledade.....	9.177	»
Santo-Angelo.....	8.875	»
São-Francisco de Assis.....	6.422	»
Lagôa-Vermelha.....	4.744	»
São-Luiz.....	3.067	»
	<hr/>	
	49.050	»

Cumprer notat, que a estatística de 1814 só trata de 17 localidades ou freguezias, havendo hoje ao todo 79

freguezias, entre as quaes se contam 10 cidades e 24 vilas cuja população é crescidissima.

Não pôde fixar-se ainda, sem que seja publicada a estatística das freguezias que faltam (Aldêa dos Anjos, Herval, Bagueth, Dolores de Camaquan, Boqueirão, Itaqui, São-Borja, Tahim, Arroio-Grande, São-Leopoldo, Uruguaiana, São-Jeronimo, S. Martinho, Palmeira, Cacimbinhas, Don-Pedrito, Rosario e Estrella) ao computo total da população actual da provincia, mas é de suppôr que exceda a 500.000 almas, tendo pois em 60 annos incompletos augmentando mais de 430.000 almas.

Não tem sido possível ao Sr. consul italiano no Rio-Grande, Gerolamo Vitalloni, conseguir os dados necessarios para dar uma estatística exacta da colonia italiana na provincia do Rio-Grande do Sul, apenas uma estimativa, computada sobre os calculos approximativos enviados a este senhor, como informação, tem dado uma cifra superior a 2.000 individuos. A maior parte d'esses italianos, emigrados dos estados limitrofes em occasião de revoluções, tem ido estabelecendo-se nas povoações que margeam á direita e nas cidades mais importantes, sendo de presumir que virão a ser incentivo para a emigração directa.

### § 9.

Segundo um relatorio da provincia de 1867 o movimento de navegação foi, durante o anno financeiro de 1866 e 1867 :

#### Navegação externa

Movimento da barra —1.206 embarcações sendo 622 entradas—584 sahidas.

D'estas eram :

Nacionais . . . . .	519
Estrangeiras . . . . .	530
Vapores. . . . .	157

Total da lotação 195.022 toneladas e 7.977 tripulantes.

Dos portos do imperio entraram 290 navios, não contando 29 vapores do Rio e Santa-Catharina.

Dos portos estrangeiros 253 navios, avultando os seguintes :

De Buenos-Aires.....	10
» Cadix.....	33
» Cardiff.....	25
» Hamburgo.....	30
» Lisbôa.....	13
» Liverpool.....	23
» Montevideo.....	37
» New-York.....	25

Sahiram para os portos do imperio.....	297	navios
» » » estrangeiro..	209	»

A navegação fluvial consta pelas capitancias de 1.392 embarcações no trafego dos portos e rios, sendo livre a cabotagem tripolada por 1.938 individuos.

Destes são : 469 estrangeiros, 1.469 nacionaes, 724 livres, 745 escravos.

#### Embarcações:

Vapores.....	12
Escunas.....	3
Hiates.....	267
Cuters.....	11
Rebocadores.....	3
Transportes a vapor.....	45
Canôas.....	706
Lanchas.....	268
Catráias.....	7
Escaleres.....	23
Botes.....	72
Pranchas.....	5
Cahiques.....	10
Canôas de pescaria.....	267

Vapores da carreira de Porto-Alegre, 2 de commercio e 2 de guerra, fazendo durante o anno, as primeiras 44 viagens redondas, conduzindo 1.075 passageiros, 426 de ré e 649 de prôa.

Na linha de Jaguarão, Santa-Izabel e Pelotas, 3 vapores, fazendo 198 viagens, conduzindo 6.071 passageiros, 3.357 a ré e 2.714 a prôa.

No Jaculi 3 vapores até Rio-Pardo e Cachoeira, fazendo 90 1/2 viagens redondas, conduzindo 5.700 passageiros.

Para Taquari 2 vapores, 51 viagens e 1.821 passageiros em transitio.

Sobre o Cahy quatro vapores 53 viagens 1.773 passageiros.

Para a Barra do Guahiba, 3 vapores, 744 passageiros.

Para o Rio dos Sinos, 3 vapores, 100 viagens, 5.537 passageiros.

Como vê-se, não se faz menção da navegação dos portos de Italia; é que mesmo era insignificante e só nos annos posteriores é que tomou algum merecimento. Segundo o importante relatorio do Sr. Sião Bergeman, representante consular da Hollanda, a navegação italiana representa o seguinte termo médio durante os annos (financeiros) de 1868, 1869 e 1870.

Um anno por outro: 4 navios, com 801 toneladas, entrados  
 4 » » 914 » sahidos  
 o augmento da tonelagem é ser a brasileira menor que a italiana.

Emquanto que já em 1872 entraram:

13 navios com 2000 toneladas  
 Sahindo 13 » » 2478 »

em 1873, entraram 8 navios, com 1.370 toneladas  
 e sahiram 10 » » 2.231 »

A mesma estatistica representa o numero de 603 navios estrangeiros em 1872, com 155.039 toneladas, e em 1873, 602 navios com 152.481 toneladas.



O movimento de entradas, durante os annos de 1868, 1869 e 1870, foi em termo médio de 501 entradas de navios com 87,397 toneladas.

No mesmo relatorio encontram-se os seguintes dados sobre a importação e exportação dos portos da Italia.

#### Importação :

	Valor official
1867—1868.....	100.000\$000
1868—1869.....	82.996\$000
1869—1870.....	136.000\$000
1870—1871.....	237.672\$000
1871—1872.....	221.080\$000

#### Exportação :

	valor official
1867—1868.....	.....
1868—1869.....	149.556\$000
1869—1870.....	390.589\$000
1870—1871.....	310.836\$000
1871—1872.....	25.590\$000

Esta diminuição no numero dos navios, assim como da importação e exportação é devido a terminação da casa de Angelo Cademartori & C.<sup>a</sup>, a quem se deve parte do impulso que o nosso commercio tomou na provincia do Rio-Grande do Sul, terminação occasionada pelos prejuizos que tiveram com os productos de exportação do paiz, remettidos para a praça de Genova.

Hoje é sómente a casa de Moreira, Frisone & C.<sup>a</sup> a qual recebe alguns navios italianos, e isso por iniciativa de um de seus chefes, de origem italiana.

#### §

Determinação exacta das latitudes e longitudes das cidades e villas de Porto-Alegre, Triunfo, Rio-Pardo, Cachoeira, Santa-Maria, Alegrete e U.uguaiana, pelo bacharel M. P. Reis, em 1875-76.

Reduzidas as longitudes ao Observatorio do Rio-Grande, sendo a O. de Grenwich 2h., 52', 36'', ou 4°, 9' 00'' (40° e 9').

	Nas cartas geog., Observado, Longt.-cartas, e observ.			
Porto-Alegre	30° 2' 5'',	30° 1' 57'',	8° 3' 5'',	8° 0' 37'' 5''
Triunfo	29° 56' 45'',	29° 56' 38'',	8° 32' 25'',	8° 29' 55'' 5''
Rio-Pardo	29° 59' 10'',	29° 59' 20'',	9° 9' 20'',	9° 9' 55'' 5''
Cachoeira	30° 1' 40'',	30° 2' 55'',	9° 48' 15'',	9° 40' 21''
Santa-Maria	29° 40' 25'',	29° 41' 6'',	10° 37' 40'',	10° 33' 52'' 5''
Alegrete	29° 46' 15'',	29° 46' 58'',	12° 44' 25'',	12° 33' 1' 5''
Uruguaiana	29° 45' 0'',	29° 45' 18'',	13° 56' 25'',	12° 50' 36''

#### Minimas distancias em kilometros :

Porto-Alegre ao Triunfo.....	48,30
Triunfo ao Rio-Pardo.....	64,04
Rio-Pardo á Cachoeira.....	49,71
Cachoeira á Santa Maria.....	95,15
Santa Maria á Alegrete.....	191,72
Alegrete á Uruguaiana.....	124,69

Rio Grande 27 de Abril de 1885.

### § 10.

Exm. Sr. Conselheiro Tristão de Alencar Araripe. Recebi a *Revista* correspondente ao anno findo, quando já suppunha, que se tivesse extraviado.

Registrei, dirigido a V. Ex., um pequeno manuscrito com o titulo — *Provincia do Rio Grande do Sul*.

Preciso porém apadrinhar o meu insignificante trabalho, pois carece de estudos mais profundos e de grammatica.

V. Ex., pelos estudos que fez, conhece a bella provincia do Rio-Grande melhor que ninguem ; tive occasião de consultar muitos trabalhos, que me tem sido impossivel conhecer e por isso poderia, si não é liberdade de mais da minha parte, corrigir o meu bosquejo e patrocinal-o para poder ser impresso na *Revista do Instituto*.

Segue-se a essa parte descriptiva um itinerario de viagem, no qual procuro descrever usos, costumes. etc., da

provincia ; creio porém, que esta parte tem pouco interesse traduzida em portuguez.

Venho porém rogar a V. Ex., que, si julgar que não merece a honra de ser impresso na *Revista*, queira fazer-me o obsequio de me devolver o manuscrito, porque então o publicarei em italiano com o seguimento.

Convicto de que V. Ex. não levará a mal a liberdade, que acabo de tomar, me confesso grato á sua benevolencia e me assigno com toda consideração attento, venerador e creado

*H. Schutel Ambauer.*

---

## O NAUFRAGIO DE MARTIUS NO RIO AMAZONAS

---

Corria o anno de 1856.

Occupava então eu lugar no corpo de saude do exercito, e em Abril voltava da capital da provincia do Amazonas, extremamente fatigado por serviços prestados em minha profissão a grande numero de doentes, n'essa epoca tão calamitosa, porque reinava pela primeira vez a epidemia do cholera-morbus no Brazil.

Quando o pequeno vapor *Tabatinga* fundeou em frente á cidade de Santarém, já na provincia do Pará, apressei-me a saltar, e fui logo, já levado por sentimentos religiosos e já por curiosidade, visitar a igreja matriz, classificada por Milliet de Saint-Adolphe no seu *Diccionario historico e geographico do Brazil*, como um dos mais bellos templos d'essa provincia.

Estava essa igreja passando por grandes concertos, e no meio de densa nuvem de pó e de calça, e do barulho das enxós, das serras, dos machados e dos martellos, ali estive por mais de duas horas examinando tudo quanto se podia vêr.

O acaso fez-me encontrar em um canto da sacristia uma riquissima imagem do Senhor Crucificado, de ferro fundido e dourado, com oito palmos de comprimento, embrulhada em panninho verde muito sujo e roto em varios lugares, como que indicando a sua antiguidade.

Depois de algum tempo de surpresa e de dôr ao ver tanta impiedade, ou descuido, examinei a imagem e re-

conheci a belleza da obra, e a intelligencia e a pericia do artista.

Quando perguntei a um pedreiro como ali estava aquella imagem, elle mostrou-me uma lamina de ferro, tambem muito coberta de pó, onde li e copiei em meu album de viagem esta inscripção :

« O cavalleiro Carlos Fred. Phil. de Martius, membro da Academia Real das Sciencias de Munich, fazendo de 1817 a 1820, de ordem de Maximiliano José, rei da Baviera, uma viagem scientifica pelo Brazil, e tendo sido aos 18 de Setembro de 1819 salvo pela misericordia divina do furor das ondas do Amazonas junto á villa de Santarém, mandou, como monumento de sua pia gratidão ao Todo Poderoso, erigir este crucifixo n'esta igreja de Nossa Senhora da Conceição no anno de 1846. »

N'esta lapide se lê ter o nosso sabio consocio, o grande naturalista Martius, mandado erigir essa imagem.

Não tinha sido até então erecta.

Ainda estava encerrada no caixão, que a trouxe até ali, faltando tão sómente a tampa, que foi despregada sem duvida para saber-se o conteúdo.

Parece-me, que as piedosas intenções de Martius não foram cumpridas, sendo hoje impossivel o saber-se si por descuido do seu correspondente, ou si por motivos superiores aos seus desejos.

Felizmente ali estava uma imagem de ferro fundido, em ponto grande, um soberbo monumento, « que tem voz, que fala do passado », uma estatua, que attesta um facto historico, não contado pelos biographos de Martius em diversos tempos e varias linguas, que pude consultar.

Entretinha eu então estreitas relações de amizade com o Dr. Alexandre Magno de Castilho, que em Lisboa publicava com muita acceitação, annualmente, um livrinho com o nome de *Almanack de lembranças*.

Communiquei-lhe este facto e publicou elle um artigo, que escrevi, o qual foi depois reproduzido, quando dei á luz em 1862 o 1º vol. do *Almanack historico de lembranças* brasileiras.



Apenas chegado ao Pará o livrinho de Castilho, este facto, tão simples, foi encarado pela politica de maneira inesperada.

A imprensa adversaria ao reverendo vigario o reproduzio, e profligou muito este sacerdote por ter em sua igreja como que atirada ao desprezo tal imagem !

Depois de uma discussão longa e irritante os espiritos calmos se convenceram, que si o monumento não estava erguido em lugar proprio, a culpa não era do vigario, e sim da falta de meios, que sempre acabrunha esses sacerdotes especialmente nos sertões.

Pouco tempo depois a assembléa provincial decretou quantia bastante para se construir um calvario, e erguer-se a cruz, onde se collocou o piedoso voto do nosso consocio, que considero como um dos melhores monumentos, que n'este genero possui o Brazil.

Ficámos assim sabendo, que o nosso venerando consocio quasi encontra por tumulo as aguas soberbas do magestoso Amazonas; que este sabio Allemão (\*), que em pouco menos de tres annos de afadigosas viagens, e atrevidas excursões por São-Paulo, Minas e Bahia, Pernambuco, Piauhy e Amazonas percorreu cerca de 1.400 milhas no sul do Brazil, que subio magestosas e immensas serras, e que no norte admirou os maiores rios do mundo, que recolheu varias e preciosas collecções, que estudou o homem civilisado e homem selvagem, o cidadão e o indio; que apreciou os prodigios da nossa riqueza mineral; que comprehendeu a assombrosa torrente de passaros, de thesouros, e de privilegios naturaes, tinha espirito forte, animo mais forte, e vontade fortissima mais só para todas as fadigas do corpo e da alma, não se envergonhando porém (como agora é moda) de confessar o immenso poder da Divina Providencia, de ajoelhar-se perante ella, de agradecer-lhe os seus beneficios e de attestar até as gerações vindouras as suas crenças religiosas.

---

(\*) Por aqui andam abraçados pensamentos, idéas e palavras minhas com escriptos do nosso nunca assás chorado consocio Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

Tudo quanto se disser ou escrever a respeito de Martius nos interessa, porque a sua vinda para o Brazil liga-se a outro facto historico, pois foi em 1816, por occasião do venturoso casamento da archiduqueza a Sra. D. Leopoldina d'Austria com o principe real o Sr. D. Pedro, depois primeiro imperador do Brazil, que os governos d'Austria e da Baviera, como que para assignalar pelo lado scientifico tão auspicioso enlace, resolveram mandar a esta parte da America, que em breve tornaria imperio independente e livre, dous naturalistas bavaros, Spix como zoologista e Martius como botanico, e assim estudou elle as plantas do nosso paiz, e escreveu a sua *Flora Brasileira*, que na Europa teve por protectores Fernando I d'Austria e o rei Luiz I da Baviera, e no Novo Mundo S. M. o Sr. D. Pedro II, o protector incansavel de todas as empresas uteis, a quem o Brazil tudo e nós especialmente muitissimo devemos, porque este Instituto tem sempre sido amparado pela sua generosa protecção, sempre illuminado pelo seu esplendido talento, guiado pelos seus sabios conselhos, e aquecido pela sua valiosa estima e notavel consideração.

Finalmente tudo quanto soubermos ou escrevermos a respeito de Martius muito nos deve interessar, pois foi elle mais do que Humboldt, foi o Colombo do Brazil; pelo berço, Allemão, pelo sangue, Italiano; Martius é nosso pela cabeça, é nosso pelo coração; Martius é Brasileiro pela sciencia e pelo amor; joven, ardente, sensivel, sagaz e consciencioso observador, amou o Brazil tanto, que até á sua morte sempre se recordou da nossa patria, sempre servio á nossa terra durante 50 annos de suas relações, e para elle o titulo de Brasileiro era sempre chave segura, que lhe abria o coração.

Já que muitas plantas e animaes descriptos scientificamente pela primeira vez receberam, em varias partes do mundo como classificação, o seu venerando nome, já que na Nova-Islandia uma montanha vaidosa ousou chamar-se Monte-Martius; já que por occasião da sua festa jubilaria em 30 de Março de 1864 foi, em sua honra cunhada uma medalha com a inscripção : « *Palmarum patri dant lustra decem tibi palman. In palmis*

*resurges* » já que, infelizmente não podemos gravar o seu nome em monumentos de bronze, que desafiem o poder do que somos Brasileiros, nós que somos modestos, porém do tempo, nós sinceros cultores da historia patria, nós que nos gloriamos com a saudosa recordação de que foi nosso consocio, curvemos-nos, e ajoelhemos-nos no sanctuario da nossa alma, e entre preces á Divina Providencia gravemos nas paginas da nossa *Revista* este facto de sua vida, tão trabalhosa, para rendermos graças á Divina Providencia pela conservação de existencia tão util, tão necessaria, e quasi indispensavel, e por esta fórma damos á saudosa memoria do nosso falecido consocio mais uma prova do quanto o estimavamos, e ainda uma vez pagamos

Ao genio um tributo merecido,  
Que a gratidão nos inspira :  
Fraco tributo, mas nascido d'alma.

(Dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães).  
Rio de Janeiro 31 de Agosto de 1887.

*Dr. Cesar Augusto Marques.*

---



# IDÉAS DE JOSÉ BONIFACIO

SOBRE A

## ORGANIZAÇÃO POLITICA DO BRAZIL

Quer como reino unido a Portugal, quer como  
estado independente

---

### Constituição para o...

1. Os poderes politicos do estado do... estão divididos : 1.º pela assembléa geral dos deputados ; 2.º pelo senado ; 3.º pelo syndicado ; 4.º pelo archontado e 3 consules com os secretarios de estado.

2. Os deputados serão eleitos dos cidadãos activos do estado em numero proporcional aos dos cidadãos em geral, 1 por 20 mil, terão soldo da caixa dos dizimos e decimas dos bens urbanos, sua idade de 25 annos para cima, 4 annos em função, 3 mezes cada sessão, por via de regra, inviolaveis.

3. Os senadores são em numero da metade dos deputados, escolhidos pelos cidadãos a 1.<sup>a</sup> vez vitalicios, 40 annos de idade ; nas vacaturas propostos pela assembléa geral em listas triplices, das quaes escolherá um o

---

(\*) As peças juntas copiei no anno de 1844 em São-Paulo de papeis avulsos pertencentes ao espolio do finado José Bonifacio ; eram escriptas por letra do proprio punho do mesmo finado.

Li perante o Instituto em uma das sessões de 1884.



sindicado. Terão de soldo um terço mais que os deputados, e este sahirá da mesma caixa. São o alto jurado.

4. O sindicato ou conselho publico será composto de 20 membros nomeados pelo senado em listas triplices, e escolhidos d'estas pelo governo supremo, ou archontado; terão por soldo a contribuição por cabeça de cada pae de familia de duas onças de prata. D'elle sahirão os presidentes para o senado, e para a assembléa geral, por todo o tempo da legislatura, conservando porém os seus cargos, e encargos de syndicados, inviolaveis; 60 annos de idade, para não estarem muito tempo no logar.

5. O archontado composto do archonte rei, vitalicio, e 4 consules por 4 annos. O archonte será pela 1.<sup>a</sup> vez escolhido pelos collegios eleitoraes de todo o estado, apurados os votos pela camara da capital; e depois vagando, proposto em lista triplice pelo senado, e escolhido pelo sindicato. Os consules serão propostos pela assembléa geral em lista triplice, e escolhidos pelo senado. Dividirão os negocios publicos da guerra, marinha e negocios estrangeiros a um, os da justiça e ecclesiastico ao outro, os do interior e fazenda a outro, e ao 4.<sup>o</sup> a policia; porém decidirão tudo em conselho. Ao archontado pertence nomear os secretarios d'estado, e todos os mais empregados publicos.

A melhor constituição é aquella que conserva os homems em paz e amizade, e defende, e garante os direitos politicos e civis; pelo contrario aquella que faz temer continuos tumultos ou que não pôde fazer respeitar as leis é pessima. Pretender que um soberano absoluto não seja invejoso e despotico, quando diariamente tem motivos constantes para o ser, é querer milagres da natureza humana. Cumpre saber, que viver em paz não é viver em captiveiro, em ignorancia, e em vicios; porque então esta paz seria miseria humana.

A monarchia absoluta é na realidade uma aristocracia encoberta, e por isso tem todos os males do despotismo e da aristocracia.

6. Não haverá tropas de linha; mas milicias bem organizadas para guerra, e guardas civicas para a policia das cidades e villas.

7. Toda a nação será dividida em tribus com seus nomes e insignias, com seus registros, onde se mencione a idade e bens. Cada tribu fará um distrito eleitoral. Os criminosos, loucos, os que vivem de soldada, e mendigos não podem ser eleitores. Cada tribu pelo menos será de 20 mil cidadãos capazes de votar, e não passará de 45.

A constituição não reconhece nobreza privilegiada e legal.

O syndicado poderá ser consultado pelo archontado em negocios de estado; mas o seu voto é só consultivo. Ao syndicado pertence a nomeação dos magistrados.

8. Todos os que não servirem os cargos, para que forem nomeados, pagarão uma multa, excepto si estiverem legitimamente impedidos por molestia, e incapacidade moral; o que justificarão uns perante a assembléa, outros perante o senado, outros perante o syndicado, e outros perante o archontado.

9. A assembléa geral se reunirá 2 vezes por anno, uma em Abril até Maio, outra em Setembro até Outubro. Nos intervallos deve ficar sempre em actividade uma comissão permanente de 11 deputados, para vigiarem pelo bem do estado, disporem as materias, pedirem documentos, que hão de servir na sessão, e representarem ao archontado e syndicado.

10. Ao archontado e syndicado pertence convocar sessão extraordinaria da assembléa. Haverá um syndicado menor de 7-5 membros em cada distrito eleitoral para vigiar sobre o presidente, camaras e magistrados, e representar ao archontado, ou acusal-os perante o supremo syndicado, o qual decidirá, si a accusação deve ser levada ao senado, para ser julgada em alto jurado.

Haverá julgados geraes em cada distrito eleitoral, composto de 3 desembargadores, dos geraes se agravará para as relações de 3.<sup>a</sup> instancia, e d'estas para o tribunal supremo de justiça da capital.

11. Quando se vota na assembléa, ou no senado é sempre por escrutinio secreto, principalmente nas nomeações, por bolas brancas e pretas.

12. Os juizes serão pagos pelas multas pecuniarias,

pelas caixas de emolumentos, e pela 3.<sup>a</sup> dos conselhos, e patentes concedidas, etc.

### *Outras notas*

Todo o cidadão que ousar propor o restabelecimento da escravidão e da nobreza será immediatamente deportado.

Quatro ministros. 1.<sup>o</sup> Paz, guerra, marinha e relações exteriores; 2.<sup>o</sup> Justiça, interior, negocios religiosos; 3.<sup>o</sup> Finanças e minas; 4.<sup>o</sup> Policia.

Os ministros propõem as reformas e novas leis ao archontado, o qual ouve o syndicado, e depois vão as propostas ás camaras legislativas.

O territorio será dividido em provincias, distritos eleitoraes, cidades e villas. Cada provincia terá um presidente, cada distrito eleitoral um intendente e cada cidade ou villa, um syndico ou maioral, os quaes têm a seu cuidado a arrecadação dos impostos, e os pagamentos das folhas.

Do syndicado sahirão para inspeccionar as provincias em vizitas annuaes adelantados.

Serão juizes de paz os maioraes; estes enviarão os prezos em 6 dias para a relação da provincia, composta de 5 ou 3 membros, que serão julgados em 15 dias; destas se appellará para o conselho supremo de justiça da capital, que decidirá em um mez.

A força militar será governada em cada provincia por um general, um commandante de artilheria, e generaes inferiores necessarios.

Haverá companhias de lanceiros a pé, e a cavallo.

Todo o cidadão de 25 até 40 annes é soldado nato.

A policia terá guardas publicas, e agentes secretos.

Haverá um vestido ou uniforme nacional para todos cidadãos, segundo os diversos empregos e classes.

Para o povo, chapéo de palha, jaqueta, e pantalão de algodão, e gibão para o frio. Mulheres, coitá de algodão, e capotinho para o inverno.

Alprecatas e botinas.

De cada capital de provincia se abrirão estradas para as outras das provincias circumvizinhas; e outras de cada cabeça de distrito para as outras.

Se cuidará logo em fazer os codigos civil, criminal, de commercio e militar.

---

Copiado do proprio original ms. de José Bonifácio.  
Paulicea 23 de Setembro de 1844.

---

### PARA OS DEPUTADOS

1.º Que se determine constitucionalmente a categoria de reino do Brazil.—O que lhe compete como reino a parte, e o que como reino unido.

2.º Que se constituam as leis organicas, pelas quaes deve existir como reino do Brazil.

3.º Determinar o que deve entrar no tesouro nacional do Brazil, e no de Portugal.

4.º Determinar o que deve sair dos tesouros provinciaes do Brazil para o geral do reino do Brazil, e o que deve ficar para o custeio das despezas de cada provincia.

5.º Si estas quotas serão em certos tributos separados, como fazem os Estados-Unidos, ou em dinheiro da massa geral.

6.º Requerer, que se crie a universidade em São Paulo, como já estava decretado por el-rei, antes de sair, a qual pôde sustentar-se com a nova contribuição litteraria, e subsidio litterario, e pagas de matriculas dobradas e donativos voluntarios, etc., das provincias.

7.º Crear uma cidade central no interior do Brazil para assento da regencia, que poderá ser em 15º de latitude, em sitio sadio, ameno, fertil, e junto a algum rio navegavel.

8.º Abrir d'esta caminhos de terra para as diversas provincias e portos de mar.

Que os reis alternativamente residam no Brazil e em Portugal, ficando regente os príncipes herdeiros n'um ou n'outro paiz alternativamente, e as côrtes se celebrem alternativamente em ambos os paizes, onde residir o rei.

Talvez seja util fazer côrtes particulares em cada reino, e outras geraes para a União.

Além das côrtes um conselho dos censores, que vigiem sobre os tres poderes, executivo, legislativo, e judicial e sejam accusadores de qualquer acto inconstitucional perante o grão—jurado—nacional. Todos estes corpos serão eleitos pela nação.

Camaras pelos compromissarios de freguezia, presididas pelos juizes.

Os eleitores de freguezias, depois da eleição de camara, elegerão o conselho de comarca, que será presidido pelo corregedor, e os eleitores de comarca, depois de eleitos os deputados elegerão a junta — provincial, que será presidida pelo corregedor-mór, ou chefe politico. As camaras ou municipalidades terão a seu cargo o governo municipal e arrecadação dos impostos. Ao conselho de comarca pertencerá conhecer o procedimento das camaras; e a junta do governo da provincia a vigiar sobre ambos, arrecadação e contabilidade dos dinheiros publicos, o seu uso e governo economico.

---

Que para o numero dos deputados não seja excluido no censo o numero dos escravos, pois são homens, e objectos de protecção constitucional, e objecto de nova legislação: de mais a constituição espanhola não exclue os escravos oriundos de mãe das provincias espanholas.

1.º Que nenhum padre, depois de ordenado, possa ter beneficio, ou cura d'almas sem primeiro ter ensinado por 2 annos á mocidade as primeiras letras, ou a lingua latina, segundo seus talentos.

2.º Que as crianças do sexo masculino aprendam até a idade de 7 annos com as mestras de meninas.

3.º Que aos professores de primeiras letras se pague



um ordenado fixo pequeno, e de mais uma gratificação por cada discípulo completo, que ensinarem.

---

A bondade de qualquer constituição é, que esta seja a melhor, que a nação possa e queira receber.

Que constituição mais livre do que a franceza do anno 3 (1795), e comtudo acabou logo, porque o geral da nação a não quiz receber.

Assim as melhores instituições absolutamente não são as melhores relativamente. Tudo é filho do tempo e das luzes. Os homens são entes sensíveis, e das circumstancias, e não entes de razão ou idéas de Platão.

E' perigoso deixar nas mesmas mãos o poder extraordinario de constituir com o direito ordinario de legislar, segundo bases estabelecidas; porém cumpre convocar uma convenção nacional *ad hoc*, que obre debaixo do escudo e protecção da legislatura.

As côrtes extraordinarias não devem na constituição declarar seus deputados inelegiveis para a legislatura, para que haja quem vigie e conserve a sua obra.

Organização do conselho d'estado, composto de membros nomeados pelos eleitores, 1 pelo menos por cada provincia, que sirvam por certo tempo, e se renovem por quartos cada 2 annos, tirados á sorte.

Côrtes formadas de deputados, que se renovem por quartos, cada 2 annos, tirados á sorte: a metade dos do novo emisferio, e a outra do velho.

Pois que a constituição tem um corpo para querer, ou legislar, e outro para obrar, e executar as leis, ou vontade do primeiro, é preciso, que haja um terceiro corpo, que deve decidir as questões ou disputas mutuas dos primeiros por um modo pacífico e legal. Este será o corpo conservador.

---

Copiado do original de letra de José Bonifacio.

Paulicéa 15 de Abril de 1844.



## ITAQUI

ITAQUI (S. Patricio de), Está situada esta cidade, da provincia do Rio-Grande do Sul, na barranca da margem esquerda do Alto-Uruguay, e é fronteira á povoação argentina de Alvear, bombardeada (em 1874) pela esquadrilha ahi estacionada e então sob o commando do capitão-tenente Estanislão Prozowodoski.

Este bombardeio fôra motivado apenas pela recusa da entrega dos italianos Benatti e Logato, por parte das autoridades d'Alvear, que impunemente deixaram ambos espancar o finado 1.º cirurgião da nossa armada, Dr. Pamphilo de Carvalho, quando ahi chegava a visitar alguns dos seus doentes.

Dista esta cidade 20 leguas do Alegrete, 18 de São-Borja e 16 da Uruguaiana. Sua população regula ser de 3.000 almas. Seu municipio com 16.000 almas, no geral de campos superiores, que, em ambas as fronteiras (oriental e argentina), são muito pouco accidentados, dedica-se quasi só á criação e invernada de gado vacum, que faz sua riqueza com a annual exportação para as xarqueadas de Pelotas. Um posto de guarda, em o anno 25 d'este seculo, fôra a causa primordial do estabelecimento da cidade, cujo futuro só depende hoje da (já começada) construcção do ferro-carril de Quarahim á Itaquí.

Actualmente regula valer uma legua quadrada de campo, n'este municipio, de 30 até 50 contos de réis. O gado de cria vale de 10\$ a 12\$ por cabeça, o de côrte vale do 20\$ a 24\$; e o invernado vale de 32\$ a 36\$000.

Já bem degenerada está a cria de cavallos, tanto n'este municipio como em toda esta provincia.

Como maiores aspirações dos habitantes da cidade contam-se :

Iluminação publica, uma bôa cadeia (visto ser pessima a actual), e o alfandegamento de sua meza de rendas geraes. As communicações fluviaes com as republicas do Prata são dahi muito mais faceis e rapidas que as terrestres com a maioria dos pontos da provincia, inclusive a capital !

Os seus estabelecimentos publicos são os seguintes : um arsenal de marinha, com 2 fortes, um bom estaleiro, uma mortona, casa da polvora, officinas, secretaria, sala de armas e luxuosa enfermaria, igreja (feita á custa do povo e ainda por concluir), grande caza da camara, e theatre—Prozowodowski.

Entre os particulares conta-se : 1 literaria, 1 bibliotheca, 1 libertadora, 1 bailante, 4 sociedades carnavalescas, 2 lojas maçonicas, uma imprensa (a do jornal *Itaqui*, que sae nas quartas e sabados), 1 collegio de meninos e mezinhas, varias escolas publicas e particulares, 2 hoteis, 2 fabricas de cerveja, 2 olarias e 1 cortume.

Conta tambem uma estação telegrafica e 2 agencias de vapores nacionaes e estrangeiros, que chegam sempre n'este porto em todas as quartas-feiras, excepção feita do vapor *Estella*, que só faz 3 viagens em cada mez.

Tanto a meza de rendas geraes como a de rendas provinciaes, funccionam em cazas alugadas.

Os vapores mercantes, que navegam para este porto, são : *Mensageiro*, *Estella* e *Universal* (estrangeiros) ; *Federación*, *Uruguay* e *Mosquito* (nacionaes). A esquadilha nacional, estacionada nas aguas d'esta cidade, consta dos seguintes vasos de guerra : canhoneiras : *Greenalgh*, (navio chefe), *Tramandahi* e *Vidal de Negreiros* ; monitores : *Rio-Grande* e *Alagôas* (laureado na passagem de Humaitá), yacht *Europa*, escuna *America*, e lanxas a vapor : *Jejuhi*, *Trajano* e *Alegrete*.

O commercio surte-se directamente da praça de Montevideo e as mercadorias transitam em vapores até Concordia (provincia de Entre-Rios); dahi tomam o ferrocarril até Caceros, onde de novo embarcam no

pequenos vapores do Alto-Uruguay e chegam a Itaquí, depois de transitarem pela alfandega de Uruguaiana.

Este movimento commercial, só para esta praça, é calculado em mais de dois mil contos annualmente.

Pergunto agora: quanto calcular se deve para o movimento da futuroza Uruguaiana, por cuja alfandega transita a maior parte do commercio da provincia, até mesmo do de Porto-Alegre? Para quem reside, como nós, par estas alturas, os dados existentes, no mundo official, são o corpo de delito mais compromettedor que colher se pôde contra aquelles *zeladores* do fisco e interesses nacionaes.

Só com as grandes enchentes é que os grandes vapores da linha de Montevideo conseguem transpôr o Salto-Grande e vir directamente a este porto.

A guarnição da cidade é feita por uma secção policial e um destacamento de 20 praças de linha fornecido pelo commando da fronteira de Uruguaiana.

A um nosso collega de Instituto, cujo nome não precisa ser citado, e que me parecia dever ter um interesse scientifico, bem immediato, já tive occasião de communicar, que esta região denominada Missioneira era a mais rica (de todo o nosso vasto imperio) para os estudos e investigações sobre a anthropologia, historia do dominio jesuitico e descoberta mesmo dos thesouros por elles deixados (em sua fuga) nos subterraneos existentes (e meus conhecidos), que fôrão entulhados pelos mesmos e que, com um pouco de despendio, poderiam trazer um grande proveito, pelo menos, ao conhecimento exacto d'esta fase, aliás muito importante, da historia do Brazil.

Enfim, já que tenho a honra de apresentar ao Instituto esta ligeira noticia sobre o ponto missionario, em que residio ha 14 annos, cumpro um grato dever garantindo á Sua Magestade e meus Exms. collegas, que muito ainda pôde-se colher dos estudos e investigações, que o governo resolva-se a mandar fazer n'esta rica região.

Itaquí 15 de Dezembro de 1883.

*Luiz de França Almeida e Sá.*





## Genealogia Paulista

---

Campinas 28 de Abril de 1887.

Illm. e Exm. Sr.

Junto V. Ex. encontrará a cópia, que, ha mais de 30 annos, mandei fazer em Itú, de um manuscripto que trazia data de 1613, que foi redigido por um desconhecido genealogo com o fim de guardar noticias de alguns dos primeiros cruzamentos dos Europeus com mulheres indigenas.

Não enviei logo esta cópia ao Instituto, porque, ficando por este papel demonstrado que algumas familias, hoje mui importantes, não quereriam saber, que entre as suas avós tinham de contar uma *Tapuia resgatada*, pois todos querem descender só de filhos de caciques. Entretanto o documento é tão interessante, e minha idade tão avançada (caminho para 69), que sinto seria pena eu morrer e o documento se perder.

Não me lembro quem me proporcionou vista do original, mas de sua autenticidade e antiguidade nenhuma duvida pôde haver; devido a estragos de idade do papel, alguns nomes de individuos e de aldeas estavam indecifráveis; as faltas no assento do casamento de João Ramalho posso supprir: appellando para tradições, e mesmo por algum papel que já vi, o nome da mulher de João Ramalho em pagão era *Muyey*; baptisando-se tomou o nome de Izabel e appellido de *Dias* por amizade a seu cunhado *Pedro Dias*. O sogro de João Ramalho todos sabem, que foi o Teberegá, e o assento (melhor conservado) de Pedro Dias mostra, que a aldêa, de que era cacique, se chamava *Inhapuambuca*.

Pedro Dias foi leigo da companhia de Jesus, e não podia casar, mas foi tal a simpatia, que o gentio lhe votava, e tal a insistencia do Tebereçá de tel-o por genro, que elle, obtida a precisa dispensa de voto, casou-se com a princeza Teberebé, que foi baptisada Maria, e tomou o appellido de Gran pelo respeito que votava ao padre da companhia Luiz de Gran.

Uma cousa me parece clara, e é que os antigos nobres povoadores de São-Paulo não distinguiram entre o sangue das princezas filhas dos principaes das aldêas, e aquelle da Tapuia resgatada e anonima; pois vimos o Pedro Dias depois da morte da Maria de Gran, casar-se com Antonia Gomes, descendente da Tapuia, e vê-se tambem, que os descendentes em geral das trez primeiras filhas de Pedro Affonso casam-se sem difficuldades com alguns dos progenitores da actual nobresa paulista. O que resulta do exame do documento é, que a nobre familia de Camargo (que descende da princeza Mbycy não recebeu uma gota do sangue da Tapuia anonima.

Curioso é o casamento com *escravo* da 4.<sup>a</sup> filha de Pedro Affonso. O escravo era por força *indigena*, e talvez escravo por ser preso em guerra qualificada de justa. Podia ser até parente proximo da mãe Tapuia.

Peço á V. Ex., que em meu nome apresente o manuscripto, que achará junto, ao Instituto historico.

Sou com a maior consideração de V. Excellencia indigno consocio e menor criado

*Dr. Ricardo Gunbleton Daunt.*

## EXPLICAÇÃO DA GERAÇÃO DE PEDRO AFFONSO

**Da povoação de Santo André, donde povoaram a de São-Paulo, que primeiro tiveram os homens que vieram povoar, os quaes se casaram nas aldêas com as filhas dos principaes.**

Domingos Luiz Grou, Pedro Affonso, Gaspar Affonso, Braz Gonsalves, João Ramalho, que era o capitão entre os mais, e Pedro Dias.

1.º Domingos Luiz Grou casou com a filha do principal da aldêa de Carapucuiba por nome Fulana Guaçú.

2.º João Ramalho casou em.... com a filha do principal.

3.º Pedro Dias casou com a filha do principal de Inhapuambucú por nome Tevereça.

4.º Braz Gonsalves casou com uma filha do principal em Virapueira.

5.º Pedro Affonso resgatou uma Tapuia da nação..., a qual levou para São-Vicente, onde filiou as quatro filhas, que abaixo se declararam em seus capitulos.

Teve Pedro Affonso quatro filhas da Tapuia, que resgatou da nação...., a saber: a primeira filha, chamada Magdalena Affonso, a qual casou com Gaspar Affonso, de cujo houve duas filhas Maria Affonso e Barbara Gaga.

Maria Affonso casou com Alonso Peres, Barbara Gaga com Fernão Paes, irmão de João Paes.

Teve a dita Barbara Gaga de Fernão Paes os filhos Pedro Paes, Margarida Gaga, Magdalena Affonso e Maria Paes.

Margarida Gaga casou com Fernão Munhos, Magdalena Affonso com Domingos Nunes, Maria Paes com Christovão Pereira. Viuvando Magdalena Affonso de Domingos Nunes, casou-se com Affonso Dias, de cujo teve tres filhos Pascoal Dias, Magdalena Affonso e Isabel Dias.

Magdalena Affonso casou com Antonio da Costa, Isabel Dias com Baltazar Nunes; viuvando d'elle casou-se com Diogo (ou cousa que o valha) de Fontes do Parahiba.

Segunda filha de Pedro Affonso, Maria Affonso casou com Pedro Alves Fernandes, de cujo houve quatro filhos, Simeão Alves, Pedro Alves, Marcos Fernandes e Francisco Alves.

Simeão Alves casou com Maria Luiz, filha de Domingos Luiz Grou; Pedro Alves com Anna Farel, filha de Francisco Farel; Francisca Alves com Antonio de Touro, e viuvando d'este casou com Henrique Barué, de nação ingleza, pai de João Barué, e viuvando d'elle se casou com Simão Jorge, de quem teve cinco filhos, Agostinha Rodrigues, Violante Jorge, Francisca Alves, Simão Jorge e Domingos Jorge.

Agostinha Rodrigues casou com Diogo Coutinho de Mello, Violante Jorge com Estácio Ferreira, que houveram dous filhos e uma filha, a qual é mulher de João de...

Francisca Alves casou com Simão Machado, Simão Jorge com uma filha de Aleixo Jorge, e Domingos Jorge com uma filha de Salvador Pires, donde descenderam Antonio Pires Monteiro, Bento Pires, João Pires Monteiro e Antonio Pedroso.

A 2.<sup>a</sup> filha de Maria Affonso casou com Sebastião Fernandes Camaxo e tiveram 3 filhos, Sebastião Fernandes Camaxo, o moço, Manoel Fernandes e Izabel Fernandes.

Sebastião Fernandes Camaxo, o moço, casou com uma filha de Antonio Bicudo, Izabel Fernandes com Gaspar Cassão, ou cousa que o valha.

A 3.<sup>a</sup> filha de Pedro Affonso, Izabel Affonso casou com um fulano Gomes de tal, que tiveram uma filha por nome Antonia Gomes, a qual secas ou com Pedro Dias, viuva de Maria de Gran, de cuja Maria de Gran teve Pedro Dias 3 filhos, Clara Parente, Felipa Dias e João Dias Arengo.

Clara Parente casou com Gonçalo Madeira, Felipa Dias com F. Alvares, João Dias Arengo com a mãe de André Botelho, que tem uma filha chamada Margarida Parente, mulher de João Peres, sogra de Manoel Rodrigues d'Arzão.

Tornando a Antonia Gomes, teve Pedro Dias, d'ella, 3 filhas, Francisca Dias Velho, a mulher de Sebastião Gil, a mulher de Andre Maciel.

Viuvando Antonia Gomes de Pedro Dias, tornou a casar com Gaspar Nunes, de cujo teve 3 filhas, a mulher de, Paulo de tal, sogra de Diogo Ferreira; a mulher de Francisco da Costa, a mulher de Geraldo da Silva.

Casou Francisco Dias Velho com uma filha de Elena Gonçalves, de quem teve 8 filhos, Pedro Dias, Francisco Dias, Manoel Dias, Ignacio Dias, João Dias, Elena Dias, mulher de Francisco de Siqueira, a mulher de Pedro Jacome, a mulher de Manoel Vieira.

A 4.<sup>a</sup> filha de Pedro Affonso casou com um escravo, e tiveram filhos e filhas.



## SERTANEJO

No dia 8 de Maio de 1874, na villa de Jatuhi, Paraná, segundo escrevem dali, faleceu o cidadão Joaquim Francisco Lopes, na idade de 78 annos. Era casado em terceiras nupcias, deixando viuva e seis filhos de menor idade, sendo a mais moça de dous annos. A sua prole eleva-se a 22 filhos.

Joaquim Francisco Lopes foi o sertanejo, que no tempo do finado barão de Antonina abriu, acompanhado do engenheiro João Henrique Elliot, este sertão, e fez a exploração de todo este terreno até Mato-Grosso. Prestou, durante a vida, relevantes serviços á patria.

Vivia ultimamente entregue aos seus minguados recursos e esquecido de todos, morrendo em extrema pobreza. Nasceu a 7 de Setembro de 1805.

Era filho de Piumhi em Minas-Geraes.

7 de Janeiro de 1884.

---

### **Assento de obito de José Bonifacio na igreja do Carmo da côrte.**

Rio de Janeiro 6 de Abril de 1838. — Faleceu o Exm. conselheiro José Bonifacio de Andrade e Silva, o qual veio amortalhado no habito de cavalleiro da ordem de Christo, sendo embalsamado, e vindo da outra banda de São-Domingos em um caixão forrado de xumbo, na galeota de S. M. I. até a rampa, no dia 8 do corrente; e dahi levado, com grande acompanhamento de pessoas particulares e mais grandes do imperio, com toxas para a nossa capella, e posto em cima da urna, estando esta bem guarneçada de luzes, e toda a capella ornada de preto

ricamente, á custa do Irmão procurador actual Joaquim Fausto de Souza, onde foi primeiramente encommendado pelo Illm. cabido com assistencia de toda a côrte e depois segunda vez recommendado pelo Reverendo commissario e vinte Reverendos sacerdotes, com seu *Liberame* de grande musica; reconduzido pela sociedade de medicina solemnemente com os ditos Reverendos Srs. para a nossa casa *de profundis*, onde ficou depositado, ficando á mostra a todo o povo; e no dia 25 do dito foi conduzido seu caixão á noite particularmente pelos seus amigos em companhia do Illm. e Revdm. vigario capitular até a rampa para ser levado para São-Paulo, como tinha determinado, dizem, em seu testamento: do que para constar fiz este assento. O vigario do culto divino, o Irmão *Ricardo José Domingues Ferreira*.

---

# NEGOCIOS ECCLESIASTICOS NO BRAZIL COLONIAL

---

## CAPITULO I

*Queixa do deão contra o bispo do Rio de Janeiro*

Illm. e Exm. Senhor.

### § 1

Procurei averiguar toda a materia da queixa, que o deão da sé d'esta cidade Pedro José Augusto fez subir á real presença contra o bispo d'esta diocese, com todo o segredo e cautela que Vossa Excellencia me recommenda ; e posto que factos tão particulares, como os que n'ella se comprehendem, sejam tão faceis de compor, como difficultosos de averiguar, achei, que a dita queixa fôra feita pelo referido deão com conhecida calunnia, e de proposito para malquistar e denegrir o credito do mesmo prelado, em vingança de o haver justamente castigado pelas repetidas e escandalosas faltas de respeito e obediencia, que com elle praticou, principalmente em toda a semana santa do anno proximo passado, como passo a expôr a Vossa Excellencia.

### § 2

Refere o dito deão, que, tendo mandado o bispo que se dessem em domingo de ramos palmas nuas, como aos pretos e plebe do paiz, as quaes são de comprimento de duas e tres varas, succedêra, que, achando-se na sé o dezembargador José Feijó de Mello em similhante dia do anno de 1781,

lhe déra o bispo de proposito uma palma de tão avultado comprimento, que causára, além de riso, grave escandalo pela pequenez do dito desembargador, o qual, conhecendo a desfeita, a quebrára no mesmo solio; e que para se evitarem similhantes indecencias, determinára o cabido no anno proximo passado, que se dessem sómente as pontas das palmas ornadas com duas flores naturaes, cuja resolução fôra impugnada pelo prelado pelas palavras — que não queria.

### § 3

D'este artigo o que só foi certo é, que, tendo ajustado o bispo com o cabido, desde que chegou a esta cidade, que se dessem as palmas como se colhiam, para se evitar a não pequena despeza, que antecedentemente se fazia com os ramos de flôres compostas, economia esta, que necessitava ter o cabido assim n'esta, como em outras despesas, para melhor satisfazer o empenho, em que se achava com alguns dos seus fabriqueiros, e fazer algumas cousas que eram indispensaveis para o serviço da mesma cathedral; comtudo o deão e seus parciaes, o mestre-escola José Coelho Peres de França e o conego José de Sousa Pizarro procuraram n'aquelle anno alterar o dito costume, solicitando em cabido que se mandassem dar as pontas das palmas ornadas com algumas flôres, ainda que fôsem naturaes; o que, sendo participado ao bispo pelo actual fabriqueiro, não encontrou a sua approvação, talvez porque considerasse, que por este modo se viria a cahir insensivelmente no mesmo inconveniente d'aquella despeza, que com o cabido tinha procurado evitar, ou que o deão e seus parciaes procuravam aquella innovação para alterar e desfazer de proposito aquella seu arbitrio, que já se tinha approvado, e estava seguido pelo cabido, ha tantos annos, sem alguma duvida.

### § 4

E' porém falso, que de proposito desse o mesmo bispo ao desembargador José Feijó uma palma de tão

avultado comprimento, que lhe servisse de zombaria; não só por que ninguém haverá, que possa crer, que um prelado tão sério nas funcções de seu ministerio, e tão civil como elle, que attende e respeita, quanto póde, os ministros de Sua Magestade, praticasse na propria catedral com um d'elles uma acção tão pueril, como porque na distribuição das palmas (como até os leigos sabem) não tem o bispo eleição alguma, e só dá aquella que lhe subministra a dignidade que para isso lhe está assistindo, e ainda esta mesma dignidade offerece ao bispo a que lhe vão dando outros sacerdotes, que ali se acham para esta funcção; sendo bem para repetir que ainda o ultimo d'estes não podia ter a escolha que o dito deão imputa ao bispo, quando a não ha entre cousas iguaes, como eram as palmas, que elle figura todas ordinarias e excessivamente compridas.

### § 5

N'estes termos bem se vê, que o bispo não podia escolher de proposito uma muito avultada para dar ao dezembargador, como lhe imputa o deão; antes pelo contrario é constante, que, vendo, quando se approximava o dito desembargador, que lhe vinha a caber uma palma maior do que pedia a sua estatura, se vexou de lh'a dar, mas não podia deixar de o fazer, porque é bem certo, que, si a trocasse por outra mais pequena, ainda a havel-a, viria talvez escandalisar o dito ministro, porque d'esta sorte accusaria mais o seu natura defeito; o lqual está todos os dias experimentando estas desigualdades sem a zombaria, de que o deão se lembra, nas grandes toxas que lhe offerecem em qualquer funcção, onde as não ha, nem se procuram proporcionadas ao seu tamanho; e posto que tambem seja certo, que o dito dezembargador quebrasse a referida palma, é falso, que o fizesse no solio por desfeita ao prelado, porque n'esse caso ali a deixaria ficar, e não a levaria, como levou, assim mesmo quebrada para melhor a poder transportar.

### § 6

Diz mais o deão, que elle, como presidente, fizera vêr ao prelado, que o cabido não precisava do seu



consentimento para semelhantes negócios, mas que esta decisão não fôra bastante para elle desistir do seu projeto, e só servira de lhe conceber o mais terrível odio, assim como os mais conegos, que d'elle esperavam as nomeações para as cadeiras e dignidades vagas; e que, tomando finalmente o bispo á sua conta mandar formar as palmas, appareceram em domingo de ramos umas palmas muito indecentes e enormes, e que o fizera por não perder o dominio, que tem sobre o cabido.

### § 7

O que houve a este respeito foi, que dizendo o fabriqueiro ao deão que o bispo não queria convir na innovação das palmas, se apaixonára fortemente e succedendo depois ir o bispo á catedral para tratar com os conegos de um concerto de que tivera noticia que a igreja necessitava, ali estando em cabido, lhe disse o deão, que bem estimava vêr S. Ex., para lhe participar o que tinham resolvido sobre as palmas, e accusando o mesmo prelado de ter dito que não queria, segundo se explicára o fabriqueiro, o insultou com desmedida insolencia assim no modo como nos argumentos, escandalizando com isto aos companheiros, não pela dependencia, que lhes quer attribuir da nomeação das cadeiras ou dignidades vagas, pois é bem certo, que nenhum d'elles era responsavel pelos desconcertos do deão, mas porque o que acabava de praticar com o seu superior não podia deixar de escandalisar a todos os que não eram do seu apaixonado partido.

### § 8

Com tudo o bispo, supportando o insulto com a maior mansidão, depois de lhe impôr silencio e advertil-o com brandura, do respeito com que devia tratar ao seu prelado, proseguio da mesma sorte a manifestar-lhe os motivos da pratica, que o deão pretendia alterar, até o convencer das suas razões; e vendo que ainda assim elle insistia em que se fizessem alguns enfeites nas palmas,

concluiu a conferencia, dizendo que elle tomava á sua conta mandal-as compor á sua custa, e com effeito assim o praticou, mandando pratear as pontas e ornal-as com laços das suas mesmas folhas na fórma do ceremonial e do uso de muitas sés do reino.

### § 9

Continua o dito deão dizendo, que no mesmo dia de palmas faltára á solemnidade d'ellas, porque havia tempo que faltava ao côro por molestias, e acrescêra tel-o procurado n'aquelle dia o capitão do navio « Aurora » pelas 6 horas da manhan, para ir vêr o commodo, que n'elle pretendia, pelo ter feito o cabido seu procurador para ir á côrte tratar de alguns requerimentos; e que com o pre-testo d'essa falta, que tambem fizera o conego José de Souza Pizarro, os mandára o bispo prender, acabada a funcção da alleluia, a elle deão no Castello d'esta cidade, e ao outro na fortaleza da ilha das Cobras; porém que a causa d'estas prisões não fôra a falta referida, tanto por que esta tinha pelos estatutos as penas competentes, como porque, si por ella havia crime, parecia ficar bem castigado com uma reprehensão, ou com o ser mandado recolher em sua casa, e só verdadeiramente fôra por votarem livremente em cabido, sem tomarem o parecer do prelado, e deliberarem sobre materias que lhes pertenciam, as quaes deduzia em treze capitulos, que se comprehendem na sua conta.

### § 10

N'este artigo, em que o deão conheceu, que estava toda a sua culpa, procurou usar de todo o artificio para o referir de fórma que não parecesse mal o que elle tinha praticado; mas a verdade foi, que sem embargo de ter faltado ao côro alguns dias antes de domingo de ramos, comtudo n'esse dia foi á sé, disse missa, e esteve no côro; vendo porém na sacristia que as palmas, ainda que compostas na fórma referida, não tinham algumas flôres, nem ficaram tão pequenas, como era todo o seu empenho, mostrou

publicamente o seu desagrado, e acabada a hora de prima, quando se esperava, que o prelado chegasse para se entrar aos sollemnes officios d'aquelle dia, tomou a resolução de se ir embora ; no que foi seguido pelo conego José de Souza Pizarro, e o seria também pelo mestre-escola José Coelho Peres de França, si este não tivesse de cantar missa, como elle mesmo declarou na sacristia ; e de tarde voltaram ao côro.

Não pôde duvidar-se, que esta falta não foi por molestia ; porque si o fôsse, não tornariam ao côro de tarde, mas só depois de 24 horas, como ordenam n'esse caso os seus estatutos ; e porque assim o não observaram, bem se manifesta pelas antecedencias, que se retiraram por desfeita ao prelado, e que, para não deixarem esta duvida, voltaram na tarde do mesmo dia, como geralmente se ficou entendendo.

#### § 11

N'estes termos não era a dita falta a que devia ser castigada precisamente com multa, como o deão quer persuadir ; porque os estatutos no capitulo 20, paragrafo final, a mandam castigar com pena arbitraria n'estas palavras : « Nos dias em que o prelado assiste na sé, nenhum capitular pôde faltar a ella, nem ainda com o pretexto de ter tomado os dias de estatuto, achando-se na cidade, salvo tendo tal impedimento, que, representado ao dito prelado, lhe dê licença para não assistir n'aquelle dia ; e, fazendo o contrario, será condemnado pelo prelado com as penas que lhe parecer. » E si o dia era da assistencia do bispo, e o deão não só estava na cidade, mas esteve na sé, donde se ausentou sem licença, como se esquece d'aquella disposição ?

#### § 12

Mas além d'isso nunca seria proporcionada á culpa a pena de multa ; porque esta só poderia ter logar na

simples falta, que não tivesse outra qualidade, e não quando, como no presente caso, era sediciosa e offensiva do respeito e obediencia devida ao prelado, por cuja razão também não seria correspondente o castigo de mandar recolher os culpados em suas casas, muito mais quando este insulto se foi repetindo em todas as occasiões que se lhes offereceram n'aquella semana santa, talvez pela impunidade em que se consideravam pela dissimulação, com que o bispo pareceu tratar o primeiro crime, como succedeu no dia de quinta-feira-maior, em que, estando o mesmo prelado distribuindo a sagrada communhão ao clero e povo e com elle o deão, como presbitero assistente, se retirou este do altar para a sacristia a titulo de descansar, assim mesmo revestido como estava, occupando-se em murmurar do vagar, com que se praticava um acto da nossa religião tão importante; e succedeu também em sexta-feira santa, que, estando-se ao officio de trevas, foi o deão levando o côro com tanta precipitação, que por duas vezes foi advertido pelo bispo para que fôsem certos; mas como fizesse, que o não percebia, e fôsse continuando da mesma sorte, bateu o bispo na cadeira e lhe repetiu em voz mais alta, que fôsem certos; do que resultou parar o deão e logo depois fexar o breviario, apagar a luz que tinha diante e ir para a sacristia, donde se retirou sem voltar mais ao côro, depois de clamar altamente contra o bispo, dizendo que o desatendia, porque o bater e dirigir o côro só era de sua competencia.

### § 13

Parece, que tão repetidos insultos não podiam deixar de obrigar o prelado a proceder de um modo, que restabelecesse a sua autoridade por tantos modos desprezada e offendida, e ao mesmo tempo satisfizesse ao publico, que tudo tinha presenciado, fazendo conhecer aos culpados que tinham superior, que reprimisse as suas rebeldias; o que talvez não entendiam ou fingiam não entender, pelo pouco que em todas as occasiões mostravam contemplar o mesmo prelado, circumstancias em que bem se manifesta,

que a causa das prisões só foi a que o deão chama pretexto, e de nenhum modo porque votassem livremente em cabido sem tomarem o parecer do prelado, ou porque deliberassem sobre materias que lhes pertenciam, como o deão artificiosamente procura persuadir, para não parecer culpado; pois não consta, que o bispo jámais pretendesse ter o cabido em semelhante subordinação.

#### § 14

Accrescenta mais o deão, que pelas razões que havia allegado, e por se ter opposto ao deão que o bispo procurava com grandes diligencias alcançar para seu tio José Luiz Mascarenhas, assistente na côrte, se preocupára de tal sorte, que desde que elle deão chegára a esta terra, tinha procurado todos os meios de lhe fazer desfeitas publicas, sendo a primeira a de lhe não falar com o pretexto de estar em um banho, quando o procurara na sua fazenda do Rio-Comprido na mesma noite em que desembarcára pelas 9 horas.

#### § 15

Tudo isto é uma impostura, com que o deão estudadamente continúa em applicar a sua prisão a diversa origem da que verdadeiramente teve, para se inculcar innocente e culpar o prelado, do qual nunca recebeu antes da mesma prisão, sinão demonstrações de benevolencia, como é notorio, apezar de lhe não ser occulto quanto elle lhe era opposto, e quanto murmurava das suas resoluções, talvez por serem dirigidas á maior perfeição ecclesiastica. Isto bem se deduz de que, não obstante ser o deão um ecclesiastico que pela sua conduta em tudo escolastica, e pela desaffeição ás cousas do seu estado, não podia dever ao prelado o melhor conceito, com tudo o nomeou seu examinador sinodal por decencia e attenção á dignidade em que estava; o que certamente não faria, si lhe tivesse o odio, que elle pretende inculcar; sendo bem para notar que pretenda, que o bispo lh'o principiasse a ter por se haver opposto ao beneficio, que (segundo diz) procurava



com grandes instancias para o seu parente José Luiz Mascarenhas, ao mesmo tempo que é constante, que elle se queixa do bispo pela falta das mesmas diligencias.

### § 16

Da mesma qualidade d'este imaginado odio são as desfeitas com que o deão diz, que o bispo o tinha tratado, desde que chegou a esta cidade, como se faz bem patente de não apontar outra, sinão a de lhe mandar dizer o bispo, que estava em *um banho ás hora d'elle*, como consta, que na verdade estava, nem n'essa occasião podiam ser só 9 horas da noite, porque a essas se despedio o deão de mim, como muito bem me lembra ; e é bem certo, que si n'esta materia podesse imputar mais alguma cousa ao prelado, não a omitiria, pelo empenho com que se vê da sua queixa, que procura culpá-lo.

### § 17

Pelo que bem se convence, que nunca recebeu taes desfeitas ; antes me lembra com toda a certeza, que o bispo logo o foi visitar por chegada, e que sendo 3 para as 4 horas da tarde, lhe não falára o deão, mandando-lhe dizer que estava em um banho, medindo d'este modo as visitas e respostas com o seu superior por uma igualdade, que não havia nas horas e occasiões das mesmas visitas, de que o bispo nenhum caso fez ; e como por bastantes vezes presenciei o muito agazalho com que o tratava, ha muito tempo, que tinha feito juizo de que, si o mesmo prelado o não tivesse tratado sempre com tão bom modo, elle se não teria talvez precipitado em tantos desconcertos, abusando da civilidade com que o dito bispo procurava fazer-se entender, e dirigil-o por meio de uma suavidade muito mal empregada.

### § 18

Diz finalmente o deão, que o odio do prelado bem se manifestava da forma da prisão indecorosa á sua

pessoa e dignidade, como pelo immundo e indecente logar, em que o mandára pôr, afim de intimidar o cabido para nada obrar sinão o que elle quizer; quando (segundo a constituição que aponta) o não podia prender sinão em homenagem em sua caza; e que ainda não satisfeito procurára atenuar o patrimonio d'elle deão, mandando com o seu absoluto imperio ao cabido que revogasse, como revogou, uma procuração, que com seu consentimento lhe tinha dado, para ir requerer á côrte, ao passo que este respeito já tinha vendido cazas, sege e todos os seus moveis, e tambem posto todo o seu fato abordo do navio *Aurora* sem receber do cabido cousa alguma para o seu transporte.

### § 19

Não ha mais refinada calumnia do que a d'este artigo, pois não devendo o mesmo prelado servir-se das fortalezas sem ordem de quem n'ellas governa, m'a mandou pedir pelo seu provisor e vigario geral para serem recebidos nas mesmas fortalezas dous conegos, por maior decencia; e em logar de o deão reconhecer esta attenção, que com elle se teve, trata as ditas fortalezas, aonde tem estado officiaes da maior graduação, por logares immundos e indecentes, ao mesmo tempo que não quiz sahir da do Castello, logo que teve ordem para isso, mas se conservou n'elle até ao outro dia muito por sua vontade.

### § 20

De que se segue, que o conceito que o deão faz de ser indecorosa a dita prisão á sua pessoa e dignidade, não pôde proceder de ter sido em uma fortaleza, pois não pôde ignorar, que esta se dá por distincção das pessoas, que, merecendo ir para uma cadeia publica pelas suas culpas, vão para as ditas fortalezas; procede sim de considerar, que é izento da jurisdição do bispo, como sempre mostrou entender, e procurava sugerir a alguns dos seus companheiros.

## § 21

Assim se colhe manifestamente da mesma sua queixa, quando pede a Vossa Excellencia, que lhe declare: si podem os bispos prender sem culpa formada, não tendo nem mero, nem mixto imperio:—si podem fazer semelhantes prisões por potencia:—e si a dignidade de deão (a isto allude o mais que antecedentemente propõe) está sujeita aos seus despotismos.

E' graduado em canones, e ignora, que os bispos por si sós pôdem proceder a semelhantes correccões na fôrma do Conc. Tridentino, ses. 6.<sup>a</sup> cap. 4.<sup>o</sup> de reform.?

E' dignidade da sé d'este bispado, e ignora, que na sua constituição liv. 4.<sup>o</sup> tit. 15 § 680 se acha a mesma disposição nas palavras « Poderão ser presos no aljube, quando a prisão lhes fôr dada em pena de delito. » — ou si as não ignora, supprimiu de proposito estas palavras, quando aponta as do paragrafo antecedente, que lhe serviam melhor.

E' presidente do cabido e ignora os estatutos da sé, que prometeu observar com juramento, os quaes dão por certa a referida disposição, quando no capitulo segundo dispõem sobre o modo porque deve ser contado o capitular, que fôr preso ou retento no aljube, em sua casa, ou em outro qualquer logar, pelo prelado, legado, principe, ou outra qualquer pessoa superior.

## § 22

O que supposto, e o mais que fôr patente a culpa do deão, mal pôde este allegar, que o seu castigo fôra incompetente, e menos que fôra para intimidar o cabido, para que só obrasse o que o bispo quizesse, sendo o seu total fim accusar o prelado, imputando-lhe a ruína do seu patrimonio em razão de ter vendido o que possuía para passar a Lisboa, quando por ordem despotica do mesmo prelado, como diz, lhe fôra revogada a procuração do cabido; sendo certo e constante, em 1.<sup>o</sup> logar, que o bispo não cooperou por modo algum para que a dita procuração se fizesse, ou se revogasse: em 2.<sup>o</sup> logar,

que para o deão ir a Lisbôa como procurador dos poucos negocios do cabido, não lhe era preciso vender o que possuia, porque tudo lhe seria necessario, quando voltasse, si este fôsse o seu animo. Mas como o não tinha, e só de se retirar com aquelle pretesto honesto para Lisbôa, e não voltar, pois desde que chegou sempre disse, que se havia de demorar pouco tempo, e que viêra com grande violencia para esta cidade, por isso não só vendeu o que lhe foi possível. enquanto subsistia a procuração, mas ainda depois d'ella revogada, resolvendo-se então a retirar-se, como se retirou, fugitivamente, e não cuidando em tirar do navio «Aurora» o que n'elle tinha embarcado, tendo muito tempo para isso, como agora é constante; e n'estes termos como se faz notorio, que estava na resolução de se ir embora, e apurar o que cá tinha, fôsse ou não fôsse como procurador do cabido, mal pôde imputar a alguém a chamada atenuação de seu patrimonio pelas vendas que fez, principalmente quando consta, que por ellas nada perdeu, antes ganhou.

### § 23

Resta agora tratar da materia dos treze capitulos, com que o deão procura accusar o bispo; e posto que do que fica dito, se colhe bem claramente o pouco credito, que merecem, sendo offerecido por inimigo tal, como o deão se manifesta; e que só os fabricou para n'elles deduzir o imaginado odio do prelado, em que procura estabelecer a sua queixa e a sua innocencia, infamando-o ao mesmo tempo quanto pedia a vingança da sua paixão: com tudo devo dizer a respeito d'elles o que tenho averiguado.

### § 24

Quanto ao 1.º Nenhum odio podia ficar ao prelado contra o deão, porque promovesse em cabido a execução de um aviso da secretaria de estado dos negocios do reino de 30 de Abril de 1778 a favor do testamento do falecido bispo, quando já estava dado a execução antes da chegada do dito deão, e só consistia o dito aviso em declarar, que

podia executar-se o dito testamento, que até então estava em suspenso, por não ter ainda passado pela dita secretaria a bulla, que o sobredito bispo obteve para testar; e é constante, que o actual tem contribuido com o possível para se irem satisfazendo os legados, além de que, muito antes da chegada do mesmo deão, estava o testamenteiro dando a sua conta por força do mesmo aviso no juizo de fóra d'esta cidade, aonde só pertence a sua execução.

### § 25

Quanto ao 2.º E' falso, que o bispo esteja de posse dos fóros deixado pelo seu antecessor ao cabido; porque este os cobra desde que veio aquella resolução, e os que recebeu antes d'ella, que me consta não passaram de seiscentos mil reis, não sabe a quem os ha de entregar, por não estar decidido a quem pertençam, si ao cabido ou ao testamenteiro, visto declarar a verba do testamento, que, no caso de não chegarem os bens deixados para inteira satisfação dos legados, se tiraria o rendimento de tres annos dos ditos fóros para o testamenteiro com elles satisfazer.

### § 26

Quanto ao 3.º O que houve, foi estranhar uma vez o bispo, que o cabido se demorasse em vir recebê-lo á porta principal da igreja; e tomando o deão por pretexto para esta falta a incerteza da entrada, que o prelado umas vezes fasia pela dita porta, outras pela da sacrestia, assentou o bispo de bôa paz em ir sempre pela principal; e d'isto não sei, que se podesse seguir odio.

### § 27

Quanto ao 4.º E' tão falso o que n'elle se diz, como notorio, que nenhuma função da sé acaba pelas horas que o deão assevera, devendo applicar só a si o fastio que attribue aos fieis. Não ha duvida, que o bispo assiste algum tempo por fóra da cidade, porque os



medicos lhe aconselham o ar do campo pelas molestias, que padece; bastando vê-lo para se conhecerem; mas nem por isso, quando tem de vir á sé, deixa de o fazer a horas competentes como todos presenceam, porque n'isto é exactissimo.

### § 28

Quanto ao 5.º E' falso, que o bispo dê protecção especial á fabrica de cêra, em que se interessou um seu criado por morte de quem a possuia, e não ha outra razão por que o fabriqueiro mande ali buscar a cêra de que necessita, sinão porque já em vida do ultimo possuidor a costumavam mandar buscar á mesma fabrica.

### § 29

Quanto ao 6.º Não se alcança em que qualidade decidiu o deão contra o prelado na proposta, que diz lhe fizeram, nem o porque se lhe faria esta sobre excessos e augmentos, que diz se praticam na camara ecclesiastica, aonde não consta, que se levem maiores emolumentos do que no tempo passado. E' falsa a grande afflicção, que tambem diz ha no povo pelo imposto para as obras pias nas dispensas, que se lhe pedem, de alguma das diligencias que devem preceder á contração dos matrimonios, que, por isso mesmo que são dispensas, sem as quaes se podem contrahir os mesmos matrimonios, não obrigam a pessoa alguma, que não pretenda a mesma dispensa, de que não necessita, e só procura por sua maior comodidade.

### § 30

Quanto ao 7.º E' em tudo falso o que diz o deão n'este capitulo; pois si alguns bachareis deixaram de se opôr á cadeira doutoral, por saberem que se tinha oposto o secretario do bispo João Rodrigues Marmello, seria por obsequio e attenção que com este quizessem ter; ou talvez por reconhecerem a preferencia, que elle lhes

tinha em estudos e capacidade, que posso attestar ser muito distincta dos mais, porque os conheço; e não porque o bispo por modo algum directo ou indirecto intimidasse alguém, para que se não opozesse.

### § 31

Quanto ao 8.º Este capitulo mostra a sêde, que o deão tinha de imputar muitas culpas ao bispo, e que, por não as ter, atirava comsigo para toda a parte, introduzindo-se até no que tinha passado tantos annos antes da vinda do mesmo deão, como foi a divisão que o bispo fez, logo que chegou, dos clérigos nacionaes e europeus em acto de conferencia moral, a que assistia na igreja de São Pedro, com o fim de melhor os ficar conhecendo; do que não haverá quem diga, que se seguiu o rancor e sedição. que falsamente diz o deão ficára entre um e outros.

### § 32

Quanto ao 9.º E' falso, que o bispo retenha em si as propinas das religiosas de Nossa Senhora de Ajuda, e que lhes tirasse a administração das suas rendas a bem de outrem; estas sempre se administraram por uma pessoa nomeada pelos bispos, porque as freiras, estando reclusas, o não podem fazer; e isto é o que o deão cavilosamente inverte, para ter logar de dizer o que diz, e de lhe não escapar tambem esta materia, para n'ella accusar ao bispo, ao mesmo tempo que é notorio quanto este tem feito para melhorar o pobre estado, em que achou as ditas freiras, pelos maus empregos que em outro tempo se fizeram dos seus dotes.

### § 33

Quanto ao 10.º O deduzido n'este capitulo é o mais atroz testemunho falso, que o deão levanta ao bispo sem pejo, sem honra e sem temor de Deus, que a tanto o conduz a sua cegueira; e bem se percebe, que n'esta infamia do seu prelado consistia o seu maior empenho, e

que, para a não introduzir tão secamente, que logo parecesse paixão, é que compoz os mais capitulos, que lhe servissem de preambulo, e de que a pudesse ir deduzindo: pois devendo considerar que, si se entrasse no conhecimento d'este negocio, tanto se havia de procurar saber a verdade de uns, como de outros artigos, com tudo só a este offereceu testemunhas, que o hajam de comprovar.

### § 34

Esta materia é tão delicada para ficar ainda em duvida, que, posto que eu a não tivesse, me não pareceu justo deixar de ouvir as mesmas pessoas, que o deão aponta, debaixo do possivel segredo que Vossa Excellencia me recommenda. Nas attestações que remetto, verá Vossa Excellencia, que não ha uma, que não responda contra quem as produziu. Estimaria poder pintar a V. Ex. a admiração em que todas ficaram com a minha pergunta, e quanto se lhes fez nova a materia d'ella, e igualmente que houvesse quem as referisse para a provar.

### § 35

A moça com quem o dito deão tem o valor de dizer, que o seu prelado tem familiaridade, creio, que será uma sobrinha d'este, porque não ha outra n'aquella casa, de 42 annos de idade, que na falta de seus pais, e de um unico irmão, tenente de cavallaria no Rio-Grande, está vivendo na companhia dos seus parentes na casa da mãe do dito prelado, aonde tudo respira a maior decencia; e isto é quanto basta para que o deão e os que pensam como elle, estabeleçam para seu desafogo, que as visitas indispensaveis, que o dito prelado faz a sua mãe, tenham differente objecto, e que sem embargo de serem muitas vezes feitas com grandes intervallos de tempo, o deão lhes chama frequentes, esquecendo-se da contradição com que já tinha dito no capitulo 4.º, que o dito prelado frequentava com nimio excesso as suas fabricas de anil, e outras distantes d'esta cidade duas leguas; termos em que mal podia ter a mesma frequencia em casa de sua mãe.

## § 36

Presentemente posso ser testemunha de que mais de quarenta dias não foi o bispo áquella casa, e isto tem succedido mais vezes no meu tempo, por estarem algumas crioulas com bexigas, que o dito bispo nunca teve; e muito mal se ajusta esta cautela e receio com tanto empenho, como o deão figura; pois si o houvesse, não entraria em consideração similhante receio, despresadas outras considerações de muito maior peso e gravidade.

## § 37

Pelo que respeita ao mais que diz o deão, de que o bispo tem cama, e dorme em casa da dita sua mãe, quando lhe parece e que leva a mesma familia para a quinta do Capão e de Sant'Anna, aonde se ajuntam outras moças com toques e cantos e isto procede de que estando gravemente enferma a mãe do prelado, haverá 3 para 4 annos, e tendo-lhe este levado o sagrado viatico da sua freguezia de S. José, lhe ficou assistindo em quanto durava o perigo de vida 2 ou 3 dias, nos quaes pernoitou na mesma casa; o que tambem fez por uma ou duas vezes no mez de Julho do anno proximo passado, porque andando na esperança de se querer reduzir á nossa santa religião o tenente general João Henrique de Böhm, que se achava com evidente perigo de vida em uma quinta desviada da sua residencia, e mais proxima áquella casa, para poder acudir mais promptamente ao seu chamado a toda a hora, como já tinha succedido uma vez inutilmente, por lhe terem sobrevindo logo grandes delirios.

## § 38

Procederá tambem de que no anno proximo passado foi a mãe do mesmo prelado com a sua familia convalescer de algumas molestias a uma quinta que tem, chamada de Sant'Anna, donde por não estar com a mesma familia se passou o bispo para outra quinta chamada do Capão, que tinha arrendada, e fica na sua visinhança.

## § 39

E procederá ultimamente de que, tendo Dona Rosa, mulher do ajudante das ordens, Camillo Maria Tonelet, pessoas de conhecida honra e probidade, amizade com a mãe e irmão do mesmo prelado, as foi visitar com seu marido, e estiveram dois dias na dita quinta de Sant'Anna, onde poderia ser que a dita Dona Rosa cantasse e tocasse cravo, porque o sabe fazer muito bem : e ainda me consta pelo dito ajudante de ordens, que se desencontraram por acaso do dito bispo, que tinha vindo á cidade.

## § 40

Mas, ainda que em nenhuma d'estas cousas se ache que notar, não deixaram de servir ao deão, segundo posso perceber, para as confundir e envenenar fundando-se n'ellas para se explicar de um modo caviloso, que persuade tanta malicia, como lhe era necessaria para fabricar a sua impostura, apezar da honra de tantas pessoas, em que só devia falar com decencia, e para não parecer que só as produzia para infamar o prelado, como bem se manifesta, que era todo o seu fim, transcrevendo a passagem de Santo Agostinho, que diz citára a respeito do que refere, para vir a concluir por um grande rodeio, que o bispo, sabendo d'isso, concebera mais uma causa de odio contra elle ; mas todo este artificio se deixa perceber, ao mesmo tempo que muito melhor recae sobre o dito deão a citada doutrina de Santo Agostinho, tendo elle aqui assistido sempre em casa de sua irmã Dona Clara Rosa Caetana de Faria Lemos ; e si assim como me toca só informar com a verdade do que tenho achado a respeito da queixa do deão, me tocara apontar doutrinas contra elle, citaria muitos canones, que elle quebrantava e devia observar.

## § 41

Quanto ao 11º. E' certo, que, pretendendo o arcediogo mandar pôr na frente de um traslado, que se tinha mandado fazer, dos estatutos da sé as armas do bispo actual,



elle não conveio, dando as razões que aponta n'este artigo; mas si por este, e por semelhantes motivos, pretende deduzir o odio, que diz lhe tinha o prelado, esqueceram-lhe outros muitos casos, dos quaes é bem notorio, que, si alguns chegavam á noticia do dito bispo, os ouvia com indifferença, pois conhecia perfeitamente o genio orgulhoso e desconcertado do dito deão.

### § 42

Quanto ao 12°. N'este capitulo se manifesta a maldade do capitulante; porque, não se atrevendo a asseverar o que n'elle refere, o põe na boca d'aquelles que diz-lhe retrocaram á resposta, que elle deu, quando se lhe fez a questão, que chama proposta, e se n'estes termos elle não foi o que disse cousa, que pudesse desgostar o prelado, nem a sua resposta o podia tambem desgostar, ainda que fosse contraria; sendo dada a uma questão generica, tal como mostra ter sido a proposta em que não fazia figura o prelado, mal se pôde alcançar, como d'esta embrulhada pretenda concluir o deão o odio do mesmo prelado, só sim que por este celebre modo lhe procurava acumular capitulos, que não prova, nem aponta sobre elles facto certo, que se possa averiguar.

### § 43

Quanto ao 13°. Para se fazer uma bôa idéa da perfeição ecclesiastica do deão, basta vêr-se, que elle mesmo confessa n'este artigo não ter approvado a resolução do prelado na pastoral, que fez publicar, para que todo o seu clero, debaixo da pena de ficar suspenso do uso das suas ordens, se examinasse para confessar; sendo esta pastoral dirigida a fazêl-os applicar aos estudos de moral indispensaveis ao seu estado, e para os quaes lhes deu tempo, e estabeleceu uma cadeira no seminaria de S. José. Mas, ou o deão approvasse ou reprovasse esta resolução, seria cousa bem indifferente ao prelado; pois é bem notorio quanto se satisfez com seguir os ditames da sua consciencia, segundo a experiencia que já tinha do seu

bispado, não obstante saber que muitos fariam o mesmo, que o deão diz fizera, sem que por isso lhe merecessem o odio de que só o deão se queixa. Os annos de aprovação são julgados pelos examinadores sinodaes, de que o deão era um, que podem e devem votar o que lhes parecer justo, conforme o maior ou menor aproveitamento dos examinados.

#### § 44

O que mais diz o deão sobre as capellarias para Angola, e promoções dos beneficios, é livremente dito, sem apontar facto algum; eu o tenho por uma impostura a mais atroz, porque pela indagação, que tenho podido fazer, acho, que é materia occulta a todos, e só revelada ao dito deão na confusão em que a propõe.

#### § 45

De tudo o que fica ponderado se conclue, que o odio, que o deão pretende, que o bispo lhe tenha, vem a ser o que elle tem ao bispo; bastando para isso o vêr-se que em todos os capitulos elle confessa ter dado causa, por onde o podia merecer, não lhe competindo por modo algum corrigir e censurar as acções do prelado, e só encobrir, como ecclesiastico, e como maior dignidade da sua sé, os defeitos que elle pudesse ter; mas não é de admirar, que, esquecido d'estas obrigações, obrasse pelo contrario, si até chegou a fazer timbre e caprixo de mostrar publicamente, depois que sahiu da prisão, quanto aborrecia ao prelado, e quanto se affigia com a sua presença, pondo-se na sé com semblante nimamente carregado, e com a vista baixa todas as vezes que ali se achava o bispo, e fazendo um particular estudo de não pôr n'elle os olhos; o que por todos se percebia com grave escandalo e murmuração, vindo esta a ser maior, quando uma vez, indo a dar a paz ao prelado, e recebendo-o este com signaes de grande benevolencia, mostrou quanto d'elle se aborrecia, retirando o corpo, e afastando a cara para o outro lado; á vista do que póde Vossa Excellencia

julgar, que attenção merecem as suas queixas ; a respeito das quaes procurei alcançar a verdade, que fica exposta, para ser presente a Sua Magestade.

Deus guarde a Vossa Excellencia.

Rio 18 de Janeiro de 1783.

Senhor Martinho de Mello e Castro.

*Luiz de Vasconcellos e Souza.*

## CAPITULO II

### *Relaxação dos frades do Carmo*

Illm. e Exm. Senhor.

#### § 1

Tendo já tocado por algumas vezes, ainda que incidentalmente, a Vossa Excellencia, na grande relaxação dos frades do Carmo d'esta provincia ; e vendo-a cada dia mais adiantada, principalmente nas presentes circumstancias, em que no convento d'esta cidade, juntos já os vogaes para a celebração do capitulo, tudo respirava confusão e desordem, e n'este palacio todo o tempo era pouco para escutar intrigas dos mesmos vogaes do capitulo, com que cada um, conforme a sua paixão, procurava, quando não pudesse conseguir os seus intentos, perturbar um acto, que na consideração dos mesmos frades devia ser o mais sério ; me pareceu, de commun acôrdo com o bispo d'esta diocese, que seria muito do serviço de Deus e de Sua Magestade fazer notar no seu real nome o mesmo capitulo, muito mais quando nas vesperas d'elle me veio o proprio provincial participar, que pela disposição que via na sua communidade receiava maiores insultos.

#### § 2

Assim o pratiquei, e movendo-se a questão de quem devia governar interinamente a provincia na fôrma das

constituições da ordem, na intelligencia das quaes variaram os pareceres dos padres-mestres, ditados em grande parte por um espirito de parcialidade, mandei conservar o mesmo provincial sem alteração alguma até nova resolução de Sua Magestade. E como para esta entendo ser necessario pôr na real presença da mesma senhora o estado actual da mesma provincia, e uma informação clara dos individuos d'ella, não me devendo fiar para isso sómente dos referidos frades, me não cabe no tempo dar uma conta completa a este respeito : o que farei com a maior brevidade.

Deus guarde a Vossa Excellencia

Rio 23 de Maio de 1783.

Sr. Martinho de Mello e Castro.

*Luiz de Vasconcellos e Souza.*

*Relaxação dos frades do Carmo e reforma inefficaz*

Illm. e Exm. Senhor.

§ 1

Havendo participado a Vossa Excellencia a necessidade em que me puzeram as disposições da intriga e de desordem, com que se preparavam os frades do Carmo para o proximo capitulo, que devia celebrar-se em 10 de Maio, para de commun acôrdo com o bispo d'esta diocese mandar no real nome de Sua Magestade notar o mesmo capitulo, e informar á mesma Senhora do infeliz estado d'aquella relaxada provincia e seus individuos; vou agora participar a Vossa Excellencia novamente tudo o que tem resultado das minhas indagações e da minha experiencia, para se poder fazer conceito do miseravel estado, em que se acha uma corporação religiosa, que só serve de descredito á religião, e de peso e máo exemplo ao estado n'esta capitania.

## § 2

Duas eram as parcialidades, que se achavam em campo, promptas e armadas para combater-se, uma dirigida por frei Bernardo de Vasconcellos, e outra por frei Innocencio do Desterro Barros, que ambos foram provinciaes relaxadissimos. O ultimo ha muitos annos, que governa e desfruta a provincia, e tinha maior numero de vogaes do seu partido, como se vê da relação, que vai debaixo do numero 1; mas havendo da sua parte alguns votos illegitimos, como vai explicado no papel que vai debaixo do numero 2, que se pretendiam arguir, como taes, e tendo-se convidado alguns dos votos de uma e outra parcialidade com dinheiro e outros interesses, tudo se achava barulhado: e quando não houvesse maior desordem, como tem aqui havido com menores disposições, era infalivel a continuação da maior relaxação da provincia dirigida por qualquer d'aquellas duas monstruosas cabeças, e executada pelos provinciaes e definidores, que já se achavam com grande premeditação escolhidos por cada uma d'ellas em premio dos seus serviços, como Vossa Excellencia verá da relação, que vai debaixo do numero 3.

Para Vossa Excellencia conhecer com quanta razão se podiam temer as maiores desordens de semelhantes frades, que as tem feito com menores disposições, bastará um só exemplo entre muitos que podia apontar, do que tem succedido n'esta provincia em tempo em que todos conhecem, que ella se achava muito menos relaxada do que presentemente. Já no anno de 1743 estes frades não tinham outra lei e outra regra mais do que as suas cegas paixões. N'este anno é, que, aconteceu, que, recolhendo-se da visita de outros conventos para este do Rio de Janeiro o provincial frei Francisco das Chagas, sem outra antecedencia que conste mais do que a de ser menos inimigo da observancia religiosa do que os seus antecessores, foi esperado pelos seus rebeldes subditos na portaria, cercado tumultuosamente, e posto em apertada prisão, logo no dia seguinte deposto sem ser ouvido, e eleito debaixo da mesma confusão frei Filippe da Madre



de Deus presidente provincial: conservou-se preso bastante tempo, sem ter meio algum de poder queixar-se da violencia que sofria, e ha tradição de que ainda se pôz em questão entre os frades, si o matariam.

### § 3

O certo é, que por fim achou modo de recorrer ao ouvidor geral João Alves Simões, interpondo perante elle uma acção de força para ser restituído á sua prelazia, por meio da qual conseguiu sentença, que o mandou restituir, depois de grandes impugnações dos frades, que ainda embargaram a sentença para fazerem mais patente a sua rebeldia: tudo consta de uns autos, que existem no cartorio do juizo das execuções, os quaes examinei, não acabando de admirar, vendo que se praticaram tantas ceremonias e formalidades em caso tão extraordinario, e que pedia uma providencia prompta e promptissima. A falta d'esta produziu monstruosos effeitos.

### § 4

De similhante frouxidão o que se seguiu foi não fazerem os frades caso algum da sentença, desprezarem a autoridade da cousa julgada, e desconhecerem inteiramente a potestade regia, insistindo, apesar de tudo, na pertinacia de subditos rebeldes, e passando á temeridade de vassallos sediciosos.

### § 5

Mas ainda isto foi pouco: subiram tanto mais os desatinos d'estes sacrilegos, quanto dista da terra ao ceu; pois resolvendo-se o governador Gomes Freire de Andrade a mandar cercar o convento por todas as partes de tropa para extrair-se da violenta prisão o innocente prelado em auxilio da justiça a instancias do ouvidor, de quem o solicitára o procurador do dito preso frei Salvador Caetano d'Orta, por não haver já outro meio para a execução da sentença, os frades, cheios de impiedade

e de irreverencia para com o mesmo Deus, tiveram a incomprehensivel temeridade de irem buscar ao sacrario o santissimo sacramento, e levantando dois altares, um encostado á porta da prisão em que se achava o provincial, e outro á porta da portaria, exporem n'elles o mesmo Senhor, para que a tropa não entrasse no convento, e menos na prisão, em que tinham o dito provincial.

Parecem incriveis tantas abominações, mas são vulgarmente sabidas, e estarão naturalmente provadas entre os papeis, que faltam n'esta secretaria, e que se remeteram para essa côrte por morte d'aquelle governador sem distincção alguma, como já tive occasião de dizer á Vossa Excellência a outro proposito.

Seguiu-se a tantas profanações e ultrages da magestade divina apparecer um dos frades em um lugar eminente do convento, e de lá entrar a pronunciar a formula da excommunhão contra a tropa, que só estava attenta ás ordens do official, que a commandava. Com effeito dos sobreditos autos consta, que para se fazer a diligencia foi preciso, que a mesma tropa dirigida pelo dito procurador do provincial arrombasse o portão do carro, outra porta da obra nova, a porta junto da tamarinheira, a porta que vai da sacra-via para o pateo da capella dos terceiros, o muro da cerca do convento, uma estacada de páos, e ultimamente a janella do carcere, onde se achava o preso, pela qual sahio, descendo por uma escada que para este fim se encostrou á dita janella.

## § 6

Entretanto sahiram os frades do convento, e com o santissimo sacramento foram em procissão para o de Santo Antonio, aonde se refugiaram, voltando, quando lhes pareceu, para o seu convento do Carmo aos poucos, desculpando-se cada um d'elles com os outros, e foram recebidos do seu resuscitado prelado com toda a afabilidade.

Da provisão que vai copiada debaixo do numero 4, que não apparece registada n'essa côrte, passada pela chancellaria, nem mandada cumprir e registrar

n'esta secretaria, e é o unico papel que n'ella ha a este respeito, verá Vossa Excellencia, que, fazendo-se menção das contas dadas pelo provincial frei Francisco das Chagas, pelo governador e bispo, toda a resolução sobre tantos e tão enormes crimes se reduzio a entregar ao dito provincial o conhecimento d'elles para castigar os culpados conforme o direito e as leis da sua religião : o que nem ainda consta se verificasse, antes sei eu, que frei Manoel Villela, um dos culpados, de que faz menção a dita provisão, e unico talvez que existe, está disfrutando com todo o socego no convento da villa de Santos, sua patria, os extraordinarios privilegios e izenções da sua grande antiguidade, e do grão de mestre doutor em theologia.

Aquella provisão foi expedida pelo tribunal do conselho ultramarino, e é bem de presumir, que o mesmo tribunal não tratou d'esta materia com a actividade, que ella merecia, na consulta que subio á real presença do Senhor rei Dom João Quinto, quando todo o descuido e frouxidão se pôde esperar de um tribunal, que n'aquelle tempo trata a supplica e requerimento de um vassalo ao seu soberano, que a resolve por aquella sua real ordem, de mera insinuação nas palavras—É visto o que me insinuou o dito provincial—que Vossa Excellencia achará na dita provisão.

Tolerados d'este modo e impunidos tantos e tão repetidos crimes, bem claro fica, que d'aquella communiidade de levantados sahiram os provinciaes, definidores, priores e mestres de noviços, que continuaram a relaxação da provincia ; á vista de cujos exemplos e doutrinas, que lhes correspondem, foram educados e instruidos os actuaes individuos, que tanto e tanto a deshonram. Por isso, mal tinham passado sete annos, já houve outro levantamento escandalosissimo, em occasião de capitulo, para sahir eleito frei Francisco Quintanilha, que se fez famoso em vida pelo irreligiosissimo governo de nove annos, e depois de morto, pelo rico peculio, que deixou, de vinte mil cruzados ou quasi, dos quaes a maior parte consistio em dinheiro de contado, e em bôa moeda.

Deixo de referir a larga historia da eleição e do eleito, por me parecer demasiada impertinencia, e não

figurarem ainda então os frades, que actualmente figuram, e influem no estado actual d'esta provincia.

N'ella foi aceito por aquelle frei Francisco Quintanilha, frei Innocencio do Desterro Barros, famoso cabeça de uma das actuaes parcialidades, que logo foi crescendo tão demasiadamente á sombra do bispo Dom Frei Antonio do Desterro, de quem tinha sido famulo, que sem outro merecimento foi escolhido para secretario do provincial frei Manoel Angelo, successor do dito frei Francisco Quintanilha.

### § 7

Com muito poucos annos de habito, máos costumes, fraco talento, mas bastante arte para manejar as intrigas fradescas em nome do dito frei Francisco Quintanilha, e autorisal-as com a vontade de um bispo, que nem d'ellas sabia, e só nas graves molestias que o tinham fechado no seu aposento, em que entrava o dito frei Innocencio do Desterro com toda a antiga confiança, podia então cuidar; foi ganhando a afeição do dito provincial, e dispondo os futuros capitulos, fazendo já desde então frente ao partido de frei Bernardo de Vasconcellos, famoso cabeça tambem da outra actual parcialidade, que já n'este tempo aborrecia, como inimigos, os que tinham por fantastica cabeça o sobredito frei Francisco Quintanilha, mas por verdadeiro capitão o dito frei Innocencio do Desterro.

### § 8

Pareceu-lhe proprio para os seus intentos o insensivel e insensato frei José Pereira de Sant'Anna, e este foi o novo provincial, ficando vencida a parcialidade contraria por um só voto, e festejada a eleição com assobios e outras ridiculas demonstrações da loucura dos vogaes e da ineptidão do prelado juntamente. Ficou novamente secretario o dito frei Innocencio do Desterro, que não se descuidava um só instante de prevenir o futuro capitulo, enquanto o provincial se achava escrupulosamente occupado com o numero dos repiques, que deviam preceder ás

missas de Nossa Senhora nos sabados, e com outras bagatelas proprias do seu character, que ha de descrever-se no seu logar proprio.

Com effeito foram tão bem ajustadas as medidas para o futuro capitulo, que depois de uma horrivel fermentação sahio eleito duas vezes secretario frei Innocencio do Desterro Barros com poucos annos de idade, apenas 15 de habito, muito pouco juizo, e muito má consciencia.

## § 9

Houve a premeditada escolha de priores, que fôsem votos seguros para o futuro capitulo, e entre elles o foram n'este convento do Rio de Janeiro primeiro frei Miguel Antunes, e depois frei José Barreto, dos quaes se dirá no seu logar: ambos promoveram a relaxação com todo o empenho, enquanto o provincial, entregue a largas visitas da sua provincia com muito numerosa comitiva, se entretinha a maior parte do triennio á custa de excessiva despeza da mesma provincia nas fazendas d'ella entregue ás maiores dissoluções.

Ainda creio, que se achariam testemunhas, que presenciaram na fazenda do convento da Ilha-Grande, chamada Camorim, congregarem-se as escravas mulatas e pretas mais vistosas para bailarem á viola, um dos sons mais immodestos, e sahio o mesmo provincial frei Innocencio do Desterro ao campo desafiado por uma d'ellas, applaudido dos subditos que o acompanharam, e que se foram seguindo no baile conforme ao suas graduações.

N'este tempo meditava a parcialidade contraria, guiada pelo seu chefe frei Bernardo de Vasconcellos, todos os meios de vencer no futuro capitulo, mas inutilmente, porque as forças contrarias tinham crescido com a relaxação formidavelmente. D'esta relaxação, que o dito frei Bernardo de Vasconcellos nunca vio, nem emendou nos seus amigos, é que se servio no tempo proximo ao capitulo, pintando-a com as mais feias e vivas côres por si e por outros frades na presença do meu antecessor, mas toda da parte da parcialidade contraria.



## § 10

Vio o dito meu antecessor no referido frei Bernardo de Vasconcellos um frade condecorado, mais instruido e mais recolhido que os outros, que lhe soube encobrir o seu falso zelo, e moveu-se com effeito a dar a conhecer a sua vontade ao actual provincial frei Innocencio do Desterro, talvez pensando que d'este modo se uniriam as parcialidades, e se faria a paz entre inimigos domesticos : o qual frei Innocencio do Desterro por medo, e não por vontade, fez a heroica acção de ceder dos seus votos em beneficio do seu adversario, e sahio provincial tantas vezes vencido frei Bernardo de Vasconcellos, que regeu a provincia com iguaes escandalos, relaxações, e projectos para o futuro capitulo, escolhendo para prior d'este convento do Rio de Janeiro o indigno frei Matheus Nascentes, de quem se dirá no seu logar competente.

## § 11

Ardendo ainda de inveja por vêr, que frei Francisco Quintanilha e frei Manoel Angelo, seus contemporaneos, frei José Pereira de Sant'Anna, mais moderno na ordem e no gráo, frei Innocencio do Desterro Barros ainda não mestre, todos se lhe tinham adiantado, não se envergonhou de atropelar tudo para ir buscar um novo provincial, na figura do qual continuasse a governar despoticamente.

Para aquelle fim prendeo e soltou nas vespervas do capitulo frei Innocencio do Desterro e outros, e foi descobrir um dos frades mais dementes, frei Antonio das Chagas Terra, que com effeito sahio provincial, pondo ao mesmo tempo por prior n'este convento do Rio de Janeiro frei Antonio Nolasco, frequentemente ébrio, sempre louco, e presentemente falecido. Aquelle novo provincial, que quasi desde a sua profissão tinha vivido fóra da religião, e no Cuiabá por um grande numero de annos, tendo-se recolhido de tão longe, apenas haviam sete ou oito, fez o seu governo na sua cella, onde se occupava em esperar visões para se deliberar em qualquer materia ; e não falta quem diga

que frei Bernardo de Vasconcellos se aproveitava d'aquella sua demencia, falando-lhe como oraculo por uma fresta para o resolver aos seus fins, por não ser já então attendido do dito provincial, que acabou o seu triennio conservando em si a mesma demencia, e na provincia a mesma ou maior relaxação.

Enfatiado frei Innocencio do Desterro de 6 annos de atrazo para os seus amigos, intentou pelos mesmos caminhos de frei Bernardo de Vasconcellos um capitulo conforme os seus projectos, e unindo-se com frei José Antonio de Santa Anna e frei João da Costa, dos quaes se dirá em seu logar, alcançou consentimento do meu antecessor, que talvez o deo guiado pelas antigas informações de frei Bernardo de Vasconcellos para sahir, como sahio, provincial frei Matheus Nascentes. Este frade tinha sido escolhido pelo frei Bernardo para prior d'este convento do Rio de Janeiro, quando provincial; mas n'este tempo, posto que em todos fôsse igualmente relaxado, tinha já desmerecido toda a sua estimação, para o que bastavam os protestos, com que foi eleito, de que nada faria sinão pelas direcções do triumvirato; a saber: frei João da Costa, frei Innocencio do Desterro, e frei José Antonio, os quaes logo se converteram em uma declarada subordinação a frei Innocencio do Desterro, a quem elle sujeitou de bôa vontade todo o governo da provincia só pelo consentimento de a poder girar, e demorar-se nas fazendas d'ella, acompanhado de quatro pagens ricamente vestidos, e de toda a ostentação correspondente. Este é o prelado, que eu achei, e que raras vezes vi, mas logo o ouvi canonizar de notoriamente ignorante, louco e mal procedido.

## § 12

Tinha vindo ordem de Sua Magestade para se poderem receber vinte noviços, e logo foi nomeado para mestre d'elles o já mencionado ex-provincial frei José Pereira de Sant'Anna, que os educou com a mesma relaxação, com que foi educado, de que já tem dado bem tristes provas, que deixo para o seu proprio logar.

Seguiu-se o capitulo futuro para que tinha vindo nomeado presidente frei Innocencio do Desterro ; e sendo todas as minhas recommendações que se fizesse com socego, e que se escolhesse o mais digno, satisfizeram-me na primeira parte, mas na segunda não, porque sahio provincial o actual frei João da Costa, que na séde antiga de governar, e no espirito de parcialidade não excede, porque não pôde exceder, o chefe do contrario partido frei Bernardo de Vasconcellos. Pouco lhe importou, que eu lhe dicesse, que era intoleravel a relaxação, em que se achava a sua provincia ; que elle devia cuidar eficazmente em a reformar ; que para isso devia despir-se de todo o animo parcial ; que devia dirigir-se pela sua consciencia, e não pela vontade de frei Innocencio do Desterro.

### § 13

Não faltaram pretextos, e ainda aquellas apparencias de emenda, que lhe pareciam bastantes para me enganar ; porém na realidade seguiram-se as maximas de frei Innocencio do Desterro a todo o risco, escolheram-se para o governo os frades mais relaxados, com tanto que fôsem parciaesseguros, pozeram-se francas as licenças para longas moradias por fóra, destruíram-se as fazendas, dissiparam-se os rendimentos, e finalmente tudo tem sido desordem.

### § 14

Por isso em algumas das minhas cartas toquei de passagem na grande relaxação d'esta provincia, ao mesmo tempo que ameaçava ao dito provincial de que a havia de fazer presente a Sua Magestade, chegando até a mandal-o vir á minha presença com um frade, que tinha acabado de praticar uma desordem escandalosissima, para lh'a estranhar diante do seu mesmo prelado, que insensível a tudo continuava sempre os seus falsos protestos da eficaz emenda de tantas relaxações.

Entretanto me constou por acaso, que, tendo Sua Magestade solicitado um breve para a reforma da ordem

do Carmo em Portugal e seus dominios, o reformador apostolico frei José Caetano de Souza tinha nomeado por seus commissarios n'esta provincia, em primeiro logar frei José Pereira de Santa Anna, e em segundo frei Innocencio do Desterro Barros.

### § 15

Lá se lêo no convento essa patente do dito reformador apostolico, lá tomou posse o commissario nomeado em primeiro logar frei José Pereira de Sant'Anna; e depois por mera cerimonia, e pela necessidade, que havia de ter, dos despachos necessarios para passar á visita da provincia, é que me veio dar parte o dito commissario reformador da sua commissão, em que lhe desejei as maiores felicidades, e lhe clamei do mesmo modo que ao provincial, por excesso de um zêlo já importuno, sobre as desordens da mesma provincia, assentando que devia fazer o meu officio, ainda com quem não era capaz de fazer o seu.

Depois do que tenho dito, e do que tenho para dizer no seu logar proprio, dos dous nomeados, que esperanças me podiam ficar de similhante reforma? E que conceito posso eu formar a este respeito do reformador frei José Caetano de Souza, que escolheu estes seus delegados? Porque ou o dito delegante os conhecia, ou não. No primeiro caso, que malicia nomear para a reforma de uma provincia estragada e perdida aquelles mesmos frades, que mais a perderam e estragaram, quando tiveram o governo d'ella, como si o titulo de reformadores os fizesse differentes homens! No segundo caso, que imprudencia, confiar uma das maiores occupações, e a mais pesada carga sobre hombros, de cujas proporções não tinha a precisa e indispensavel informação!

Com a dita patente appareceu juntamente uma carta de contemporisação, em que o reformador apostolico frei José Caetano de Souza segurava ao provincial frei João da Costa, que o seu intento não era prival-o pela reforma do uso da jurisdição, que tinha como provincial.

## § 16

Por isso governada assim a provincia por duas cabeças (e más cabeças) appareciam disposições encontradas, e cada um dos frades se aproveitava da que lhe era mais favoravel e mais benigna, conservando-se o provincial (a quem muito descontentava vêr outro, que acabava de ser seu subdito, collocado em logar superior, e absorvendo-lhe os primeiros cortejos de toda a provincia) arrimado aos theologos do seu partido, que affirmavam não ter o dito commissario reformador alçada alguma não só sobre o dito provincial, *mas nem sobre o mais regimen do convento, excepto dentro dos trinta dias da sua visita, quando fizesse exercicio d'ella.*

Na dita patente declara o mesmo reformador apostolico, que esta provincia se acha notada de relaxação na real presença de Sua Magestade, e recommendando a observancia religiosa, especialisa a do voto de pobreza, e outros quatro pontos, segundo minha lembrança, dos quaes um era a inteira prohibição das moradias fóra do convento, *nem ainda mesmo nas casas de seus paes.*

Em dous annos que durou a commissão d'esta reforma, principiada em Janeiro de 1781 e concluida em Janeiro do anno presente, não appareceu decisão alguma importante do dito reformador apostolico, antes sempre se mostrou surdo, e insensivel a muitas cartas do dito commissario, e de frades particulares, que, ainda que umas pouco exactas, e outras ditadas mais pelo espirito de parcialidade, do que por um verdadeiro zêlo, todas juntas davam bastante-mente a conhecer o estrago e relaxação da provincia, e mereciam providencia ou ao menos resposta.

Apenas mandou desempossar a frei Anastacio Furtado da preferencia sobre os doutores mais antigos por privilegio de doutor de Paris.

Apenas mandou liquidar a legitimidade da profissão de frei José de Jesus Maria Araujo, franciscano apparentemente transitado para esta provincia do Carmo, de quem direi em seu logar.

Apenas mandou informar sobre a legitimidade da profissão, tambem duvidosa, de frei Sebastião Barrozo, de quem igualmente direi.



Apenas finalmente mandou uma notavel decisão em carta sua, que foi lida em plena communidade, convocada a son de campa tangida, na qual, entre recommendações geraes da observancia religiosa, mandára expressamente usar todos os frades da côr parda nos habitos ; « por quanto, dizia elle, se tem assentado que a côr dos habitos deve ser parda.»

N'estes termos bem claro fica, que, sendo a reforma tão restricta á relaxação tão ampla, os poderes do delegado tão limitados, os do delegante reservados em si mesmo e sem uso, ainda a ser o commissario reformador um homem tal, qual pediam as circumstancias, pouco ou nada poderia fazer, ao mesmo tempo que grandes queixas só se curam com grandes remedios.

### § 17

Os que lhe applicou o dito commissario reformador, frei José Pereira de Sant'Anna, foram fazer despir as cellas de todos os moveis, que lhe pareceram preciosos, como cadeiras de jacarandá, camas e papeleiras, sendo a do provincial aonde se cumprio com mais necessidade a dita reforma, por sera mais enfeitada de toda a provincia, ao mesmo tempo que deixou entregues á administração e direcção dos frades os seus sitios, engenhos, escravos, e e o avultado peculio, que alguns possuem, sendo elle mesmo um d'estes, que tem um sitio em Irajá com escravos, que n'elle trabalham, administrado no seu proprio nome.

Bem se vê ser o dito commissario reformador um homem superficial, que se contenta com emendar o erro na parte mais facil, deixando em esquecimento a necessaria apprehensão e confisco de tão avultados peculios, para os annexar em observancia das leis da religião ao commum dos respectivos conventos, onde taes frades eram moradores ; e como si elles fôsem uns compostos e religiosos homens, a quem só faltassem as menos attendiveis formalidades desta regra, foi descobrir nas constituições o delicado ponto de que trouxessem os ditos frades os sapatos com botões, ou outra similhante ligadura em lugar das fivelas de ferro, de que até aquelle tempo usavam.

Mandou desornar e desenfeitar os particulares escravos dos frades, e que estes se abstivessem dos escandalos quotidianamente commettidos na capella dos terceiros ; mas, como homem, tanto se não affligio por se vêr desobedecido n'esta materia, que nem empregou a sua autoridade para constranger os rebeldes á observancia d'esses poucos capitulos da reforma, que elles infringiam.

Passou voz de que se recolhessem os frades para os seus conventos ; mas esta ordem não se entendeu com os antigos moradores do seculo : não vieram para dentro nem os frades escandalosos moradores nos campos dos Goitacazes, aonde não tem convento, de quem direi no seu lugar, nem frei Miguel Antunes, nem frei Cosme Velho de São José, nem frei Ignacio Cunha, nem frei Matheus Nascentes, nem frei Sebastião Maria de Matos, nem frei Francisco de Santa Izabel e outros, os quaes depois da reforma continuaram as suas moradias, como dantes, nos seus respectivos sitios ou fazendas, aonde se conservaram pacificamente.

### § 18

E' verdade, que um antigo morador fóra do claustro frei Luiz Duque, de quem direi a seu tempo, foi recolhido para este convento em virtude da reforma, e me persuado que o tal commissario reformador, contente com haver recolhido o dizimo d'esses esquecidos frades, não quiz passar á inteira colheita dos que devia congregar. Aliás falava, que não queria muitas licenças, mas era benigno em concedel-as indiscretamente, além das que dava o provincial, como deu novamente ao dito frei Luiz Duque, apezar da reforma, e em virtude da sua jurisdição escrupulosamente conservada.

Partio para a visita todo cheio do seu grande titulo de visitador geral apostolico e commissario reformador com grande comitiva, e bastante despeza da arrastada provincia ; e é certo, que fez recolher a alguns frades dispersos, como já toquei ; que restabeleceo o coro ha muito tempo deserto no convento da capitania da Espirito-Santo ; que levantou vias sacras nas fazendas de alguns

conventos; e que erigio em todos elles a devoção de Santa Barbara, collocando imagens á custa do seu particular peculio : mas estas obras, ainda que louvaveis, são as unicas, que pude descobrir para fazer especial menção do bom, como do máo.

### § 19

Passou pelos campos, e contentou-se com as frivolas desculpas dos frades, que ali residiam fóra do claustro, para os não obrigar a recolher-se n'aquella occasião, em que era testemunha dos seus escandalos : um d'elles frei Salvador Pessanha, de quem direi no seu logar, depois de o satisfazer com promessas de futuro, conseguiu immediatamente do provincial quatro mezes de licença, demorou-se mais cinco á sombra de molestias, que ou não tinha, ou o deviam apressar para a enfermaria do seu convento, e no fim de nove mezes é, que cumprio as promessas á viva força de diligencias repetidas do bispo d'esta diocese, perante quem eram frequentes as queixas contra aquelle frade.

Ultimamente, depois de conhecer na provincia, elle mesmo commissario reformador relaxadissimo, muitas relaxações; depois de deixar impunidos crimes, que elle mesmo refere; depois de tirar, ou fazer tirar devassas, que nem bem se sabe si existem, mas sim que haviam n'ellas culpados, se recolheu a este convento do Rio de Janeiro, onde vio com a maior tranquillidade e de sangue frio a manifesta infracção d'esses poucos pontos da sua reforma, e encantado com a das fivelas de ferro convertidas em botões de coiro, e dos moveis de jacarandá mudados em outros de menos estimação sua, sem achar que punir no provincial e no prior, antes desfazendo-se em louvores e criminosos elogios, especialmente com o provincial, de quem dahi a meia hora passou a ser subdito; fechou a sua visita e reforma em Janeiro d'este anno de 1783, cantando o *Te Deum laudamus* com as suas mãos elevadas para o céu, e com uma paz de espirito emquanto ao exterior, qual teria um dos mais perfeitos abbades do quarto e do quinto seculo da igreja.

## § 20

D'este modo acabou a reforma antes de principiar, e unicamente servio de acrescentar despezas inuteis, e aliás prejudiciaes aos muitos credores da provincia, e de dar maiores forças á relaxação dos seus individuos mais autorisada e condecorada pela reforma.

O reformador apostolico em uma das suas ultimas cartas, em que se mostrou insensivel á mesma relaxação, mostrava grande sentimento de que não houvesse maior numero de frades, a quem se communicasse, porque só a escreveu com o fim de participar, que não tinha podido conseguir licença de Sua Magestade para a recepção de noviços, que tinha procurado, pelas *sinistras* informações que de cá tinham ido.

## § 21

Nada julga, e nada decide sobre as desordens de uma provincia, cujo exame, e cuja emenda está commettida á sua consciencia, e só se occupa em julgar temeraria e precipitadamente, sem autoridade, sem conhecimento, sem razão, sem caridade, das minhas informações.

Não desestimarão os frades n'este elogio um exemplo para caracterisarem as minhas acções a seu respeito com igual modestia religiosa á do seo autorisado superior, nem eu posso deixar de desvanecer-me de ter por inimigos os da religião juntamente. Os que conto n'esta provincia poderão chegar ao numero de 161, e de cada um d'elles (excepto coristas e leigos), digo o que entendo, ou pela propria experiencia, ou por informações dignas de credito na relação, que vai debaixo do numero 5.

## § 22

Da devassidão de costumes de alguns remetto a prova na certidão, que vai debaixo do numero 6, e estender-se-ia a muitos mais, si o que se soube por acaso d'aquelles, se procurasse indagar de uns, provar de outros, e fossem todos conventuaes n'este convento do Rio de

Janeiro. Das longas moradias por fóra de muitos apresento a certidão extrahida dos seus proprios assentos nos livros da sacristia, que vai debaixo do numero 7, que comprehendiria muitos mais, si não parecesse abreviar só com o necessario a dita certidão.

D'estes documentos se pôde conhecer bem, si são *sinistras* as informações, que tem ido do Rio de Janeiro.

### § 23

Bem quizera eu, que me não fosse necessario tratar tão largamente de materia tão fastidiosa; porém como estou firme no sistema de informar a Sua Magestade completamente, como o entendo, de qualquer materia, que não dependa só das minhas providencias, para que a mesma Senhora com pleno conhecimento as possa dar, como fôr servida, sou obrigado ainda a demorar-me n'esta conta, que pareceria quando não *sinistra* muito impertinente a frei José Caetano, mas que o não é para quem não quer faltar á sua obrigação, ainda que desagrade aos outros; nem deixar de tratar de cousas essenciaes só porque obrigam a uma narração muito extensa e a um trabalho muito impertinente; por isso vou agora expor a Vossa Excellencia como um dos motivos da relaxação mais exaltada são os abusivos privilegios, que só servem de promover a mesma relaxação.

Bem que as leis da provincia não destinem aos que acabam de provinciaes algumas prerogativas e izenções do officio divino e serviços competentes da communiidade, succede muito infelizmente, que os ditos ex-provinciaes se têm arrogado o irrisorio privilegio de pregadores d'el-rei de Espanha, e com esta exotica invenção, que nem bem se entende, e de que não apparece origem boa ou má, estejam no abuso de gosarem os privilegios dos de 50 annos de religião, seguindo as communiidades pelo ditame das suas relaxadas consciencias, tendo aliás forças que se não devem equivocar com as debilidades dos velhos, a que procuraram as ditas leis attender.



## § 24

E porque taes e tão indignos privilegios são uns fortes incitamentos para os maos religiosos, que, unidos com os seus santos instituidores muito escrupulosamente na figura e côr do habito, e outras formalidades, que os não podem fazer melhöres nem peiores, e separados quanto é possível dos seus exemplares e santos comportamentos, querem nos claustros inventar, ou renovar quimericas e pecaminosas distincções: succede, que, para haver a posse de taes privilegios e izenções, não duvidem invadir todas as leis ecclesiasticas e civis, com tanto que subam o degrão originario de tanta fortuna.

Vistas as constituições da ordem p. 1.<sup>a</sup>, capitulo 19, paragrafos 11.<sup>o</sup> e 12.<sup>o</sup>, e o decreto de Clemente Oitavo sobre a reforma dos regulares, que vem no fim das ditas constituições, como parte d'ellas, bem claro fica quaes são os legitimos privilegios, que se concedem aos necessitados e não aos vadios; bem se vê, que estão obrigados ao côro mestres doutores, e ainda prelados; bem se vê, que a izenção, que dão aos lentes e pregadores é nos dias impedidos da sua leitura e pregação. Izentam depois aos enfermos e valetudinarios; e querendo attender aos velhos, izentam sómente de côro noturno aos que já contam 50 annos de idade e 30 de habito *consumidos no serviço da religião*; izentam até do côro diurno (excepto das missas cantadas, vespers quotidianas e completas nos sabados, e vigalias das festas de Nossa Senhora) aquelles velhos, que, tendo completado 60 annos de idade, tem vivido 40 na religião *louvavelmente*; izentam ultimamente, ou para dizer melhor, não obrigam mais ao côro os velhos com 50 annos de religião, deixando ás suas consciencias o ir a elle, quando poderem: e esta é a izenção que tomaram para si os ex-provinciaes, como fica dito.

## § 25

Mandam além d'isto, que, não obstante qualquer privilegio, se descrevam e notem em uma taboa commun

ou lista aquelles que por turno devem occupar-se no serviço da communidade; para que todos sirvam igualmente, e não izentam sinão aos mestres doutores, lentes actuaes, pregadores actuaes; e aos que tiverem 40 annos de religião.

Não obstante toda esta clareza e distincção, com que assim se explicam as leis, gozam os ditos ex-provinciaes os privilegios, que ellas dão á maior antiguidade na religião, e si podessem haver outros maiores, com elles se contentariam.

### § 26

Não são obrigados a estar presentes aos louvores de Deus, e si algumas vezes apparecem em grandes solemnidades, é para se mostrarem ao numeroso concurso; não são obrigados ás missas intransferiveis de capelas quotidianas, e semanarias da obrigação do convento, como consta da certidão, que vai debaixo do numero 8; não entram na lista ou taboa geral dos assistentes aos religiosos seus irmãos moribundos nem mesmo na dos assistente ao santissimo sacramento exposto nas suas proprias igrejas; não são encarregados de sermões, nem de confissões dentro ou fóra do convento; não são obrigados á meditação e refeitório; em uma palavra são uns homens inuteis, carregando sobre os outros todo o peso da sua ociosidade, depois de haverem escandalosamente governado a provincia, e amontuado á custa d'ella e dos seus credores os peculios, com os quaes nada lhes falte para passar uma vida regalada.

### § 27

Eis aqui a origem das desordens, das simonias, e de todas as diabolicas maximas que se empregam para chegar a tanta felicidade, e a razão tambem, porque os provinciaes são os mais empenhados na conservação de tão criminosas regalias, por isso que cada dia olham para aquelle estado de respeito e commodidades, como para os dias do seu descanso depois das fadigas do provinciliado, que criminosamente buscaram, e mais criminosamente exerceram.

Como porém nem todos podem chegar á suspirada felicidade de serem provinciaes, na realidade inventou a relaxação as patentes de ex-provinciaes titulares, de mestres, e de presentados de pulpito com voto em capitulo, e de definidores perpetuos com voto tambem em capitulo, e em definitorio, desconhecidas inteiramente pelas constituições, mas muito importantes para os cabeças de parcialidade, porque por meio d'ellas conseguem os votos que lhes são precisos para o capitulo futuro, tendo da sua mão o provincial para passar as attestações falsas, que são necessarias do merecimento dos parciaes seguros no voto e toda a facilidade de conseguir as ditas patentes de Roma, ou do nuncio de Sua Santidade por algum dinheiro. D'este modo vem a supprir infelizmente a riqueza do peculio no definidor perpetuo a escrupulosa diligencia do escrutinio, que as leis recommendam para a eleição dos quatro actuaes, escrutinio corroborado com o formidavel juramento d'estas palavras «Pelas entranhas de Nosso Senhor Jesus-Christo, que me ha de julgar, elejo aquelle que segundo a minha consciencia tenho por melhor, e mais capaz»; e é bem arriscado, que esses definidores perpetuos, que não foram elevados com tanto escrupulo, o não tenham na eleição dos priores e subalternos capitulares, de quem tanto depende a regularidade da provincia.

### § 28

Estes definidores perpetuos tambem são izentos do serviço da comunidade, e assim como os ex-provinciaes reaes e titulares, definidores actuaes, definidor-geral, custodio, vigario provincial e secretario do provincial tem o privilegio de sahir á rua sem pedir licença nem ao prior nem ao provincial, tendo-a na manga (como se explicam) para sahir ou sós, ou com companheiro de manhan, de tarde, ou por todo o dia, sem que se participe ao dito prior a ausencia não só do definidor, mas ainda do seu companheiro, com quem quiz repartir do seu privilegio, apezar do voto de obediencia, com que professaram, ao menos para o dito prior supprir a falta, e dar por ella as providencias necessarias.

Daqui vem ajuntar-se dinheiro por todos os caminhos para ter com que comprar o privilegio que mais agrada, multiplicarem-se as diligencias mais escandalosas para conseguir a izenção que mais se deseja, e povoar-se a provincia d'estas alforrias da vida e obediencia religiosa, sem haver n'ella um só frade, que clame, ou se queixe d'esta desordem, por quanto todos pretendem esta felicidade, e influídos na diligencia de a conseguir, ficam cada dia mais attentos para si, e mais descuidados dos outros: cuja posse de taes definitorias só serve de estimular mais e mais a sede dos pretendentes, a quem não podia fazer conta que se fechasse a porta de tanta felicidade na esperança de a alcançar algum dia.

### § 29

Não ha muito tempo que chegaram mais algumas d'estas patentes remettidas e mandadas cumprir pelo reformador apostolico, que devia ser o mais cuidadoso em destruir similhante abuso, e aqui se esperam outras muitas; para o que se tem remettido dinheiro, desejando-se que o actual nuncio de Sua Santidade seja tão liberal em as conceder, como seu antecessor.

Tambem gozam de um quasi privilegio de definidor, pelo que respeita á licença na manga para sahir á rua sem a mais leve noticia dos prelados, o socio de Roma e o amanuense da provincia por moderna introdução, assim como o que acaba de secretario do capitulo; termos em que, suposta a multidão de todos os sobreditos privilegiados, fica o prelado local, (a quem pelas leis devem todos os frades de qualquer gráo ou condição que sejam pedir licença cada vez que lhes fôr preciso sahir fóra do convento, e receber d'elle um companheiro nomeado), com um pequeno rancho de subditos para mandar e governar, ao mesmo tempo que deve sustentar e curar a um grande numero de privilegiados, que para nada lhe podem servir.

### § 30

Por isso succede frequentemente, que, levando os ditos privilegiados comsigo para fóra alguns frades

obrigados a todo o côro, que á proporção são muito poucos, ficam no mesmo côro meia duzia d'elles entrando ainda os coristas, e tem succedido acharem-se quatro por junto, ao mesmo tempo em que a despensa e refeitório faz quotidianamente provimento de 60, 70, ou mais porções para os frades do convento.

Além d'estes, os mestres doutores e presentados de cadeira, e á sua imitação a innumeravel chusma dos mestres fantasticos de pulpito, e dos fantasticos presentados de pulpito, gozam todos sem discernimento e distincção alguma das izenções já referidas concedidas aos velhos, que tem vivido 40 annos *na religião loucavelmente* como si estes mestres e presentados fossem uns homens muito cançados no serviço da provincia, a quem se devesse toda contemplação.

### § 31

N'ella, quanto a mim, talvez não ha um só, que merecesse sequer o titulo ; mas ainda assim ineptos, ou pelo menos muito ignorantes, como eu os vejo, estão empavezados e habilitados, segundo a presente disciplina, para provinciaes, não obstante as constituições não quererem que o sejam sinão mestres, ou ao menos aquelles que são habéis para o ser, e assim mesmo o foram frei Matheus Nascentes e frei Antonio das Chagas Terra, estão igualmente admittidos para presidentes de capitulo, como o foi frei Fernando do Monte Carmello Silva até ao dia da sustação do que se devia celebrar em 10 de Maio proximo precedente, e o tem sido outros.

Daqui se segue desanimarem na carreira dos estudos outros frades, que, vendo diante de si dois caminhos, mas que ambos vão dar ao mesmo termo, deixam o da fadiga e do trabalho, para marcharem pelo da indulgencia e mais trilhado, que é o de ajuntar oiro para a compra de taes patentes, sem o detrimento de soffrer por igual premio defluxos asmaticos, e outras chronicas enfermidades no fundo de uma cella, como succede aos estudiosos. Segue-se, que muitos mestres doutores marcharam para o ser pela estrada das sciencias tão tibios e contentes com tão



pouco, como quem se satisfazia e satisfaz não de ser verdadeiro mestre, mas de exceder simplesmente aos fantasticos.

### § 32

Segue-se, que, augmentando d'este modo o numero dos que gozam o privilegio de quadragenarios, e havendo aliás na provincia legitimos quadragenarios e quinquagenarios infermos, valetudinarios e ausentes das suas conventualidades, dos quaes uns tem a izensão da lei, e outros legitimo impedimento, fica o côro deserto e entregue a poucos sacerdotes moços e coristas, que, em lugar de rezarem devotamente, murmuram de ser os unicos que cumprem esta obrigação, da qual procuram livrar-se a toda a pressa, e com toda a indecencia possivel.

### § 33

Segue-se mais haver nos prelados tanto maior franqueza de licenças, quanto mais são devidas á grande autoridade de taes homens, e grande vontade de as conceder largas a umas pessoas, que o convento sustenta, recebendo d'ellas tão pouco serviço, para ficar alliviado de carga tão pesada.

Já por causa de semelhantes desordens mandou o geral da ordem frei Joaquim Maria Pontalti declarar por actas, que remetteu para esta provincia, que abolia para todo o sempre as patentes de mestre de pulpito, como irrisorias e injuriosas a toda a ordem, e que emquanto aos presentados de pulpito deveriam, para o ser, prégar doze annos consecutivos *com credito da religião*, e depois d'isso passarem pelo rigoroso exame e prova da legitimidade da sua sciencia *in re prædicabili*, o qual exame devia fazer-se similhantemente ao *probativo*, que se faz dos mestres antecedentemente ao doutoramento.

Publicaram-se as ditas actas em plena communnidade e foram aceitas, e depois registadas no livro competente da provincia, mas não tem sido observadas pelas razões já referidas; e para que nunca o possam ser, foram arrancadas,

ha tempos, as folhas que as continham (dizem que por frei Innocencio do Desterro) e apparece o dito livro truncado no numero da rubrica no principio da pagina, e nem se acham os originaes no seu logar competente, posto que se sabe, que se conservam ainda as duas vias com assignatura e sello do dito geral, uma na mão do dito frei Innocencio do Desterro segundo se diz, e a outra na de frei José Pereira, que acabou de commissario reformador, havendo todo o cuidado de se lhe occultarem, fingindo-se perdidas.

### § 34

Era bem necessario, que todos estes privilegios se abolissem, ficando cada um sómente com aquelles arbitrados prudentemente pelas leis geraes, e competentes á sua graduação e idade, cessando de uma vez as desordens referidas, e a injustiça com que muitos velhos se vêem preferidos e presididos, por alguns rapazes, que, não tendo outro merecimento do que o ter mandado dinheiro para Roma, e encontrado ali ou em Lisbôa mais diligente procurador, d'este modo possuem socegradamente o fruto da honra devido ao merecimento alheio.

Falo do merecimento da maior antiguidade da religião, porque outro difficultosamente se pôde achar nos frades d'esta provincia. Ella, além de se ter feito um objecto de escandalo para todos, de nada serve ao publico pela summa ignorancia e preguiça dos seus individuos, que sempre acham meios para se conservarem n'ellas com toda a tranquillidade. Logo que professam, o seu empenho todo é ordenarem-se sem preparo, nem estudos alguns; porque o seu fim unico é terem um officio, que lhes renda uma pataca por dia, vencida em um quarto de hora.

### § 35

Raro é o que o pôde conseguir n'este bispado, porque é rarissimo o que se acha capaz de dar conta do exame, a que o bispo manda proceder para isso, com a devida exacção; porem tem-lhes deparado a desgraça na capitania de São-Paulo outro bispo bem diferente, que o que quer é fazer numero de afilhados á custa da sua consciencia e da alheia.

## § 36

Os prelados da provincia da Conceição da ordem de São Francisco padecem uma perturbação fortissima no governo da mesma provincia, e conventos do distrito d'aquelle bispado; porque todo o frade perdido e relaxado d'ella se vale d'aquelle prelado, e n'elle acha um patrono mais certo e mais eficaz; e si os ditos prelados fossem tão condescendentes com a vontade do mesmo bispo, como os do Carmo, teria eu sido mais cêdo obrigado a pôr na real presença essa desordem, em observancia das ordens que tenho de Sua Magestade a respeito da mesma provincia.

D'este modo pouco importa aos frades do Carmo, que o bispo d'esta diocese seja incapaz de admittir a ordens indignos carmelitas; fazem-se logo conventuaes em algum dos conventos da capitania de São-Paulo, e em brevissimo tempo apparecem celebrando o santo sacrificio da missa na igreja do Carmo do Rio de Janeiro, tão ignorantes e tão indignos como d'antes eram.

## § 37

O mesmo bispo assim o reconhece muitas vezes, quando assim os patrocina, e assim os ordena. De frei Manoel de Brito, a quem elle protegêo para entrar no numero dos vinte noviços, que ultimamente se receberam, e que ao depois ordenou com toda a promptidão, elle mesmo descrevêo a incapacidade pela valente figura de que *quando nascera tal frade, já trouxera ferraduras nos cascos*. De dois sacerdotes seculares, que acabava de ordenar, e de que me não constaram os nomes, igualmente expressou a ignorancia, dizendo que eram *dois excellentes machos para uma sege*. Com a mesma semceremonia fez parocos a frei João Monteiro, e frei Ignacio do Amaral, dos quaes digo no seu logar proprio. O segundo, que ainda assim não é tão indigno, como o primeiro, é paroco no alto da serra de Viamam, aonde o dificultoso recurso de algumas 80 leguas para o dito bispo, e falta de prudentes ecclesiasticos para o conselho,

requer que aquelles parocos sejam mais alguma cousa do que medianamente instruidos.

Conhecendo frei Ignacio de Almeida, professo no primeiro anno de frei João da Costa, a indulgencia, que havia em São-Paulo, de que muito necessitava a sua ignorancia, logo fingio necessidade de habitar clima mais frio, e conseguiu ir para o convento d'aquella cidade; mas, passados sete ou oito mezes de toda a sua ausencia, desde que sahio daqui até que voltou, apparecêo ordenado pelo referido bispo.

### § 38

Não tornou mais para São-Paulo, sim para a capitania sua patria, donde, fugindo sem que conste o motivo, veio para este convento do Rio de Janeiro em Dezembro passado, e ha algum tempo, que partio para capellão de uma embarcação para Angola; e eis-aqui como depois de ordenado pôde já com os calores insuportaveis em quanto era corista. O mesmo caminho seguiram outros dois coristas, frei Antonio do Amôr Divino, e frei Filippe de Jesus Maria Silva, e em pouco tempo foram convertidos de ignorantes em sacerdotes poraquelle indulgente prelado.

Não tem sido o provincial frei João da Costa insensivel a estes favores, nem o bispo de São-Paulo tão generoso, que não tenha pretendido a satisfação e pagamento d'elles. No anno de 1781 pediu ao dito provincial a aceitação para noviço de um famulo seu, que, sendo espurio, e filho de um sacerdote, entrou para a religião despendado por breve apostolico: chamava-se frei Joaquim Julio, e professando em Fevereiro de 1782, logo em Julho, sem mais merecimento que o da benção de seu padrinho unido ao poder de lhe conferir as ordens, cantou missa nova em dia de Nossa Senhora do Monte do Carmo, entrou logo depois no estudo de filosofia, que abriu em São-Paulo, rogado pelo provincial, e inculcado pelo dito bispo, o mestre frei Manoel Pinheiro de Santa Thereza Ribas, não já como simples collegial, mas como passante e presidente nas ausencias do mestre. Logo em Setembro

lhe encarregou o prior do convento, frei José Xavier, de quem digo no seu logar proprio, o governo da communidade nas suas ausencias, que eram frequentes, e por outras tantas vezes foram obrigados frades condecorados ali conventuaes, mestres, e de 40 e 50 annos de habito, a estarem sujeitos e subditos do professo de alguns mezes frei Joaquim Julio.

### § 39

Succedeu depois em Dezembro proximo passado vir o dito mestre Manoel Ribas a este convento do Rio de Janeiro, avisado pelo rovincial para tomar o grão de doutor, e immediatamente voltar para a sua cadeira; mas o bispo que já desestimava o dito seu inculcado mestre, por não se unir, quanto elle queria, com o seu muito estimado frei Joaquim Julio, não desperdiçou esta occasião de abater um para elevar o outro, interessando-se com o provincial para dar a cadeira, que tinha dono, a frei Joaquim Julio, a quem faltavam todas as circumstancias para mestre. Foi bem succedido, porque pediu uma cousa, para a qual os animos de frei João da Costa, e de frei Innocencio do Desterro, seu director, estavam o mais bem dispostos que podia ser, estimando muito achar este meio de causar enfado e mortificação ao dito frei Manoel Ribas, amigo do coração de frei Bernardo de Vasconcellos, e que ainda em cima era antagonista n'aquelle convento de São-Paulo do seu escolhido prior frei José Xavier.

### § 40

Com effeito contava o tal frei Joaquim Julio um anno de progresso em Fevereiro d'este presente de 1783, quando se vio elevado á honra magistral com bastante gloria sua, complacencia de seu padrinho, e vergonha do mestre frei Manoel Pinheiro de Santa Thereza Ribas, a quem o provincial nem se dignou dar uma leve satisfação pelo incompetente procedimento, que tivera em taes circumstancias, esquecido já de que fôra elle mesmo o que rogara o dito frei Manoel Pinheiro de Santa Thereza



Ribas para aceitar uma leitura, que lhe não era mais necessaria; de maneira que se houve pelo contrario com tal silencio que frei Manoel Ribas só o soube por aviso que se lhe fez de São-Paulo, em que se lhe participava, que se abriria novo curso de philosophia pelo novissimo mestre frei Joaquim Julio com os mesmos discipulos d'elle Manoel Ribas ; ficando aliás o principiado por este, e defendido publicamente até a logica, truncado e deixado como nullo e sem prestimo, para multiplicar em uma só desfeita muitas desfeitas.

#### § 41

Além d'isto é bem sabido, que dois indomaveis coristas, frei José Alves e frei João de Santa Barbara, tendo feito muitas e furtivas sahidas noturnas do convento d'esta cidade, disfarçados em marinheiros, e tendo o valor de industriosamente saltar o muro, que deita para detraz do Carmo, e voltar de madrugada dos seus escandalissimos divertimentos, foram enfim encontrados pelo prior e alguns frades na occasião em que se recolhiam pelo mesmo muro ; e clausurados em uma cella do dormitório mais alto, fugiram por uma janella, que se não acautellou, para os telhados da caza visinha, e foram parar ao mosteiro de São Bento.

E' bem sabido, que depois vindo de lá foram recolhidos ao carcere, onde estiveram até serem embarcados ambos para Santos, para haver de ficar um ali, e outro subir para São-Paulo. E' bem sabido, que este facto foi assáz estrondozo até entre os seculares, que testemunharam o acrescentamento, que se fez, de covado e meio por todo o dito muro em confirmação de tão escandalosa novidade, a qual me faz crer, que os ditos coristas por modernos não sabiam ainda bem as sahidas do convento, para sem tanto incommodo as fazerem pelas portas accusadas na certidão, que vai debaixo do numero 6, ou que aquellas clandestinas sahidas estão talvez reservadas para os frades mais graduados do convento.

Para tudo acharam remedio os pobres coristas em São-Paulo; por que quanto a frei João de Santa Barbara,

temendo no convento alguma prorrogação da pena de carcere principiada n'este do Rio de Janeiro antes de recolher-se á sua conventualidade, se foi apadrinhar com o bispo, que, concedendo-lhe a sua amplissima benção, não só o livrou de todo o castigo, mas conseguiu do provincial o premio de ser admittido ao estudo de frei Manoel Ribas, premio bem contrario n'este caso ás leis da religião.

### § 42

Logo o indigno prior d'aquelle convento, seguindo tão autorisado exemplo, dêu licença a este louco rapaz para ir dar novo exercicio á sua depravação na fazenda de Itacica com o motivo de ir tomar leites para umas sarnas, que no retiro deveriam ter a melhor cura. Então o dito bispo, parece, que, ainda pouco satisfeito com o premio alcançado para o dito corista, intentou ordenal-o até subdiacono, por quanto não tinha idade para mais : e é esta a unica condição, que o dito prelado parece, que attende sómente, sem se embaraçar com a sciencia ou costumes, por quanto os do dito rapaz acabavam de mostrar-se excessivamente maus.

### § 43

Com effeito ordenou-o até subdiacono, e pretendia passar adiante nas temporas de Junho d'este presente anno de 1783; porém o travesso rapaz, intempestivamente saudoso da largueza da fazenda de Itacica, foi antes dos tres dias santos da festa de pentecostes pedir licença ao presidente do convento, a qual sendo-lhe negada, não se embaraçou com isso, montou em uma egua em osso, e marchou para a dita fazenda ao seu divertimento. Acabado elle no fim dos dias santos, temendo a consequencia da fuga, tornou a valer-se do bispo, que lhe não quiz falar, mas remetteo ao convento para que o absolvessem da censura.

### § 44

Consta-me, que o mandou chamar para o reprehender, e que o fizera asperamente, não o admittindo com

effeito a ordenar-se diacono nas temporas subsequentes aos referidos dias santos, não tanto talvez por fugido da religião, como por apostata da vontade do estimado frei Joaquim Julio, que supponho o presidente do convento, que lhe negara a licença; mas ainda assim vai continuando o estudo, como si este segundo crime não fosse um dobrado titulo para o arredar d'elle inteiramente.

Quanto ao outro réo frei José Alves, ficando em Santos, e dando lá com um mão prior, seu contraparente, entrou a continuar na sua dissolução e libertinagem até intra claustra, fazendo além d'isso frequentissimas e innumeraveis sahidas noturnas para entreter-se com as suas devassidões até chegar a cousa ao ponto de que, fugindo um escravo d'aquelle convento, para evitar o castigo com que o ameaçava o prior, foi apadrinhar-se com o general de São-Paulo, pedindo-lhe o remetteste para Santos perdoado ao dito prior, que o queria castigar, porque (dizia elle) havendo em Santos aquelle corista, que costumava todas as noites sahir para fóra aos seus divertimentos, e pôr a elle dito escravo encarregado de vigiar, e abrir-lhe a porta de madrugada, tendo faltado por causa do somno, e achado o dito corista a porta fechada, seguiu-se daqui principiar a sua colera contra elle, e indispôr o dito prior para castigal-o, visto que não podia fazel-o por si mesmo.

Entretanto vivia o bispo de São-Paulo, aonde foi publico este caso, desasocegado para ajuntar no convento d'aquella cidade os dois réos, e por isso não cessava de pedir ao provincial a remoção do dito frei José Alves para ser tambem admittido ao estudo, assim como o tinha conseguido para frei João de Santa Barbara.

### § 45

O que sei é, que o dito frei José Alves não esperou a decisão do provincial: fugio de Santos para São-Paulo (e abi vai uma segunda fuga) onde se acha collegial de filosofia, tendo tantos e tão dobrados titulos para ser excluido, porém com grande satisfação do seu

protector, que lhe conseguiu não só o perdão da fuga, mas também a admissão para o estudo.

Sei também, que o dito bispo leva por diante os seus imprudentes empenhos, porque agora me consta, que mandou pedir ao provincial duas patentes para dous coristas, que quer ordenar sacerdotes. Um d'elles é o dito frei José Alves, o outro é um pobre homem, que entrou no triennio passado para a religião quasi com 40 ou mais annos de idade, e se chama frei Antonio de Santa Thereza, o qual, sendo abundante por este lado, é totalmente esteril pelo lado da sciencia, e preciso conhecimento até da lingua latina.

#### § 46

Succedeu que frei José Pereira, seu parente, indo á visita da sua chamada reforma, levou comsigo o dito corista, que, pelo não querer acompanhar mais, fugio para o mosteiro dos bentos em São-Paulo na occasião da retirada, que o dito visitador fazia d'aquella cidade; e logo, protegido pelo dito bispo, foi remettido para o de Carmo, onde se conservava esperando com viva fé d'aquelle prelado depois de lhe dar as ordens sem decencia, o mesmo que de frei Manoel de Brito.

#### § 47

O provincial, que tem ameaçado muitas vezes o dito corista de que o ha de pôr no estado de leigo pela sua ignorancia, ha de ser o mesmo que não ha de faltar ao empenho do bispo, coadjutor da sua relaxação, mandando-lhe as duas patentes que pede, para o que já me consta se acha propicio e muito favoravelmente disposto.

Era bem necessario, que todos os frades ordenados pelo bispo de São-Paulo fossem suspensos do exercicio de celebrar, procedendo-se logo a exame, pelo qual se decidisse, si devia continuar a suspensão, ou levantar-se; importando bem pouco que houvessem de menos essas poucas missas nas igrejas do Carmo, e importando muito

que se separassem do altar sacerdotes indignos por falta de sciencia e de bons costumes : e é bem digno de reflexão e de lastima para se lhe dar o remedio, que havendo n'aquelle bispado de São-Paulo tres conventos e um hospicio da provincia do Carmo, e seis conventos e tres aldeias da provincia da Conceição, achem os frades ali conventuaes n'aquelle mesmo, que devia ser o fiscal dos seus costumes e observancia religiosa, um protector das suas maldades, e um certo refugio das suas relaxações.

#### § 48

Sendo d'este modo praticados os louvores de Deus no côro e no altar das igrejas do Carmo d'esta provincia, é igualmente mal servido o publico no pulpito e no confissionario por estes ociosos frades. Rarissimo é o que apparece na sua igreja prompto para confessar nos dias das maiores solemnidades, e em todo o tempo da quaresma; muito mais raro ainda o que quer ir dar este exercicio á sua profissão fóra do convento, posto que seja chamado do moribundo mais afficto.

Cheios dos seus decantados privilegios os que tem licença para confessar, concedem por favor aquillo que tem de obrigação; mas este mesmo favor só é concedido á amizade e á autoridade, não se entende aos pobres de Jesus Christo: os outros, contentes tambem com o privilegio geral da sua ignorancia, e bem satisfeitos de que esta os não prive do rendimento da missa, cuja aquisição é o unico fim do seu estado, n'ella se conservam socega-damente, temendo o exame e desprezando tudo o mais.

#### § 49

Para que Vossa Excellencia assim o conheça, remetto debaixo do numero 9 a relação dos sacerdotes d'este convento com distincção dos approvados, e dos que o não são, e por ella verá Vossa Excellencia, que, chegando por todos ao numero de 77, destes, 60 não são approvados, ficando apenas 17 que o são; advertindo que esses 17 o são, não porque fossem ao exame sinodal, mas porque o



bispo quiz ter com elles uma particular attenção pela razão de serem mestres catedráticos, e com o prior actual do convento, frei José Finza, pelo seu logar de prior: apparecem além d'estes dois approvados, o primeiro frei Simão Sodré, a quem dura ainda a licença, que tinha na provincia da Conceição, da qual transitou, ha pouco, para esta do Carmo: o segundo ignorantissimo frei José Pereira de Santa Thereza, que, tendo por patrono a frei João Coronel, examinador sinodal, foi a exame em o occasião em que o bispo se achava impedido de assistir, e conseguiu, que os mais examinadores se confiassem mais n'aquelle patrono do dito approvado, do que elle merecia.

Tambem é para advertir, que dos ditos 17 approvados não percebe a santa igreja os serviços, que elles lhe devem, porque muitos d'elles se acham izentos de ser mandados confessar, ou pregar dentro ou fóra do convento: donde vem, que voluntariamente é, que elles confessam mais ou menos pessoas, conforme lhes parece, como já tenho exposto.

#### § 50

Todos os mais frades não mestres de cadeira, os quaes são os mestres e presentados de pulpito, e os simples sacerdotes não estão approvados, porque não querem ir ao dito exame sinodal, nem ha prelados, que os obriguem a isso, deixando livremente que esta grande multidão de vadios passe a sua vida ociosa com escandalo e detrimento dos fieis.

Igualmente é para admirar, que os mesmos que conseguiram e gozam os privilegios de mestres e presentados de pulpito, nunca subam ao mesmo pulpito, e bem fundada é a conjectura de que foram falsas as attestações que lhes passaram os provinciaes, para haverem as patentes de taes privilegios, as quaes, e todas as mais constam da certidão, que mandei passar dos proprios livros de registro, com a distincção do tempo em que foram alcançadas, para se vir no melhor conhecimento de tudo o que tenho dito a este respeito, e vai a dita certidão debaixo do numero 10.

## § 51

Era bem necessario, que todos os sacerdotes frades do Carmo, que não quizessem examinar-se para confessores, fossem privados de dizer missa, e que aos que quizessem, se lhes assignasse tempo conveniente para se prepararem debaixo da mesma pena, a imposição da qual parece o unico meio de os obrigar a algum estudo, faltando-lhes a pataca por dia, com a qual se consolam e contentam da sua ignorancia; e que entretanto dos approvados, por mais privilegiados que fossem, estivessem sempre de dia e de noite ao menos dois promptos para sahirem ás confissões a que fossem chamados, sem distincção alguma das pessoas a que fosse necessario aquelle socorro espirital.

Mas si é tão grande a relaxação dos frades d'esta provincia nos conventos e nas cidades mais povoadas, que succederá nas fazendas do commum e dos particulares, onde um só frade, senhor das mesmas fazendas e das suas acções, entre escravos de um e outro sexo, que d'elle dependem unicamente, não encontra a mais leve sombra de embaraço para a livre satisfação das suas paixões? Todos estes frades fazendeiros são escolhidos muito á vontade de quem governa, e obrigados a pagar ao provincial e ao chefe da parcialidade, que ali os pozeram, a dispensa dos tres votos com que professaram, em repetidos presentes á custa da fazenda que administram, se querem a sua conservação; por isso, sendo aliás muitas e boas as fazendas da provincia, d'ellas pouco ou nada vem para o commum, e excede sempre, ou quasi sempre á receita a despeza, de modo que os conventos estão empenhados, ao mesmo tempo que aos frades falta tudo o necessario.

## § 52

Na certidão, que vai debaixo do numero 11, achará Vossa Excellencia o excesso da despeza á receita, que tenho dito, e encontrará tambem dever este convento do Carmo do Rio de Janeiro 26.675<sup>5</sup>/<sub>100</sub>427réis, ao mesmo

tempo que só é credor a 2.536.7000 réis, e ainda me consta, que ha varias execuções por dividas, que como illiquidas se não acham ainda lançadas no livro, de que foi extrahida a dita certidão.

Apezar dos sufficientes e excessivos patrimonios, que pertencem a cada convento, tem chegado esta provincia, pelo notorio desmazelo dos provinciaes, priores e fazendeiros, a uma incomprehensivel decadencia. Além do grande empenho acima declarado, ella corre a uma total perda dos seus bens, por isso mesmo que, continuando a sua dissipação, continúa tambem o gasto diario de comedorias, e de assistencia dos enfermos, o qual, sendo muito para a voluntaria impossibilidade da mesma provincia, é muito pouco para a indispensavel provisão dos seus frades.

### § 53

Que seria si ella os provesse tambem de habitos, roupas domesticas, camas e moveis das cellas! Mas tal provimento corre por conta dos peculios de cada um dos frades, donde, por se lhes deixar indiscretamente a administração d'elles, mais ou menos abundantes, nascem os abusos das demazias patentes contra o voto da pobreza, a que consciencias relaxadas se querem entregar; os escandalosos ornatos e enfeites dos escravos, que possue cada frade, que são tantos quantos permite o seu depravado gosto e superfluo peculio; nascem as administrações dos seus particulares sitios e engenhos, onde elles, feitos paes de maior ou menor família, cercados de escravos de um e de outro sexo, lucram com elles os suas respectivas ganancias por um modo o mais improprio do seu estado, e mais escandaloso para o mundo todo.

Não pôde a dita provincia, que quasi está toda n'este convento do Rio de Janeiro, manter um medico de partido, que corra promptamente e seja deligente para a assistencia dos infermos; não tem boticas, nem infermarias do commum; por isso é uso entregar-se ao infermo a assistencia em dinheiro, para preparar-se por manejo particular a sua comida, excepto a de algum infeliz, sem

parentes, amigos e escravo, a qual em tal caso corre pela lastimosa indiferença e desmazelo dos mesmos prelados e subalternos.

#### § 54

O refeitório é um lugar fantastico, onde a comida, mui poucas vezes soffrivel, as mais d'ellas inutil, e algumas vezes um quasi nada, nunca, segundo consta, é tal que um frade, repousando sobre o cuidado dos seus prelados, possa descuidar-se de a mandar preparar particularmente, para só se applicar ás cousas da sua obrigação.

Tudo isto acontece, tendo esta provincia, composta de 6 conventos e 1 hospicio, as 28 fazendas declaradas na relação, que vai abaixo do numero 12 ; muitas d'ellas excessivamente grandes, e quasi todas em excellentes sitios, e n'ellas por um calculo racionavel, para cima de 735 escravos, além dos do serviço do convento e dos frades particulares, que, por uma estimativa tambem racionavel dos que os servem e acompanham, e dos que trabalham nos seus sitios e engenhos, que todos deveriam pertencer ao commum, julgo exceder o numero de 300.

#### § 55

Da mesma relação verá Vossa Excellencia, que só a este convento do Rio de Janeiro pertencem 9 bôas fazendas, 72 moradas de casas, além das copiosas esmolos, e dos enterros, officios, etc.; rendendo só á ordem terceira para cima de 5:000.7000 réis, como declara a certidão, que vai debaixo do numero 13 ; e comtudo isso se acha tão bem governado, que não tem, como fica dito, medico de partido; que não assiste aos infermos e valetudinarios com o preciso, entregando para a assistencia do frade purgado ou sangrado 240 réis por dia, e para a do valetudinario 160 réis ; que compra quasi sempre todos os generos precisos para a subsistencia ; que compra vaca, tendo pastos, assucar, tendo engenhos, lenha, tendo matos, e que nem sequer acha mandioca, bananas e laranjas em eguas e leguas de terreno, como se declara na já citada certidão numero 11, extrahida dos proprios livros.



D'essa mesma certidão se vê, que não obstante estas desordens, e despeza excessiva, que se faz em festas e banquetes certos dias no anno, não excede tanto a despeza á receita, que não fique claro, que si, fossem bem administradas as rendas do convento, nem os seus frades deixariam de passar com fartura, nem os seus credores de receber o que lhes pertence.

Era bem necessario, que as fazendas d'esta provincia do Carmo, ou se vendessem, empregando-se o seu valor em bens, cuja administração não dependesse da assistencia dos frades fóra do convento; ou se dividissem para se arrendarem em commodas porções a particulares com mais utilidade da provincia e do estado, que interessa em que haja melhor e maior numero de cultivadores; cobrando-se as rendas por procuradores seculares, e tirando-se todo o motivo temporal de sahirem os frades para fóra do convento; que os sitios, engenhos e escravos dos particulares, unidos ao commum, tivessem o mesmo destino; que as esmolas de missas, enterros, officio etc. e o avultado rendimento da ordem terceira não fosse tudo, ou quasi tudo, distribuido pelos particulares, que tem melhor diligencia e industria para o alcançar, mas tambem para a communidade, a qual d'este modo, bem regida, podia dar sem duvida aos frades todo o necessario, e ir satisfazendo as dividas.

### § 57

Deixo de amontuar muitos mais factos, que igualmente mostrarião a relaxação dos frades do Carmo d'esta provincia, porque o que está provado não necessita de prova, e estou certo, que com semelhante gente nenhuma reforma poderá passar de apparencia.

Só uma separação bem ordenada de um corpo tão escandaloso, e a pratica de uma vida religiosa em algumas religiões das mais austeras faria recordar aos seus individuos da importancia dos votos, com que professaram, e das obrigações de uma vida commum, a que estão ligados, enquanto outros de melhores costumes e doutrinas viessem povoar conventos, que, tendo sido até agora inuteis



e sem prestimo, nada importaria, que ficassem desertos, antes seria de um grande exemplo para todas as outras provincias religiosas do Brazil, que bem o necessitam.

Porém como a real justiça e piedade de Sua Magestade poderão querer-se munir de algum modo mais conforme ás suas reaes intenções, remetto debaixo do numero 14 a relação das eleições, a que se costuma proceder no dia do capitulo; desejando que nada falte para a mesma Senhora, com pleno conhecimento d'esta materia, dar sobre ella a providencia que fôr servida.

Deus guarde a Vossa Excellencia.

Rio 15 de Novembro de 1783.

Senhor Martinho de Mello e Castro.

*Luiz de Vasconcellos e Souza.*

---



**RENDIMENTO**  
DOS  
**EMPREGOS E OFFICIOS DAS DIVERSAS REPARTIÇÕES**  
DA  
Cidade do Rio de Janeiro  
NOS  
**TEMPOS COLONIAES**

---

Illm. e Exm. Senhor.

Em execução da ordem de Sua Magestade participada por Vossa Excellencia com data de 22 de Agosto do anno proximo, mandei logo formar relações dos empregos e officios de cada repartição, e dos seus rendimentos; mas como a maior parte vieram em grande confusão, foi-me preciso repetir os mesmos avizos, e ainda assim se não fizeram com a formalidade com que me pareceu deviam chegar á real presença, principalmente na parte que dizia respeito aos officios arrematados, porque, sendo triennaes as arrematações, e em muitas differentes os arrematantes, se fazia difficulতো conseguir um calculo o mais exacto que fôsse possível; o que me obrigou a mandar fazer algumas averiguações particulares, em que tem sido indispensavel a demora, para reduzir este negocio á necessaria clareza.

Prezentemente remetto a Vossa Excellencia um mappa geral e doze particulares, que comprehendem os

empregos e officios das differentes repartições d'esta capital, e immediatamente que chegarem todas as averiguações que tenho mandado fazer para se concluirem os do interior d'esta capitania, ilha de Santa-Catharina e Rio-Grande, os enviarei, como Sua Magestade me determina.

Deus guarde a Vossa Excellencia.

Rio 17 de Maio de 1781.

*Luiz de Vasconcellos e Souza.*

Sr. Martinho de Mello e Castro.

---

# MAPPA GERAL

DO

Rendimento annual de todos os empregos e officios  
de justiça e fazenda d'esta cidade do Rio de Janeiro

Somma o mappa do tribunal da relação

n. 1.....	18.504 <sup>7</sup> / <sub>660</sub>
Idem da secretaria d'estado n. 2.....	2.522 <sup>7</sup> / <sub>933</sub>
Idem da junta da fazenda n. 3.....	9.165 <sup>7</sup> / <sub>238</sub>
Idem da provedoria da fazenda n. 4.....	5.847 <sup>7</sup> / <sub>450</sub>
Idem da caza da moeda n. 5.....	15.003 <sup>7</sup> / <sub>500</sub>
Idem da alfandega n. 6.....	13.012 <sup>7</sup> / <sub>400</sub>
Idem da intendencia e inspecção n. 7....	4.502 <sup>7</sup> / <sub>000</sub>
Idem da ouvidoria da comarca n. 8.....	5.520 <sup>7</sup> / <sub>666</sub>
Idem do juizo de fóra n. 9.....	4.966 <sup>7</sup> / <sub>386</sub>
Idem do juizo dos orphãos n. 10.....	888 <sup>7</sup> / <sub>000</sub>
Idem da camara n. 11.....	1.693 <sup>7</sup> / <sub>680</sub>
Idem da thezouraria das tropas n. 12....	1.816 <sup>7</sup> / <sub>000</sub>

---

Rs..... 83.442<sup>7</sup>/<sub>913</sub>

N. 1

*Mappa do rendimento annual dos empregados da relação  
d'esta cidade do Rio de Janeiro*

Chanceler.—Regula-se em.....	1.797 <sup>7</sup> / <sub>330</sub>
Ordenado 700 <sup>7</sup> / <sub>7</sub> , propina 600 <sup>7</sup> / <sub>7</sub> , rendimento pouco mais ou menos das relações	

---

1.797<sup>7</sup>/<sub>330</sub>



Transporte.....	1.797\$330
extraordinarias como chanceler 28\$, rendimento das assignaturas pouco mais ou menos como chanceler 132\$, propinas das arrematações dos contratos, como deputado da junta da fazenda, 337\$330.	
1.º Dezembargador dos aggravos.—Regula-se em.....	1.200\$000
Ordenado 600\$, propina 300\$, rendimento incerto das relações extraordinarias e visitas de presos 20\$, rendimento incerto das assignaturas 280\$000.	
2.º Dezembargador dos aggravos.—Regula-se em tudo como acima.....	1.200\$000
3.º Dezembargador dos aggravos.—Regula-se em tudo como acima.....	1.200\$000
4.º Dezembargador dos aggravos.—Regula-se em tudo como acima.....	1.200\$000
5.º Dezembargador dos aggravos.—Regula-se em tudo como acima.....	1.200\$000
Ouvidor geral do crime.—Regula-se em..	1.120\$000
Ordenado 600\$, propina 300\$, rendimento incerto das assignaturas 220\$000.	
Ouvidor geral do civil.—Regula-se em..	1.300\$000
Ordenado 600\$, propina 300\$, rendimento incerto das relações extraordinarias e vizitas de presos 20\$, assignaturas, rendimento incerto 380\$000.	
Juizo dos feitos da corôa e fazenda.—Regula-se em.....	1.000\$000
Ordenado 600\$, propina 300\$, rendimento incerto das relações extraordinarias e visitas de presos 20\$, assignaturas, rendimento incerto 80\$000.	
Juiz das despezas, que é um dos ministros acima referidos tem de ordenado..	60\$000
Procurador da corôa e fazenda.—Regula-se em.....	1.277\$330
	<hr/>
	12.554\$660

Transporte.....	12.554 <sup>7</sup> / <sub>1000</sub> 660
Ordenado 600 <sup>7</sup> / <sub>1000</sub> , propina 300 <sup>7</sup> / <sub>1000</sub> , rendimento das relações extraordinarias e visitas de presos como desembargador da relação 20 <sup>7</sup> / <sub>1000</sub> , emolumentos como desembargador da relação 20 <sup>7</sup> / <sub>1000</sub> , propinas das arrematações dos contratos como deputado da junta da fazenda 337 <sup>7</sup> / <sub>1000</sub> 330. desembargador extraordinario — logar incerto — o intendente geral do ouro actual regula-se em.....	320 <sup>7</sup> / <sub>1000</sub> 000
Propina 300 <sup>7</sup> / <sub>1000</sub> , rendimento incerto das relações extraordinarias e vizitas de prezos 20 <sup>7</sup> / <sub>1000</sub> 000.	
Guarda-mór. Regula-se em.....	700 <sup>7</sup> / <sub>1000</sub> 000
Ordenado a saber : 50 <sup>7</sup> / <sub>1000</sub> como guarda-mór e 40 <sup>7</sup> / <sub>1000</sub> como thezoureiro das despesas, 90 <sup>7</sup> / <sub>1000</sub> ; propina 300 <sup>7</sup> / <sub>1000</sub> , ordinaria para casa 40 <sup>7</sup> / <sub>1000</sub> , rendimento incerto das relações extraordinarias e vizitas de prezos 20 <sup>7</sup> / <sub>1000</sub> , rendimento incerto de emolumentos 250 <sup>7</sup> / <sub>1000</sub> 000.	
1.º Guarda menor.—Regula-se em.....	105 <sup>7</sup> / <sub>1000</sub> 000
Ordenado 20 <sup>7</sup> / <sub>1000</sub> , propinas 61 <sup>7</sup> / <sub>1000</sub> , rendimento incerto das relações extraordinarias e vizitas de prezos 4 <sup>7</sup> / <sub>1000</sub> , rendimento incerto de emolumentos 20 <sup>7</sup> / <sub>1000</sub> 000.	
2.º Guarda menor.—Regula-se em tudo como acima.....	105 <sup>7</sup> / <sub>1000</sub> 000
1.º Escrivão das appellações e aggravos e da receita e despesa da relação.—Regula-se em.....	878 <sup>7</sup> / <sub>1000</sub> 000
Ordenado 30 <sup>7</sup> / <sub>1000</sub> , propina 48 <sup>7</sup> / <sub>1000</sub> , emolumentos 800 <sup>7</sup> / <sub>1000</sub> 000.	
2.º Escrivão das appellações e aggravos.—Regula-se o rendimento todo incerto em.....	800 <sup>7</sup> / <sub>1000</sub> 000
Escrivão da chancelaria.—Regula-se em	300 <sup>7</sup> / <sub>1000</sub> 000

---

15.762<sup>7</sup>/<sub>1000</sub>660

Transporte.....	15.762\$660
Ordenado 40\$, emolumentos 260\$000.	
N. B. — Arrematou-se por 3 annos de 1781 a 1783 por 190\$000.	
Escrivão da ouvidoria geral do crime e da policia. — Não tem ordenado, nem propinas, e se regula o seu rendimento todo incerto em.....	700\$000
Inquiridor. — Regula-se como acima.....	100\$000
Solicitador das justiças. — Tem de orde- nado, sem mais nada.....	80\$000
Meirinho das cadeias. — Regula-se o seu rendimento todo de emolumentos, e in- certo em.....	40\$000
Escrivão do dito meirinho. — Regula-se como acima.....	40\$000
Escrivão da ouvidoria geral do civil. — Regula-se como acima em.....	1.000\$000
N. B. — Arrematou-se pelos 3 annos de 1781 a 1783 por.....	2.700\$000
Escrivão do juizo da corôa, que tambem é porteiro da chancelaria. — Regula-se como acima.....	420\$000
Contador da relação. — Regula-se como acima.....	250\$000
Meirinho da relação. — Regula-se em....	56\$000
Propinas 6\$, emolumentos 50\$000.	
Escrivão do dito. — Regula-se em.....	56\$000
Propina 6\$, emolumentos 50\$000.	
Rs.....	18.504\$660

## N. 2

*Mappa do rendimento annual dos empregos da secretaria  
d'estado do Rio de Janeiro*

Secretaria d'estado. — Regula-se um anno por outro em.....	1.933\$333
	1.933\$333

Transporte..... 1.933\$333

A saber: ordinaria annual para casas 30\$, dita para papel, pennas, tinta e panno para o bofete 30\$, propina da arrematação do contrato dos dizimos 33\$333, rendimento pouco mais ou menos dos emolumentos 1.840\$000.

N.B.—Na secretaria ha um official-maior, e tres officiaes do registro, e a todos paga o secretario pelo rendimento a quantia de 489\$600 pouco mais ou menos, pelo que virá a ter de liquido rendimento com pouca differença a quantia de 1.443\$733.

Official-maior.—Regula-se em..... 240\$000

A saber: de ordenado certo pago pelo secretario 153\$600, de emolumentos pouco mais ou menos que com elle reparte o secretario 86\$400.

1.º Official do registro.—Tem de ordenado certo que lhe paga o secretario, sem mais nada ..... 96\$000

2.º Official do registro.—De ordenado certo que lhe paga o secretario, sem mais nada ..... 76\$800

3.º Official do registro.—De ordenado certo que lhe paga o secretario, sem mais nada ..... 76\$800

Porteiro.—De ordenado pago pela fazenda real, sem mais nada..... 100\$000

Rs..... 

---

 2.522\$933

### N. 3

*Mappa do rendimento annual dos empregos da junta da real fazenda, thezouraria geral, e contadoria d'esta cidade do Rio de Janeiro*

Deputado o desembargador chanceler da relação. — Não tem ordenado, e as propinas que vence nas arrematações

dos contratos vão notadas no lugar de chanceler em o mappa do rendimento dos empregados da relação.....	₲
Deputado o desembargador provedor da fazenda.—Não tem ordenado, e as propinas que vence nas arrematações dos contratos vão notadas no lugar de provedor em o mappa do rendimento dos empregos da provedoria.....	₲
Deputado o desembargador procurador da fazenda.—Não tem ordenado, e as propinas que vence nas arrematações dos contratos vão notadas no lugar de procurador da corôa e fazenda em o mappa do rendimento dos empregos da relação.....	₲
Deputado o thezoureiro geral.— Vence de ordenado sem propinas nem emolumentos	1:200₲000
Deputado escrivão.—Vence de ordenado sem propinas nem emolumentos.....	1:200₲000
Dois escripturarios contadores.—Vence cada um de ordenado, sem mais propinas nem emolumentos, 600₲ e ambos	1:200₲000
Seis escripturarios. — Vence cada um de ordenado como acima a 400₲ e todos..	2:400₲000
Dois escripturarios.—Vence cada um de ordenado como acima 300₲ e ambos.	600₲000
Dois escripturarios.—Vence cada um de ordenado, sem mais propinas nem emolumentos, 200₲, e ambos.....	400₲000
1º. Official de registo.—Vence de ordenado como acima.....	250₲000
Tres praticantes. — Não vencem couza alguma.....	₲
Fiel do thezoureiro geral. — Vence de ordenado, sem mais propinas nem emolumentos.....	200₲000
Porteiro.—Vence de ordenado, sem mais propinas nem emolumentos.....	200₲000
	<hr/>
	7.650₲000



Transporte.....	7.650\$000
Dois continuos.—Vence cada um de orde- nado sem mais couza alguma 150\$, ambos	300\$000
Thezoureiro das despesas miudas.—Re- gula-se em.....	682\$666
Ordenado 600\$, propinas dos contratos 82\$666.	
Fiel do dito thezoureiro. —Regula-se em	215\$106
Ordenado 200\$, propinas de contratos 15\$106.	
Escrivão do dito thezoureiro.—Regula-se o rendimento que tem todo incerto em..	317\$466
Emolumentos 250\$, propinas dos con- tratos 67\$466.	
Rs.....	9:165\$238

## N. 4

*Mappa do rendimento annual dos empregos da provedoria  
da fazenda real do Rio de Janeiro*

Provedor.—Regula-se em.....	2.050\$000
Ordenado 80\$, em que se computa a mo- radia das cazas em que vive, e são da real fazenda 200\$, propinas das arre- matações dos contratos 337\$330, emo- lumentos 1.432\$670.	
Escrivão da fazenda real.—Regula-se em	550\$000
Ordenado 17\$400, propinas das arrema- tações dos contratos 193\$340, emolu- mentos 339\$260.	
Official da fazenda.—Regula-se em.....	300\$000
Ordenado 250\$, propinas das arremata- ções dos contratos 50\$000.	
Porteiro e guarda-livros.—Regula-se em	160\$000
Ordenado 120\$, propinas das arremata- ções dos contratos 34\$170, emolumen- tos de algumas buscas 5\$830.	
	3.026\$000

Transporte.....	3.026\$000
Escrivão do contenciozo. — Regula-se em.....	200\$000
Propinas das arrematações dos contratos 34\$260, emolumentos 165\$740.	
Almoxarife dos armazens. — Regula-se em.....	639\$330
Ordenado 600\$, propinas das arrematações dos contratos 39\$330.	
1.º Escrivão dos armazens. — Regula-se em.....	340\$000
Ordenado 300\$, propinas das arrematações dos contratos 34\$260, de alguns pequenos emolumentos 5\$740.	
2.º Escrivão dos armazens. — Tem de ordenado, sem mais nada.....	200\$000
Escrivão da junta das fragatas. — Tem de ordenado, sem mais nada.....	200\$000
Escripturario. — Tem de ordenado, sem mais nada.....	200\$000
1.º Fiel dos armazens. — Regula-se em..	172\$000
Ordenado 160\$, propinas das arrematações dos contratos 12\$000.	
2.º Fiel que assiste nos armazens das madeiras. — Tem de ordenado, sem mais nada.....	120\$000
3.º Fiel que serve na junta das fragatas. — Tem de ordenado, sem mais nada....	116\$120
Continuo. — Tem de ordenado, sem mais nada.....	160\$000
Meirinho da fazenda real. — Regula-se em.....	80\$000
Propinas das arrematações dos contratos 27\$540, emolumentos 52\$460.	
Escrivão do meirinho. — Regula-se em...	100\$000
Propinas das arrematações dos contratos 27\$540, emolumentos 72\$460.	

---

5.587\$450

Transporte.....	5.587\$450
Porteiro da fazenda.—Regula-se em....	60\$000
Propinas das arrematações dos contratos 40\$530, emolumentos 19\$470.	
Solicitador da fazenda. — Regula-se em	200\$000
Ordenado 120\$, emolumentos 80\$000.	
Rs.....	5.847\$450

## N. 5

*Mappa do rendimento annual dos empregos da caça da  
moeda d'esta cidade do Rio de Janeiro*

Superintendente e conservador.— Como é sempre o ouvidor da comarca, vai no- tado na relação dos empregados da ou- vidoria.	
Provedor.—Regula-se em.....	1.150\$000
Ordenado 1:000\$, em que se estimam as cazas da fazenda real que se lhe dão para sua moradia 150\$000.	
N. B.—De cada moedeiro quando se arma tem 8\$320, porém como isto é muito in- certo, não se póde formar calculo.	
Thezoureiro.—Tem de ordenado certo, sem outra alguma couza.....	500\$000
N. B. — De cada moedeiro quando se arma 3\$200.	
Escrivão da receita e despesa.—Rende..	680\$000
Ordenado 500\$, ordinaria 40\$, para panno da meza grande 10\$, moradia 130\$000.	
N. B. — De cada moedeiro que se arma 6\$400.	
Escrivão da conferencia.— Rende.....	530\$000
Ordenado 400\$, de moradia 130\$000.	
N. B.— De cada moedeiro que se arma 6\$400.	
	2.860\$000

Transporte.....	2.860\$000
1.º Juiz da balança.— Rende.....	530\$000
Ordenado 400\$, de moradia 130\$000.	
N. B. — De cada moedeiro que se arma 3\$200.	
2.º Juiz da balança.—Tem de ordenado certo, sem mais nada, 400\$000.	
N. B. — De cada moedeiro que se arma 3\$200.	
Escrivão das ligas e contas das barras.— Tem de ordenado.....	400\$000
N. B. — De cada moedeiro que se arma 3\$200.	
Escrivão das entradas do ouro.—Tem de ordenado .....	400\$000
N. B. — De cada moedeiro que se arma 3\$200.	
Porteiro e guarda-livros.—Rende.....	190\$000
Ordenado 120\$, de moradia 70\$000.	
N. B. — De cada moedeiro que se arma 3\$200.	
Mestre da fundição. Tem de ordenado...	584\$000
N. B. — De cada moedeiro que se arma 1\$600.	
1.º Ensaiaador.—Regula-se em.....	830\$000
Ordenado 730\$, em que se computam os 240 que lhe paga a real fazenda por cada barra de ouro fino das partes que ensaiam 100\$000.	
N. B. — De cada moedeiro que se arma 1\$600.	
2.º Ensaiaador.—Regula-se em.....	465\$000
Ordenado 365\$, em que se computam os 240 que lhe paga a real fazenda por cada barra de ouro fino das partes que ensaiam 100\$000.	
N. B. — De cada moedeiro que se arma 1\$600.	

---

6.259\$000

Transporte.....	6.259\$000
3.º Ensaaiador.—Regula-se em.....	465\$000
Ordenado 365\$, em que se computam os 240 que lhe paga a real fazenda por cada barra que ensaia de ouro fino das partes 100\$000.	
N. B. — De cada moedeiro que se arma 1\$600.	
Fiel das feiras.—Tem de ordenado.....	547\$000
N. B.—De cada moedeiro que se arma 1\$600.	
Guarda-cunho.—Regula-se em.....	385\$000
Ordenado 365\$, em que se computa o real que recebe por cada marco de di- nheiro que entrega lavrado em moeda, depois de abatida a despeza do azeite e pannos para a limpeza dos engenhos 20\$000.	
N. B.—De cada moedeiro que se arma 1\$600.	
1.º Cunhador tem de ordenado.....	365\$000
N. B. — De cada moedeiro que se arma 1\$600.	
2.º Cunhador tem de ordenado.....	182\$500
N. B. — De cada moedeiro que se arma 1\$600.	
1.º Abridor.—Tem de ordenado.....	547\$500
N. B. — De cada moedeiro que se arma 1\$600.	
2.º Abridor.—Tem de ordenado.....	328\$500
N. B. — De cada moedeiro que se arma 1\$600.	
Mestre da ferraria.— Tem de ordenado..	547\$500
N. B. — De cada moedeiro que se arma 1\$600.	
Meirinho da caza.—Não tem ordenado, e lhe é permittido meirinhar geralmente nos juizos da cidade, e renderá.....	80\$000

---

 9.707\$000



Transporte.....	9.707	000	
N. B. — De cada moedeiro que se arma 1	600.		
Continuo.—Tem de ordenado.....	116	800	
N. B. — De cada moedeiro que se arma 1	600.		
Fiel do thezoureiro.—Tem de ordenado	120	000	
N. B. — De cada moedeiro que se arma 1	600.		
1.º Fundidor.—Vence em cada dia de trabalho a 1	200, e como em occasião de nan de quinto, havendo occorrença de ouro, trabalha em alguns dias santos, renderá.....	336	000
2.º Fundidor.—Vence em cada dia de trabalho a 1	200, e como em occasião de nan de quinto, havendo occorrença de ouro, trabalha em alguns dias santos, renderá.....	336	000
3.º Fundidor.—Vence em cada dia de tra- balho 1	200, e como em occasião de nan de quinto, havendo occorrença de ouro, trabalha em alguns dias santos, renderá.....	336	000
4.º Fundidor.—O mesmo.....		336	000
1.º Ajudante da fundição.—Vence como acima 1	, e renderá.....	280	000
2.º Ajudante.—O mesmo.....		280	000
3.º Ajudante.—O mesmo.....		280	000
4.º Ajudante.—O mesmo.....		280	000
1.º Ajudante do ensaio.—Vence como acima 800 rs., e renderá.....		224	000
2.º Ajudante.—O mesmo.....		224	000
3.º Ajudante.—Vence em cada dia de tra- balho a 800 rs., e como em occasião de nan de quinto, havendo occorrença de ouro, trabalha em alguns dias santos, renderá.....		224	000
<hr/>			
13.480			

Transporte.....	13.480\$300
1.º Ajudante da abrigão.—Vence como acima 800 rs., e renderá.....	224\$000
2.º Ajudante.—O mesmo.....	224\$000
Quatro officiaes de serralheiro e ferreiro. —Vence cada um como acima 960 rs., e renderá cada um 268\$800, e todos 4..	1.075\$200
Rs.....	15.003\$500

## N. 6

*Mappa do rendimento annual dos empregos da alfandega  
d'esta cidade do Rio de Janeiro*

Juiz ouvidor.—Regula-se em.....	1.040\$000
A saber: ordenado annual 40\$, de emolu- mentos pouco mais ou menos 1:000\$000.	
Escrivão da meza grande.—Regula-se em	1.000\$000
A saber: ordenado annual 30\$, de emo- lumentos pouco mais ou menos 970\$000.	
Thezoureiro.—Tem de ordenado annual e certo sem emolumentos.....	360\$000
A saber: como thezoureiro da alfandega 300\$, como thezoureiro da imposição para a guarda costa 60\$000.	
Fiel do thezoureiro. — Tem de ordenado sem outro algum emolumento.....	50\$000
Administrador.— Tem de ordenado sem outro algum emolumento.....	1.200\$000
Guarda continuo que serve na meza grande.—Tem de ordenado como acima	116\$800
Escrivão da meza da abertura.—Não tem ordenado, e o seu rendimento, que con- siste todo em emolumentos, se regula em.....	1.200\$000
Escrivão dos bilhetes da dita meza.—Tem de ordenado sem emolumentos.....	240\$000
	5.206\$000

Transporte.....	5.206\$000
1º. Feitor da dita meza.—Tem de ordenado sem outro emolumento.....	500\$000
2º. Feitor da dita meza.—Regula-se em..	280\$000
A saber: ordenado 80\$, de emolumentos pouco mais ou menos 200\$000.	
Guarda da dita meza.—Tem de ordenado, sem emolumentos.....	116\$800
Escrivão da guarda costa.—Tem de ordenado, sem emolumentos.....	120\$000
Juiz da balança.—Regula-se em.....	350\$000
A saber: ordenado 150\$, de emolumentos pouco mais ou menos 200\$000.	
Escrivão da balança.—Regula-se em.....	290\$000
A saber: ordenado 120\$, emolumentos 170\$000.	
Feitor da meza da balança. — Tem de ordenado sem emolumentos.....	240\$000
Guarda da dita meza.—Tem de ordenado, sem emolumentos.....	116\$800
Porteiro —Regula-se em.....	1.257\$600
A saber: ordenado 57\$600, de emolumentos pouco mais ou menos 1:200\$000.	
1º. Conferente da porta principal.—Tem de ordenado, sem emolumentos.....	250\$000
2º. Conferente.—Tem o mesmo.....	250\$000
1º. Guarda da porta principal.—Tem de ordenado sem emolumentos.....	116\$800
2º. Guarda.—Tem o mesmo.....	116\$800
Sellador.—Não tem ordenado, e se regula o seu rendimento em.....	2.000\$000
Escrivão da descarga. — Não tem ordenado, e se regula o seu rendimento em.....	600\$000
Guarda-mór. — Não tem ordenado, e se regula o seu rendimento em.....	400\$000
Guarda da porta da marinha. — Tem de ordenado, sem emolumentos.....	116\$800
	<hr/>
	12.333\$400

Transporte.....	12.333\$400
1º. Guarda da ponte.— Tem de ordenado sem emolumentos.....	116\$800
2º. Guarda da ponte.— Tem o mesmo...	116\$800
Guarda feitor da marinha. — Tem de ordenado rem emolumento.....	233\$600
Guarda ajudante do dito feitor. — Tem de ordenado sem emolumento.....	116\$800
Meirinho do mar e alfandega.—Não tem ordenado, e os emolumentos importarão	100\$000
Rs.....	<hr/> 13.012\$400

## N. 7

*Mappa do rendimento annual dos empregos da intendencia geral do ouro, e da meza da inspecção d'esta cidade do Rio de Janeiro.*

Intendencia geral.—Regula-se em.....	1.958\$000
Ordenado 1.400\$, moradia 200\$, como intendente.	
N. B.—Com o dito logar não vence propina, nem outro emolumento que o de 600 rs. de assignatura de algum processo criminal, de que se não pôde formar calculo, po que são rarissimos.	
Como prezidente da meza da inspecção percebe: rendimento pouco mais ou menos de algumas justificações 30\$, rendimento pouco mais ou menos da commissão dos 2 % dos direitos dos escravos e marfim de Angola, depois de abatidas as despesas, 208\$, propina que recebe dos administradores do contrato das baleias como conservador do contrato 120\$000.	
Escrivão da intendencia.—Tem de ordenado.....	500\$000
	<hr/> 2:458\$000

Transporte.....	2:458\$000
N. B.—Não tem emolumentos, excepto de alguma raza de algum processo criminal, de que se não pôde fazer calculo por ser rarissimo.	
Meirinho da intendencia.—Tem de ordenado.....	300\$000
N. B.—Não tem emolumentos, excepto de alguma citação, que são muito raras.	
Escrivão das entradas do ouro.— Tem de ordenado, sem emolumentos.....	240\$000
Inspector senhor de engenho. — Regula-se em.....	408\$000
Ordenado 200\$, da commissão pouco mais ou menos dos 2 % dos direitos e marfim de Angola, depois de abatidas as despesas, 208\$000.	
Inspector negociante. — Regula-se como acima em.....	408\$000
Escrivão da meza da inspecção.—Regula-se em.....	608\$000
Ordenado 350\$, de alguns emolumentos 50\$, da commissão acima dita 208\$000.	
Escripturario. — Tem de ordenado pago pelo rendimento da dita commissão, sem mais couza alguma.....	80\$000
Rs.....	4.502\$000

## N. 8

*Mappa do rendimento annual dos empregos da ouvidoria da comarca do Rio de Janeiro*

Ouvidor geral.—Regula-se em.....	1:287\$333
Ordenado como ouvidor 533\$333, moradia como ouvidor 80\$, emolumentos pouco mais ou menos como ouvidor 400\$,	
	1.287\$333



Transporte.....	1.287\$333
propinas da camara como ouvidor 44\$, ordenado como conservador dos moe- deiros 30\$, emolumentos pouco mais ou menos como provedor dos auzentes da comarca 200\$000.	
Escrivão da ouvidoria.—Não tem orde- nado nem propinas, e os emolumentos se regula renderem.....	750\$000
Escrivão da conservatoria dos moedeiros. —Não tem ordenado nem propinas, e os emolumentos se regula renderem.....	210\$000
N. B. — Arrematou-se pelos 3 annos de 1779 a 1781 por 513\$000.	
Meirinho geral.—Como acima.....	150\$000
Escrivão do dito.—Como acima.....	100\$000
N. B. — Arrematou-se pelos 3 annos de 1781 a 1783 por 150\$000.	
Meirinho do campo.—Como acima.....	120\$000
N. B. — Arrematou-se pelos 3 annos de 1780 a 1782 por 270\$000.	
Escrivão do dito.—Como acima.....	90\$000
N. B. — Arrematou-se pelos 3 annos de 1780 a 1782 por 76\$800 (sic).	
Meirinho da conservatoria dos moedeiros. —Como acima.....	100\$000
N. B. — Arrematou-se pelos 3 annos de 1781 a 1783 por 154\$000.	
Thezoureiro dos auzentes. — Não tem or- denado, nem propinas, e os emolumen- tos renderão.....	1.400\$000
N. B. — Arrematou-se pelos 3 annos de 1779 a 1781 por 1:300\$000.	
Escrivão dos auzentes.— Como acima....	1.080\$000
Promotor das capellas e reziduos.— Como acima.....	50\$000
Solicitador das capellas e reziduos. — Não tem mais que emolumentos, e	
	<hr/> 4.783\$053

Transporte.....	4.783\$053
conforme a informação do ouvidor da comarca rendeão 80\$000, porém acha-se arrematado pelos 3 annos de 1780 a 1782 por 550\$, de que pertence a cada anno	183\$333
N. B.— Como o escrivão das execuções e o inquiridor contador e distibuidor da ouvidoria da comarca servem também perante o juiz de fóra, no mappa d'esta repartição vai declarado o rendimento dos ditos dois officios.	
	4.966\$386

## N. 9

*Mappa do rendimento annual dos empregos do juizo de fóra d'esta cidade do Rio de Janeiro*

Juiz de fóra.— Regula-se em.....	1:070\$386
Orden do como juiz de fóra 266\$666, de emolumentos como juiz de fóra 250\$, de aposentadoria como presidente da camara 40\$, de propinas como presidente da camara 34\$720, de emolumentos como presidente da camara 79\$, de emolumentos como provedor dos auzen-tes da cidade 400\$000.	
Tabellião de notas e escrivão das sesmar-rias.— Não tem ordenado, e rende.á	350\$000
1.º Tabellião do judicial e notas—Regula-se o seu rendimento todo de emolumen-tos em.....	600\$000
2.º Tabellião do judicial e notas.—Regula-se o seu rendimento como acima.....	600\$000
3.º Tabellião do judicial e notas.—Regula-se o seu rendimento todo de emolu-mentos.....	600\$000
N. B.—Arrematou-se este pelos 3 annos de 1780 a 1782 por 1.650\$000.	
	3.220\$386

Transporte.....	3.220\$386
Escrivão das execuções.—Regula-se o seu rendimento todo de emolumentos em...	400\$000
N. B.—Arrematou-se pelos 3 annos de 1781 a 1783 por 1.000\$000.	
Inquiridor, contador e distribuidor.—Regula-se o seu rendimento todo de emolumentos em.....	700\$000
1.º Partidor.—Regula-se o seu rendimento todo de emolumentos em.....	100\$000
2.º Partidor. Regula-se o seu rendimento todo de emolumentos em.....	100\$000
Meirinho da cidade. — Regula-se como acima em.....	100\$000
N. B.—Arrematou-se pelos 3 annos de 1781 a 1783 por 155\$000.	
Escrivão do meirinho da cidade. — Regula-se o seu rendimento todo de emolumentos em.....	96\$000
N. B.—Arrematou-se pelos 3 annos de 1781 a 1783 por 72\$000.	
Porteiro dos auditorios.—Regula-se como acima em.....	150\$000
N. B.—Arrematou-se pelos 3 annos de 1779 a 1781 por 341\$000.	
Escrivão da almotaceria.—Regula-se como acima em.....	100\$000
N. B.—Arrematou-se pelos 3 annos de 1781 a 1783 por 90\$000.	
Rs.....	4.966\$386

## N. 10

*Mappa do rendimento annual dos empregos do juizo dos orphãos d'esta cidade do Rio de Janeiro*

Juiz.—Regula-se o seu rendimento todo incerto, e procedido de emolumentos, em .....	128\$000
	1.8\$000

Transporte.....	128\$000
1.º Escrivão.—Regula-se o seu rendimento todo incerto, e procedido de emolumentos, segundo a informação dada pelo juiz de orphãos.....	300\$000
<i>N. B.</i> —Arrematou-se em 805\$ pelos 3 annos de 1781 a 1783.	
2.º Escrivão.—Regula-se o seu rendimento todo incerto, como acima.....	300\$000
<i>N. B.</i> —Arrematou-se em 900\$ pelos 3 annos de 1781 a 1783.	
1.º Partidor.—Regula-se o seu rendimento como acima.....	50\$000
<i>N. B.</i> — Isto é pelo que pertence a este juizo, porque como tambem serve no de fóra, no mappa d'aquella repartição vai declarado o que rende.	
<i>N. B.</i> —Arrematou-se em 60\$000 pelos 3 annos de 1780 a 1782.	
2.º Partidor.—Regula-se como acima, e pelo que pertence a este juizo, porque no que respeita ao juizo de fóra, em que tambem serve, vai declarado o rendimento no mappa d'aquella repartição.....	50\$000
<i>N. B.</i> —Arrematou-se em 130\$ pelos 3 annos de 1781 a 1783.	
Thezoureiro.—Não tem ordenado nem emolumentos.....	\$
Meirinho.—Regula-se o seu rendimento todo incerto, e conforme a informação do juiz dos orphãos.....	30\$000
<i>N. B.</i> —Costuma andar arrematado: actualmente ninguem o serve; e a ultima arrematação que houve foi de 70\$000 pelos 3 annos de 1777 a 1779.	

Transporte.....	858\$000
Escrivão do dito meirinho.—Regula-se o rendimento como acima.....	30\$000
N. B. — Arrematou-se em 72\$000 pelos 3 annos de 1781 a 1783.	
Inquiridor, contador e distribuidor. — Como o sугeito que serve estes officios serve tambem na ouvidoria da comarca, e no juizo de fóra, no mappa d'este juizo vai declarado o seu rendimento.....	\$
Porteiro.—Como serve tambem na ouvidoria da comarca e no juizo de fóra, no mappa d'este ultimo vai declarado o seu rendimento.....	\$
Rs.....	888\$000

## N. 11

*Mappa do rendimento annual dos empregos da comarca d'esta cidade do Rio de Janeiro*

Presidente.—Como é sempre o juiz de fóra no mappa dos empregos d'aquelle juizo vai notado o que elle percebe como prezidente da camara.....	\$
Vereador mais velho.—Regula-se em....	119\$720
Rendimento incerto das vizitas de navios da costa d'Africa, como provedor da saude 72\$, rendimento incerto de condemnações e vistorias 13\$, propinas 34\$720.	
2.º Vereador.—Regula-se em.....	67\$720
Rendimento incerto como arruador pelos arruamentos dos xãos 20\$, rendimento incerto de condemnações e vistorias 13\$, propinas 34\$720.	
	187\$440



Transporte.....	187\$440
3.º Vereador.—Regula-se em.....	77\$720
Rendimento incerto da 4.ª parte dos 2% do depozito geral da cidade, como ins- pector d'aquelle cofre 30\$, rendimento incerto de condemnações e vistorias 13\$, propina 34\$720.	
Procurador.— Regula-se em.....	47\$720
Rendimento incerto de condemnações e vistorias 13\$000.	
Escrivão da camara.— Regula-se em....	808\$000
Ordenado 85\$, propinas 34\$720, rendi- mento incerto de emolumentos 688\$280.	
Sindico.—Regula-se em.....	39\$360
Ordenado 32\$, propina 7\$360.	
Thezoureiro da camara. — Tem de pro- pina certa, para luminarias do santo padroeiro.....	7\$360
Porteiro.—Regula-se em.....	246\$080
Ordenado 62\$400, propina 3\$680, rendi- mento incerto de emolumentos 180\$000.	
Thezoureiro da cidade.—Regulam-se os emolumentos em.....	90\$000
Alcaide.— Regula-se em.....	90\$000
Propinas 8\$680, emolumentos 81\$320.	
Escrivão do alcaide.—Não tem ordenado nem propinas, e os emolumentos ren- derão pouco mais ou menos.....	100\$000
N. B.—Arrematou-se pelos 3 annos de 1780 a 1782 por 76\$000.	

---

Rs..... 1.693\$680

## N. 12

*Mappa do rendimento annual dos empregos da thezouraria  
geral das tropas d'esta cidade do Rio de Janeiro*

Thezoureiro geral. — Tem de ordenado, sem mais nada.....	600\$000
	<hr/> 600\$000

Transporte.....	600\$000
Commissario assistente.—Regula-se em. Ordenado 500\$, de emolumentos da 3. <sup>a</sup> parte das certidões e registos de pa- tentes pouco mais ou menos 10\$000.	510\$000
Commissario pagador.—Regula-se em... Ordenado 300\$, de emolumentos como acima 10\$000.	310\$000
Outro dito.—Regula-se em.....	310\$000
Ordenado 300\$, de emolumentos como acima 10\$000.	
Continuo, porteiro e guarda-livros.— Regula-se em.....	86\$000
De ordenado 80\$, de emolumentos de buscas pouco mais ou menos 6\$000.	
Rs.....	1.816\$000



NOVAS CULTURAS

OBRAS PUBLICAS, RENDAS E DESPEZAS DO BRAZIL

NOS

TEMPOS COLONIAES

---

Illm. e Exm. Sr.

Em um caixão, que remetto a V.Excellencia, vão em 10 frascos 13 libras e meia da camomilla, que se tem collido da que mandei espalhar pela cêrca do hospital real militar, excepto um dos ditos frascos, em que vai alguma de fóra, levando os mesmos frascos letreiros com distinção do tempo em que foi collida, para V. Ex. ficar mais bem informado, e me poder declarar as observações que ali se fizerem a respeito da má, boa, ou melhor qualidade da de cada um dos ditos frascos ; assim como o preço que se lhe deve pôr ; porque tanto aqui, como em Santa-Catharina, se queixam de ser muito diminuto o de 27400, que se acha estabelecido.

Da sobredita cêrca me tenho aproveitado para estas experiencias, e para ter sempre n'ella um depozito abundante da mesma planta e repartil-a, como tenho feito, por varios sitios de modo que possa augmentar-se muito esta plantação, para se tirarem d'ella as utilidades que Sua Magestade quer, V. Excellencia tanto me recomenda, e eu efficazmente dezejo.

Mas devo confessar a V. Excellencia, que os effeitos vão correspondendo muito mal ás minhas diligencias, e que faltam os meios proporcionados para se conseguir um fim tão importante, como se dezeja, e eu procuro.

A repugnancia d'estes moradores a novas culturas, tantas vezes lamentada, é muito maior a respeito da coxonilha, em cuja planta vêm unicamente os espinhos, sem que distingam o fruto, por mais que este se lhes explique e se lhes persuada. Recebem como uma violencia qualquer das razões, que se lhes pondera para os animar a semelhantes culturas, nas quaes se occupam com o pouco cuidado, qu corresponde ao desprezo interior, com que as abraçam por mera condescendencia e obzequio.

Quazi todos os que tem possibilidades para semelhantes plantações, por isso mesmo que têm terreno e escravos, são aquelles a quem a fazenda real deve grossas quantias, procedidas muitas d'ellas das produções d'aquelles mesmos terrenos que possuem, e que violentamente lhe foram tomados para a mesma real fazenda, e não podendo eu satisfazel-as, quando m'as pedem, e na mesma occasião em que os pretendo animar para aquella ou outras novas plantações, de que erradamente não gostam, póde V. Excellencia conhecer quanto serão fracos os meus discursos, e debeis as minhas instancias.

Estes obstaculos, que se acham ainda assim vencidos em gran'le parte a respeito do anil, serviriam de muito bom exemplo para remover os da coxonilha, si o mesmo augmento do dito anil não mostrasse cada vez mais aos que se occupam na sua plantação uma triste experiencia capaz de desanimar todas as que se intentam, ou intentarem de novo.

Logo que daqui fôram remettidas as primeiras amostras d'aquelle genero no anno de 1773, foi Sua Magestade servida determinar pela ord'm expedida do seu real erario á junta da real fazenda d'esta capital, que vai debaixo do numero 1, que fizesse comprar com dinheiro á vista todo o anil que se fabricasse n'esta capitania por tempo de dez annos e pelos diversos preços estabelecidos na referida ordem, segundo a qualidade do mesmo anil; porém esta real ordem, que ao principio não foi tão



difficultoza de observar pela modica quantidade do genero, e por consequencia da despeza com que se faria o seu pagamento, á medida que se foi augmentando o mesmo genero, foi sentindo mais e mais demoras na sua tão importante execução, e já agora (para falar tão claramente, como deve ser, quando se trata de informar a Sua Magestade) tem chegado ao ponto de impossibilidade, que só a mesma Senhora pôde remediar.

Logo que o referido genero principiou a augmentar-se, deixou de se pagar tão pontualmente como determina a referida ordem com dinheiro á vista, porque a não havia; daqui se seguiu a consequencia infalivel de se suspender o mesmo augmento, e de variarem os animos mais dispostos para o promover, fazendo-se necessario, para a não desanimarem de todo, acudir-se-lhes publicando, novos editaes no anno de 1779, como o que vai copiado debaixo do numero 2 ; suscitando a prompta execução da referida ordem, que sendo já antes d'esse tempo, quando não impossivel, summamente difficultozo, pouco importava prometter-se-lhes, mostrando-lhes a sua propria experiencia o contrario d'aquillo mesmo, que se lhes promettia.

Este tinha sido o verdadeiro motivo, porque, tomando cada um diverso pretexto, e muitos o da tenuidade do preço, porque a fazenda real lhes pagava, entraram a clamar pela liberdade, que lhes era prohibida pela referida ordem, de venderem a quem, e como lhes parecesse; para isto se fez um requerimento, e se conseguiu a real ordem que vai debaixo do numero 3, o qual requerimento, sendo feito em nome de Manoel da Costa Cardozo, então como agora actual thezoureiro da real fazenda, bem dá a entender, que levava aquelle motivo, ainda que o não dicesse, por isso mesmo que era feito por quem melhor conhecia as forças da mesma fazenda real, e menos devia declarar-as.

D'este modo animados os fabricantes pelas promessas dos vice-reis, e esmorecidos pelas demoras de pagamento pela real fazenda, tem ainda assim caminhado este ramo de commercio muito mais do que promettiam as mesmas demoras, porém muito menos do que pede a sua importância. Da minha parte tenho procurado, que as obras

não desdigam tanto das palavras, mas nem por isso tenho podido conseguir, que os pagamentos sejam promptos, antes cada vez menos m'o promettem o estado, em que se acha a fazenda real d'esta capitania, o augmento das despesas, que lhe são indispensaveis e o excesso da sua divida.

Apenas pude conhecer estas circumstancias, procurei, que fôsem presentes a Sua Magestade para lhes dar o remedio que fôsse servida. Com o balanço do anno de 1779 fôram remettidos pelo real erario um mappa, em que se fórm a calculo do rendimento, e despeza da mesma real fazenda em cada um anno, e outro do que consta estar devendo, conforme o manifesto, que se mandou fazer das letras correntes. Nas diversas contas, que então se deram por aquella repartição, se fizeram varias observações, que occorreram sobre a mesma despeza e receita, entre as quaes foi expressamente declarada a impossibilidade de se fazerem similhantes pagamentos de anil e coxonilha, etc., pela fazenda real, como Sua Magestade determina, sem que para isso houvesse uma nova consignação; apontando-se juntamente que podia ser feita nas quantias, que se mandam cobrar pela meza da inspecção, e que immediatamente se remetem para o mesmo real erario.

Até agora não tem chegado por aquella repartição providencia alguma; o que me obriga a pôr no conhecimento de Vossa Excellencia o estado da real fazenda d'esta capitania, buscando todos os meios, que devo, para que, informada Sua Magestade, possa dar todas as providencias necessarias, para as suas reaes ordens serem cumpridas, e as suas reaes intenções, em beneficio do estado e dos povos, que felizmente a têm por soberana, serem verificadas.

Por isso remetto a Vossa Excellencia, debaixo do numero 4, um mappa geral do rendimento e despeza, que deve fazer cada anno a fazenda real d'esta capitania. Do rezumo, que vai no fim do mesmo mappa, verá Vossa Excellencia quanto a despeza excede á receita, ainda quando não fôsse necessario augmentar a mesma despeza, como a experiencia de todos os dias vai mostrando.

E' certo, que para a despeza se faz a conta aos soldos pelo estado completo, e não pelo effectivo : mas além de se esperar que as tropas se reduzam áquelle, esta pequena differença não tem proporção alguma com o augmento da mesma despeza, que se não pôde prevêr. D'este modo se regula no dito mappa a despeza de uma nau sómente por anno, ao mesmo tempo que no passado de 1780 vieram duas ; não lembra a despeza que actualmente se está fazendo com a madeira, que Sua Magestade mandou preparar para o serviço dos seus reaes arsenaes, que mostra o calculo, que vai debaixo do numero 5. importar em 72.778\$919. Principiam as despesas da futura demarcação com o pagamento dos ordenados das pessoas que n'ella hão de servir; e premeditam-se as que são necessarias para aquelle fim, sobre as quaes se não pôde fazer calculo justo, mas é indispensavel dinheiro muito prompto.

Tambem remetto a Vossa Exceilencia, debaixo do numero 6, um mappa do que consta estar devendo a fazenda real d'esta capital, divida, que, estando reduzida pela maior parte a papeis correntes pela junta da mesma real fazenda na mão dos credores, poderá ainda ser maior do que a grande somma, que mostra o dito mappa.

Além d'isto são necessarias differentes obras, das quaes umas se acham principiadas, ha muitos annos, sem se poderem continuar, e outras nem tem podido principiar-se. D'estas são as mais essenciaes, e que com a demora cada dia se vão fazendo mais indispensavis.

A obra da alfandega d'esta capital, que, rendendo só pela dizima 136.875\$060, se acha accommodada em uma especie de telheiro, onde as fazendas ficam pouco menos que expostas a todas as calamidades do tempo, com grande clamor dos negociantes, e grave prejuizo de Sua Magestade na diminuição dos direitos que paga a fazenda de qualquer modo avariada. Ha pouco tempo cahio um chamado armazem, o que tudo me tem obrigado a principiar alguma obra, que possa reparar tantos danos, sem a magnificencia e despeza que ha tantos annos inutilmente estava premeditada.

A obra dos canos da Carioca, que, sendo a unica

agua com que se provê toda esta capital e as differentes embarcações que chegam a este porto, se acha ha muitos annos por acabar, conservando-se descobertos os mesmos canos em grande distancia; e por consequencia sugeitas as aguas, que por elles se conduzem, a serem infeccionadas de toda a qualidade de animaes, como tem mostrado bastantes vezes a experiencia. Para esta obra se tem destinado algumas consignações, que nunca tiveram effeito por ficarem confundidas e absovidas pelas ordinarias despezar da fazenda real; esta despeza pertenceria á camara, si desde o anno de 1700 não passasse para a fazenda real o subsidio pequeno dos vinhos, que antes tinha sido estabelecido para augmentar as rendas do conselho com a determinada applicação de se empregar o seu rendimento na referida obra, ficando por isso a mesma camara, assim como privados d'aquella administração e cobrança, desobrigada juntamente da despeza para que tinha sido destinada, a qual me consta por avaliação a que mandei proceder, que importará em 18.000\$000.

A obra da nova sé, que se faz tão necessaria, quanta é a indecencia em que se acha em uma igreja arruinada e emprestada, a qual nem igreja particular devia ter sido no estado em que a vejo; bastando dizer a Vossa Excellencia, que nem ainda o tecto se acha forrado, nem o pavimento assoalhado. Esta obra se acha principiada desde o anno de 1749, e parada desde o de 1753, achando-se grande parte das paredes levantada, e n'ellas interrada a importante somma de 103.031\$810. Vê-se, pelo que se acha feito, que a dita obra foi delineada de baixo de um risco magnifico, mas não é possivel, por mais diligencias que se tem feito, apparecer o mesmo risco, e apenas acho a tradição de que fôra entre os papeis, que, por morte do governador d'esta capitania Conde de Bobadella, se remetteram para essa côrte por ordem de Sua Magestade sem distincção alguma; de que tambem poderá proceder a grande falta de ordens d'aquelle tempo na secretaria, que todos os dias se allegam ou verdadeira ou falsamente; e nunca se descobrem. Igualmente se vê, que a obra feita nada corresponde á despeza sobre-dita;

ficando bem facil de crêr a grande negociação, que com ella fizeram os empreiteiros, que a arremataram por medição, dos quaes já não existe algum.

A obra da caza da relação, que ainda que se não acha mal accommodada na caza da camara que occupa, obriga a falta de caza propria á despeza annual de 220,000, que se pagam á mesma camara pelas cazas que aluga para a sua accommodação, tudo na fórmula das ordens de Sua Magestade.

A obra de uma caza de correccção, que, sendo determinada pela carta régia de 8 de Julho de 1769, se não tem estabelecido por falta de meios ; sendo cada dia mais necessaria em um paiz em que é deshonra o servir, e já não pôde escandilizar o inveterado costume de tirar lucro dos vicios e ostental-os. E como Sua Magestade ha de querer que se observe aquella sua real ordem, fundada toda no serviço de Deus e do bem publico, devo dizer a V. Excellencia que a mesma carta régia se refere aos decretos que a este respeito se observam n'esta côrte, declarando se remettem por cópia, os quaes não acho por mais que os tenha buscado, e hão ser necessarios, assim como outro qualquer regulamento que haja n'esta materia, quando Sua Magestade der providencia para se pôr em pratica similhante estabelecimento.

A obra que ha muito tempo se acha premeditada, de accrescentar o real armazem do trem de artilharia com as accommodações necessarias para se recolher em bôa ordem tudo quanto ali pertence ; o que agora é impraticavel pelo pouco lugar que nelle ha. Necessita-se de um armazem grande para a polvora em lugar seguro desta cidade, em que esteja mais bem conservada do que o pôde estar prezenemente. Outro armazem para guardar as madeiras proprias para as obras de artilharia e fortificações, que de repente se não pôdem achar sêcas e promptas para similhante serviço.

Tambem falta uma caza propria para guardar todos os artificios de fogo, e para o trabalho de os preparar. Ha falta de quarteis para as tropas, com a accommodação das quaes se faz por isso consideravel despeza.

Todas estas obras, que entendo serem de indispensavel



necessidade e de excessiva despesa, dependem de consignações certas e promptas; assim como as fortalezas, que, sendo aqui tantas em numero, não ha alguma concluida; além dos continuados reparos e concertos, que o tempo a cada passo faz necessarios para a conservação do seu actual e incompleto estado.

De tudo o que tenho dito, verá V. Excellencia, que são quatro os objectos da necessidade publica d'esta capitania, e que necessitam de providencia:

1.º O consideravel excesso da despesa á receita da fazenda real.

2.º A falta de prompto pagamento do anil, e mais novas produções uteis ao estado.

3.º A falta total de pagamento de divida tão excessiva

4.º A falta de meios para se fazerem obras de indispensavel necessidade.

O primeiro d'estes objectos tanto mais necessita de attenção e de remedio, quanto vai augmentando cada anno o 3.º na divida, que infalivelmente se contrae de novo de 111.295\$722, que mostra o rezumo do mappa numero 4 exceder a despesa da fazenda real á receita. Por isso necessitando de uma providencia por meio da qual entre de novo nos cofres da mesma real fazenda similhante quantia, que as iguale, me lembra, que uma das consignações que a mesma fazenda real percebia no tempo da guerra do sul da capitania da Bahia, importava em 80:000\$000, e tendo a mesma capitania forças para a continuar, ajunto a esta quantia a das sobras do rendimento do subsidio literario d'esta capitania, das de Minas-Geraes e Goiaz, calculando quanto poderão importar uns annos por outros, para de tudo fazer a somma, que mostra o calculo numero 7 ser de 96.521\$430, que, ainda que não chega a remediar de todo aquella falta, muito a diminue, podendo-se tirar o resto do que lembra poderá applicar-se para remediar o 3.º objecto.

O segundo d'estes objectos, necessitando, como está dito, de uma consignação prompta para se poderem observar as ordens de Sua Magestade a respeito d'elle, parece, que a pôde ter em qualquer dos rendimentos, cuja quantia se remete d'esta capital para essa côrte; pois não estando

a differença do que se remette mais do que em ir o dinheiro em especie, ou em generos que o valham, indo estes sem que aquelle deixasse de ser remettido iria o dobro das mesmas quantias, como tem ido, por um modo insensivel, mas que o não é para a fazenda real d'esta capitania ; por isso torna a lembrar o dinheiro, que se recebe pela meza da inspecção, e se remette immediatamente para o real erario, que como certo e prompto parece merecer uma applicação, que se faz necessaria e é tão util.

A sua quantia é muito incerta ; mas reduzida ao calculo que póde admittir a sua variedade que vai debaixo do numero 8, faz a somma por anno de 84.465 $\frac{7}{10}$ 335, a qual é outra das consignações sobreditas, que a fazenda real d'esta capital percebia, e que com o fim da guerra lhe foi immediatamente suspensa com todas as mais. Entendo, que não será excessiva para o fim apontado, passados os primeiros annos ; porém suppondo que n'estes bastará a quantia de 4.0000 $\frac{7}{10}$ , declarada no mesmo calculo, pelo rendimento dos direitos reaes de Angola, ficam 44.465 $\frac{7}{10}$ 335, que deve pôr de parte, quando passo a falar do terceiro objecto.

O terceiro d'estes objectos por todos os modos merece grande consideração : si se olha para a natureza das dividas, são procedidas de dinheiro tomado na praça da Colonia no apeito das necessidades mais urgentes sem avanço algum debaixo da promessa de prompto pagamento; de mantimentos tomados para a tropa n'aquella, e nas mais praças d'este distrito debaixo das mesmas circumstancias; de soldos, de jornaes, de fretes, congruas ecclesiasticas, quartéis, fardamentos e finalmente de diversos generos necessarios para a marinha, ou para o trem da artilharia, que me lembram em ultimo logar por fazerem uma divida de tanto menos peso, quanto maior foi o preço por que se compraram fiados : si se olha para o estado dos credores, vêem-se por uma grande parte pessoas miseraveis, que andam mendigando o seu sustento para conservar as suas familias; lavradores obrigados a desamparar as suas terras; negociantes reduzidos a vender as suas embarcações, e a fechar as suas lojas ;

si se olha finalmente para o estado e para a fazenda real, considera-se, sobre tão atrasada, enfraquecida a povoação, que devia propagar-se em tantas familias, que ficam encerradas na sua propria miseria, quando não procuram remedial-a por um modo destructivo da mesma povoação: lembra além d'isso, que o empate de uma somma tão consideravel é igual ao augmento, que o seu giro deveria produzir no valor dos direitos e dos contratos; sem o qual se pôde prevêr pelo contrario uma diminuição bem desigual ao mesmo valor.

Estou bem persuadido, que a grandeza e piedade de Sua Magestade só se satisfaria acudindo a todas estas necessidades de uma vez, e que d'esta ampla providencia se tirariam as maiores vantagens; porém torno a lêr o mappa da divida numero 6, e acertificai-me de que chega (pelo que se sabe) á consideravel somma de 1.272.314<sup>7</sup>/<sub>120</sub>, e que, repartida por 10 annos, necessita de uma consignação de 127.231<sup>7</sup>/<sub>12</sub>, a qual não poderá ter o fim desejado, por não haverem consignações que possam annualmente preencher aquella tão importante quantia.

Por essa razão já me tinha lembrado de pôr de parte para se satisfazerem as dividas da fazenda real os 44.465<sup>7</sup>/<sub>335</sub>, declarados no calculo numero 8, que a meza da inspecção cobra do donativo gratuito imposto nas fazendas, que se despacham na alfandega d'esta capital, os quaes immediatamente se remettem para o real erario; porém esta consignação, além de ser muito incerta, é bastantemente diminuta, para se extinguir uma divida tão excessiva em o racionavel termo de 10 annos. Por mais que tenha procurado outros meios para apontar, os não posso encontrar, e apenas me lembro, que se poderá tambem applicar para este objecto o que devem os devedores da mesma real fazenda.

Pela relação dos mesmos devedores, que vai debaixo do numero 9, verá V. Excellencia importar a divida liquida á quantia de 48.375<sup>7</sup>/<sub>950</sub>, a qual sendo reduzida a prestações annuaes, segundo o extracto, que vai expressado na mesma relação, verá V. Excellencia, que ainda não sendo algumas das dividas fallivel, são necessarios 24 annos para se concluirem os promptos pagamentos dos

mesmos devedores : a esta quantia ajunto a de 7:000<sup>7</sup> apontada na informação do escrivão da junta da real fazenda, debaixo do numero 10, que declara o que se poderá cobrar sendo concluidas de todo as liquidações das contas preteritas dos almoxarifes da mesma real fazenda, e vejo, que apenas faz toda esta divida a somma de 55.375<sup>8</sup>950, que devendo entrar nos cofres reaes por uma vez sómente, não póde servir de calculo justo para indemnizar a fazenda real, sinão em uma pequena parte.

Não deixo tambem de me lembrar das fazendas, que foram dos jesuitas, que Sua Magestade mandou applicar para se satisfazerem as dividas da mesma real fazenda ; porém além de não existir d'estas mais do que a fazenda de Santa-Cruz, avaliada em 77.227<sup>9</sup>070, esta se acha não só muito deteriorada no seu valor, mas ainda não tem havido quem a queira arrematar; e cazo haja, vem a entrar nos cofres da real fazenda por uma vez aquella quantia ; ficando por isso ainda persistindo a grande difficuldade de não haverem consignações com que annualmente e por um modo insensivel possa satisfazer-se a grande somma, que vai acima declarada.

O quarto dos ditos objectos, pelo que fica dito a respeito d'elle, bem se vê, que não só necessita de providencias, mas que não póde lembrar sem excogitar alguma nova industria, visto que todas as consignações, que podiam occorrer, já aqui vão iniciadas para satisfazer os outros objectos ; e ainda assim o não podem fazer como pediam as circumstancias. Por isso me lembra um projecto muitas vezes praticado pelas nações da Europa, as quaes ajuntam grandes cabedaes por meio de sortes publicas, e ainda reaes , para fazer certas despesas em utilidade do estado. Em Inglaterra se tem sustentado por este meio excessivos gastos em tempo de guerra, e actualmente em França se está praticando o mesmo, segundo vejo das gazetas.

E' certo, que no cazo de Sua Magestade approvar este projecto, deve ser por alguns annos, para haver em cada um d'elles uma consignação certa para as obras publicas d'esta capital. Não são muitas as forças, que n'ella ha; porém como em todos os homens é natural a inclinação

de buscarem a sua fortuna, quando se lhe apresenta possível, e sem engano, pôde-se esperar, que concorram a aproveitar este meio de a conseguir em maior numero não só d'esta capitania, mas de todas da America pelo menos; para o que será preciso publicar-se com tempo o plano d'esta *loteria*, e vindo impresso, como parecer mais proprio, mais facilmente se poderá espalhar.

Debaixo do numero 11 aponteí o que me occorreu a este respeito; pretendendo tirar de um capital de 500 000 cruzados uma consignação de 100, que, sendo a quinta parte, me não pareceu desproporcionada. Si se achar, que é uma grande somma para se ajuntar de uma vez, se pôde dividir em duas *loterias*, uma em cada seis mezes, regulando a essa proporção por metade as entradas, e os premios de cada vez. Não me pareceu justo declarar todas as obras que, são necessarias, em papeis publicos: por isso vão só expressamente apontadas as da nova sé, e canos da Carioca.

De tudo o que tenho exposto verá V. Excellencia, que todo o meu fim é dar-lhe uma idéa clara do verdadeiro estado d'esta capitania; o empenho de ser breve pôde ser, que deixe em duvida alguma circumstancia, que V. Excellencia necessite de saber para melhor informar a Sua Magestade, e que eu quizera prever agora, mas a todo o tempo dezejo satisfazer de modo que a mesma Senhora não possa ignorar tudo quanto interessa ao seu serviço.\*

Deus guarde a V. Excellencia.

Rio 15 de Julho de 1781.

Sr. Martinho de Mello e Castro.

*Luiz de Vasconcellos e Souza.*

---

\* Os documentos mencionados n'este officio sob os ns. 1, 2, 3, 5, 9 e 10 faltam no original, por isso não vão aqui transcriptos.



## DOCUMENTO N. 4

*Mappa geral do rendimento e despeza, pouco mais ou menos, de um anno da thezouraria geral do Rio de Janeiro, calculado no que foi possivel por um anno médio dos primeiros dez depois do estabelecimento da dita thezouraria, e n'aquella parte em que se não pôde seguir o mesmo calculo por cauza das alterações que se originaram dos movimentos do sul, regulado pelo que se observou em outros annos, em que esta capitania esteve em socego.*

## RECEITA

Dizima da alfandega.....	136.875	066
Tomadias na alfandega.....	479	526
Guarda costa.....	9.520	958
Subsidio grande dos vinhos.....	6.267	229
Subsidio pequeno dos vinhos.....	4.412	318
Senhoreagem da caza da moeda.....	168.634	525
Acrescimos das barras.....	894	257
Donativo de officios.....	7.999	015
Novos direitos de cartas de seguro.....	44	508
Novos direitos de proviões de mercês..	70	656
Novos direitos de officios.....	1.028	616
Escravos que vão para as Minas.....	16.062	666
Passagens dos rios Parahiba e Parahibuna	11.750	000
Aguardente do reino e ilhas.....	4.239	000
Azeite doce.....	2.900	000
Dizimos reaes.....	28.731	000
Aguardente da terra.....	4.511	066
Baleias .....	11.800	000
Sal.....	28.080	666
Direitos de 80 réis do sal.....	6.784	695
Equivalente do contrato do tabaco.....	13.153	126
Dizima da chancelaria.....	1.136	268
Passagens do riode São-João.....	104	780
Guindastes da alfandega.....	196	189
Somma.....	465.676	130

## DESPEZA

*Folha eclesiastica*

Congruas, guizamentos e ordinarias.... 28.242\$080

*Folha civil*

Ordenados 34.004\$461, proprinas  
5.053\$165, moradias 709\$586, ordina-  
rias 2.071\$220, ajudas de custo 291\$539 42.129\$971

*Folha militar, soldos*

1.<sup>a</sup> Planna com exercicio 14.986\$400, ag-  
gregados á 1.<sup>a</sup> planna 1.144\$800, re-  
gimentos e esquadrões completos  
141.104\$237, officiaes de infantaria au-  
xiliar 8.198\$400, officiaes das fortalezas  
no estado actual 4.621\$900, officiaes re-  
formados no estado actual 2.744\$400,  
praças mortas 1.200\$, partidistas da  
aula 600\$, cavallaria auxiliar 1.522\$400  
(176.132\$537) fardamento 31.905\$771,  
aquartelamento no estado actual 5.800\$,  
ajudas de custo 1.287\$259, concertos de  
armas dos regimentos e compras de  
outras para o esquadrão 680\$650, me-  
nestras de lenha sal, azeite de peixe, al-  
godão e agua 6.039\$939, despesas do  
hospital 30.000\$000..... 251.846\$156

*Despezas extraordinarias*

Ordinaria que os Srs. vice-reis podem  
distribuir annualmente por pessoas be-  
nemeritas 400\$, armazens reaes 48.000\$  
despesas da provedoria da fazenda  
3.785\$644, despesas das fortalezas  
2.376\$036, despesas da intendencia  
geral do ouro 239\$011, despesas da

---

322.218\$207

Transporte..... 322.218\$207

alfandega 3.513\$112, despesas da caza da moeda 8.837\$507, despesas da fabrica do trem 4.000\$, despesas da caza das armas 2.500\$, despesas do arsenal de marinha 1.406\$490, despesas do tribunal da relação 220\$, obras 8000\$ despesas de fortificações 1.200\$, despesas com as naus da corôa 24.685\$391 despesas com a marinha, que consiste actualmente em 5 embarcações, importam os soldos e comedorias de 1 anno 16.936\$292, despesas com o expediente das ordens do governo 716\$609, despesas com o expediente da thezouraria geral 454\$182, consignação para a junta de São-Paulo 3:200\$, despesas com o expediente da thezouraria geral das tropas 160\$, despesas com a nova caza da polvora 64\$, alimentos 240\$, despesas de soldos e comedorias da fragata *Princeza do Brazil*, que se acha effectiva n'este porto 17.846\$500, algumas despesas avulsas que se regula importarão pouco mais ou menos 2.000\$000..... 150.778\$774

Rs..... 472.996\$981

#### REZUMO

Importa a receita.....	465.676\$130
Importa a despesa.....	472.996\$981
Vem a faltar para a despesa.....	7.320\$851

*Mappa do rendimento e despesa pouco mais ou menos de um anno da provedoria da fazenda real da ilha de Santa-Catharina, regulado pelas memorias autenticas que se remetteram da mesma provedoria*

## RECEITA

Consignação do contrato das baleias.....	4.000\$000
Contrato dos dizimos conforme a actual arrematação.....	4.720\$000
	<hr/>
Rs.....	8.720\$000

## DESPEZA

Folha eclesiastica.— Congrua e guiza- mentos.....	477\$600
Folha civil.—Ordenados.....	1.603\$100
Folha militar.— Officiaes da 1. <sup>a</sup> plana 1:532\$640, soldos do regimento 25:897\$800, munições de boca e me- nestras do dito 3:101\$052, hospital 4:228\$880.....	34.760\$372

## DESPEZAS EXTRAORDINARIAS

Marinha 565\$440, fortalezas 1:032\$960 despesas geraes 1:805\$760.....	3.404\$160
	<hr/>
Rs.....	40.245\$232

## REZUMO

Importa a receita.....	8.720\$000
Importa a despesa.....	40.245\$232
	<hr/>
Vem a faltar para a despesa.....	31:525\$232

*Mappa do rendimento e despeza, pouco mais ou menos, de um anno da provedoria da fazenda real do Rio-Grande, regulado pelas memorias autenticas, que se remetteram da mesma provedoria*

## RECEITA

Rendimento do contrato das passagens dos animaes, dos registos de Viamão e São-Jorge.....	3.375\$000
Dito do contrato dos dizimos.....	5.774\$300
Dito do quinto dos couros.....	3.000\$000
Dito do quinto da extração dos animaes pelo Rio da Praia.....	271\$480
Dito das passagens do Rio da Praia.....	221\$140
Dito da arenha.....	307\$200
	<hr/>
Rs.....	12.949\$120

*N. B.*— A relação que veio da dita provedoria importa em 13.628\$646 de que se abatem as addições seguintes:

Rendimento da estancia de Monte-alegre sequestrada a João Alvares Mourão, thesoureiro, que foi da expedição da divisão da America, cuja conta se acha ajustada, e como alcance, pelo que respeita aos materiaes, que importa menos do que o que tem entrado nos cofres do Rio-Grande, de rendimento da mesma fazenda, a qual está para se restituir a quem mostrar ser legitimo herdeiro do dito thesoureiro 633\$333; da estancia da Cidreira sequestrada aos herdeiros de Manoel Pereira Franco, almoxarife que foi da praça da Colonia, cuja conta está em actual liquidação, dependendo o finalisar-se de varias certidões que se mandaram vir da ilha de Santa-Catharina e Rio-Grande, e restituição que se



está esperando dos livros dos dous ultimos almoxarifes que fôram da Colonia, que na tomada d'aquella praça levaram os Espanhoes, e foi ordem ao commissario para os pedir 267\$333.

## DESPEZA

Folha eclesiastica.— Congruas e guizamento.....	852\$264
Folha civil.— Ordenados e moradias.....	4.071\$150
Folha militar.— Soldos: regimento de dragões, cavallaria ligeira, batalhão de infantaria, companhia de infantaria ligeira, e cavallaria auxiliar, no seu estado completo, 50:801\$360; farinha e carne pouco mais ou menos aos ditos 9.167\$985; hospital 4.800\$000.....	64.769\$345

## DESPEZAS EXTRAORDINARIAS

Marinha 4.556\$, diversas despesas extraordinarias 11.150\$000.....	15.706\$000
---	-------------

N. B.— Faz-se a conta aos soldos pelo estado completo dos diversos corpos existentes, e não pelo estado effectivo, porque, preenchendo-se o numero de praças dos mesmos corpos, não venham a faltar as consignações para o seu pagamento.

Rs.....	85.398\$759
---------	-------------

## REZUMO

Importa a receita.....	12.949\$120
Importa a despesa.....	85.398\$759
Vem a faltar para a despesa.....	72.449\$639

## REZUMO GERAL

## RECEITA

Pelo que importa o rendimento d'esta capitania 465.676\$130; o rendimento da provedoria da fazenda real da ilha de Santa-Catharina 8.720\$; o rendimento da provedoria da fazenda real do Rio-Grande 12.949\$120.

Importa a receita geral..... 487.345\$250

## DESPEZA

Pelo que importa a despesa d'esta capitania 472.996\$981; a despesa da provedoria da fazenda real da ilha de Santa-Catharina 40.245\$232; a despesa da provedoria da fazenda real do Rio-Grande 85.398\$759..... 598.640\$972

Vem a faltar para a despesa; a saber:  
D'esta capitania 7.320\$851, da provedoria de Santa-Catharina 31.525\$232, da provedoria Rio-Grande 72.449\$639. 111.295\$722

Rio 1.º de Maio de 1781.

*João Carlos Corrêa Lemos.*

## DOCUMENTO N. 6

*Mappa da divida passiva da fazenda real da capitania do Rio de Janeiro e provedorias suas subalternas, conforme o manifesto que se fez no principio no anno de 1780.*

## RIO DE JANEIRO

Pertencentes aos annos preteritos até o fim do anno de 1761.....	3.895\$530
Ao anno 1762.....	7.593\$457
» » 1763.....	75.472\$247
	<hr/>
	86.961\$234

	Transporte.....	86.951 <del>7</del> 234
Ao anno	1764 .....	61.780 <del>7</del> 503
» »	1765 .....	109.127 <del>7</del> 441
» »	1766 .....	76.443 <del>7</del> 320
» »	1767 .....	114.427 <del>7</del> 825
» »	1768 .....	17.280 <del>7</del> 918
» »	1769 .....	12.951 <del>7</del> 841
» »	1770 .....	6.006 <del>7</del> 015
» »	1771 .....	3.758 <del>7</del> 493
» »	1772 .....	5.725 <del>7</del> 445
» »	1773 .....	6.785 <del>7</del> 066
» »	1774 .....	42.786 <del>7</del> 370
» »	1775 .....	66.685 <del>7</del> 449
» »	1776 .....	132.087 <del>7</del> 506
» »	1777 .....	274.066 <del>7</del> 807
» »	1778 .....	56.253 <del>7</del> 132
» »	1779 .....	21.616 <del>7</del> 463
» »	1780 .....	23.984 <del>7</del> 673
		<hr/>
		1.118.728 <del>7</del> 501

Pelo que importa a divida pertencente a diversas embarcações da marinha d'esta cidade, e a varios annos até o fim de 1779, 7.807 <del>7</del> 928.....	1.126.536 <del>7</del> 429
Pelo que importa a divida da provedoria da fazenda real da ilha de Santa-Catharina, conforme as contas extrahidas na dita provedoria.....	111.526 <del>7</del> 478
Pelo que importa a divida da provedoria da fazenda real do continente do Rio Grande de São-Pedro, conforme o mappa extrahido no dito continente	153.312 <del>7</del> 428
<hr/>	
1.391.375 <del>7</del> 335	

Por conta d'esta divida se tem pago desde o principio do dito anno de 1780 o seguinte :

Em dinheiro 42.343~~7~~381, em letras correntes da venda de 3 embarcações

13.314~~7~~349, em letras correntes que a junta tem recebido por importancia da venda da fazenda chamada *Arassatiba*, que foi sequestrada aos denominados jezuitas, 63:403~~7~~480..... 119.061~~7~~210

---

1.272.314~~7~~125

Fica devendo a fazenda real, sem falar nos papeis que se poderão ainda manifestar, e de que se ignoram as quantias, 1.272.314~~7~~125.

Rio de Janeiro 1 de Maio de 1781.

*João Carlos Corrêa Lemos.*

#### DOCUMENTO N. 7

*Relação dos rendimentos extraordinarios que na occasião da proxima guerra no sul auxiliaram os cofres reaes da thezouraria geral d'esta capitania.*

A saber :

A junta da fazenda real da capitania da Bahia assistiu á d'esta capital annualmente com a quantia de..... 80.000~~7~~000

As sobras de rendimento do subsidio literario da capitania de Minas-Geraes, que teve principio no anno de 1774 até o de 1778, conforme as entradas nos cofres d'esta capitania.

A saber :

Pertencente ao anno de  
 1774..... 5.961~~7~~353  
 De 1775 e 1776..... 9.094~~7~~29  
 De 1774 a 1776 (sic).... 2.914~~7~~070

---

17.970~~7~~152

N. B.—Este rendimento tem sido muito incerto, e calculado pelos 3 annos de 1774 a 1776, em que se recebeu o seu produto, pertence a cada um anno a quantia de.....

5.990~~7~~050

---

85.990~~7~~050

Transporte..... 85.990\$050

As sobras do sobredito rendimento pertencente á capitania de Goiaz, que teve principio no dito anno.

A saber :

Pertence ao anno 1774.... 2.633\$806

De 1774 e 1775..... 3.477\$966

---

6.111\$772

*N. B.*—Este rendimento tem a mesma incerteza, e calculado pelos 2 annos que entraram nos cofres da thesouraria geral pertencente a um anno a quantia de.....

3.055\$886

As sobras que tem havido no rendimento do subsidio literario desta capitania depois de abatidas as suas despesas ordinarias.

A saber :

No anno de 1774..... 2.506\$714

» 1775..... 9.785\$856

» 1776..... 8.699\$960

» 1777..... 5.896\$535

» 1778..... 10.480\$163

» 1779..... 3.828\$607

» 1780..... 11.130\$623

---

52.328\$458

*N. B.*—Este rendimento é muito incerto ; porém calculado pelos annos que tem decorrido de 1774 até o de 1780, pertence a cada um anno.....

7.475\$494

Rs.....

---

96.521\$430



## DOCUMENTO N. 8

*Relação dos rendimentos extraordinarios que na occasião da proxima guerra do sul auxiliaram os cofres da thezouraria geral d'esta capitania, que se cobram pelo tribunal da meza da inspecção.*

A saber :

○ rendimento dos direitos reaes de Angola, que, regulado pelas entregas do anno de 1774 a 1776, vem a importar em cada anno pouco mais ou menos a quantia de.....	40.000\$000
○ rendimento do donativo gratuito que pelo povo d'esta cidade foi offerecido á reedificação da capital do reino, que, regulado por um anno médio dos primeiros dez que tem decorrido depois do estabelecimento da thezouraria geral, importa a quantia de.....	44.465\$335
	<hr/>
Rs.....	84.465\$335

N. B. — Estes dois rendimentos são muito incertos, e por isso se não pôde ajustar outro calculo sinão o que vai acima declarado.

## DOCUMENTO N. 11

*Apontamento para o plano de uma loteria, ou sortes publicas, para com approvação de Sua Magestade se poder augmentar a cidade do Rio de Janeiro, capital da America, com edificios que mais a enobreçam, com as formalidades que vão declaradas.*

Será a dita loteria do capital de 500.000 cruzados cada um anno, e poderão interessar-se n'ella tanto as pessoas habitantes na America portugueza, como as que são moradoras no reino de Portugal, assim nacionaes

como estrangeiros, conferindo para isso as ordens necessarias aos seus correspondentes do mesmo modo que o fazem com mais trabalho e falta de correspondencia, quando querem interessar-se nas loterias estrangeiras.

Durará esta loteria por tempo de seis annos, e tomando-se os bilhetes pela entrega das entradas nos primeiros nove mezes de cada um anno, ficarão os de Outubro e Novembro para o preparo e disposições necessarias, e se tirarão as sortes no mez de Dezembro.

Será esta loteria autorizada com a assistencia do tribunal da junta da real fazenda, e terá effeito debaixo da inspecção do desembargador provedor da mesma real fazenda, nomeando-se duas pessoas habéis com intelligencia mercantil para a escripturação e mais trabalho; das quaes fará uma as vezes de thezoureiro no acto do recebimento e entregas, e a outra de escrivão da sua receita e despeza, havendo para isso um livro de caixa com toda a bôa ordem, ao qual se dará balanço todos os sabados para se saber o dinheiro que ha, e as entradas que faltam para completar a loteria, prezidindo a elle o dito desembargador provedor da real fazenda, e guardando-se o dinheiro de cada semana em um cofre de tres chaves, das quaes guardará uma o mesmo desembargador, outra o thezoureiro, e outra o escrivão, acima referidos.

Para este fim haverão dous cofres na caza da moeda (logar destinado para se receberem as entradas e se pagarem os premios) um d'elles chamado cofre diario, para n'elle se receberem as entradas pelo thezoureiro na fôrma acima declarada, e outro chamado o cofre do capital da loteria, onde se ha de ter guardado e seguro o mesmo capital na fôrma tambem declarada, para d'elle a seu tempo se pagarem os premios, a quem a fortuna os tiver dado, os quaes serão pagos, si fôr possivel, em um só dia, e sem a mais leve demora.

Será composta esta loteria de 12.500 bilhetes, cada um do valor de 16\$, que tanto vem a ser a entrada ou preço de cada um d'elles, para importarem o sobredito capital de 500.000 cruzados. Nos ditos 12.500 bilhetes haverão, como mostra o mappa no fim d'este plano, 2.664 de ganho, 9.836 de perda, o que vem a ficar em proporção

de um para quatro, que parece não deixa de ser vantajoso, attendendo que ha bilhetes de grande ganho, e que a maior perda e o menor ganho são 167, que é o mesmo com que se entra na loteria.

Serão tiradas as sortes com a mesma formalidade, que hoje se pratica nos reinos estrangeiros, e na mesma fôrma que explica o Diccionario do Commercio de Savary, por ser este methodo o mais breve, mais seguro, e cheio de toda a bôa fé, que se faz indispensavel em um negocio, que só depende da sorte e da fortuna.

Depois de concluida esta loteria, e tirados os premios, se fará pagamento d'elles a quem legitimamente tocarem pelos bilhetes que tiverem apresentado, e n'este acto de receber cada qual o que lhe pertencer, se lhe descontará do mesmo seu premio a quinta parte, que immediatamente se guardará com a mesma formalidade em um terceiro cofre, que para isso estará preparado, intitulado das obras publicas da America.

Será applicada a mesma quinta parte para as obras publicas, que mais podem contribuir para o augmento d'esta capital, como são a obra da sé nova, que já se acha principiada; reedificar e pôr em bom estado os canos da Carioca, e outras de similhante natureza para a decencia e bôa ordem d'esta capital; as quaes serão reguladas como melhor se entender, e as circumstancias o pedirem; sem que o dinheiro d'aquella quinta parte descontada tenha outro algum destino, que não seja o empregar-se no beneficio e augmento d'esta capital.

Todos sabem, que por este meio tem conseguido as côrtes estrangeiras grandes e magnificos estabelecimentos; e que por este modo póde conseguir esta capital o mesmo augmento com grande satisfação da nação portugueza, que se utiliza a si no ganho das sortes, e ao mesmo tempo se engrandece com o referido augmento.

*Mapa da loteria annual do fundo de 500\$000*

N. dos bilhetes de ganho		Premios	Somma total
2	de	30.000 cruzados	60.000 cruzados
4	de	10.000 »	40.000 »
8	de	5.000 »	40.000 »
10	de	4.000 »	40.000 »
20	de	2.000 »	40.000 »
40	de	1.000 »	40.000 »
80	de	500 »	40.000 »
100	de	400 »	40.000 »
200	de	200 »	40.000 »
400	de	100 »	40.000 »
800	de	50 »	40.000 »
1.000	de	40 »	40.000 »
<hr/>			
2.664	de ganho		
9.836	de perda		
<hr/>			
12.500	a 16\$ de entrada importam	500.000	»

# ACTAS DAS SESSÕES EM 1888

---

SESSÃO ADMINISTRATIVA EM 12 DE ABRIL  
DE 1888.

*Presidencia do Sr. Commendador Joaquim Norberto  
de Souza Silva*

A's 6  $\frac{1}{2}$  horas da tarde, presentes os Srs. commendador Joaquim Norberto, conselheiro Alencar Araripe, conselheiro Beaurepaire Rohan, capitão-tenente Calheiros da Graça, Dr. Pinheiro de Campos e Dr. Teixeira de Mello, servindo este de 1º secretario, abre o Sr. presidente a sessão, dando a palavra ao Sr. Calheiros da Graça.

O Sr. Calheiros da Graça expõe, que, tendo a sociedade de geographia do Rio de Janeiro, da qual é também membro, de effectuar n'esta côrte a 16 de Setembro, anniversario da sua fundação, uma exposição de geographia sul-americana e especialmente do Brazil, pedia, que o Instituto lhe confiasse todos os mappas e documentos, que possuisse relativos áquelle assumpto e permittisse, que a sociedade tirasse cópia dos mappas, plantas, planos, etc., que julgasse mais valiosos e mais importantes para a elucidação da materia, comprometendo-se elle a restituil-os opportunamente.

O Sr. presidente submette o pedido á consideração do Instituto e depois de breves considerações do Sr. conselheiro Alencar Araripe favoraveis ao pedido, é unanimemente approvado, ficando, por indicação do Sr. presidente, o mesmo Sr. Calheiros da Graça incumbido de



fazer a escolha dos documentos e mappas, que julgasse deverem figurar na alludida exposição.

Não havendo mais nada a tratar-se, suspende-se a sessão.

O 1.º Secretario interino

*Dr. Teixeira de Mello*

## SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 16 DE MAIO DE 1888.

*Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto  
de Souza Silva.*

A's 6 ½ horas da tarde, presentes os Srs. Joaquim Norberto, Franklin Tavora, Maximiano Marques, Pinheiro de Campos, Cezar Marques, Garcez Palha, Ignacio Ferreira, e Sacramento Blake, occupando este a cadeira de segundo secretario a convite do Sr. presidente, foi pelo mesmo Sr. presidente declarada aberta a sessão e lida a seguinte allocução :

« Senhores ! Como esse mundo de trevas, que paira eternamente ante o Cruzeiro do Sul, parecia, que a negra mancha da escravidão teria de offuscar ainda por muito tempo a terra de Santa-Cruz.

As gerações se succediam sem que lhes fôsse dado antever a terra da promissão. Apenas aqui e ali, de espaço em espaço, irrompiam das negras nuvens as scintillações de uma immensa aurora, e eis que de repente, quando ainda mal se esperava, surge no horizonte da patria o sol da liberdade, o astro da redempção humana !

A concisão da lei, que realizou tão grande milagre, só tem de comparavel a sublimidade do *fiat lux* da tradição biblica : « *E' declarada extincta a escravidão no Brazil.* »

Senhores ! Eu me congratulo pelo complemento da liberdade social de nossa cara patria, e como ao Instituto Historico não pôde passar desaperecebido tão sublime feito,

nova época nos annaes da nossa historia, convoquei a presente sessão extraordinaria a fim de deliberarmos as seguintes propostas :

1.º Que o Instituto Historico dê parabens a S. M. o Imperador por tão fausto motivo, expedindo-se um telegramma.

2.º Que se envie uma deputação a saudar a S. A. Imperial em nome do Instituto Historico, tendo por seu orgão o nosso illustre orador.

3.º Que se dirijam mensagens de agradecimento e louvor ás camaras legislativas e ao ministerio.

4.º Que se lance na acta da presente sessão um voto de louvor á imprensa de todo imperio, que coooperou para o triumpho incruento da causa da abolição.

5.º Que se colloque na sala de nossas sessões o busto do finado consocio Dr. Perdigão Malheiro, que em sua obra a *Escravidão no Brazil* procurou lançar as bases para a abolição da escravidão.

Foram approvadas as propostas do Sr. presidente, sendo a quarta com um additamento proposto pelos Srs. Cesar Marques, e Sacramento Blake para que depois das palavras—voto de louvor á imprensa de todo imperio, diga-se: « e a todos aquelles que, de qualquer modo, contribuíram para o triumpho incruento da santa causa da redempção. »—e sendo-o tambem a ultima com um additamento do socio Sacramento Blake para que se accrescente: « e bem assim o busto do nosso tambem finado consocio o Visconde do Rio-Branco, que foi quem, com a lei de 28 de Setembro de 1871, iniciou a realisação da abolição do elemento escravo no Brazil.

Ainda em additamento á proposta do Sr. presidente, indicou o Sr. Cesar Marques, e foi approvado, que se nomeie uma commissão para felicitar S. A. o Sr. Conde d'Eu, nosso augusto presidente honorario, nosso compatriota, e que com todo desvelo está ao lado do povo, quando este soffre, e tambem compartilha de nossas glórias.

O Sr. Franklin Tavora, primeiro secretario, propôz, que se nomeassem commissões do seio do Instituto, que o representassem na missa campal, e na marcha civica da

imprensa fluminense. Sendo a indicação approvada, foram nomeados: para a primeira commissão os Srs. Escragnolle Taunay, Beaurepeire Rohan, Sacramento Blake, Cesar Marques, Garcez Palha, Pinheiro de Campos e Maximiano Marques, e para a segunda os Srs. Escragnolle Taunay, Alencar Araripe, Olegario H. d'Aquino Castro, Franklin Tavora, Cesar Marques, Pinheiro de Campos e Severiano da Fonseca.

O Sr. Maximiano Marques por ultimo manda á mesa uma indicação com o fim de memorar a extinctão do captiveiro no Brazil, nos seguintes termos: « O Instituto Historico levantará, por meio de uma subscrição nacional, uma estatua a S. A. D. Izabel, em columna bem alta, similhante a de Nelson que está em Londres, em Trafalgar-Square. »

Depois de ligeiras considerações de alguns socios presentes, foi adiada a indicação para ser discutida em assembléa geral.

O Sr. presidente, nomeando para em commissão felicitarem SS. AA., a princeza e seu augusto consorte, os Srs. Escragnolle Taunay, Beaurepaire Rohan, Alencar Araripe, Ribeiro de Almeida, Jaguaribe Filho e Severiano da Fonseca, levantou a sessão ás 8 horas da noite.

*Augusto Victorino A. do Sacramento Blake.*

Segundo secretario interino.

---

## 1ª SESSÃO ORDINARIA EM 15 DE JUNHO DE 1888

HONRADA COM A PRESENÇA DE S. A. R. O SR. CONDE  
D'EU

*Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto  
de Souza Silva*

A' 7 horas da noite, achando-se reunidos os Srs.: Joaquim Norberto de Souza Silva, Joaquim Pires Machado Portella, João Franklin da Silveira Tavora, João

Severiano da Fonseca, Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, Maximiano Marques de Carvalho, Cesar Augusto Marques, Felizardo Pinheiro de Campos, Francisco Ignacio Ferreira, Francisco José Borges, e Henrique Raffard, é annunciada a chegada de S. A. R. o Sr. Conde d'Eu, o qual, sendo recebido com as devidas honras, toma assento, e o Sr. presidente declara aberta a sessão.

O Sr. 2º. secretario interino lê a acta da sessão extraordinaria, que teve logar em 16 de Maio do corrente anno e é approvada,

O Sr. 1º. secretario dá conta do seguinte

#### EXPEDIENTE

##### Officios :

Do ministerio do imperio pedindo informações das occurrencias dadas no Instituto, afim de se organizar o relatorio do referido ministerio.

Do Sr. veador Franklin Americo de Menezes Doria, declarando em resposta ao officio que o Instituto lhe enviára, que S. A. o Sr. Conde d'Eu se dignou marcar o dia 15 do corrente, ás 7 horas da noite, para ter logar a 1ª. sessão ordinaria do corrente anno no Instituto.

Dos presidentes das provincias do Rio de Janeiro, Bahia, Rio-Grande do Sul e Paraná, enviando a collecção de leis, relatorio e fala com que abriram as sessões das assembléas legislativas nas referidas provincias.

Do Sr. 2º. secretario do Instituto, Dr. Augusto Fausto de Souza, participando seguir para Santa-Catharina em commissão do governo imperial, na qualidade de presidente da dita provincia.

Do mesmo senhor, participando ter prestado juramento em 20 de Maio proximo findo e assumido o cargo de presidente da mencionada provincia, e pedindo alguns numeros da *Revista do Instituto*, que faltam na collecção da bibliotheca d'aquella provincia, e algumas obras que o Instituto possua em duplicata.

Do Sr. Antonio Hippolito de Medeiros, pedindo a collecção da *Revista do Instituto* para a bibliotheca popular da sociedade commemorativa Treze de Maio da cidade de Jundiáhi na provincia de São-Paulo.

Do Sr. Antonio Borges de Sampaio, communicando que congratula-se com o Instituto pela extinção da escravidão no Brazil.

Do secretario do gabinete portuguez de leitura, agradecendo os tomos da *Revista do Instituto*, que lhe foram enviados para completar a collecção do dito gabinete.

Do director do imperial observatorio do Rio de Janeiro, enviando um exemplar do 3°. tomo dos *Annaes* do dito observatorio.

Do Sr. Paulino Nogueira Borges da Fouseca, accusando o recebimento do officio e diploma de admissão como socio correspondente do Instituto e pedindo um exemplar dos estatutos.

Do Sr. Euclides Fausto de Souza, participando não poder por algum tempo comparecer ao Instituto seu pai, o Sr. Dr. Augusto Fausto de Souza, por se achar doente.

Do Sr. Francisco Marques Perdigão Malheiro, agradecendo ao Instituto a homenagem lembrada, de collocar na sala das sessões o busto de seu finado irmão Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro.

Do Sr. Achilles de Mello, pedindo a collecção completa da *Revista do Instituto* para a bibliotheca do Trabalho, na cidade do Pão de Assucar, na provincia das Alagoas.

Do Sr. João Brigido dos Santos, accusando o recebimento do 4°. trimestre da *Revista do Instituto* do anno de 1887 e pedindo os tres primeiros que lhe faltam do mesmo anno.

Do secretario da reunião dos expositores da industria brasileira, convidando a directoria do Instituto para assistir á posse da administração da dita reunião.

Da commissão central brasileira, organizada n'esta cõrte para a Exposição Universal de 1889 em Paris, convidando o Instituto para se fazer representar na dita exposição.



Carta do Sr. Maximiano Marques de Carvalho, pedindo a convocação de uma sessão extraordinária.

Do ministerio de estrangeiros, pedindo que se envie a collecção da *Revista do Instituto* para a bibliotheca do ultramar, em Madrid.

## OFFERTAS

Pela secretaria da camara dos deputados : *Relatorio e synopse* dos trabalhos da referida camara, na sessão do anno de 1887.

Pelo Sr. Joaquim Ferreira Moutinho : *Obolo das crianças*.

Pela Real Academia de sciencias moraes e politicas de Madrid : *Resena historica, memorias e Anuario* da mesma academia.

Pela directoria do retiro literario portuguez : *Relatorio* apresentado em 31 de Dezembro de 1887.

Pelo Sr. senador Joaquim Floriano Godoi : *Elemento servil e as camaras municipaes da provincia de São-Paulo; Projecto de lei para a criação da provincia do Rio Sapucahi*.

Pelo Sr. Antonio Rodrigues Pereira Labre : *Itinerario de exploração do Amazonas á Bolivia*.

Pelo Sr. Vivien de Saint Martin : *Nouveau Dictionnaire de geographie universelle*, fasciculos de 39 a 41.

Pelo Sr. 1.º tenente Raimundo Ciriaco Alves da Cunha : *Pequena Geographia* da provincia do Paraná.

Pela presidencia da Republica Argentina : *Los presupuestos, los recursos y las leys de impuestos de la nacion; La Municipalidad de la capital y las 14 provincias*.

Pela imprensa nacional : *Collecção das leis e decisões do governo do imperio do Brazil de 1822 e 1887*.

Pelo Sr. bibliothecario da bibliotheca publica e municipal do Porto : *Catalogo da mesma bibliotheca*.

Pela respectiva redacção : *Revista maritima brasileira*.

Pelo Sr. Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe Filho : *Interesses do 5º. districto ; Discursos pronunciados na assembléa provincial de São-Paulo em 1888.*

Pelo Sr. Arthur Vianna de Lima : *L'Homme selon le transformisme.*

Pelo Sr. J. Arnozo : *Elementos de chorographia do Brazil.*

Pelo Sr. J. M. da Silva Coutinho : *Estradas de ferro do norte, relatorio apresentado ao Exm. Sr. conselheiro Antonio da Silva Prado, ministro da agricultura.*

Pela camara dos deputados : *Annaes do parlamento brasileiro de Abril a Outubro de 1833, Maio a Outubro de 1835 e o anno completo de 1887.*

Pela Sociedade scientifica Argentina : *Datas annales del commercio exterior ; Annaes da mesma academia.*

Pelo Sr. Pedro Pablo de Figueiroa : *Diccionario biografico generale de Chile 1550—1887.*

Pelo Sr. Lafayette de Toledo : *Santistas illustres ; Almanak de Casa-Branca para o anno de 1888.*

Pela commissão dos trabalhos geologicos de Portugal : *Communicações da mesma commissão (1º. tomo), fasciculo 2—1885—1887.*

Pelo Sr. Joaquim Ferreira Moutinho : *Por fazer bem.*

Pela commissão franco-brazileira iniciadora : *Exposição Universal de 1889.*

Pela sociedade de geographia de Lisboa : *Elogio historico.*

Pelo Sr. Luiz Cruls, director do imperial observatorio do Rio de Janeiro : *Annaes, tomo 3.º*

Pelo Sr. commendador Joaquim Norberto : *Imprensa Fluminense*, jornal publicado no Rio de Janeiro em 21 de Maio de 1888, no qual a nação brazileira declara pelos seus representantes extincta a escravidão no Brazil.

Pelas sociedades de geographia do Rio de Janeiro, Paris, Bordeaux, Madrid, Italiana, Australasia, Neuchâtel, Tours, St. Gallen, Berlin, Berne, New-York, Anvers, Lisboa e Instituto Argentino : *Boletins.*

Pela Real Academia de historia de Madrid, sociedades africana de Italia, Naturalistas de Moscow, Arkansas.

Sadrzaj, Academia nacional de ciencias em Cordoba, Stettin, Saigon, centro bibliographico vulgarizador, Augusto Dias da Silva Barrozo, club de engenharia, Instituto do Ceará, Instituto archeologico e geographico pernambucano, Progreso das ciencias de Madrid e imperial observatorio do Rio de Janeiro: *Revistas e Boletins*.

Pela sociedade scientifica Antonio Alzate: *Memorias*.

Pelo Sr. J. Abel Rosales: *Bibliographia del literato D. Miguel Luiz Amunátegui*.

Pelo autor: *From the Quartely Journal of the geological society for August*.—1887.

Pelas respectivas redacções: *Gazeta da Bahia, Jornal do Recife, Diario Popular do Paraná, Imprensa, Gazeta de Portugal, Semana, Espirito-Santense, Gazeta de Mogi mirim, Provincia do Espirito-Santo, Cachoeirano, Baependiano, Publicador Goiano, Madagascar, Diario de Noticias, Patria, Jornal da Parahiba, Liberal Mineiro, Allioth, Etoile du Sud, Brésil, Nouveau Monde, Revista do Paraná, Revista de Medicina, Tempo e Boletim da alfandega do Rio de Janeiro*.

## ORDEM DO DIA

O Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho apresenta a seguinte proposta:—O Instituto historico e geographico do Brasil deve escrever a historia da nação brasileira conforme os acontecimentos os mais publicos, os mais justos e os mais uteis se vão succedendo.

A lei de 13 de Maio, que emancipou um milhão de escravos no Brazil, já pertence á historia.

Hoje para se perpetuar esta lei em bronze eu proponho:

Que este Instituto Historico autorise ao nosso illustrado thesoureiro a abrir uma subscrição nacional na côrte e em todas as provincias para se levantar no campo da Acclamação uma columna de bronze bem alta, tendo na base a lei de 13 de Maio, e no vertice o simbolo da justiça representado pela princeza Isabel, regente do imperio

brazileiro. Sala das sessões 15 de Junho de 1888. — Dr. *Maximiano Marques de Carvalho*.

Foi tambem apresentada a seguinte emenda substitutiva á proposta do illustre consocio o Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho :

O Instituto historico e geographico Brasileiro fará cunhar uma medalha para commemorar a sancção da lei de 13 de Maio de 1888, que extinguiu a escravidão no Brazil. A medalha terá no anverso a effigie de S. A. Imperial circulada d'estas palavras : *S. A. a Princeza Imperial Izabel, a Redemptora, Regente do Imperio em nome de S. M. o Senhor D. Pedro II.* E no reverso a integra da lei n. 3.353 de 13 de Maio de 1888 :

Duas medalhas destinadas a S. M. o Imperador e a S. A. Imperial serão vasadas em ouro ; as destinadas aos illustres membros do ministerio de 10 de Março em prata, e em bronze as que serão offerecidas ás associações e estabelecimentos nacionaes e estrangeiros, que se occupam com collecções numismaticas, ficando um exemplar archivado no Instituto.

Sala das sessões do Instituto Historico em 15 de Junho de 1888.—*Franklin Tavora. Francisco José Borges. Augusto V. Alves Sacramento Blake. Felizardo Pinheiro de Campos.*

O socio Severiano da Fonseca justifica sua ausencia nas commissões do Instituto, por occasião das festas da abolição, em uma por não ter encontrado seus compaheiros, na que devia tomar parte na marcha civica da imprensa, e na outra por não ter sabido do dia e hora em que a commissão devia ir felicitar a S. A. I. a Regente ; ficando desagradavelmente sorprendido, ao saber que isso já tivera lugar, ao lêr em um dos jornaes o discurso do orador. O Sr. presidente e 1.º secretario dão explicações satisfatorias.

Os Srs. socios Drs. Cezar Augusto Marques, Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, e Felizardo Pinheiro de Camppos declararam ter cumprido o mandato do Instituto, fazendo parte das commissões para que foram nomeados afim de representarem o Instituto por occasião das festas da abolição.

O Sr. presidente designou os Srs. Drs. Cezar Augusto Marques, Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake e Henrique Raffard para representarem o Instituto na sessão de posse da administração da sociedade Reunião dos expositores da industria brasileira, no lyceu de artes e officios, no dia 20 do corrente ás 7 horas da tarde.

O mesmo Sr. presidente marca a sessão extraordinaria para n'ella ser discutida a proposta e emenda apresentadas para sexta-feira, 22 do corrente, ás 6 horas da tarde; e obtendo a venia de S. A. o Sr. Conde d'Eu, levanta a sessão.

*Dr. João Severiano da Fonseca*

2º. Secretario interino.

---

## SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 22 DE JUNHO DE 1888

*Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto  
de Souza Silva*

A's 7 horas da noite, presentes os Srs. Joaquim Norberto, Aquino Castro, Visconde de Beaurepaire Rohan, Severiano da Fonseca, Maximiano Marques, Barão de Miranda Reis, monsenhor Manoel da Costa Honorato, Alencar Araripe, Pinheiro de Campos, Henrique Raffard, Pereira de Barros, Ribeiro de Almeida e Sacramento Blake, o Sr. presidente, convidando este ultimo a occupar a cadeira de 2º. secretario, por haver o Sr. Severiano da Fonseca occupado a de 1º. secretario, declara aberta a sessão.

Lida e approvada a acta da sessão precedente, o Sr. 1º. secretario dá conta do seguinte

### EXPEDIENTE

Officio do Sr. vice-presidente da provincia de Alagoas, Manoel Gomes Ribeiro; enviando um exemplar da



exposição dos negocios da dita provincia, com o qual o Sr. Dr. Antonio Caio da Silva Prado passou-lhe a administração da mesma provincia.

## OFFERTAS

Pelo club de engenharia : *Revista mensal de engenharia*, anno 2º. n. 5.

Pelas redações : *Diario da Bahia*, *Jornal do Recife*, *Diario Popular*, *Jornal da Parahiba*, *Provincia do Espirito-Santo*, *Liberal Mineiro*, *Patria*, *Cachoeirano*, *Baependiano*, *Trabalho*, *Imprensa*, *Gazeta de Mogimirim* e *Revista bibliographica brasileira*.

## ORDEM DO DIA

Entra em discussão a seguinte proposta do Sr. Maximiano Marques, adiada da sessão passada : « Que este Instituto autorise o nosso illustrado thesoureiro a abrir uma subscrição nacional na côrte e em todas as provincias para se levantar no campo da Acclamação uma columna de bronze, bem alta, tendo na base a lei de 13 de Maio e no vertice o simbolo da justiça, representado pela princeza Izabel, regente do imperio brasileiro. » E então o Sr. presidente procede á leitura de uma carta de Sua Alteza a o Sr. Conde d'Eu, nosso presidente honorario, na qual se declara, que, constando á sua augusta consorte, a princeza imperial regente, que no Instituto se tratava de erigir-lhe uma estatua, a mesma augusta Senhora encarregava-o de communicar ao Instituto, que não podia annuir a que, por qualquer motivo, lhe seja levantada essa estatua, e esperava, que não fôsse aceito o projecto apresentado com o justo intuito de commemorar a lei, que extinguiu a escravidão.

O autor da indicada proposta, considerando ser ditada por um excesso de modestia a resolução tomada por Sua Alteza Imperial, insiste entretanto em que seja

approvada sua indicação, supprimindo-se as palavras finais : « representado pela princeza Izabel, regente do imperio brasileiro. »

O Sr. Henrique Raffard manda n'essa occasião á mesa a seguinte proposta substitutiva : « Proponho, que o Instituto promova uma subscripção nacional para que se levante em uma das praças da côrte, a de D. Pedro II, por exemplo, um modesto monumento, que atteste ás gerações por vir o fausto acontecimento da redempção dos captivos no Brazil. »

Depois de algumas considerações do Sr. Visconde de Beaurepaire Rohan e do Sr. Alencar Araripe, são adiadas as indicações, a requerimento d'este.

O Sr. Henrique Raffard propõe ainda, que o Instituto « represente ao governo, pedindo-lhe que, para perpetuar a data da abolição da escravidão no Brazil, faça cunhar medalhas commemorativas em numero sufficiente, para que possam tambem ser remettidas a todos os governos e ás demais instituições nacionaes e estrangeiras como muzeus, universidades, etc. »

Entrando em discussão, foi tambem adiada essa proposta a requerimento do Sr. Maximiano Marques.

O Sr. Aquino e Castro, offerecendo ao Instituto um livro manuscripto do Sr. José Luiz Alves, manda á mesa as seguintes propostas para socios :

« Propomos para socio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o Sr. commendador José Luiz Alves, residente n'esta côrte e autor de diversos trabalhos litterarios, servindo de titulo de admissão o que acaba de ser offerecido ao mesmo Instituto, intitulado os *Claustros e o clero no Brazil*. Sala das sessões 22 de Junho de 1888.— *Olegario Herculano de Aquino e Castro. T. de Alencar Araripe. Augusto Victorino A. Sacramento Blake.* »

« Propomos, que seja admittido na qualidade de socio do Instituto o Sr. conselheiro Marquez de Paranaguá, presidente da sociedade de geographia do Rio de Janeiro, servindo de titulo de admissão os seus relatorios apresentados á assembléa geral como ministro de estado, contendo valiosos esclarecimentos e informações para a historia patria, com relação especialmente á guerra

que teve o Brazil de sustensar contra a republica do Paraguay. Sala das sessões 22 de Junho de 1888.— *Olegario Herculano de Aquino e Castro. T. de Alencar Araripe. Augusto Victorino A. Sacramento Blake. João Severiano da Fonseca.*»

A' esta ultima assignatura precedem as seguintes palavras :

« Assigno com satisfação esta proposta, modificando apenas quanto ao que diz respeito aos titulos de admissão por contrarios aos estatutos, para propôl-o pura e simplesmente pelo facto de ser quem tem dirigido, como presidente da sociedade de geographia do Rio de Janeiro, os muitos e valiosos serviços em prol da geographia e ethnographia do Brazil. »

Foram enviadas, a primeira á commissão de trabalhos historicos, a segunda á commissão de admissão de socios.

Levanta-se a sessão ás 8 1/2 horas.

*Augusto Victorino A. Sacramento Blake,*

2.º secretario interino.

---

## 2ª. SESSÃO ORDINARIA EM 28 DE JULHO DE 1888

*Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto*

A's 7 horas da noite, achando-se presentes os Srs. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva, Visconde de Beaurepaire Rohan, Dr. João Franklin da Silveira Tavora, Dr. João Severiano da Fonseca, Dr. José Alexandre Teixeira de Mello, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, Dr. Maximiano Marques de Carvalho, Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, Dr. Francisco Ignacio Ferreira, Henrique Raffard, e capitão-tenente Francisco Calheiros da Graça, o Sr. presidente declara aberta a sessão.

O Sr. 2º. secretario interino lê a acta da sessão extraordinaria, que ficou approvada.

O Sr. 1º. secretario apresenta o seguinte

## EXPEDIENTE

## Offícios :

Do Sr. Barão de Miranda Reis, participando que S. A. o Sr. Conde d'Eu, por justos motivos, deixa de comparecer á sessão de hoje ; assim como elle officiante por se achar ao serviço de S. A. I. Regente.

Do Sr. Dr. Joaquim Pires Machado Portella, director do archivo publico do imperio, enviando uma cópia do manuscripto original do finado Fernando José Martins, com o titulo *Supplicio de Caneca : recordações de factos acontecidos ha mais do meio seculo por uma testemunha ocular.*

Da legação da Republica Oriental do Uruguay, pedindo a collecção da *Revista do Instituto* para a bibliotheca de Montevidéo.

Do presidente da provincia de Santa-Catharina, accusando o recebimento da *Revista do Instituto* para a bibliotheca publica da capital da provincia, conforme pedio, e envia junto o jornal *Brazil*, publicado em Montevidéo, de 24 de Maio d'este anno, em o qual declara extinta a escravidão no Brazil.

## OFFERTAS

Pela secretaria dos negocios da guerra : *Relatorio da repartição da guerra*, apresentado á assembléa geral legislativa, pelo respectivo ministro conselheiro Thomaz José Coelho de Almeida.

Pelo Sr. Vivien de Saint Martin : *Nouveau Dictionnaire de géographie universelle.*

Pelo presidente da provincia de Sergipe : *Fala dirigida a assembléa provincial na 1.<sup>a</sup> sessão da 28.<sup>a</sup> legislatura*, em 3 de Abril deste anno.

Pelas sociedades de geographia de Berlin, Italiana, Instituto geographico Argentico, Instituto de Toronto, sociedade des études indo-chinoises de Saigon, e Real Academia de historia de Madrid : *Boletins.*

Pelas respectivas redacções : *Diario Popular*, *Gazeta de Mogi-mirim*, *Jornal do Recife*, *Jornal da Parahiba*, *Liberal Mineiro*, *Espirito-Santense*, *Trabalho*, *Baependiano*, *Etoile du Sud* e *Boletim da alfandega do Rio de Janeiro*.

## ORDEM DO DIA

O Sr. conselheiro Olegario Herculano d'Aquino e Castro, justifica sua ausencia por molestia.

O Sr. presidente comunica, que, tendo recebido convite como presidente do Instituto para um banquete official dado ao Sr. conselheiro ministro da fazenda, deixou de comparecer por tel-o recebido tarde.

O Sr. Henrique Raffard queixa-se de não ter comparecido a algumas sessões por tambem receber tarde a prevenção.

O Sr. conselheiro Alencar Araripe apresenta a conta geral do anno de 1887, na qual se vê, que a receita importou em 11:336,7316, a despesa em 10:759,7866, ficando o saldo 576,9450 sugeito a despezas de contas ainda não apresentadas e aguarda-se para apresentar o balancete do ultimo semestre na primeira sessão ordinaria.

O mesmo Sr. diz, que, tendo varios socios representado não terem recebido os volumes da *Revista* a elles mandados por via do correio, tomára a deliberação de remetel-os de novo, e pede a approvação do Instituto.

O Sr. Henrique Raffard indaga, si o 1º. trimestre d'este anno está em andamento, e o Sr. conselheiro Alencar Araripe informa, que está quasi terminado, e em pouco tempo serão distribuido n'um só volume o 1º. e 2º. trimestres.

Para substituir o consocio coronel Augusto Fausto de Souza, na commissão de formular o programma da festa do jubileu do Instituto, o Sr. presidente nomeia o Sr. conselheiro Visconde de Beaurepaire-Rohan.

O Sr. Dr. Maximiano Marques acha conveniente, que se nomeie mais um membro para essa commissão, e lembra o Sr. Dr. Teixeira de Mello, e o Sr. presidente, propondo mais outro, lembra o Sr. Henrique Raffard.



Severiano da Fonseca, Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, Maximiano Marques de Carvalho, Cesar Augusto Marques, Felizardo Pinheiro de Campos, Francisco Ignacio Ferreira, Francisco José Borges, e Henrique Raffard, é annunciada a chegada de S. A. R. o Sr. Conde d'Eu, o qual, sendo recebido com as devidas honras, toma assento, e o Sr. presidente declara aberta a sessão.

O Sr. 2º. secretario interino lê a acta da sessão extraordinaria, que teve logar em 16 de Maio do corrente anno e é approvada.

O Sr. 1º. secretario dá conta do seguinte

#### EXPEDIENTE

##### Officios :

Do ministerio do imperio pedindo informações das occurrencias dadas no Instituto, afim de se organizar o relatorio do referido ministerio.

Do Sr. veador Franklin Americo de Menezes Doria, declarando em resposta ao officio que o Instituto lhe enviára, que S. A. o Sr. Conde d'Eu se dignou marcar o dia 15 do corrente, ás 7 horas da noite, para ter logar a 1ª. sessão ordinaria do corrente anno no Instituto.

Dos presidentes das provincias do Rio de Janeiro, Bahia, Rio-Grande do Sul e Paraná, enviando a collecção de leis, relatorio e fala com que abriram as sessões das assembléas legislativas nas referidas provincias.

Do Sr. 2º. secretario do Instituto, Dr. Augusto Fausto de Souza, participando seguir para Santa-Catharina em commissão do governo imperial, na qualidade de presidente da dita provincia.

Do mesmo senhor, participando ter prestado juramento em 20 de Maio proximo findo e assumido o cargo de presidente da mencionada provincia, e pedindo alguns numeros da *Revista do Instituto*, que faltam na collecção da bibliotheca d'aquella provincia, e algumas obras que o Instituto possua em duplicata.

Do Sr. Antonio Hippolito de Medeiros, pedindo a collecção da *Revista do Instituto* para a bibliotheca popular da sociedade commemorativa Treze de Maio da cidade de Jundiáhi na provincia de São-Paulo.

Do Sr. Antonio Borges de Sampaio, communicando que congratula-se com o Instituto pela extinção da escravidão no Brazil.

Do secretario do gabinete portuguez de leitura, agradecendo os tomos da *Revista do Instituto*, que lhe foram enviados para completar a collecção do dito gabinete.

Do director do imperial observatorio do Rio de Janeiro, enviando um exemplar do 3°. tomo dos *Annaes* do dito observatorio.

Do Sr. Paulino Nogueira Borges da Fouseca, accusando o recebimento do officio e diploma de admissão como socio correspondente do Instituto e pedindo um exemplar dos estatutos.

Do Sr. Euclides Fausto de Souza, participando não poder por algum tempo comparecer ao Instituto seu pai, o Sr. Dr. Augusto Fausto de Souza, por se achar doente.

Do Sr. Francisco Marques Perdigão Malheiro, agradecendo ao Instituto a homenagem lembrada, de collocar na sala das sessões o busto de seu finado irmão Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro.

Do Sr. Achilles de Mello, pedindo a collecção completa da *Revista do Instituto* para a bibliotheca do *Trabalho*, na cidade do Pão de Assucar, na provincia das Alagôas.

Do Sr. João Brigido dos Santos, accusando o recebimento do 4°. trimestre da *Revista do Instituto* do anno de 1887 e pedindo os tres primeiros que lhe faltam do mesmo anno.

Do secretario da reunião dos expositores da industria brasileira, convidando a directoria do Instituto para assistir á posse da administração da dita reunião.

Da commissão central brasileira, organizada n'esta côrte para a Exposição Universal de 1889 em Paris, convidando o Instituto para se fazer representar na dita exposição.

Carta do Sr. Maximiano Marques de Carvalho, pedindo a convocação de uma sessão extraordinária.

Do ministerio de estrangeiros, pedindo que se envie a collecção da *Revista do Instituto* para a bibliotheca do ultramar, em Madrid.

## OFFERTAS

Pela secretaria da camara dos deputados : *Relatorio e synopse* dos trabalhos da referida camara, na sessão do anno de 1887.

Pelo Sr. Joaquim Ferreira Moutinho: *Obolo das crianças*.

Pela Real Academia de sciencias moraes e politicas de Madrid : *Resena historica, memorias e Anuario* da mesma academia.

Pela directoria do retiro literario portuguez : *Relatorio* apresentado em 31 de Dezembro de 1887.

Pelo Sr. senador Joaquim Floriano Godoi : *Elemento servil e as camaras municipaes da provincia de São-Paulo; Projecto de lei para a criação da provincia do Rio Sapucahi*.

Pelo Sr. Antonio Rodrigues Pereira Labre: *Itinerario de exploração do Amazonas á Bolivia*.

Pelo Sr. Vivien de Saint Martin : *Nouveau Dictionnaire de geographie universelle*, fasciculos de 39 a 41.

Pelo Sr. 1.º tenente Raimundo Ciriaco Alves da Cunha: *Pequena Geographia* da provincia do Paraná.

Pela presidencia da Republica Argentina: *Los presupuestos, los recursos y las leyes de impuestos de la nacion; La Municipalidad de la capital y las 14 provincias*.

Pela imprensa nacional : *Collecção das leis e decisões do governo do imperio do Brazil de 1822 e 1887*.

Pelo Sr. bibliothecario da bibliotheca publica e municipal do Porto : *Catalogo da mesma bibliotheca*.

Pela respectiva redacção : *Revista maritima brasileira*.

Pelo Sr. Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe Filho : *Interesses do 5º. districto ; Discursos pronunciados na assembléa provincial de São-Paulo em 1888.*

Pelo Sr. Arthur Vianna de Lima : *L'Homme selon le transformisme.*

Pelo Sr. J. Arnozo : *Elementos de chorographia do Brazil.*

Pelo Sr. J. M. da Silva Coutinho : *Estradas de ferro do norte, relatorio apresentado ao Exm. Sr. conselheiro Antonio da Silva Prado, ministro da agricultura.*

Pela camara dos deputados : *Annaes do parlamento brasileiro de Abril a Outubro de 1833, Maio a Outubro de 1835 e o anno completo de 1887.*

Pela Sociedade scientifica Argentina : *Datas annales del commercio exterior ; Annaes da mesma academia.*

Pelo Sr. Pedro Pablo de Figueiroa : *Diccionario biografico generale de Chile 1550—1887.*

Pelo Sr. Lafayette de Toledo : *Santistas illustres ; Almanak de Casa-Branca para o anno de 1888.*

Pela commissão dos trabalhos geologicos de Portugal : *Communicações da mesma commissão (1º. tomo), fasciculo 2—1885—1887.*

Pelo Sr. Joaquim Ferreira Moutinho : *Por fazer bem.*

Pela commissão franco-brasileira iniciadora : *Exposição Universal de 1889.*

Pela sociedade de geographia de Lisboa : *Elogio historico.*

Pelo Sr. Luiz Cruls, director do imperial observatorio do Rio de Janeiro : *Annaes, tomo 3.º*

Pelo Sr. commendador Joaquim Norberto : *Imprensa Fluminense*, jornal publicado no Rio de Janeiro em 21 de Maio de 1888, no qual a nação brasileira declara pelos seus representantes extincta a escravidão no Brazil.

Pelas sociedades de geographia do Rio de Janeiro, Paris, Bordeaux, Madrid, Italiana, Australasia, Neuchâtel, Tours, St. Gallen, Berlin, Berne, New-York, Anvers, Lisboa e Instituto Argentino : *Boletins.*

Pela Real Academia de historia de Madrid, sociedades africana de Italia, Naturalistas de Moscow, Arckansas.

Sadrzaj, Academia nacional de ciências em Cordoba, Stettin, Saigon, centro bibliographico vulgarizador, Augusto Dias da Silva Barrozo, club de engenharia, Instituto do Ceará, Instituto archeologico e geographico pernambucano, Progreso das ciencias de Madrid e imperial observatorio do Rio de Janeiro: *Revistas e Boletins*.

Pela sociedade scientifica Antonio Alzate: *Memorias*.

Pelo Sr. J. Abel Rosales: *Bibliographia del literato D. Miguel Luiz Amunátegui*.

Pelo autor: *From the Quartely Journal of the geological society for August*.—1887.

Pelas respectivas redacções: *Gazeta da Bahia, Jornal do Recife, Diario Popular do Paraná, Imprensa, Gazeta de Portugal, Semana, Espirito-Santense, Gazeta de Mogi mirim, Provincia do Espirito-Santo, Cachoeirano, Baependiano, Publicador Goiano, Madagascar, Diario de Noticias, Patria, Jornal da Parahiba, Liberal Mineiro, Allioth, Etoile du Sud, Brésil, Nouveau Monde, Revista do Paraná, Revista de Medicina, Tempo e Boletim da alfandega do Rio de Janeiro*.

## ORDEM DO DIA

O Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho apresenta a seguinte proposta:—O Instituto historico e geographico do Brasil deve escrever a historia da nação brasileira conforme os acontecimentos os mais publicos, os mais justos e os mais uteis se vão succedendo.

A lei de 13 de Maio, que emancipou um milhão de escravos no Brazil, já pertence á historia.

Hoje para se perpetuar esta lei em bronze eu proponho:

Que este Instituto Historico autorise ao nosso illustrado thesoureiro a abrir uma subscrição nacional na côrte e em todas as provincias para se levantar no campo da Acclamação uma columna de bronze bem alta, tendo na base a lei de 13 de Maio, e no vertice o simbolo da justiça representado pela princeza Isabel, regente do imperio



brazileiro. Salã das sessões 15 de Junho de 1888. —Dr. *Maximiano Marques de Carvalho*.

Foi tambem apresentada a seguinte emenda substitutiva á proposta do illustre consocio o Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho :

O Instituto historico e geographico Brasileiro fará cunhar uma medalha para commemorar a sancção da lei de 13 de Maio de 1888, que extinguiu a escravidão no Brazil. A medalha terá no anverso a effigie de S. A. Imperial circulado d'estas palavras : *S. A. a Princeza Imperial Izabel, a Redemptora, Regente do Imperio em nome de S. M. o Senhor D. Pedro II.* E no reverso a integra da lei n. 3.353 de 13 de Maio de 1888.

Duas medalhas destinadas a S. M. o Imperador e a S. A. Imperial serão vasadas em ouro ; as destinadas aos illustres membros do ministerio de 10 de Março em prata, e em bronze as que serão offerecidas ás associações e estabelecimentos nacionaes e estrangeiros, que se occupam com collecções numismaticas, ficando um exemplar archivado no Instituto.

Sala das sessões do Instituto Historico em 15 de Junho de 1888.—*Franklin Tavora. Francisco José Borges. Augusto V. Alves Sacramento Blake. Felizardo Pinheiro de Campos.*

O socio Severiano da Fonseca justifica sua ausencia nas commissões do Instituto, por occasião das festas da abolição, em uma por não ter encontrado seus companheiros, na que devia tomar parte na marcha civica da imprensa, e na outra por não ter sabido do dia e hora em que a commissão devia ir felicitar a S. A. I. a Regente ; ficando desagradavelmente sorprendido, ao saber que isso já tivera lugar, ao lêr em um dos jornaes o discurso do orador. O Sr. presidente e 1º. secretario dão explicações satisfatorias.

Os Srs. socios Drs. Cezar Augusto Marques, Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, e Felizardo Pinheiro de Camppos declararam ter cumprido o mandato do Instituto, fazendo parte das commissões para que foram nomeados afim de representarem o Instituto por occasião das festas da abolição.

O Sr. presidente designou os Srs. Drs. Cezar Augusto Marques, Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake e Henrique Raffard para representarem o Instituto na sessão de posse da administração da sociedade Reunião dos expositores da industria brasileira, no lyceu de artes e officios, no dia 20 do corrente ás 7 horas da tarde.

O mesmo Sr. presidente marca a sessão extraordinaria para n'ella ser discutida a proposta e emenda apresentadas para sexta-feira, 22 do corrente, ás 6 horas da tarde; e obtendo a venia de S. A. o Sr. Conde d'Eu, levanta a sessão.

*Dr. João Severiano da Fonseca*

2º. Secretario interino.

---

## SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 22 DE JUNHO DE 1888

*Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva*

A's 7 horas da noite, presentes os Srs. Joaquim Norberto, Aquino Castro, Visconde de Beaurepaire Rohan, Severiano da Fonseca, Maximiano Marques, Barão de Miranda Reis, monsenhor Manoel da Costa Honorato, Alencar Araripe, Pinheiro de Campos, Henrique Raffard, Pereira de Barros, Ribeiro de Almeida e Sacramento Blake, o Sr. presidente, convidando este ultimo a occupar a cadeira de 2º. secretario, por haver o Sr. Severiano da Fonseca occupado a de 1º. secretario, declara aberta a sessão.

Lida e approvada a acta da sessão precedente, o Sr. 1º. secretario dá conta do seguinte

### EXPEDIENTE

Officio do Sr. vice-presidente da provincia de Alagoas, Manoel Gomes Ribeiro, enviando um exemplar da

exposição dos negocios da dita provincia, com o qual o Sr. Dr. Antonio Caio da Silva Prado passou-lhe a administração da mesma provincia.

## OFFERTAS

Pelo club de engenharia : *Revista mensal de engenharia*, anno 2º. n. 5:

Pelas redações : *Diario da Bahia*, *Jornal do Recife*, *Diario Popular*, *Jornal da Parahiba*, *Provincia do Espirito-Santo*, *Liberal Mineiro*, *Patria*, *Cachoeirano*, *Baependiano*, *Trabalho*, *Imprensa*, *Gazeta de Mogimirim* e *Revista bibliographica brasileira*.

## ORDEM DO DIA

Entra em discussão a seguinte proposta do Sr. Maximiano Marques, adiada da sessão passada : « Que este Instituto autorise o nosso illustrado thesoureiro a abrir uma subscrição nacional na côrte e em todas as provincias para se levantar no campo da Acclamação uma columna de bronze, bem alta, tendo na base a lei de 13 de Maio e no vertice o simbolo da justiça, representado pela princeza Izabel, regente do imperio brasileiro. » E então o Sr. presidente procede á leitura de uma carta de Sua Alteza a o Sr. Conde d'Eu, nosso presidente honorario, na qual se declara, que, constando á sua augusta consorte, a princeza imperial regente, que no Instituto se tratava de erigir-lhe uma estatua, a mesma augusta Senhora encarregava-o de comunicar ao Instituto, que não podia annuir a que, por qualquer motivo, lhe seja levantada essa estatua, e esperava, que não fôsse aceito o projecto apresentado com o justo intuito de commemorar a lei, que extinguiu a escravidão.

O autor da indicada proposta, considerando ser ditada por um excesso de modestia a resolução tomada por Sua Alteza Imperial, insiste entretanto em que seja

approvada sua indicação, supprimindo-se as palavras finais : « representado pela princeza Izabel, regente do imperio brasileiro. »

O Sr. Henrique Raffard manda n'essa occasião á mesa a seguinte proposta substitutiva : « Proponho, que o Instituto promova uma subscrição nacional para que se levante em uma das praças da côrte, a de D. Pedro II, por exemplo, um modesto monumento, que atteste ás gerações por vir o fausto acontecimento da redempção dos captivos no Brazil. »

Depois de algumas considerações do Sr. Visconde de Beaurepaire Rohan e do Sr. Alencar Araripe, são adiadas as indicações, a requerimento d'este.

O Sr. Henrique Raffard propõe ainda, que o Instituto « represente ao governo, pedindo-lhe que, para perpetuar a data da abolição da escravidão no Brazil, faça cunhar medalhas commemorativas em numero sufficiente, para que possam tambem ser remetidas a todos os governos e ás demais instituições nacionaes e estrangeiras como muzeus, universidades, etc. »

Entrando em discussão, foi tambem adiada essa proposta a requerimento do Sr. Maximiano Marques.

O Sr. Aquino e Castro, offerecendo ao Instituto um livro manuscripto do Sr. José Luiz Alves, manda á mesa as seguintes propostas para socios :

« Propomos para socio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o Sr. commendador José Luiz Alves, residente n'esta côrte e autor de diversos trabalhos literarios, servindo de titulo de admissão o que acaba de ser offerecido ao mesmo Instituto, intitulado os *Claustros e o clero no Brazil*. Sala das sessões 22 de Junho de 1888.— *Olegario Herculano de Aquino e Castro. T. de Alencar Araripe. Augusto Victorino A. Sacramento Blake.* »

« Propomos, que seja admittido na qualidade de socio do Instituto o Sr. conselheiro Marquez de Paranaguá, presidente da sociedade de geographia do Rio de Janeiro, servindo de titulo de admissão os seus relatorios apresentados á assembléa geral como ministro de estado, contendo valiosos esclarecimentos e informações para a historia patria, com relação especialmente á guerra

que teve o Brazil de sustensar contra a republica do Paraguay. Sala das sessões 22 de Junho de 1888.— *Olegario Herculano de Aquino e Castro. T. de Alencar Araripe. Augusto Victorino A. Sacramento Blake. João Severiano da Fonseca.*»

A' esta ultima assignatura precedem as seguintes palavras :

« Assigno com satisfação esta proposta, modificando apenas quanto ao que diz respeito aos titulos de admissão por contrarios aos estatutos, para propô-lo pura e simplesmente pelo facto de ser quem tem dirigido, como presidente da sociedade de geographia do Rio de Janeiro, os muitos e valiosos serviços em prol da geographia e ethnographia do Brazil. »

Foram enviadas, a primeira á commissão de trabalhos historicos, a segunda á commissão de admissão de socios.

Levanta-se a sessão ás 8 1/2 horas.

*Augusto Victorino A. Sacramento Blake,*

2.º secretario interino.

## 2ª. SESSÃO ORDINARIA EM 28 DE JULHO DE 1888

*Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto*

A's 7 horas da noite, achando-se presentes os Srs. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva, Visconde de Beaupaire Rohan, Dr. João Franklin da Silveira Tavora, Dr. João Severiano da Fonseca, Dr. José Alexandre Teixeira de Mello, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, Dr. Maximiano Marques de Carvalho, Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, Dr. Francisco Ignacio Ferreira, Henrique Raffard, e capitão-tenente Francisco Calheiros da Graça, o Sr. presidente declara aberta a sessão.

O Sr. 2º. secretario interino lê a acta da sessão extraordinaria, que ficou approvada.

O Sr. 1º. secretario apresenta o seguinte



## EXPEDIENTE

Offícios :

Do Sr. Barão de Miranda Reis, participando que S. A. o Sr. Conde d'Eu, por justos motivos, deixa de comparecer á sessão de hoje ; assim como elle officiante por se achar ao serviço de S. A. I. Regente.

Do Sr. Dr. Joaquim Pires Machado Portella, director do archivo publico do imperio, enviando uma cópia do manuscripto original do finado Fernando José Martins, com o titulo *Supplicio de Caneca : recordações de factos acontecidos ha mais do meio seculo por uma testemunha ocular.*

Da legação da Republica Oriental do Uruguay, pedindo a collecção da *Revista do Instituto* para a bibliotheca de Montevidéo.

Do presidente da provincia de Santa-Catharina, accusando o recebimento da *Revista do Instituto* para a bibliotheca publica da capital da provincia, conforme pedio, e envia junto o jornal *Brazil*, publicado em Montevidéo, de 24 de Maio d'este anno, em o qual declara extinta a escravidão no Brazil.

## OFFERTAS

Pela secretaria dos negocios da guerra : *Relatorio da repartição da guerra*, apresentado á assembléa geral legislativa, pelo respectivo ministro conselheiro Thomaz José Coelho de Almeida.

Pelo Sr. Vivien de Saint Martin : *Nouveau Dictionnaire de géographie universelle.*

Pelo presidente da provincia de Sergipe : *Fala dirigida a assembléa provincial na 1.<sup>a</sup> sessão da 28.<sup>a</sup> legislatura*, em 3 de Abril deste anno.

Pelas sociedades de geographia de Berlin, Italiana, Instituto geographico Argentico, Instituto de Toronto, sociedade des études indo-chinoises de Saigon, e Real Academia de historia de Madrid : *Boletins.*

Pelas respectivas redacções : *Diario Popular*, *Gazeta de Mogi-mirim*, *Jornal do Recife*, *Jornal da Parahiba*, *Liberal Mineiro*, *Espirito-Santense*, *Trabalho*, *Baependiano*, *Etoile du Sud* e *Boletim da alfandega do Rio de Janeiro*.

## ORDEM DO DIA

O Sr. conselheiro Olegario Herculano d'Aquino e Castro, justifica sua ausencia por molestia.

O Sr. presidente communica, que, tendo recebido convite como presidente do Instituto para um banquete official dado ao Sr. conselheiro ministro da fazenda, deixou de comparecer por tel-o recebido tarde.

O Sr. Henrique Raffard queixa-se de não ter comparecido a algumas sessões por tambem receber tarde a prevenção.

O Sr. conselheiro Alencar Araripe apresenta a conta geral do anno de 1887, na qual se vê, que a receita importou em 11:336<sup>7</sup>316, a despesa em 10:759<sup>7</sup>866, ficando o saldo 576<sup>7</sup>450 sugeito a despezas de contas ainda não apresentadas e aguarda-se para apresentar o balancete do ultimo semestre na primeira sessão ordinaria.

O mesmo Sr. diz, que, tendo varios socios representado não terem recebido os volumes da *Revista* a elles mandados por via do correio, tomára a deliberação de remetel-os de novo, e pede a approvação do Instituto.

O Sr. Henrique Raffard indaga, si o 1º. trimestre d'este anno está em andamento, e o Sr. conselheiro Alencar Araripe informa, que está quasi terminado, e em pouco tempo serão distribuido n'um só volume o 1º. e 2º. trimestres.

Para substituir o consocio coronel Augusto Fausto de Souza, na commissão de formular o programma da festa do jubileu do Instituto, o Sr. presidente nomeia o Sr. conselheiro Visconde de Beaurepaire-Rohan.

O Sr. Dr. Maximiano Marques acha conveniente, que se nomeie mais um membro para essa commissão, e lembra o Sr. Dr. Teixeira de Mello, e o Sr. presidente, propondo mais outro, lembra o Sr. Henrique Raffard.

O Sr. Dr. Maximiano Marques dá novos esclarecimentos sobre questão de sua proposta do monumento, adiada na sessão passada, ficando a questão no que se assentou.

Foram apresentadas as seguintes propostas :

Propomos para socio correspondente d'este Instituto o Sr. 1º. tenente da armada Arthur Indio do Brazil, engenheiro geographo, servindo para titulo de admissão os seus trabalhos :— Descrição dos principaes portos do Brazil, e Levantamento hydrographico do porto de Paranaguá. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico 27 de Junho de 1888.—*Francisco Calheiros da Graça. João Severiano da Fonseca. Dr. José Alexandre Teixeira de Mello.*

Foi remettido á commissão de trabalhos geographicos.

Proponho para socio correspondente do Instituto o Dr. Arthur Vianna de Lima, Brasileiro, residente em Paris, servindo de titulo de admissão os seus livros *Exposé sommaire des theories transformistes de Lamarck, Darwin et Haeckel* e *L'Homme selon le transformisme*, obras que elle offereceu ao Instituto e estão depositadas na bibliotheca. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro em 28 de Junho de 1888.—*Franklin Tavora.*

Foi remettida á commissão de archeologia e ethnographia.

Levanta-se a sessão.

*J. Severiano da Fonseca,*

2. secretario interino.

## SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 6 DE JULHO DE 1888

*Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva*

A's 7 horas da noite, achand'o-se reunidos os Srs. Joaquim Norberto, Aquino e Castro, Visconde de Beaupaire Rohan, Franklin Tavora, Severiano da Fonseca,

Teixeira de Mello, Alencar Araripe, Manuel Francisco Correia, Maximiano Marques, Sacramento Blake, Barrão de Miranda Reis, Calheiros da Graça e Henrique Raffard, o Sr. presidente declara aberta a sessão, e comunica, que S. A. o Sr. Conde d'Eu por justos motivos deixa de comparecer á sessão de hoje.

O Sr. 2º. secretario lê a acta da sessão anterior, que ficou approvada, depois de algumas observações.

O Sr. 1º. secretario lê o seguinte

#### EXPEDIENTE

##### Offícios:

Do secretario da academia imperial de medicina, convidando o Instituto para se fazer representar em sua sessão anniversaria, que teve logar no dia 30 do mez findo, no imperial paço da cidade.

Do bibliothecario da bibliotheca publica da Bahia, pedindo-lhe alguns numeros da *Revista do Instituto*, que faltam na collecção da referida bibliotheca.

Do secretario do retiro literario portuguez, convidando o Instituto para se fazer representar em sua sessão solemne, que terá logar em 30 do corrente, ás 8 horas da noite, para commemorar a sua fundação.

#### OFFERTAS

Pelo imperial observatorio do Rio de Janeiro: *Revista*, 3.º anno, Junho de 1888, n. 6.

Pela sociedade de geographia de Anvers: *Boletim*.

Pelo Sr. Dr. Moreira de Azevedo, o n. 1 dos jornaes *Victor Hugo*, *Gazeta Nacional*, *Cidade do Rio* e *Instrucção*.

Pelo Sr. Henrique C. R. Lisboa: *A China e os chins*.

Foram lidas e remetidas á commissão de historia as seguintes propostas:

« Propomos para membro correspondente do Instituto o Sr. Dr. Felisbello de Oliveira Freire, medico pela

faculdade da Bahia, natural da provincia de Sergipe; residente na cidade de Larangeiras da mesma provincia, e socio do Instituto archeologico pernambucano; servindo de titulo de admissão a memoria inedita, que apresenta, intitulada *Colonisação de Sergipe de 1590 a 1600: governo de Thomé da Rocha e Diogo de Quadros*. O autor prepara actualmente trabalho historico da provincia de maior folego, do qual espera publicar ainda este anno o 1.<sup>o</sup> volume. Sala das sessões do Instituto, em 6 de Julho de 1888.—*Franklin Tavora. João Capistrano de Abreu. Dr. José Alexandre Teixeira de Mello.* »

« Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o Dr. Virgilio Martins de Mello Franco, natural da provincia de Minas, juiz de direito da comarca de Barbacena, servindo de titulo de admissão o trabalho sob o rotulo de *Viagens pelas provincias de Goiaz e Minas-Geraes*, que agora é apresentado. Sala das sessões 6 de Julho de 1888.—*T. de Alencar Araripe. Olegario H. de Aquino e Castro. Visconde de Beaurepaire Rohan. Augusto Victorino A. Sacramento Blake. João Severiano da Fonseca. Manoel Francisco Correia.* »

Foi tambem lida e remettida á commissão de estatutos a seguinte proposta :

« Proponho, que sejam reimpressos os estatutos, que regem esta associação, juntando-se todas as alterações e modificações que têm sido até hoje adoptadas, e sendo feito o trabalho da codificação e revisão pela commissão de estatutos e pelo Sr. 1.<sup>o</sup> secretario. Rio 6 de Julho de 1888. — *O. H. de Aquino e Castro.* »

São lidos e remettidos á commissão de admissão de socios os seguintes pareceres :

1.<sup>o</sup> A commissão opina pela admissão do Sr. Marquez de Paranaguá ao gremio do Instituto, baseada não só na importancia incontestavel dos seus relatorios como membro proeminente da alta administração publica e dos seus luminosos pareceres no conselho de estado, mas especialmente na sua qualidade de presidente de uma associação congenere, a sociedade de geographia do Rio de Janeiro, que pelo seu tino administrativo, comprovado bom senso, perseverança e prestígio pessoal, se fez uma das mais



activas e importantes do paiz, prestando á sciencia, que constitue a sua especialidade, reaes serviços durante os cinco annos de sua zelosa direcção. Nenhuma prova mais cabal da competencia do que esta pôde ser apresentada para justificar a candidatura do provecto estadista a um logar no nosso Instituto, a que virá de certo prestar valioso concurso.

Sala das sessões 6 de Julho de 1888.—*Dr. José Alexandre Teixeira de Mello*, relator. *Augusto Victorino A. do Sacramento Blake*. »

2º. A memoria original dos *Claustros e o clero no Brazil*, apresentada pelo Sr. commendador José Luiz Alves como titulo para a sua admissão ao gremio do Instituto, revela no candidato espirito investigador e perspicaz na especialidade historica, que parece ser o traço caracteristico da sua feição literaria. Lendo-a, afigurou-se-nos ter diante dos olhos um escripto dos antigos doutores da igreja, impregnado do misticismo das priscas éras de fé nos misérios da religião de nossos pais e avós. Não desdenha contudo o autor as pompas da erudição profana, o que por vezes lhe sobrecarrega o estilo.

Cada um dos personagens, que elle nos apresenta, parece reviver sobre o influxo da sua penna. Além dos dados biographicos, indispensaveis para marcar a época em que figuraram, reproduz-nos trechos de escriptos, alguns ineditos, dos biographados, necessarios para darem a cada um a physionomia que lhe é propria. A predilecção que mostra o autor para os estudos biographicos mais uma vez se denota na presente memoria, e o Instituto bem sabe, que a narração da vida dos homens notaveis de um paiz encerra sempre e se envolve nos grandes factos, que constituem a historia do proprio paiz. Si o autor não se abalança nos grandes movimentos historicos, são todavia os seus escriptos aproveitaveis auxiliares para o historiador do tempo e sociedade em que se moveram os personagens, que elle descreve.

Julgamos, que o Instituto faz uma bôa aquisição na pessoa do Sr. commendador José Luiz Alves.

Sala das sessões em 6 de Julho de 1888.—*Dr. J. A. Teixeira de Mello*, relator. *Augusto Victorino A. do Sacramento Blake*.

3°. A commissão de geographia d'este Instituto, examinando a *Noticia descriptiva dos portos principaes do Brazil* e a *Planta do porto de Paranaguá*, trabalhos de que é auctor o 1.º tenente da armada Arthur Indio do Brazil, e apresentados como titulo de admissão d'esse official ao seio do Instituto, julga-os do mais subido valor para a nossa geographia patria.

No primeiro d'esses trabalhos estão claramente descriptas as condições topographicas e hydrographicas dos principaes portos do nosso litoral, e d'elle tira directa vantagem a navegação, que se destina aos mesmos portos.

O segundo contém em detalhada escala a planta do porto de Paranaguá, com a rigorosa fixação dos bancos e escolhos, que difficultam a passagem pelos canaes, que vão ter a esse porto; a grande escala porém, em que está construida essa planta, torna facil e segura essa derrota.

Nas mesmas condições está a planta da enseada da Imbetiba, d'esse mesmo autor e da qual tem conhecimento a commissão abaixo assignada.

Assim julga a commissão, que os trabalhos, sobre os quaes acaba de emitir seu parecer, constituem justos titulos para que o 1.º tenente Arthur Indio do Brazil seja admittido como socio correspondente d'este Instituto.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro 6 de Julho de 1888.— *Francisco Calheiros da Graça*, relator. *Visconde de Beaurepaire Rohan*.

O Sr. presidente nomeia o Sr. Visconde de Beaurepaire Rohan para substituir na commissão de geographia o Sr. Barão de Capanema durante a ausencia d'este.

Ficam sobre a mesa, para serem votados na proxima sessão, os pareceres da commissão de admissão de socios relativos aos Srs. Marquez de Paranaguá, D. Antonio de Macedo Costa e Barão de Ibituruna.

## ORDEM DO DIA

O Sr. 1.º secretario apresenta o programma para a festa do semicentenario do Instituto, que, depois de discutido, fica adiado para ouvir-se o Sr. thesoureiro.

Não havendo nada mais a tratar, o Sr. presidente levanta a sessão.

*Dr. Teixeira de Mello.*

Servindo de 2º. secretario.

### 3ª. SESSÃO ORDINARIA CELEBRADA A 13 DE JULHO DE 1888

COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. A. O SR. CONDE D'EU

*Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de  
Souza Silva*

A' 7 horas da noite, presentes os Srs. Joaquim Norberto, Visconde de Beaurepaire Rohan, Drs. Joaquim Portella, Franklin Tavora, conselheiros Alencar Araripe e Manoel Francisco Cor. eia, Barão de Miranda Reis, Drs. Maximiano Marques, Sacramento Blake, Cesar Marques, Ignacio Ferreira, Pinheiro de Campos, Teixeira de Mello e Henrique Raffard, annunciada a chegada de S. A. o Sr. Conde d'Eu, que, recebido com as formalidades do estilo, toma assento; o Sr. presidente declara aberta a sessão.

E' lida a acta da sessão extraordinaria celebrada a 6 do corrente e approvada, depois de esclarecimentos dados ao Sr. Dr. Cesar Marques sobre o motivo da sua convocação.

O Sr. 1º. secretario dá conta do seguinte

#### EXPEDIENTE

Officios:

Da commissão da sociedade de geographia de Paris, convidando o Instituto para se fazer representar no congresso internacional de sciencias geographicas, que deve reunir-se n'aquella cidade por occasião da Exposição Universal de 1889.

O Sr. presidente designa para esse fim o Sr. Dr. Frederico José de Sant'Anna Neri, membro do Instituto residente na Europa.

Da redacção do *Annuario geographico de Gotha*, pedindo esclarecimentos sobre o Instituto para serem publicados no referido *Annuario*.

Do bibliothecario da Real Academia *dei Lincei*, pedindo alguns fasciculos da *Revista do Instituto*, que faltam na collecção da referida academia.

Do Sr. Alfredo de Paiva, jornalista e professor de humanidades, participando ao Instituto que, estando a escrever uma obra sob o titulo *Defesa historica do segundo reinado e inicio do terceiro reinado*, solicitava do Instituto os dados, que possuisse sobre a vida politica do Sr. D. Pedro II e princeza regente.

O Sr. Henrique Raffard pede prorogação da decisão do Instituto ácerca do pedido do Sr. Alfredo de Paiva até ulterior conhecimento pessoal do mesmo senhor.

O Sr. conselheiro Alencar Araripe julga, que nenhum prejuizo ou inconveniencia haveria em satisfazer-se ao petionario, antes ficava bem ao Instituto o facilitar-lhe os meios e esclarecimentos ao seu alcance, attendendo o patriotico fim a que elle se propunha ; depois de ponderações dos Srs. Drs. Maximiano Marques e Joaquim Portella, tendentes a se tomarem antes informações a respeito do proponente, lembra, que o Sr. 1.º secretario se encarregue de cumprir a medida proposta, e é approvedo.

#### OFFERTAS

Pelo autor, o Sr. Clovis Lammarre : *Camões et les Lusíades*.

Pela secretaria do ministerio da justiça : *Relatorio* apresentado á assembléa geral legislativa, na 3ª. sessão da 20ª. legislatura, pelo respectivo ministro.

Pelo club de engenharia os fasciculos 2 e 3, anno 2.º da sua *Revista*.

Pelas sociedades de geographia do Rio de Janeiro, Antuerpia, Paris, Bordeaux, os seus ultimos *Boletins*.

Pelas respectivas redacções: *Diário Popular*, *Jornal do Recife*, *Mez*, *Baependiauo*, *Liberal Mineiro*, *Patria*, *Tempo*, *Gazeta de Mogimirim*, *Nouveau Monde*, *Étoile du Sud* e *Boletim da alfandega* do Rio de Janeiro.

Pelo Dr. Abelardo Saturnino Teixeira de Mello, um exemplar das *Theses*, que defendeu perante a faculdade de São-Paulo, afim de obter o grão de doutor em direito.

## ORDEM DO DIA

Foram lidas pelo Sr. 1.<sup>o</sup> secretario as seguintes propostas :

1.<sup>a</sup> Propomos para socio honorario do Instituto o Exm. Sr. conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro. Sala das sessões 13 de Julho de 1888.—Dr. *Maximiano Marques de Carvalho*. Dr. *J. A. Teixeira de Mello*. Dr. *Augusto Victorino A. do Sacramento Blake*. Dr. *Cesar Augusto Marques*. *Francisco Ignacio Ferreira*.—Approvada unanimemente, foi pelo Sr. presidente declarado socio honorario do Instituto o Sr. conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.

2.<sup>o</sup>. Proponho para socio correspondente do Instituto o Sr. Luiz Rodrigues de Oliveira, nascido a 25 de Janeiro de 1838 na provincia do Rio-Grande do Sul, donde partio para a Allemanha, fazendo aqui a sua educação literaria; antigo negociante da praça do Rio de Janeiro, onde fundou a casa Le Cocq Irmão & C, e donde passou a estabeler-se na França; vice-presidente honorario da camara sindical de Pariz; membro fundador da sociedade de geographia commercial da mesma cidade; membro do congresso da propriedade industrial, reunido em 1878, tambem em Paris; delegado do centro da lavoura e commercio na França; official da imperial ordem da Rosa, etc. Servem-lhe de titulo de admissão os quatro volumes e o impresso junto. Rio 13 de Julho de 1888.—*Augusto Victorino A. do Sacramento Blake*. Dr. *Cesar Augusto Marques*. *Francisco Ignacio Ferreira*. A' commissão de historia para dar parecer.



3.º Propomos para socio correspondente o Sr. major Joaquim José Gomes da Silva Neto, servindo de titulo de admissão o seu importante livro intitulado: *Maravilhas da Penha ou lendas e historia da santa e do virtuoso frei Pedro Palacios*. Sala das sessões do Instituto Historico 13 de Julho de 1888. — Dr. Cesar Augusto Marques. Francisco Ignacio Ferreira. Augusto Victorino A. do Sacramento Blake. — A' mesma commissão.

Lêm-se os pareceres da commissão de historia favoraveis á candidatura dos Srs. Drs. Felisbello de Oliveira Leite e Dr. Virgilio Martins de Mello Franco, ao lugar de membros do Instituto. — A' commissão de admissão de socios.

*Parecer.* O Sr. Dr. Virgilio Martins de Mello Franco, juiz de direito em Barbacena, revela-se na presente memoria um serio observador da natureza e um escriptor correcto e elegante. Traçadas, embora em estilo chão e despretencioso, que nos parece aliás ser o mais apropriado a esse genero de escriptos, as suas *Viagens pelo interior de Minas e Goiaz* contém muitas observações curiosas e a descripção fiel dos logares que o autor percorreu, interrompida, quando se fazia preciso, pela intercallação judiciosa da opinião de Agassiz, Vapæus, Castelnau, Martius, Saint Hilaire, e outros viajantes, naturalistas e geographos seus antecessores e de varios historicos importantes, o que lhes dá um toque scientifico que torna attrahente e agradável a sua leitura e proveitosa ao mesmo tempo ás sciencias naturaes e á geographia e historia patria. Julgamos, que o Instituto terá um excellente e digno auxiliar na pessoa do Dr. Virgilio Martins de Mello Franco. Sala das sessões em 13 de Julho de 1888. — Dr. José Alexandre Teixeira de Mello, relator. Dr. Augusto Victorino A. do Sacramento Blake.

*Parecer.* O trabalho inedito, com que bate ás portas do Instituto o Sr. Dr. Felisbello de Oliveira Leite é de merito real e tão relevante, que o desejamos ver impresso na nossa *Revista*. Embora apenas passe em revista um

periodo relativamente curto de historia patria, precede-o de largas considerações de ordem philosophica tão luminosamente traçadas, que denotam de sua parte espirito avesso a essa classe de estudos. O autor demonstra, por meio de pesquisas longamente feitas, o quanto « Sergipe influio sobre o movimento da civilisação no Brazil »; o seu trabalho inicial pois é digno da attenção do Instituto e o seu autor merecedor de um lugar em seu gremio. — Sala das sessões 13 de Julho de 1888.—Dr. J. A. Teixeira de Mello. Dr. Augusto Victorino A. Sacramento Blake.

Achando-se sobre a mesa os dous pareceres da commissão subsidiaria de trabalhos historicos relativos á admissão do Rvm. bispo do Pará, o Sr. D. Antonio de Macedo Costa, e do Sr. Dr. Barão de Ibituruna, são submettidos a escrutinio secreto e unanimemente approvados ambos os pareceres; pelo que o Sr. presidente declara membros correspondentes do Instituto o Sr. bispo do Pará e o Sr. Barão de Ibituruna.

O Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho apresenta e justifica a seguinte proposta :

« Attendendo ao que Sua Magestade o Imperador muita recommendou a este Instituto historico e geographico em sua muito honrosa carta dirigida a esta instituição logo depois de sua entrada para ella como presidente honorario, pelas seguintes palavras: « Sem duvida, senhores, que a vossa publicação trimensal tem prestado valiosos serviços, mostrando ao velho mundo o apreço que tambem no nosso merecem as applicações da intelligencia; mas, para que esse alvo se attinja perfeitamente, é de mister, que não só reunaes os trabalhos das gerações passadas (ao que vos tendes dedicado quasi que unicamente), como tambem pelas vossas proprias torneis aquella a que pertenceis digna realmente dos elogios da posteridade. » Respeitando estas palavras muito scientificas e honrosas do imperador, proponho, que a nobre commissão de estatutos e de redacção da *Revista* publique na segunda parte da *Revista* d'este anno a primeira e a segunda das duas memorias, que tive a honra de lêr nas sessões do anno proximo passado d'este Instituto, as quaes versam, a primeira sobre a historia da reforma da universidade de Coimbra

pelo Marquez de Pombal e da sua influencia até hoje no Brazil, e a segunda sobre a fundação de uma universidade de sciencias physicas praticas no Rio de Janeiro, semelhante á de Berlin. Estas duas memorias estão comprehendidas nas recommendações do imperador. Sala das sessões 13 de Julho de 1888.—*Dr. Maximiano Marques de Carvalho.* »

O Sr. presidente pondera, que á commissão de redacção não se podia impôr a inclusão d'este ou d'aquelle trabalho na *Revista*, porque a escolha d'elles é de privativa competencia sua, conferida pelos estatutos. O Sr. Dr. Maximiano Marques insiste pela sua pretensão e o Sr. presidente resolve entregar á commissão de redacção, presente na pessoa do Sr. conselheiro Alencar Araripe, as alludidas memorias para julgar da oportunidade da sua impressão na *Revista*.

O mesmo Sr. conselheiro, como thesoureiro do Instituto, apresenta o balancete da thesouraria de Janeiro a Junho do corrente anno de 1888, do qual se verifica, que a receita importa em 5:891\$450, e a despesa em 5:010\$366, havendo um saldo de 881\$084.—A' commissão de orçamento.

Quanto aos réditos de que póde o instituto lançar mão para as despesas com a festa commemorativa do jubileu, o mesmo Sr. thesoureiro conta, deduzidas as despesas imprescindiveis, com o mencionado saldo, o subsidio do estado, o juro das apolices do Instituto no semestre corrente, com o que se arrecadar das prestações dos socios, e finalmente com economias e reduções nas despesas futuras, adiadas as que o puderem ser sem inconveniencia; o que tudo poderá orçar pela quantia de 2:300\$. Si o volume commemorativo substituir o da *Revista* correspondente ao trimestre, o importe da sua impressão poderá reverter para a impressão d'aquelle.—Fica o Instituto inteirado.

Estando o Sr. coronel Augusto Fausto de Souza, membro da commissão de redacção, ausente em Santa-Catharina em missão do governo, o Sr. presidente nomeia o Dr. Teixeira de Mello para preencher a sua falta.

Nada mais havendo a tratar-se, obtida a venia de S. A. o Sr. Conde d'Eu, levanta o Sr. presidente a sessão  
*Dr. J. A. Teixeira de Mello.*  
 Servindo de 2º secretario.

---

#### 4.ª SESSÃO ORDINARIA EM 27 DE JULHO DE 1888

HONRADA COM A PRESENÇA DE S. A. O SR. CONDE D'EU

*Presidencia do Sr. commendador Joaquim  
 Norberto de Souza Silva*

A's 7 horas da noite, achando-se reunidos os Srs. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva, Visconde de Beaurepaire Rohan, Dr. João Franklin da Silveira Tavora, Dr. José Alexandre Teixeira de Mello, Dr. Cesar Augusto Marques, Barão de Miranda Reis, senador Manoel Francisco Correia, Dr. Maximiano Marques de Carvalho, Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros e Henrique Raffard, é annunciada a chegada de S. A. o Sr. Conde d'Eu, que, sendo recebido com as formalidades do estilo, tomou assento; o Sr. presidente, obtendo venia de S. A., declara aberta a sessão.

O Sr. Dr. Teixeira de Mello, secretario adjunto servindo de 2º. secretario, lê a acta da sessão anterior, que é sem discussão approvada.

O Sr. 1.º secretario dá conta do seguinte

#### EXPEDIENTE

Officios :

Do Sr. Estanislau S. Zeballos, remetendo um exemplar do *Atlas da Republica Argentina* (3.ª entrega).

Do secretario da Real Academia de sciencias moraes e politicas de Madrid, accusando o recebimento dos dous primeiros trimestres da *Revista* do Instituto do anno de 1886.

## OFFERTAS

Pelo director da officina hydrographica do Chile : *Annuario hydrografico de la marina de Chile*, anno 12.

Pela directoria do lyceu litterario portuguez no Rio de Janeiro : *Relatorio* apresentado á assembléa geral pelo seu presidente José Joaquim Martins de Pinho.

Pela academia de medicina do Rio de Janeiro : *Annaes* da mesma academia, 6.<sup>a</sup> serie, tomo 3.<sup>o</sup>, 1887—1888 : *Boletins* ns. 16 e 17, 3.<sup>o</sup> anno 1888.

Pelas respectivas redacções: *Gazeta da Bahia*, *Diario Popular*, *Jornal do Recife*, *Gazeta de Mogimirim*, *Liberal Mineiro*, *Cachoeirano*, *Patria*, *Provincia do Espirito-Santo*, *Etoile du Sud*.

Pelo Sr. Arthur Sauer : *Almanak Laemmert* para o corrente anno.

Pelo Sr. commendador Joaquim Rodrigues de Oliveira : *Algumas idéas sobre a colonisação do Brazil*; *Le Brésil, ses debuts, son developpement, sa situation economique*; *Les Echanges commerciaux*; *Les Plantations de café*; *Exposição do club da lavoura em França em 1878*; *Relatorio* apresentado á directoria do club da lavoura; *Bulletin de la chambre syndicale des negociants commissionaires*; *Crise economico-financeira e social do Brazil*.

## ORDEM DO DIA.

O Sr. 1.<sup>o</sup> secretario lê os seguintes pareceres, que foram remettidos á commissão de admissão de socios:

1.<sup>o</sup> Como titulo para admissão do commendador Luiz Rodrigues de Oliveira ao gremio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro foram apresentadas quatro obras impressas.

A primeira, publicadã em Paris, 1871, com o titulo *Algumas idéas sobre a colonisação no Brazil*, foi escripta, quando pelo gabinete de 7 de Março de 1871 foi iniciada



a abolição do elemento servil por meio da libertação do ventre escravo. O autor, preocupado com o futuro económico da patria, pugna pelo estabelecimento da colonização europeia, fazendo um ligeiro estudo do que se ha feito n'esse sentido no Brazil e das vantagens alcançadas e considera necessaria a intervenção do governo para que tenhamos uma immigração espontanea, sem embaraços, aproveitando-se a situação actual da Europa antes que essa immigração se dirija a outro paiz, cujo governo se empenhe em attrahil-a.

« A *Exposição do club da lavoura em França*, relatorio apresentado á directoria do club da lavoura Paris, 1878 ». E' esta a segunda obra apresentada, que foi escripta, sendo o autor delegado do club da lavoura de Campinas, para expôr em França os cafés da provincia de São-Paulo, os quaes conseguiu, que fossem admittidos no palacio da Exposição Universal, depois de vencer difficuldades resultantes de haver o governo imperial recusado tomar parte n'essa exposição.

No mesmo volume, em seguida ao citado relatorio, acha-se outro trabalho « *Influence des chemins de fer et de la navigation à vapeur au Brésil sur le développement des richesses du pays : progrès rapides de la province de São-Paulo* », trabalho com que o autor promoveu na imprensa franceza, por essa occasião, uma grande propaganda em favor do Brazil.

A terceira obra é: « *Le Brésil, ses debuts, son developpement, sa situation économique, ses échanges commerciaux, ses plantations de café. Beauvais 1884* ». Acham-se n'este livro duas conferencias de geographia commercial, effectuadas na camara sindical dos negociantes commissarios de Paris, com o fim de tornar conhecidos a situação economica do Brazil e seu desenvolvimento progressivo.

Tratando o autor na segunda d'essas conferencias da producção e do commercio do café, acompanhou-a de projecções Molteni, exhibindo 51 paisagens, divididas em sete series e por fim offereceu ás pessoas presentes uma

amostra de café do Brazil em pequenos sacos com as cores nacionaes, brinde que foi vivamente applaudido.

Mr. Levasseur, membro de Instituto, em uma allocução, depois que o nosso compatriota deixou a tribuna, rendendo homenagem a seu talento, agradeceu-lhe haver, n'essa e na conferencia precedente, feito conhecer o Brazil. e aproveitou o ensejo para demonstrar a palpitante necessidade do estudo da geographia commercial.

E Mr. H. Moisand, conceituado jornalista francez, referindo-se a essas conferencias e principalmente á parte relativa ao café, que elle considera da maior importancia, estranha, que o governo francez sobrecarregue de pesado imposto o café brasileiro, quando este em nada pôde prejudicar a França; quando as colonias da França não podem produzir tanto como o Brazil, nem o produzem de qualidade superior ao nosso; quando o Brazil é hoje o primeiro paiz do mundo para o cultivo de uma planta, que offerece ao lavrador as maiores vantagens, como se demonstra com os calculos e tabellas, que expõe, do custo da producção do café desde seu plantio, de sua producção, consumo e exportação para a França desde 1830 até 1882.

« Porque (pergunta Mr. Moisand, em vista do trabalho do nosso compatriota) os lavradores do Brazil não cream depositos de café na França? Porque não se constitue uma associação com o fim de se propagar tão estimado producto? »

Foi em quarto logar apresentado *Etude sur le projet d'union douaniere, du Senateur Frye*, publicado no *Boletim da camara sindical* dos negociantes commisarios, de Abril de 1886, pag. 5 a 36. N'esse trabalho (que é tambem assignado por Mr. E. Lordelet, presidente da camara) depois dos Estados- Unidos anglo-americanos, estuda-se a America latina sob o ponto de vista de sua superficie, producções, climas, portos e vias de communicação, offerecendo á emigração européa um vasto campo de operações, cujas vantagens ainda não estão de todo conhecidas.

Depois de varias considerações n'esse sentido, sobre tudo em relação ao Brazil, e mais particularmente ás provincias do Amasonas e do Pará, tiram-se estas conclusões:

A Europa precisa tanto da America latina, como a America latina da Europa; a Europa, esquecendo ás vezes sua alta missão civilisadora em relação a esses povos, por ella formados, disciplinados, assume uma attitude e medidas de natureza a estorvar seu desenvolvimento economico, quando entretanto a Europa deve proceder de modo diverso, deve fornecer-lhe braços e até capitaes. E desde que a França (onde escreve) tomar francamente a iniciativa d'essa nova politica para com a America latina, fará á sua industria e ao seu commercio um assignalado serviço: desde que aos laços de consanguinidade, ainda pouco solidos, unirem-se os do interesse, a França terá cimentado alliança a mais duradoura e insolúvel, sejam quaes fôrem as eventualidades que surjam.

Ha ainda uma serie de artigos, que foram publicados no *Brésil*, de Paris, em 1883, sob o titulo *Crise financeira no Brazil*, nos quaes o autor, demonstrando os vastos conhecimentos que possui do commercio da sua patria, da industria, da agricultura e de suas fontes de riqueza, assim como do estado economico-financeiro do grande imperio americano, assignala as causas d'essa crise e pede a criação de uma comissão de inquerito, que estude seriamente as causas apontadas como origem da crise, procure os meios de demonstrar aos capitalistas europeus, que nós temos recursos snfficientes para garantirmos e satisfazer os empréstimos, que contrahirmos com o fim de reorganizarmos as finanças, e apresente as reformas, que a prosperidade da nação reclama.

Os trabalhos do commendador Luiz Rodrigues de Oliveira, além de subido valor pelo fim a que se propõe o autor, são de valor para a nossa historia. O consideramos por tanto como titulo para ser admittido ao nosso gremio.

Rio de Janeiro 25 de Julho de 1888.—*Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake*. Dr. *José Alexandre Teixeira de Mello*.

2º. A comissão de historia do Instituto Historico e Geographico Brasileiro examinou as varias memorias sobre assumpto de astronomia e grande numero de noticias scientificas escriptas pelo Sr. Dr. Luiz Cruls, e que se acham publicadas nas *comptes-rendus* da academia de sciencias de Paris.

Para aquilatar o valor d'esses trabalhos basta lembrar, que o illustre astrônomo alcançou na sessão annual da academia de sciencias de Paris, celebrada em 1883, o premio Volz pelos seus trabalhos sobre astronomia.

Convem lembrar, que esse premio foi instituido para recompensar os trabalhos mais importantes de astronomia realisados em toda a superficie do globo, senão que poucos candidatos o tem merecido.

Os *Annaes* do nosso observatorio astronomico attestam os talentos e a sciencia do Sr. Dr. Luiz Cruls, que, redigindo e collaborando n'essa publicação, tem tornado o nosso observatorio um dos mais notaveis do hemispherio austral.

Seria longo mencionar todas as memorias e noticias publicadas por esse distincto Brasileiro, que tanto tem sabido honrar a patria que adoptou por sua; basta citar a *Organisation de la carte geographique et de l'histoire physique et politique du Brésil*; *Notice sur l'observatoire imperiale du Rio de Janeiro*; *Noticia sobre as estradas de ferro estrategicas no Brasil* e outras para se avaliar os serviços literarios do illustre candidato ao titulo de membro correspondente do Instituto Historico.

O Sr. Dr. Luiz Cruls, nascido na Belgica em 1848, depois de haver cursado a escola de engenharia civil na universidade de Gand, foi admittido como aspirante na engenharia militar, alcançando os grãos de 2.º e 1.º tenente. Em 1874 pediu demissão d'esse posto e veio para o Brazil, onde immediatamente foi admittido no observatorio



astronomico. Em pouco tempo, pelo seu valor scientifico e applicação decidida, foi promovido a addido effectivo, a adjunto e a 1.º. astrônomo. Mais tarde teve a honra de substituir o sabio Emmanuel Liais na direcção do observatorio do Rio de Janeiro, cargo que ainda hoje occupa com muita proficiencia. E' commendador da imperial ordem da Rosa.

Sala das sessões 20 de Julho de 1888.—*Dr. Manuel Duarte Moreira de Azevedo. Dr. José Alexandre Teixeira de Mello. Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake.*

Lê depois o parecer da commissão de admissão de socios, incumbida de apresentar a relação nominal dos membros existentes no Instituto, por ordem de antiguidade e a classe a que pertencem, para dentre elles se tirem os que devem preencher o numero dos effectivos, em virtude do que foi deliberado em sessão de 16 de Novembro do anno passado, no qual a commissão, tomando por base a antiguidade, completa o numero legal dos socios effectivos com os nomes dos correspondentes residentes na côrte, sob os ns. 43 a 50 da relação que apresenta. Adiado para a proxima sessão, depois de algumas considerações apresentadas pelos Srs. Henrique Raffard, senador Manoel Francisco Correia e Dr. Cezar Marques.

Ainda sobre este assumpto offerece o Sr. Cezar Marques a seguinte indicação:

« Requeiro, que se chame respeitosamente a attenção da commissão de admissão de socios para a proposta do Dr. João Severiano da Fonseca, a qual foi approvada na 9.ª. sessão de 16 de Novembro de 1887, afim de ser executada fielmente, como tanto convem. »—Approvada.

Lê-se a seguinte proposta :

Propomos para socios honorarios os distintos membros do Instituto Historico e Geographico Brasileiro conselheiro Tristão de Alencar Araripe, Dr. Maximiano Marques de Carvalho e Dr. Cezar Augusto Marques. Sala das sessões 27 de Julho de 1888. — *Henrique Raffard, Dr. Teixeira de Mello. Barão de Miranda Reis.*



Foi approvada a proposta e são declarados socios honorarios aquelles senhores.

Pede depois o Sr. Henrique Raffard, que se trate da proposta, que apresentára em sessão de 22 de Junho do corrente anno, acerca do monumento que perpetue a data e commemore o facto da abolição da escravidão no Brazil. O Sr. Maximiano Marques requer, que entre conjuntamente a sua proposta relativa ao mesmo assumpto apresentada em sessão de 15, a qual além de devidamente desenvolvida, é mais antiga, bastando entretanto para simplificar o caso e uniformisar a idéa, que o Sr. Henrique Raffard assigne aquella sua proposta.

Em presença da reclamação propõe o Sr. Henrique Raffard, que vão a uma commissão especial ambas, bem como a emenda apresentada pelos Srs. Franklin Tavora, Francisco José Borges, Sacramento Blake e Pinheiro de Campos.—E' approvada esta indicação e o Sr. presidente nomeia para a referida commissão os Srs. conselheiro Olegario H. de Aquino Castro (relator), Visconde de Beaurepaire Rohan e Barão de Miranda Reis, tendo pedido escusa o Sr. senador Manuel Francisco Correia, nomeado antes.

São distribuidos pelos socios presentes exemplares impressos do programma para a festa do jubileu do Instituto.

Estando adiantada a hora, o Sr. presidente, obtida venia de Sua Alteza, encerra a sessão.

*Dr. J. A. Teixeira de Mello,*

2.º secretario interino.

---

5.<sup>a</sup>. SESSÃO ORDINÁRIA EM 10 DE AGOSTO  
DE 1888HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. A. R.  
O SR. CONDE D'EU*Presidência do Sr. commendador Joaquim Norberto de  
Souza Silva*

A's 7 horas da noite achando-se presentes os Srs. commendador Joaquim Norberto, conselheiro Olegario H. Aquino Castro Visconde de Beaurépaire Rohan, Dr. Joaquim Portella, Franklin Tavora, Maximiano Marques de Carvalho, conselheiro Alencar Araripe, Barão de Miranda Reis, Pinheiro de Campos, Sacramento Blake, Henrique Raffard, senador Manoel Francisco Correia e Severiano da Fonseca, e sendo chegado S. A. R. o Sr. Conde d'Eu, o Sr. presidente, obtida a devida venia, abre a sessão.

O secretario adjunto, servindo de 2.<sup>o</sup>. secretario, lê a acta da sessão de 27 de Julho, que é approvada.

O Sr. conselheiro Alencar Araripe, pela ordem, diz, que por motivo de molestia deixou de comparecer a essa sessão ; e agora, pela leitura da acta, sabe, que foi elevado á graduação de socio honorario, distincção tão elevada quão pouco proporcionada aos seus serviços e que elle deve unicamente á benignidade do Instituto; o que é mais um incentivo para redobrar de zelo nos seus intentos de cooperar para os fins da associação, a qual tem sempre dedicado e espera dedicar os seus cuidados e esforços.

O Sr. presidente agradece em nome do Instituto, que se desvanecce de contar no Sr. Alencar Araripe um dos seus mais firmes, valiosos e illustrados sustentaculos.

O Sr. Dr. Sacramento Blake justifica a ausencia do Sr. Teixeira de Mello, que talvez não poderá compacerer a outras sessões ainda por motivo de trabalhos do Instituto.

## EXPEDIENTE

O Sr. 1.º secretario dá conta do seguinte : officios:— Do Sr. Ernesto Couto, da ilha de São-Miguel, accusando o recebimento do 1.º trimestre da *Revista do Instituto historico*, dirigida á redacção do *Archivo dos Açores*; e pedindo se lhe accuse, si falta ao Instituto algum dos 52 numeros do *Archivo* até hoje publicados.

Do Sr. José Avelino Gurgel do Amaral, communicando sua nomeação para director do *Diario Official*, e pedindo a remessa, para este, de qualquer comunicação que possa interessar ao publico.

Da commissão especial nomeada pela Illma. camara municipal para promover uma subscripção popular para offerecer um brinde nacional aos doutores Semmola, de Geovani e Charcot, pela alta sciencia, desvello e dedicacção com que trataram o imperador na grave enfermidade, que o accommetteu em Milão; bem como o plano do mesmo brinde e uma lista para a subscripção.

Do socio o Sr. Antonio Alvares Pereira Coruja, declarando ter recebido a circular de 20 de Maio, relativa ao jubileu do Instituto, e offerecendo para essa festa: 1.º, sua *Lições de historia do Brazil* seguidas de uma *Breve noticia sobre cada uma das provincias do Brazil*; 2.º. o 1.º trimestre do *Anno historico sul-rio-grandense*; 3.º. 1.ª. pagina do 2.º. trimestre até 28 de Abril; 4.º. *Resumo do indice* do mesmo *Anno historico* e 5.º. *Antigualhas e reminiscencias de Porto-Alegre*. Compromette-se a remetter outras obras literarias de lavra propria; lembra, que nos archivos do Instituto devem existir dous ineditos por elle offerecidos, ha 3 para 4 annos, um a *Parte official* (original) da tomada das Missões orientaes em 1801, por José Borges do Canto e Manoel dos Santos Pedroso; e outro, o *Farol da antiga villa do Rio-Grande*, copia por elle extrahida dos archivos d'essa cidade.

Do Sr. conselheiro João Alfredo Corrêa d'Oliveira, agradecendo o haver sido proposto e aceito membro correspondente do Instituto, e promettendo que, logo que

o possa, «buscará tomar assidua parte nos importantes trabalhos com que tantos e tão relevantes serviços tem o Instituto prestado ao Brazil.»

Do centro tecnico dos electrocistas brasileiros, participando a sua installação em 9 do corrente e organização da sua directoria.

## OFFERTAS

Pelo Sr. conselheiro José de Saldanha da Gama. *Suite aux richesses de l'empire du Brésil ; Tableau résumé des richesses de l'empire du Brésil ; Bouquet de mélastomacée brésilienne, dédié a S. M. D. Pedro II, empereur du Brésil.*

Pelo Sr. engenheiro Antonio Augusto Fernandes Pinheiro : *Relatorio* dos trabalhos da commissão do ministerio da agricultura, commercio e obras publicas, na Europa e Estados-Unidos da America do Norte, apresentado ao respectivo ministro, o conselheiro Rodrigo Augusto da Silva, em 30 de Janeiro de 1888.

Pelo Sr. Dr. Pedro Americo : *Amor de Esposo*, narrativa historica ; *Brado do Ipiranga, ou a proclamação da independencia do Brazil ; Discursos*, 2ª parte.

Pelo ministerio del gobierno de Buenos-Aires : *Annuaire statistique de la province de Buenos-Aires.*

Pelo Sr. Cudmose : *The civil government of the states, and the constitutional history of the United States.*

Pela Real Academia de ciencias morales y politicas de Madrid; *El problema de la emigracion*, por D. Cristobal Botella; *Estudio sobre la carestia de subsistencia, su origen, sus consecuencias y medios de eritalla*, por D. Benito Cerrugon y Lerin; *Doctrinas juridicas de Santo Tomas de Aquino*, por Francisco Fernandes de Henistrosa y Rosa.

Pelo Sr. B. Rossi : *Verità e giustizia; Le società italiane in America.*

Pela sociedade scientifica Antonio Alzate : *Memorias* da mesma ns. 8 a 10.

Pelo Instituto do Ceará: *Revista Trimensal*. Anno 2º., 2º. trimestre, tomo 2º., 1888.

Pelas sociedades de geographia de Lisboa, Paris, Bordéos, Iena, Berlin, Italiana, academia nacional de ciencias de Cordoba, société des études indo-chinoises de Saigon, sociedade africana da Italia, os seus boletins.

Pelas respectivas redacções: *Bibliographia Brasileira*, *Revista de medicina*, *Boletim da alfandega do Rio de Janeiro*, *Étoile du Sud*, *Nouveau Monde*, *Brésil*, *Imprensa*, *Immigração*, *Patria*, *Diario Popular*, *Gazeta da Bahia*, *Gazeta de Mogimirim*, *Jornal do Recife*, *Provincia do Espirito-Santo*, *Trabalho*, *Baependiano*, *Cachoeirano*, *Liberal Mineiro*, *Espirito Santense*, *Tempo*, *Publicador Goiano*, *Gazeta de Macahé* e *Brazil Livre*.

## ORDEM DO DIA

*Parecer.* « A commissão de admissão de socios do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tendo em attenção o que foi deliberado pelo mesmo Instituto na sessão de 16 de Novembro do anno passado, e em cumprimento ao officio que a este acompanhara apresenta, as tres tabellas juntas dos socios nacionaes, actualmente inscriptos por ordem de antiguidade, e segundo a classe a que pertencem, sendo honorarios 7, effectivos 50, correspondentes 50; total 107.

Da relação nominal publicada na *Revista*, 1.º trimestre d'este anno, em numero de 106, foi eliminado o nome de um socio falecido, ali inscripto sob o n. 9, e foram incluídos os dos dous admittidos na ultima sessão. Como socios effectivos, foram considerados todos quantos como taes se acham comprehendidos na ultima relação acima mencionada e na inclusa lista organizada na secretaria, á excepção de um socio, estrangeiro, residente fóra do imperio. Tambem foram classificados como effectivos os socios correspondentes, que fazem parte da actual mesa administrativa. Para preenchimento do numero legal de effectivos (50), e em observancia do que se resolveu na referida



sessão, quanto á terceira providencia proposta pela commissão de estatutos, recorreu a commissão de admissão de socios á relação junta, dos socios correspondentes, formulada por ordem de antiguidade, de accôrdo com a que foi ultimamente publicada na *Revista*; e em falta de disposição especial, tomando por base a antiguidade para a designação do correspondente que deve passar a effectivo, completou o numero legal com os correspondentes mais antigos e residentes na côrte, sob os ns. 43 a 50; dando assim por cumprido o encargo que lhe foi confiado, no officio de 13 de Fevereiro passado.

« Sala das sessões, em 27 de Julho de 1888.--  
*Olegario H. de Aquino e Castro. Manoel Francisco Correia. Alfredo d'Escagnolle Taunay.*»

#### RELAÇÃO

Socios honorarios:

1. Commendador Joaquim Norberto de Souza Silva.
2. Senador-conselheiro João Manoel Pereira da Silva.
3. Tenente-general, conselheiro de estado e de guerra Visconde de Beaurepaire Rohan.
4. Visconde de Mauá.
5. Conselheiro Barão Homem de Mello.
6. Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.
7. Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.

Socios effectivos:

1. Dr. Felisardo Pinheiro de Campos.
2. Antonio Alvares Pereira Coruja.
3. Conselheiro Barão de Nogueira da Gama.
4. Dr. Maximiano Marques de Carvalho.
5. Francisco José Borges.
6. Conselheiro Barão de Capanema.
7. Conselheiro Visconde de Souza Fontes.
8. Conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros.

9. Conselheiro chefe de esquadra Barão do Ladario.
10. Dr. José Vieira Couto de Magalhães.
11. Dr. Cesar Augusto Marques.
12. Conselheiro Dr. José de Saldanha da Gama.
13. Conselheiro Dr. João Ribeiro d'Almeida.
14. Conselheiro Barão do Rio Branco.
15. Dr. Luiz Francisco da Veiga.
16. Senador Alfredo d'Escagnolle Taunay.
17. Dr. Joaquim Pires Machado Portella.
18. Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.
19. Monsenhor Manoel da Costa Honorato.
20. Dr. Ladisláu de Souza Mello Neto.
21. Barão de Ramiz.
22. Conselheiro Dr. Nicolau Joaquim Moreira.
23. Conselheiro Barão de Maruiá.
24. Dr. Rozendo Muniz Barreto.
25. João Barbosa Rodrigues.
26. Coronel Augusto Fausto de Souza.
27. Dr. João Franklin da Silveira Tavora.
28. Dr. João Severiano da Fonseca.
29. Dr. Alfredo Piragibe.
30. Chefe de divisão Barão de Teffé.
31. Capitão tenente Francisco Calheiros da Graça.
32. Dr. José Alexandre Teixeira de Mello.
33. Capitão tenente José Candido Guilhobel.
34. Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake.
35. 1º. tenente d'armada José Egidio Garcez Palha.
36. Capitão tenente Manoel Pinto Bravo.
37. Tenente Pedro Paulino da Fonseca.
38. Dr. Francisco Ignacio Ferreira.
39. Henrique Raffard.
40. Conselheiro senador Manoel Francisco Correia.
41. João Capistrano d'Abreu.
42. Tenente-general conselheiro de guerra Barão de Miranda Reis.

Socios correspondentes que deverão passar a effectivos, por serem os mais antigos dos residentes na côrte:

43. Dr. Francisco José Ferreira Baptista.
44. Conselheiro Barão de Lavradio.
45. Conselheiro de estado senador Visconde de Sinimbú.
46. Visconde de Barbacena.
47. Dr. José Jansen do Paço.
48. Conselheiro senador Barão de Cotegipe.
49. Conselheiro José Tavares Bastos.
50. Conselheiro Quintiliano José da Silva.



#### SOCIOS CORRESPONDENTES

Dr. Francisco José Ferreira Baptista (passa a effectivo).

1. Conselheiro João Lopes da Silva Couto.  
Conselheiro Barão de Lavradio (passa a effectivo).
2. Conselheiro Barão de Lopes Neto.  
Conselheiro senador Visconde de Sinimbú (passa a effectivo).
3. Conselheiro Barão do Penedo.  
Visconde de Barbacena (passa a effectivo).
- Dr. José Jansen do Paço (idem).
4. Senador Alvaro Barbalho Uchôa Cavalcanti.  
Conselheiro Barão de Cotegipe (passa a effectivo).
5. Barão do Desterro.
6. Senador Barão de Souza Queiroz.
7. Barão de Catuama.
8. Dr. José de Barros Pimentel,
9. Conselheiro Luiz Antonio Barbosa de Almeida.
10. Dr. Manoel Soares da Silva Bezerra.  
Conselheiro Quintiliano José da Silva (passa a effectivo).
11. Conselheiro Visconde de Valdetaro.
12. Conselheiro Barão de São-Felix.
13. Barão de Macahubas.

14. José Joaquim da Gama e Silva.
  15. Dr. Ricardo Gumbleton Daunt.
  16. Angelo Thomaz do Amaral.
  17. Conselheiro José Maria Nascentes de Azambuja.
  18. Conselheiro Tito Franco de Almeida.
  19. Dr. Ernesto Ferreira França.
  20. Conselheiro Antonio Joaquim Ribas.
  21. Professor João Brígido dos Santos.
  22. Conego João Pedro Gay.
  23. Conselheiro senador Luiz Antonio Vieira da Silva.
  24. Barão de Guajará.
  25. Conselheiro Epifanio Candido de Souza Pitanga.
  26. Tenente-coronel Eduardo José de Moraes.
  27. Antonio Manoel Gonçalves Tocantins.
  28. José de Vasconcellos.
  29. Senador Floriano Joaquim de Godoi.
  30. Luiz da França Almeida e Sá.
  31. Dr. Americo Brasiliense de Almeida e Mello.
  32. Dr. Thomaz Garcez Paranhos Montenegro.
  33. Bernardo Saturnino da Veiga.
  34. Dr. Carlos Augusto Moncorvo de Figueiredo.
  35. Commendador Antonio José Victorino de Barros.
  36. Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe.
  37. Dr. Francisco de Paula Toledo.
  38. Frederico José de Santa Anna Neri.
  39. Conselheiro José Antonio de Azevedo Castro.
  40. Antonio Borges de Sampaio.
  41. Conselheiro Barão de Ourem.
  42. Coronel Francisco Antonio Pimenta Bueno.
  43. Francisco Augusto Pereira da Costa.
  44. Dr. José Hygino Duarte Pereira.
  45. Antonio Ribeiro de Macedo.
  46. Conselheiro senador João Alfredo Corrêa de Oliveira.
  47. José Verissimo de Matos.
  48. Dr. Paulino Nogueira Borges da Fonseca.
  49. Bispo do Pará, D. Antonio de Macedo Costa.
  50. Conselheiro Barão de Ibituruna.
- Rio 27 de Julho de 1888.—*Olegario Herculano de Aquino e Castro.*

« Instituto Histórico e Geographico Brasileiro. Rio de Janeiro 13 de Fevereiro de 1888.—Ilm. e Exm. Sr. Remetto a V. Ex. as inclusas relações afim de que a commissão de admissão de socios, procendo á escolha dos correspondentes que residem n'esta côrte, em numero bastante para preencher as vagas dos effectivos, formule a relação completa d'estes, a qual deve ser submetida á deliberação do Instituto, na proximo sessão ordinaria do corrente e anno. Deus guarde a V. Exc.— Ilm. e Exm. Sr. conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, relator da commissão de admissão dos socios.—*João Franklin da Silveira Tavora*, 1.<sup>o</sup> secretario.»

Submettido este parecer á discussão e votação, tendo sobre elle falado favoravelmente os Srs. Henrique Raffard, Maximiano Marques e o relator, é approvado.

Lêm-se e ficam sobre a mesa para serem votados na sessão seguinte os pareceres seguintes:

1.<sup>o</sup>. A commissão de admissão de socios tendo em vista os pareceres juntos da commissão de historia,\* sobre os trabalhos apresentados como titulos de admissão dos Srs. commendador José Luiz Alves e Dr. Virgilio Martins de Mello Franco, considerando que se acham os candidatos nas condições exigidas nos estatutos, para que possam fazer parte do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro; é de parecer que sejam os mesmos senhores admitidos como socios correspondentes.—*Olegario Herculano de Aquino e Castro. Manoel Francisco Correia. Alfredo de Escagnolle Taunay.*

2.<sup>o</sup>. A commissão de admissão de socios do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro, tendo presentes os pareceres juntos da commissão de historia\*\* sobre os trabalhos offeridos como titulos de admissão dos Srs. Dr. Luiz Cruls e commendador Luiz Rodrigues de Oliveira,

---

\* Estes pareceres constam das actas das sessões de 6 e 13 de Julho de 1888.

\*\* Estes pareceres constam da acta da sessão de 27 de Julho de 1888.



de acôrdo com os mesmos pareceres e tendo por preenchidas as condições dos estatutos que regulam a admissão dos socios, é de parecer que sejam os mesmos senhores recebidos como membros correspondentes do Instituto.—Rio 9 de Agosto de 1888.—*Olegario Herculano de Aquino e Castro, Manoel Francisco Correia, Alfredo de Esgragnolle Taunay.*

3.º A comissão de admissão de socios do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tendo em attenção os pareceres juntos das commissões de historia e geographia\* opinando pela admissão dos Srs. Marquez de Paranaguá, presidente da sociedade de geographia do Rio de Janeiro, e 1.º tenente da armada Arthur Indio do Brazil, ao gremio d'este Instituto, e considerando que os illustrados candidatos satisfazem as condições precisas para que possam fazer parte d'esta douta associação, é de parecer, que sejam admittidos como seus socios correspondentes.—Rio, 6 de Agosto de 1888.—*Olegario Herculano de Aquino e Castro, Manoel Francisco Correia, Alfredo de Esgragnolle Taunay.*

Lêem-se e são remettidos á comissão de admissão de socios os seguintes pareceres :

1.º A comissão de historia do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, obedecendo á ordens recebidas, estudou o trabalho do Sr. Dr. Joaquim Saldanha Marinho Filho, intitulado : *Missões na provincia do Rio-Grande do Sul*, apresentado como titulo de admissão do autor ao gremio d'este Instituto. N'esta succinta e resumida memoria si o autor não nos dá uma exacta topographia da região, que tratou de descrever, expende judiciosas considerações sobre os meios de colonisação d'esse territorio fertil e que tantos elementos encerra apropriados a estabelecimentos coloniaes. Terreno vasto, apropriado ao cultivo de differentes vegetaes, indicado desde longo tempo como proprio para a cultura, tanto que foi escolhido e occupado outr'ora pelos activos jesuitas, tem todos os elementos para rapido desenvolvimento, desde que seja bem aproveitado. Esse terreno fertil em todo o genero de

---

\* Estes pareceres constam da acta da sessão de 6 de Julho de 1888.

produção, susceptível de facil exportação e de clima saudavel, tem sido indicado, declara o autor da memoria. por varios presidentes da provincia ser de facil colonisação. Falando d'essa região, diz Arséne Isabelle : Em nenhuma parte do mundo se encontram productos tão variados como os das Missões ; e em nenhuma se encontram mais industrias a crear e que offereçam mais perspectivas de riquezas e de bem-estar aos colonos laboriosos e intelligentes. »

Acompanha o trabalho do Sr. Dr. Joaquim Saldanha Marinho Filho uma planta de uma parte da provincia do Rio-Grande do Sul, abrangendo os municipios de São-Luiz e Santo-Angelo. Sala das sessões em 9 de Agosto de 1888.— Dr. *Manoel Duarte Moreira de Azevedo*. Dr. *José Alexandre Teixeira de Mello*.

2.º Como titulo de admissão do major Joaquim José Gomes da Silva Neto no Instituto Historico e Geographico Brasileiro foi offerecido seu livro : *Maravilhas da Penha ou lendas e historia da santa e do virtuoso frei Pedro de Palacios*. O autor propondo-se a escrever a historia da capella e do convento da Penha, na provincia do Espirito-Santo, e a de seu fundador o franciscano frei Pedro de Palacios, fez para esse fim, como elle se exprime, « uma viagem atravez dos seculos » e dá-nos uma noticia de tudo quanto existe escripto sobre taes assumptos e de factos, que com laboriosas investigações pôde colher. Começa com um resumido estudo sobre o descobrimento do Brasil, sobre o estabelecimento das capitancias, sobre os primeiros missionarios franciscanos, abrangendo esse estudo a primeira parte do livro. Na outra parte, após assumptos especiaes em relação a viagens, acha-se transcripto o *Poema Marianno ou relação dos mais espantosos e extraordinarios milagres de Nossa Senhora da Penha, venerada na provincia do Espirito-Santo e em todas as partes do Brazil*, por Domingos de Caldas, natural da cidade da Bahia, dado á luz por Ignacio Telles de Alvarenga Salles, natural da provincia do Espirito-Santo, padre-mestre jubilado, arcepreste, vigario da vara. etc., etc., 1854. O livro apresentado é de valor para a historia patri e seu autor merece ser admittido como socio do Instituto.

Rio de Janeiro 9 de Agosto de 1888.—Dr. *José Alexandre Teixeira de Mello*. Dr. *Augusto Victorino A. do Sacramento Blake*.

São também lidas as seguintes propostas :

1.<sup>a</sup> Propomos para membro correspondente do Instituto o Sr. 1.<sup>o</sup> tenente da armada Antonio Alves da Camara, membro do instituto polytechnico brasileiro, da sociedade de geographia do Rio de Janeiro e autor dos *Ensaíos sobre as construcções navacs indigenas do Brasil*, impresso que apresenta como titulo para sua admissão. Rei de Janeiro. Sala das sessões do Instituto em 10 de Agosto de 1888.—*J. Severiano da Fonseca. Franklin Tavora*.—Remettido á commissão de historia.

2.<sup>o</sup> Propomos, que seja elevado a socio honorario o nosso illustrado consocio senador Alfredo de Escragnoille Taunay. Sala das sessões 10 de Agosto de 1888. *Henrique Raffard*. Dr. *Maximiano Marques de Carvalho*. *Barão de Miranda Reis*. *João Severiano da Fonseca*.

Submettida essa proposta á votação e approvação, o Sr. presidente declara o mesmo senador socio honorario do Instituto.

3.<sup>a</sup> Propomos para socio correspondente do Instituto o cidadão francez Clovis Lamarre, doutor em letras, administrador da importante casa de ensino *Sainte Barbe*, em Paris, autor de um estudo biographico, historico e literario sobre *Camões e os Lusíadas*, o qual foi offerecido á nossa bibliotheca e parece constituir um titulo sufficiente para a admissão do Sr. Clovis Lamarre em nosso gremio. Sala das sessões, em 10 de Agosto de 1888.—*Henry Raffard*. Dr. *Maximiano Marques de Carvalho*. Dr. *Sacramento Blake*.—Remettido á commissão de historia.

4.<sup>a</sup> Propomos, que se altere o art. 9 dos estatutos com relação á somma annual que têm de pagar os socios contribuintes, a qual passará a ser de 12 $\text{r}$  e não de 6 $\text{r}$ , em cada semestre ; sendo porém abonada aos mesmos socios a quantia de 1 $\text{r}$  para cada uma das sessões que tiverem assistido, resolução que vigorará depois do corrente segundo semestre de 1888. Sala das sessões 10 de Agosto de 1888.—*Henry Raffard*.—Remettida á commissão de estatutos.

5.<sup>a</sup> Propômos, que o nosso distincto thesoureiro, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, seja autorisado a liquidar como o julgar mais conveniente todas as dividas dos socios em atrazo no pagamento das suas contribuições, para que o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, depois do jubileu, entre em uma nova phase financeira bem definida. Sala das sessões 10 de Agosto de 1888—*Henry Raffard*.—Remettida á commissão de estatutos.

E' finalmente apresentado o seguinte parecer, cuja deliberação foi adiada :

« A commissão incumbida pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro de dar parecer sobre varias propostas relativas a um monumento, que perpetue a memoria da lei n. 3.353 de 13 de Maio do corrente anno, que declarou extinta a escravidão no Brazil, vem satisfazer o encargo que lhe foi confiado, expondo em breves termos a opinião que tem a respeito. Quatro foram as propostas apresentadas :

1.<sup>a</sup> (Do Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho) : « Que se autorize o thesoureiro do Instituto a abrir uma subscrição nacional na côrte e em todas as provincias, afim de se erigir no campo da Acclamação uma columna de bronze, tendo na base a lei de 13 de Maio e no vertice o simbolo da Justiça. »

2.<sup>a</sup> (Dos Srs. Dr. Franklin Tavora, Francisco José Borges, Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake e Pinheiro de Campos) : « Que o Instituto faça cunhar uma medalha commemorativa com a effigie de Sua Alteza Imperial a regente do imperio no anverso e a integra da citada lei no reverso. »

3.<sup>a</sup> (Do Sr. Henrique Raffard) : « Que o Instituto promova uma subscrição nacional para que se levante em uma das praças da côrte um modesto monumento, que atteste aos vindouros o faustoso acontecimento da redempção dos captivos no Brazil.

4.<sup>a</sup> (Do mesmo senhor.) : « Que o Instituto represente ao governo, pedindo que, para perpetuar a data da abolição da escravidão no Brazil, faça cunhar medalhas commemorativas em numero sufficiente para que possam



ser remettidas, a todos os governos e ás demais instituições nacionaes e estrangeiras, como museus e universidades. »

Si ha factos notaveis e grandiosos na historia do nosso paiz, que devam ser perpetuados na memoria das gerações futuras, por honra nossa e gloria da nação que constituimos, é sem duvida um d'elles e dos mais brilhantes o da proclamação da liberdade da raça escrava, que infelizmente, até ha pouco, nodou a nossa vida social. As festivas aclamações e applausos com que, sem a minima perturbação da ordem publica, foi entre nós effectuada essa revolução incruenta, que em outros paizes tem custado porfiosas lutas e dolorosos sacrificios, vieram claramente demonstrar inteiro accordo entre a opinião popular e a vontade do parlamento e da corôa, no arrojado commettimento, que hoje nos enche de orgulho e intima satisfação.

Elevando-nos no conceito das nações civilisadas, que nos precederam na adopção da magna reforma, exaltamos-nos a nós mesmos, dando testemunho da generosidade dos sentimentos, que nos animaram e que só por difficuldades insuperaveis deixaram de ser mais cêdo manifestadas.

E' pois justo, que tão memoravel acontecimento seja por modo digno e solemne celebrado pelo Instituto, sempre prompto em registrar, como deve, os factos mais notaveis da nossa historia. Mas é preciso conter a expansão do desejo nos restrictos limites do possivel. De bom grado se pronunciaria a commissão pelo projecto de elevar-se um monumento sumptuoso ou modesto, segundo as propostas apresentadas, si na impossibilidade de ser a despeza feita com os escassos recursos pecuniarios, de que dispõe o Instituto, tivesse fê na efficacia do meio lembrado pelos nossos illustres consocios; a commissão porém sente declarar, que tem por duvidoso o exito da empresa, pela difficuldade pratica de fazer correr uma subscrição nas diversas provincias do imperio, sem que tenha o Instituto meios de promover, activar e colher o producto da mesma subscrição e dar-lhe o devido destino, fazendo executar uma obra de construcção difficil e



despendiosa, e o que é mais, de todo alheia á natureza especial de suas funcções, meramente literarias.

A commissão reconhece o dever, que tem o Instituto de tomar parte nas honrosas manifestações com que tem sido geralmente celebrada a declaração da liberdade do escravo ; entende porém, que não deve tentar uma empreza superior ás suas forças, posto que muito conforme aos seus desejos ; e que só deve emprehender o que possa ser realisado, na medida dos seus proprios recursos, tendo em vista o fim d'esta associação, instituida especialmente no intuito de colligir, publicar ou archivar documentos concernentes á historia e geographia do Brazil. Assim que, procurando corresponder ao louvavel empenho que mostra o Instituto de tornar perduravel a memoria do grande acontecimento, que constitue a maior gloria do segundo reinado, propõe a commissão :

1.º Que por si mesmo, ou por intermedio do governo, cujo auxilio será solicitado, quando necessario, faça o Instituto cunhar medalhas commemorativas, destinadas a SS. MM. II., a S. A. I. a princeza regente, a S. A. R. o Sr. Conde d'Eu e ás demais autoridades e corporações nacionaes e estrangeiras, nos termos das respectivas propostas.

2.º Que seja escripta uma memoria contendo a historia resumida de tudo quanto se refere ao assumpto de que se trata, desde a fundação do imperio até á data da aurea lei de 13 de Maio de 1888.

Este trabalho será confiado pelo Instituto ao socio ou commissão de seu seio, que possa bem desempenhal-o e deverá ser apresentada até a ultima sessão ordinaria d'este anno, afim de ser sujeito á apreciação do mesmo Instituto, que o fará imprimir na *Revista*, ou em separado, como parecer mais conveniente. Si mais de uma *memoria* sobre o mesmo assumpto fôr offerecida por qualquer consocio, será ella acceita e examinada afim ser publicada, na fórma já exposta. A distribuição das medalhas e *memorias* pelas autoridades, associações nacionaes ou estrangeiras, museus, bibliothecas, etc., será feita por deliberação da mesa, sob proposta de qualquer de seus membros.

Por tal modo entende a commissão, que terá o Instituto condignamente cumprido a nobre e elevada missão, que lhe coube, de perpetuar nas paginas da historia a memoria de um dos factos, que assignalam o desenvolvimento e progresso da nossa sociedade. Um bom livro é tambem um monumento, e tanto mais digno de apreço quanto representa a superioridade da intelligencia sobre o esforço material da actividade humana. Os templos e as estatuas esboroam-se; mas sobrevive o pensamento e perduram as grandes idéas, porque essas são immortaes. Rio 8 de Agosto de 1888.— *Olegario Herculano de Aquino e Castro. Visconde de Beaurepaire Rohan. Barão de Miranda Reis.*

O Sr. presidente declara, que, estando a chegar Sua Magestade o Imperador, augusto protector do Instituto e tendo de nomear uma commissão para ir cumprimental-o em seu regresso, convida para esse fim a todos os membros do Instituto, que deverão comparecer no lugar e hora marcada.

E nada mais havendo a tratar e estando adiantada a hora, o Sr. presidente, após a devida venia, levanta a sessão ás 8 1/2 da noite.

*Dr. João Severiano da Fonseca,*  
2.º Secretario interino.

---

## 6.ª SESSÃO ORDINARIA EM 31 DE AGOSTO DE 1888.

HONRADA COM A PRESENÇA DE S. A. O SR. CONDE D'EU

*Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto  
de Souza Silva*

Presentes ás 7 horas da noite os Srs. commendador Joaquim Norberto, Dr. Severiano da Fonseca, conselheiros Alencar Araripe e Manoel F. Corrêa, barão de

Miranda Reis, Henrique Raffard, Drs. Cesar Marques, Maximiano Marques, Pinheiro de Campos e Teixeira de Mello, annuncia-se a presença de S. A., que é recebido com as formalidades do estilo e toma assento. Obtida a venia de S. A., declara o Sr. presidente aberta a sessão.

Em seguida o socio Teixeira de Mello, secretario supplente servindo de 2º secretario, procede á leitura da acta da sessão anterior, a qual é sem discussão approvada, depois da declaração do Sr. Cesar Marques de que por inferno não comparecêra áquella sessão e que dera em tempo cumprimento á missão de que o encarregára o Instituto, tomando parte na commissão que fôra ao encontro de SS. MM. no seu regresso ao Brazil na manhan de 22 do corrente.

Antes de se encetarem os trabalhos o Sr. presidente pronuncia o seguinte discurso :

« Senhor! Senhores! Congratulo-me com o Instituto Historico pelo feliz regresso de SS. MM. II. ás plagas brazileiras, hoje tão livres como outr'ora as encontrára Pedro Alvares Cabral.

« Uma commissão do Instituto, composta dos Srs. Drs. Cesar Marques, Sacramento Blake e Severiano da Fonseca, foi no vapor designado no convite feito peio Instituto Polytechnico ao encontro do paquete *Congo*, que conduzia SS. MM.

« Parte do Instituto Historico achou-se na arsenal de marinha e assistiu ao desembarque.

« Fômos ante hontem ao paço de São-Christovão apresentar as nossas saudações tanto a S. M. o Imperador, como a S. M. a Imperatriz e a S. A. a Princeza Imperial. Commigo fizeram parte da commissão os Srs. conselleiros Olegario, Alencar Araripe, Quintiliano José da Silva, Pereira de Barros e os Srs. Dr. Sacramento Blake e Henrique Raffard.

« Senhores! E' um triste dever, depois de tão grata noticia, participar-vos o doloroso acontecimento, que enlutou a nossa associação!

« Na manhan de 18 d'este mez fômos surprehendidos pela noticia transmittida pelas folhas diarias do

falecimento do nosso 1.º secretario o Dr. João Franklin da Silveira Tavora.

« Não podendo reunir os membros da mesa, mandei em seu nome cerrar as nossas portas por tres dias e annunciar, que seus membros tomavam luto por oito dias. Dirigi convites a todos os socios a que me foi possivel recorrer para comparecerem ao seu funeral.

« O nosso orador, o Sr. senador Escragnolle Taunay, communicando achar-se doente, pediu-me, que fizesse as suas vezes na fórma dos nossos estatutos.

« Ao baixar á sepultura o cadaver do nosso mallogado consocio li o seguinte discurso :

« — Que espectáculo é este, que meus olhos vêm e que minha razão vacilla em acreditar—o Dr. Franklin Tavora frio, inanimado, dentro de um ataude, ás bordas do sepulcro, que vai escondel-o para sempre á contemplação da patria, que vai roubal-o para sempre á convivencia da esposa e de seus filhos, que vai privar-o para sempre de seus consocios?...

« Como são imprevistas as vicissitudes d'este mundo! Como são enganosos os nossos problemas ante as soluções da morte, que vem, quando menos a esperamos! Caiu da mão do joven e incansavel trabalhador, tão cheio de vida, tão radiante de entusiasmo, a penna que tanto illustrou a literatura patria e que tinha ainda de exhibir-se em brilhantes paginas da historia brasileira! No combate inesperado entre a existencia e a morte, foi lenta e dolorosa a sua agonia. Faltou-lhe a palavra, e sua alma não teve sinão suspiros de saudade para seus filhos, que ficam na pobreza da orphanade e para o Instituto Historico, que era tão seu do coração e pelo qual elle redobrava ultimamente de esforços afim de realçal-o nas festas do seu proximo jubileu.

« E no meio d'essas lides afanosas, a que se submettia com prazer, tinha um presentimento vago; assim no dia 31 de Maio d'este anno escrevia elle nas paginas da nossa *Revista Trimensal* :

« Façamos votos para que o dia da nossa festa nos chegue em favoraveis auspicios. Façamos votos para que n'este anno de tanta alegria e de tanta gloria nacional,

nenhum de nossos companheiros esteja separado de nós pela molestia ou pela morte, quando reunidos no seio da patria inteiramente livre houvermos de consagrar o alto valor dos obreiros, que pelo espaço de cincoenta annos mantiveram o culto em nosso templo, sem moeda metallica e sómente movidos pela retribuição do renome. »

« E foi elle, o mais entusiasta de todos os obreiros, o que pagou o fatal tributo, que nos impõe a morte annualmente. Cahi, quando mais precisavamos d'elle, trazendo com a consternação e a saudade o esmorecimento ás nossas fileiras.

« Acolhe, ó sepulcro, os despojos de um cidadão, que serviu á patria com os seus valiosos escriptos e honrou o Instituto Historico com as suas locubrações.

« E tu, ó meu amigo, alma sublime e pura, recebe as nossas saudosas despedidas.»

« A' missa do 7º. dia compareceram muitos dos nossos consocios, além dos que fizeram parte da commissão, que nomeei.

« Na fórmula do estilo peço, que se lance na acta um voto de pezar por tão sentida perda.

« Com a morte do Dr. Franklin Tavora ficou vago o lugar de 1º. secretario. Passei para elle o Sr. Dr. João Severiano da Fonseca, que exercia interinamente o lugar de 2º., e para este o Sr. Dr. J. A. Teixeira de Mello, que era 2º. secretario supplente. Para 1º. e 2º. secretarios nomeei os Srs. Dr. Sacramento Blake e Henrique Raffard, ficando para preencher em sessão as outras vagas deixadas pelo nosso incansavel consocio. »

O Sr. 1º. secretario interino dá conta do seguinte

#### EXPEDIENTE

##### Officios :

Do socio Antonio Ribeiro de Macedo, de Campo Largo, provincia do Paraná, declarando que breve remetterá um trabalho, que tem em mão para ser impresso na *Revista do Instituto* no volume destinado a solemnisar o seu jubileu. — Inteirado.



Do presidente da provincia da Parahiba, Dr. Pedro Francisco Correia de Oliveira, participando ter assumido o referido cargo em 9 de Agosto d'este anno.

Do Sr. Dr. Antonio de Paula Freitas, secretario do Instituto Polytechnico Brasileiro convidando o Instituto para se fazer representar em uma commissão geral das sociedades scientificas e estabelecimentos de instrucção superior afim de receber S. S. MM. Imperiaes no dia da sua chegada a esta côrte.—Providenciado, tendo sido nomeados pelo Sr. presidente para essa commissão os Srs. Dr. Severiano da Fonseca, Cesar Marques e Sacramento Blake.

Do socio Antonio Borges de Sampaio, residente na cidade de Uberaba, provincia de Minas-Geraes, enviando importantes donativos de documentos historicos, que ennuméra especificadamente, para serem presentes na solemnidade do jubileu do Instituto, e pedindo os fasciculos 1º. 2º. e 3º. da *Revista* de 1887, que lhe faltam.—Que se agradeça quanto ás offertas e se satisfaça a reclamação.

A relação dos documentos acima referidos vêm em seguida a esta nota :—foi lida na presente sessão.

Do Dr. José de Oliveira Campos, bibliothecario da bibliotheca publica da Bahia, pedindo alguns volumes da *Revista* de 1861 a 1888, que faltam á collecção d'aquelle estabelecimento.—Que se satisfaça o pedido.

Do presidente da provincia da Alagoas, Dr. José Cesario de Miranda Monteiro de Barros, remetendo um exemplar do *Relatorio* com que o 1º. vice-presidente Manoel Gomes Ribeiro lhe passou a administração da provincia em 10 de Julho do corrente anno.—Inteirado.

Do socio o Dr. Moreira de Azevedo, participando não ter podido comparecer ás sessões por achar-se impossibilitado, por motivo de molestia, de sahir á noite, e remetendo para o muséu do Instituto os seguintes objectos :—*Aparas do meteorito de Bendegó* ; uma medalha commemorativa do regresso de SS. MM. em 1888 ; um exemplar da photographia da missa campal celebrada na praça de D. Pedro I, em São-Christovão, em festejo pela abolição da escravidão no Brazil.—Que se accuse e agradeça.

Do socio senador A. de Escagnolle Taunay

communicando deixar de comparecer á presente sessão por doente e pedindo inscripção para a leitura de um trabalho, que está a concluir, sobre os indios de Guarapuava, logo que a sua saude lh'o permitta.—Inteirado.

Outro do mesmo senhor, agradecendo ao Instituto a elevada distincção, que espontaneamente lhe conferira, de seu socio honorario e assegurando que envidará todos os esforços para se mostrar na altura da confiança, que a associação n'elle deposita.—Inteirado.

Outro do mesmo senhor, lamentando o repentino falecimento do nosso distinto companheiro o Dr. Franklin Tavora, junto a cujo feretro não pôde, por pertinaz enfermidade, cumprir o seu dever de orador do Instituto, fazendo aos reconhecidos talentos do morto e ao seu constante amor ao trabalho a devida justiça.—Inteirado.

Do Sr. Dr. Gabriel Carrasco, director do censo da provincia de Santa-Fé, Republica Argentina, enviando um exemplar do *Censo de poblacion* d'aquella provincia.—Que se accuse e agradeça.

Do socio Antonio Alvares Pereira Coruja, enviando para a festa quinquagenaria do Instituto os seguintes livros da propria lavra: 1 Compendio da grammatica da lingua nacional; 2) Compendio da grammatica latina do padre Antonio Pereira com additamento e notas do offertante; 3) Manual dos estudantes de latim; 4) Arithmetica para meninos; 5) Manual de orthographia (obra pequena); Compendio da orthographia da lingua nacional (obra grande).

Do Sr. Dr. Enrique B. Moreno, enviado extraordinario da Republica Argentina n'esta côrte, reclamando, em character particular e como amigo do nosso consocio o Sr. Dr. Angel Justiniano Carranza, o diploma de membro correspondente, que o Instituto lhe conferira, mas não fôra por elle recebido.—Que se responda e remetta o titulo reclamado.

Do Sr. Marquez de Paranaguá, accusando e agradecendo a remessa feita pelo Instituto da collecção da sua *Revista Trimensal* para a bibliotheca especial do conselho d'estado, esperando o preenchimento gradual e opportuno das raras lacunas, que n'ella se notam.—Inteirado.

## OFFERTAS

Pelo ministerio da agricultura : Relatorio dos trabalhos da commissão do mesmo ministerio na Europa e nos Estados Unidos da America do Norte.

Pela secretaria da presidencia da provincia do Rio de Janeiro : Relatorio apresentado á assembléa legislativa provincial, no dia 8 do corrente mez, pelo presidente Dr. José Bento de Araujo.

Pelo socio Barão de Ourem : os opusculos : *Brésil, Notice générale sur les sessions parlementaires de 1885, Etude sur la représentation proportionnelle au Brésil, Notice sur le mouvement législatif au Brésil en 1886.*

Pelo Sr. Vivien de Saint-Martin : *Nouveau dictionnaire de géographie universelle, 43<sup>e</sup> fascicule, 1888.*

Pelo 1.<sup>o</sup> tenente Alfredo Augusto de Lima Barros : o ultimo fasciculo da *Revista Maritima Brasileira,*

Pela imperial academia de medicina do Rio de Janeiro : os ultimos fasciculos dos seus *Annaes.*

Pelas sociedades de geographia de Bordeaux, Munich, Madrid, Antuerpia e Italia : os seus boletins.

Pelas sociedades archeologica Druztva, imperial dos Naturalistas de Moscow, do Hönigsberg e Real Academia de Madrid : as suas publicações.

Pelas respectivas redacções : *Gazeta da Bahia, Diario Popular, Jornal do Recife, Gazeta de Mogimirim, Liberal Mineiro, Cachoeirano, Imprensa, Provincia do Espirito Santo, Espirito-Santense, Trabalho, Patria, Imigração, Le Nouveau Monde, Etoile du Sud, Le Brésil e o Boletim da alfandega do Rio de Janeiro.*

Pelo socio o Sr. Henrique Raffard : os seis primeiros numeros do *Immigrante*, que trazem a versão de artigos seus sobre a provincia de São-Paulo.

Passa-se á

## ORDEM DO DIA

O Sr. conselheiro Alencar Araripe pondera, que, achando-se disseminados por diversos volumes da nossa

*Revista* muitas das disposições e deliberações tomadas pelo Instituto, modificando alguns dos artigos dos nossos estatutos, e visto não ter-se podido realizar a proposta anterior, em consequencia do falecimento do nosso 1.º secretario, convinha coordenar e consolidar essas disposições de modo a tornal-as um guia seguro e claro nos nossos trabalhos, e propunha, que o Instituto tomasse qualquer providencia a esse respeito.

O Sr. presidente designa o mesmo Sr. conselheiro para fazer a coordenação lembrada.

Submette depois o mesmo Sr. presidente á votação por escrutinio secreto os seis pareceres favoraveis á admissão dos candidatos n'elles declarados: Marquez de Paranaguá, Arthur Indio do Brazil, commendador José Luiz Alves, Dr. Virgilio Martins de Mello Franco, Dr. Luiz Cruls e commendador Luiz Rodrigues de Oliveira.

Corrido o escrutinio, é unanimemente aprovado, e declarado pelo Sr. presidente socio correspondente do Instituto o Sr. Marquez de Paranaguá.

Corrido o escrutinio sobre o Sr. 1.º tenente Arthur Indio do Brazil, é aprovado unanimemente, e é pelo Sr. presidente declarado socio correspondente do Instituto o mesmo senhor.

Corre-se o escrutinio, e são unanimemente aprovados socios correspondentes os Srs. commendador José Luiz Alves e Dr. Virgilio Martins de Mello Franco, que o Sr. presidente proclama como taes.

Corrido o escrutinio secreto, são os Srs. Dr. Luiz Cruls e commendador Luiz Rodrigues de Oliveira aprovados socios correspondentes do Instituto e proclamados taes pelo Sr. presidente.

O Sr. Dr. João Severiano apresenta a seguinte indicação: « A morte de Franklin Tavora, nosso 1.º secretario, não é sómente uma grande perda, é um verdadeiro desastre para o Instituto. Trabalhador indefesso, elle tinha-lhe votado corpo e alma, de que era, por bem dizer, o espirito. Matou-o o excesso do trabalho, pois, como todos sabemos, grande parte dos seus esforços era por esta associação. Proponho, que se lance um voto de pesar na acta por tão



infausto acontecimento. Sala das sessões, 31 de Agosto de 1888.—*João Severiano da Fonseca.* »

O Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho apresenta a seguinte proposta : « O Instituto Historico não só tem verificado os factos gloriosos da nação brasileira e os recommendado á posteridade, mas tambem por si mesmo vai preparando a historia futura com seus actos de utilidade publica e de gloria nacional. E' de grande utilidade publica para todas as provincias do imperio brasileiro, que sejam representadas n'esta capital as principaes industrias das provincias.

« Proponho pois, que o Instituto por meio do nosso illustrado 1.º secretario convide a todas as assembléas provinciaes a remetterem para esta côrte para serem collocados no jardim da Acclamação os emblemas de suas industrias em figuras humanas esculpidas em granito duro, tendo de base 5 metros de diametro, e de altura de 12 a 15 metros. Sala das sessões do Instituto 31 de Agosto de 1888.—*Dr. Maximiano Marques de Carvalho.* »

O Sr. presidente entende, que não está a proposta na letra dos nossos estatutos nem nos intuitos da assosiação. O Sr. Dr. Maximiano Marques defende-a e insiste pela sua adopção, baseando-se na opinião de S. M. o Imperador e no exemplo de outras nações cultas, em particular no da França. Insistindo o Sr. presidente na sua idéa, remette a proposta á commissão de estatutos, unica que pôde tomar conhecimento d'ella, para instruil-a com o seu parecer.

O Sr. Dr. Maximiano Marques apresenta a seguinte proposta : « Constando, que o nosso pranteado collega o Dr. Franklin Tavora falecendo deixára sua mulher e filhos em extrema pobreza, proponho, que este Instituto Historico consigne uma pensão mensal de 50\$000 á viuva e filhos do mesmo finado Dr. Franklin Tavora, isto até que elles tenham meios de subsistencia. Rio de Janeiro, 24 de Agosto de 1888.—*Dr. Maximiano Marques de Carvalho.*  
*Dr. João Severiano da Fonseca.* »

Lê-se ao mesmo tempo o seguinte requerimento do Sr. Dr. Cesar Marques sobre o mesmo assumpto :  
« Requeiro, que o Instituto Historico solicite do governo



imperial uma pensão a favor da esposa e filhos do nosso consocio Franklin Tavora, que tanto servio á patria com seus importantes trabalhos literarios, seu infatigavel zelo, sua probriedade sem macula e seu amor e interesse pelo engrandecimento do nosso Brazil. Rio 31 de Agosto de 1888.—Dr. Cesar Marques. »

Depois de alguma discussão entre os Srs. Maximiano Marques e Cesar Marques e o Sr. presidente, sendo o primeiro de parecer que, conciliando as duas propostas, dê o Instituto quanto antes o auxilio que propuzera á familia do nosso consocio até que o governo o faça, si attender á solicitação do Instituto, como é de justiça ; por fim o Sr. presidente prova pela leitura do artigo 43 dos estatutos, que o Instituto não póde distrahir os fundos, de que dispõe sinão para os fins n'elle designados, embora seja essa recusa altamente dolorosa não só a elle presidente, como a todos os membros da associação.

A' vista da discussão havida o Sr. Henrique Raffard suggere a idéa de mandar o Instituto, honrando a memoria do morto, fazer-lhe a campa, ficando livre a cada socio concorrer com a quantia, que quizesse e pudesse para auxilio á sua familia. O Sr. Cesar Marques, reconhecendo o fundamento que havia para a impugnação do auxilio pecuniario por parte do Instituto, insiste pela petição ao governo, attento o conhecimento pessoal que tinham dos meritos reaes do nosso digno consocio os Srs. ministros do imperio e presidente do conselho de ministros. Depois de outros alvitres lembrados, são submettidas á votação as propostas apresentadas, e é approvada a do Sr. Dr. Cesar Marques.

Em seguida o mesmo Sr. Dr. Cesar Marques apresenta a seguinte proposta : « Proponho para socio correspondente do Instituto o Sr. major João Vicente Leite de Castro, servindo de titulo para a sua admissão o seu *Diccionario geographico e historico das campanhas do Uruguay e Paraguay*, parte já impresso e parte manuscripto. Sala das sessões 31 de Agosto de 1888.—Dr. Cesar Marques. »—A's commissões respectivas.

O mesmo senhor fazendo notar, que ha muito tempo não se tem podido lêr no Instituto trabalho nenhum, tendo-se

preenchido estas ultimas sessões apenas com discussões, lembra, que é preciso proporcionar-se a leitura de trabalhos, para que não tenham razão e fundamento quaesquer accusações, que possam ser feitas á associação.

O Sr. Henrique Raffard lembra, que é preciso preencher na commissão do jubileu a vaga deixada pelo falecimento do Dr. Franklin Tavora.

O Sr. presidente designa o Sr. Dr. João Severiano da Fonseca, indicado pelo Sr. Dr. Marques de Carvalho.

Estando preenchida a hora, o Sr. presidente, obtida venia de S. A. o Sr. Conde d'Eu, levanta a sessão.

*Dr. J. A. Teixeira de Mello,*  
secretario adjunto servindo de 2º secretario.

#### *Nota dos objectos*

1. Livrinho, contendo a noticia biographica do tenente-coronel Francisco Rodrigues de Barcellos, com a photographia, sinete e autographo (manuscripto).

2. Album com diversas poesias (manuscripto).

3. Sobre ser—rio Paranaíba, ou—rio Parnahiba (manuscripto).

4. Definições e ceremonias da ordem do Christo, para conforme ellas ser armado cavalleiro (impresso antigo e estragado).

5. Carta da irmandade de Jerusalem, conferida ao padre Hermogenes Casimiro de Araujo Brunswik, a 8 de Maio de 1826 (impresso antigo).

6. Mappa da população do termo e comarca do Paracatú do Principe em 1820 (manuscripto).

7. Certidão com o teor do breve de Pio VI, concedendo o jubileu da porciuncula em 4 de Dezembro de 1781 (manuscripto).

8. Carta pastoral do bispo de Goiaz, D. Claudio José, de 2 de Fevereiro de 1887, convocando o primeiro sinodo diocesano (impresso).

9. Discurso de Antonio Borges Sampaio no club literario uberabense, a 10 de Julho de 1881 (impresso).

10. Mappa da viação ferrea nas provincias do Rio de Janeiro, São-Paulo e Minas, por C. Arno e J. F. Tava-gnino, 1887 (impresso em preto).

11. Cedula do thesouro nacional, 4<sup>a</sup>. serie, 6<sup>a</sup>. es-tampa, n. 54.837, do valor de 20\$000 rs., recolhida.

12. Cedula do thesouro nacional, serie B, branca, tinta preta, carimbo verde, sem outra indicação da es-tampa, n. 47.961, do valor de 2\$000 rs., recolhida.

13. Cedula do thesouro nacional, serie 18<sup>a</sup>., estampa de tinta vermelha fundo branco (?), n. 80.556, do valor de 1\$000 rs., recolhida.

14. Amostra de papel vegetal remetida pelo *Publi-cador* de Goiaz a José Severino Soares, de Uberaba, 1886.

15. Malacaxêta das janellas do conego Antonio José da Silva, primeiro paroco da freguezia de Uberaba.

16. Photographia. Congado—divertimento dos pre-tos na festa de N. S. do Rosario. 1888. Uberaba.

17. Photographia. Cidade de Uberaba. Vista tirada da porta da igreja de Santa Rita, apanhando a collina da matriz. 1887.

18. Photographia. Uberaba. Vista tirada da igreja de Santa Rita, apanhando a parte da cidade sita na collina da Misericordia. 1887.

19. Photographia. Convento dos dominicanos em Uberaba, 1887.

20. Photographia. Rua Municipal, lado esquerdo. Uberaba. 1888.

21. Memorial sobre o curso dos rios Pardo e Mugi-guassú e possibilidade de sua navegação, por Fernando Vaz de Mello. 1859 (impresso).

22 a 26. Cinco planos maritimos dos portos—do Pará, do Maranhão, do Rio de Janeiro, da Bahia, de Pernam-buco (lithographia).

27. These apresentada á faculdade de medicina do Rio de Janeiro, pelo Dr. José de Oliveira Ferreira Junior, natural de Uberaba, 1887 (impresso).

28. Noticia sobre a provincia de Mato-Grosso, por Joaquim Ferreira Moutinho, 1869 (livro).

29. Estatutos do extinto monte-pio geral, decretos que os reformaram e tabellas, 1874 (brochura).

30. Atlas de geographia estatistica, composto de 21 mappas coloridos.

Uberaba (Minas) 14 de Agosto de 1888.— *Antonio Borges Sampaio*, socio correspondente.

---

## 7.<sup>a</sup> SESSÃO ORDINARIA EM 14 DE SETEMBRO DE 1888

*Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva*

A's 7 horas da noite, achando-se reunidos os Srs. socios commendador Joaquim Norberto de Souza Silva, conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, Dr. João Severiano da Fonseca, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, Dr. Cesar Augusto Marques, Dr. Maximiano Marques de Carvalho, Dr. Felizardo Pinheiro de Campos e Henrique Raffard, o Sr. presidente declara aberta a sessão.

O Sr. 1.<sup>o</sup> secretario Dr. João Severiano da Fonseca participa, que o Sr. Dr. José Alexandre Teixeira de Mello, 2.<sup>o</sup> secretario, não pôde comparecer á sessão por se achar muito atarefado com trabalhos relativos ao jubileu do Instituto e para substituir o Dr. Teixeira de Mello o Sr. presidente chama o supplente Henrique Raffard.

Lida e approvada sem observação a acta da sessão anterior, o Sr. 1.<sup>o</sup> secretario dá conta do seguinte

### EXPEDIENTE

Officios :

Do socio João Barboza Rodrigues, enviando um trabalho seu manuscripto intitulado : *Observações sobre o alphabeto indigena.*

Do socio Luiz da França Almeida e Sá, enviando um trabalho seu manuscripto intitulado : *Influencia da mulher perante a humanidade.*

Do socio João Brígido dos Santos, enviando um trabalho seu manuscripto intitulado : *Povoamento do Ceará*.

Do socio Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, enviando um trabalho seu manuscripto intitulado : *Instrução publica nos tempos coloniaes do Brazil*.

Do socio Antonio Borges de Sampaio, congratulando-se com o Instituto pelo regresso de Suas Magestades o Imperador e a Imperatriz do Brazil.

Do 2.º secretario do lyceu literario portuguez do Rio de Janeiro, convidando a directoria do Instituto para se fazer representar na festa de seu vigesimo anniversario hoje ás 8 horas da noite.

Do director da bibliotheca nacional de Montevideo, agradecendo os numeros da *Revista do Instituto*, que lhe foram enviados, e pedindo o tomo XLVIII, que lhe falta.

#### OFFERTAS

Pelo commendador Joaquim Norberto de Souza Silva : *Retrospecto commercial de 1887*.

Pelo Sr. Henrique Raffard : *Estradas de ferro, projecto de uma estrada de ferro do porto dos Lenções no rio Tieté ao salto dos Dourados no rio Paranapanema apresentado á assembléa legislativa provincial de São-Paulo em 1884 ; Le Phylloxera dans le coton de Genève en 1887 ; Rapport de la station viticole du Champs-de-l'air à Lausanne pour l'exercice 1887*.

Pelo Sr. presidente da provincia do Rio de Janeiro Dr. José Bento de Araujo : *Relatorios apresentados á assembléa legislativa fluminense nos annos de 1881 a 1884*.

Pelo Sr. Arthur Sauer : *Almanak Laemmert de 1887*.

Pelo Sr. Francisco Augusto Martins de Carvalho : *Subsidios para a historia dos regimentos de infantaria e caçadores do exercito portuguez*.

Pelo Sr. A. Baguet : *Exploração da provincia do Maranhão*.

Pela sociedade scientifica argentina : *Annaes*.

Pela Trustees of the cooper union : *Relatorio annual (May 26th 1888)*.



Pelas redacções respectivas : *Revista da bibliographia brasileira*, *Revista de medicina e pharmacia*, *Revista dos constructores do Rio de Janeiro*, *Gazeta de Noticias*, *Diario Popular*, *Gazeta de Mogimirim*, *Imprensa, Mez*, *Jornal do Recife*, *Imprensa Catharinense*, *Liberal Mineiro*, *Publicador Goiano*, *Provincia do Espirito Santo*, *Trabalho*, *Etoile du Sud*, *Le Brésil*, *Le Nouveau Monde*, *Boletim da alfandega do Rio de Janeiro*.

## ORDEM DO DIA

O Sr. presidente communica o falecimento do illustrado consocio Domingos Faustino Sarmiento, que occorreu a 11 do corrente mez de Setembro na capital do Paraguay. O finado octogenario tem prestado innumerous serviços á sua patria, principalmente reorganizando ali a instrucção publica, e sua actividade como militar e politico o elevou na estima nacional e nos cargos de general, presidente e senador da Republica Argentina.

Esta noticia é recebida com profundo pesar.

São enviadas á mesa e apoiadas as propostas seguintes :

1.º Requeiro, que seja nomeada uma commissão para assistir á cerimonia da entrega da Rosa de Ouro concedida pelo santissimo padre á Sua Alteza a Serenissima Senhora princeza imperial por occasião da lei de 13 de Maio de 1888. Dr. *Cezar Augusto Marques*.

2.º Proponho, que se officie á Sua Excellencia o Sr. presidente do Rio de Janeiro, agradecendo a remessa de alguns relatorios presidenciaes, que S. Ex. se dignou offerecer para completar a respectiva collecção da bibliotheca do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Sala das sessões 14 de Setembro de 1888. — *Henrique Raffard*.

3.º Proponho, que se agradeça ao Sr. Arthur Sauer, chefe da casa Laemmert, pelo Almanak de 1887, que o mesmo cavalheiro se dignou enviar para diminuir as faltas

da collecção, que possue o Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Sala das sessões 14 de Setembro de 1888.—*Henrique Raffard*.

4.º Proponho, que se altere o artigo 27 dos nossos estatutos na parte que se refere á falta de comparecimento nas sessões. Parece conveniente reduzir o numero das sessões em virtude de que, na falta de comparecimento, os socios passam da categoria de effectivos á de correspondentes, sendo conveniente tambem determinar o numero preciso para que se substitua os membros da mesa, que tiverem incorrido na referida falta sem motivo justificado. Sala das sessões 14 de Setembro de 1888.—*Henrique Raffard*.

5.º Propomos para socio correspondente o Sr. João Carlos de Souza Ferreira, illustrado redactor geral do *Jornal do Commercio* d'esta côrte e autor do Retrospecto commercial, publicação annual. Sala das sessões do Instituto Historico em 14 de Setembro de 1888.—*Henrique Raffard*. Dr. Cezar Augusto Marques. Tristão Alencar Araripe. Olegario Herculano de Aquino e Castro.

A 2.ª e 3.ª propostas ficaram em poder do Sr. 1.º secretario para providenciar; a 4.ª é enviada á commissão de estatutos e a 5.ª á commissão de admissão de socios.

O Sr. thesoureiro toma nota do pedido do director de bibliotheca nacional de Montevidéo para satisfazê-la.

O Sr. conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro participa, que a commissão encarregada pelo Instituto de comprimentar á S. M. o Imperador no dia 7 do corrente, pelo anniversario da independencia do Brazil, cumprio a sua missão e ao discurso do orador dignou-se S. M. de responder, que agradecia muito as congratulações, que lhe eram dirigidas por parte d'este Instituto.

O Sr. presidente declara, que a resposta de S. M. o Imperador é recebida com muito especial agrado e accrescenta, que no cortejo compareceram por parte do Instituto o conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, o commendador Joaquim Pires Machado Portella, o Dr. João Severiano da Fonseca, o Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, o general Barão de Miranda Reis, o Visconde de Souza Fontes, o senador Joaquim Floriano

de Godoi, o commendador Luiz Cruls, o 1.º tenente Arthur Indio do Brazil e Henrique Raffard.

O conselheiro Olegário Herculano de Aquino e Castro lembra a recommentação feita em uma sessão anterior com relação ao ceremonial aprovado na sessão de 5 de Outubro de 1887 para recepção de socios e reclama providencias, convindo que o acto respectivo seja o mais solemne possível.

O Sr. 1.º secretario responde, que vai officiar n'este sentido aos novos socios.

O Sr. presidente diz, que se poderia mandar imprimir avulsas, para serem remettidos com os diplomas, as disposições referentes ao alludido ceremonial afim de serem preenchidas as formalidades nos termos estatuidos: o que é apoiado pelo Sr. conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.

O Sr. Henrique Raffard, em nome da commissão do jubiléu, communica, que a sessão do quinquagenario não poderá realizar-se, como fôra projectado, na sala do muséu nacional, onde pela primeira vez funcionou o Instituto Historico e Geographico Brasileiro; nem em outra sala do mesmo estabelecimento, não só por se acharem occupadas com moveis presos ao chão e ás paredes, que não podem ser facilmente deslocados, mas tambem pela falta das precisas proporções. Ao mesmo tempo pondera, que a commissão não tem certeza da possibilidade de se fazer a festa do jubileu a 21 de Outubro proximo vindouro em consequencia da exiguidade do tempo; e julgando alguns socios ser melhor adial-a para o dia da sessão magna do mez de Dezembro, a commissão propõe, que se sujeite estas questões ao alvitre de S. M. o Imperador.

O Sr. presidente declara incumbir-se d'esta missão.

Continuando com a palavra em nome da commissão, o Sr. Henrique Raffard submete á sancção do Instituto a decisão tomada pela commissão do jubiléu de serem previamente sujeitos á commissão de redacção quaesquer pensamentos, que os socios queiram lançar no livro propositalmente creado para este fim.

O Sr. presidente com acquiescencia do Instituto declara aprovada a mencionada deliberação.

O Sr. Henrique Raffard trata ainda de algumas questões relativas ao jubiléu, ficando a commissão autorizada á resolver-as por si sob indicação do Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho.

O Sr. Henrique Raffard pede porém permissão para occupar mais uma vez a attenção do Instituto, devendo insistir sobre os negocios do jubiléu.

O conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro observa, que o essencial é, que a festa do jubiléu se faça.

O Sr. Henrique Raffard diz, que falta o essencial, que é o dinheiro para as pequenas despesas, mas que o Instituto decidio em sessão anterior, que se fizesse correr uma subscrição entre os socios e a referida medida devia ser posta em pratica sem demora.

O Sr. thesoureiro, o conselheiro Tristão de Alencar Araripe, pergunta si deve incumbir ao cobrador de fazer a colheita da subscrição proposta, porém depois das considerações de alguns socios o Sr. presidente encarrega d'esta commissão o Sr. Henrique Raffard, que a aceita.

O Sr. conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, relator da commissão, que fôra nomeada para estudar as diversas propostas para a commemoração da lei de 13 de Maio, pede, que se delibere sobre o parecer já apresentado e declara, que a commissão aceitará qualquer modificação.

O Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho propõe, que se vote pelas conclusões do luminoso parecer, que são approvadas com a reserva proposta pelo Sr. Henrique Raffard de se aguardar occasião opportuna para resolver sobre a elevação de um monumento.

O Sr. conselheiro Tristão de Alencar Araripe tomará a si entender-se com o director da casa da moeda a respeito das medalhas, que o Instituto resolveu mandar cunhar em honra á lei de 13 de Maio.

O Sr. Dr. Cesar Augusto Marques passa á lêr a sua *Memoria sobre Manoel Odorico Mendes*.

Estando peenchida a hora, e nada mais havendo a tratar, o Sr. presidente levanta a sessão.

*Henri Raffard,*  
servindo de 2.º secretario.

8.<sup>a</sup> SESSÃO ORDINARIA EM 5 DE SETEMBRO  
DE 1888

*Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva*

A's 7 horas da noite, achando-se presentes os Srs. commendador Joaquim Norberto, Visconde de Beaurepaire Rohan, Dr. Severiano da Fonseca, Dr. Teixeira de Mello, Dr. Sacramento Blake, Henrique Raffard, conselheiro Alencar Araripe, senador Escragnolle Taunay, Barão de Miranda Reis, Dr. Maximiano Marques, Dr. Cesar Marques, Dr. Pinheiro de Campos, Dr. Luiz Cruls e commendador Luiz Rodrigues de Oliveira, o Sr. presidente declara aberta a sessão.

Lida a acta da sessão anterior, é approvada depois de observações do Dr. Cesar Marques e explicações do Sr. Henrique Raffard.

Antes de se encetarem os trabalhos o Dr. Sacramento Blake observa, que estão presentes dous socios do Instituto recentemente eleitos, que ainda não tomaram officialmente assento, os Srs. commendador Rodrigues Oliveira e Dr. Luiz Cruls. O Sr. presidente nomeia uma comissão, composta dos Srs. Dr. Sacramento Blake e Henrique Raffard, para os receber, e tomam elles assento na fórma do costume.

O Sr. commendador Rodrigues Oliveira pede em seguida a palavra e agradecendo a honra que lhe fôra conferida, rememora o que, pela profissão do commercio, pôde fazer em paizes estrangeiros em prol do bom nome do Brazil e dos seus interesses sociaes, e apresenta á memoria do Instituto os nomes de dous grandes e prestigiosos negociantes brasileiros, os Srs. Visconde de Mauá e Visconde de Figueiredo, que tanto têm feito pela patria na mesma profissão, sem esquecer todavia muitos outros, que actuaram em mais limitada esphera. Refere-se igualmente aos reaes serviços prestados pela patriótica *sociedade central de immigração*, tão dignamente representada no proprio Instituto pelos Srs. senador Escragnolle Taunay e



Visconde de Beaurepaire Rohan. Ao terminar offerece ao Instituto exemplares do trabalho seu não possuido ainda pela associação. (A integra do seu discurso vai transcripta no fim e em seguida á presente acta).

O Sr. Dr. Luiz Cruls agradece pela sua parte a recepção amistosa, que lhe faz o Instituto e põe toda a sua dedicação e decididos esforços á sua disposição para auxiliá-lo nos seus elevados intuitos.

O Sr. senador Escragnolle Taunay congratula-se como orador do Instituto pela admissão em seu gremio de tão prestimosos auxiliares, referindo-se ao merito pessoal de cada um dos recém-acceptos. Termina alludindo á constante e desvellada protecção, que lhe tem concedido S. M. o Imperador, a quem sobretudo e sobre todos deve o Instituto a gloria de ter atravessado tão longo espaço de tempo sem nunca desmentir os fins da sua criação e sem esmorecer em caminho, apesar da indifferença publica pelas instituições do seu genero.

O Sr. presidente communica ao Instituto, que, em desempenho da commissão, de que se encarregára, de consultar S. M. a respeito do lugar, dia e hora, em que se deveria celebrar a festa do seu jubileu, e si conviria antes transferil-a para a sessão magna de Dezembro, que S. M. é de parecer, que a festa se effectue impreterivelmente no seu proprio dia, 21 do corrente mez, e que o fôsse nas salas do paço da cidade, postas pelo mesmo augusto Senhor á disposição do Instituto, convenientemente adornadas pelo mordono da casa imperial.

#### EXPEDIENTE

O Sr. 1.º secretario interino lê os seguintes officios :

Do socio Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, datado de 19 de Setembro, enviando uma memoria sua intitulada *Os Precursores*, para ser inserida no volume destinado á commemoração do jubileu.

Do consocio o Sr. Americo Brasiliense, residente em São-Paulo, datado de 12 de Setembro, remetendo alguns autographos autenticos e ainda ineditos do regente Diogo

Antonio Feijó, para serem publicados no numero da *Revista* destinada ao jubileu, escolhendo a respectiva commissão o que d'elles lhe parecer mais adaptado a esse fim.

Dous do Sr. Gabriel Victor do Monte Pereira, director da *bibliotheca nacional de Lisbôa*, datados de 31 de Agosto e de 8 de Setembro, agradecendo os fasciculos da *Revista Trimensal*, que enviára o Instituto para aquella bibliotheca.

Do socio Antonio Borges de Sampaio, datado de Uberaba a 15 de Setembro, remettendo um exemplar da photographia da ponte de Jaguára para ser presente á commissão do jubileu e ficar depois pertencendo ao archivo ou museu do Instituto.

Do Sr. Theodoro Grimm, datado de São-Leopoldo a 4 de Setembro, enviando o manuscrito de uma obra sua geographica, para figurar na exposição commemorativa do jubileu, sendo depois d'isso devolvido.

Do Sr. P. Cudmore, do estado de Minesota, Estados-Unidos, offerecendo para a bibliotheca do Instituto um exemplar da *Civil government & constitution history of the United States*.

Do Sr. Dr. Moreira Alves, presidente da provincia do Maranhão, enviando dous exemplares da *fala*, que o Dr. José Bento de Araujo dirigira á assembléa provincial em 11 de Fevereiro do corrente anno, pela installação da 1.<sup>a</sup> sessão da 27.<sup>a</sup> legislatura, acompanhada do *Relatorio* com que o mesmo Sr. passou a administração da provincia em 18 de Abril ao vice-presidente Dr. José Mariano da Costa, e este no dia 28 ao actual presidente.

Do Sr. Frederico E. E. de Villeroy, director geral servindo de secretario do governo da provincia do Rio Grande do Sul, remettendo um exemplar do *Relatorio*, com que o Dr. Rodrigo de Azambuja Villa nova, 2.<sup>o</sup> vice-presidente, passou a administração da provincia ao Dr. Joaquim Jacinto de Mendonça em 27 de Outubro de 1887, e a *fala* por este dirigida á assembléa legislativa provincial na installação da 1.<sup>a</sup> sessão da 23.<sup>a</sup> legislatura no dia 1 de Novembro do mesmo anno, bem como um exemplar do *Relatorio* apresentado pelo referido Dr. Joaquim Jacinto de Mendonça ao seu successor em 27 de Janeiro ultimo.

## OFFERTAS

Pelo Sr. Gualterio G. Davis : o tomo IV dos *Anales de la officina meteorologica argentina*.

Pelo socio Dr. Luiz Cruls, director do observatorio do Rio de Janeiro : a sua *Descripção e teoria do barometro differencial destinado aos nivelamentos barometricos*.

Pelo Sr. Felix Ferreira : um exemplar da sua obra *Provincia do Rio de Janeiro*, noticias para os immigrantes, colligidas por ordem do Dr. Antonio da Rocha Fernandes Leão.

Pelo Sr. Dr. Joaquim José de Campos da Costa Medeiros : *Consultas do conselho de estado*, sobre assumptos da competencia do ministerio do imperio.

Pelo socio Barão de Ourém : um exemplar da sua *Représentation proportionnelle*.

Pela viuva do Dr. Franklin Tavora : 19 moedas de cobre, uma de prata e uma medalha de metal branco com as effigies das princezas imperiaes D. Isabel e D. Leopoldina no anverso e a seguinte inscripção no reverso : SS. AA.II. visitão a casa da moeda. 17 de Novembro de 1856.

Pelas sociedades seguintes — de geographia americana, de Bordéos, de Antuerpia, Italiana, Australásiana, e Instituto Argentino : os seus boletins.

Pela *société des études indo-chinoises de Saigon*: o seu *Bulletin* do 1º. semestre de 1888.

Pela *società africana d'Italia*: os seus *Bolletins* de Julho e Agosto de 1888.

Pela *sociedad científica Antonio Alzate* : o *cuaderno* n. 12, tomo I, das suas *Memórias*.

Pelas respectivas redacções diversos numeros dos seguintes periodicos: *Gazeta da Bahia*, *Jornal do Recife*, *Diario Popular*, *Imprensa*, *Gazeta de Mogimirim*, *Liberal Mineiro*, *Espirito-Santense*, *Provincia do Espirito-Santo*, *Publicador Goiano*, *Cachoeirano*, *Beapendiano*, *Patria*, *Gazeta da Tarde*, *Tempo*, *Trabalho*, *Jornal da Parahiba*, *Immigração*, *Revista de Medicina*, *Le Brésil*, *Le Nouveau Monde*, *E'toile du Sud* e *Boletim da alfandega do Rio de Janeiro*.

Pelo Sr. Torquato Tapajós : a sua obra *Valle do Amazonas : apontamentos para o dictionario geographico do Brazil*.

Pelo socio o Sr. Henrique Raffard : um exemplar em portuguez, outro em italiano, outro em allemão do opusculo de propaganda immigratoria *Provincia de São-Paulo no Brazil*; uma medalha obsidional de Paris em 1870, de metal branco, e outra de cobre commemorativa da reunião da republica de Genebra á Confederação Suissa.

Pelo Sr. Sievin Coppin o opusculo *L'Empire du Brésil au point de vue de l'immigration*.

Foram presentes ao Instituto exemplares da *Imprensa Catharinense*, numero unico, commemorando o regresso de SS. MM. ao Brazil em 22 de Agosto ultimo.

## ORDEM DO DIA

Lê o 1.º secretario uma proposta assignada pelos Srs. Escragnolle Taunay e Cesar Marques, apresentando o Sr. Torquato Xavier Monteiro Tapajos, engenheiro, para socio correspondente do Instituto, servindo de titulo de admissão o impresso intitulado : *Valle do Amazonas. Apontamentos para o dictionario geographico do Brazil*. —A' commissão de geographia.

Lê o parecer da commissão de fundos e orçamento seguinte :

« A commissão de fundos e orçamento, em virtude do art. 23 dos estatutos d'este Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tendo examinado as contas de despeza apresentadas pelo Exm. Sr. conselheiro Alencar Araripe, muito zeloso thesoureiro d'esta associação, achou as mesmas contas todas exactas e conformes ao orçamento votado em sessão d'este Instituto para o anno financeiro de 1887. A commissão de fundos e orçamento é de parecer, que sejam ellas approvadas e que o Instituto louve o zelo e discrição com que têm sido arrecadadas pelo nosso muito illustrado thesoureiro todas as rendas d'este Instituto.

« A commissão de fundos e orçamento, attendendo ás despesas successivas que o Instituto tem feito e continua a fazer com a reimpressão dos numeros da *Revista*, que se têm esgotado, é de parecer, que, em vez de se tirarem mil exemplares, sejam encomendados 1.500, para se evitar com um a pequena despesa mais as reimpressões, que têm sido muito onerosas ao thesouro do Instituto.

« A commissão de fundos e orçamento recebeu do mesmo illustrado Sr. thesoureiro o balancete da receita e despesa do semestre de Janeiro a Junho do corrente anno, e reserva-se para dar o seu parecer, quando formular o orçamento futuro.

« Sala das sessões 27 de Julho de 1888. — Dr. *Maximiano Marques de Carvalho*. Dr. *Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake*. »

O Sr. Dr. Maximiano Marques pergunta, si já se deu andamento á proposta approvada pelo Instituto de se pedir ao governo imperial uma pensão para a viuva e filhos do nosso 1.º secretario o Dr. Franklin Tavora.

O Sr. Escragnolle Taunay impugna a oportunidade d'essa proposta, que com certeza não seria despachada favoravelmente pelo governo, embora reconheçam todos a relevancia dos serviços pelo nosso illustrado consocio prestados ao Instituto em particular, e ás letras nacionaes em geral, todos elles dignos certamente de recompensa, porque teria n'esse caso o governo de attender a um avultado numero de pretensões do mesmo genero, tambem merecedores da protecção governamental. Apresenta em lugar d'esta a proposta de uma subscripção promovida entre os consocios do illustre morto, a qual significaria mais legitimamente a gratidão do Instituto.

O Sr. Cezar Marques defende a primitiva proposta, apresentando exemplo de pensões concedidas em casos identicos, que pareciam autorizar a que o Instituto tinha em vista.

O Sr. Maximiano Marques faz ainda considerações no sentido de se pôr em execução as duas propostas, sendo porém preferida a do Sr. Escragnolle Taunay. — Corre-se depois d'isso uma subscripção pelos socios presentes, que a assignam to los.



Terminado este incidente, o Sr. conselheiro Alencar Araripe dá conta da incumbencia, que lhe commettera o Instituto acêrca da cunhagem, na casa da moeda, das medalhas commemorativas da promulgação da lei de 13 de Maio do corrente anno, que extinguiu a escravidão no Brazil, para que o Instituto delibere a esse respeito. Depois de pequena discussão, em que tomam parte o Sr. presidente e varios socios, resolve-se, que se cunhem 2 medalhas de ouro (para S. M. o Imperador e S. A. a Princeza Imperial), 100 de prata e 500 de bronze todas com a effigie da princeza regente no anverso e os dizeres ou legendas analogas no reverso, ficando o mesmo Sr. Alencar Araripe e o Sr. senador Escragnolle Taunay incumbidos de tratar conjuntamente do melhor modo de se realizar essa idéa.

Tendo-se prolongado os trabalhos além das 8½ horas, não se passa á 2ª parte da ordem do dia (leitura de memorias) e o Sr. presidente levanta a sessão.

Dr. *Teixeira de Mello*,  
2.º secretario interino

---

### *Discurso do socio recipiendario Rodrigues de Oliveira*

A distincção que me confere o benemerito Instituto Historico e Geographico Brasileiro, acolhendo-me em seu gremio como membro correspondente, impõe-me deveres, que vou esforçar-me por cumprir, esperando que a sinceridade que me anima, junta á vossa reconhecida benevolencia, supprirão a eloquencia, que me falta.

Tive sempre vivo e profundo o sentimento do dever, e obedecendo a esse sentimento, tenho por obrigação sagrada, antes que tudo, expressar-vos a minha cordial gratidão pela subida honra, que me conferis, e que aceito, não como recompensa de merito literario e scientifico que não possuo, mas como prova de benevolo apreço, que haveis dado á sinceridade, e quiçá á perseverança do empenho com que procurei servir aos interesses da patria

em paizes estrangeiros, espalhando n'estes o conhecimento das vantagens que offerece o Brazil aos homens laboriosos, que aqui vierem exercer sua actividade á procura de melhor sorte, e tambem aos capitaes que superabundam no velho mundo, e de cujo auxilio carecemos para accelerar o nosso progresso economico.

A grande distincção, que me concedeis, e que muito me lisongeia, é para mim agradavel surpresa ; porquanto si me appliquei a estudos literarios e scientificos, o fiz com o fim determinado de utilizar a instrucção como ferramenta de trabalho no terreno economico, de sorte que não incluirei no circulo das minhas aspirações a honra de ser chamado ao gremio do douto Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Seja-me licito lembrar-vos, que, obedecendo á influencia do meio em que me achei no momento de escolher uma profissão, abracei a carreira commercial.

Recebendo-me como vosso confrade, honrais o commercio brasileiro, que tanto tem lutado para conquistar posição entre os dotes dirigentes do nosso paiz, e que por sua iniciativa, por sua probidade, por suas generosas aspirações e serviços reaes em prol do progresso da patria merece maior apreço do que lhe tem sido dado.

Pertence-vos a gloria de romper com essa apreciação rotineira, que não permittia vêr no negociante sinão um factor da producção inconsciente, um contribuinte passivo, incapaz de apreciar o progresso social e de concorrer para elle por falta de illustração !

Contava no entanto o Brazil apenas um quarto de de seculo de independencia e já destacava-se do commercio nacional um grande vulto, Irenêo Evangelista de Souza, o qual, dotado de robusta intelligencia e de acrisolado patriotismo que durante dezenas de annos consagrou ao desenvolvimento das forças productivas do paiz, tornou-se uma das glorias da patria pelos feitos grandiosos, que praticou no terreno economico e que só tem rivaes nas façanhas do heroico Osorio no theatro da guerra.

Ao venerando Visconde de Mauá deve o Brazil o melhor da sua ferramenta de progresso: a primeira estrada de ferro que se construiu no paiz, a illuminação

a gaz da capital do imperio, o estabelecimento metallurgico e de construcção naval da Ponta d'Arêa, a navegação a vapor do Amazonas, o desenvolvimento dos negocios bancarios em muitas provincias, auxilios financeiros em momentos de apuros do erario publico, o cabo telegraphico submarino que liga o Brazil á Europa, a estrada de ferro de Santos a Jundiáhi, factor principal da prosperidade da provincia de São-Paulo, mas que foi a causa da ruina do seu promotor, negociações diplomaticas— todos esses serviços em prol da riqueza publica do progresso social e da defesa da patria, deve-os Brazil áquelle illustrado negociante.

Outros negociantes brasileiros têm igualmente bem merecido da patria, servindo-a com dedicação e dando provas de solida instrucção e de talentos administrativos.

Os encontraes modestamente collaborando em associações, como na sociedade central de immigração e no centro da lavoura e commercio.

Póde-se porventura contestar aquelle merito dos membros d'essas patrioticas associações que souberam organizar a grande e poderosa propaganda feita em prol dos interesses vitaes do paiz, dentro e fóra d'elle, por numerosos e valiosos escriptos e por mais de sessenta exposições dos nossos productos realisadas tanto no velho como no novo mundo, propaganda de que o paiz já está colhendo fructo pela immigração de mais de cem mil Europeus e de avultados capitaes?

Não vimos ainda recentemente a espontaneidade, com que o commercio se reunia em um esplendido banquete para celebrar a volta á patria do eminente banqueiro Visconde de Figueiredo, que tão assignalados serviços tem prestado ao desenvolvimento das nossas relações com os mercados monetarios europeus?

No entanto o commercio ainda não conquistou a influencia, que lhe compete na sociedade brasileira, que o tem por simples officio, quando é elle considerado como sciencia na sabia Allemanha, cujas universidades mantem cursos de sciencias commerciaes.

Em nome pois do commercio nacional, a que tenho a honra de pertencer, eu vos reitro a expressão da mais

sincera gratidão pela demonstração de apreço, que lhe dais, certo de que tanto mais concorrerá para o progresso do paiz quanto maior fôr a consideração de que se sentir rodeado.

Falei-vos do centro da lavoura e commercio e de sua actividade no estrangeiro.

Sabeis, que os delegados d'essa patriotica associação, lhe enviam relatorios acerca dos mercados de consumo.

Coube-me a honra de representar o centro da lavoura e commercio em França, e tendo servido no jury da Exposição Universal de Antuerpia de 1885, na qual o centro da lavoura e commercio tomou brilhante parte, organizando a secção brasileira, dirigi aos meus constituintes informação especial e detalhada acerca da industria e do commercio da Belgica sob o ponto de vista de suas relações com o Brazil.

Esse relatorio se acha publicado sob o titulo de *Belgica e Brazil* em um folheto, do qual peço licença para offerecer-vos um exemplar em testemunho do meu alto respeito e sincera dedicação.

— — —

## SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 12 DE OUTUBRO DE 1888

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. A. O SR. CONDE D'EU

*Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de  
Souza Silva*

A's 7 horas da noite, presentes os Srs. Joaquim Norberto, Severiano da Fonseca, Alencar Araripe, Escra-  
gnolle Taunay, Teixeira de Mello, Pereira de Barros,  
Cesar Marques, Henrique Raffard, Barão de Miranda  
Reis, Pinheiro de Campos, Luiz Cruls e Rodrigues de  
Oliveira, annuncia-se a chegada de S. A. o Sr. Conde

d'Eu, que, recebido com as formalidades do estilo, toma assento, e o Sr. presidente, obtida a venia, abre a sessão.

Lida e approvada a acta da ultima sessão, o Sr. 1.º secretario dá conta do seguinte

#### EXPEDIENTE

##### Offícios :

Do chefe do escriptorio da commissão de estatistica da villa capital de Praga, accusando o recebimento do tomo XLIX da *Revista do Instituto*.

Bilhete postal do secretario da Real Academia de sciencias de Napoles, enviando os *Atti*, serie 2, vol. I-IV; *Rediconti*, vol. I d'aquella academia.

Do Sr. Achilles de Mello, communicando haver-se fundado na cidade do Pão de Assucar, provincia das Alagoas, a *bibliotheca do trabalho*, e pedindo para isso a collecção da *Revista do Instituto*.

Do Sr. Leri dos Santos, enviando um exemplar de sua obra *Pantheon Fluminense*, como titulo para que seja admittido como socio correspondente do Instituto.

Do socio Visconde de Beaurepaire Rohan, communicando não poder comparecer á presente sessão.

#### OFFERTAS

Pelo Sr. Dr. Graciano A. de Azambuja : *Annuario da provincia do Rio-Grande do Sul* para o anno de 1889.

Pelo secretario da *Imperial sociedade amante da instrucção* o seu *relatorio* do anno social de 1887 a 1888.

Pelo Sr. Miguel Lemos : a sua *Ortografia pozitiva*.

Pela *societé de géographie de Tours*: a sua *Revista*, 5.º anno, ns. 1 a 6.

Pela *Academia nacional de ciencias de Cordoba* a entrega 1.ª do tomo XI do seu boletim.

Pelas respectivas redacções os seguintes periodicos : *Gazeta da Bahia*, *Jornal do Recife*, *Gazeta de Mogimirim*, *Imprensa*, *Liberal Mineiro*, *Patria*, *Provincia do*



*Espirito Santo, Espirito-Santense, Diario Popular, Cachoeirano, Revista de Medicina, Le Nouveau Monde, Le Brésil, Etoile do Sud, e Boletim da alfandega do Rio de Janeiro.*

Pelo Sr. engenheiro Ernesto da Cunha de Araujo Vianna : *Revista dos constructores*, anno II, n. 7.

Pelo socio Sr. Luiz Cruls : um exemplar do *Dictionnaire climatologique universel*.

## ORDEM DO DIA

Lê o 1.º secretario o parecer da commissão de fundos e orçamento, que ficára sobre a mesa na sessão anterior, e é posto em discussão.

O Sr. conselheiro Alencar Araripe, impugnando a parte do parecer que se refere ao augmento do numero dos exemplares da *Revista do Instituto*, explica as causas que deram motivo a se reimprimirem os de alguns e entende, que bastam os mil exemplares do costume, e assim se decide, sendo approvado o dito parecer com essa emenda.

O mesmo Sr. Alencar Araripe apresenta e lê o balançete da thesouraria do Instituto Historico e Geographico Brasileiro de Janeiro a Setembro do corrente anno de 1888, do qual se verifica, que ha um saldo de 5:047\$276 sujeito a despezas que enumera, além das que se tem de fazer com a festa do jubileu, expediente, etc.

Além d'isso pondera, que convém supprimir-se o despendio, que se tem feito nos ultimos tres mezes com o empregado supra-numerario encarregado de auxiliar a preparação do catalogo do Instituto.

Lê o mesmo Sr. conselheiro a seguinte copia do *memorial*, que apresentára por parte do Instituto ao governo imperial pelo ministerio da fazenda.

*Memorial.* — O Instituto Historico e Geographico Brasileiro deliberou consagrar em uma medalha a data gloriosa da lei de 13 de Maio de 1888, que declarou extinta a escravidão no Brazil, estampando em duradouro metal a effigie e o nome da Serenissima Princeza Imperial Regente, que encontrou no ministerio 10 de Março sufficiente energia e patriotismo para o emprehendimento generoso

da immediata libertação dos escravos, e consequente instituição do trabalho livre.

A medalha conterá de um lado a effigie da Augusta Princeza circulada pelo distico *D. Isabel Princeza Imperial Regente do Brazil* e do outro a inscripção *Lei 13 de Maio de 1888*, tendo em derredor o letreiro *Instituto Historico e Geographico Brasileiro*.

Devem ser cunhadas 2 medalhas de ouro, 50 de prata e 500 de cobre bronzado.

O Instituto autorizou-me a solicitar do ministerio da fazenda ordem para serem cunhadas taes medalhas na casa da moeda, obrigando-se o mesmo Instituto a indemnizar o valor de todo o metal empregado na obra.

Espera o Instituto merecer este favor de S. Ex. o Sr. conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira, sob cuja direção, como presidente do conselho de ministros, foi a lei votada no parlamento nacional.

Rio de Janeiro 8 de Outubro de 1888.—*T. de Alencar Araripe*, thesoureiro do Instituto.»

Em virtude d'este *memorial* o Sr. ministro da fazenda expediu ordem á casa da moeda para a cunhagem das medalhas, que já ficaram encommendadas. A esse proposito levanta-se uma discussão entre os Srs. Alencar Araripe, Cesar Marques, Severiano da Fonseca e Henrique Raffard acerca do numero das medalhas de prata, e fica assentado por fim que só se cunhariam por conta do Instituto 50 medalhas d'esse metal.

O Sr. presidente communica ao Instituto, que S. M. o Imperador designára a hora do meio-dia para a sessão solemne de 21 do corrente mez, da celebração do jubileu do Instituto, e que S. M. se dignará assistir a ella com S. M. a Imperatriz e SS. AA. a Senhora Princeza Imperial e o Sr. Conde d'Eu.

Convocada a presente sessão a pedido da commissão do jubiléu, assenta-se no modo mais effizaz de ser a festa levada a effeito e que os discursos que se pronunciarium se limitariam aos do presidente, do 1.º secretario e do orador, como vem declarado no aviso aos socios, que está sendo publicado nos jornaes d'esta côrte.

Passando-se á

## 2ª PARTE DA ORDEM DO DIA

destinada á apresentação de trabalhos. o Sr. senador Escragnolle Taunay procede á leitura da parte de uma monographia sua intitulada *Indios Caingangs, Coroados do Paraná*, acompanhada de um vocabulario do dialecto de que usam.

Preenchida a hora e obtida a venia de S. A. o Sr. Conde d'Eu, levanta o Sr. presidente a sessão.

*Dr. Teixeira de Mello,*

2º. secretario interino.

Balancete da thesouraria do Instituto Historico e Geographico  
Brazileiro de Janeiro a Setembro de 1888.

## RECEITA

Saldo de 1887.....	5767450
Subsidio do theouro nacional (1.º e 2.º semestre de 1888).....	9:0007000
Juros de apolices (2.º semestre de 1887 e 1.º de 1888).....	1:0107000
Prestações semestraes dos socios.....	6127000
Joia de entrada dos socios.....	1407000
Assignatura e venda da <i>Revista Trimensal</i> .....	287000
	<hr/>
Importancia arrecadada da subscrição do jubileu .....	11:3667450
	<hr/>
	1007000
	<hr/>
	11:4667450

## DESPEZA

Impressão da <i>Revista Trimensal</i> .....	2:5767000
Remessa da mesma <i>Revista</i> para o estran- geiro .....	2937000
Encadernação de livros.....	1207700
Compra de livros.....	207000
Expediente.....	3617060
Vencimentos dos empregados.....	2:7447994
Porcentagem da cobrança.....	1077400
Eventuaes .....	1967020
	<hr/>
	6:4197174
Saldo.....	5:0477276
	<hr/>
	11:4667450

*Observação.*—Este saldo está sujeito ás seguintes despesas :

1.º Reimpressão do tomo 15 da *Revista Trimensal* de 1852, já feita.

2.º Impressão da 2.ª parte da *Revista Trimensal* de 1888.

3.º Cunhagem das medalhas commemorativas da lei de 13 de Maio de 1888.

4.º Dous armarios para guarda de manuscriptos, já feitos.

5.º Vencimento dos empregados nos mezes de Outubro a Dezembro.

Além de despesas do jubileu, expediente, etc., etc.  
Rio 12 de Outubro, de 1888.

T. de Alencar Araripe,  
Thesoureiro do Instituto.

## 9.ª SESSÃO ORDINARIA EM 26 DE OUTUBRO DE 1888

COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. A. O SR. CONDE D'EU

*Presidida pelo Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva*

A's 7 horas da noite, achando-se reunidos os Srs. commendador Joaquim Norberto, Visconde de Beaurepaire Rohan, Dr. João Severiano da Fonseca, Barão Homem de Mello, Dr. Teixeira de Mello, Dr. Cesar Marques, Dr. Sacramento Blake, senador Escragnoille Taunay e Dr. Pinheiro de Campos, é annunciada a chegada do Sr. Conde d'Eu, que, recebido com as formalidades do estilo, toma assento, e o Sr. presidente, obtendo venia, abre a sessão.

Lida pelo 2.º secretario interino a acta da sessão extraordinaria de 12 do corrente, é sem observação approvada.

O Sr. 1.º secretario interino dá conta do seguinte

### EXPEDIENTE

*Officios.* — Do socio Antonio Borges de Sampaio, residente em Uberaba, enviando ao Instituto as obras seguintes:

1. *Padre Manoel Joaquim da Silva Guimarães*, por A. Borges de Sampaio, 1888. *Manuscripto.*
2. *Patrimonio da capella de São-Miguel do Verissimo*, termo de Uberaba. Pelo mesmo. 1888. *Manuscripto.*
3. *Decreto de 22 de Junho de 1808 sobre sesmarias.* Em parte *manusc.* 1888.
4. *Santistas illustres.* Por Tancredo Lucas. 1837.
5. *Biblias falsificadas.* Pelo Christão Velho. 1876.
6. *Filha das selvas.* Drama. Por Napoleão Baldi. 1886.
7. *Ophthalmia purulenta nas crianças recém-nas-*  
*cidas.* Pelo oculista Dr. David Ottoni, 1888. Com a



adição de conselhos ás mãis afim de livrarem seus filhos da cegueira. Pelo Dr. Neves da Rocha, copia *Mans.* da *Gazeta de Noticias* de 17 de Setembro de 1888.

8.º *Noticias do Instituto dos surdos-mudos do Rio de Janeiro.* 1876.

9. *Biblia do justo-meio da politica moderada.* Por F. A. Patroni Martins. Maciel Parente. 1835.

10. *Le Monde Illustré.* Carteira com 168 photographuras de diversas partes do mundo.

11. *Lisboa-Crèche.* Por David Corazzi. 1884.

12. *Almanack literario da provincia de São Paulo para 1881.* Por José Maria Lisboa.

13. *Almanak do Correio da Europa.*

14. Primeiro centenario do Marquez de Pombal. Pelo « Club de regatas guanabarenses ». 1882.

15. *D. Pedro II. Lithographia.*

16. *Homero. Idem.*

17. *Sapho. Idem.*

18. *No lago. Idem.*

19. *Morte de Marco Antonio. Idem.*

20. *Maldição de Caim. Idem.*

21. *A musica. Idem.*

22. *Cidade do Rio de Janeiro. Idem.*

23. *Fac-simile da declaração da independencia dos Estados Unidos em 1776. Idem.*

24. *Vinte annos de propaganda contra o emprego da pulmatoria.* Por Abilio Cesar Borges. 1876.

25. *Supposto parentesco entre o homem e o macaco.* Pelo Dr. Manoel Polo y Peyrolon. 1881.

26. *Solesmes et Dom Gueranger.* Par le R. P. Dom Alphonse Guepin. 1870.

Do mesmo socio Borges de Sampaio, remettendo a photographia de D. Rufina Maria de Jesus em 1875, para ser collocada junto á pequena noticia que deu este anno ao Instituto do seu passamento e se acha em seguida á do falecimento de seu marido o tenente-coronel Francisco Rodrigues de Barcellos.

Do socio correspondente Antonio José Victorino de Barros, communicando que se acha, ha mais de tres anno,

doente, sem poder sahir á rua, por isso não pôde comparecer á solemnidade da celebração do quinquagenario do Instituto, mas que isso o não impedia de congratular-se com a associação por ter commemorado assim a auspiciosa data, no percurso da qual tem colligido preciosos subsidios para que « seja o nosso caro Brazil conhecido sob os bellos pontos de vista pre-historico, historico, geographico e ethnographico, tão necessarios ao estudo do americanismo ainda em começo. »

Do socio Dr. Virgilio Martins de Mello Franco, datado de Barbacena a 12 de Outubro corrente, participando que recebêra o diploma de socio correspondente e pedindo um exemplar dos respectivos estatutos: deseja igualmente saber o meio de obter a collecção da *Revista Trimensal*.

Do socio Dr. Luiz Cruls, communicando que por motivo imperioso não pôde assistir á presente sessão.

Do Sr. Dr. Henrique B. Moreno, ministro da Republica Argentina, declarando que recebêra o diploma de socio, que o Instituto passára ao Dr. Angel J. Carranza.

Do Sr. Dr. Blas Vidal, ministro da Republica Oriental do Uruguay, pedindo os fasciculos do volume 48 da *Revista do Instituto* para completar a collecção da *bibliotheca nacional de Montevideo*, cujo director os reclama.

São recebidas as seguintes

#### OFFERTAS

Pelo Sr. chefe de divisão Ignacio Joaquim da Fonseca: um exemplar do seu *Guia da instrucção de serviço da marinha allemã*, offerecido no dia da celebração do 50.º anniversario da fundação do Instituto, em regosijo por esse importante facto.

Pelo Sr. Estanislão S. Zeballos: *Descripcion amena de la Republica Argentina*, tomo III.

Pelo socio 1.º tenente José Egidio Garcez Palha, um exemplar da sua obra em via de publicação *Combates de terra e mar*, 1.º fasciculo, com gravuras.

Pelo Sr. Saturnino Ferreira da Veiga, os retratos

do Visconde de Itaborahy e de D. Manoel Joaquim da Silveira, arcebispo da Bahia. Ambos com moldura.

Pelo club de engenharia : os ns. 8 e 9 da sua *Revista Mensal*, 1888.

Pelas respectivas redacções: *Jornal do Recife*, *Trabalho*, *Etoile du Sud* e *Boletim da alfandega do Rio de Janeiro*.

O Sr. conselheiro Alencar Araripe justifica o não comparecimento do Sr. senador Manoel Francisco Correia á festa commemorativa do jubiléu do Instituto e á presente sessão.

O Sr. Dr. Cesar Marques, a pedido de monsenhor Dr. Manoel da Costa Honorato, participa, que por doente não pôde comparecer á solemnisção do jubiléu do Instituto, e que, aggravando-se os seus soffrimentos, se viu obrigado a retirar-se para Barbacena em busca do restabelecimento da sua saúde.

O Sr. Dr. Felizardo Pinheiro de Campos expôz, que por molestia, de que está ainda soffrendo, mas em menor escala, se viu impossibilitado tambem de assistir áquella festa.

O Sr. conselheiro Alencar Araripe, thesoureiro, declara, que, vendo o orçamento organizado para o corrente anno de 1888, notou, que no final d'elle se diz, que o Instituto possui 19 apolices de 1:000\$ e 2 de 600\$; por isso observa, que houve engano n'esta declaração, porquanto as apolices possuidas pelo Instituto são 19 em sua totalidade, sendo 17 de 1:000\$ e 2 de 600\$, como consta da nota dada por elle thesoureiro e impressa á pag. 314 da *Revista Trimestral* de 1887. Convém pois rectificar este engano, devido seguramente a lapso de penna.

O Sr. presidente communica, que a commemoração do quinquagenario do Instituto se effectuára, com era notorio, no seu dia proprio, 21 do corrente, com a possivel solemnidade, de que dá exacta conta a acta especial, que apresenta.\*

Passando-se á

---

\* Esta acta especial será impressa no volume consagrado á commemoração do jubileo.

## ORDEM DO DIA

O Sr. presidente, referindo-se ás obrigações impostas pelos nossos estatutos aos vice-presidentes, segundo as tres ordens de trabalhos de que se occupa o Instituto, lê o officio, que n'esse sentido dirige aos Srs. 2.º e 3.º vice-presidentes, lembrando o cumprimento d'essa disposição regimental e a criação de mais duas publicações destinadas a auxiliar e completar a *Revista Trimensal*, exclusivamente consagrada a trabalhos historicos. Uma das publicação poderá ter por titulo: *Archivo Geographico*, subsidios para a carta geral do imperio; a outra o de: *Album ethnographico*, subsidios para conhecimento da ethnographia do Brazil.

Este officio vai transcripto na integra em seguida á presente acta.

Na 2.ª parte da ordem do dia conclue o Sr. senador Escragnolle Taunay a leitura da sua memoria *Indios Coroados do Paraná*, a qual tem de fazer parte do volume commemorativo do jubilêo do Instituto.

Preenchida a hora e obtida a venia de S. A., levanta o Sr. presidente a sessão.

*Dr. Teixeira de Mello,*

2º. secretario interino. 63

---

*Officio*

Secretaria do Instituto Historico Geographico e Ethnographico Brasileiro em 27 de Outubro de 1888.

Illm Exm. Sr.

La vão cincoenta annos, que persiste o nosso Instituto Historico e quasi que exclusivamente se tem occupado com a parte historica.

Dividindo-se o Instituto em tres secções como são as de historia, geographia e ethnographia, não se tem



attentado a essas divisões e nem uma das secções de geographia e ethnographia se tem occupado com os dous ramos, que lhes pertencem, dando a importancia que convem a cada um d'elles e facilitando a publicação de seus trabalhos.

Cumprê levantar o nivel de nossos estudos e começarmos a impressão dos documentos relativos a essas secções, pois nem esses documentos devem ficar desconhecidos, nem essas secções conservarem-se como méras creações phantasticas de nossos estatutos.

E' pois da maior necessidade crearmos mais duas publicações, que auxiliem a *Revista Trimensal*, continuando esta como até aqui a occupar-se com os trabalhos descriptivos ou escriptos, sendo as duas novas publicações destinadas aos estudos graphicos e aos desenhos ethnographicos, sob differentes titulos, competindo os dirigidos por V. Ex. o seguinte ou outro que julgue mais conveniente: *Archiro geographico*, subsidios para o conhecimento da geographia do imperio. Publicação auxiliar à *Revista Trimensal do Instituto Historico Geographico e Ethnographico Brasileiro*.

Para levarmos a effeito esta complementar empreza devem reunir-se as commissões respectivas sôb a presidencia de V. Excellencia e tratarem de regularisar a impressão dos trabalhos graphicos, escolhendo o formato e o numero de paginas e designando a escala da redução geographica para os mappas, quando não possa realisar-se na escala adoptada pelos seus autores por causa de grandes dimensões, que façam augmentar despezas além das forças de nossas finanças. Dos trabalhos da sua secção convém, que V. Excellencia informe ao Instituto durante as suas sessões.

Rogo por tanto a V. Excellencia, que, onvidas as commissões respectivas convocadas sob a sua presidencia, as quaes podem reunir-se n'esta associação em dias e horas combinadas entre as secções, apresente o mais brevemente possível o prospecto a adoptar-se e o modo de realisar-se a publicação, e bem assim o orçamento das despezas necessarias afim de ser tudo trazido ao conhecimento do Instituto Historico para obter-se a necessaria autorisação.



Com mais este relevantissimo serviço, junto a tantos outros devidos ao patriotismo de V. Excellencia, muito lucrará o Instituto Historico, tornando-se de maior merecimento aos olhos do mundo scientifico e de mais evidente utilidade e proveito á nossa cara patria.

Deus guarde a V. Excellencia. — Illm. Exm. Sr. *Visconde de Beaurepaire Rohan*, 2.º vice-presidente do Instituto Historico Geographico e Ethnographico Brasileiro e chefe da secção geographica.

*J. N. de Souza Silva*,  
presidente.

## 10.<sup>a</sup> SESSÃO ORDINARIA CELEBRADA EM 9 DE NOVEMBRO DE 1888

*Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto  
de Souza e Silva.*

Às 7 horas da noite, presentes os Srs. commendador Joaquim Norberto, Dr. João Severiano da Fonseca, conselheiro Olegario Herculano d'Aquino Castro, Barão Homem de Mello, Barão de Capanema, Dr. Cesar Marques, Dr. Alfredo Piragibe, Henrique Raffard, Dr. Felizardo Pinheiro de Campos, e Dr. Teixeira de Mello, o sr. presidente abre a sessão e procede-se á leitura da acta da ultima sessão, a qual é sem debate approvada.

O sr. 1.º secretario interino dá conta do seguinte

### EXPEDIENTE

Offícios :

Do Sr. 3.º vice-presidente do Instituto Dr. Machado Portella, remettendo cópia autentica dos seguintes documentos : o primeiro regimento sobre minas e « *patente de capitão passada a Claudio Gurgel para reconstruir de pedra e cal o forte de N. Senhora da Gloria na praia da Carioca.* »

Do socio Antonio Borges de Sampaio, residente em Uberaba, remettendo para a bibliotheca do Instituto as obras seguintes :

1. *Viage pitoresca por los rios Paraná, Paraguassá, San-Lorenzo, Cuiabá, y el Arino, tributario del grande Amazonas, con la descripcion de la provincia de Mato Grosso*, por el C. Bartolomé Bossi. 1863.

2. *Paris-Guide* em 1867. Em 2 vols.

3. *Paris* em 1866. Mappa topographico colorido, servindo de auxiliar ao *Paris-Guide*.

4. Alguns numeros do *Recreador Mineiro*, periodico publicado em Ouro-Preto, 1846.

5. *Revista Industrial* publicada em Nova York por José Carlos Rodrigues nos annos de 1877 a 1879.

Do mesmo socio Borges de Sampaio, indagando si o Instituto possui a lithographia, que representa o acto do juramento da Constituição prestado pelo primeiro imperador, cópia, segundo parece, do exemplar que possui, do quadro pintado por Henrique José da Silva, pintor da camara de S. M. I. e director da imperial academia das bellas artes do Rio de Janeiro. Não a possuindo o Instituto, elle enviará o exemplar que possui, adquirido com difficuldade, ha cerca de 30 annos.

Do secretario do congresso literario Gonçalves Dias, convidando o Instituto para se fazer representar na sessão solemne de 3 do corrente mez.

Do Sr. Gabriel Victor do Monte Pereira, director da bibliotheca nacional de Lisboa, accusando o recebimento do 3.º e 4.º fasciculos da *Revista Trimensal* de 1887.

Do Sr. Marquez de Paranaguá, accusando o recebimento do seu titulo de socio correspondente do Instituto, e agradecendo a sua remessa.

#### OFFERTAS

Pelo Sr. Pedro Francisco Corrêa de Araujo :

1. *Esboço chrono-synoptico da marcha governamental e economico-financeira do Brazil de 1822 até 1888* ;

2. *Le grand Dictionnaire historique, génealogique, géographique, etc.*, par Mr. Louis Moreri. Nouvelle et dernière édition. Paris. *Le Mercier*. 1732. 8 vols. in-folio (sendo dous de supplemento) com o retrato do autor e frontispicio gravado. (Encadernados)..

Pelas sociedades de geographia de Berlin e Bordéas : os seus *Boletins*.

Pela Real Academia de Historia de Madrid : o seu *Boletim*.

Pelo club de engenharia : a sua *Revista*.

Pelas respectivas redações : *Gazeta da Bahia*, *Gazeta de Mogimirim*, *Jornal do Recife*, *Jornal da Parahiba*, *Diario Popular* (São-Paulo), *Provincia do Espirito-Santo*, *Barpendiano*, *Cachoeirano*, *Liberal Mineiro*, *Imprensa*, *Patria* (Niteroi), *Immigração*, *Publicador Goiano*, *Revista de Medicina*, *Étoile du Sud* e *Nouveau Monde*.

Pela redacção : *Archivo dos Açores*, publicação periodica destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da historia açoriana.

## ORDEM DO DIA

O Sr. Henrique Raffard communica, que comparecêra por parte do Instituto á sessão solemne do congresso literario Gonçalves Dias, a que entretanto não assistira, mas assignára o respectivo livro de presença. A respeito d'essa commissão e de outras entende, que devem ser mais numerosas, para que não falhem, como tem succedido.

O mesmo Sr. Henrique Raffard aproveita o ensejo para esclarecer o Instituto acerca do andamento, que dera ás duas commissões de que se encarregara, uma relativa aos meios auxiliares da despeza para a festividade do jubiléu, e a outra relativa á subscrição entre os socios a favor da viuva do Dr. Franklin Tavora, de ambas as quaes se exonerára ; suscitando-se a respeito dos motivos que tivera para resignar a primeira uma discussão entre o mesmo senhor e o 1.º secretario, a qual termina pela resolução tomada pelo Instituto quanto á primeira de

entregar as quantias arrecadadas ao Sr. thesoureiro, e quanto á segunda, de entregar as que recolhêra ao Sr. visconde de Beaurepaire Rohan, que se encarrega de as fazer chegar ao seu destino.

O Sr. conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro recorda, que, para a commemoração da *Lei de 13 de Maio* d'este anno, que acabou com a escravidão no Brazil, tomára o Instituto resoluções relativas á cunhagem de uma medalha especial e á publicação de uma memoria destinada a conter não só a historia do elemento servil entre nós, mas todos os actos concernentes áquella lei e que ficasse como um monumento perduravel para attestar o grandioso acto perante as gerações futuras. Sabe, que se estão cunhando as medalhas, mas deseja saber o que ficou resolvido e se tem feito quanto á memoria. O Sr. presidente declara, que ainda não foi escolhida a pessoa ou commissão encarregada de a escrever, mas que vai providenciar com brevidade a esse respeito, tendo em attenção a magnitude do assumpto.

Na 2.<sup>a</sup> parte da ordem do dia o Sr. Dr. Cesar Marques lê o seu estudo critico sobre o manuscripto *America abreviada, suas noticias e de seus naturaes, e em particular do Maranhão, titulos, contendas, e instrucções á sua conservação e augmento muito uteis*. Pelo Padre João de Souza Ferreira. Lisboa, 1693.

O Sr. Barão Homem de Mello lê a sua memoria intitulada: *Excursões geographicas, Ascensão ao Itatiaia em Junho de 1876*, que tem de fazer parte do volume commemorativo do jubiléu do Instituto.

Inscrevem-se o Sr. Dr. J. Severiano da Fonseca para lêr na proxima sessão o seu trabalho historico: *Novas investigações sobre Mato-Grosso*, e o Sr. Dr. Teixeira de Mello para fazer a leitura da biographia, que escrevêra, do conselheiro José Bernardino Baptista Pereira de Almeida.

Preenchido o tempo, o Sr. presidente levanta a sessão.

*Dr. Teixeira de Mello,*

2.<sup>o</sup> secretario interino.

---

# 11. SESSÃO ORDINARIA CELEBRADA EM 23 DE NOVEMBRO DE 1888

*Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto  
de Souza Silva*

A's horas do costume, presentes os Srs. Joaquim Norberto, Visconde de Beaurepaire Rohan, J. Severiano da Fonseca, Alencar Araripe, Cezar Marques, Sacramento Blake, Barão Homem de Mello, Barão de Capanema, Machado Portella, Henrique Raffard, Alfredo Piragibe, Pinheiro de Campos, Teixeira de Mello e mais tarde o Sr. commendador José Luiz Alves, o Sr. presidente abre a sessão e procede-se á leitura da acta da sessão anterior, que é sem discussão approvada.

Constando achar-se na sala immediata o Sr. José Luiz Alves, socio ultimamente eleito, o Sr. presidente encarrega os Srs. Henrique Raffard e Sacramento Blake de irem em commissão recebel-o. Introduzido com as formalidades do estilo, toma assento o novo socio, que pronunciou o seguinte discurso e a que responde, por parte do Instituto o Sr. Barão Homem de Mello, nomeado pelo Sr. presidente orador *ad hoc*.

SENHORES ! Sem um nome conhecido na arena da litteratura e nos vastos dominios da historia, sem a pujança do talento, esse dom precioso que o Creador outorgou aos entes predestinados, e sem o habito de falar nos grandes auditorios, não posso evitar prender-me nos enleios da mais viva perturbação por ter de servir-me da palavra n'este recinto, onde ainda parecem resoar os écos peregrinos das vozes eloquentes de eximios e laureados oradores, distintos pela magnitude do saber nos variados ramos dos conhecimentos humanos, para por este meio



patentear o meu reconhecimento, agradecendo aos illustres membros d'esta respeitavel associação a subida honra, que me fizeram. incluindo o meu nome humilde e obscuro entre os dos illustres socios correspondentes do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, uma das mais importantes das instituições scientificas e literarias d'este vasto paiz, que a Divina Providencia descortinou aos olhos de Cabral, quando em 1500, deixando as ribas do Tejo para seguir a derrota do Gama em demanda do berço d'Aurora, o veio arrancar das tumbas do Sol.

Mal pensava eu em 1867, quando por amor da historia, que é a mestra da vida na frase elegante de Cicero, e da tradição que é. na de Lacordaire, o liame que ata o passado ao presente, publiquei nas columnas do *Correio Mercantil* uma serie de artigos pobres de estilo, e despidos das galas sumptuosas da erudição, afin de rememorar os grandiosos serviços do clero secular e regular do Brazil, e lamentar a decadencia d'esses claustros, onde floresceram tantas intelligencias superiores, que ali dormem hoje o somno eterno, debaixo das abobadas tristes e sombrias do dormitorio da Morte, e salientar a opulencia dos nossos oradores sagrados, maxime d'aquelles que entre o crepusculo do seculo XVIII e a aurora brilhante do seculo XIX com os arroubos da mais seductora eloquencia e rara facundia, do alto dos pulpitos, tanto realce e brilho deram ás festas da religião e da patria. e que quaes serêas tiveram o magico poder de encantar a el-rei D. João VI, e aos magnatas de sua côrte. quando aqui se abrigaram da espada triunfadora do Gigante do Ajacio, que cingido dos louros de mil batalhas sentava-se triunfante no solio de S. Luiz, ainda purpureado pelo sangue do rei justo e piedoso. que alagou e tingiu o solo da patria de Bossuet, Montalambert e Chateaubriand. invadindo com suas aguias vencedoras os dominios da corôa luzitana, que esses escriptos, 21 annos depois, fôsem o talisman, que de par a par me abrissem as portas d'esta illustre corporação, que de dia para dia cresce, prospera e floresce, graças á valiosa coadjuvação de tantos sabios e á decidida protecção que recebe de S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II, que nas horas do

laser, que lhe sobram da ingrata e espinhosa tarefa de dirigir os destinos d'este vasto imperio, promove com tanta dedicação e amor o engrandecimento das sciencias, das letras, das artes e das industrias, que são de certo o mais doce lenitivo ás agruras causadas pelo peso desmarcado da corôa da realêza, que sobre sua fronte rebrilha por entre os virentes e frondosos louros do diadema da sabedoria.

Agradeço pois com a effusão do mais vivo reconhecimento aos illustres membros d'esta sabia instituição a subida honra, que me conferiram de sentar-me em uma d'estas cadeiras, que no longo periodo de meio seculo tem sido dignamente occupadas por tudo quanto ha de grande e de illustre no santuario da sabedoria, tanto no velho como no novo-mundo.

Aqui resplandeceram as notabilidades do episcopado ; as aguias da tribuna sagrada, da parlamentar, e da judiciaria ; os valentes pregoeiros do Evangelho ; os principes da diplomacia e da magistratura ; os incansaveis investigadores da historia patria, e os descortinadores dos segredos do reino vegetal e mineral ; as sumidades das sciencias exactas ; os discipulos de Hipocrates e de Galeno ; os dilectos filhos das Muzas, os luzeiros do jornalismo, os apostolos fervorosos da instrucção publica, invictos e laureados guerreiros, e os mais destemidos e arrojados nautas, e finalmente os estadistas da mais vasta nomeada.

Entre tanta magestade scientifica o que poderá prometter aquelle que junto dos illustres membros d'esta associação é similhante á folha da hera ao pé do leque da palmeira, a haste debil do lirio junto dos gigantes das florestas, a siriema n'um viveiro de rouxinôes ?

Si porém o esforço, a dedicação e a bôa vontade podem supprir o fulgor da intelligencia, que é o elo da cadêa misteriosa, que une a creatura ao Creador, na coadjuvação da ingente tarefa de promover o engrandecimento d'esta util instituição, prompto estarei a concorrer com as minhas fracas forças sem nunca desanimar ou esmorecer.»

Passando-se ao

#### EXPEDIENTE

O Sr. 1.º secretario interino lê um *officio* do secretario perpetuo do Instituto Archeologico Geographico Alagoano, Dr. Luiz Joaquim da Costa Leite, datado de 6 de Novembro corrente, lamentando a perda dolorosa que soffreu este Instituto e soffreram as letras patrias com a inesperada morte do Dr. João Franklin da Silveira Tavora e transmittindo ao Instituto as condolencias da associação por esse triste acontecimento.

E dá conta das seguintes

#### OFFERTAS

Pelo socio tenente-coronel Borges de Sampaio, de Uberaba : *Centenario e vida do Marquez de Pombal* ; *Acclimação de dromedario nos sertões do norte do Brazil* ; *Instrução agricola e o trabalho livre—Exposição ao poder legislativo* ; *Noticia descriptiva do municipio de Mucalé* pelo Dr. João José Carneiro da Silva, 1881 ; *O segredo da maçonaria* ; *Doze de Agosto*, revista luso-brasileira, 10.º anno 1865, ns. 1 a 48.

Pelo Dr. Antonio de Paiva : o seu *Etude diplomatique sur la troisième coalition*.

Pelo secretario da companhia sud-americana de bilhetes de banco : *Los presupuestos, los recursos y las leyes de impuestos de la nacion* ; *Las 14 provincias y les principales municipalidades. Año 1887*.

Pelas sociedades de geographia commercial de Madrid, Americana, Italiana, de Antuerpia : os respectivos boletins.

Pela Academia nacional de ciências de Cordoba : *idem*.

Pela redacção da revista italiana *Il Brasile*, publicada n'esta côrte: o seu fasciculo n. 11, anno II, contendo

a noticia da sessão commemorativa do quinquagenario do Instituto, com os discursos officiaes então pronunciados traduzidos em italiano.

Pelas respectivas redacções: *Gazeta da Bahia*, *Jornal da Parahiba*, *Jornal do Recife*, *Diário Popular* (São-Paulo), *Liberal Mineiro*, *Imprensa*, *Gazeta de Mogimirim*, *Patria* (Nichteroy), *Publicador Goiano*, *Espirito-Santense*, *Provincia do Espirito Santo*, *Trabalho*, *Revista de Medicina*, *Bibliographia Brasileira*, *Étoile du Sud*, *Le Nouveau Monde*, *Le Brésil* (Paris). e o *Boletim da alfandega do Rio de Janeiro*.

Pelo socio senador Taunay: o seu discurso proferido na sessão de jubileu do Instituto Historico a 21 de Outubro de 1888.

Pelos editores, residentes na Bahia, por intermedio do Dr. Cezar Marques: um exemplar do *Calabar*, drama em 5 actos, em versos, por Agrario de Souza Menezes, nova edição. 1888.

O Dr. Severiano da Fonseca, em nome do Sr. commendador João Lopes Carneiro da Fontoura, offerece ao Instituto uma copia antiga do *Compendio Historico* do juizo que formou o Marquez de Pombal das 17 cartas conteúdas na collecção e estampadas em Londres no anno de 1777.

Passando-se á

## ORDEM DO DIA

O Sr. Dr. Severiano da Fonseca lê um protesto, que apresenta ao Instituto e vai integralmente transcripto no fim da presente acta, relativo a topicos do livro do Sr. Carlos Steinen, que, sob o titulo *Na gemma do Brasil*, está publicando em suas columnas a *Gazeta de Noticias*, em que é elle accusado de, no seu livro *Viagem ao redor do Brasil*, ter-se aproveitado de tres planos topographicos do Sr. João Augusto Caldas, de Cuiabá; o que é inteiramente inexacto, como já fez sentir directamente, por carta, áquelle senhor e demonstra desenvolvidamente perante o

Instituto. Não é também verdade, que tivesse elle attribuido ao sabio e operoso Leverger, Barão de Melgaço, o descobrimento da viagem de Peixoto de Azevedo ao Paranatinga; quando, o que asseverára ioi, que o Barão de Melgaço fôra o primeiro em restabelecer a verdade geographica, de que esse rio é affluente do Tapajós e não do Xingú. Faz portanto este protesto em attenção ao juizo dos competentes e do proprio Sr. Carlos Steinen, a quem o Sr. João Augusto Caldas ou faltou completamente a verdade nas informações, que por ventura lhe deu, ou foi mal comprehendido pelo illustre viajante.

O Sr. presidente communica ao Instituto o falecimento do consocio Barão de Catuama nos termos seguintes:

« Senhores ! O Instituto Historico perdeu um dos seus mais antigos socios correspondentes.

« O illustre conselheiro João José Ferreira de Aguiar, Barão de Catuama, faleceu na cidade do Recife ás 4 horas e meia da tarde do dia 18 do corrente. Era nosso consocio desde o anno de 1845. Distinguiu-se na magistratura, cuja carreira interrompeu para entregar-se á politica e ao magisterio superior, na qual concluiu a sua missão e jubilou-se. Administrou algumas provincias como seu presidente.

« Os seus correligionarios o respeitavam como um dos homens mais eminentes do partido conservador, e não obstante achar-se alquebrado pela diminuição das forças vitaes, ainda se comprazia em prestar reaes serviços á causa publica.

« Peço, que se insira na acta um voto de pezar.»

O Sr. Dr. Severiano da Fonseca offerece ao Instituto copia de uma memoria intitulada *Brazões das cidades de Cuiabá e de Mato-Grosso* e lê a parte d'ella que tem por titulo: *Auto da fundação da Villa-Bella da Santissima Trindade de Mato-Grosso*, aos 19 de Março de 1752.»

Os Srs. Drs. Cezar Marques e Sacramento Blake inscrevem-se para na proxima sessão lerem trabalhos, que para esse fim escreveram.

O Dr. Teixeira de Mello lê a biographia do conselheiro José Bernardino Baptista Pereira de Almeida,



integro ministro da fazenda e da justiça no primeiro reinado, falecido a 29 de Janeiro de 1861 aos 78 annos de idade; e o Sr. Barão Homem de Mello lê a parte das suas *Excursões geographicas*, que têm por titulo *Ascensão ao Itacolomi*; com o que dá o Sr. presidente por terminada a sessão.

DR. TEIXEIRA DE MELLO,  
2.º Secretario interino.

---

## AO INSTITUTO HISTÓRICO

No livro de Carlos Steinen, que a *Gazeta de Noticias* vai publicando sob o titulo de *Na gema do Brazil*, li uma queixa do Sr. João Augusto de Caldas, Cuiabá, de que eu me aproveitára de tres planos topographicos seus para o meu livro *Viagem ao redor do Brazil*, sem declarar-lhe a autoria; e tambem reclamando para si o *descobrimento da viagem de Peixoto de Azevedo ao Paranatinga*, que attribue ao Barão de Melgaço. Attonito com esses protesto de possoa, que me é inteiramente desconhecida, escrevi com endereço a esse Sr. João Augusto Caldas, em Cuiabá, sobre tal assumpto; e não tendo tido ainda resposta e estando a terminarem os trabalhos annuaes do Instituto, não quero deixar duvidoso tão extraordinaria e estolida occurrencia.

A primeira reclamação é inteiramente phantastica. Os desenhos d'aquelle livro procedem de quatro origens: 1.º croquis do autor copiados do natural; 2.º idealisações apenas para illustração da obra; 3.º copia de photographias e lithographias que correm no mundo, ou de retratos originaes; e 4.º desenhos extranhos, cuja publicação foi graciosamente concedida por seus autores.

Nenhum d'elles pertence ou *póde* pertencer ao Sr. João Augusto Caldas. Está me parecendo, que os tres *planos*, a que se refere, são os das cidades de Mato-Grosso, de São-Luiz de Cáceres, e Corumbá. Este é a copia de uma vista

photographica, que possuo ; aquellas foram-me mandadas pelo major José Gomes da Silva Coqueiro, que exerce o cargo de engenheiro agrimensor da provincia. Este agrimensor acompanhava-se de um moço (e dahi me veio a conjectura) tambem chamado Caldas, e que era o seu portador de instrumentos. Si aquelle Sr. Caldas é este mesmo, o querer dahi subir a autor dos planos é o caso da mosca da fabula, que dava movimento ao carroção.

A segunda reclamação é simplesmente uma enormidade. Quem iria attribuir ao Barão de Melgaço uma tal bernardice ? O que eu digo, em relação á viagem de Peixoto de Azevedo no Paranatinga é, que o Barão de Melgaço foi o primeiro a restabelecer a verdade geographica de que esse rio é affluente de Tapajoz e não do Xingú.

Ora, na publicação d'essas inverdades, Carlos Steinen assume uma posição menos correcta para um escriptor e mais que tudo homem de sciencia. Não lhe pôde ficar bem o deixar em suspenso essa accusação de plagio, que facil lhe seria destruir : como não lhe fica, a elle pesquisador da topographia de Mato-Grosso, os trabalhos do Barão de Melgaço ; e facilimo lhe era restabelecer a verdade, desde que dava publicidade á tal sandice, com o que leu á pag. 81 do 1º volume da *Viagem ao redor do Brazil*.

Accusação de plágios não pôde ser despresada, mesmo quando partidas de fontes desconhecidas e sem responsabilidade moral. Estive em Mato-Grosso tres annos, e desde então vão dez que conservo relações constantes na provincia. Com excepção do sabio e operoso Barão de Melgaço, nunca eu soube e comigo quantos ali têm relações, que houvesse lá quem se dedicasse a estudos de geographia e historia. O Sr. Caldas, do major Coqueiro, era um moço sem preparo algum scientifico nem literario ; não tinha geito, probabilidade nem meio de converter-se em tão poucos annos n'esse sabio, unico homem da provincia que conhece da sua historia e geographia. Não pôde ser o mesmo, e assim apresentando-o Carlos Steinen. geographo e escriptor, dá-lhe imputabilidade. N'esse caso, sómente, cabe o meu protesto, que sou forçado a fazer, dizendo simplesmente que o Sr. João Augusto Caldas. de Cuiabá, faltou completamente á verdade nas suas

asserções a Carlos Steinen. Quer-me parecer porém, que este tomou a nuvem por Juno, e isto por ainda não entender bem o portuguez; do contrario em uma conversa scientifica podia assegurar-se, si o seu interlocutor era mesmo um geographo, ou apenas o usufruidor do espolio scientifico d'aquelle venerando e incansavel investigador da historia e geographia mato-grossense.

Sala das sessões do Instituto 23 de Novembro de 1888.

*Dr. João Severiano da Fonseca.*

---

## 12.<sup>a</sup>. SESSÃO ORDINARIA EM 7 DE DEZEMBRO DE 1888

*Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de  
Souza Silva*

A's 7 horas da noite, presentes os Srs. commendador Joaquim Norberto, Viscende de Beaurepaire Rohan, commendador Machado Portella, Dr. João Severiano da Fonseca, Henrique Raffard, senador Escragnolle Taunay, conselheiro Alencar Araripe, Dr. Cesar Augusto Marques, Dr. Felizardo Pinheiro de Campos, Dr. Alfredo Piragibe, commendador Luiz Rodrigues de Oliveira, commendador Luiz Cruls e José Luiz Alves, o Sr. presidente abre a sessão e convida para servir de 2.<sup>o</sup>. secretario o Sr. Henrique Raffard que procede á leitura da acta da sessão antecedente, a qual é approvada sem observação.

Communicando achar-se em uma sala immediata, o Sr. Marquez de Paranaguá, ultimamente proclamado socio correspondente do Instituto, onde se apresenta pela primeira vez, o Sr. presidente nomeia os Srs. Dr. Cesar A. Marques e Dr. Alfredo Piragibe para introduzir o socio recipiendario na sala da sessão.

Recebido com as formalidades do estilo, o Sr. Marquez de Paranaguá, obtendo a palavra, pede desculpa pela demora do seu comparecimento, devido aos trabalhos

parlamentares, por isso só agora lhe é dado manifestar seu contentamento e seu vivo reconhecimento pela honra que o Instituto lhe conferio em attenção, sem duvida, ao seu cargo de presidente de uma associação congenere — a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

Continuando, demonstra que ambas foram creadas com o mesmo fim — o estudo da Geographia tão util para o paiz e portanto a sua admissão na Instituto é mais um laço de confraternidade entre as duas associações.

Desvanecendo-se de pertencer a uma associação tão distincta e util, que tem sabido corresponder a seus intuitos, preenchendo as vistas dos seus instituidores sob o efficaz patrocínio de Sua Magestade o Imperador, congratula-se pela prosperidade do Instituto, fazendo votos para que continue a estreitar mais os laços que o ligam á Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

Como orador do Instituto responde o Sr. senador Escragnolle Taunay, que externa seu jubilo pelo comparecimento do Sr. Marquez de Paranaguá, e dando-lhe as boas vindas, memora os serviços, que tem prestado aos grandes interesses da patria, dizendo que d'estes obreiros, que têm dado de si tantas provas, é que precisa o Instituto.

Não ha, em todo o Imperio, quem desconheça a bôa vontade e o patriotismo de que se achava animado o senador Marquez de Paranaguá nos altissimos cargos que tão brilhantemente tem occupado; sendo tambem bem conhecida de todos a cordura da indole de S. Ex. e a amenidade de seu trato que a todos attrae, predicaos muito preciosos em uma instituição, onde domina uma tranquillidade que às vezes pôde degenerar em monotonia.

Continuando o Sr. senador Escragnolle Taunay, faz resaltar o importante serviço prestado pelo Sr. senador Marquez de Paranaguá, deixando-se collocar á frente do movimento que quebrou os liames com a metropolis, fundando a Sociedade de Geographia do Rio Janeiro, da qual o Brazil inteiro tem muito a esperar, sobresahindo os serviços que prestará á exposição de geographia sul americana, que proximaente se realizará n'esta côrte, cumprindo não esquecer a alta valia dos serviços já prestados

entre os quaes se destacam : a vinda do meteorito do Bendegó para o Museu Nacional, as conferencias do Dr. Carlos von den Steinen sobre a exploração do rio Xingú, a presença do conselheiro Ladislau Neto no congresso de Berlim, a organização e partida da comissão militar para estudar diversos pontos da provincia do Mato-Grosso, sem esquecer a publicação da *Revista*, que dentre em breve será valioso repositório.

O Instituto Historico e Geographico do Brazil, devassando o passado e a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, aclarando pelo estudo do futuro, estreitam-se em um verdadeiro amplexo de sciencia e patriotismo, co-operando mutuamente para a grandeza da patria.

Felicita-se pois com o Instituto pela obstenção de tão illustrado e patriotico collaborador como o Sr. Marquez de Paranaguá.

Para agradecer, faz uso de novo da palavra o Sr. Marquez de Paranaguá, que por si e em nome da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, agradece ao orador do Instituto as benvolas palavras que a ambos dirigio, e terminando pede o concurso do Instituto não só para o brilhantismo da proxima exposição de geographia sul-americana, como para o estudo da geographia em geral.

O Sr. 1.º secretario dá conta do seguinte

#### EXPÊDIENTE

##### Offícios :

Do Dr. José Alexandre Teixeira de Mello, 2.º secretario, communicando não poder comparecer na sessão por incommodo de saude.

Do socio capitão de fragata José Candido Guillobel, enviando duas medalhas para o museu do Instituto, sendo uma commemerativa da independencia do Brazil com a effigie de José Bonifacio de Andrada e Silva, o patriarca, e a outra mandada cunhar pelos Suissos residentes no Rio de Janeiro em honra dos Srs. Rigaud e Mannard deputados á dieta de 1838.



Do 3º. vice-presidente do Instituto Dr. Joaquim Pires Machado Portella, enviando a cópia do *Registro da provisão dos privilegios que gozam os cidadãos d'esta cidade.*

Do presidente da provincia de Sergipe Dr. Francisco de Paula Prestes Pimentel enviando a *fala* com que abriu a sessão extraordinaria da assembléa legislativa da dita provincia.

Da redacção do *Boletim do Club Naval*, enviando o seu 1º. numero e pedindo a permuta.

## OFFERTAS

Pelas sociedades de geographia de Bordeaux, de Greisswald e insituto geographico argentino: *Boletins.*

Pela sociedade archeologica Druira: secretaria de instrucção publica da republica de Costa-Rica, e club naval: *Boletins.*

Pela redacção *El Monitor de la educacion commun*, Buenos-Aires, 15 de Novembro de 1888.

Pelas respectivas redacções: *Diario Popular*, *Liberal Mineiro*, *Jornal do Recife*, *Gazeta de Mogimirim*, *Cachoeirano*, *Boependiano*, *Publicador Moiano*, *Provincia do Espirito-Santo*, *Le Nouveau Monde*.

O Sr. 1º. secretario faz leitura da proposta para o orçamento do anno de 1889 apresentado pelo Sr. thesoureiro e procede depois á leitura do parecer seguinte:

## PARECER DA COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

« A commissão de orçamento, nomeada interinamente, examinou a nota apresentada pelo distincto consocio thesoureiro d'esta associação e é de parecer que seja votado o orçamento na conformidade da mesma nota substituindo, porém, o § 2 do art. 2, que trata da reimpressão de revistas esgotadas pelo seguinte: Impressão do catalogo da bibliotheca 1:600\$000.

«Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico do Brazil, 7 de Dezembro de 1888.—*Henri Raftard. Dr. Cezar Augusto Marques. José Luiz Alves.*»

O Sr. presidente communica, que, estando impossibilitados por diversas circumstancias os membros da respectiva commissão, nomeou uma commissão *ad hoc* para confeccionar o presente parecer e convida a ser dispensado o intersticio e discutir-se o parecer em razão de ser a ultima sessão do anno.

O Sr. thesoureiro apresenta algumas considerações e concorda com a modificação proposta pela commissão de fundos e orçamento e por elle thesoureiro indicada perante a mesma commissão.

Não havendo mais quem pedisse a palavra o Sr. presidente dá por encerrada a discussão e posto a votos é aprovado o parecer da commissão.

O Sr. senador Escragnolle Taunay pergunta a respeito da cunhagem das medalhas commemorativas da lei de 13 de Maio.

O Sr. thesoureiro respondendo, declara, que as medalhas poderão ficar promptas para 13 de Maio futuro, segundo o que assegura o gravador; não podendo o trabalho realizar-se até 15 do corrente mez, como desejavamos, em consequencia da conveniencia de gravar-se de novo a effigie de S. A. a princeza imperial, visto como a gravura existente representava a effigie em idade muito anterior á epoca actual, e lembia para a distribuição d'estas medalhas o primeiro anniversario da aurea lei; o que foi resolvido pelo Instituto.

O Sr. senador Escragnolle Taunay, pede a palavra para observar, que os diversos ministerios têm verba para assignaturas de jornaes, costumando tomar muitas, e portanto o Instituto para augmentar suas rendas poderia obter dos 7 ministerios certo numero de assignaturas da nossa *Revista*, sendo fornecida a cada um a collecção completa d'esta publicação, que seria de grande utilidade para as respectivas secretarias.

O Sr. thesoureiro não recusa desde já a lembrança e reserva-se para em tempo fazer reflexões sobre as duvidas, que ella suggere ao seu espirito.

O Sr. Dr. Cesar Marques, entende ser muito boa a proposta do Sr. senador Taunay, porém sendo esta a ultima sessão do anno, acha conveniente aguardar a primeira do anno vindouro para a sua discussão. Posto a votos é aprovado o adiamento.

O Sr. senador Escragnolle Taunay, dando conta da comissão nomeada para em nome do Instituto ir complimentar S. M. o Imperador no dia 2 de Dezembro, participa ter pronuciado a seguinte allocução :

« Senhor ! Ainda quando não fôsse um dos seus mais gratos deveres regimentaes, não podia o Instituto Historico e Geographico Brasileiro deixar de comparecer hoje ante a augusta presença de Vossa Magestade Imperial afim de lhe offerecer a homenagem de seus respeitossimos cumprimentos e ardentes felicitações pelo anniversario natalicio, que o Brazil inteiro festeja na expansão do mais entranhado affecto e cordial sinceridade.

« No volver do tempo, apresenta-se com effeito, esta solemne commemoração em condições tão excepcionaes, depois das angustiosas vicissitudes por que todos nós passamos, que ella adquire valor inestimavel e nos impelle á manifestação de character especial e só proprio das grandes occasiões.

« Momentosos acontecimentos já pertencem, embora bem recentes, ás mais importantes e commovedoras paginas da nossa historia e entre esses avultas, de certo, a gravissima crise a que foi sujeito o esplendido e privilegiado organismo de Vossa Magestade e que pôde ser por elle quasi milagrosamente salvo.

« Tanto precisa o Brazil, tanto necessitamos todos da presença do inclito monarcha americano e do precioso influxo que decorre da illustração do seu larguissimo espirito e das luzes da sua longa e san experiencia, que alcançamos exultantes graças aos céos por termos podido alcançar este dia significativo e o momento da presente saudação.

\* Assim a este se juntem muitos annos ainda e certamente a Patria que já tamanhas difficuldades venceu, graças ao bom senso do povo brasileiro, identificado sempre com o seu primeiro e mais glorioso representante,

marchará á conquista do futuro e aos altos destinos, que lhe são reservados com passo firme e acelerado, fugindo de aventurezas e aleatorias emprezas e mantendo-se adstricta ao regimen, em que todos os cidadãos encontraram n'esta parte do mundo e a mais de meio seculo— paz, honra e liberdade.

« Taes são, Senhor, os votos, que o Instituto Historico e Geographico Brasileiro deposita ante o throno de Vossa Magestade como leal e intimo preito dos mais patrioticos intuitos e da extremecida e filial gratidão que consagra ao seu protector perpetuo, o egregio imperador do Brazil Senhor D. Pedro II. »

O Sr. senador Escragnolle Taunay acrescenta, que Sua Magestade dignou-se responder, que agradecia muito as congratulações do Instituto Historico, e o Sr. presidente declara, que a resposta de Sua Magestade é recebida com todo o respeito e muito especial agrado.

#### LEITURA

O Dr. João Severiano da Fonseca, obtendo a palavra, faz leitura do seu trabalho : *Novas Investigações sobre a provincia de Mato Grosso.*

O Sr. presidente communica, que fará annunciar os dias da sessão magna e da sessão de eleições, após o que levanta a sessão.

*Henri Raffard.*

Servindo de 2º. Secretario.

# NOTA A QUE SE REFERE O PARECER DA COMMISSÃO DE FUNDOS

*Nota para a confecção do orçamento do Instituto  
Historico Geographico Brasileiro de 1889*

## Art. 1.—Receita.

1.	Subsidio do tesouro nacional.....	9:000,000
2.	Juros de apolices.....	1.010,000
3.	Joias de entradas de socios.....	60,000
4.	Prestações semestraes dos socios.....	800,000
5.	Venda e assignatura da <i>Revista Tri-</i> <i>mensal</i> .....	80,000
		<hr/>
		10:950,000

## Art. 2.—Despeza.

1.	Impressão da <i>Revista Trimensal</i> .....	3:200,000
2.	Reimpressão de numeros exgotados*.	1:600,000
3.	Reimpressão da <i>Revista</i> .....	100,000
4.	Pagamento da impressão do volume supplementar do jubileu.....	1:600,000
5.	Encadernação de livros.....	200,000
6.	Compra de livros.....	200,000
6.	Expediente na fôrma seguinte:	
	Asseio da casa.....	20,000
	Iluminação.....	50,000
	Papel, tinta, penas etc,.....	100,000
		<hr/>
		170,000
		<hr/>
		7:070,000

Este paragrapho foi substituido pelo seguinte, na forma do parecer da commissão de fundos—Impressão do catalogo da bibliotheca, 1:600\$. Vide pag. 313.



	Transporte.....	7:070\$000	
§ 7.	Vencimento dos empregados :		
	Bibliotecario.....	1:400\$000	
	Escripturario.....	780\$000	
	Porteiro.....	840\$000	3:020\$000
§ 8.	Porcentagem ao cobrador.....	240\$000	
§ 9.	Eventuaes.....	120\$000	
			10:450\$000

Art. 3. Si houver sobras comprar-se-ão apolices da divida publica, como já se tem determinado.

OBSERVAÇÃO:—O Instituto possui 17 apolices da divida publica de 1:000\$, e 2 de 600\$, cujos numeros constam dos balanços anteriores.

Rio 26 de Outubro de 1888.

*T. de Alencar Araripe.*

Tesoureiro.

## CARTA A QUE SE REFERE A ACTA DE 22 DE JUNHO. VIDE PAG. 220

« Paço de S. Christovão 21 de Junho de 1888.

« Sr. Joaquim Norberto. A Princeza, tendo conhecimento das propostas de que se occupou o Instituto Historico na sua ultima sessão, encarregou-me de communicar-lhe, que pelas razões que são obvias e das quaes a primeira é o exemplo de S. M. o Imperador, \* ella não pôde annuir a que por qualquer motivo se lhe erija uma estatua; e espera portanto, que n'esta parte não seja aceite pelo Instituto o projecto apresentado com o justo intuito de commemorar a lei, que extinguiu a escravidão.

« Rogo-lhe pois, que na occasião opportuna communique a seus collegas do Instituto este desejo da Princeza Regente.

« GASTÃO DE ORLEANS ».

(\*) S. A. o Sr. Conde d'Eu allude á seguinte :

*Carta que S. M. o Imperador do Brazil o Sr. D. Pedro II dirigio ao Sr. conselheiro Paulino José Soares de Souza, então ministro do imperio.*

« Sr. Paulino.—Leio no *Diario*, que se pretende fazer uma subscripção para elevar-me uma estatua. O senhor conhece meus sentimentos, e desejo, que declare, quanto antes, á commissão, de que fala o mesmo *Diario*, que, si querem perpetuar a lembrança do quanto confiei no patriotismo dos Brasileiros para o desaygo avo completo da honra nacional e prestigio do nome brasileiro, por modo que não me contrarie na minha satisfação de servir á minha patria unicamente pelo cumprimento de um dever de coração, muito estimaria eu, que só empregassem seus esforços na aquisição do dinheiro preciso para a construcção de edificios apropriados ao ensino das escolas primarias e ao melhoramento do material de outros estabelecimentos de instrucção publica. O senhor e seus predecessores sabem como sempre tenho falado no sentido de cuidarmos seriamente da educação publica, e nada me agradaria tanto como vêr a nova era de paz firmada sobre o conceito da dignidade dos Brasileiros começar por um grande acto de iniciativa d'elles a bem da educação publica.

« Agradecendo a idéa que tiveram da estatua, estou certo de que não serei forçado a recusar-a.

D. PEDRO II.

« 19 de Março de 1870. »

(Nota da redacção da *Revista*)



## SESSÃO MAGNA ANNIVERSARIA

DO

Instituto Historico e Geographico Brasileiro

NO DIA 15 DE DEZEMBRO DE 1888

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

*Presidencia do commendador Joaquim Norberto  
de Souza Silva*

Em 15 de Dezembro de 1888, 5.<sup>o</sup> anno da fundação do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, teve logar em uma das salas do imperial paço da cidade a sessão magna annual.

Fazia a guarda de honra um contingente do 7.<sup>o</sup> batalhão de infantaria.

Acham-se presentes os senhores: presidente, commendador Joaquim Norberto de Souza Silva; 1.<sup>o</sup> vice-presidente, conselheiro Olegario Herculano d'Aquino Castro; 2.<sup>o</sup> vice-presidente, Visconde de Beaurepaire; 3.<sup>o</sup> vice-presidente, Dr. Joaquim Pires Machado Portella; 1.<sup>o</sup> secretario interino, Dr. João Severiano da Fonseca; orador senador Alfredo d'Escagnolle Taunay; secretarios supplementes interinos: Dr. Augusto Victorino Alves Sacramento Blake e Henrique Raffard, Visconde Nogueira da Gama, Barão de Miranda Reis, Marquez de Paranaguá, Barão Homem de Mello, Visconde de Souza Fontes, conselheiro Quintiliano José da Silva, Dr. Alfredo Piragibe, commendadores José Luiz Alves e Luiz Rodrigues

P. II. VOL. I.

de Oliveira, Drs. Luiz Cruls e Felizardo Pinheiro de Campos, e grande numero de funcionarios publicos, representantes da imprensa, commissões de diversas associações, homens de letras e senhoras.

A's 7 horas da noite annunciando-se a chegada de S. M. O Imperador desceram os membros do Instituto para recebê-lo.

S. Magestade entrou ao som do hymno nacional e tomou assento no throno com as formalidades do estilo.

Obtida a devida venia, o Sr. presidente abriu a sessão com uma allocução relativa á solemnidade.

O Sr. 1º. secretario interino Dr. João Severiano da Fonseca leu o relatorio dos trabalhos do Instituto durante o anno ; tendo depois a palavra o orador senador Alfredo d'Escragnoille Taunay, lê o elogio dos socios falecidos.

O Sr. presidente, obtendo a necessaria venia, levantou a sessão ; retirando-se S. M. o Imperador com todas as honras que lhe são devidas.

No principio, durante os intervallos e no fim da sessão tocou a banda de musica do arsenal de guerra.

*Allocução do Sr. presidente commendador Joaquim Norberto de Souza Silva*

SENHORES ! Vimos dar conta da nossa missão durante o anno de nossos trabalhos que termina hoje e cujos resultados, se não são superiores, não são por certo inferiores aos dos mais annos, graças á nossa coragem e perseverança.

No dia 21 de Outubro proximo findo, quinquagesimo anniversario da sua fundação, celebrou o Instituto Historico a solenne e gloriosa sessão de seu jubileu, que ali fica commemorada no tomo suplementar á *Revista Trimensal*, para que os pósteros julguem dos patrioticos esforços que por exemplo herdamos de nossos antecessores, e que legaremos como exemplo aos nossos successores.

Tornou-se impossivel a exposição, que pretendiamos fazer por occasião do jubileu e que ficou adiada para agora, e é forçoso confessar, que são as principiaes razões



— o não concluir-se o catalogo, a carencia de subsidios com que contavamos, e a falta de espaço para tal funcção, pois é de todo o ponto impropria a dependencia d'este paço, onde por consentimento imperial celebramos as nossas sessões ordinarias.

Continuaremos pois nossa modesta existência, arrecaudando e archivando novos documentos e apresentando o producto de nossas investigações. Iremos assim mais vagarosamente do que desejavamos, até que um dia possamos apresentar a nossa collecta em toda a sua perfeição e complemento, afim de que sirva ao exame e à apreciação dos que prezão a historia e a geographia patria. Patenteando os nossos esforços e desvelos, sempre mal apreciados pela malevolencia, que tem o coração da inveja e os olhos do pessimismo, mostraremos, que o unico premio de nossos trabalhos são os nossos trabalhos, para que nem um de nós tenha de que se queixar, a não ser de si mesmo, por maior ou menor galardão que lhe caiba.

A sancção de uma das mais justas leis, que Deus haja inspirando á humanidade — a lei de 13 de Maio d'este anno, que fechou o longo cyclo da escravidão no Brazil e que tanto exaltou o enthusiasmo nacional e os applausos de toda o mundo civilizado, não podia deixar-nos frios e indifferentes espectadores ante tão sublime acontecimento e pois resolveu o Instituto Historico para commemorar tão santa promulgação — cunhar uma medalha com a augusta effigie de S. A. Imperial, então Regente do Imperio — publicar um livro contendo a historia da escravidão com os documentos respectivos — e elevar uma columna em uma das praças d'esta capital, simbolizando a aurea lei que nivelou as condições de todas os habitantes do imperio, levantou o nivel da moral, santificou os costumes, purificou a lar domestico e tornou *livre o trabalho na patria livre*.

Já foi mandada cunhar a medalha, graças a boa vontade que encontramos da parte do Sr. presidente do conselho de ministros, e breve a faremos distribuir.

Da historia da escravidão e sua extinção acha-se encarregado o nosso 1.º vice-presidente, que terá mais um ensejo para dar provas do seu brilhante talento e

consummado saber, e será esse trabalho o maior brazão de sua gloria literaria.

Quanto ao levantamento da columna, que ficou adiado, talvez nada façamos, visto como na estatua que se projecta erigir á sympathica memoria de Euzebio de Queiroz, o terror dos contrabandistas, resumir-se-á a immensa allegoria da columna, na qual em ascensão espiral, elevando-se até a imagem da liberdade, ver-se-ão os vultos eminentes que contribuirão successivamente para o digno exito a que aspirou a colonia no tempo do padre Antonio Vieira,—o vice-reino no tempo do Marquez de Pombal, o reino no tempo do rei D. João VI—e enfim o imperio livre e independente em nossos dias.

Quando o Instituto Historico tratou da erecção de uma estatua a S. A. Imperial, segundo a proposta de um de seus socios e cuja inopportunidade politica fôra logo prevista, S. A. Imperial, que tinha presente o edificante exemplo de seu augusto pai, pois escusára igual simbolo de reconhecimento, pedindo que as sommas a despendarem fôsem antes applicadas á instrucção publica, S. A. Imperial, interveio na discussão que se travára em mais de uma de nossas sessões e por meio de uma carta de seu digno esposo o Sr. Conde d'Eu, nosso presidente honorario, declarou não poder annuir a que por qualquer motivo se lhe erigisse uma estatua.

E assim a graciosa princeza imperial eternisou-se melhor na opinião publica do que se perpetuaria na personificação de uma estatua e a futura fama tradicional d'essa renuncia será tambem memoria tão duravel como um monumento de marmore ou bronze, não sobre uma praça publica, mas espalhada por todo o Brazil e diviniçada em todos os corações.

Por algum tempo merecêrão os nossos trabalhos geographicos e ethnographicos muito mais attenção do que presentemente. O mappa geral do imperio, que preencheu então uma grande falta e algumas monographias ethnographicas valerão ser premiados para incentivar a novos commettimentos. Certo é, que de algum modo tem continuado o estudo de ethnographia, mas não tão completo como fôra para desejar e sem o acompanhamento

de imagens que melhor ensinem aos olhos a comprehensão da leitura, e bem assim o da geographia sem as necessarias impressões cartographicas. Tudo porém depende de excessivas despezas, muito além de nossas forças.

Os nossos 2º. e 3º. vice-presidentes, que são dignos chefes das secções de geographia e de ethnographia, investigam presentemente a meu pedido os meios de elevar o nivel de tão curiosos estudos afim de que ainda se apresente o Instituto Historico tal qual o idearam os seus emeritos fundadores e figurem com a *Revista Trimensal* novas publicações de innegavel interesse para a sciencia como por certo será, quando fôr vazada em moldes bem desenvolvidos a *Corographia brasileira*.

Os cursos de historia e de geographia, de que outr'ora tratavam os nossos estatutos, devem ser restabelecidos e postos em execução sob amplo desenvolvimento, com uma tal ou qual elevação oratoria, que attraiam a attenção de nossa estudiosa mocidade.

Temos as maiores e mais gratas esperanças de que asoberbaremos todas quantas difficuldades se nos antolham, aplainando a estrada que desbravamos, ha cincoenta annos. Marcha o imperio progressivamente não tendo por obstaculo sinão a sua propria grandeza, e nós marcharemos tambem a *pari-passu* de seu progresso. Estará muito longe o porvir, como perguntava Casimiro de Abreu? O que parecia hontem uma difficuldade, um sonho, uma utopia, é hoje uma realidade! Findou-se a escravidão, a luta de trezentos annos! a luta do opprobio, da dôr e dos ais!... *Livre o trabalho na patria livre*, acodem falanges estrangeiras de novos agricultores, que buscam nova patria mais feliz, mais prospera para seus filhos, e o imperio do Cruzeiro se povôa. Eis a industria ostentando ahi os seus progressos, e ao canto do captiveiro, cujas endeixas se desprendiam com as lagrimas de uma infeliz raça, substitue o hymno do trabalho da esperança e da prosperidade. Cobrem e toldão negras nuvens o horizonte da patria? O sol as converterá em sanefas de anil e prata, de purpura e ouro entre as quaes em sua immensa apothese abençoará o Omnipotente ainda uma vez a magnifica terra, que Cabral sagrou ao labaro do christianismo.

Dotou-nos Deus de aptidão para todas as artes, para as sciencias e para as letras, e até para as armas, porque, provocados e chamados para o campo das batalhas, respondemos com a victoria, que então alto triumpho tem erguido o pavilhão auriverde — mas cumpre trabalhar, cumpre lutar para realizar as utopias do presente em realidade do futuro e no trabalho está o nosso grandioso porvir.

Na miragem que o Eterno concede ás almas bem nascidas no santo e puro amor da patria, quando gozam além do sepulcro do extasis da gloria, ser-nos-á permittido vêr um dia o que verão os posteros nossos netos — a grandeza da patria.

Do mais que occorreu este anno dar-vos-ha conta o nosso 1º secretario, que muito se tem desvelado no cargo que tão dignamente exerce com a proficiencia que se desenvolve no manto de sua modestia.

Novos socios foram admittidos ao nosso gremio social e de sua provecta illustração e bem merecida nomeada aguardamos condignos resultados.

A fatalidade da morte, como de costume, abriu infelizmente novas vagas em nossas cadeiras, tornando-se mais notavel a perda de nossa mallogrado 1º. secretario Franklin Tavora, porque era um de nossos companheiros de trabalho de todos os dias e votava-se com enthusiasmo ao desempenho de sua missão, não obstante o fatal presagio que ha muito o preocupava e que como uma nuvem negra pairava sobre os seus contados dias.

Ao nosso orador, que tanto illustra a nossa associação, deixo o triste mas grato dever que lhe compete de fazer ouvir em torno desses recentes tamulos, ainda orvalhados das lagrimas da saudade, as brilhantes phrases de sua eloquencia, que se transformam em flores.

Marcha o Instituto Historico desimpedidamente quanto á fiscalisação de seus subsidios pecunarios, que tão mesquinhos são para o muito que emprehendemos realizar. Ao desvelo do nosso incansavel thesoureiro, que relevantes serviços tem prestado, devemos tão favoravel situação. Cumpre ainda lembrar, que pelo seu zelo acha-se em dia a impressão da *Revista Trimensal*, o que é sempre de maior conveniencia para o credito de uma associação

que se revela e se impõe pela exacta publicação de seu órgão, testemunho da actividade de seus membros, que trabalham n'essa colméa como abelhas desinteressadas, tendo por sua rainha—a patria.

Em nome do Instituto Historico agradeço o comparecimento de tantos e tão illustres cavalheiros, altos funcionarios e distinctas senhoras a esta solemnidade litteraria.

Senhor! Ante V. M. Imperial inclina-se reconhecido mais uma vez o Instituto Historico pela distincção. pela honra que se digna de lhe conferir com sua augusta presença.

Essa importancia outorgada por V. M. Imperial, que em tamanho empenho tomou a protecção das letras, das artes e das sciencias, sob todos os pontos que ennobrecem o povo, o qual em vez da imperial estatua, que seria o symbolo de seu reconhecimento, aponta para os palacios da instrucção publica, monumentos da mais magnanima opção, é a prova mais cabal, que temos de nossa valia ante o paiz, ante os dous mundos, e isto nos basta.

E isto nos basta, por que nada falte á gloria de V. M. Imperial e V. M. Imperial não falta á nossa gloria.

---





# RELATORIO

DOS

TRABALHOS ANNUAES DE 1888

Apresentado na sessão magna anniversaria de 15 de Dezembro

pelo 1.<sup>o</sup> Secretario interino

Dr. João Severiano da Fonseca

---

SENHOR.

Abriram-se este anno, de modo auspicioso, as portas do Instituto. Sua primeira reunião, em sessão extraordinaria de 16 de Maio, foi para expansões de contentamento, que traduziram-se por felicitações ao chefe do estado, congratulações á princesa regente, louvores ao ministerio, ao parlamento e á imprensa,—que cooperaram ou realisaram o grande acto de 13 de Maio.

E eram justificados, n'esta casa de estudo da historia patria, taes enthusiasmos pela realisação de idéa—nella iniciada por um dos socios seus, o Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro, no seu livro *Escravidão no Brazil*, lido nas sessões de 1866.

Desse livro, dedicado ao Brazil, já dizia o fulgurante e nunca assás sentido Franklin Tavora, orador do Instituto, em 1881,—«livro que iniciou uma reforma humanitaria, uma revolução eminentissima que vae-se realisando

na nossa patria, sem sahirem do livro, do jornal, da associação pacifica, do parlâmento—os que a promoveram,»—e que, eu continuo, sem sahir do livro, do jornal, da associação pacifica e do parlamento, completou-se, alfin, no meio de flores e de vivas, de hymnos e de festas, —do maior enthusiasmo, do mais arreouado delirio, da mais pacifica exaltação, que já as nações têm visto.

E o Instituto, após a homenagem aos libertadores da escravidão, curvou-se ante a memoria respeitanda do seu alumno, e em nome da redempção dos captivos, decretou para elle, o seu primeiro apostolo no livro,—o erigimento de uma estatua que viesse juntar-se ás dos outros indigetes do Instituto, ornando e honrando a sala dos seus trabalhos.

N'essa mesma occasião propuzeram os Srs. Cezar Marques e Blake igual preito a Rio-Branco, o immortal libertador do ventre escravo: e o Sr. Maximiano de Carvalho, que se erigisse, no meio do parque da Acclamação, uma alta columna de bronze e granito, tendo na base, em sua integra, a aurea lei da abolição, e no ápice o simbolo da justiça, personificado na imagem augusta do chefe do estado, que essa lei decretou.

Mas S. A. I., digna herdeira da nobre modestia do seu magnanimo progenitor, que não admitta d'essas manifestações em vida, ao saber do intento do Instituto, indicou, por intermedio do seu serenissimo esposo, nosso presidente honorario, que se substituisse essa idéa por uma outra, em que se dispensasse a estatua.

Com effeito já outras tinham sido apresentadas, como a de uma medalha commemorative, proposta em 11 de Junho por Franklin Tavora e os Srs. Francisco J. Borges, Blake e Pinheiro de Campos; e a de um *livro* que deveria ser a historia da abolição; havia ainda outras, mas todas calcadas mais ou menos sobre os mesmos pensamentos com pequeninas divergencias, e o Instituto deliberou commetter á uma commissão especial o encargo de estudar o assumpto, para resolver o modo mais condigno de commemorar tal feito. Em 8 de Agosto, a commissão composta dos Srs. conselheiro Olegario, visconde de Beaurepaire Rohan e barão de Miranda Reis, apresentou

seu parecer, cujas conclusões, approvadas pelo Instituto, foram :

« 1.º Que se cunhasse uma medalha commemorativa, que seria de ouro para o Imperador e a Princeza Regente. de prata para o ministerio e socios do Instituto e de bronze as mais ; e 2º, que se escrevesse um livro, contendo o historia resumida de tudo quanto se refere ao assumpto da abolição, desde a fundação do imperio até a data da aurea lei. »

---

Causas de força maior demoraram a promptificação das medalhas, que já tencionava-se distribuir na festa do quinquagenario, e que ainda hoje nos faltam.

Para o livro ninguém ainda apresentou-se nem d'elle ninguém foi oficialmente incumbido; palpita-me porém o coração, que elle sahirá da amestrada penna e robusto engenho de um dos proprios membros da commissão.

---

Nossos estatutos, em parte omissos ou duvidosos, têm já por vezes soffrido alterações consignadas a maior parte dellas apenas nas actas, e por isso nem sempre lembradas e cumpridas. Para obviar tão sério inconveniente, na sessão de 6 de Junho propôz o Sr. conselheiro Alencar Araripe a reorganização d'essa nossa lei organica, de modo a integrar-se com todas as modificações, que tem ido soffrendo : e o Instituto incumbio d'esse trabalho o mesmo prestimoso e incansavel consocio, autor da proposta.

Na sessão de 27 do mesmo mez, a commissão de admissão de socios, dando solução ao exarado em officio da secretaria de 13 de FEVEREIRO, apresentou a relação completa dos socios nacionaes existentes (em numero de 7 honorarios, 42 effectivos e 58 correspondentes), e propôz que as oito vagas de effectivos fôsem preenchidas com os mais antigos dos correspondentes, que têm residencia n'esta capital, e que são os Srs. Dr. Francisco José Ferreira Baptista, Barão de Lavradio, Viscondes de Sinimbu

e de Barbacena, Dr. José Jansen do Paço, Barão de Cotegipe, e conselheiros Quintiliano José da Silva e José Tavares Bastos.

---

Rendendo preito e justiça aos muitos e valiosos serviços que lhe têm prestado, e, na conformidade dos estatutos, — á distincta representação, consummado saber e idade provecta dos Srs. conselheiros Olegario e Alencar Araripe, Drs. Maximiano e Cesar Marques, senador Taunay e conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, — o Instituto elevou-os ao grão de seus socios honorarios.

---

N'este anno seis novos operarios, conspícuos e illustrados varões, vieram trazer á associação novo e vigoroso alento, filiando-se como seus membros correspondentes, e são :

1º. O Sr. conselheiro de estado e senador Marquez de Paranaguá, provecto estadista e parlamentar, cuja admirão em nosso gremio é o justo reconhecimento de sua alta valia, sobre tudo, como presidente da *Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*, que tão assignalados serviços tem prestado á sciencia e especialmente ao Brazil nos seus tantos e tão profícuos trabalhos.

2º. O Sr. 1.º tenente da armada Arthur Indio do Brazil, joven e esperançoso militar, assaz conhecido pelos seus trabalhos profissionaes na repartição hydrographica, de que é ajudante; inventor do *marégrapho electrico*, instrumento destinado a apreciar com justeza e rigor a intumescencia e oscillação das vagas, a altura e direcção das marés; instrumento tão bem acceito pelos profissionaes da velha Europa e ainda ha pouco lizongeiramente citado no congresso internacional de geodesia de Saltburgo, na Austria.

Ao Indio do Brazil, que tambem é autor de um levantamento hydrographico do porto de Embituba, deram



ingresso no Instituto suas memorias: *Descripção dos principaes portos do Brazil*; e o *levantamento hydrographico do porto de Paranaguá*.

3º. O Sr. bacharel Virgilio Martins de Mello Franco, juiz de direito da comarca de Barbacena, que nas viagens impostas pelo serviço publico, curioso e observador, apraz-se, para compensar o arido e pesado estudo dos autos e processos em descrever e rememorar, em interessantes escriptos, o que lhe desvenda a nossa esplendida natureza, ou o que observa nos costumes do homem. Serviram-lhe de titulo de entrada suas «Viagens pelas provincias de Goyaz e Minas.»

4º. O Sr. commendador Luiz Rodrigues de Oliveira, Brasileiro que assaz se tem esforçado nos grandes centros europeus onde se achára, já em livros, em jornaes, em conferencias para fazer conhecido o Brazil na sua industria e riqueza naturaes, já no alto empenho de encarrerar-lhe a immigração de braços validos, que, na industria e sobretudo na lavoura, serão factores seguros de progresso e riqueza nacional.

Foram seus trabalhos para a admissão:

«. Algumas idéas sobre a colonisação no Brazil: — Pariz, 1871. — Exposição do club da lavoura, em França, relatorio: *Paris*, 1878. — Influence des chemins de fer et de la navigation á vapeur au Brésil, sur le developpement des richesses du pays. Progrès rapide de la province de S. Paulo. — Le Brésil, ses debuts, son developpement, sa situation economique, ses échanges commerciaux, et ses plantations de café: *Beauvais* 1874 — Etude sur le projet d'union douanière du sénateur Frye; assignado conjuntamente com o Sr. E. Lourdelet, presidente da camara.

5º O Sr. commendador José Luiz Alves, que franqueou o Instituto com o seu opusculo «*Os Claustros e o clero no Brazil*», que affirma o quanto seu autor, qual si fôra um alumno dos asceterios e cenobios, conhece a vida, tradições e trabalho dos tonsurados militantes do Christo; que na média idade eram, quasi que elles sós, os mestres das sciencias, e de entre os quaes sahio avultadissimo numero de sabios, e opulentos no

saber; os frades que fôram no comêço da civilisação christan os fundadores de todas as escolas, de todas as universidades, de todas as bibliothecas; os frades re-fundidores dos thesouros dos remedios da alma de Ozy-mandias, das pharmacias do espirito humano, de Ptolomeu.

Lastima é, que no correr dos seculos e no adiantamento, maior intensidade e fulgôr das luzes, o espirito da moderna idade, haja modificado, levando não sei para onde, todo aquelle amor ao estudo e ao derrame de conhecimentos dos filhos de S. Pacomio, outrora de monopolistas do saber, e dos filhos de S. Ignacio, seus gloriosos successores.

Parece hoje, que, tendo alumiado o mundo antigo, acendendo os archotes do saber humano, dormem hoje, cenobitas e mosteiros, á sombra dos velhos louros, immarcessiveis, olhos fechados aos clarões do seculo. Talvez nem lembrem-se de que seus ultimos lampejos fôram as labaredas, que carbonisaram Bruno e as brazas de ferro que torturaram Sarpi, Dominis, o arcebispo, e Campanella; fôram a condemnação do revolucionario da sciencia do seculo 17º., convencido, como aquelles, dos seus erros e falsas doutrinas, nos tratos de polé que lhe infligiram o frade Lorini e os dez cardeaes inquisidores de Paulo 5º; convencido sob pena de fogueira, do quanto eram absurdas e falsas em philosophia as leis do medico Copernico, nas suas innovações de sol fixo e terra movente.

O ultimo dos recipiendarios foi o Sr. Dr. Luiz Cruls, director do observatorio imperial do Rio de Janeiro; joven e sabio continuador e mestre dos erros, em orthodoxia, de Copernico e Galileu, e cujos trabalhos assi luos e de alto merito dão-lhe cathedra entre os mais notaveis astrônomos do mundo, e valeram-lhe em 1883 o premio Volz, da academia das sciencias de Paris, instituido em recompensa ao mais importante trabalho astronomico, em todo o mundo. Redactor dos *Annaes do Observatorio Imperial*; fundador do *Diccionario Climatologico Universal*, obra subsidiada pela sciencia de todos as nações; infatigavel perscrutador dos arcanos celestes: quer agora mesmo, habil micrographo, descer as vistas dos

mundos infinitamente grandes do estrellado firmamento, para o mundo infinitamente pequeno dos cacteridios e vibrões que nos povoam a atmosphaera ; deixa o telescopio pelo microscopio em busca da causa dos nevoeiros secos que, annos passados, já tanto intrigavam o sabio frade Camillo de Monserrate, subsidios á cosmographia ; estuda os micro-organismos vivos, que aos milhões de milhões volteiam em roda de nós e nos enchem os pulmões, subsidios á medicina microbiotica.

Como progride a sciencia ! Intelligência, tu és a luz, o sol que tudo alumia ! Contigo a terra deixa de ser a *taboa pentigeria* dos Romanos, taboa cheia de asperesas e depressões que representam as montanhas e as aguas, para ser ospherioidé de dimensões, volume e peso rigorosamente conhecidos. O homem devassa a immensidade do firmamento — como enxerga na profundesa da terra, ou nos abismos do mar ; — como lê nas brumas do passado, como entrevê nas névoas do porvir. Approxima o infinitamente longe dos ceos com o telescopio ; e com o microscopio converte n'um mundo o infinitamente pequeno do atomo. Não se teme do invisivel, do incommensuravel, do infinito ; persegue-os, e vae ganhando terrenos e luz.

Já não lhe bastam a terra e os seres terrenos : dicta leis aos ceos, marca deveres aos astros. Si dá pela falta de algum, ordena, que appareça, que seja inventado, caso não exista, para arrumal-o no espaço vasio, que lhe fali-seia as leis, que decreta.

E o astro apparece!... e apparece tambem a miseria da humanidade-reptil, contrapeso eterno da sublimidade do homem-genio. E Titius, o inventor da lei, encontra em Rôde o Vespucio, que Colombo encontrou dando outro nome ao seu mundo.

Como provas de candidato ao titulo de membro correspondente apresentou o Sr. Cruls suas monographias sobre *L'organisation de la charte géographique du Brésil ; Notice sur l'observatoire imperial de Rio de Janeiro* e *Noticia sobre as estradas de ferro estratagicas no Brasil*.

Eram arrhas desnecessarias. Ao sabio director do observatorio imperial as portas do Instituto bem se

poderiam abrir de par em par, só ao seu nome, que é a revelação da mais alta intelligencia e de porfiado trabalho, que, honrando a patria, vêm honrar o Instituto.

---

Além desses senhores, outros candidatos apresentaram-se com trabalhos, que as commissões respectivas ainda estudam.

---

Como a familia humana a familia social tem os seus regozijos e dôres, suas galas e lutos.

Conturbou-nos as alegrias do festim do trabalho a morte de 8 prestimosos companheiros, uma dentre as quaes foi verdadeira catastrophe para o Instituto, colhido em tão inesperada quão infesta surpresa, ao ver rigido e frio na profundez do sepulcro aquelle cerebro immane e fulgurante, que se chamou Franklin Tavora, cujas faculdades poderosas mais se adumbravam no amor ao trabalho e no inexcedivel afan, com que de corpo e alma se dedicava ao Instituto, que elle extremecia com o mais intemerato e acendrado amor.

Outro golpe cruel ainda veio feril-o, mal vão oito dias, e tambem de surpresa, Pimenta Bueno, o illustrado geographo, que tão boas provas deixou de si.

Poucos como elle conheciam as raias do nosso territorio, sendo sua especialidade o estudo das provincias fronteiras; poucos como elle dedicavam-se á geographia e cartographia, que quasi entre nós só tem sido estudada por militares, Conrado, Bellegarde, Andréa, que já se foram e pelo unico que resta, o nosso sabio e operoso consocio o Sr. Visconde de Beaurepaire Rohan.

Como Tavora, ainda na vespera Pimenta Bueno empregara-se em proveito do paiz, nos labores em que se salientava.

---

A bibliotheca, archivo e museu enriqueceram-se com generosas dadivas de livros, mappas, manuscriptos,

jornaes, revistas, gravuras, moedas e medalhas, e com verdadeira gratidão o Instituto consigna aqui o nome de seu respeitavel socio correspondente o Sr. Antonio Borges de Sampaio, que quasi não deixou passar sessão alguma sem suas offertas, algumas bem valiosas.

Contribuiram para o livro do quinquagenario com valiosas memorias, que abrilhantam-lhe as paginas, os Srs. Dr. Felisbello Firmo de Oliveira Freire, de Laranjeiras, com uma monographia sobre a colonisação de Sergipe, de 1590 a 1600; o Sr. Antonio Ribeiro de Macedo, do Campo-Largo no Paraná, com *Breves Informações*, sobre essa provincia, e os nossos consocios os Srs. Dr. Moreira de Azevedo, Pedro Paulino, Borges de Sampaio, João Brigido, Barbosa, Rodrigues, Barão Homem de Mello, senador Taunay, Dr. Cezar Marques e Teixeira de Mello, com trabalhos seus; e os Srs. Drs. Americo Braziliense, Gama e Silva, Machado Portella e Homem de Mello, com interessantes e preciosos ineditos.

Ainda o Instituto recebeu dos Srs. Luiz de França Almeida um sen manuscripto — *Influencia da mulher na humanidade*; do Sr. A. Baquet, *Exploração da provincia do Maranhão*; do Sr. commendador José Lopes Carneiro de Fontoura, uma copia do *Compendio historico do juizo que formou o Marquez de Pombal das 17 cartas contendas na collecção e estampadas em Londres em 1777*; do Sr. Theodoro Grimm, de Porto-Alegre, a primeira parte de suas interessantissimas *Noções da patria sul rio-grandense* ou *Geographia da provincia do Rio-Grande do Sul*; do Sr. chefe de divisão Ignacio Joaquim da Fonceca, a copia de um officio seu, de 10 de Abril de 1861 ao chefe Parker, sobre a illuminação maritima dos Abrolhos, e a da parte dada pelo chefe Elisario, depois barão de Angra, commandante da divisão naval de vanguarda sobre o combate, que esta sustentou em 1 de Setembro de 1866, contra as baterias de Curupaity.

E dos nossos consocios, os Srs. Dr. Moreira de Azevedo, uma memoria sobre *a Instrucção publica nos tempos coloniaes do Brazil*; Dr. Machado Portella a cópia do *Regimento de S. M. para as minas da repartição do sul* (de 7 de Junho de 1644), o primeiro expedido para regularizar o



descobrimento d'ellas; e o 1°. secretario interino as cópias da patente de governador e capitão general de Mato-Grosso passada a D. Antonio Rolim de Moura e das instrucções que a ella déra a rainha D. Maria Anna d'Austria, em 19 de Janeiro de 1749, e o rei D. José, em 26 de Agosto de 1758.

---

Dentre os livros offertados ao Instituto destacará um, que parece-me sobrelevar aos mais: o *Ensaio sobre as construcções navaes no Brazil*, do Sr. 1° tenente da armada Antonio Alves da Camara, trabalho notavel por sua originalidade e maestria; o que revela bastante proficiencia n'esse joven official, já bem conhecido na roda estudiosa por outros estipendios á sciencia, ora perscrutando os segredos da natureza marinha, no estudo dos instrumentos de sondagem e das correntes sub-oceanicas; ora elucidando sistemas de construcção, methodos de navegação, o navispherio e as obserções da noite; ora emfim escrevendo suas impressões de viagem, ou investigações sobre assumptos profissionaes: os quaes logo correm impressos e com benigna aceitação.

---

As rendas do Instituto, que vão crescendo, graças ao nimio zelo e severa economia do seu thesoureiro, permitiram talvez occorrer a todas as despesas d'este anno, que foram extraordinarias, sem tocar no pequeno capital da associação.

Receita:

No anno corrente.....	11:666 <del>7</del> 450
Despeza já realisada.....	9:878 <del>7</del> 366
Saldo.....	1:588 <del>7</del> 144

Faltam porém as despesas de cunhagem das medalhas, impressão do livro do quinquagenario e eventuaes, que o Instituto só mais tarde apreciará.

Não foi, senhores, este anno o Instituto aquella sociedade, que se tornou notavel por serem seus trabalhos, suas proprias discussões scientificas, leituras, e não a verbiagem ôca dos discursos.

As primeiras sessões do anno foram estereis para o estudo por justos e necessarios propositos, determinados por factos extraordinarios, mas de interesse social.

Todavia muito tempo perdeu-se, talvez a maior parte em meras questões de ordem, que, se de um lado eram de pouco interesse e quasi que dispensaveis, do outro eram tão repetidas ou tão demoradas que esgotavam o tempo sem permittir espaço ás leituras. Isso motivou justa reclamação do Sr. Cesar Marques, o qual em 31 de Agosto indicou que :

« Não sendo ha muito tempo possível lêr na casa trabalho algum, preenchidas as sessões apenas com discussões oraes, lembrava, que era preciso proporcionar tempo para leitura de trabalhos. »

E já na reunião seguinte lêo nosso consocio sua memoria *Manoel Odrico Mendes*, gracioso panegirico a S. A. I., no qual insere um notavel documento d'aquelle literato maranhense, tão corrente nas letras hellenicis e latinas como no vernaculo idioma, e que deixou-nos magistraes traduções de Homero e Virgilio. N'essa memoria salienta o antor o papel, que coube áquelle seu comprovinciano no episodio de 7 de Abril, e com aquelle documento assignala o raro desinteresse do patriota, que, servindo o movimento politico até seu completo exito, retirou-se do pleito sem querer bonras nem distincções, recusando, mesmo o alto cargo de regente do imperio por ser do seu brio, (são phrases delle) acabar-se a revolução sem o menor emprego, visto ser um dos mais influentes n'ella ; bastando-lhe a honra de ter tantas vezes exposto n'essa crise a vida por amor de seu paiz, e o reconhecimento que lhe patenteavam os seus concidadões.» E o que é lamentavel, mas tão natural e costumeiro nos vai-vens da politica ! — bem cedo esse reconhecimento se apagou, e como recompensa de taes serviços e de seu alto patriotismo e desinteresse tem Odorico o ostracismo voluntario,

com a penuria e o abandono completo dos seus patricios e correligionarios.

O Sr. Cesar Marques começou ainda a leitura de um « *Estudo critico* relativo ao manuscrito existente na bibliotheca do Instituto, intitulado a *America abreviada, suas noticias e dos seus naturaes e em particular do Maranhão ; suas contendias e instrucções á sua conservação e augmento muito uteis, pelo Dr. João de Souza Ferreira*. Esse manuscrito, doado por S.M. e copiado sob as vistas de Gonçalves Dias, está no opinião do Sr. Doutor Cesar Marques inçado de erros, que elle annotou para serem evitados por quem de futuro os fôr consultar. Esse nosso collega, extremoso por sua patria, como que faz especialidade nos seus estudos — *As cousas de seu torrão natal : biographias, descripções, dictionarios, elucidações, historias, etc.* ; e o Instituto ainda tem presente sua interessante memoria demarcando a posição geographica da bahia de Guaxenduba, theatro da derrota de Ravardiére, e termo do dominio francez, em 18 de Novembro de 1614, a qual ficára desconhecida mesmo a Varnhagen e João Lisboa.

Nas sessões seguintes foram occupando a attenção da casa os Sr. senador Taunay com uma monographia sobre *Os Indios Caingangs, Coroados de Garapuava*, seguida do vocabulario do dialecto dessas tribu;—tomado com aquella exacção e severidade peculiares ao autor, e que já mereceram louvores de Hebert Smith e transcripções nos Estados-Unidos. N'essa monographia o Sr. Taunay nos apresenta quasi com uma revelação essa familia brasileira tão pouco conhecida do mundo e de nós, e tornando-se por isso preciosa contribuição para a ethnographia patria.

O Sr. Barão Homem de Mello leu suas *Excursões geographicas*, nas quaes se notam sua ascensão aos picos do Itatiaia, Itacolomi e Itabira do Campo. Não são simples impressões de viagem de *touriste* intelligente e curioso, mas descripções scientificas do sabio e do geographo, buscando agradavel passa-tempo aos laboros do gabinete, la vae descer valles e galgar serranias, para do cimo dos mais culminantes pontos do Brasil vêr, em

vastissimos horizontes do grandiosissimo spectaculo, a maior porção da terra brasileira, que é possível abranger n'um olhar:— o que a tão poucos, tão raros curiosos tem sido dado fruir!

O Sr. Dr. Teixeira de Mello descreveu á luz da historia e em traços de bastante relevo o perfil de um ministro de estado, honesto e honrado, severo e modesto, que prefere salvar com a sua bolsa particular dividas de honra do estado, feitas fóra do orçamento parlamentar.

E nas quatro contribuições á historia geographica e ethnographica estão no livro do jubileu, a cujas paginas fôram dar notavel lustre e altissimo valor.

Finalmente o 1.º secretario interino leu um pequeno trabalho — « Brazões das cidades de Cuiabá e Mato-Grosso » e o começo de uma monographia — *Novas investigações sobre a provincia de Mato-Grosso*.

A perda de tempo com a oratoria das sessões impedio outras leituras; acham-se porém inscriptos, para fazerem-as no anno vindouro, o Sr. commendador Joaquim Norberto, Dr. Sacramento Blake.

Pedro Paulino, uma memoria sobre a *Provincia das Alagoas*, senador Tannay, continuação da sua *Os Campos Geraes e os sertões de Garapuava*, Barão Homem de Mello continuação da sua *Excursões geographicas* e commendador José de Luiz Alves *Biographia do Conde da Barca*.

Nas publicações, como nas sessões do Instituto, nota-se grande desproporção de assumptos historicos sobre os geographicos ou de ethnographia.

Realmente é a historia campo mais vasto e mais facil ao engenho do escriptor; e os outros principalmente a geographia, mais aridos e dificeis; por isso têm menos cultivadores. Mas ha nos nossos archivos muita cousa importante e ignorada, cuja divulgação será sempre um avantajado serviço á sciencia. Por isso o Sr. presidente, em data de 26 de Outubro, achou de utilidade recomendar aos presidentes das commissões de geographia e ethnographia a impressão de documentos relativos a esses ramos de conhecimentos; não sómente para não continuarem elles desconhecidos lá fóra, nem conservarem-se ellas, meras creações phantasticas dos nossos

estatutos. E indicou a criação de duas novas publicações auxiliares da *Revista Trimensal*, destinadas a trabalhos geographicos e desenhos ethnographicos sob os titulos de: ARCHIVO GEOGRAPHICO—*subsídios para o conhecimento da geographia do imperio. Publicação auxiliar da Revista Trimensal do Instituto.* E ARCHIVO ETHNOGRAPHICO etc. com identicos dizeres.

---

Resta-me agora, senhores, dar-vos conta da festa do jubileu.

A idéa de Tavora, trazida á casa em sessão de 23 de Novembro do anno passado por elle e pelos Srs. coronel Fausto e Dr. Maximiano, foi ainda, ampliada, por elles e pelo Sr. Dr. Cesar Marques, na proposta que em 7 do mez seguinte fizeram de: 1º. dar-se conhecimento dos intentos da associação a todos os seus socios effectivos e correspondentes, pedindo-lhes sua coadjuvação scientifica e literaria; 2º. fazer-se uma exposição dos objectos que por essa occasião se recebessem para o archivo, museu e bibliotheca, cujo catalogo deveria estar prompto para essa solemnidade.

E havia tempo sufficiente para tudo: a festa seria em 21 de Outubro.

---

A commissão nomeada para formular o programma, satisfez seus encargos apresentando na sessão seguinte este projecto:



# PROGRAMMA DO JUBILEU

---

## Preliminares da festa

### I

Dirigir-se-hão convites com urgencia ás associações historicas, geographicas e ethnographicas do imperio para nomearem representantes na côrte, e cada uma dellas communicar um inedito que mereça ser inserido no volume destinado ao jubileu.

### II

Nas provincias em que não existir nenhuma sociedade, e houver socio ou socios do Instituto, serão os mesmos socios incumbidos de remetter qualquer trabalho original, de modo que nenhuma provincia deixe de figurar na festa.

### III

Si em alguma provincia não houver sociedade nem socio, a commissão promoverá desde já, por todos os meios a seu alcance, a nomeação de pessoa habilitada para socio, a qual se encarregue de representar a provincia.

### IV

Dirigir-se-hão pedidos ás bibliothecas da côrte para que cada uma dellas remetta cópia de algum manuscripto

importante para o volume supplementar, ou como melhor lhe paraça acompanhe a festa do Instituto.

## V

Desde já ficará sobre a mesa um livro que tenha no alto de cada pagina o nome de um dos socios falecidos por ordem chronologica, afim de que, por baixo de cada nome os socios actuaes do Instituto escrevam um pensamento commemorativo das virtudes e qualidades mais notaveis do falecido.

Sessão do jubileu em 21 de Outubro de 1888

## I

Abrir-se-á a sessão ás 11 horas da manhã, na sala do Museu Nacional em que, ha cincoenta annos, á mesma hora, se realizou a da fundação do Instituto Historico.

Para este fim a commissão solicitará do director de museu a concessão da mencionada sala.

## II

Depois do discurso de abertura que compete ao presidente, e da leitura de rapido estudo retrospectivo de que se incumbirá o 1º. secretario, o orador fará o elogio historico do Instituto, inspirado especialmente nos serviços e exemplos dos socios cuja memoria o Instituto consagrou mandando collocar os respectivos bustos na sala das sessões.

## III

Será depois dada a palavra aos representantes das associações que não figurem por meio de inedito ou trabalho original, no volume da festa.

Nenhum d'estes oradores falará mais de 15 minutos.



## Exposição

### I

Durante oito dias estará exposta ao publico, desde as 10 horas da manhã ás tres da tarde, e das 6 ás 9 da noite, a bibliotheca do Instituto ; e bem assim o Museu e as offertas remettidas pelos socios, formando secções especiaes.

### II

Tambem estará exposto, para ser consultado, o catalogo geral.

## Publicações

### I

Publicar-se-ão :

1.º Um volume da *Revista Trimensal*, contendo :

a) As memorias ou ineditos enviados das provincias :

b) Os ineditos ou memorias offerecidos pelas bibliothecas da côrte ;

c) Os escriptos de socios residentes na côrte ;

d) Os trabalhos lidos pelo presidente, secretario e orador do Instituto na sessão do jubileu.

Este volume será dedicado a Sua Magestade o Imperador, e na dedicatoria se deverá fazer menção de todos os actos de protecção e favor praticados por Sua Magestade a bem do Instituto.

2.º Um resumilo dictionario bibliographico, contendo as datas do nascimento e obito dos socios, da sua entrada para o Instituto, e summaria noticia das suas obras.

## II

D'esta especial edição da *Revista* será vertida para o francez a parte sufficiente, para ser offerecida ás associações, bibliothecas e eminentes literatos estrangeiros.

*Visconde de Beaurepaire Rohan.*

*J. Franklin S. Tavora.*

*Dr. Maximiano Marques de Carvalho.*

*Dr. J. A. Teixeira de Mello.*

*Henrique Raffard.*

Este programma, que foi profusamente distribuido aqui, nas provincias e no estrangeiro, não pôde ser inteiramente cumprido por varias razões, entre as quaes:

1.<sup>a</sup> A molestia de S. M. I., que todos avaliam quanto pesaria sobre o Instituto acabrunhando os espiritos e entorpecendo o andamento da idéa.

2.<sup>a</sup> A perda inesperada e fatal do dedicado e incausavel 1.<sup>o</sup> secretario, a chave de todo o movimento interno, e quem o dirigia todo, no exterior; e agora tão mal substituida.

3.<sup>a</sup> A ausencia, por molestia, de dous prestimosos membros da commissão, os Srs. Visconde de Beaurepaire Rohan e doutor Maximiano de Carvalho, este gravemente enfermo; o que abateu de muito o prestigio e o valor intellectual da commissão, agora reduzida a dous unicos membros, porque ainda o ultimo dos que a compunham d'ella se retirára, e com elle o esforço physico, o gosto pelo trabalho, o incansação, enfim a sua actividade juvenil, que fazia-o quicá precioso no serviço do Instituto.

E 4.<sup>a</sup> finalmente, essa molestia fatal, ha muito tempo conhecida, e como que endemica nos nossos homens e corporações de letras: verdadeira *episophôcia*, cujos caracteres pathognomonicos são os mesmos das enfermidades typhicas — a indifferença, o desanimo, o marasmo, a indolencia, a inercia, o desamor.

Houve pois necessidade de alterar o programma ; não tanto por causas fataes, como por motivos inesperados e imprevisiveis, em que foram parte não sómente estranhos, mas nós tambem.

Pelo que compete aos estranhos :

1.<sup>a</sup> Nenhuma, nenhuma associação de historia e geographia do imperio communicou inedito algum, mesmo que não merecesse ser transcripto no livro do quinquagenario.

2.<sup>a</sup> Poucas. bem poucas provincias acudiram aos appellos do § 2º. do programma, e nenhuma aos do 3º. ; e o que é mais sensivel, poucos, bem poucos socios quizeram honrar as paginas d'esse livro.

3.<sup>a</sup> Nenhuma das nossas ricas bibliothecas accedeu ás instancias do Instituto ; nem mesmo por gentil correspondencia a serviços iguaes d'elle recebidos.

Em compensação o archivo publico do imperio remetten-nos seis ineditos importantes, quatro dos quaes são publicados.

E pelo que a nós diz respeito ;

Não se pôde effectuar a solemnidade na propria sala, onde ha cincoenta annos o Instituto se fundou, por estar ella actualmente transformada e impossibilitada de pres-tar-se áquelle fim.

Não se completou a idéa que presidiu a criação do Livro dos Mortos, onde se lê simplesmente, os seus nomes, nem mesmo na ordem estabelecida, mas alphabeticamente, e apenas com as datas da admissão e obito de cada um. Não sahio a lume o volume do quinquagenario ; nem se completou o catalogo geral da bibliotheca : nem ainda o copioso comquanto resumido, dictionario bibliographico, apezar dos ingentes esforços e labor extraordinario de tão modesto quão proficiente 2º. secretario interino, o illustrado Dr. Teixeira de Mello.

Felizmente para as galas ornamentaes da festa, que tambem iam faltar com a retirada daquelle activo compa-nheiro, em boa hora chamou a si o Sr. presidente essa incumbencia, que desempenhou com inexcedivél esmero e bom gosto artistico.



Pelo que, senhores, n'esse dia solemne de jubileu, teremos apenas esse livro destinado á memoria dos socios, que já foram, onde 653 nomes estão inscriptos ; e cuja primeira pagina, portico desse Pantheon, abre-se com as palavras seguintes :

21 DE OUTUBRO DE 1888

O Instituto Historico e Geographico Brasileiro, fundado em 21 de Outubro de 1838, completa hoje cincoenta annos de existencia.

A estima e apreço, com que é considerado no mundo scientifico, conquistaram as luzes, o trabalho e o devotamento dos seus socios. D'elles, e grande é o numero dos desaparecidos dos seus quadros, varões distinctos em todas as especialidades do saber humano, geographos. historiadores, mathematicos, naturalistas, guerreiros. navegadores, medicos, jurisconsultos, estadistas, poetas e artistas, — homens de genio illustres e notaveis, sumiram-se levados nas azas do Anjo da Morte.

Celebrando o jubileu do seu quinquagenario, o Instituto, em homenagem á memoria d'elles, creou este livro para rememorar seus nomes.

Quasi, por assim dizer, senhores, a vida social do Instituto, n'este anno de 88, foi toda de regosijos ; metade por essa revolução immensa e extraordinaria, — tão santa e tão benefica que instantaneamente repercutindo no velho mundo, de chofre galvanizou a existencia e afastou dos humbraes da morte o Augusto Patriota, que, á essa noticia, sentindo a vida crescer-lhe no sangue, que lhe entumeceu o coração, nas lagrimas que lhe affluíram aos olhos, grato e commovido abençoou o grande e generoso povo brasileiro, que, — e fatal era o momento ! — não queria, que Elle deixasse o mundo, faltando a sua palavra de rei : — de não morrer sem deixar a escravidão extincta.

A outra metade, foi nos regosijos do jubileu. Não foi o que se ideou, nem o que se pretendia. Mas fez-se o que se pôde e o melhor possivel, n'uma festa muito simples

mas louçan... que agradou a todos e a todos deixou bôa impressão, desde o ultimo dos assistentes até os proprios imperantes.

E dos encargos tomados para esse dia solemne, que o Instituto deixou em divida, eis alli, cumprido o mais instante, o Livro do Jubileu.

Sala das sessões do Instituto 15 de Dezembro de 1888.

*Dr. João Severiano da Fonseca,*  
1.º Secretario interino.

---



DISCURSO  
PROFERIDO  
NA  
SESSÃO MAGNA ANNIVERSARIA  
DO  
INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO  
A  
15 de Dezembro de 1888  
POR  
ALFREDO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY  
Socio honorario e Orador do Instituto  
e  
SENADOR DO IMPERIO

SENHOR !

Consinta Vossa Magestade Imperial, que eu comece este discurso fallando de mim, afim de referir uma impressão vivissima e pessoal, embora della tenham tambem participado alguns dos que agora me ouvem e muitos que não pertencem mais a este mundo e já se foram caminho da mysteriosa e insondavel eternidade.

Era nesta mesma sala, neste recinto de ha muito affeioado aos nossos olhos, a estas horas exactas, neste dia anniversario que o Instituto Historico e Geographico Brasileiro consagrou sempre á memoria e á glorificação dos seus mortos—tantas, emfim, as circumstancias materiaes do scenario, que, assim de relance, nada parece haver-se mudado com o volver do tempo, esse profundo e

paciente transformador de tudo, na ordem moral e physica.

Basta, porem, o mais ligeiro exame para de prompto dissipar semelhante illusão.

Quantos claros, com effeito, abertos nas fileiras dos nossos companheiros de trabalho e pacificas luctas! Quantos operarios novos, avidos a seu turno por palmas e applausos, a nos fallarem só do futuro, quando o passado nos vai sendo tão caro e precioso!

E naquelles mesmos que ficaram, quanta mutação—já externa e bem manifesta, nos cabellos que alvejaram ou estão branqueando sobre fronte cada vez mais pensativas e nas forças que diminuíram — já intima e occulta, « *nos enganos d'alma ledos e cegos* » que lá se foram, deixando, como crueis vestígios e acerbos fructos o conhecimento dos homens e das cousas, a triste e desconsoladora experiencia, o amargo saber—*lacrymæ rerum*!

Que distancia, sobre tudo, entre o orador de então, a desferir o vôo do pensamento nas pandas azas de pujante e arrebatada eloquencia, fazendo scintillar á imaginação dos que o ouviam rútilas imagens e arrojados tropos, como fascinadoras pedrarias a rola rem vertiginosas umas sobre outras no meio de mil fulgores e chispas, e o discursador de agora, frio, pallido e adstricto á maneira de fallar actual, pois esta evoluciouo tambem e, ganhando em exacção e laconismo, muito perdeu em galas e ricos atavios.

Queria eu, porem, relatar-vos, Senhor, uma impressão minha toda subjectiva, e esta foi sem duvida das mais fundas que até hoje hei experimentado, ainda que no continuo convivio de eminentes e prestigiosos vultos, que tanto tem levantado a oratoria brasileira em suas varias especialidades e graduações.

Occupava esta tribuna o sempre lembrado Joaquim Manoel de Macedo e, ao encetar formoso panegyrico dos mortos daquelle anno, já bem longe deste que vamos encerrar, achou relações tão bem travadas, tão bellamente expressas entre a missão que lhe cumpria desempenhar e o dia que ia morrendo, tão meiga e plangentemente desenvolveu essa these, tamanha verdade e colorido



imprimio á sua feliz confrontação e com tanto talento envolveu as pompas da linguagem tersa e vibrante no véo rôxo-lyrio da saudade e da melancolia, que suave e flebil tristeza se foi insinuando em todo o meu ser e delle se apoderando, como preparo espiritual da maior elevação para condigna homenagem á memoria daquelles que haviam desaparecido do seio da vida e já pertenciam á historia da humanidade.

E tudo quanto eu sentia tão intima e sinceramente, ia vendo ás claras reflectir-se em todo auditorio, como vassalagem da mais irresistivel sympathia e identificação.

Que bello triumpho da Intelligencia e da Arte !

Fôra, fulgia uma d'essas tardes esplendidas do Brazil, incomparavel, indescriptivel, em que a luz, com todas as suas offuscantes irradiações e infindos matizes, como que trava combate com as trevas sorrateiras em seus passos seguros e cada vez mais sombrios e debalde busca fazer-lhes frente, dominal-as e expulsal-as, até que de desanimada se recolhe toda aos céos e alli ainda por muito tempo diz saudosos adeuses á terra, enviando-lhe esbatidos raios, que, se mal chegam ao seu destino, das nuvens fazem phantasiosos castellos, em cujos largos pannos e magicas muralhas de ouro e prata se engastam e rebrilham todas as pedras preciosas.

E quando de todo cahio a noite e só as luzes destes candelabros illuminavam a sala, como que desciamos, todos nós, os degrãos de funérea crypta para irmos, guiados por inspirado vate, render o ultimo preito áquelles dos nossos amigos e consocios, que se haviam abrigado á paz e ao silencio da morte.

Possa a recordação desse bello effeito oratorio inspirar-me para, no momento presente, fallar-vos de modo compativel com a grandeza e severidade do assumpto que me é commettido e com a lealdade de sentimentos que delle emanam, puros e desinteressados.

## I

O anno de 1888, si até certo ponto respeitou e poupou o recinto, em que se congregam os membros d'esta

Associação, desfechou-nos, comtudo, golpe tão cruel quanto inesperado e que entrou fundo em nossos peitos.

Levou-nos, na verdade, um dos companheiros de lides, que se ia tornando dos mais valentes esteios do Instituto e pela incansavel dedicação que votava ao seu progresso, brilho e renome, relembra o zelo e actividade, que já nos vão faltando, dos seus illustres fundadores, Januario da Cunha Barbosa, S. Leopoldo e mais alguns, tão bem seguidos em suas pégadas por Gonçalves Dias, Lagos, Macedo, conego Pinheiro e tantos outros respeitadíssimos nomes da nossa benemerita galeria.

Quero fallar do Dr. João Franklin da Silveira Tavora, fallecido nesta cidade do Rio de Janeiro, quasi que repentinamente, a 18 de Agosto do cadente anno c, sem duvida, uma das mais interessantes e curiosas personalidades litterarias desta época, não só pela laboriosidade da sua indole e consciencia do seu esforço, como pelas diversas phases de evolução por que passou o seu espirito e que nunca por elle foram encobertas, graças á instinctiva nobreza de character e ao seu entranhado amor á verdade, já para com os outros, já em relação a si mesmo.

Nascido na provincia do Ceará a 13 de Janeiro de 1812, graduou-se bacharel em sciencias juridicas e sociaes na faculdade do Recife, e bem cedo se atirou ao estudo e cultivo das lettras, pois, com dezenove annos apenas de idade, deu á estampa nada menos de duas producções—*A Trindade Maldita*, contos no genero das *Noites na Taverna* de Alvares de Azevedo e *Um Mystério de Familia*, drama em 3 actos, que em 1877 mereceu as honras de uma segunda edição.

Um anno depois, em 1862, publicou longo romance historico—*Os Indios do Jaguaribe*--em quatro volumes, o qual firma a sua acção dramatica e bem deduzida nas tentativas de colonisação do Ceará, em 1603, por Pedro Coelho de Souza.

Estes primeiros livros, acolhidos com o mais accentuado favor, sinão enthusiasmo, em todo o Norte do Brazil pelas rodas litterarias, nenhuma repercussão tiveram na Capital e no Sul do Imperio, e, pelo indifferentismo com que foram ahi recebidos, inclinaram o espirito de Franklin

Tavora, naturalmente arrebatado nos começos da carreira, para uma direcção que, perdendo depois o primitivo character de violencia, deixou, comtudo, rasgado sulco em seu modo de estudar as cousas e apreciar-as

No ardor da mocidade que queria logo e logo e a todo transe vêr triumphantes e corôadas as produções do seu talento, buscou remontar ás causas daquella differença de acceitação e julgou ter encontrado a chave do enigma, quer na idolatria que mereciam escriptores mais pro-vectos e de reputação já feita, quer na dissemelhança de impressões, que deve sentir o leitor do Norte do Brazil e o do Sul, afeitos a habitos e modos de pensar differentes, rodeado cada qual de circumstancias mui especiaes de natureza e clima, que sobre elle necessaria e imperiosamente actuam.

D'ahi, a sua operosa batalha, nos ultimos tempos muito arrefecida, para scindir a litteratura brazileira em duas grandes agrupações—a do Norte e a do Sul, quando ella entretanto é ainda tão acanhada e pobre, que não ha como repartil-a e bifurcal-a. Por pouco se diria até *ex nihilo, nihil*.

Na lucta franca e desabrida, que, desenvolvendo estassuas prevenções, travou com o maior vulto litterario de então, José de Alencar, aliás filho tambem do Norte como elle, apresentou-se em campo de viseira alçada e como resolutio iconoclasta prompto para derrubar, á frente de alguns ardidos companheiros, os pretendidos idolos a que o Brazil litterario consagrava veneração, de certo exaggerada e que o tempo consideravelmente reduzio, mas que no seu entender tomava feição de injustificavel e ridiculo fetichismo.

São dessa época as *Cartas a Cincinnato*, assignadas pelo conhecido pseudonymo de Sempronio, e que, escriptas anteriormente, appareceram de 1871 a 1872, nas *Questões do Dia*, publicação feita por José Feliciano de Castilho com o intuito de aggressão politica ao notavel parlamentar José de Alencar, cujos fóros de litterato tambem concomittantemente buscavam deprimir e contestar.

Concorreu não pouco esta circumstancia de character pessoal para que deixasse de produzir o esperado resultado

aquella longa e ardente critica, que se por vezes é miuda demais, acre e ferina, recommenda-se por outras qualidades e não poucas observações justas, perspicuas e sensatas encerra, podendo ser a todo o tempo lida com proveito e interesse.

Entretanto não ha negar, tão violento ataque, partido de um neophyto em litteratura contra o seu chefe natural e que empunhava o bastão do mando por dar a todos exemplos de perseverança em vencer a indifferença publica e o sarcasmo dos politicos, não teve o exito que esperára Franklin Tavora, já então mudado para o Rio de Janeiro, onde, muito a contra gosto talvez, recebeu o influxo das idéas e elementos sociologicos que desde então o cercaram.

Antes de vê-lo em nova arena, deixemos aqui mencionados os trabalhos que no Norte publicou. Em 1866, *A casa de palha*, romance que teve transcripção em não poucos jornaes; em 1869, *Um casamento no arrabalde* (historia do tempo em estylo de casa) conto descriptivo, em que com muita felicidade e sincera observação pintou varios costumes da terra pernambucana; em 1870, *Tres lagrimas*, drama em 5 actos e 7 quadros, representado com bastante applauso no theatro do Recife e finalmente, de 1872 a 1873, a ardente polemica travada na folha *A Verdade*, em que contrariava de frente os ambiciosos planos do bispo de Pernambuco, frei Vital, numa serie de artigos de combate, que abalaram o espirito geral da provincia, e concorreram para a organisação da resistencia do poder civil, na chamada questão religiosa.

Eis, porém, Franklin Tavora na grande capital do Brazil e obrigado a dar, como romancista da zona litteraria, cujos limites reivindicava sem cessar, cópia de si e a apresentar producto imaginativo, escoimado daquelles senões e vicios, que tantas e tão acerbas censuras haviam valido ao chefe da escola romantica, José de Alencar.

Em 1877, publicou o *Cabelleira*, historia de celebre facinora pernambucano, e a aceitação ficou, sem contradita possivel, muito aquem das esperanças proprias e das dos companheiros de propaganda, apesar de inumeros

artigos laudatorios de Castilho e outros, que continuavam o acanhado programma das *Questões do Dia*.

Dous annos depois, deu á estampa trabalho sem duvida mais interessante e cuidado, *Lendas e tradições populares do Norte*, e em 1878, o *Matuto*, livro ainda mais digno de leitura e apreço do que os precedentes.

Já ahi pudéra de perto verificar, na justeza do seu entendimento, quantos preconceitos mal fundados abrigára a sua mente para com muitos collegas em letras, cuja convivencia começou a procurar com assiduidade e communicativa franqueza.

Nasceu então nelle e em alguns amigos o bello e generoso pensamento de fundar-se uma folha de character meramente litterario, em que se congregassem todas as aptidões brazileiras na especie; e debaixo dos melhores auspicios surgio, com effeito, á publicidade a *Revista Brazileira*, que constitue um dos mais valentes e bem encaminhados tentamens, que temos até aqui podido vêr realizados.

A introduccão, escripta por Franklin Tavora, era toda no sentido conciliatorio e promettia a mais imparcial e plena hospitalidade a todos os escriptores, que para ella quizessem concorrer.

Nessa *Revista*, que durou de Maio de 1879 a Dezembro de 1881, publicou da sua lavra dous longos romances—*O Sacrificio*, em 1879, e *Lourenço* em 1881, manifestando este ultimo o amadurecimento do seu talento principalmente na descripção das festas populares e peripecias da vida no Norte. Sem contestação mereceu ser tirado á parte e formou um livro, que tem lugar distincto na collecção das boas obras nacionaes.

Ainda, porém, nesse periodico, Franklin Tavora, se não se collocou em pessoa á testa do movimento litterario nortista contra os escriptores do Sul, ou como taes a todo o preço considerados, por elle se deixou subordinar; e a folha que a todos promettêra tão largo campo á liberdade de acção, foi gradualmente apertando o circulo dos seus collaboradores, cahindo em poder de espiritos intransigentes e indisciplinaveis, na phrase da *Imitação de Christo*, embora valentes nas crenças e



aggressivo labutar, e assim, perdendo em interesse e em numero de leitores, pouco dispostos a acompanharem e darem alento a violentas e interminaveis polemicas.

Dahi a obrigatoria terminação de uma *Revista*, que teria prestado, outra fôra a direcção impressa, assignalados serviços á litteratura patria.

Mas de todos os choques litterarios e embates, uns provocados, outros supportados, e do amargo travo da experiencia, que Franklin Tavora provára nas difficuldades da vida, já então carregado de familia e arcando com escassos meios de subsistencia, resultou certa depressão do seu espirito, que foi achando gosto no retrahimento e na moderação; e ahi começou para nós, companheiros do Instituto Historico, o periodo da sua existencia mais proveitoso e que nos tórna a sua memoria tão bemquista e saudosa.

Em 1880, é proclamado socio correspondente e já no anno seguinte levantava aqui a vóz como nosso orador, exercendo este penoso cargo até 1887, quando se dedicou com ardor especial á redacção da nossa Revista e á organização dos trabalhos, que nella deviam figurar.

Quanto mais actividade gastava Franklin Tavora em favor do Instituto, mais se achegava e se prendia a esta Associação. á maneira daquelles guerreiros da Idade Media que, depois de muitas batalhas e arriscadas aventuras, estremeciam o silencioso e triste claustro, em que se haviam mettido para a gosto meditarem e cultivarem as perfumosas flôres d'alma.

Isto aqui, na verdade, não é campo de luctas, nem de degladiações, e, sob nossas abobadas impera mais a sornidade da reflexão, do que o fulgor de incandescentes justas; mas exactamente d'essa feição provém a nossa doce intimidade, o desabrochar de habitos serenos e o acatamento de tradições, que se de um lado concorrem para certo escarneo dos levianos e motejadores, do outro nos valem o apreço real dos que mais a fundo procuram estudar e conhecer as cousas brasileiras.

Desse sentimento ninguem se possuio mais do que Franklin Tavora e melhores provas adduzio, sobretudo quando tratou de preparar as festas do quinquagenario do

Instituto, lembrança que a elle exclusivamente devemos e pudemos realisar, ainda que a cada momento sentissemos, já então, a falta da sua iniciativa e o concurso do seu incitamento.

Dominava-lhe comtudo, o ardor dos esforços o sentimento de morte bem proxima, e esse, elle o deixou transparecer em palavras que feriram a attenção dos que o ajudavam nos preparativos da festa do Jubilêo.

Com effeito, a 18 de Agosto de 1888, quasi que subitamente começou a deitar largas golfadas de sangue e em breves minutos para sempre fechou os olhos á luz da vida. Tinha mais de 46 annos.

Julgado como escriptor, Franklin Tavora, se não possue scintillações de estylo e grande novidade de concepção, tem por si a enorme facilidade de phrase e o elevado merito de haver sempre zelado a dignidade da lingua vernacula, não consentindo nunca nas deturpações da moda ou nessa facilidade em acceitar a phrazeologia e molde de linguas estranhas, quasi sempre contrarias á verdadeira indole e gosto do portuguez puro e açacalado, tão bello em sua singeleza, como delle usaram os grandes classicos, tão rico em sua terminologia, quanto adaptavel a todas as impressões, que se queiram produzir no animo do leitor.

Investigador incessante e sempre consciencioso das scenas e peripecias do passado, o espirito tenaz e paciente desse homem, libertado já dos preconceitos que haviam feito explosão ao entrar na liça litteraria, havia de ser de immensa utilidade para o estudo methodico das questões patrias, e nenhum campo se lhe abria mais vasto e mais proprio, do que podia offerecer-lhe este Instituto, possuidor que é de immensas riquezas bibliographicas, umas já inseridas no corpo da nossa quinquagenaria *Revista*, outras ainda manuscriptas e todas da maior valia historica e scientifica.

Determinou de outro modo a morte e dispoz de Franklin Tavora, quando mais preciso se nos ia elle tornando. Jamais, jamais, comtudo, esqueceremos a sua leal, constante e sincera coadjuvação que muito representa, pois, tendo pertencido á escola dos intransigentes,

dos incontentaveis e sarcasticos, na sua identificação comnosco implicitamente nos dispensava homenagem do mais alto preço e significativa estimação.

## II

Depois de assim dada expansão á dôr mais íntima, mais nossa, manda dever de justiça que reverentes nos curvemos ante o vulto do socio, sem duvida, mais illustre, que este anno perdeu o Instituto Historico. Transpoz o seu nome os limites da terra, em que nasceu e ganhou notoriedade universal, porquanto representou principios communs, preciosos a toda a humanidade e indispensaveis ao seu progresso, sustentando-os, por entre immensas provanças, tribulações e perigos, com admiravel serenidade e sagrada confiança na victória da boa causa e do bem.

Refiro-me, senhores, a um grande Americano, que lembra nas multiplas phases da sua longa existencia de 77 annos alguns daquelles heroes da antiguidade, de que nos falla Plutarco, e cuja nobreza de sentimentos e virilidade de character tanto impressionam a mocidade, quando se lhe ministra a educação classica, que vai sendo, para mal do nosso futuro social, demasiado descurada.

Refiro-me a D. Domingos Faustino Sarmiento, um dos mais alentados crentes que jámais confiaram na força e no poder do ensinamento e do exemplo, e mais fizeram, em toda a historia da civilização moderna, pela criação de escolas, diffusão das luzes e instrucção do povo.

E' que elle tinha diante de si escopo tão difficil de alcançar e tão arriscado, quanto nobre e glorioso, e só pela pertinacia, tenacidade, acção lenta e segura, fé, e propaganda podia, como felizmente pôde, vêr coroadas as grandes e inquebrantaveis esperanças.

Chegado á idade em que um pensamento predilecto começa a dominar o homem, e aponta o rumo que vai seguir a sua carreira moral no meio de innumeradas al tracções e impulsos diversos, comprehendeu D. Domingos Sarmiento, quando se achou em frente ás instituições

vigentes em sua patria, que todos os vicios alli radicados, todas as vergonhas de governos ineptos e prepotentes, todos os desmandos de cruento militarismo, todos os soffrimentos da liberdade, todo o poderio de ridiculos e sanguinarios caudilhos, toda a humilhação dos cidadãos bons e honestos provinham da profunda ignorancia das massas subjugadas, e que o edificio erguido pela força bruta, como ameaçadora molle á dignidade e independencia de todos, tinha que ser minado, a toda a hora, a todo o momento desde os alicerces e destruido pedra por pedra com paciencia tal, que nada pudesse desvial-o da sua obra de teima e perseverança.

Eia desses commettimentos, que fazem recuar, ou pelo menos vacillar os mais resolutos e entusiastas; era dessas emprezas, em que o apoio reciproco e o arrastamento mais precisos e caros se tornam. Entretanto, o illustre Argentino, sem companheiros, sem outra instigação mais do que uma vontade adamantina e superior a todos os desanimos do tempo e a todos os obices da violencia e da tyrannia, a elle se abalançou, manejando duas armas, que a principio pareceram bem pueris e inermes aos obcecados olhos do despotismo — a penna para escrever o livro, a palavra para ensinar na escola.

Quantos annos, quantos lustros, quantos decennios de energia, de constancia e de labor a solapar o sólo em que se alteava a praga daquellas bellas regiões platinas, o *gauchismo*, a aviltar a Republica Argentina, sub-dividindo-a em pequenos estados, cada qual mais absurda e abusivamente governado por pretensos generaes, sahidos das mais baixas camadas da gente dos campos!

Foi Domingos Sarmiento o clarim retumbante, foi a voz da patria, a principio angustiosa e fraca, depois irresistivel e imperiosa, que, em nome da cidade, da civilização e da bandeira branca-azul, declarou e moveu guerra, guerra sem treguas, guerra de morte, aos pampas, á barbaria e ao pavilhão vermelho, o pavilhão de sangue e da *mashorca*.

Quantas paginas de arrebatadora exaltação, quantos raptos da mais valente eloquencia não lhe inspiraram os patrioticos anhelos! Quantos canticos vibrantes não

soltou a sua alma a suspirar pelo dia da libertação, conturbando o torvo espirito de broncos soldados, que só podiam responder-lhe com a matança dos proselytos, a se alistarem cada vez mais numerosos nas fileiras da resistencia, a principio passiva, mas ainda assim já ameaçadora em sua apparente resignação!

*Habent sua fata libelli.*

Ha livros que tem missão providencial.

Ainda ha pouco tempo, com immensa e mystica elevação dizia a immortal Becher Stowe dessa obra estupenda, que se chama *A cabana do pae Thomas*, o primeiro brado da grande revolução humanitaria dos Estados-Unidos: « Não fiz mais do que escrever aquillo que Deus me foi dictando. »

Assim tambem, *Facundo Quiroga* de Sarmiento é como que a pedra angular da Republica Argentina, um dos mais extraordinarios protestos da civilisação e da liberdade contra a barbaria e o despotismo.

Marca o seu apparecimento em 1845 o inicio da nova era mental para aquelle povo, e a repercussão que produziu abalou desde a base o arrogante castello, em que se enfeudara a ousada e quasi inconsciente *caudilhagem*.

Bastára esse livro para dar a Sarmiento lugar bem saliente entre os benemeritos da humanidade; mas se elle representa o maior e mais assignalado serviço prestado á terra patria, e digamol-o, ao mundo inteiro, não são para ficar esquecidos e á margem outros esforços, que lhe serviram de prodromos e complemento.

Foi exactamente a caracteristica do genio desse estadista, caminhar lenta e gradualmente, mas com passo sempre calculado e firme. A elle cabe ter systematisado a luta contra a oppressão de quantos, na satisfação de desregradas ambições, arrastavam o nobre povo Argentino á desgraça e ao aviltamento, empapando de sangue, larga e crudamente vertido, o solo de uma das mais formosas e promissoras regiões do mundo.

### III

Nasceu D. Domingos Faustino Sarmiento em S. Juan, no dia 13 de Fevereiro de 1811. Destinado por seus pais



à carreira das armas, cujo ruido enchia de um extremo a outro todo o paiz, era no anno de 1826 já alferes; no seguinte, tenente-ajudante do general Vega assistia aos combates de Tifan e Niquivil e, á frente de 20 homens, praticava um acto de applaudida audacia.

Envolvido de perto nas intrincadas guerras daquelle época, cujo interesse cada vez mais diminue, á medida que vão aos olhos do seculo perdendo importancia as scenas de violencia e os embates armados, Sarmiento, já então major graduado, depois de muitos encontros e combates em que deixou bem confirmada a reputação de valente soldado, accentuou em 1835 o novo curso das suas idéas e o rumo que tomára o seu espirito amadurecido nas lides da penosa vida militar.

Tambem por isto, pouco depois, era obrigado a emigrar para o Chile, o seu grande e continuo abrigo desse tempo em diante, a terra natal, para assim dizer, do seu pensamento, onde ia, qual outro Antêo, buscar forças e coragem nas vicissitudes da sua grande peleja. Servio-lhe de muito nessa arriscada conjectura a pratica das armas, pois foi quem dirigio como habil manobrista a retirada dos concidadãos Sanjuaninos, que apressados buscavam tambem a protecção chilena, tangidos pelos horrores da guerra civil.

Foi este, é de crêr, um dos pontos culminantes da vida de Sarmiento, quando pela primeira vez galgou a aspera e magestosa cordilheira dos Andes, a cujos pés se dilatam immensas, interminaveis, as planicies argentinas. Ao contemplar de tão alto as terras patrias, sentio candentes lagrimas lhe correrem dos olhos ao pensar na sua infausta sorte, no seu abatimento e degradação, retalhadas, como as vira, pela rapacidade e miseria dos homens e lugrubemente allumiadas pelo facho da discordia e da luta fratricida.

Então mais perto dos céos, chamou a si essa força quasi sobrenatural que nunca mais o abandonou e inven-cível conforto lhe infundio em todas as contingencias da atribulada existencia.

De certo, foi alli, entre os esplendores de uma natureza severissima e grandiosa, em que tudo levanta

e exalça a mente do sêr pensante e acabrunha a sua fraqueza physica, foi alli no reconcavo daquellas elevadissimas cumiadas de que a luz do dia a custo se desprende, fulgurando com irradiações nunca vistas no seio de tenebrosas noites, foi alli que Sarmiento traçou o programma da sua vida e delineou esse apostolado, que, muito mais feliz do que o commum dos pregadores e martyres, pôde vêr completo e triumphante, colhendo elle mesmo, embora largos annos depois, os saborosos fructos da arvore plantada por suas mãos e regada com o suor da meditadora fronte e com o sangue das suas veias.

Em 1836, voltou Sarmiento do Chile, e o contraste da paz, que preside á bella organização daquelle extraordinario e sympathico paiz, com os desmandos e convulsões então geraes na sua patria lhe aviventou o amor da ordem consorciada com a liberdade.

Não bastava sentir ;urgia ensinar aos outros, ensinar sempre, ensinar sem parar, e para isto, fundou escolas, afim de preparar a mocidade e derramou em profusão livros, ou para doutrinar os ignorantes ou incutir coragem aos indifferentes, timidos e apathicos.

Não tardou por isto a chamar sobre si as suspeitas da tyrannia do já famoso D. Manoel Rosas, e, em 1842, é lançado sem culpa, nem pretexto numa masmorra, de onde a custo escapou dos furores dos assassinos, graças á protecção do governador Benevides.

Foge, pois ; mas antes deixa gravada nas paredes do calabouço a celebre phrase que se torna o lemma da sua immorredoura prégação : « *On ne tue pas les idées.* »

Volta ao querido Chile, o doce retiro dos annos de infortunio, e alli paga com livros, ou de polemica historica ou de instrucção popular, a larga hospitalidade, que o acolhe e o acclama membro da Faculdade de Humanidades.

Attento, porém, aos acontecimentos da patria não se entrega ás doçuras e ao torpôr de vida commoda e respeitada; passa e repassa pelo contrario a penosissima serrania dos Andes, ás vezes a pé e no meio dos horrores de crudelissimo inverno, para ir soccorrer os concidadãos, a quem solícito dá viveres, abrigo, roupa, hospital e afinal

collocação na terra do carinhoso exílio, onde fundou a primeira Escola Normal e redigiu os primeiros jornaes da sua capital, Santiago.

O anno de 1845 assignala, como dissemos, a appareição de *Facundo Quiroga*, esse livro extraordinario, cujas primeiras palavras se nos afiguram magestoso portico em templo cheio de grandeza e temerosos mysterios, que vão ser desvendados pela eterna justiça de Deus.

« Terrível sombra de Facundo, exclama elle, vou evocar-te, para que sacudindo o ensanguentado sudario que envolve as tuas cinzas te levantes e nos expliques a vida secreta e as convulsões internas que dilaceram as entranhas de um nobre povo! Tu possues o segredo; revela-nos! Dez annos depois da tua tragica morte, o homem das cidades e o gaúcho dos pampas argentinos, ao tomar trilhas diversas, diziam: « — Não. Não está morto! Vive ainda! Elle voltará! » De certo, Facundo não morreu; vive nas tradições populares, na politica e revoluções argentinas; em Rosas, seu herdeiro, seu complemento. Sua alma passou para molde mais acabado, mais perfeito. O que nelle era só instincto, iniciativa e tendencia transformou-se em systema, effeito e fim. A natureza campestre, colonial e barbara transmudou-se nesta metamorphose em arte, systema e politica regular, capaz de apresentar-se á face do mundo como o modo de ser de um povo identificado com um tyranno, que aspirou tomar ares de genio, a dominar os acontecimentos, os homens e as cousas.

« Facundo, provinciano inculto, valente, audaz, foi substituido por um filho da culta Buenos-Ayres, homem falso, coração gelado, espirito calculista, que faz o mal sem paixão e lentamente organiza o despotismo com a intelligencia de um Machiavel — tyranno sem rival hoje na terra. Porque lhe disputarão os inimigos o titulo de *Grande*, que lhe prodigam os cortejos? Sim, grande e muito grande é para gloria e vergonha da sua patria, pois se encontrou milhares de seres degradados para se jungirem ao seu carro e arrastal-o por cima de cadaveres, tambem ha milhares de almas generosas que, em quinze annos de sangrenta lucta, não desesperaram de vencer o

monstro, que nos propõe o enigma da organização politica da Republica. Dia virá, por fim, que o resolvam; e a esphyngue argentina, metade mulher pela covardia, metade tigre pela ancia de sangue, morrerá aos seus pés, dando á Thebas do Prata a elevada posição, que lhe pertence entre as nações do Novo-Mundo! »

Durante tres annos, de 1845 a 1848, viajou Sarmiento muitos paizes da Europa e em todos elles achou o seu nome já conhecido e applaudido pelos homens mais illustres do Velho Mundo, com os quaes travou relações que dahi por diante manteve sempre a poder de activissima correspondencia.

De volta á America, foi que encetou mais directamente, por meio de pamphletos e livros da maior energia sem interrupção publicados, essa memoravel campanha da idéa e da liberdade contra Rosas, que terminou afinal pela batalha do Monte Caseros ganha, a 2 de Fevereiro de 1851, pelas armas brasileiras, unidas ás forças do governador de Entre-Rios D. Justo Urquiza, a quem o Imperio amparára com o prestigio do seu apoio e de uma acção prompta e efficaz.

Nella tomou parte o nosso heroe como tenente-coronel, e—facto bem curioso e digno de nota—a bella e vibrante narrativa official da acção, que derrubou um dos mais sanguinarios dictadores da região Platina, por elle foi escripta com a mesma penna, com que o despota acabára de assignar decretos de proscricção e morte, prova bem cabal de que «*on ne tue pas les idées.*»

Condecorado pelo governo do Brazil por actos de bravura na passagem do Tonelero, e desavindo já com Urquiza, que de certo não podia realisar o seu ideal, Sarmiento, já então demissionario do exercito, veio ao Rio de Janeiro, afim de seguir para o Chile e passou mez e meio em Petropolis, na mais grata e doce convivencia com o Sr. D. Pedro II.

Ahi se deu um episodiosinho, de character quasi intimo mas interessante, que pela primeira vez é entregue á publicidade.

Numa das amistosas palestras, em que aquelles dous elevados espiritos tão bem se comprehendiam,

pedio o Imperador a Sarmiento uma das obras, que não lhe fôra possível encontrar á venda e cujo titulo citou. «Não a tenho, respondeu elle apressado,» e depois com certo acanhamento: «Estou faltando á verdade. Não vale a pena Vossa Magestade lel-o; é opusculo de combate e violenta polemica.» Insistio o monarcha: «Compete-me decidir isto. Eu lhe peço; traga-me o livro.» «Pois bem, respondeu o outro, mas do meu lado instantemente rogo a Vossa Magestade deixe de ler as paginas que estiverem dobradas.» Ao entregar-lhe o folheto, o Sr. D. Pedro II lhe disse—«Religiosamente cumpri a promessa.» E com effeito, só muitos annos depois, foi que conheceu o que continha o trecho vedado,—acerbas accusações feitas ao Brazil, apaixonada diatribe contra a monarchia americana, cuja injustiça e improcedencia o illustre Argentino sem duvida lá no intimo plenamente reconheçêra.

Mas... apontemos simples datas; do contrario desta oração fariamos volumoso repositorio com muitas centenas de paginas, todas largamente recheiadas de actos da maior significação, do mais puro e acendrado patriotismo.

1852 — De volta do Chile, escreve a *Campanha do grande exercito*.

1853—Nomeado a um tempo deputado por Tucuman e á legislatura de Buenos Ayres, renuncia ambos os logares; publica os *Commentarios á Constituição*.

1855—Regressa á terra do seu nascimento, mas ali se vê, depois de tantos annos de peleja em favor dos outros, estrictamente vigiado e é quasi preso. Protesta e vai para Buenos Ayres, onde o nomeam director da Instrucção Publica. Aos seus esforços surgem mais de 100 escolas, e seus methodos pedagogicos, fructos do continuo meditar, recebem brilhante applicação. Occupa-se com questões administrativas; escreve um tratado de Sylvicultura; introduz o fio de arame para cercar as propriedades ruraes, cujo valor só por isto duplica, e crêa *potreiros* artificiaes, especies de *haras* para a remonta da cavallaria, que poderosamente concorreram para mais uma victoria da civilisação sobre a barbaria, da cidade sobre o pampa— a batalha de Pavon.

1858— Arrebrandando a guerra civil, Sarmiento



disciplina e organisa corpos de milícia. Senador por Buenos-Ayres, de que é nomeado governador, propõe utilíssimas medidas, que fazem daquella legislatura uma das mais fecundas.

1861— Governador de S. Juan, dedica ao torrão natal todas as qualidades de grande estadista.

1864— Ministro plenipotenciario no Chile, Perú e Estados-Unidos, sustenta nestes paizes Sarmiento os creditos da patria e por toda a parte colhe as homenagens devidas a tantos serviços e tamanha dedicação. Escreve a *Vida de Lincoln*, e, em Venezuela, *As duas Americas*, livro que alli produz verdadeira revolução moral e faz erigir innumeras escolas.

1867— Vai a Paris, onde goza da intimidade de Laboulaye, Thiers e mais vultos de marca.

Eleito afinal presidente da Republica Argentina occupa, de 1868 a 1874, a cadeira de Magistrado Supremo da nação, conquistando elle— o imperterritito batalhador da tyrannia— pela intelligencia e moralidade essa posição culminante, que durante tantos e tantos annos pertencêra aos selvaticos representantes da força bruta e do obscurantismo.

Tambem nova éra de paz, progresso e liberdade abriu de par em par as portas a todos os elementos de prosperidade, entre os quaes tomou a frente a immigração européa, a grande, a sã, a indispensavel, a salvadora immigração, a impulsão unica, vigorosa, irresistivel de todas as nações que se estão constituindo, qualquer que seja a sua fórma de governo.

Caminhos de ferro cortando por todos os lados o territorio argentino, linhas telegraphicas prolongadas até aos limites ultimos, accrescimo da renda publica a mais de 40.000:000\$, escolas por toda a parte, innumeros são os brilhantes attestados da administração de D. Domingos Sarmiento, provas completas emfim, de que como homem soubera ir além das grandes promessas feitas e das alentadas esperanças que suscitára.

Fóra do poder supremo é sempre a mesma individualidade na direcção do paiz, já como senador, já como

jornalista, porquanto nunca deu repouso á penna de ardente discutidor e applaudido publicista.

Em todas essas phases tão variadas e sempre dignas do estudo dos pensadores, só se lhe pôde notar ligeira fraqueza, que deixaremos sem commentarios—ter feito valer os seus serviços militares, aliás importantes, para conseguir a graduação de coronel e posteriormente de general. . . .

A 11 de Setembro, altim, deste anno de 1888, descansou o fatigado corpo, e as sollemnissimas exequias que lhe fizeram a Patria Argentina e o Chile bem demonstraram aos mundos a extensão da perda de tão grande estadista e o prestigio e gratidão, que soubera conquistar em todo o continente Sul Americano.

Ao entregar a bandeira chilena para cobrir o feretro de Domingos Faustino Sarmiento pôde o plenipotenciario D. Guilherme Matta com justiça e eloquencia affirmar :

«Se a Republica Argentina lhe deu berço, honras e meritos, a do Chile pondo nas mãos do athleta, então bem joven, a arma da penna e avigorando o seu entendimento em atmospheria livre e serena, incutiui-lhe forças moraes e elementos de luta bastantes para sem treagoas arcar contra os tyrannos que degradavam a sua patria e afinal vencel-os.»

#### IV

Voltando, senhores, á terra brasileira, lamentemos o fallecimento de um dos seus denodados filhos na ardua carreira politica. A 4 de Junho passado, morreu o conselheiro João da Silva Carrão, nascido a 14 de Maio de 1814 na cidade de Curitiba, hoje capital da Provincia do Paraná e então simples cabeça de uma das comarcas da de S. Paulo.

Lente estimado da Faculdade de direito, jornalista ardente em seus primeiros tempos de luta e sempre applaudido em todas as épocas, deputado geral e membro da Assembléa provincial em muitas legislaturas, presidente do Pará em 1857 e ministro da fazenda em 1866, foi afinal escolhido senador do Imperio a 9 de Dezembro de 1879.

Em sua longa existência prestou bons e incontestáveis serviços ao paiz e ganhou renome na tribuna parlamentar, sobretudo em assumptos jurídicos e financeiros. Como todos quantos, porém, se atiram nos braços avidos, hystericos e mortíferos da politica, nella soffreu grandes decepções, vendo, como acontece aliás em toda a parte, a ascensão facil dos astutos e sobretudo dos mediocres, reconhecendo quanto é inhabil aos calculos e ás aspirações da justa ambição a coherencia de principios e a firmeza de idéas e sobreindo curtindo dolorosos desganhos d'aquelles que considerara seus melhores e mais dedicados amigos.

Outro dos nossos consocios, desaparecidos este anno, começou, do mesmo modo que o conselheiro Carrão, a salientar-se na sociedade brasileira como lente da faculdade de Direito, mas no Recife, entregando-se tambem depois aos vaivens da politica, em que lhe tocou bem grave e acabrunhadora tarefa, como adiante diremos.

João José Ferreira de Aguiar, barão de Catuama, fallecido a 15 de Novembro proximo passado, nasceu a 10 de Janeiro de 1810 na cidade de Goyana, em Pernambuco. Filho de Antonio Ferreira de Aguiar e D. Ursula das Virgens Martins, foi, apesar da escassez dos meios da carinhosa familia, educado com o possivel cuidado e zelo, podendo matricular-se na primeira turma de estudantes, que frequentou a faculdade de Olinda, onde em Outubro de 1833, com 22 annos de idade, recebeu o grão de bacharel.

Abraçando a principio a magistratura, que depois abandonou pela politica e o magisterio superior, teve, a 10 de Maio de 1834, nomeação de juiz de direito da capital do Ceará e, dous annos depois, de presidente da provincia do Rio Grande do Norte, onde revelou notaveis dotes de administrador. Deputado geral em quatro legislaturas e membro da Assembléa Provincial em varias eleições, acccitou, a 26 de Abril de 1855, a cadeira de direito criminal da Faculdade do Recife, lugar que exerceu sem grandes interrupções até 9 de Fevereiro de 1884, com proficiencia nunca desmentida e grande applauso dos alumnos, que, no julgamento severo das provas, viam o cunho da justiça e da inflexibilidade do seu character.

Bella copia, já dera, dessa qualidade em 1849. quando se collocou ao lado da legalidade e com a maior efficacia ajudou a admiravel energia e nunca esquecida attitude do presidente Tosta. hoje venerando marquez de Muritiba, por occasião dos movimentos revolucionarios de Pernambuco.

Condecorado então com o habito de Christo, em 1854 com o officialato da Rosa, em 1860 com a commenda, distinguido a 9 de maio de 1874 com a carta de conselho, foi em julho deste anno agraciado com o titulo de barão de Catuama, de que pouco poudo fruir.

Ha instantes, alludi a uma phase tão compromettedora quanto penosa na vida publica do conselheiro Aguiar. Foi a presidencia da provincia do Ceará.

Quando tomou conta da administração a 23 de Novembro de 1877, substituindo o desembargador Estellita que desse elevado cargo fôra exonerado por Carta Imperial de 13 de Outubro daquelle anno, lavrava alli a secca, já uns nove mezes, a terrivel, secca, que periodicamente assola aquella bella e grande zona, e que de 1711 para cá nella sempre deixou as mais desoladoras recordações, das dezesete vezes que a tem salteado.

Ainda bem feliz, quando é parcial, como em 1745, 1809, 1817, 1827, 1830, 1833 e talvez agora em 1888 e não estende o devastador dominio sobre toda a provincia, accumulando horrores sobre horrores.

Parece provado que, além de certa relação secular, decorre de uma a outra o periodo de mais ou menos dez annos, em que a terra cearense como que toma resfolego e se apressa em produzir com pasmosa e compensadora exuberancia; mas não havia duvidar, nesse anno de 1877, soffria ella o flagello em todo o seu rigor, do mesmo modo que acontecêra em 1777, cem annos antes.

Aliás, como clima quente e humido na orla maritima e quente e secco no interior e pela sua posição especial em zona intertropical, sujeita a duas virações ou ventos en-contrados, oscilla o Ceará entre as calamidades da secca no verão e da inundaçào no inverno, sendo muitas vezes as consequencias desta tão fataes quanto as daquelle. Cita-se particularmente o inverno, que começou a 25 de

Novembro de 1871 e foi, quasi sem intervallos e com chuvas pesadissimas, até Junho de 1873.

Penetremos agora os umbraes do terrivel drama que se vai desenrolar e em que, durante mezes e mezes, figurou no primeiro plano o conselheiro Aguiar, como o centro para o qual convergiam as vistas angustiosas de toda uma provincia, ao vê-lo debater-se entre milhares de tremendas difficuldades de toda a ordem, em cujo numero não pouco de certo avultava a infrene e formidavel ganancia, que a desgraça geral açulava em vez de suffocar e a todo o transe procurava satisfazer a insaciavel voracidade, tirando quantiosos lucros da desventura de infelizes famintos e moribundos.

Barreira invencivel tornou-se contra esses impetos o zeloso e integro presidente, e de todas as vergonhas dequella malfadada época, emerge o seu nome não só puro e intemerato, mas tambem como symbolo de resistencias, que se de um lado altamente lhe abonam os escrupulos da consciencia, ao servir tão espinhoso munus, do outro deram cunho de avára restricção ás providencias que deveriam ter sido tomadas em mais larga escala.

Resalta esta dupla feição bem clara da bella obra do Sr. Rodolpho Theophilo, o historiador exacto e minucioso das misérias daquelle triste periodo, guia seguro e imparcial que iremos seguindo com a maior confiança.

## V

Largos e alegres annos decorreram, de 1845 a 1875, para a provincia do Ceará, sem que houvesse ella que se queixar do tempo e dos céos; e com a estupenda fertilidade do solo, mal seja um tanto regado, grande incremento se fizera notar em todos os ramos da actividade humana.

Sua população triplicára quasi, e as safras de algodão durante a guerra de secessão nos Estados-Unidos e outras circumstancias lhe tinham por toda a parte derramado valiosos cabedaes e suscitado grandes esperanças de um futuro inalteravel na prosperidade.

Escasso, porém, foi, quando menos se cuidava, o inverno de 1876, e alguns prodromos bem sensiveis em fins de



Dezembro começaram, no meio da despreocupação geral, a levar o sobresalto ao espirito dos velhos e experimentados, recordando-lhes sinistras previsões e as dolorosas scenas de vinte annos atraz. Fallára a *experiencia*, como lá se chama, de 13 de Dezembro, dia de Santa Luzia, e os ventos alisios sopravam de continuo rijos, dissipando com assustadora facilidade as nuvens e vapores que tendiam a condensar-se.

Appellava, contudo, o povo para as datas cyclicas de 15 e 19 de Março e via sua fé alentada com os aguaceiros, embora fracos e curtos, de Janeiro e Fevereiro.

Começou a época esperada, e a anciedade foi augmentando.

Imaginaí uma população inteira, centenas e centenas de milhares de entes com os olhos cravados no firmamento, buscando lêr nelle indícios de salvação ou prenuncios de irremediavel e cruel ruína!

E á medida que se iam as horas escoando, mais e mais crescia e engrossava a afflicção, como angustia tremenda. Se de momento se toldava, por pouco que fosse, qualquer ponto da mysteriosa abobada, para lá se erguiam soffregos todos os votos, todas as preces daquella gente supplice e inquieta, que entretanto, na noite de 14, buscou repouso alvoroçada de prazer, pois o ennublamento quasi geral indicava para o dia seguinte copiosa e suavisadora descarga.

Raiou a aurora de 15, e a amplidão celeste rutilava de um ponto ao outro na fulgencia de formosa manhã, como que a escarnecer da miseria em que campeavam esses offuscantes e lethaes esplendores!

Em todo o espaço nem uma nuvem, nem uma sombra de consolação!

Ah! o sol impiedoso a dardejar mil desventuras na indiferença das grandes forças inconscientes!

E o vento, como que a bel prazer varrendo na implacavel logica de leis ainda para nós desconhecidas, a felicidade de tantos e tantos entes, já certos dos pavorosos males prestes a cahirem, inflexiveis, inadiaveis.

Para que essa missão destruidora, esse flagello como castigo que nada pôde arredar e commover?...

Foi o dia de S. José o signal do alarma, e da comarca da Telha partio o primeiro brado de soccorro, não tardando que em muitos pontos de outros districtos fizesse logo a população pobre concorrência aos animaes, procurando mitigar a fome com a *mucunã*, as raizes da *manicobinha*, o *chiquechique* e o *páo de mocó*.

Estava declarada a sêcca, e com ella entravam todos os crimes e desolações que costumam acompanhar as grandes calamidades publicas — vieram as hordas de ladrões e assassinos, a emigração em massa, atropellada e aos empurrões, o éxodo desordenado dos desgraçados, o abuso dos prevaricadores levado ao auge, as violações de virgens e crianças, o abandono dos velhos e invalidos, as epidemias, a variola, o beriberi, a mortalidade cada vez mais crescente, tudo, tudo enfim! Nem faltou a anthropophagia! Houve pai, (causa horror relatar attentado tão estupendo!) que devorou as carnes do proprio filho: houve mulher que se saciou nos cadaveres de duas irmãs!

El bandos de urubús, enormes, incontaveis, pairavam sobre aquelles nefandos quadros, á farta cevando a fome nos corpos dos homens e animaes, que para cumulo de horrores se viam cercados de nuvens de morcegos, verdadeiros vampiros a sugarem o pouco sangue, que lhes corria ainda nas veias.

Quem jámais poderá dar idéa, por longiqua que seja, das scenas que então se passaram? Com eloquente concisão diz Rodolpho Theophilo:— « Os olhos que as viam baixavam-se ao peso das lagrimas! »

Em tão apertadas circumstancias foi que chegou o presidente Ferreira de Aguiar, o qual vinha de fóra com o cauteloso espirito prevenido, pois se as verdadeiras desgraças do Ceará echoavam por todo o Imperio e compungiam o coração dos brazileiros, tambem repercutiam longe as indignas historias da locupletação dos ricos e magnates a explorarem situação tão dolorosa, e ferviam as mais acerbas accusações aos « *ladrões de casaca e luvas de pelica* », na conhecida phrase do conselheiro Leoncio de Carvalho, em pleno parlamento.

A desordem politica, que habitualmente reina no Ceará, em que se degladiam, não partidos arregimentados sob bandeiras de idéas e principios, mas simples interesses de familias e individuos, provocando assim a cada momento e desde muito incidentes escandalosissimos e deploraveis a mais não poder, essa politica, ainda mais accessa naquelle momento, era gravoso, quasi insuperavel obice aos sinceros desejos do presidente de bem guiar-se no meio de tamanho cahos e luctas tão odientas e tacanhas.

Eis a razão, porque o conselheiro Aguiar saltou em terra de sobreaviso e, digamol-o francamente, de sobreceinho carregado. Trazia consigo innumeras prevenções, o que explica as seguintes palavras de Rodolpho Theophilo :

« Logo de principio, quando o procuravam para lembrar-lhe medidas, mostrava-se de máo humor. Fatiado pelos annos e pelo longo magisterio, enfezado e em continua irascibilidade, que mais se aggravava com padecimentos chronicos, tornava-se incompativel com as exigencias do serviço publico em quadra tão espinhosa ! »

Se este esboceto tem alguns visos de verdade, ainda veremos do mesmo autor palavras bem differentes e que fazem completa justiça ao nosso biographado.

Todo o empenho do conselheiro Aguiar, a sua preocupação constante foi pôr diques ao latrocínio dos que procuravam encher-se á custa da miseria do povo; e ahí mostrou elle uma força de vontade inquebrantavel, uma energia superior a todas as manobras e tortuosidades da prevaricação; mas tambem dahi decorreram algumas ordens precipites e não ajudadas pela clemencia dos céos — assim a internação de muitos retirantes em Janeiro de 1878, pois o dia de S. José daquelle anno foi nova e mais aca-brunhadora decepção e prologo de soffrimentos, se possivel era, mais profundos e cruciantes.

Com o recrudescimento da secca, ainda mais alçou a cabeça a improbidade, a tal ponto que um representante vitalicio da provincia chegou a exclamar « que a população da sua provincia natal parecia quasi toda composta só de ladrões. »

O conselheiro Aguiar luctava, luctava como um

gigante contra a hydra de cem cabeças, contra esse Protên de mil fôrmas, que cauteloso se occultava sob as vestes do cavalheirismo desinteressado, ou descaradamente ostentava cynico alarde e protervia sem igual; mas já sentia o desanimo invadir-lhe a alma e tolher-lhe as forças physisas e moraes !

A *muamba*, como popularmente appellidavam o furto feito ao Estado e ao pobre, estendêra-se como vastíssima rêde por sobre toda a provincia, pelo que o povo, chorando de fome e raiva, cantava ainda no estertor da agonia :

A barca da muamba  
Corre mais que o vapor.  
Ai amor !

Que sinistra copla ! E não poupavam ellas ninguém, e, como desforço do infimo contra o prepotente, do que soffre contra quem abusa, desfiavam os nomes de quantos se envolviam em negocios de soccorros publicos.

Crearam-se abarracamentos, nomearam-se commissarios, e entre estes houve quem levasse o cynismo a ponto de mandar para o mercado generos do Estado afim de serem vendidos por conta propria !

Entretanto pejavam mais de 40,000 retirantes a capital do Ceará, e ali se desenvolveu intenso o espirito de caridade e solicitude do conselheiro Aguiar. Cedamos a palavra ainda uma vez a Rodolpho Theophilo, que tão severo se mostrou para com elle da primeira vez : « Não era raro encontrar-se á noute o presidente, visitando incognito os domicilios da miseria. Diziam, que indagava dos retirantes em que conta tinham o administrador da provincia e de todos ouvia as mais amarguradas queixas, as mais atrozes censuras. A verdade, como lamina de punhal, lhe atravessava o coração, todas as vezes que ouvia dos labios gretados das victimas da sêcca sahir uma maldição ao seu governo. Era elle, entretanto, quem procurava o mendigo, quem tirava da bolsa a esmola para lhe matar a fome. »

Já então, felizmente para o seu coração e espirito,

ia findando a onerosa administração, e, com a quéda da situação conservadora em começos de 1878, pôde passar, a 22 de Fevereiro daquelle anno, o governo provincial ao segundo vice-presidente Paulino Nogueira e embarcar, a 26, no vapor *Espirito-Santo*, que em breve o distanciou daquelle theatro de tantos horrores, amofinações e desesperos.

## VI

Foram scenas de ha dez annos, senhores, e, entretanto agora, neste momento, vemol-as repetidas, reproduzindo todas as suas phases calamitosas, entremeadas de vergonhas moraes e cruezas physicas. Na quadra presente, alli está o Ceará já feito vastissimo lenço de cinzas, á espera dos dias de Março, que, se não lhe trouxerem chuvas, serão a porta aberta a todas as desventuras. Do mesmo modo que ha um decennio apenas, do mesmo modo que sempre, os animaes, o gado, as criações, já rodeiam inquietos e assustados o homem, como que a lhe lançarem em rosto a sua incuria e impotencia.

« Para que, (parecem incriminal-o na muda e afflictiva contemplação), nos dobraste á eterna vassalagem? Para que enfraqueceste pela domesticidade os nossos meios de resistencia, quebraste as forças das nossas azas, peaste a ligeireza dos nossos passos, senão para nos protegeres em tão terribes angustias? » E qual a resposta?

A tamanho sinistro será solução o éxodo, a despovoação, o abandono dessa terra malsinada?

Não, por certo. Ao Brazil de hoje, ao grande Imperio americano é obra de obrigatorio patriotismo saber acudir a esses males e obviar-os para sempre.

E já estaria muita cousa feita, contrariando os desastrosos effeitos da secca que se espera e está imminente, se a politica cearense, mais intrincada ainda e trefega do que a politiquinha das outras provincias não tivesse, ha annos, arredado um homem de grande valor, que com poderosos elementos de acção se propunha a resolver o problema vital para aquella ardente e ameaçada zona.



Fallo do engenheiro Revy ; e quem de perto lida com esse profissional, quem conhece os seus trabalhos sobre processos da irrigação artificial e permanente no Norte da Italia. que estudou longa e pacientemente ; quem verifica a rectidão dos seus largos intuitos, profundamente lamenta que mesquinhas questões de provincialismo enfezado, cheio de furores e quasi incompreensíveis intentos, concorram permanentemente para a desgraça de toda aquella provincia.

Para o Ceará a grande questão é ter promptos meios de comunicação e grandes açudes, que por si proporcionem agua em abundancia e ao mesmo tempo influenciem a atmosphera. De certo, pequenos receptaculos prestam bons serviços, e não é de desprezar o exemplo da comarca de Jaguaribe-mirim, salva por uma unica chuva que encheu todos os depositos disseminados em muitos dos seus pontos ; mas a solução verdadeira e quasi unica é a formação de vastissimos reservatorios no interior, á maneira daquelle Mediterraneo, que o genio francez quer abrir e crear no centro da Argelia.

Recua-se diante das sommas a gastar? Agora mesmo, está Portugal construindo uma obra colossal no genero, em Aviz, não para acudir a seccas que enxotam da sua patria dezenas de milhares de homens, mas para dar pela irrigação vida ubertosa a milhares de héctares, por emquanto quasi improductivos. Custará a albufeira 800 contos de nossa moeda, e formar-se-ha um lago de 770 héctares de superficie por meio de uma barragem de 48.000 metros cubicos de alvenaria hydraulica.

E que fez ha seculos a Italia e está continuando a fazer? Qual o seu fim, sinão irrigar a terra para lhe dobrar o valor, decuplicando-o, quando não centuplicando-o? Que melhor exemplo para nós, que precisamos cuidar seriamente do Ceará até hoje abandonado aos caprichos das estações, do que aquella admiravel provincia de Milão?

O ligeiro historico que de trabalhos tão providentes dá Elysée Reclus em sua gigantéa *Geographia Universal* é simplesmente de pasmar. Conta elle o modo porque são fertilisadas todas aquellas terras, que recebem para assim dizer humus liquido por meio de innumeras arterias

e arteriolas. postos em pratica todos os segredos da hydraulica, que os engenheiros lombardos applicaram sem o prévio ensinamento dos arabes.

Hoje então aquillo tudo tomou incremento estupendo e constitue a mais extraordinaria rede de canaes, que jámais foi construida para beneficiar o sólo e delle tirar o maximo proveito, embora seja a região que ella fecunda sufficientemente supprida de chuvas, ficando ao abrigo das calamidades que devastam o Ceará. Mas ainda assim, a agua fornecida pelo enidado secular e intelligente do homem é tres vezes superior ao total, que lhe é dado pelos céos.

E são de tal ordem os resultados, economica e socialmente fallando, que o genio italiano não cessa em seu empenho de crear novos e novos canaes, que vão sendo construidos, deitando para todos os lados derivações por tal modo subdivididas, que em um momento dado torna-se possivel e facil irrigar e embeber d'agua a mais afastada e insignificante parcella de terra.

Não param, porém, ali os prodigios da arte; vão além. até á formação do campo *marcite*, a ultima palavra da agricultura intensiva, isto é, grandes áreas de terreno susceptiveis de cultivo e para elle promptos no coração da estação invernosa, quando em torno tudo fica sepultado sob a neve e o gelo. Para este formoso resultado, que põe a nota verdejante e alegre de vivaz vegetação no meio das tristezas da natureza inerte e entorpecida, servem as fontes artificiaes, que fornecem agua na temperatura de 14 grãos centigrados e levam á terra, em que circula e se reparte por infindos canaliculos, calor e inesperadas forças para a continuação da vida activa e productora.

Antes, porém, dos proventos, quantos calculos scientificos, quantas canseiras, que ingentes esforços !

« Para se formar um *marcite*, diz o Sr. Revy na interessantissima memoria escripta depois de cauteloso estudo feito nos logares, é preciso nivelar toda a superficie sobre planos de inclinações exactas, sendo o campo cruzado por grande numero de vallas de supprimento e esgotoligadas com os canaes de derivação ».

E só se faz esse nivelamento depois de tirada com

toda a cautela a camada fina de terra vegetal, que é removida de lado, para ser posteriormente distribuída por toda a superfície do campo artificial, uma vez terminadas as grandes obras de aterro e desaterro.

D'ahi redditos enormes, além do beneficiamento das populações que lá se condensam, como talvez em parte alguma do globo. Tendo o Estado empregado na provincia de Milão, por espaço de largos annos, a somma de 30 milhões de francos, a renda annual que ella produz hoje está augmentada de 150 milhões !

Tornou-se tambem o primeiro factor da riqueza da Italia, e ao passo que no Reino a contribuição geral é de 40 francos por cabeça, sóbe alli a taxaçaõ a 67 1/2 francos.

Era isto, que em justas proporções, adaptadas ás circumstancias, queria o illustre profissional realisar na ardente zona do Ceará por meio dos grandes reservatorios, dos quaes devia ser typo o tão fallado açude do Quixadá, que constituiria massa já considerabilissima de agua a derramar favores sem iguaes ao solo circumvizinho, sequioso sempre, mas avido de receber qualquer beneficio, para logo o pagar e retribuir em incalculaveis messes e fabulosas seáras.

Confiadamente e debaixo da sua immediata responsabilidade assegurava ; « construcções dessas farão do Ceará para o Brazil o que Milão é para a Italia ».

A maldita politica nas suas ridiculas subdivisões em *caracarás*, *gráudos*, *miúdos*, *ripardos*, *acciolys*, *minús* e ninguem sabe mais o que, decidio de modo diverso, levantou mil obices e cortou o vôo ás nobres ambições do valente engenheiro, que anhelava ligar o seu nome a grandes obras da arte. Questões de nonada a inutilisarem planos de gigante !

Que triste espectaculo por isso vimos outr'ora, vêmos hoje e veremos sempre !

O Ceará tornado espantallo continuo do thesouro publico, terror do erario nacional ; o Ceará forçado a assistir á partida dos seus filhos, ao despovoamento em massa dos seus municipios ; o Ceará feito arena das maiores calamidades a voltarem periodica e insistentemente com sysphismo fatal e inexoravel ; o Ceará theatro

da pungente desventura do povo e dos escandalos dos prepotentes: o Ceará, emfim, constituido remorso constante e agudo á imprevidencia e falta de perseverança dos nossos governos!

E entretanto que nobre povo aquelle! Só pede um pouco da protecção dos céos ou do auxilio da sciencia para viver independente e feliz, para progredir e avantajar-se, mais do que qualquer, na esphera moral e material! Quem, na verdade, deu o primeiro e maior exemplo ao Brazil inteiro nessa immensa cruzada contra a escravidão, que só ha pouco chegou á conclusão e tão almejado finalizar? E com que desgosto, com que vexame, com que constrangimento, ante a inclemencia dos destinos, estende elle a mão á esmola official e á recebe, coada das malhas da infame e vil *muamba*?

Urge, por Deus, urge quanto antes pôr termo a semelhante estado de cousas. Esmague-se de uma vez aquella politica insaciavel, mesquinha, intolerante e intoleravel, incomprehensivel quasi em todas as suas feições, esterilizadora como a sêde; clame bem alto a voz do interesse publico, abafando os cochichos e intriguinhas movidas pela conveniencia de familias e pessoas; constitua-se o Ceará o motivo perenne da preocupação de todos os politicos brasileiros; derramem-se alli 50, 80, 100 mil contos gastos utilmente em estradas de ferro, em represas colossaes, em pequenos açudes e cisternas; organsem-se perfectos serviços metereologicos; melhorem-se os portos; faça-se emfim daquella desventurosa zona uma região para sempre ao abrigo de tão tremendos e repetidos golpes e horrores.

Quanto se não despendeu na sêcca de ha dez annos? Quantos milhares de contos de réis malbaratados ou atirados ás fances hiantes da dissipação e da rapina? E agora, quando se preludiam scenas identicas, não voltarão, por ventura, todos os penosissimos compromissos, que a bella unidade do Imperio rigorosamente nos impõe?

Por duas pragas é o Ceará assolado: a sêcca e as facções partidarias. Cumpre dar-lhes combate de morte, exterminal-as ambas, até que tudo entre no regimen normal,



consentindo vida e prosperidade estaveis, livres de incessantes ameaças e aterroradoras perturbações.

Pocos artesianos, trabalhos hydraulicos bem planejados e rapidamente executados, estradas de ferro levadas por diante com energia — eis o pensamento que deve ser commum ao patriotismo da Provincia e ao dever do Estado. Nada pôde, nada deve postergal-o.

Enquanto, porém, gyrar no apertado e doloroso circulo em que se estorce, todo elle cravejado de agudissimas e ferreas pontas a lhe dilacerarem as carnes, traçado pelos seus implacaveis politicos sem excepção, nada mais será do que batido joguete da sorte e da maldita ambição dos homens....

Muito havia que dizer-se ; mas o tempo escasseia.

Já demais abusei da complacente benignidade de Vossa Magestade Imperial e da bondade do selecto e illustre auditorio.

Mal me é dado ás pressas gravar nas lapidas funerarias desta casa ainda tres nomes credores do respeito de todos e da nossa sincera afeição — os de Demetrio Cyriaco Tourinho, do Dr. Manoel Soares da Silva Bezerra e sobretudo do benemerito coronel Francisco Antonio Pimenta Bueno, fallecido na noite de 7 do corrente, e que em todos os degrãos da nobre e digna carreira militar sustentou com brilho, quer nos recontros da luta armada, quer nos labores da sciencia, o venerando nome que carregava, como filho do nunca olvidado estadista Marquez de S. Vicente.

Impossivel é lavrar-lhe elogio maior, nem mais completo.



E agora, Senhor, em nome daquelles que não podem mais fallar, cerrados os labios pelo inquebrantavel sello da morte, eu, que delles me occupei e os exaltei na medida das minhas forças e posses, eu Vos agradeço do fundo d'alma, por terdes ainda uma vez querido tributar-lhes



alevantada oblação de saudade e apreço, presidindo esta festa commemorativa, destinada sobretudo a honrar-lhes a memoria e relembrar o que foram em vida.

Ouvi ! Do seio da terra como que surge uma voz solemne e commovida, éco estranho e que não é mais deste mundo : « A Vós, Imperador do Brazil, ainda uma vez, e para sempre, gratidão, gratidão de além tumulo. gratidão eterna ! »

# PREITO

DO

Instituto Polytechnico Brasileiro de 1888

A' SUA Magestade o Imperador Tributa Preito e Homenagem e Reverentemente comprimenta a' Augusta e Excelsa Familia Imperial o Instituto Polytechnico Brasileiro de 1888.

Illm. e Exm. Sr. presidente.—O Instituto Polytechnico Brasileiro, em sessão presidida por Sua Alteza o Senhor Principe Conde d'Eu, teve a satisfação de receber o honoroso officio do Instituto Historico Geographico Brasileiro convidando-o a assistir a sessão magna, que hoje celebra essa veneranda academia.

Accedendo ao fraternal convite, dignou-se Sua Alteza Serenissima de nomear a presente commissão constante dos illustres Srs. commendadores engenheiro Luiz Schreiner e primeiro tenente Adolpho Pereira Pinheiro, e do menos esclarecido dos seus consocios, ao qual não obstante cabe agora a subida honra de ser interprete dos sentimentos e cordiaes affectos da mesma associação para com o muito respeitado e venerando Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Congratula-se pois, e confraternisa-se o Instituto Polytechnico Brasileiro com esta benemerita, illustre, nobre e afamada congregação dos eminentes Brasileiros e de outros sabios da Europa e de ambas as Americas.

Congratula-se, e cada vez se convence mais, de que, pelos exemplos que tão illustres e assignalados varões estão sempre a mostrar, de amor ás letras e ás mais altas

sciencias, de homenagem á virtude, de applausos a acções e comettimentos altos e nobres, de sympathia ás idéas grandes e generosas, de gratidão a nacionaes e estrangeiros que mais serviços prestaram ao desenvolvimento social e á civilização do Brazil, de edificante veneração aos patriarchas do glorioso dia 7 de Setembro. de animação a todos que procuram contribuir para a prosperidade deste rico e florescente imperio; congratula-se o Instituto Polytechnico Brasileiro, e cada vez se convence mais, de que, por estes exemplos, concursos e esforços de nacionaes e de collabores da Europa e da America, elevar-se-á o Brazil, em futuro não longinquo, aos altos destinos que lhe tem reservado a Providencia-Divina.

Congratula-se não menos, e tributa reverente preito á sabedoria que se enthesoura na serie numerosa da *Revista Trimensal* d'este polymathico instituto. E' n'este thesouro de vasta erudição, quer pelas investigações e pesquisas tocantes á geologia, geogonia, mythologia, theogonia, hypogheonia, usos, costumes, phonologia, linguistica das primeiras épocas e dos primitivos incolas do Brazil; quer pelo que respeita á debatida questão do descobrimento accidental ou tencional d'esta fôrtilissima parte do novo mundo; e quanto ainda pelo que entende com a consequente evolução social e politica, e concerne á biographias, monographias, memorias e estudos polymaticos, a padrões ou modelos da correção da phrase, da magestade e belleza do estilo e da linguagem; é nesse thesouro, que póde encontrar-se a característica da capacidade mental, da esmerada erudição, do merecimento distincto, dos relevantes serviços em summa, que tão veneranda associação ha prestado á grande causa do progresso e prosperidade do Brazil. E' n'esse thesouro ainda, que os precursores da natural phonologia e consequente orthographia brasileira, estão a colher, a haurir os verdadeiros elementos devidos ás causas de grande extensão e que produzem em todo o mundo essas características ou diversos typos da linguagem. E' n'elle, que estão a calcular e a medir as resultantes das multiplas forças de tão maravilhoso sistema!...

Tal como os portentosos legados de Egyptios,

Assyrios, Persas, Gregos e Romanos, ainda hoje sublimes, eloquentes e dignos de admiração, assim estes monumentos da *Revista Trimensal* do Instituto Historico e Geographico Brasileiro subsistirão pelos seculos dos seculos, e attestarão o grão do progresso e da civilisação do Brazil em cada época da sua historia.

Congratulando-se ainda com esta veneranda academia pelo brilhantismo e esplendor da sua magna sessão, o Instituto Polytechnico faz constantes votos pela grandeza e prosperidade do Instituto Historico, e saudando outra vez á Sua Magestade Imperial, Augusto Protector d'este colendo Instituto, pede ao mesmo, que, acceitando o abraço fraternal, que lhe traza presente commissão, consinta, que neste augusto recinto profira ella o mote, que a distingue e aos seus illnstres consocios :

*Pro Brasilia connitamur.*

Côrte 15 de Dezembro de 1888.

*Luiz Schreiner. Ignacio Joaquim da Fonceca, chefe de divisão graduado.*

---

Sessão em assembléa geral para a eleição da  
mesa e comissões para o anno de 1889, celebrada em  
21 de Dezembro de 1888

Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto  
de Souza Silva

A's 6 horas da tarde, reunidos na sala do Instituto Historico e Geographico Brasileiro socios em numero legal,\*o Sr. presidente abriu a sessão em assembléa geral para a eleição dos membros da meza e das comissões, que devem servir no anno social de 1889; e procedendo-se á eleição na forma dos estatutos, foram eleitos :

PRESIDENTE

Commendador Joaquim Norberto de Souza Silva.

1.º VICE-PRESIDENTE

Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.

2.º VICE-PRESIDENTE

Visconde de Beaurepaire Rohan.

3.º VICE-PRESIDENTE

Dr. Joaquim Pires Machado Portella.

1.º SECRETARIO

Barão Homem de Mello.

---

Assistiram á sessão os Srs. Joaquim Norberto de Souza Silva, Dr. Pinheiro de Campos, mosenhor Manoel da Costa Honorato, Dr. Luiz Cruls, Dr. Cesar Marques, Dr. Alfredo Piragibe, conselheiro Alencar Araripe, conselheiro José Mauricio F. Pereira de Barros, commendador Luiz Rodrigues de Oliveira, Dr. João Severiano da Fonseca, senador Escragnolle Taunay, conselheiro Olegario d'Aquino Castro, Dr. Francisco I. Ferreira, 1º Tenente Garcez Palha, João Capistrano d'Abreu, Barão Homem de Mello, Barão de Beaurepaire Rohan, Henrique Raffard, Dr. Joaquim Portella, commendador José Luiz Alves e Barão de Miranda Reis.



2.º SECRETARIO

Coronel Augusto Fausto de Souza.

SECRETARIOS SUPPLENTES

Dr. João Severiano da Fonseca.

Dr. José Alexandre Teixeira de Mello.

ORADOR

Senador Alfredo de Escragnolle Taunay.

THESOUREIRO

Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

COMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

Commendador José Luiz Alves.

Commendador Luiz Rodrigues de Oliveira.

Dr. Francisco Ignacio Ferreira.

COMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO

Dr. José Alexandre Teixeira de Mello.

Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

Dr. João Severiano da Fonseca.

COMISSÃO DE REVISÃO DE MANUSCRIPTOS

Dr. Alfredo Piragibe.

Conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de  
Barros.

João Capistrano de Abreu.

COMISSÃO DE HISTORIA

Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake.

Dr. Manoel Antonio Moreira de Azevedo.

Barão de Ramiz.

COMISSÃO SUBSIDIARIA DE HISTORIA

Monsenhor Manoel da Costa Honorato.

Dr. Augusto Cesar Marques.

Visconde de Souza Fontes.

## COMMISSÃO DE GEOGRAPHIA

Dr. Luiz Cruls.

Barão de Capanema.

Capitão-tenente Francisco Calheiros da Graça.

## COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE GEOGRAPHIA

Capitão de fragata José Candido Guillobel.

Barão de Miranda Reis.

1.º Tenente José Egidio Garcez Palha.

## COMMISSÃO DE ARCHEOLOGIA

Dr. Iadislau de Souza Mello Neto.

Barão de Capanema.

Arthur Indio do Brazil.

## COMMISSÃO DE PESQUIZAS MANUSCRIPTOS

Henrique Raffard.

Tenente Pedro Paulino da Fonseca.


Dr. Felizardo Pinheiro de Campos.

## COMMISSÃO DE ADMISSÃO DE SOCIOS

Senador Alfredo de Escragnolle Taunay.

Conselheiro Olegario Herculano de Aquino Castro.

Senador Manoel Francisco Corrêa.





## **Socios admittidos**

**Em 1888**

NACIONAES

D. Antonio de Macedo Costa (Bispo do Pará), admittido  
em 13 de Julho.

Barão de Ibituruna, em 13 de Julho.

Arthur Indio do Brazil (1º Tenente), em 13 de Agosto.

José Luiz Alves (Commendador), em 13 de Agosto.

Luiz Cruls (Dr.), em 13 de Agosto.

Luiz Rodrigues de Oliveira (Commendador), em 13 de  
Agosto.

Marquez de Paranaguá, em 13 de Agosto.

Virgilio Martins de Mello Franco (Dr.), em 13 de Agosto.

---

## **Socios falecidos em 1888**

NACIONAES

Antonio de Paula Ramos, faleceo em 15 de Outubro.

Barão de Catuama (João José Ferreira d'Aguiar),  
em 18 de Novembro.

Demetrio Ciriaco Tourinho, em 16 de Abril.

Domingos Soares Ferreira Penna, em 9 de Janeiro.

Ernesto Ferreira França, em 24 de Dezembro.

Francisco Antonio Pimenta Bueno, em 7 de Dezembro.

João Franklin da Silva Tavora, em 18 de Agosto.

João da Silva Carrão, em 4 de Junho.

Manoel Soares da Silva Bezerra, em 29 de Novembro.

Visconde de Ubá (Joaquim Ribeiro d'Avellar) em 2 de Setembro.

#### ESTRANGEIROS

Domingos Francisco Sarmiento, faleceu em 11 de Setembro.

Jorge Cezar Figanière, em Abril.

José Victorino Lastarria, em 14 de Junho.

Miguel Luiz Amunátegui, em 25 de Janeiro.

Principe Engenio de Saboia Carignan, em 16 de Dezembro.

---



# LISTA

dos

## Socios nacionaes honorarios, effectivos e correspondentes

CONFORME AS ULTIMAS DELIBERAÇÕES TOMADAS PELO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO. EM 31 DE DEZEMBRO DE 1888.

### HONORARIOS\*

	ADMISSÃO NO INSTITUTO	RESIDENCIA
1. Commendador Joaquim Noberto de Souza Silva.....	12 Ag. 1841	Côrte
2. Visconde de Mauá (Irineo Evangelista de Souza).....	22 Mai. 1857	Petropolis
3. Conselheiro Barão Homem de Mello (Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello).....	3 Jun. 1859	Côrte
4. Senador João Manoel Pereira da Silva.....	1 Bez. 1838	»
5. Tenente - General Visconde de Beaurepaire Rohan (Henrique de Beaurepaire Rohan).....	10. Jun. 1847	»
6. Dr. Manoel Duarte Moreira d'Azevedo.....	5 Dez. 1862	»
7. Conselheiro Olegario Herculano de Aquino Castro.....	14 Jul. 1871	»
8. Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.....	21 Out. 1870	»
9. Dr. Maximiano Marques de Carvalho.....	23 Jan. 1845	»
10. Dr. Cezar Augusto Marques.....	4 Ag. 1865	»
11. Senador Alfredo d'Escagnolle Taunay.....	28 Mai. 1869	»
12. Senador João Alfredo Correia de Oliveira.....	19 Nov. 1887	»

### EFFECTIVOS

	ADMISSÃO NO INSTITUTO	RESIDENCIA
1. Dr. Felizardo Pinheiro de Campos.	1 Dez. 1838	Côrte
2. Commendador Antonio Alvares Pereira Coruja.....	19 Dez. 1839	»
3. Barão de Nogueira da Gama (Nicolão Antonio Nogueira da Gama).	4 Nov. 1841	»
4. Francisco José Borges.....	9 Dez. 1847	»
5. Barão de Capanema (Guilherme Schuch de Capanema).....	19 Out. 1848	»

\* A collocação vai por ordem chronologica da elevação ao grão de socio honorario.

	ADMISSÃO NO INSTITUTO	RESIDENCIA
6. Conselheiro Visconde de Souza Fontes (José Ribeiro de Souza Fontes).....	23 Set. 1848	Côrte
7. Conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros.....	19 Set. 1856	»
8. Barão do Ladario (José da Costa Azevedo).....	7 Nov. 1862	»
9. Dr. José Vieira Couto de Magalhães	5 Dez. 1862	S. Paulo
10. Dr. José Saldanha da Gama.....	18 Ag. 1865	Côrte
11. Conselheiro Dr. João Ribeiro de Almeida.....	11 Out. 1866	»
12. Barão do Rio-Branco (José Maria da Silva Paranhos).....	7 Nov. 1867	Europa
13. Dr. Luiz Francisco da Veiga.....	22 Mai. 1868	Côrte
14. Dr. Joaquim Pires Machado Portella	17 Jun. 1870	»
15. Monsenhor Dr. Manoel da Costa Honorato.....	17 Nov. 1871	»
16. Dr. Ladislão de Souza Mello Neto	14 Jul. 1871	»
17. Barão de Ramiz (Benjamim Franklin Ramiz Galvão).....	16 Ag. 1872	»
18. Conselheiro Dr. Nicoláo Joaquim Moreira.....	17 Jul. 1874	»
19. Barão de Marauá (João Wilkens de Matos).....	1 Dez. 1875	»
20. Dr. Rozendo Muniz Barreto.....	6 Ag. 1875	»
21. João Barbosa Rodrigues.....	29 Set. 1876	Amazonas
22. Coronel Augusto Fausto de Souza.	28 Mai. 1880	Côrte
23. Dr. João Severiano da Fonseca...	1 Out. 1880	»
24. Dr. Alfredo Piragibe.....	26 Nov. 1880	»
25. Barão de Tefé (Luiz Antonio von Hoonholtz).....	29 Set. 1882	»
26. Capitão-tenente Francisco Calheiros da Graça.....	29 Set. 1882	»
27. Dr. José Alexandre Teixeira de Mello.....	24 Nov. 1882	»
28. Capitão-tenente José Candido Guilhobel.....	24 Nov. 1882	»
29. Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake.....	4 Out. 1883	»
30. Primeiro-tenente José Egidio Garcez Palha.....	7 Dez. 1883	»
31. Capitão-tenente Manoel Pinto Bravo	7 Dez. 1883	»
32. Tenente Pedro Paulino da Fonseca.	7 Dez. 1883	»
33. Dr. Francisco Ignacio Ferreira....	21 Ag. 1885	»
34. Henrique Rafard.....	16 Out. 1885	»
35. Senador Manoel Francisco Correia	1 Out. 1886	»
36. João Capistrano d'Abreu.....	19 Out. 1887	»
37. Tenente-General Barão de Miranda Reis (José de Miranda da Silva Reis).....	15 Jul. 1887	»
38. Dr. Francisco José Ferreira Baptista.....	15 Jun. 1839	»
39. Barão de Lavradio (José Pereira Rego).....	23 Jan. 1840	»

	ADMISSÃO NO INSTITUTO	RESIDENCIA
40. Senador Visconde de Sinimbu (João Lins Vieira Cansansão de Sinimbu).....	1 Out. 1840	Côrte
41. Visconde de Barbacena (Felisberto Caldeira Brant).....	12 Agt. 1841	"
42. Dr. José Jansen do Paço.....	12 Out 1843	"
43. Senador Barão de Cotegipe (João Maurício Wanderley).....	23 Jan. 1845	"
44. Conselheiro José Tavares Bastos..	25 Jan. 1845	"
45. Conselheiro Quintiliano José da Silva.....	23 Jan. 1845	"
46. Barão de São-Felix (Antonio Felix Martins).....	17 Set. 1846	"
47. Barão de Macahubas (Abilio Cezar Borges).....	9 Dez. 1847	"
48. Senador Fausto Augusto d'Aguiar	1852	"
49. Visconde de Valdetaro (Manoel de Jesus Valdetaro).....	23 Jan. 1852	"
50. Senador Visconde de Vieira da Silva (Luiz Antonio Vieira da Silva).....	11 Ag. 1863	"

*Observação.*— Tendo o Instituto Historico determinado, que o numero dos socios effectivos se fixasse em 50, existiam na occasião d'esta deliberação socios effectivos em numero inferior a este algarismo; pelo que preciso foi preencher-o. Para isso foi deliberado, que aos socios effectivos então existentes se addicionassem os correspondentes com residencia na corte por ordem de sua antiguidade; dahi vem, que na lista supra figuram, do numero 37 em diante, socios mais antigos, do que outros que ficam acima.

## CORRESPONDENTES \*

	ADMISSÃO NO INSTITUTO	RESIDENCIA
1. Conselheiro João Lopes da Silva Couto.....	4 Fev. 1838	Niteroi
2. Barão de Lopes Neto (Felipe Lo- pes Neto).....	14 Out. 1810	Europa
3. Barão de Penedo (Francisco Ignacio de Carvalho Moreira)...	12 Ag. 1841	Europa
4. Senador Alvaro Barbalho Uxôa Ca- valcanti.....	23 Jan. 1845	Pernambuco
5. Conselheiro Barão do Desterro (João José d'Almeida Couto).....	23 Jan. 1845	Bahia
6. Senador Barão do Souza Queiroz Francisco Antonio de Souza Queiroz).....	23 Jan. 1845	São-Paulo

\* A collocação vae por ordem de antiguidade no Instituto.

	ADMISSÃO NO INSTITUTO	RESIDÊNCIA
7. Dr. José de Barros Pimentel.....	23 Jan. 1845	Sergipe
8. Conselheiro Luiz Antonio Barboza de Almeida.....	23 Jan. 1845	Bahia
9. Commendador José Joaquim da Gama Silva.....	2 Set. 1847	Pará
10. Dr. Ricardo Gumbleton Daunt.....	19 Dez. 1847	São-Paulo
11. Angelo Thomaz do Amaral.....	10 Out. 1851	Rio de Janeiro
12. Conselheiro José Maria Nascentes d'Azambuja.....	23 Set. 1853	Europa
13. Professor João Brigido dos Santos.	22 Ag. 1862	Ceará
14. Conego João Pedro Gay.....	22 Ag. 1862	Rio Gr. do Sul
15. Barão de Guajará (Domingos An- tonio Raiol).....	8 Nov. 1866	Pará
16. Conselheiro Epifanio Candido de Souza Pitanga.....	7 Nov. 1867	Côrte
17. Tenente-coronel Eduardo José de Moraes.....	5 Jul. 1872	"
18. Professor Antonio Manoel Gonçalves Tocantius.....	17 Jul. 1874	Pará
19. José de Vasconcellos.....	10 Dez. 1875	Pernambuco
20. Senador Joaquim Floriano de Go- doi.....	4 Ag. 1876	São-Paulo
21. Luiz da França Almeida Sá.....	29 Set. 1876	Rio Gr. do Sul
22. Dr. Americo Braziliense d'Almeida Mello.....	1 Jun. 1877	São-Paulo
23. Dr. Thomaz Garcez Paranhos Mon- tenegro.....	10 Mai. 1878	Pernambuco
24. Dr. Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo.....	28 Mai. 1880	Côrte
25. Bernardo Saturnino da Veiga....	13 Ag. 1880	Minas
26. Commendador Antonio José Victo- rino de Barros.....	7 Dez. 1883	"
27. Commendador Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe Filho.....	7 Dez. 1883	São-Paulo
28. Dr. Francisco de Paula Toledo....	7 Dez. 1883	"
29. Conselheiro José Antonio de Aze- vedo Castro.....	24 Jul. 1885	Europa
30. Frederico José de Sant'Anna Neri	13 Nov. 1885	"
31. Conselheiro Barão de Ourém.....	1 Out. 1886	"
32. Dr. José Higino Duarte Pereira..	1 Out. 1886	Pernambuco
33. Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.....	9 Dez. 1886	"
34. Coronel Antonio Borges de Sam- paio.....	9 Dez. 1886	Minas
35. Tenente-Coronel Antonio Ribeiro de Macedo.....	1 Out. 1887	Paraná
36. Dr. Paulino Nogueira Borges da Fonseca.....	19 Out. 1887	Ceará
37. José Verissimo de Matos.....	16 Nov. 1887	Pará
38. D. Antonio de Macedo Costa (Bispo do Pará.....	13 Jul. 1888	Pará
39. Barão de Ibituruna (João Baptista dos Santos).....	13 Jul. 1888	Côrte

	ADMISSÃO NO INSTITUTO	RESIDENCIA
40 Primeiro-tenente Arthur Indio do Brazil.....	13 Ag. 1888	Côrte
11. Senador Marquez de Paranaguá, (João Lustosa da Cunha Paranaguá)	13 Ag. 1888	»
12. Commendador José Luiz Alves....	13 Ag. 1888	»
43. Dr. Luiz Cruls.....	13 Ag. 1888	»
14. Commendador Luiz Rodrigues de Oliveira.....	13 Ag. 1888	»
45. Dr. Virgilio Martins de Mello Franco.	13 Ag. 1888	Minas

*Observação.*— Veja-se a relação á pag. 259, da qual alguns socios correspondentes passaram para a relação dos effectivos em consequencia de vagas posteriores nesta classe de socios em virtude da eleição ao grão de honorario.





# INDICE

DAS

## MATERIAS CONTIDAS NO VOLUME LI.

### PARTE SEGUNDA

	PAGS.
Creação de uma universidade no Imperio do Brazil, por Joaquim Norberto de Souza Silva.....	1
Provincia do Rio-Grande do Sul : descripção e viagens por Henrique Schütel Ambauer.....	25
Naufragio de Martins no rio Amazonas, pelo Dr. Cezar Au- gusto Marques.....	73
Idéas de José Bonifacio sobre a organização politica do Brazil.....	79
Itaquí : noticia por Luiz de França Almeida Sá.....	87
Genealogia paulista : carta do Dr. Ricardo Gumbleton Daunt.....	91
Explicação da geração de Pedro Affonso, da povoação de Santo André.....	92
Sertanejo : noticia do obito de Joaquim Francisco Lopes...	95
Assento de obito de José Bonifacio na igreja do Carmo da Côte.....	95
Negocios ecclesiasticos no Brazil colonial : officio do vice- rei Luiz de Vasconcellos.....	97
Rendimento dos empregos e officios das diversas repartições da cidade do Rio de Janeiro nos tempos coloniaes : offi- cio do vice-rei Luiz de Vasconcellos.....	157
Novas culturas, obras publicas e despezas do Brazil, nos tem- pos coloniaes : officio do vice-rei Luiz de Vasconcellos	183
Actas das sessões do Instituto Historico e Geographico Bra- zileiro em 1888.....	209
Sessão magna anniversaria do Instituto Historico e Geogra- phico Brasileiro.....	321
Sessão em Assembléa geral para eleição da mesa e commis- sões para o anno de 1889.....	387
Socios admittidos em 1888.....	391
Socios fallecidos em 1888.....	391
Lista dos socios nacionaes honorarios, effectivos e corres- pondentes.....	393



## BALANÇO

### Da tezouraria do Instituto Istorico e Geografico Brazileiro no anno de 1888

#### RECEITA

1888.	
Saldo de 1887.....	576\$540
Subsidio do Tezouro Nacional em 1888.....	9:000\$000
Juros de apolices (2º semestre de 1887 e 1º semestre de 1888).....	1:010\$000
Assignatura e venda da <i>Revista Trimensal</i> .....	44\$000
Producto da subscrição do jubileu entregue pelo consocio Henrique Rafard.....	125\$000
Remissão do socio Manoel da Costa Honorato.....	60\$000
	<hr/>
	10.815\$510

#### Joia dos seguintes socios :

Arthur Indio do Brazil.....	20\$000
Barão de Ibituruna.....	20\$000
Bispo do Pará (D. Antonio de Macedo Costa).....	20\$000
Francisco Antonio Pereira da Costa.....	20\$000
José Luiz Alves.....	20\$000
Luiz Cruls.....	20\$000
Luiz Rodrigues de Oliveira.....	20\$000
Paulino Nogueira Borges da Fonseca.....	20\$000
Virgilio Martins de Mello Franco.....	20\$000
	<hr/>
	180\$000

#### Prestações semestraes dos seguintes socios :

Alfredo d'Escragnolle Taunay, 1887, 1888. ....	24\$000
Alvaro Barbalho Uxôa Cavalcante, 1888.....	12\$000
Antonio Borges de Sampaio, 1888.....	12\$000
Antonio Joaquim Ribas, 1887, 1888.....	24\$000
Antonio José Victorino de Barros, 1887.....	12\$000
Augusto Fausto de Souza, 1887, 1888.....	24\$000
Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, 1887, 1888.....	24\$000
Barão de Capanema, 1885 a 1888.....	48\$000
Barão de Lavradio, 1887, 1888.....	24\$000
Barão de Maraujá, 1887, 1888.....	24\$000
Barão de Miranda Reis, 1888.....	12\$000
Barão de Nogueira da Gama, 1888.....	12\$000
	<hr/>
	11.247\$510

Transporte.....	11.247\$510
Barão de Ramiz, 1887, 1888.....	21\$000
Barão de São-Felix, 1888.....	12\$000
Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo, 1888.....	12\$000
Cesar Augusto Marques, 1887, 1888.....	21\$000
Domingos José Nogueira Jaguaribe, 1887, 1888....	24\$000
Epifanio Candido de Souza Pitanga, 1887, 1888....	21\$000
Ernesto Ferreira França, 1887, 1888.....	24\$000
Fausto Augusto d'Aguilar, 1880 a 1888.....	108\$000
Francisco Calheiros da Graça, 1887, 1888.....	24\$000
Henrique Rafard, 1887.....	12\$000
João Capistrano d'Abreu, 1888.....	12\$000
João Franklin da Silveira Tavora, 1887.....	12\$000
João Lopes da Silveira Couto, 1887 e 1º semestre de 1888.....	18\$000
João Ribeiro de Almeida, 1887, 1888.....	21\$000
João Severiano da Fonseca, 1887, 1888.....	21\$000
Joaquim Floriano de Godoi, 1887, 1888.....	24\$000
Joaquim Pires Maxado Portella, 1887.....	12\$000
José Alexandre Teixeira de Mello, 1887, 1888.....	21\$000
José Candido Guilhobel, 1887, 1888.....	24\$000
José Egidio Garcez Palha, 1885, 1886.....	12\$000
José Mauricio Fernandes Pereira de Barros, 1887, 1888.....	24\$000
José de Vasconcellos, 1886, 1887.....	24\$000
Ladislau de Souza Mello Neto, 1887, 1888.....	24\$000
Luiz Antonio Vieira da Silva, 1887, 1888.....	24\$000
Manoel da Costa Honorato, 1887.....	12\$000
Manoel Francisco Correia, 1888.....	12\$000
Manoel Pinto Bravo, 1888.....	12\$000
Nicolau Joaquim Moreira, 1887, 1888.....	21\$000
Olegario Herculano de Aquino Castro, 1887 e 1º se- mestre de 1888.....	18\$000
Paulino Nogueira Borges da Fonseca, 2º semestre de 1887.....	6\$000
Pedro Paulino da Fonseca, 1885.....	12\$000
Quintiliano José da Silva, 1888.....	12\$000
Ricardo Gumbleton Daunt, 1887.....	12\$000
Visconde de Beaurepaire Rohan, 1887.....	12\$000
Visconde de Sinimbu, 1887, 1888.....	24\$000
Visconde de Souza Fontes, 1888.....	12\$000
Visconde de Valdetaro, 1887, 1888.....	24\$000

---

12.009\$510-



**DESPEZA**

1888.

**Impressão da Revista Trimensal :**

Importancia do 4º folheto de 1887, do 1º e 2º de  
1888, doc. n. 1, 2..... 2:570\$000

**Reimpressão :**

Do tomo XV exgotado, de 1852, doc. n. 3..... 1:818\$000

**Remessa :**

Da Revista para Europa e outros paizes, doc. n. 4, 5 ..... 293\$050

**Encadernação :**

De livros no Instituto dos Surdos Mudos, doc. n.  
6 a 10..... 240\$300

**Compra de livros :**

Elisée Reclus, Geographie, tomo 13, a B. L. Garnier,  
doc. n. 11..... 20\$000

**Armarios :**

Dous envidraçados, para guarda de manuscritos,  
doc. n. 12..... 120\$000

**Vencimento dos empregados :**

Bibliotecario, Escriturario, Porteiro e Auxiliar.  
nos mezes de Janeiro a Dezembro, doc. n.  
13 a 26.... 3:620\$000

**Expediente :**

Papel, tinta, lapis, publicações no Jornal do Com-  
mercio, Gazeta de Noticias e Paiz, velas para  
illuminação, e despesas miudas feitas pelo Por-  
teiro, doc. n. 27 a 49..... 480\$800

**Eventuaes :**

Um telegramma para Milão, outro para Petropolis,  
despaxo de livros e concertos de um armario,  
doc. n. 50, 51, 52, 53..... 200\$220

**Despezas especiaes :**

Do jubileu do Instituto, doc. n. 54 a 65..... 663\$360

**Porcentagem :**

Da cobrança realisada, doc. n. 66 a 69..... 141\$400

Somma 10.173\$130

**RESUMO**

Receita..... 12.009\$510

Despeza..... 10.173\$130

Saldo..... 1.836\$410

Este saldo está sujeito ao pagamento da impressão já quasi con-  
cluida, da 2ª parte da Revista Trimensal de 1888 (3º e 4º folheto).

---

**OBSERVAÇÃO**

O Instituto possui 19 apolices da divida publica, sendo 17 do valor de 1:000\$000 e 2 do valor de 600\$000.

A numeração d'estas apolices é a seguinte :—490, 1.339, 6.750, 11.448, 37.131, 40.252, 50.961, 75.319, 35.320, 77 787, 111.816, 120 111, 131.945, 159.125, 172 837, 172.838, 182.940, 231.988, 231.989.

Rio 31 de Dezembro de 1888.

TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE.

Tezoureiro.







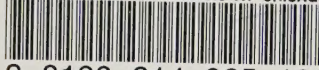








THE UNIVERSITY OF ILLINOIS AT CHICAGO



3 8198 314 925 189



